

ERIN DOOM



MAIS
DE 650 MIL
EXEMPLARES
VENDIDOS
EM ITÁLIA

FABRICANTE
DE LÁGRIMAS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

ERIN DOOM



MAIS
DE 650 MIL
EXEMPLARES
VENDIDOS
EM ITÁLIA

FABRICANTE DE LÁGRIMAS

 Planeta

ERIN DOOM



LES
FABRICANTES
DE LIGNEAUX
DE LIGNEAUX
DE LIGNEAUX

FABRICANTES
DE LIGNEAUX

© 2008
D. J. J. J.

ERIN DOOM



FABRICANE
DE L'IGNOMIE

THEY (2021)

Les Éditions du Griffon



*A todos os que acreditaram desde o princípio.
E até ao fim.*

Prólogo

No Grave tínhamos uma infinidade de histórias.

Relatos sussurrados, histórias de embalar... Lendas à flor dos lábios, à luz da vela. A mais conhecida era a do fabricante de lágrimas.

Aludia a um lugar distante, remoto...

Um mundo onde ninguém era capaz de chorar, e as pessoas viviam de alma vazia, despojadas de emoções. Porém, escondido de todos, na sua imensa solidão, havia um homenzinho vestido de sombras. Um artesão solitário, pálido e encurvado, que com os seus olhos claros como o vidro era capaz de fabricar lágrimas de cristal.

As pessoas recorriam a ele e pediam-lhe para conseguir chorar, para poderem experimentar uma réstia de sentimento – porque nas lágrimas oculta-se o amor e a mais compassiva das despedidas. Constituem a mais íntima extensão da alma, aquilo que, mais do que a alegria ou a felicidade, faz com que nos sintamos deveras humanos.

E o artesão satisfazia-as...

Introduzia nos olhos das pessoas as suas lágrimas com aquilo que continham e era isso que elas choravam: raiva, desespero, dor e angústia.

Eram paixões dilacerantes, decepções e lágrimas, lágrimas, lágrimas – o artesão infetava um mundo puro, tingia-o dos sentimentos mais íntimos e extenuantes.

«Lembra-te: não podes mentir ao fabricante de lágrimas», diziam-nos no final.

Contavam-nos essa história para nos ensinar que todas as crianças podem ser boas; que *devem* ser boas, porque ninguém nasce mau. Não é da nossa natureza.

Mas para mim...

Para mim não era assim.

Para mim aquela não era apenas uma lenda.

Ele não se vestia de sombras. Não era um homenzinho pálido e encurvado, com os olhos claros como o vidro.

Não.

Eu conhecia o fabricante de lágrimas.

Uma nova casa

*Vestida de dor, ela continuava a ser a coisa
mais bela e resplandecente do mundo.*

– Querem adotar-te.

Nunca pensei vir a escutar aquelas palavras em toda a minha vida.

Tinha-o desejado tanto, quando era pequena, que por um momento duvidei se não teria adormecido e não estaria a sonhar. De novo.

No entanto, aquela não era a voz dos meus sonhos.

Era o tom de voz áspero da senhora Fridge, temperado por aquele manto de desilusão de que nunca nos havia poupado.

– A mim? – perguntei num fio de voz, incrédula.

Ela olhou para mim com o lábio superior franzido.

– A ti.

– Tem a certeza?

Apertou a caneta entre os dedos gordos e o seu olhar fez-me encolher de imediato os ombros.

– Ficaste surda agora? – ladrou, enfadada. – Ou será que por acaso achas que a surda sou eu? Se calhar o ar fresco entupiu-te os ouvidos, não?

Apressei-me a abanar a cabeça, com os olhos esbugalhados de espanto.

Não era possível. Não podia ser.

Ninguém queria meninos adolescentes. Ninguém queria os mais velhos, nunca, por algum motivo... Era um facto comprovado. Era um pouco como no canil: todos queriam os cachorrinhos, porque eram amorosos, inocentes, fáceis de treinar; ninguém queria os cães que ali se encontravam há uma eternidade.

Não tinha sido uma verdade fácil de aceitar, eu que crescera sob aquele teto.

Quando éramos pequenos, pelo menos olhavam para nós. Contudo,

à medida que íamos crescendo, os olhares tornavam-se circunstanciais, e a sua compaixão esculpia-nos para sempre entre aquelas quatro paredes.

Mas agora... *agora*...

– A senhora Milligan quer dar-te uma palavrinha. Está à tua espera lá em baixo; vai com ela dar uma volta pela instituição, e esforça-te para não estragares tudo. Vê se guardas para ti as tuas manias parvas e pode ser que, com um bocadinho de sorte, consigas sair daqui.

Estava com os nervos à flor da pele.

À medida que ia descendo, sentindo o vestido dos domingos roçar-me pelos joelhos, voltei a perguntar-me se aquela não seria talvez apenas mais uma das minhas fantasias.

Era um sonho. Ao fundo das escadas fui recebida por um rosto bondoso: pertencia a uma mulher com uma idade algo avançada, que estreitava um casaco entre os braços.

– Olá – cumprimentou-me com um sorriso, e reparei que olhava diretamente para mim, *olhos nos olhos*, como não me acontecia há muito tempo.

– Bom dia... – exalei em voz baixa.

Disse que me tinha visto há pouco, no jardim, quando franqueara o portão de ferro forjado: avistou-me por entre a relva descuidada e as réstias de luz que se infiltravam no meio das árvores.

– Chamo-me Anna – apresentou-se, quando demos início ao passeio.

Possuía uma voz aveludada, suavizada pelos anos, e eu fiquei a olhar para ela enfeitiçada; perguntei-me se seria possível ficar cativada por um som, ou afeiçoar-me a algo que mal havia ouvido.

– E tu? Como te chamas?

– Nica – respondi, esforçando-me por conter a emoção daquele momento.

– Chamo-me Nica.

Ela observou-me com curiosidade, e eu nem sequer reparava onde estava a meter os pés tamanha era a vontade de retribuir aquele olhar.

– É um nome deveras peculiar. Nunca o tinha ouvido antes, sabias?

– Sim... – Senti a timidez tornar o meu olhar esquivo e ansioso. – Foram os meus pais que mo deram. Eles... bom, eram os dois biólogos. Nica é o nome de uma borboleta.

Do meu pai e da minha mãe guardava, na realidade, muito pouco. E muito vagamente, como se me apercebesse da sua presença através de um vidro demasiado embaciado. Se fechasse os olhos e permanecesse em silêncio, era capaz de ver os seus rostos desfocados a contemplarem-me desde cima.

Tinha cinco anos quando morreram.

O seu afeto era uma das poucas coisas de que me lembrava – e, com desespero, do que mais falta sentia.

– É um nome deveras encantador. *Nica...* – Enrolou o meu nome nos seus lábios, quase como se desejasse saborear o som. – Nica – repetiu, determinada; em seguida, assentiu com a cabeça num gesto delicado.

Olhou-me de frente e senti-me iluminar. A minha pele parecia suavizar-se sob os seus olhos, como se fosse capaz de brilhar apenas por um olhar correspondido – não era pouca coisa, pelo menos não para mim.

Passámos o tempo a passear pelo orfanato. Perguntou-me se ali estava há muito tempo, e eu respondi-lhe que praticamente crescera ali; estava um belo dia e demos uma volta pelo jardim, caminhando junto à hera trepadeira.

– O que é que estavas a fazer mais cedo... quando te vi? – perguntou entre uma conversa e outra, indicando-me um canto distante, no meio dos rebentos de urze.

Os meus olhos voaram na direção desse ponto e, sem nem sequer saber porquê, senti o impulso de esconder as mãos.

«Não te armes em parva», tinha-me admoestado a senhora Fridge e aquelas palavras lampejavam agora dentro da minha cabeça.

– Gosto de passar tempo ao ar livre – disse em voz baixa. – Gosto... das criaturas que ali vivem.

– Há animais aqui? – perguntou ela, com um pouco de ingenuidade, mas tinha sido eu que não me havia explicado bem e sabia disso.

– Os mais pequenos, sim... – retorqui, dando uma resposta vaga, prestando atenção para não pisar um grilo. – Aqueles que muitas vezes nem sequer conseguimos ver...

Corei um pouco ao cruzar o meu olhar com o seu, mas ela não me fez mais perguntas. Ao invés, compartilhámos um breve silêncio, entre o chilrear dos gaios e os sussurros das crianças que nos vigiavam por entre os vidros da janela.

Contou-me que o marido deveria estar a chegar a qualquer momento. *Para me conhecer*, foi o que deu a entender, e então eu senti o coração tornar-se mais leve, como se pudesse voar. Enquanto regressávamos, perguntei-me se poderia engarrafar aquelas sensações e guardá-las para sempre. Ocultá-las na fronha da almofada e vê-las reluzir como madreperla na penumbra da noite.

Não me sentia assim tão feliz há muito tempo.

– Jin, Ross, não corram – disse na brincadeira, quando as duas crianças passaram no meio de nós, agitando a saia do meu vestido. Desataram a rir e fugiram escadas acima, fazendo ranger as velhas tábuas de madeira.

Voltando a trocar um olhar com a senhora Milligan, apercebi-me de que estava a observar-me. Fitava de forma alternada as minhas íris com um vislumbre de algo que parecia quase... admiração.

– Tens uns olhos muito bonitos, Nica – revelou-me, passado um momento, sem mais nem menos –, sabias?

Mordi as bochechas com o embaraço e dei por mim sem saber o que dizer.

– Devem ter-te dito isso várias vezes – espicaçou-me, discreta, mas a verdade é que não, nunca ninguém no Grave me dissera nada do género.

As crianças mais pequenas perguntavam-me com ingenuidade se via as coisas a cores tal como as outras pessoas. Diziam que eu tinha «os olhos da cor do céu quando chora» porque eram de uma tonalidade cinzenta surpreendentemente clara, matizada, fora do vulgar. Sabia que muitas achavam os meus olhos esquisitos, se bem que nunca nenhuma delas me houvesse confessado que os achava bonitos.

Aquele elogio fez com que me tremessem os dedos de forma impercetível.

– Eu... Não... mas obrigada – balbuciei, constrangida, fazendo-a sorrir. Belisquei sorrateiramente as costas da mão e acolhi aquela dor subtil com uma alegria infinita.

Era real. Era tudo real.

Aquela mulher estava mesmo ali.

Uma família, para mim... Uma vida com que recomeçar fora dali, fora do Grave...

Sempre acreditei que ficaria ali encerrada entre aquelas paredes durante muito tempo ainda. Mais dois anos, até fazer dezanove anos – e até prova em contrário, essa era a idade em que uma pessoa se tornava adulta no estado do Alabama.

Mas agora não, agora não precisava de esperar mais tempo para atingir a maioridade. Não, não precisava de rezar mais para que alguém viesse buscar-me...

– O que é isto? – perguntou de súbito a senhora Milligan.

Erguera o rosto e fitava enlevada o ar à sua volta.

E foi nesse momento que também eu a ouvi. Uma melodia lindíssima. Ali mesmo, por entre as frestas e o estuque descascado, ressoaram as vibrações de notas harmoniosas e profundas.

Uma música angelical propagou-se pelas paredes do Grave, enfeitiçadora como o canto de uma sereia, e eu senti os nervos encrespam-se na minha carne.

A senhora Milligan afastou-se fascinada, seguindo o som, e eu não tive outro remédio a não ser ir atrás dela, rígida e tensa. Chegou diante do arco de uma sala, a nossa sala de estar, e deteve-se ali.

Ficou assim, parada, como que enfeitiçada, fitando a origem daquela maravilha invisível: o velho piano vertical, obsoleto e algo desafinado que, não obstante, continuava a cantar agora.

E, acima de tudo, aquelas mãos... Aquelas mãos brancas, de pulsos bem

definidos, que deslizavam fluidas e sinuosas ao longo da dentadura de teclas.

– Quem é... – sussurrou a senhora Milligan, passado um bocado. – Quem é aquele rapaz?

Apertei os dedos no meio das pregas do vestido; hesitei, e ele, lá ao fundo, parou de tocar.

Os braços detiveram-se devagar; os ombros direitos, erguidos com dignidade, sobressaindo em contraste com a parede.

Depois, sem pressa, como se o tivesse previsto, *como se já soubesse*, voltou-se.

Ao virar-se para trás revelou uma auréola de cabelos fartos e negros como as asas de um corvo. Um rosto pálido, de maxilares pronunciados, onde se destacavam dois olhos amendoados mais escuros que o carvão.

E ali estava, aquele fascínio letal. A beleza sedutora das suas feições, com aqueles lábios imaculados e traços finamente cinzelados, fazendo emudecer ao meu lado a senhora Milligan.

Fitou-nos por cima do ombro, com madeixas de cabelo a roçar-lhe as maçãs do rosto altas e o olhar baixo, brilhante. E com um tremor tive a certeza de o ver sorrir.

– É o Rigel.

Sempre desejei uma família acima de qualquer outra coisa. Tinha rezado para que houvesse alguém para mim, lá fora, disposto a levar-me consigo, a dar-me a oportunidade que nunca tive.

Era bom de mais para ser verdade.

Se parasse para pensar a esse respeito, ainda não era capaz de acreditar. *Ou talvez... não quisesse acreditar...*

– Está tudo bem? – perguntou-me a senhora Milligan.

Estava sentada ao meu lado no banco traseiro.

– Sim – esforcei-me por responder, esboçando um sorriso. – Está tudo... ótimo.

Apertei e entrelacei os dedos no colo, mas ela não se apercebeu de nada. Virou-se de novo, mostrando-me de vez em quando algo do lado de fora da janela do carro à medida que a paisagem deslizava à nossa volta.

No entanto, quase não ouvia o que me dizia.

Devagar, dirigi o olhar para o reflexo do vidro da frente. Ao lado do lugar do condutor, ocupado pelo senhor Milligan, uma massa de cabelos negros assomava por cima do encosto de cabeça.

Ele olhava pela janela sem interesse, com o cotovelo apoiado na porta e a têmpora nos nós dos dedos.

– Ali ao fundo fica o rio – disse a senhora Milligan, mas aqueles olhos

negros não se dirigiram para o local que ela apontava. Sob as pestanas escuras, as íris fitavam com despreocupação a paisagem.

Então, de súbito, como se me tivesse ouvido, as suas pupilas encontraram as minhas.

Intercetou-me no reflexo do vidro, com os seus olhos penetrantes, e eu apressei-me a baixar o rosto.

Voltei a prestar atenção a Anna, pestanejando e anuindo com um sorriso, mas continuava a sentir aquele olhar a rasgar o ar através do habitáculo, não se desprendendo mais do meu.

Umás horas mais tarde o automóvel abrandou a marcha até que virou, penetrando num bairro protegido pela sombra das árvores.

A casa dos Milligan era uma vivenda de tijolo igual a tantas outras. Possuía uma vedação branca, munida de uma caixa de correio, e um cata-vento engastado no meio das gardénias.

Avistei um alperceiro no pequeno jardim das traseiras, e estiquei o pescoço para poder espreitar, observando aquele recanto verdejante com um interesse genuíno.

– Pesa? – perguntou o senhor Milligan, quando peguei na caixa de cartão contendo lá dentro os meus parques pertences. – Precisas de ajuda?

Abanei a cabeça, feliz por essa sua gentileza, e ele foi-nos mostrando o caminho.

– Venham, é por aqui. Oh, o piso não está em muito bom estado... cuidado com aquele ladrilho, está solto. Estão com fome? Querem comer alguma coisa?

– Deixa-os instalarem-se e arrumarem primeiro as coisas deles – disse Anna, serena, e ele ajeitou os óculos sobre o nariz.

– Oh, claro, claro... devem estar cansados, hã? Venham...

Abriu a porta de casa. Observei o capacho na soleira da porta, onde se lia «Home» e, por um momento, senti os batimentos do meu coração a acelerar.

Anna inclinou o rosto, afável.

– Vamos, entra, Nica.

Dei um passo em frente e dei por mim no estreito vestíbulo.

A primeira coisa que notei foi o cheiro.

Não era o cheiro a mofo dos quartos do Grave, nem sequer o das infiltrações de humidade que manchavam o estuque dos nossos tetos.

Era um odor peculiar, pleno, quase... íntimo. Tinha qualquer coisa de especial, e dei-me conta de que era o mesmo cheiro que Anna também possuía.

Examinei o interior da casa com olhos luminosos. O papel de parede um pouco gasto, as molduras que cobriam as paredes aqui e ali; o naperão na mesa de canto, perto do recipiente para as chaves. Tudo apresentava um ar tão

vívido e tão pessoal que permaneci por um instante na ombreira da porta, espedcada, incapaz de dar um passo.

– É um bocadinho pequena – declarou o senhor Milligan um tanto ou quanto embaraçado, coçando a cabeça, mas eu não achei nada disso.

Meu Deus, era... perfeita.

– Os quartos são lá em cima.

Anna começou a subir o estreito lanço de escadas, e eu aproveitei para lançar um olhar de soslaio a Rigel.

Segurava a sua caixa debaixo do braço, e olhava em redor com o rosto baixo: os olhos varriam tudo sinuosamente de ponta a ponta, sem deixar transparecer nada.

– *Klaus?* – chamou o senhor Milligan, procurando alguém. – Onde será que ele se enfiou? – Ouvi-o afastar-se enquanto subíamos até ao andar de cima.

Instalámo-nos nos dois quartos que puseram à nossa disposição.

– Aqui costumava haver uma segunda saleta – disse-me Anna, abrindo a porta daquele que iria ser o meu quarto. – Depois foi transformada em quarto de hóspedes. Entendes, caso viesse algum amigo do... – hesitou, parando de falar por um momento. Pestanejou, esboçando um sorriso. – Não importa... Enfim, agora é teu. Gostas? Se quiseres modificar alguma coisa, ou mudar de lugar, não sei...

– Não... – sussurrei, na soleira da porta de um quarto que por fim poderia classificar como apenas *meu*.

Acabaram-se os quartos partilhados, ou as persianas que cortavam a entrada da luz ao amanhecer; acabou-se o pavimento gélido e empoeirado, ou a monotonia pardacenta das paredes cor de rato.

Era um quatinho discreto, com um belo parquê e espelho de corpo inteiro em ferro forjado no canto do fundo. O vento que entrava pela janela aberta enfunava com suavidade as cortinas de linho, e os lençóis lavados sobressaíam num branco imaculado sobre uma cálida colcha de uma cor escarlate; dei por mim a afagar um dos seus cantos impolutos, quando me aproximei ainda com a caixa debaixo do braço. Esperei que a senhora Milligan saísse dali e depois agachei-me apressadamente para os cheirar: o perfume fresco de roupa lavada inebriou-me as narinas e então fechei os olhos, inspirando fundo.

Como era bom...

Olhei em redor, incapaz de acreditar que tivesse aquele espaço todo só para mim. Pousei a caixa em cima da mesinha de cabeceira, abri-a e vasculhei o seu fundo. Retirei o boneco de peluche em forma de lagarta, um bocadinho encardido e estragado – a única recordação que me restava dos meus pais – e coloquei-o depois no centro da almofada.

Contemplei o travesseiro com olhos brilhantes.

Meu...

Passei o tempo a arrumar as poucas coisas que possuía. Pendurei nos cabides, uma por uma, as blusas, a minha camisola amarrotada, as calças; examinei as meias e empurrei as mais rotas e remendadas para o fundo da gaveta, esperando que assim passassem despercebidas.

Quando desci, depois de ter lançado uma derradeira vista de olhos à porta do meu quarto, perguntei-me esperançosa se aquele aroma que pairava no ar também se impregnaria em mim dentro de pouco tempo.

– Têm a certeza de que não querem comer nada? – perguntou Anna mais tarde, olhando para nós com apreensão. – Nem que seja uma coisa leve e rápida...

Declinei, agradecendo-lhe. Durante a viagem tínhamos parado num restaurante de *fast-food* e ainda me sentia saciada.

No entanto, ela não parecia lá muito convencida; contemplou-me por um momento, e depois ergueu os olhos por cima do meu ombro.

– E tu, Rigel? – hesitou. – Estou a pronunciar de forma correta? É Rigel, não é? – repetiu com prudência, recitando-o tal como se escrevia.

Ele anuiu, antes de recusar a oferta dela, tal como eu já havia feito.

– Está certo – acedeu ela. – Em todo o caso, há bolachas e o leite está no frigorífico. E agora se quiserem ir descansar... Oh, o nosso quarto é o último, ao fundo, do outro lado do corredor. Se precisarem de alguma coisa...

Ela preocupava-se.

Ela preocupava-se, percebi, sentindo uma ligeira vibração no peito, *preocupava-se comigo, se comia, se não comia, se precisava de alguma coisa...*

Ela interessava-se de verdade, e não apenas para passar nos controlos sanitários dos Serviços Sociais tal como fazia a senhora Fridge, quando devíamos apresentar-nos limpos e asseados e de barriga cheia na frente dos inspetores.

Não. Ela importava-se de verdade...

À medida que voltava a subir as escadas, correndo os dedos ao longo do corrimão, ocorreu-me a ideia de descer na calada da noite para comer bolachas sentada na bancada da cozinha, tal como via fazer na televisão, nos filmes que espreitávamos pela frincha da porta entreaberta quando a senhora Fridge adormecia na poltrona.

Uns passos fizeram com que me voltasse para trás.

Rigel surgiu nas escadas. Deu a volta, virando-me as costas, mas por algum motivo tive a certeza de que me tinha visto.

Por um momento lembrei-me de que também ele constava daquele quadro bordado com tanto primor.

Que aquela nova realidade, por mais bonita e desejada que fosse, não era apenas doçura, carinho e beleza. Não: no fundo havia um contorno mais negro, como uma queimadura, a marca de um cigarro.

– *Rigel.*

Sussurrei o seu nome de chofre, como se me tivesse pulado dos lábios antes de ter tempo de travá-lo. Ele deteve-se a meio do corredor deserto e eu hesitei, insegura.

– Agora... agora que nós...

– Agora que nós... *o quê?* – indagou a sua voz, daquela maneira tortuosa e subtil que por um momento me fez vacilar.

– Agora que nos encontramos aqui os dois, juntos – prossegui, contemplando as suas costas –, eu... gostaria muito que resultasse.

Que tudo aquilo resultasse, mesmo que ele ali estivesse dentro e eu não pudesse fazer nada. Mesmo que ele fosse aquela marca carbonizada, e por um momento rezei para que não devorasse aquele bordado finíssimo... Num arroubo de desespero desejei que aquele sonho de renda não se desmanchasse.

Ele permaneceu imóvel por um instante; depois, sem dizer uma palavra, retomou a marcha. Dirigiu-se à porta do quarto dele e eu senti os meus ombros descaírem com o peso.

– *Rigel...*

– Não entres no meu quarto – ouvi-o disparar. – Nem agora, nem no futuro.

Dirigi-lhe um olhar inquieto, sentindo desmoronar-se o meu desejo de boas intenções.

– É uma ameaça? – perguntei em voz baixa, ao mesmo tempo que rodava a maçaneta.

Vi-o abrir a porta, mas no último momento deteve-se: girou o queixo e os seus olhos fitaram-me por cima do ombro. E eu vi, um instante antes de fechar a porta, o sorriso perigosamente cortante por cima do canto do maxilar.

Aquele esgar era a minha maldição.

– É um conselho, *falena*¹.

¹ Mariposa noturna, vulgarmente conhecida como traça. Em sentido pejorativo, também pode significar prostituta. (*N. da T.*)

Conto de fadas perdido

*O destino por vezes
é um caminho irreconhecível.*

O nome do meu orfanato era Sunnycreek Home.

Situava-se ao fundo de uma rua em ruínas e sem saída, na periferia esquecida de uma pequena povoação a sul do estado. Acolhia crianças desventuradas como eu, mas nunca tinha ouvido os outros miúdos usar o seu verdadeiro nome.

Todos lhe chamavam vulgarmente Grave, *túmulo*, e não era preciso muito para se perceber porquê: todos quantos ali fossem parar pareciam condenados a ficar *arruinados e sem saída*, tal como aquela rua.

No Grave sempre me havia sentido como por detrás das grades de uma prisão.

No decurso dos anos que ali passei, dei por mim a desejar todos os dias que alguém viesse buscar-me. Que me fitasse olhos nos olhos e me escolhesse, eu mesma, no meio de todas as crianças que ali havia. Que me quisesse tal como eu era, ainda que não fosse grande coisa. Contudo, nunca ninguém me havia escolhido. Nunca ninguém me quis nem reparou em mim... Sempre fui invisível.

Nada como o Rigel.

Ele não tinha perdido os pais, como acontecera com muitos de nós. Nenhum infortúnio se abatera sobre a sua família quando era pequeno.

Tinham-no encontrado diante do portão do orfanato num cesto de vime, sem um bilhete e sem um nome, abandonado em plena noite apenas com as estrelas a velar por ele, grandes gigantes adormecidas. Não devia ter mais de uma semana de vida.

Deram-lhe o nome de *Rigel*, como a estrela mais luminosa da constelação de Oríon, que naquela noite brilhava como uma teia de diamantes sobre um

leito de veludo negro. Com o apelido Wilde tinham preenchido o vazio da sua identidade.

Para todos nós ele havia nascido ali. Até mesmo o seu aspeto não parecia ser capaz de ocultá-lo: daquela noite conservava a pele pálida como a lua, e os olhos sombrios, seguros, próprios de quem nunca sentira medo do escuro.

Desde pequeno, Rigel tinha sido a joia da coroa do Grave.

«Filho das estrelas», era como lhe chamava a tutora anterior à senhora Fridge; sentia tamanha adoração por ele que lhe havia ensinado a tocar piano. Ficava com ele durante horas a fio, demonstrando a paciência que nunca tivera connosco, e nota após nota começou a transformá-lo no rapaz impecável que se destacava no meio das paredes acinzentadas da instituição.

Bom em tudo, Rigel, com os seus dentes perfeitos, as notas sempre altas, e aqueles caramelos dados às escondidas que a tutora lhe entregava antes do jantar.

O menino que todos desejavam.

Mas eu sabia que não era assim. Tinha aprendido a interpretar o que se encontrava *subjacente*, para além dos sorrisos, da boca imaculada, daquela máscara de perfeição que exibia diante de todos.

Ele, que transportava a noite dentro de si, escondia nas dobras da sua alma as trevas a que o haviam arrancado.

Rigel sempre se comportara de um modo *estranho*, comigo.

De um modo que nunca fui capaz de justificar nem de entender.

Como se tivesse feito alguma coisa para merecer esse tipo de comportamento, ou o silêncio com que, desde criança, o havia apanhado a observar-me de longe. Tudo começou num dia como os outros, sem que me recordasse sequer ao certo quando. Passou por mim e atirou-me ao chão, deixando-me com os joelhos todos esfolados. Fleti as pernas, levando-as ao peito, sacudi a erva, mas ao erguer os olhos não vislumbrei o menor indício de arrependimento na cara dele. Ele ficou ali de pé, parado, os olhos cravados nos meus, à sombra de um muro rachado.

Rigel agarrava-me com brusquidão as roupas que envergava, puxava-me as pontas dos cabelos, desmanchava-me as tranças; as fitas caíam-lhe aos pés que nem borboletas mortas e, através das pestanas húmidas, via um sorriso cruel a cortar-lhe os lábios antes de conseguir fugir.

No entanto, nunca me tocava.

Durante todos aqueles anos, nunca chegou a roçar-me com uma mão. As bainhas, o tecido, os cabelos... Empurrava-me e puxava-me, e eu acabava por ficar com as mangas lassas, mas jamais marcara a minha pele, como se não quisesse deixar em mim as provas da sua culpa. Ou talvez fossem as minhas sardas que lhe causavam repulsa. Se calhar desprezava-me tanto a ponto de não querer tocar-me.

Rigel passava muito tempo sozinho, e era raro procurar a companhia das outras crianças.

Lembro-me de uma vez, quando deveríamos ter mais ou menos quinze anos... Chegara um rapazinho novo ao Grave, um frangote louro que no espaço de poucas semanas acabaria por vir a ser transferido para uma casa de acolhimento. Deu-se bem quase de imediato com Rigel – o outro rapaz era, caso fosse possível, pior do que ele. Encontravam-se os dois encostados ao muro em ruínas, Rigel de braços cruzados, os lábios como um borrão e os olhos cintilantes de sombrio divertimento. Nunca os tinha visto discutir por nenhum motivo.

Um dia como os outros, contudo, o rapaz apareceu à hora do jantar com uma nódoa negra debaixo da pálpebra e a maçã do rosto inchada. A senhora Fridge lançou-lhe um olhar cruel e hostil e com voz de trovão perguntou-lhe que demónios é que tinha sucedido.

– Nada – murmurou ele, sem levantar os olhos do prato. – Caí na escola.

No entanto, não tinha sido «nada» e eu senti isso. Quando ergui os olhos, vi Rigel baixar o rosto a fim de o ocultar dos outros. Tinha *sorrído*, e esse esgar subtil abriu-se como uma fenda na sua máscara perfeita.

E quanto mais crescia... mais a sua beleza se destacava de uma maneira que nunca estaria disposta a admitir.

Não havia nada doce, suave ou bondoso.

Não...

Rigel queimava os olhares, captava as atenções como o esqueleto de uma casa em chamas ou a carcaça de um automóvel destruído na berma da estrada. Era de uma beleza cruel, e quanto mais se procurava não olhar mais para ele, mais aquele fascínio tortuoso se engastava bem dentro dos nossos olhos. Infiltrava-se debaixo da pele, espalhava-se como uma mancha, impregnando-se bem dentro da carne.

Assim era ele: sedutor, solitário, insidioso.

Um pesadelo vestido dos nossos sonhos mais ocultos.

Nessa manhã, acordei como num conto de fadas.

Os lençóis impolutos, um cheiro delicioso e um colchão onde nem sequer sentia as molas. Não poderia desejar nada melhor.

Ergui-me, sentando-me com os olhos adoçados pelo sono; o conforto daquele quarto todo só para mim fez-me sentir, por um momento, afortunada como nunca antes o fora.

No instante seguinte, como uma nuvem sombria, veio-me à ideia que vivia aquele conto de fadas apenas pela metade. Que havia aquele recanto negro, a queimadura, e que não havia forma nenhuma de conseguir livrar-me dele...

Abanei a cabeça ao de leve. Esfreguei as pálpebras com os punhos fechados, massacrando os olhos numa tentativa de eliminar aqueles pensamentos.

Não queria pensar nisso. Não queria permitir que ninguém estragasse tudo, nem mesmo ele.

Conhecia o procedimento bem de mais para me iludir a ponto de acreditar que tinha encontrado um lar definitivo.

Todos pareciam crer que a adoção funcionava como um encontro com um final feliz, em que apenas algumas horas mais tarde nos levavam para casa de uma nova família da qual faríamos parte automaticamente.

Não era assim que as coisas funcionavam de facto; isso só acontecia com as crias dos animais de companhia.

A adoção propriamente dita era um processo muito mais longo e demorado. Havia primeiro um período de permanência com a nova família, para ver se a convivência era possível e a relação com os membros era serena. Chamavam-lhe «acolhimento pré-adotivo.» Durante esta fase não era raro que viessem à tona incompatibilidades e problemas que dificultavam a harmonia familiar e, por conseguinte, a família utilizava este tempo para decidir se avançava com o processo ou não. Era muito importante... E então, só se tudo corresse pelo melhor, e não se verificassem contratempos, é que os pais finalizavam, por fim, a adoção.

Era por isso que, para todos os efeitos, não podia ainda considerar-me como um membro de pleno direito daquela família. Estava a viver pela primeira vez um conto de fadas lindíssimo, porém frágil, capaz de se estilhaçar como vidro entre as minhas mãos.

Serei boa, prometi a mim mesma uma vez mais. Serei boa, e tudo correrá pelo melhor. Faria tudo o que estivesse ao meu alcance para que tudo resultasse. *Tudo...*

Desci ao andar inferior, decidida a não deixar que nada me estragasse aquela oportunidade.

A casa era pequena, portanto não tive grandes dificuldades em encontrar a cozinha; percebi que vinham umas vozes dali, e encaminhei-me titubeante nessa direção.

Quando cheguei à soleira da porta, dei por mim incapaz de proferir uma única palavra.

O casal Milligan encontrava-se à mesa do pequeno-almoço, ainda com os pijamas vestidos e as pantufas meio calçadas.

Anna ria-se, enquanto afagava a chávena fumegante com os dedos, e o senhor Milligan deitava os cereais numa tigela de louça, com um sorriso sonolento estampado no rosto.

E mesmo no meio dos dois estava Rigel.

Os cabelos negros atingiram-me como um soco, um hematoma em plena pupila. Precisei de pestanejar para me aperceber de que não estava a imaginar coisas. Estava a contar qualquer coisa, os ombros suaves naquela postura relaxada, e algumas madeixas desalinhadas de cabelo emolduravam-lhe o rosto.

Os senhores Milligan fitavam-no com olhos brilhantes e, de repente, riram em unísono quando ele proferiu uma determinada frase. As suas gargalhadas cristalinas zumbiram-me dentro dos ouvidos como se me tivesse desdobrado e me encontrasse a vários mundos de distância.

– Oh, Nica – exclamou Anna –, bom dia!

Encolhi os ombros ao de leve; os olhos deles cravaram-se em mim e, de alguma maneira, senti-me como se estivesse a mais ali. Apesar de ter acabado de chegar e mal os conhecesse. Embora quem ali devesse estar fosse eu, e não ele.

As íris negras de Rigel ergueram-se na minha direção. Encontraram as minhas sem precisar de as procurar, como se já soubesse e, por um momento, pareceu-me ver um esboço cruel curvar-lhe os cantos da boca. Inclinou o rosto para o lado e sorriu com ar seráfico.

– Bom dia, Nica.

Uns caracóis de gelo afloraram-me a pele. Não me mexi; não fui capaz de responder, sentindo-me cada vez mais encurralada naquela desorientação gélida.

– Dormiste bem? – O senhor Milligan arredou a cadeira para que eu me sentasse. – Vem tomar o pequeno-almoço!

– Estávamos a conhecer-nos um pouco melhor – disseram-me, eu desviei o olhar, pousando-o em Rigel, que agora me observava como um quadro perfeito entre o casal Milligan.

Acomodei-me com relutância enquanto o senhor Milligan enchia de novo o copo de Rigel e este lhe sorria, com o maior dos à-vontades, provocando-me a sensação de estar sentada numa cama de espinhos.

Vou ser boa. Observei o casal Milligan trocar algumas palavras, ali na minha frente, e este pensamento, *serei boa*, lampejou-me na cabeça como um relâmpago escarlate, *serei boa, juro...*

– Como te sentes neste primeiro dia, Nica? – perguntou Anna, amável e carinhosa mesmo de manhã cedo. – Estás nervosa?

Esforcei-me por empurrar os meus receios para um canto recôndito, sentindo-os denotar uma certa resistência.

– Oh... Não – retorqui, tentando relaxar um pouco. – Não tenho medo... Sempre gostei de ir para a escola.

Era a mais pura verdade.

A escola era um dos pouquíssimos pretextos que nos permitiam abandonar

o Grave. Percorriamos o caminho até à escola pública, e eu caminhava de nariz erguido, contemplando as nuvens, e iludia-me a achar que era como os outros – sonhava acordada e na minha cabeça acreditava que embarcava num avião e voava, rumando a mundos remotos e livres.

Esse... era um dos raros momentos em que quase conseguia sentir-me uma pessoa normal.

– Já liguei para a secretaria – informou-nos Anna. – A diretora vai receber-vos logo. A escola aceitou a vossa inscrição, e garantiram-me que poderão começar a frequentar as aulas de imediato. Sei que foi tudo feito um pouco à pressa, mas... espero que corra tudo bem. Foi-vos permitido pedir que sejam integrados na mesma turma, se assim o desejarem – acrescentou.

Deparei-me com a sua expressão esperançosa e esforcei-me para ocultar o desconforto.

– Oh. Sim... obrigada.

No entanto, apercebi-me de um olhar pousado em mim. Desviei os olhos e dei de caras com Rigel ocupado a observar-me: as íris brilhavam profundas e amendoadas sob as sobrancelhas arqueadas e fitavam-me diretamente na cara.

Desviei o olhar como se o dele me queimasse. Senti a necessidade visceral de me afastar, e com a desculpa de me ir vestir, levantei-me da mesa e saí da cozinha.

À medida que colocava muros e paredes entre nós, senti algo revirar-me o estômago e aquele olhar infestar-me os pensamentos.

– Serei boa – sussurrei para mim mesma, de forma convulsiva –, *serei boa... juro...*

De entre todas as pessoas do mundo, ele era a última que queria ter ali.

Alguma vez serei capaz de o ignorar?

A nova escola era um edifício cinzento e quadrado.

O senhor Milligan estacionou, enquanto alguns miúdos passavam junto ao capô do carro, apressando-se para chegar a horas às aulas. Ajeitou os óculos maciços sobre o nariz e apoiou as mãos de maneira desajeitada sobre o volante, como se não soubesse onde mais as deveria colocar. Descobri que estudar as suas expressões me agradava: possuía uma personalidade dócil e canhestra, e era provável que fosse por causa disso que me suscitava tanta empatia.

– A Anna virá buscar-vos mais tarde.

Apesar de tudo, senti uma palpitação mais agradável do que as outras face à ideia de que ali fora pudesse haver alguém à minha espera, pronto para me levar de volta para casa. Assenti desde o banco de trás, com a mochila puída no colo.

– Obrigada, senhor Milligan.

– Oh, podes... podem chamar-me Norman – começou ele a dizer com as orelhas algo vermelhas, enquanto saíamos do carro. Fiquei a olhar para o automóvel à medida que este desaparecia ao fundo da rua, até que ouvi passos atrás de mim.

Virei-me e vi Rigel encaminhar-se sozinho na direção da entrada.

Segui com os olhos a sua figura esbelta, o movimento solto e seguro dos seus ombros largos. Havia sempre uma natureza hipnótica na maneira como ele se movia e caminhava, com passadas precisas, como se o chão se modelasse sob os seus sapatos.

Franqueei a entrada atrás dele, mas sem dar por isso fiquei com a alça da mochila presa no puxador da porta: arregalei os olhos e o puxão fez com que esbarrasse em alguém que estava a entrar mesmo nesse momento.

– Que porra – ouvi quando me virei. Um rapaz sacudiu o braço, irritado, levando uns quantos livros na mão.

– Desculpa – sussurrei num fio de voz, e o amigo que seguia atrás dele deu-lhe uma palmada nas costas.

Entalei o cabelo atrás das orelhas, mas quando ele cruzou o seu olhar com o meu pareceu estar a reavaliar-me. A irritação desapareceu-lhe do rosto e ficou imóvel, como que fulminado pelos meus olhos.

Pouco depois, sem mais nem menos, largou os livros que trazia na mão.

Fiquei a olhar para eles caídos aos seus pés, amontoados, e quando vi que não se curvava para os apanhar, fi-lo eu.

Entreguei-lhos, sentindo-me culpada por ter esbarrado nele, e apercebi-me de que não parara de olhar para mim o tempo todo.

– Obrigado... – disse, sorrindo devagar, passeando o olhar por mim de uma maneira que me fez corar, e ele pareceu achar isso divertido, ou quiçá intrigante.

– És nova aqui? – perguntou.

– Vamos, Rob – instou-o o amigo –, já estamos atrasados como a merda.

Contudo, dava a sensação de que ele não queria ir-se embora, e eu senti algo a beliscar-me a nuca: uma sensação pungente, como uma agulha que trespassava o ar atrás de mim.

Tentei ignorar esse pressentimento; dei um passo à retaguarda e de olhos postos no chão balbuciei:

– Eu... preciso de ir.

Cheguei à secretaria, que ficava um pouco mais adiante. Reparei que a porta estava aberta, quando entrei, esperava não ter feito esperar a secretária. Só quando transpus a soleira da porta é que me apercebi da presença ali recortada mesmo ao lado.

Por pouco não dei um salto, sobressaltada.

Rigel encontrava-se encostado à parede, com os braços cruzados. Uma

perna estava dobrada, apoiando a sola do sapato na parede e o seu rosto mostrava-se algo inclinado, com os olhos fincados no soalho.

Sempre foi muito mais alto do que os outros rapazes e muitíssimo mais intimidante, mas não precisava de agarrar-me a essas justificações para me desviar de repente um passo. Tudo nele me intimidava, quer fosse o seu aspeto quer o que se encontrava subjacente.

O que estaria a fazer ali, junto à soleira da porta, quando havia uma fileira de cadeiras mesmo do outro lado da sala de espera?

– A diretora vai receber-vos agora.

A secretária surgiu à porta do gabinete da direção, devolvendo-me à realidade.

– Venham.

Rigel afastou-se da parede e passou ao meu lado sem sequer olhar para mim. Entrámos no gabinete ao mesmo tempo que a porta se fechava. A diretora, uma mulher jovem, austera e com bom aspeto, convidou-nos a sentar nas cadeiras que havia defronte da sua mesa; examinou os nossos processos, fazendo-nos algumas perguntas sobre o programa de ensino da nossa antiga escola e, quando chegou ao processo de Rigel, pareceu interessar-se bastante pelo que lá estava escrito.

– Telefonei para a vossa instituição... – anunciou. – Solicitei algumas informações sobre o vosso rendimento escolar... Fiquei agradavelmente surpreendida consigo, senhor Wilde – declarou a sorrir, virando a página. – Notas altas, uma conduta impecável, nada fora do lugar. Um autêntico modelo de aluno exemplar. Os seus professores só me deram boas referências a seu respeito. – Ergueu os olhos, satisfeita. – Será um verdadeiro prazer tê-lo connosco aqui em Burnaby.

Perguntei-me se haveria alguma possibilidade de perceber que estava enganada, que aquelas referências não refletiam a realidade dos factos, porque os professores nunca souberam ver *o que se encontrava subjacente*, tal como todos os outros.

Gostaria de encontrar a força suficiente para empurrar essas palavras para fora dos meus lábios.

No entanto, Rigel sorriu daquela maneira que lhe assentava tão bem, e eu perguntei-me como era possível que as pessoas não reparassem que aquele carinho e cordialidade nunca lhe chegavam aos olhos. Que estes permanecessem assim, sombrios e impenetráveis, mesmo que brilhassem como punhais.

– As duas delegadas que se encontram lá fora irão acompanhar-vos até às vossas salas de aulas – disse a diretora. – Em todo o caso, se estiverem interessados, solicitem que vos coloquem na mesma turma, a partir de amanhã.

Esperava ter podido evitar responder àquela pergunta. Apertei as bordas

da cadeira, inclinando-me para a frente, mas ele antecipou-se a mim.

– Não.

Pestanejei e virei-me para ele. Rigel exibiu um sorriso, e uma madeixa de cabelo roçou-lhe pela sobrancelha escura.

– Não há necessidade.

– Têm a certeza? Depois já não poderão mudar de ideias.

– Oh, sim. Ainda vamos ter muito tempo para estarmos juntos.

– Muito bem, então – proferiu a diretora, vendo que eu me mantinha em silêncio. – Podem ir para as aulas. Acompanhem-me.

Desviei os olhos de Rigel. Pus-me de pé, pegando na mochila, e segui-a até ao exterior do gabinete.

– Duas alunas do último ano estão à vossa espera aqui em frente. Tenham um bom dia.

Voltou a fechar-se no gabinete e eu atravessei a sala sem olhar para trás. Precisava de afastar-me dele, e tê-lo-ia feito se no último momento não tivesse sentido prevalecer um impulso diferente. Não fui capaz de me deter quando o meu corpo se voltou para trás a fim de o enfrentar.

– O que é que significa isto? – Mordi os lábios. Acabara de formular uma pergunta inútil, e não precisei de o ver arquear uma sobrancelha para me dar conta disso. Todavia, não me fiava nas suas intenções, e não era capaz de acreditar que não quisesse arranjar uma maneira de me atormentar.

– Porquê? – Rigel inclinou o rosto, e a sua presença escultural e majestosa fez-me sentir ainda mais insignificante. – Não acreditaste *nem por um momento...* que eu quisesse estar *contigo*?

Cerrei os lábios, arrependendo-me daquela pergunta. A intensidade dos seus olhos fez com que o meu estômago se contraísse e aquela ironia pungente queimou-me a pele.

Sem lhe responder, agarrei a maçaneta da porta disposta a sair. No entanto, houve alguma coisa que me impediu.

Uma mão assomou por cima do meu ombro e segurou a porta: fiquei paralisada. Vi os dedos afilados pressionarem o rebordo do batente e todas as minhas vértebras se tornaram de súbito sensíveis à sua presença atrás de mim.

– Sai do meu caminho, *falena* – deixou bem claro. O seu hálito quente fez-me cócegas no cabelo, e retesei-me. – Percebeste?

A tensão que emanava do seu corpo foi suficiente para me enregelar. *Fica longe de mim*, era o que me estava a dizer, mas agora era ele quem me encurralava de encontro àquela porta, respirando sobre mim, impedindo-me de sair...

Passou à minha frente e eu vi-o avançar com os olhos semicerrados, sem me mexer.

Se dependesse de mim...

Se dependesse de mim tê-lo-ia riscado da minha vida para sempre. Assim como o Grave, a senhora Fridge e a dor que constelava a minha infância. Nunca desejei ir parar à mesma família que ele. Era uma infelicidade para mim. Era como se estivesse condenada a carregar sobre os ombros o peso do meu passado sem nunca poder ser de facto livre.

Como poderia deixar isso bem claro?

– Olá!

Não me apercebi de que tinha saído da secretaria com passos mecânicos. Ergui o rosto e os meus olhos depararam-se com um sorriso radioso.

– Estou na mesma turma que tu. Bem-vinda a Burnaby!

Avistei Rigel no corredor, os cabelos negros ondulando ao ritmo das suas passadas firmes; dava a ideia de que a rapariga que o acompanhava quase não se apercebia de onde punha os pés: fitava-o enfeitiçada como se a recém-chegada fosse ela, e juntos desapareceram ao virar da esquina.

– Chamo-me Billie – disse a minha colega, apresentando-se. Estendeu-me a mão, com um sorriso alegre, e eu apertei-a. – E tu, como é que te chamas?

– Nica Dover.

– Micah?

– Não, *Nica* – repeti, enfatizando o «N», e ela levou o indicador ao queixo.

– Oh, o diminutivo de Nikita!

Dei por mim a sorrir.

– Não – disse, abanando a cabeça –, apenas Nica.

O olhar curioso de Billie não me deixou constrangida tal como havia sucedido com aquele rapaz, pouco tempo antes. Ela possuía um rosto genuíno, emoldurado por um cabelo encaracolado cor de mel, e dois olhos cintilantes que lhe conferiam um ar apaixonado.

À medida que íamos caminhando, reparei que me observava com um interesse vívido, mas só quando cruzei o meu olhar com o dela de novo é que percebi porquê: também ela ficou arrebatada pela singularidade das minhas íris.

– São os teus olhos, Nica – diziam as crianças mais pequenas, quando lhes perguntava por que motivo olhavam para mim daquela maneira peculiar. «*A Nica tem os olhos da cor do céu quando chora*»; «*grandes, resplandcentes, como diamantes cinzentos.*»

– O que é que fizeste aos dedos? – perguntou.

Baixei os olhos, cravando-os nas pontas dos meus dedos envoltos em adesivos.

– Oh – balbuciei, escondendo-os de maneira desajeitada atrás das costas –, nada...

Sorri, tentando mudar de assunto, e as palavras da senhora Fridge voltaram a irromper na minha cabeça: «Não te armes em parva.»

– Assim evito roer as unhas – disparei, e ela pareceu acreditar em mim, tanto que levantou as mãos, orgulhosa, mostrando-me as extremidades mordiscadas.

– E qual é o problema? Eu já cheguei a roê-las até ao osso! – Depois rodou a mão e começou a examiná-la. – A minha avó diz que devo mergulhá-las em mostarda, e assim «vais ver como te passa logo a vontade de as meter na boca». No entanto, nunca experimentei. A ideia de passar uma tarde com os dedos enfiados em molho deixa-me um bocadinho... como diria... perplexa. Imagina se o carteiro te bate à porta!

Divergências de opinião

*Os gestos, assim como os planetas, são regidos
por leis invisíveis.*

Billie ajudou-me a ambientar-me.

A escola era grande e havia imensas atividades por onde escolher; mostrou-me as salas de aula das várias disciplinas e acompanhou-me em todas as aulas, apresentando-me aos professores. Procurei não a sobrecarregar em demasia, porque não queria tornar-me um fardo, mas ela respondeu-me que, muito pelo contrário, se sentia muito feliz por me fazer companhia. Senti o coração contrair-se com um prazer nunca antes sentido ao ouvir essas palavras. Billie era simpática e prestável, duas qualidades que não era muito frequente encontrar-se no lugar de onde eu vim.

Quando a campainha tocou, assinalando o fim das aulas, saímos juntas da sala de aula, e ela amarrou um longo cordão de cabedal à cabeça, soltando depois algumas madeixas de cabelo encaracolado.

– Uma câmara fotográfica? – examinei com olhar interessado o objeto que agora lhe pendia do pescoço, e ela iluminou-se de alegria.

– É uma Polaroid! Nunca viste nenhuma? Esta foi-me oferecida há imenso tempo. Adoro fotografia, tenho o quarto forrado delas! A minha avó diz que devo parar de encher as paredes, mas depois volta e meia vou dar com ela a limpar-lhes o pó enquanto assobia... e por fim acaba por se esquecer do que me havia dito.

Esforcei-me por acompanhar a sua tagarelice e ao mesmo tempo não esbarrar com ninguém; não estava habituada àquela correria tão intensa, mas a Billie não parecia importar-se muito com isso: continuou a falar pelos cotovelos à medida que ia esbarrando quase com toda a gente.

– Gosto de fotografar as pessoas, é interessante ver os movimentos do rosto imortalizados na película. A Miki esconde sempre a cara quando tento

fotografá-la. É tão bonita que até dá pena, mas não gosta... Oh, olha, lá está ela! Ali adiante! – levantou um braço, eufórica. – Miki!

Tentei vislumbrar essa amiga misteriosa de quem me havia falado a manhã inteira, mas nem sequer tive tempo de a distinguir, pois ela começou a puxar-me pela alça da mochila, arrastando-me pelo meio das pessoas.

– Vem, Nica! Vem conhecê-la!

Tentei com dificuldade ir atrás dela, mas só consegui com isso conquistar umas quantas pisadelas.

– Oh, vais ver, vais gostar dela! – confessou-me, entusiasmada. – A Miki sabe ser encantadora. É muito sensível! Já te tinha dito que ela é a minha melhor amiga?

Tentei assentir, mas Billie deu-me outro puxão, instigando-me a mexer-me. Quando depois de um sem-fim de encontrões chegámos ao pé da sua amiga, ela tomou balanço e foi plantar-se atrás dela com um pulinho.

– Ora viva! – gorjeou, radiante. – Como é que foi a aula? Fizeste educação física com os da turma D? Esta é a Nica!

Empurrou-me para a frente, e por pouco não dei com o nariz na porta aberta do cacifo.

Uma mão assomou no meio do metal e afastou-a.

Encantadora, fora o que Billie tinha dito, e eu preparei-me para lhe sorrir.

Diante dos meus olhos surgiu um olhar demasiado maquilhado. Pertencia a um rosto atraente e algo anguloso onde uma farta cabeleira negra desaparecia sob o capuz de um moletão largo. Um *piercing* cerrava-se em torno da sobrancelha esquerda, e os lábios ocupavam-se a mascar uma pastilha elástica.

Miki olhou para mim sem grande interesse, mirando-me de cima a baixo por um instante; depois colocou a alça da mochila ao ombro e fechou a porta do cacifo com uma pancada que me fez estremecer. Virou-nos as costas e afastou-se pelo corredor.

– Oh, não te preocupes, ela comporta-se sempre assim – chilreou Billie, enquanto eu permanecia fossilizada e com os olhos esbugalhados. – Fazer amizade com os caloiros não é o seu ponto forte. Mas lá bem no fundo é um amor!

Lá no fundo... a que profundidade?

Olhei para ela com um ar algo amedrontado, mas ela arrumou a questão e convenceu-me a avançar; dirigimo-nos à porta no meio do caos causado pelos alunos, e quando chegámos à entrada Miki estava ali. Contemplava com atenção as sombras das nuvens, deslocando-se pelo cimento do pátio ao mesmo tempo que fumava um cigarro, com o olhar absorto.

– Que belo dia! – suspirou Billie, alegre, tamborilando com os dedos sobre a câmara fotográfica. – Nica, onde é que tu moras? Se quiseres, a minha avó

pode dar-te boleia. Hoje vai fazer almôndegas e a Miki vai comer a minha casa.
– Virou-se para ela. – Vais comer a minha casa, não vais?

Vi-a assentir sem entusiasmo, expelindo uma baforada de fumo, e Billie sorriu toda contente.

– Então? Vens connosco...

Alguém lhe deu um encontrão.

– Ei! – protestou Billie, massajando o ombro. – Mas que modos são esses?

Ai!

Outros alunos passaram à nossa frente e Billie espremeu-se junto a Miki.

– Mas o que é que está a acontecer?

Havia algo de errado. Os alunos corriam lá para dentro, uns com o telemóvel ligado e a postos, outros com uma expressão horrorizada estampada nos olhos. Pareciam excitados com alguma coisa que vibrava no ar e eu encostei-me à parede, assustada com aquela turba enlouquecida.

– Ei! – rosou Miki a um miúdo com ar exaltado. – Que demónios é que está a acontecer?

– Estão à porrada! – gritou, empunhando o telemóvel.

– Estão à porrada? Quem?

– O Phelps e o miúdo novo! Santo Deus, ele está a dar-lhe uma coça de criar bicho! *Ao Phelps!* – grasnou fora de si. – Preciso de gravar tudo em vídeo!

Afastou-se aos pulos como um gafanhoto e eu fiquei ali colada à parede, com os braços retesados, os olhos esbugalhados, contemplando o vazio.

O... miúdo novo?

Billie abraçou-se a Miki como se fosse um boneco antipânico.

– Violência não, por favor! Não quero ver... Quem é que pode ser tão louco a ponto de andar à pera com o Phelps? Só um *inconsciente*... Ei! – arregalou os olhos alarmada. – Nica! Mas onde é que tu vais?

Já não a ouvia mais: a sua voz desvaneceu-se por entre a enchente de alunos. Passei pelas pessoas, abri caminho entre ombros e costas, encurralada como uma borboleta num labirinto de caules. O ar crepitava de um modo quase sufocante. Ouvi com nitidez o ruído de socos, a eclosão de um estrondo metálico e depois algo que colidia de encontro ao chão.

Consegui chegar à primeira fila com os berros que me palpitavam nas têmporas: enfiar a cabeça debaixo de um braço e por fim arregalei os olhos.

Dois alunos estavam no chão, acometidos por uma fúria cega. Era difícil conseguir distingui-los no meio de toda aquela cólera, mas não precisei de ver os rostos deles: aqueles cabelos negros e inconfundíveis destacavam-se como um borrão de tinta.

Rigel estava ali, esmagando com raiva a camisola do outro entre as mãos, os nós dos dedos avermelhados, cruéis, à medida que massacrava o rapaz debaixo de si. Os seus olhos brilhavam com um fulgor insano que me fez

estremecer até aos ossos e gelar o sangue. Desferia socos brutais, velozes, repletos de um frenesim quase aterrador, e o outro esforçava-se por devolvê-los, batendo-lhe com fúria no peito, mas não havia piedade no olhar que se encontrava sobre ele. Pude ouvir o estalido das cartilagens ao mesmo tempo que os berros da multidão preenchiam o ar, gritando, incitando...

Depois tudo parou de repente.

Os professores abriram caminho por entre a multidão e atiraram-se literalmente para cima deles, conseguindo separá-los. Um deles agarrou Rigel pelo colarinho e puxou-o com força, os outros caíram sobre o que estava no chão, que agora os fitava com olhos desvairados.

As minhas pupilas ficaram coladas a ele. Fui capaz de reconhecê-lo apenas naquele momento: era o rapaz daquela manhã. Aquele em quem eu esbarrara à entrada, o dos livros.

– Phelps, regressaste hoje do período de suspensão! – gritou um dos professores. – Esta é a terceira briga! Passaste todos os limites!

– Foi ele! – gritou o rapaz fora de si. – Eu não fiz nada! Deu-me um soco sem motivo nenhum!

O professor puxou Rigel, obrigando-o a dar um passo à retaguarda, e eu vi o baixar a cara, o sorriso trocista que lhe cortava o lábio sob os cabelos em desalinho.

– Foi ele! Olhe para ele!

– Chega! – rugiu o professor. – Direitinhos para o gabinete da diretora! Toca a andar!

Levantaram-nos, agarrando-os pelos ombros, e vi uma condescendência total no modo como Rigel se deixou levar: virou a cara e cuspiu no bebedouro, ágil, enquanto o outro seguia atrás dele bem agarrado pelo professor.

– E vocês todos, fora daqui! – gritaram. – Nada de telemóveis! O'Connor, ainda faço com que sejas expulso, se não desapareceres daqui já! E vocês também, toca a andar daqui para fora! Não há nada para ver aqui!

Os alunos começaram a afastar-se de má vontade, dispersando em direção à saída. A multidão começou rapidamente a afastar-se, e eu fiquei ali, frágil e impercetível, com a sombra dele ainda nos olhos, ocupado a bater, a bater, a bater, sem se deter nem por um segundo...

– Nica!

Billie chegou a correr, arrastando Miki pela alça da mochila.

– Caramba, pregaste-me um susto de morte! Estás bem? – perguntou, fitando-me com os olhos esbugalhados, transtornada. – Não posso acreditar, com que então era o teu irmão!

Senti um calafrio estranho. Emudeci e fitei-a confusa, quase como se me tivesse pregado uma bofetada. Num momento de confusão total, apercebi-me de que estava a referir-se a Rigel.

É claro... A Billie não conhecia a situação. Não estava ao corrente de que possuíamos apelidos diferentes, sabia apenas o que a diretora lhe havia explicado. No fundo, a seu ver vínhamos da mesma família, contudo o modo como abordara o assunto arranhou-me como unhas sobre um quadro de ardósia.

– Ele... Ele não é...

– Devias ir até à secretaria – interrompeu-me com olhos angustiados –, esperar por ele! Céus, uma briga com o Phelps logo no primeiro dia... Deve estar feito num oito!

Tinha a certeza de que não era ele a estar feito num oito. Recordava-me da cara inchada do outro rapaz quando tiraram as mãos de cima dele.

Contudo, Billie empurrou-me para a frente, apreensiva.

– Vamos! – disse, e as duas acompanharam-me até à entrada. Dei por mim a torcer as mãos. Como podia fingir que não tinha ficado afetada e chocada com tudo o que havia presenciado e, ao invés, mostrar-me preocupada com ele? Lembrava-me da loucura nos olhos dele de modo flagrante e inequívoco. Tratava-se de uma situação absurda.

Do outro lado da porta chegavam-nos vozes altas e bastante alteradas.

O rapaz incriminado gritava que nem louco, tentando fazer valer os seus direitos, e o professor gritava ainda mais alto do que ele. Notei um exasperado histerismo na sua voz, se calhar devido à enésima briga em que se vira envolvido. Contudo, o que mais me chamou a atenção foi o tom de voz chocado da diretora, e as palavras incrédulas com que se dirigiu a Rigel: um rapaz tão bom, tão perfeito, que não era do tipo de fazer esse género de coisas. Um rapaz que «nunca seria capaz de ser o instigador de algo de tamanha gravidade» e o outro rapaz protestou com uma voz ainda mais alta, jurou que nem sequer o havia provocado, mas aquele silêncio da outra parte parecia desprovido por completo da preocupação de se defender, clamando inocência.

Quando meia hora mais tarde a porta se abriu, Phelps saiu para o corredor.

Apresentava o lábio rachado e várias manchas vermelhas nos pontos onde a pele era mais fina sobre os ossos da cara. Olhou para mim com ar absorto, sem me dar atenção, mas pouco depois a sua atenção centrou-se de novo em mim, como se se tivesse dado conta de súbito de que já me tinha visto. Não me deu tempo a decifrar o seu olhar consternado porque o professor arrastou-o dali consigo...

– Acho que é desta que o vão expulsar – murmurou Billie, enquanto ele desaparecia ao fundo do corredor.

– Já estava mais do que na hora – retorquiu Miki. – Depois *do que aconteceu* com as miúdas do primeiro ano merecia ser trancado numa pocilga.

A maçaneta da porta rodou de novo.

Billie e Miki calaram-se quando Rigel saiu para o corredor. As veias

percorriam-lhe os pulsos como uma espécie de labirinto de mármore, e a sua presença magnetizadora foi suficiente para que se fizesse silêncio. Tudo, no seu aspeto, criava uma sugestão difícil de ignorar.

Foi apenas nesse momento que ele se apercebeu da nossa presença.

Não. *Não da nossa presença.*

– O que é que *tu* estás aqui a fazer?

Não me escapou o toque de espanto no seu timbre acentuado. Senti os seus olhos pousados em mim e nesse momento dei-me conta de que não sabia o que responder. Nem sequer sabia o que estava a fazer ali, esperando por ele como se estivesse de facto preocupada com ele.

Rigel tinha-me dito para ficar longe dele, rosnara-mo tão perto do cérebro que agora ouvia a sua voz reverberar entre um pensamento e outro.

– A Nica queria assegurar-se de que estava tudo bem contigo – interveio Billie, captando a atenção dele. Sorriu com ar desajeitado, levantando uma mão.

– Olá...

Ele não respondeu, e Billie pareceu sentir-se intimidada sob o seu olhar. Ficou com as faces coradas, tingindo-se de imediato de vergonha pelo fascínio cruel dos seus olhos negros.

E Rigel apercebeu-se disso. *Oh, apercebeu-se e de que maneira.*

Ele sabia muito bem. Sabia o quão atraente era a máscara que usava, o modo como a usava, o que desencadeava nos outros. Ostentava-a com desafio e arrogância, como se o simples facto de possuir tal fascínio sinistro o fizesse brilhar com uma luz sedutora, ambígua, muito sua.

Esboçou um sorriso no canto da boca, encantador e mesquinho, e Billie quase pareceu diminuir de tamanho.

– Querias... *assegurar-te* – troçou, escarninho, percorrendo-me com o olhar –, de que estava tudo... *bem*?

– Nica, não vais apresentar-nos o teu irmão? – chilreou Billie, e eu desviei o olhar.

– Não somos parentes – cuspi, quase como se alguém o tivesse feito por mim. – Eu e o Rigel estamos à espera de ser adotados.

As duas viraram-se de modo a olhar para mim, e eu fitei-o com dureza, olhos nos olhos, com coragem, sustentando-lhe as pupilas.

– Ele não é meu irmão.

Vi-o olhar para mim, divertindo-se de modo sombrio ante os meus esforços, com aquele sorriso afiado nos dentes.

– *Oh*, não fales assim, Nica – insinuou com sarcasmo –, fazes com que pareça um *alívio*.

E é, pretendi transmitir-lho com o olhar, e Rigel observou-me de relance, de cabeça baixa, queimando-me com as suas íris escuras.

De repente, uma campainha vibrou no ar. Billie tirou o telemóvel do bolso e abriu muito os olhos.

– Temos de ir andando, a minha avó está lá fora à nossa espera. Já tentou ligar-me...

Ergueu os olhos na minha direção e eu assenti.

– Nesse caso... vemo-nos amanhã.

Esboçou um sorriso que me esforcei por retribuir, mas ainda sentia os olhos de Rigel pousados em mim; só nesse momento é que me apercebi de que Miki estava a observá-lo: à sombra do capuz o seu olhar atento e carrancudo perscrutava-o.

Depois também ela se virou, e afastaram-se juntas ao longo do corredor.

– Numa coisa tens razão.

Quando ficámos sozinhos, a sua voz deslizou lenta e afiada quais unhas sobre seda. Baixei o queixo e atrevi-me a olhar para ele.

Fitava o ponto onde as raparigas tinham acabado de desaparecer, mas agora já não sorria. Devagar, as suas íris deslocaram-se, fitando as minhas, lapidares como balas.

Estaria capaz de jurar que as senti serem gravadas à força na minha pele.

– Eu não sou teu *irmão*.

Nesse dia decidi riscar Rigel da minha mente, as suas palavras e o seu olhar violento, e para me distrair à noite lia até tarde. O candeeiro da mesinha de cabeceira disseminava pelo meu quarto uma luz suave, doce e reconfortante, capaz de afugentar as minhas inquietações.

Anna tinha ficado estupefacta quando lhe perguntei se podia emprestar-me aquele livro. Tratava-se de uma enciclopédia ilustrada, com desenhos maravilhosos, mas ficou surpreendida por esse assunto poder interessar-me.

Eu, não obstante, sentia-me fascinada por ele.

À medida que os meus olhos deslizavam pelas pequenas antenas e pelas asas transparentes como cristal, dei-me conta do prazer que sentia quando me perdia no meio daquele mundo leve e colorido que sempre havia abordado através de uma miríade de pensos rápidos de várias cores.

Sabia o quanto isso podia ser insólito aos olhos dos outros.

Sabia que eu era diferente.

Cultivava as minhas esquisitices como um jardim secreto de que só eu possuía a chave, porque sabia que muita gente não seria capaz de me compreender.

Percorri os contornos de uma joaninha com o dedo indicador; recordei-me de todos os desejos que havia formulado, quando era pequena, vendo-as levantar voo a partir das palmas abertas das minhas mãos. Observava-as

a pairar no céu, e na minha impotência dava por mim a desejar ser capaz de fazer o mesmo, de desabrochar num adejar de prata e levantar voo para longe dos muros do Grave...

Um ruído chamou a minha atenção. Virei-me para a porta. Julguei ter ouvido mal, mas logo depois ouvi outra vez; como se alguma coisa estivesse a arranhar a madeira.

Fechei a enciclopédia com cuidado e afastei as cobertas. Aproximei-me devagar da porta, em seguida rodei a maçaneta e assomei com a cabeça a fim de espreitar. Vi qualquer coisa a mexer-se no escuro. Uma sombra deslizou junto ao chão, veloz e silenciosa, e pareceu deter-se, esperar por mim, perscrutar-me por um segundo. Esgueirou-se escadas abaixo um instante antes de a curiosidade me impelir a segui-la.

Deu-me a impressão de vislumbrar uma cauda felpuda, mas não fui rápida o suficiente a ponto de conseguir alcançá-la. Dei por mim no piso térreo, em silêncio e completamente sozinha, sem conseguir voltar a encontrá-la em lado nenhum. Suspirei, disposta a voltar lá para cima, mas nesse momento reparei que a luz da cozinha estava acesa.

Será que Anna ainda estava acordada? Aproximei-me a fim de me assegurar, mas desejei não o ter feito. Quando empurrei a porta, os meus olhos depararam-se com outro par deles já fixos em mim.

Pertenciam a Rigel.

Encontrava-se ali sentado. Tinha os cotovelos assentes na mesa e a cabeça baixa, sobre a qual os cabelos desenhavam pinceladas bem definidas, nítidas, ocultando-lhe o olhar. Segurava qualquer coisa numa das mãos, e só passado um bocado é que me dei conta de que era gelo.

Encontrá-lo ali deixou-me imobilizada.

Precisava de habituar-me a isso, à possibilidade de passar a vida a cruzar-me com ele. Já não estávamos no Grave, os espaços amplos do orfanato não existiam mais, aquela era uma casa pequena e nós vivíamos juntos ali.

No entanto, como era ele, a ideia de me acostumar parecia impossível.

– Não devias estar acordada a uma hora destas.

A sua voz, amplificada pelo silêncio, provocou-me um arrepio ao longo da coluna vertebral.

Tínhamos apenas dezassete anos. Contudo, havia nele algo de estranho, difícil de explicar. Uma beleza obsessiva e uma mente capaz de deixar qualquer um fascinado. Era absurdo. Toda a gente se deixava moldar pelos seus modos e cometia um erro crasso: Rigel parecia ter nascido para isto, para moldar e vergar as pessoas como metal. Dava-me medo, porque não era como os outros rapazes da nossa idade.

Por um momento tentei imaginá-lo adulto, e a minha mente vagueou até se encontrar diante do rosto de um homem terrível, dotado de um fascínio

corrosivo e de uns olhos mais negros do que a noite...

– Estás com vontade de ficar aí espçada a olhar para mim? – perguntou com sarcasmo, pressionando o gelo sobre a nódoa negra que exibia no pescoço. Parecia relaxado, agora, e com aquela atitude prepotente que me induzia a fugir dali. Tal como sempre acontecia.

Antes mesmo de ter tempo de recuperar o bom senso e fugir dele, entreabri os lábios e falei.

– Porquê?

Rigel ergueu uma sobrancelha.

– Porquê o quê?

– Porque é que deixaste que te escolhessem?

Vi os seus olhos fixarem-se nos meus, como que imbuídos de uma espécie de consciência.

– Achas que foi algo que eu tenha decidido por mim? – perguntou em voz baixa, examinando-me com a máxima atenção.

– Acho – respondi, cautelosa. – Fizeste com que isso acontecesse... Tocaste o piano. – Os seus olhos arderam com uma intensidade quase irritante ao mesmo tempo que eu dizia: – Tu, que sempre foste aquele que toda a gente queria, nunca permitiste que ninguém te levasse.

Não haviam passado muitas famílias pelo Grave. Olhavam para as crianças, examinando-as como se fossem borboletas numa vitrina, e os mais pequeninos eram os mais bonitos e variados, aqueles que acima de qualquer outra coisa eram merecedores de atenção.

Mas depois viam-no a ele, com uma carinha limpinha e modos educados, e pareciam esquecer-se dos outros todos; contemplavam a borboleta negra e ficavam fascinados com o formato inusitado dos seus olhos e as asas belas como veludo, a graciosidade com que se movia acima de todos os outros.

Rigel era um espécime de coleção, aquele que não possuía outro igual; aquele que não era dotado da insignificância dos outros órfãos, mas que a vestia, envergando aquele tom pardacento e monótono como um véu que, no seu caso, lhe assentava que nem uma luva.

No entanto, cada vez que alguém expressava o desejo de adoptá-lo, parecia que ele fazia o possível por estragar tudo. Provocava acidentes, fugia, portava-se mal. E por fim as pessoas acabavam por se irem embora, sem saber o tipo de coisas que as suas mãos eram capazes de fazer com aquela dentadura de teclas brancas.

Contudo, naquele dia não foi assim. Naquele dia tinha tocado, tinha chamado as atenções sobre si em vez de as desencorajar.

Porquê?

– Talvez fosse melhor ires dormir, *falena* – insinuou a sua voz subtil e mordaz. – O sono prega-te partidas de mau gosto.

Era isso que fazia... *Mordia-me* com as palavras. Fazia sempre isso. Roçava-me ao de leve com as suas provocações e depois esmagava-me com um sorriso, fazendo-me duvidar a ponto de já não ter a certeza de nada.

Deveria desprezá-lo. Pelo seu carácter, pela sua aparência, pela maneira como sabia sempre estragar tudo. Deveria fazê-lo, no entanto... uma parte de mim não era capaz disso.

Isto porque eu e o Rigel tínhamo-nos visto crescer um ao outro, tínhamos passado a vida por entre as grades da mesma prisão. Conhecia-o desde pequeno, e uma parte da minha alma já o tinha visto tantas vezes que não conseguia sentir mais o cruel desprendimento que teria desejado. Habituarame a ele, de uma maneira insólita, desenvolvendo aquela empatia para com uma pessoa com quem se partilhou algo durante imenso tempo.

Nunca fui muito boa a sentir ódio. Por mais motivos que tivesse.

Pode ser que, apesar de tudo, eu ainda estivesse à espera de que esse pudesse vir a ser o conto de fadas que tanto desejava...

– O que foi que aconteceu com aquele rapaz, hoje? – perguntei. – Porque é que andaram à luta?

Rigel inclinou o rosto ao de leve, quiçá perguntando-se por que razão ainda não me tinha ido embora. Tive a impressão de que os seus olhos estavam a avaliar-me.

– *Divergências* de opinião. Nada que seja da tua conta.

Olhou-me fixamente como que a induzir-me a sair dali, mas não o fiz.

Não queria fazê-lo.

Pela primeira vez... queria experimentar dar um passo em frente em vez de recuar. Fazê-lo ver que, apesar de tudo, estava disposta a ir mais além. *Experimentar*. E quando ele pressionou o gelo sobre a sobrancelha, contraindo a testa com a dor, veio-me à ideia a recordação de uma voz longínqua abrindo caminho dentro de mim.

«É a delicadeza, Nica. A delicadeza, sempre... Não te esqueças disso», dizia com doçura.

Senti as pernas começarem a avançar.

O olhar de Rigel cravou-se em mim quando entrei em definitivo na cozinha. Aproximei-me do lava-loiça e tirei umas folhas de papel de cozinha, embebendo-as num pouco de água fria; tive a certeza de sentir as suas pupilas pressionadas contra os meus ombros.

Em seguida, acerquei-me dele e fitei-o com ar cândido, estendendo-lhe o papel.

– O gelo é demasiado duro. Coloca isto sobre a ferida.

Pareceu quase surpreendido por eu não ter fugido dali a correr. Perscrutou sem convicção o papel de cozinha, relutante como um animal selvagem, e quando vi que não pegava nele... num gesto de generosidade tentei fazê-lo eu.

Nem tive tempo de me aproximar: os seus olhos pularam sobre mim e ele afastou-se com brusquidão. Uma madeixa de cabelo negra como pez escorregou-lhe sobre a têmpora ao mesmo tempo que me fulminava de cima a baixo, com azedume.

– Não faças isso – advertiu-me com olhos cruéis –, não te atrevas a tocar em mim.

– Não te vai doer... – abanei a cabeça, estendendo um pouco mais os dedos, mas desta vez ele empurrou-os. Levei a mão ao peito e sobressaltei-me, quando cruzei os meus olhos com os dele: estavam a incinerar-me, quais estrelas palpitantes de uma luz que, em vez de irradiar calor, queimava como gelo ardente.

– Não me toques assim sem mais nem menos com esse à-vontade. *Nunca.*

Cerrei os punhos e, sustentando aquele olhar com que ele me fulminava como se fosse um castigo, perguntei:

– Senão?

O barulho violento da cadeira.

Rigel levantou-se de repente, elevando-se sobre mim e eu sobressaltei-me, ao ser apanhada desprevenida. Obrigou-me a recuar, e milhares de sinais de alarme eclodiram debaixo da minha pele ao mesmo tempo que tropecei nos pés dele até que fui esbarrar na bancada da cozinha. Ergui o queixo e as minhas mãos agarraram-se ao rebordo de mármore com um frémito.

Os seus olhos acorrentaram-me numa mordança negra e sombria. A proximidade do corpo dele gritou como um calafrio, e respirei com dificuldade, devorada por completo pela sua sombra.

Depois... Rigel debruçou-se sobre mim.

Inclinou o rosto e o seu hálito ardia como veneno junto à minha orelha.

– *Senão...* não vou parar.

Senti a circulação do ar agitar-me o cabelo quando me empurrou sem contemplações.

Ouvi o baque do gelo em cima da mesa e os seus passos a desvanecerem-se, enquanto me deixava ali, imóvel, que nem uma estátua petrificada de encontro ao mármore.

O que é que tinha acabado de acontecer ali?

Pensos rápidos

*A sensibilidade
é um refinamento da alma.*

O sol tecia cordões de luz por entre as árvores. Era uma tarde de primavera e o perfume das flores impregnava o ar.

O Grave era um colosso que se recortava atrás de mim. Estendida na relva, contemplava o céu com os braços abertos como se quisesse abarcá-lo. Tinha a bochecha inchada e doía-me, mas não queria chorar de novo, por conseguinte fitava a imensidão sobre a minha cabeça, deixando que as nuvens me embalassem.

Será que alguma vez conseguirei ser livre?

Um ruído subtil chamou a minha atenção. Levantei a cabeça e vislumbrei algo que se movia na relva. Pus-me de pé e decidi aproximar-me com cautela, agarrando uma madeixa de cabelo com as mãos.

Era um pardal. Raspava a poeira com as suas garras finas como alfinetes e possuía uns olhinhos brilhantes como berlindes negros, mas tinha uma das asas esticada de maneira pouco natural e não conseguia levantar voo.

Assim que me pus de joelhos, do bico do passarinho irrompeu um pio agudíssimo e alarmado, e percebi que o devia ter assustado.

– Desculpa – sussurrei de imediato, como se ele fosse capaz de me compreender. Não queria fazer-lhe mal, muito pelo contrário, também eu estava desejosa de fugir dali, também eu me sentia frágil e impotente.

Éramos iguais. Pequenos e indefesos contra o mundo.

Entendi-lhe os dedos, sentindo necessidade de fazer alguma coisa para poder salvá-lo. Eu era apenas uma criança, no entanto, queria restituir-lhe a sua liberdade, como se aquele gesto pudesse devolver-me, de alguma maneira, a minha.

– Não tenhas medo... – continuei a falar com ele, esperando conseguir

tranquilizá-lo. Eu ainda era pequena o suficiente para acreditar que o pássaro era mesmo capaz de compreender as minhas palavras. O que devia fazer? Estaria em condições de poder ajudá-lo? Enquanto ele recuava e se retraía morto de medo de mim, ouvi qualquer coisa aflorar de novo por entre as minhas lembranças.

«É a delicadeza, Nica», sussurrou a voz da minha mãe. «A delicadeza, sempre... Não te esqueças disso.» Os seus olhos doces encontravam-se gravados na minha memória.

Tomei o passarinho entre as minhas mãos com ternura, sem o magoar. Não o deixei escapar, nem mesmo quando me bicou os dedos, nem mesmo quando as suas garras me arranharam as pontas dos dedos.

Segurei-o junto ao meu peito e prometi-lhe que pelo menos um de nós iria recuperar a sua liberdade.

Voltei para o orfanato e pedi de imediato a ajuda de Adeline, uma menina mais velha do que eu, rezando para que a tutora não descobrisse o que eu tinha achado: receava a sua crueldade mais do que qualquer outra coisa.

Juntas fizemos-lhe uma tala com o pauzinho de um gelado que roubámos do caixote do lixo, e no decurso dos dias seguintes levei-lhe as migalhas das nossas refeições, dirigindo-me ofegante até ao sítio onde o havia escondido.

Bicou-me os dedos muitas vezes, mas eu nunca desisti.

– Hei de curar-te, vais ver – jurava-lhe com as pontas dos dedos avermelhadas, doridas, enquanto ele eriçava as penas do peito. – Não te preocupes...

Ficava a observá-lo durante horas, a uma certa distância para não o assustar.

– E hás de voar – sussurrava na ponta dos lábios –, um dia voarás, e serás livre. Só mais um bocadinho... espera só mais um bocadinho...

Ele bicava-me quando tentava examinar-lhe a asa. Tentava afugentar-me. No entanto, eu ficava ali, o tempo todo, com delicadeza. Forrava-lhe a cama com erva e folhas e sussurrava-lhe para ter paciência.

E no dia em que ficou curado, no dia em que levantou voo de entre as minhas mãos, senti-me pela primeira vez na vida menos suja e apagada. Um pouco mais viva.

Um pouco mais livre.

Como se pudesse voltar a respirar.

Tinha voltado a encontrar dentro de mim umas cores que julgava não possuir: as da esperança.

E com os dedos cobertos de pensos rápidos de várias cores, a minha existência já não me parecia tão cinzenta.

Arranquei devagar e com cuidado a ponta plastificada.

Libertei o dedo indicador, o que se encontrava coberto pelo penso rápido azul, e verifiquei que ainda estava algo inchado e avermelhado.

Conseguira libertar uma vespa que ficara presa na teia de uma aranha, alguns dias antes; tivera o máximo cuidado para não rasgar a trama finíssima, mas não fora rápida o suficiente e ela tinha-me picado.

– A Nica está com os seus bichinhos – diziam as crianças, quando éramos mais pequenos. – Passa o tempo todo com eles, além, no meio das flores. – Tinham-se acostumado ao meu carácter peculiar, talvez porque no nosso orfanato isso era mais comum do que a normalidade.

Sentia uma estranha empatia por tudo o que era pequeno e incompreendido. O instinto de proteger todos os tipos de criaturas nasceu quando eu era pequena e nunca mais me havia abandonado. Tinha plasmado o meu pequeno e estranho mundo com cores só minhas, que me faziam sentir livre, viva e leve.

Vieram-me à cabeça as palavras de Anna no primeiro dia, quando me tinha perguntado o que eu estava a fazer no jardim. O que terá ela pensado? Será que me achou esquisita?

Absorta nos meus pensamentos, virei-me ao aperceber-me de uma presença atrás de mim. Abri muito os olhos e com um pulo veloz afastei-me.

Rigel seguiu-me com o olhar, e o meu *sprint* fez com que se agitasse a madeixa de cabelo que lhe acariciava a testa. Fitei-o com os olhos esbugalhados, ainda assustada com o nosso último encontro.

A minha reação não o perturbou. Muito pelo contrário, afilou-lhe a boca num sorriso enviesado.

Ultrapassou-me e entrou na cozinha. Ouvi Anna saudá-lo, ao mesmo tempo que ele encolhia os ombros; cada vez que se aproximava de mim os arrepios não me davam trégua, mas desta vez eram justificados. Tinha passado o dia inteiro a reviver o que se havia passado, mas quanto mais pensava nisso mais aquelas palavras indecifráveis me atormentavam.

O que é que ele terá querido dizer com esse «Não vou parar»? Não vou parar de fazer... o quê?

– Aqui estás tu, Nica – saudou-me Anna, quando entrei cautelosa. Ainda me encontrava perdida nas minhas reflexões quando uma explosão de cores, de um violeta intenso e abrasador, me encheu os olhos.

Um enorme ramo de flores dominava o centro da mesa, abarrotado de botões suaves que preenchiam o jarão de cristal; contemplei-o com um olhar fascinado, embevecida com aquela maravilha.

– Que lindas...

– Gostas?

Assenti em jeito de resposta à pergunta que Anna me fez, e ela sorriu.

– Pedi que mas trouxessem esta tarde. Vieram da loja.

– Da loja?

– Da minha loja.

Dirigi o olhar para o seu sorriso genuíno, a que ainda tinha alguma dificuldade em habituar-me.

– Tu... vendes flores? És florista?

Que pergunta mais óbvia! As minhas faces coraram ao de leve, mas ela anuiu, simples, direta e sincera.

Adorava as flores quase tanto quanto adorava as criaturas que as habitavam. Acaricieei uma pétala e a sensação de veludo fresco beijou-me a ponta do dedo indicador descoberto.

– A minha loja fica a uns quantos quarteirões daqui. É um bocadinho antiquada, e fora de mão, mas não falta clientela. É bonito ver como as pessoas ainda gostam de comprar flores.

Perguntei-me se Anna não teria sido feita à medida para mim. Se não teria havido alguma coisa, no modo como olhara para mim naquele dia, que nos unira, mesmo que nunca tivéssemos trocado um olhar. E eu quis acreditar nisso... Por um momento, enquanto ela me observava através daquela exuberância engalanada, quis acreditar que assim era na realidade.

– Boas!

O senhor Milligan entrou na cozinha vestido de uma maneira singular: envergava um uniforme de um tom de azul empoeirado e luvas de um tecido grosseiro e áspero que lhe saíam do bolso; do cinto pendiam várias enghocas.

– Mesmo a tempo do jantar! – disse Anna. – Como é que correu o teu dia?

Norman devia ser jardineiro; tudo na sua indumentária parecia insinuá-lo, inclusive a tesoura de poda que trazia pendurada à cintura. Pensei que não podia existir um casal mais incrível, pelo menos até que Anna lhe pousou as mãos nos ombros e no auge das minhas maiores expectativas anunciou:

– O Norman trabalha em desinfestação.

Engasguei-me com a saliva.

O senhor Milligan pôs o boné e pude ver o logotipo por cima da pala: uma enorme barata morta era bem evidente sob um sinal de proibição. Fiquei a olhar para ele com os olhos gelados e as narinas dilatadas de uma forma muito pouco natural.

– Desinfestação? – guinchei, passado um bocado.

– Oh, sim – Anna alisou-lhe os ombros –, não fazem ideia da quantidade de criaturas nojentas que infestam os jardins desta zona! Na semana passada, a nossa vizinha encontrou dois ratos na cave. O Norman viu-se obrigado a impedir uma invasão...

Neste momento aquela tesoura já não me agradava assim tanto.

Olhei para a barata com as patas dobradas como se tivesse engolido algo intragável. Só quando os dois ficaram ali a olhar para mim é que me esforcei para distender os lábios o melhor que pude, retomando o impulso de esconder as mãos.

Para lá da jarra de flores, do outro lado da sala, tive a certeza de sentir posado em mim o olhar de Rigel.

Poucos minutos depois estávamos os quatro sentados à mesa. Senti-me desconfortável ao ouvir Norman falar do seu trabalho: tentei disfarçar a tensão, mas ter Rigel sentado ao meu lado não me ajudou nem um pouco a relaxar. Mesmo sentado, continuava a dominar-me, e eu não estava habituada a ficar assim tão perto dele.

– Uma vez que estamos a conhecer-nos um pouco melhor... porque é que vocês não nos contam também alguma coisa? – Anna sorriu. – Conhecem-se há muito tempo? A vossa tutora não nos disse nada... Davam-se bem lá no orfanato?

Caiu-me um pedaço de pão torrado da colher, indo parar dentro da sopa.

Ao meu lado, também Rigel ficou estático.

Existia pergunta pior para ser formulada?

Anna cruzou o seu olhar com o meu e, de repente, o terror de que ela pudesse ler a verdade nos nossos olhos contraiu-me o estômago. Como será que ela reagiria se soubesse que nem sequer suportava estar perto dele? A nossa relação era sinistra e indefinida, a coisa mais remota que havia do sentido de família. E se decidissem que era impossível? Mudariam de ideias?

Deixei-me tomar pelo pânico. E antes de Rigel ter tempo de dizer alguma coisa, inclinei-me para a frente e fiz um disparate.

– Claro. – Senti aquela mentira colar-se-me à língua e apressei-me a sorrir. – Eu e o Rigel... sempre nos demos muito bem. Na verdade, somos como... dois irmãos.

– A sério? – perguntou Anna, surpreendida, e eu engoli em seco como se de repente me tivesse tornado vítima da minha própria mentira. Tinha a certeza de que ele faria tudo o que pudesse para me contradizer.

Apercebi-me tarde de mais do meu erro, quando me virei e vi o seu maxilar retesado.

Tinha-lhe chamado de novo *irmão*. Se havia alguma maneira de virar o jogo, de *me virar contra ele*, acabara nesse momento de a formular com os meus próprios lábios.

Com uma tranquilidade forçada, Rigel ergueu o rosto e cruzou um olhar com os senhores Milligan. Depois, com um sorriso falso, anunciou:

– Oh, e de que maneira. Eu e a Nica somos muito unidos. *Unha e carne*, atrever-me-ia a dizer.

– Mas isso é maravilhoso! – exclamou Anna. – Esta sim é uma notícia

fantástica. Nesse caso, devem estar satisfeitos por se encontrarem aqui juntos! Não é uma sorte, hã, Norman? Que os pequenos se entendam tão bem?

Trocaram comentários de satisfação entre ambos e não me apercebi quando o guardanapo me caiu nos joelhos.

Só passado um bocado é que me dei conta de que o *meu* guardanapo se encontrava em cima da mesa.

A mão de Rigel estava agora pousada na minha coxa a fim de recuperar o guardanapo. Apertou-me o joelho e o seu toque exerceu um efeito perturbador em mim: pareceu-me senti-lo em carne viva.

A cadeira arrastou no chão. Dei por mim em pé, com o coração na boca e o olhar de perplexidade dos senhores Milligan cravado em mim. Não conseguia respirar.

– Eu preciso... preciso de ir à casa de banho.

Escapuli-me dali de cabeça baixa.

A escuridão do corredor engoliu-me e continuei até dobrar a esquina, encostando-me depois à parede. Procurei acalmar os batimentos do meu coração, refreá-los o melhor que podia, mas nunca fui boa a ocultar as minhas emoções. Ainda era capaz de sentir a marca dos seus dedos como se ma tivessem gravado a fogo. Ainda conseguia senti-los em mim...

– Não devias ter fugido desta maneira – disse a voz atrás de mim. – Vais preocupar os nossos supostos pais.

No fundo era Rigel quem tecia a história, era ele a aranha. Os meus olhos pressurosos encontraram-no ali, com as costas apoiadas na esquina da parede. O seu fascínio venenoso era daninho. *Ele* era daninho.

– Tudo isto é um jogo para ti? – disparei, trémula. – Apenas um jogo?

– Tu é que provocaste tudo, *falena* – replicou ele, inclinando o rosto. – É assim que esperas obter a aprovação deles? Mentindo?

– Fica longe de mim – disse e recuei com um arrepio, aumentando a distância entre nós. Os seus olhos negros eram como abismos, exerciam sobre mim um poder que não sabia como definir. Assustavam-me.

Rigel baixou o queixo, observando a minha reação por debaixo das sobrancelhas de uma maneira inteligível.

– A nossa relação *é assim mesmo*... – murmurou, com voz acrimoniosa.

– Precisas de deixar-me em paz! – explodi, a tremer. Derramei sobre ele toda a minha aspereza, ainda que frágil, e nos seus olhos perpassou uma sombra que não fui capaz de entender. – Se a Anna e o Norman vissem... se eles vissem... *se* vissem o quanto me desprezas... que não fazes outra coisa a não ser fugir de mim... que as coisas *não são* tão perfeitas como eles acham... eram capazes de mudar de ideias, não é verdade?

Fitei-o com os olhos esbugalhados, como se me tivesse lido o pensamento. Senti-me tremendamente exposta. O Rigel conhecia-me bem, intuía a minha

alma simples, aquele espírito genuíno que ele nunca possuía.

Eu só queria uma oportunidade, mas se eles soubessem a verdade, se tivessem visto que a nossa convivência era impossível... poderiam devolver-nos. Ou talvez apenas um de nós. E a dúvida corroeu-me, devorou-me os pensamentos, *qual dos dois escolheriam?*

Tentei negar esse facto para mim mesma, mas foi inútil. Como se não tivesse reparado no modo como Anna e Norman olhavam para ele com adoração. Ou no belo piano da sala de estar, polido com um esmero incrível.

Como se eu não soubesse que seria sempre ele o escolhido.

Colei-me à parede. *Fica longe de mim*, gostaria de lhe ter gritado, mas a dúvida despedaçou-me e o coração desatou a bater disparado.

Serei boa, retumbou-me na garganta, *serei boa, serei boa...* Por nada neste mundo queria voltar a ficar encerrada entre aquelas paredes, recordar o eco dos gritos e continuar a sentir-me encurralada. Sentia necessidade desses sorrisos, desses olhares que por uma vez me haviam escolhido. Não podia voltar atrás, não podia, não, não, não...

– Um dia eles hão de perceber quem tu és de verdade – disse de cabeça baixa e num fio de voz.

– Ai sim? – perguntou ele, sem conseguir reprimir uma nota de divertimento na voz. – E quem sou eu?

Cerrei os dedos, erguendo um olhar brilhante de censura. E com toda a recriminação que me fazia tremer o corpo, fitando-o, olhos nos olhos, cuspi com dureza:

– És o fabricante de lágrimas.

Verificou-se um longo momento de silêncio.

Depois... Rigel atirou a cabeça para trás e desatou a rir.

O riso acariciou-lhe os ombros com uma desenvoltura aterradora, e eu soube que ele havia compreendido.

Riu-se de mim, o fabricante de lágrimas, com aqueles seus lábios sedutores e dentes cintilantes, e esse som ficou impregnado em mim inclusive depois de me ter afastado ao longo do corredor. Inclusive quando me fechei no meu quarto, sozinha, com todas aquelas paredes e tijolos, mantendo-me afastada dele.

E uma vez ali as lembranças começaram a fluir...

– *Adeline... estiveste a chorar?*

A sua cabecinha loura destacava-se de encontro às rachas do estuque. Estava agachada nas traseiras, pequena e curvada, tal como sempre acontecia quando estava triste.

– Não – respondeu ela, mas ainda apresentava os olhos avermelhados.

– Não mintas, senão o fabricante de lágrimas leva-te com ele.

Ela envolveu os joelhos com força com os seus bracinhos.

– Só nos contam isso para nos assustar...

– Não acreditas? – sussurrei. Todos nós no Grave acreditávamos nisso.

Adeline lançou-me um olhar inquieto e eu percebi que ela não constituía uma exceção. Tinha apenas mais dois anos do que eu e era uma espécie de irmã mais velha para mim, mas há certas coisas que nunca deixam de nos meter medo.

– Hoje na escola disse isso a um miúdo – confidenciou-me. – Ele não está aqui connosco. Contou uma mentira e eu disse-lhe: «Olha que não podes mentir ao fabricante de lágrimas.» Mas ele não percebeu. Nunca tinha ouvido falar dele. No entanto, conhece uma coisa muito parecida... Chama-lhe o Papão.

Contemplei-a sem compreender. Encontrávamo-nos as duas no Grave desde que éramos muito pequenas e tive a certeza de que nem mesmo ela sabia o que isso significava.

– E esse Papão? Faz-te chorar? Faz-te perder a esperança? – perguntei.

– Não... mas mete medo, diz ele. E também nos leva com ele. É assustador.

Pensei no que me metia medo. E veio-me à ideia uma cave mergulhada na escuridão.

Pensei no que me aterrorizava. E Ela veio-me à ideia.

Então compreendi. Ela era o meu Papão, o da Adeline e o de tantos de nós. Mas se quem o afirmava era um garoto que não pertencia ao orfanato, significava que deveria haver muitos mais por aí, em todas as partes do mundo.

– Existem imensos Papões – disse eu. – Mas há apenas um fabricante de lágrimas.

Sempre acreditei nos contos de fadas.

Sempre desejei poder viver um.

E agora... encontrava-me dentro de um.

Caminhava entre as páginas, percorria veredas de papel.

Contudo, a tinta escorria e borrava tudo.

Tinha ido parar ao conto de fadas errado.

Cisne negro

*Até mesmo o coração possui uma sombra
que o acompanha onde quer que ele vá.*

Estava a suar. As têmporas latejavam-me. O quarto era pequeno, cheio de pó, sufocante... Além de que estava escuro. Estava sempre escuro.

Não conseguia mexer os braços. Arranhava o ar, mas ninguém me ouvia. A pele queimava, tentava estender a mão, mas não era capaz: a porta fechava-se e o negrume desabava sobre mim...

Acordei sobressaltada.

A escuridão que me rodeava era a mesma dos meus pesadelos, e demorei um momento interminável a encontrar um interruptor. Ainda estava a amarfanhar as cobertas.

Assim que a luz inundou o quarto, desenhando os contornos da minha nova casa, o coração não parou de latejar na minha garganta nem por um segundo.

Os pesadelos tinham voltado. Não... Na realidade, nunca se tinham ido embora. Não fora suficiente mudar de cama para deixar de vê-los.

Passei as mãos pelos pulsos de maneira febril. Os pensos rápidos estavam ali, nos meus dedos, tranquilizando-me com as suas cores. Recordando-me que eu era livre.

Conseguia vê-los, portanto não estava escuro. *Não estava escuro, encontrava-me em segurança...*

Respirei fundo, tentando encontrar algum conforto. Contudo, aquela sensação ainda me percorria a pele. Sussurrava-me para manter os olhos fechados, esperava por mim escondida no escuro. Estava ali por minha causa.

Chegaria alguma vez a ser livre de verdade?

Afastei as cobertas e levantei-me da cama. Passei uma mão pelo rosto e saí do meu quarto, dirigindo-me à casa de banho.

A luz iluminou os azulejos brancos e limpos: o espelho brilhante e as toalhas macias e fofas como nuvens ajudaram-me a recordar o quanto estava longe daqueles pesadelos. Tudo era diferente. Aquela era uma nova vida...

Abri a torneira do lavatório e molhei os pulsos com água fria, readquirindo aos poucos a minha paz interior. Permaneci ali durante imenso tempo, à medida que as minhas ideias se iam aclarando e a luz voltava a preencher os meus recantos mais escuros.

Iria correr tudo bem. Já não vivia no meio das recordações. Não precisava mais de sentir medo... Estava longe, a salvo, em segurança. Era livre. E tinha a oportunidade de ser feliz...

Quando saí da casa de banho, apercebi-me de que já havia amanhecido.

Nesse dia tínhamos Biologia ao primeiro tempo, por isso certifiquei-me de que não chegaria atrasada às aulas. O docente que lecionava a disciplina, o professor Kryll, não era lá muito conhecido pela sua paciência.

Defronte da escola, também nessa manhã o passeio estava a abarrotar de alunos. Fiquei bastante surpreendida quando ouvi uma voz gritar por entre a multidão:

– Nica!

Billie encontrava-se diante dos portões, e os seus caracóis ondulavam ao ritmo do movimento eufórico do seu braço. Sorria radiante e dei por mim a fitá-la, estupefacta, pois todas aquelas atenções eram uma novidade para mim.

– Olá – saudei-a com timidez, tentando não demonstrar o quanto me sentia feliz por ela ter reparado em mim no meio de todas aquelas pessoas.

– Então, como é que está a correr a primeira semana de aulas? Já desenvolveste instintos suicidas? O Kryll dá-te conta do juízo, não é verdade?

Coei a bochecha. A bem da verdade, tinha achado fascinante a classificação que ele fizera dos invertebrados, mas a avaliar pela maneira como os outros se referiam ao professor, parecia que este tinha instaurado uma espécie de regime de terrorismo na sua disciplina.

– Na realidade – redargui, hesitante –, não o achei assim tão mau...

Ela desatou a rir como se eu tivesse dito uma piada.

– Claro que sim! – deu-me uma palmada na brincadeira que me fez estremecer.

À medida que íamos caminhando juntas, reparei que ela trazia uma pequena câmara fotográfica feita de croché pendurada no fecho da mochila.

Pouco depois o rosto da rapariga iluminou-se. Começou de súbito a correr, eufórica, detendo-se junto de umas costas, que enlaçou por trás.

– Bom dia! – exclamou, feliz, abraçando a mochila de Miki. Esta virou-se com uma expressão fúnebre: as olheiras destacavam-se no rosto cansado,

denotando falta de sono.

– Chegaste cedo! – gorjeou Billie. – Como estás? Que disciplinas tens hoje? Voltamos juntas para casa mais tarde?

– São oito da manhã – protestou Miki –, estás a flagelar-me o cérebro.

Reparou que eu também estava ali. Levantei uma mão em jeito de cumprimento, gesto esse a que ela nem se dignou a responder. Apercebi-me de que também ela trazia um boneco feito de croché pendurado no fecho da mochila: a cabeça de um panda, com dois grandes círculos negros em redor dos olhos.

Nesse momento umas quantas raparigas passaram por nós, abafando gritinhos de excitação, e reuniram-se a um grupinho mais numeroso na frente de uma sala de aulas. Algumas delas esticavam o pescoço de modo a poder olhar lá para dentro, outras tapavam a boca com as mãos, ocultando sorrisos cúmplices. Pareciam um enxame de louva-a-deus.

Miki olhou para a pequena turba com ar enfadado.

– Essas aí estão a miar assim porquê?

– Vamos ver!

Aproximámo-nos as três juntas; ou melhor, Miki aproximou-se, e Billie foi atrás dela, não sem antes me puxar com alegria pela alça da mochila. Juntámo-nos à pequena multidão de raparigas e também eu tentei espreitar para dentro da sala, igualmente tomada pela curiosidade.

Compreendi tarde de mais que aquela era a sala de aulas de música.

Fiquei petrificada.

Rigel estava ali, de perfil, perfeito como uma pintura. A luz inundava a sala e os cabelos negros destacavam-se na atmosfera suave, emoldurando-lhe o rosto atraente; os dedos afilados mal afloravam as teclas do piano, produzindo espectros de melodias que se dissolviam no silêncio.

Era esplêndido.

Afugentei esse pensamento com todas as minhas forças, mas fui derrotada com facilidade. Parecia um cisne negro, um anjo maldito capaz de desprender sons misteriosos e sobrenaturais.

– Mas será que existem mesmo rapazes assim? – foi o sussurro de uma delas.

Rigel nem sequer estava a tocar. As suas mãos modulavam acordes simples, mas eu sabia o que estes eram capazes de criar se se propusesse a isso.

– Que pedaço de mau caminho...

– Como é que se chama?

– Não entendi muito bem, tem um nome esquisito...

– Ouvi dizer que se livrou de maneira airosa do castigo por causa da briga! – cochicharam com perplexidade e excitação. – Não lhe deram uma suspensão!

– Por um gajo como esse não me importava de ficar de castigo todos os dias...

Soltaram umas risadinhas um pouco mais altas, e eu senti um nó na boca do estômago. Olhavam para ele como se fosse um deus, deixavam-se enfeitiçar pelo príncipe encantado dos contos de fadas ignorando que se tratava de um lobo. O demónio, afinal de contas, não era o mais belo de entre todos os anjos?

Porque é que ninguém parecia ver isso?

– Chiu, assim ele vai ouvir-vos!

Rigel ergueu os olhos.

E elas emudeceram.

Era uma coisa de loucos. Tudo nele era perfeito, as feições angelicais e delicadas, e depois havia *aquela* olhar. Queimava-nos a alma, literalmente. Aqueles olhos negros, penetrantes e sagazes, criavam tamanho contraste com o seu rosto que era de cortar a respiração.

Ciente de que já não se encontrava sozinho, pôs-se de pé e encaminhou-se na nossa direção.

E eu encolhi-me, baixei os olhos e murmurei:

– É tarde, devíamos ir andando para a aula.

No entanto, Billie não me ouviu; continuava, de maneira inadvertida, a agarrar-me pela alça da mochila, e nem mesmo as raparigas que se encontravam atrás de mim se desviaram para me deixar passar.

Rigel chegou à porta em todo o seu esplendor. Cada uma das raparigas permaneceu imóvel, subjugada pela postura misteriosa que emanava daquela beleza tão violenta. Pareciam enfeitiçadas. Apoiou a mão na porta de correr a fim de a fechar, mas eis que uma delas esticou um braço e, com audácia, segurou-a.

– Seria uma pena se fizesses isso – disse com um sorriso. – És sempre assim tão bom quando tocas?

Rigel fitou a mão que mantinha a porta aberta como se fosse algo insignificante.

– Não – respondeu com fria ironia. – Às vezes toco mesmo a sério...

Deu um passo em frente com os olhos cravados nela, e desta vez a rapariga foi forçada a dar um passo à retaguarda. Dirigiu-lhe um olhar demorado antes de a ultrapassar. Logo em seguida, foi-se embora.

Virei a cara quando começaram a voar olhares alusivos no grupinho, rejeitando aquela agitação generalizada.

Depois daquela noite no corredor, tinha recomeçado a fazer o que sempre havia feito no Grave: manter-me longe dele. A sua gargalhada estava gravada de forma indelével na minha mente. Não conseguia libertar-me dela.

– O teu irmão parece saído de outro planeta...

– Não é meu irmão – respondi com brusquidão, como se tivesse queimado

os lábios.

Ficaram as duas a olhar para mim e, de repente, senti as faces a arder. Não era do meu feitio responder dessa maneira, mas como era possível que pudessem na verdade pensar que eu e ele fôssemos parentes? Éramos diametralmente opostos.

– Desculpa – respondeu Billie, embaraçada. – Tens razão, eu... tinha-me esquecido.

– Não faz mal – tranquilizei-a com uma voz mais doce, na esperança de remediar a situação. A expressão de Billie voltou a serenar e os seus olhos cravaram-se no relógio pendurado na parede.

– Caramba, precisamos de despachar-nos, caso contrário o Kryll vai tratar de nos arrancar a pele! – exclamou ela com os olhos arregalados. – Miki, vemo-nos mais tarde, boa aula! Vamos, anda, Nica.

– Adeus, Miki – sussurrei antes de ir atrás de Billie. A rapariga não respondeu, mas senti o olhar dela a observar-nos quando nos afastámos juntas.

Será que me via como uma intrusa?

– Como é que vocês se conheceram, tu e a Miki? – perguntei no momento em que chegámos à porta da sala.

– É uma história engraçada. Foi por causa dos nossos nomes – respondeu Billie, divertida. – Eu e a Miki temos dois nomes um pouco... fora do vulgar, é isso. No primeiro dia da escola primária disse-lhe que tinha um nome bastante estranho, e ela respondeu que não podia ser mais insólito do que o dela. Agora só usamos os diminutivos. Mas, daquele dia em diante, tornámo-nos inseparáveis.

Já tinha percebido que Miki era dotada de uma personalidade muito particular. Não podia, de facto, afirmar que a conhecia, mas não duvidava do seu afeto por Billie. Os seus modos eram mordazes e secos, mas nos olhos dela brilhava uma confiança flagrante quando falavam. A amizade de ambas era como um par de calças confortáveis que envergamos com a segurança e a familiaridade de uma vida inteira.

Ao final daquele dia de aulas sentia-me cansada, porém satisfeita.

– Já vou, avó! – disse Billie, atendendo o telemóvel. Dirigíamo-nos para a saída, enquanto os outros alunos se reuniam no pátio a tagarelar com entusiasmo.

– Preciso de ir, a minha avó tem o carro parado em segunda fila e, se apanha outra multa, desta vez é que lhe dá uma coisinha má. Oh, a propósito... o que é que achas se trocarmos os nossos números de telemóvel?

Abrandei o passo até me deter, e ela fez o mesmo.

Soltou uma risada, agitando o ar com as mãos.

– Já sei, já sei. A Miki diz que sou chata como a potassa, mas tu não te ralas com o que ela fala, pois não? Só porque uma vez lhe enviei uma mensagem de voz de sete minutos diz que sou logorreica...

– Eu... não tenho telemóvel – fui obrigada a responder. Senti um calor no peito que me deixou sem palavras. Na realidade gostaria de lhe ter dito que não me importava que ela falasse tanto. Que ela era perfeita assim, porque aquela confiança que depositava em mim fazia com que conseguisse sentir-me menos esquisita e diferente. Fazia com que me sentisse *normal*. E era fantástico.

– Não tens telemóvel? – perguntou, atónita.

– Não... – murmurei, mas eis senão quando o som inesperado de uma buzina me fez estremecer.

Da janela de um grande *Wrangler* emergiu a cabeça de uma velhota com óculos de sol pretos. Gritou algo que não percebi ao senhor que estava atrás dela e este abriu a boca, escandalizado e indignado.

– Meu Deus, ainda processam a minha avó... – Billie passou uma mão pelos cabelos encaracolados. – Desculpa, Nica, preciso de ir! Vemo-nos amanhã, certo? Adeus!

Saiu a correr que nem um inseto e desapareceu por entre a gente.

– Adeus... – sussurrei, acenando com a mão. Sentia-me incrivelmente leve: respirei fundo, reprimi um sorriso e empreendi o caminho de regresso a casa.

O dia fora longo, mas tudo o que eu sentia era um formigueiro de felicidade.

Os senhores Milligan pediram desculpa por não poderem acompanhar-nos todos os dias: Norman, por conta do trabalho, ficava fora de casa até à noite, e a loja exigia a presença assídua de Anna.

No entanto, eu gostava de caminhar. Além do mais, agora que Rigel precisava de cumprir o castigo, tinha a casa toda para mim durante a tarde.

Tomei cuidado para não pisar um carreiro de formigas que atravessava o passeio; contornei o caroço de maçã com que estavam a banquetear-se e cortei na direção do bairro.

Os meus olhos encheram-se com a visão daquela vedação branca. «Milligan», podia ler-se na caixa do correio, e eu encaminhei-me para lá feliz e serena, mas com o coração a palpar. Se calhar nunca me habituaria a ter um lugar para onde voltar...

Entrei em casa, e fui acolhida por uma plácida hospitalidade. Estava a decorar todas as coisas: a intimidade, os corredores estreitos, a moldura vazia em cima da mesinha da entrada, que talvez um dia tivesse contido uma foto.

Na cozinha surripiei uma colherada de compota de amora e deleitei-me com ela junto ao lava-loiça.

Era doida por compota. No Grave só nos davam nos dias em que

recebíamos visitas; os visitantes gostavam de ver que nos tratavam bem, e nós dávamos um passeio pelo orfanato ataviados com as nossas melhores roupas, fingindo que essa era a normalidade.

Fui buscar tudo o que precisava para preparar uma sanduíche, cantarolando melodias com a boca fechada. Sentia-me serena. Feliz. Pode ser até que já tenha arranjado uma amiga. Duas pessoas boas queriam dar-me uma família. Tudo parecia luminoso e perfumado, até mesmo os meus pensamentos.

Quando a sanduíche ficou pronta, apercebi-me de que tinha uma pequena visita.

Uma lagartixa espreitava na parede, por detrás da fileira de chávenas. De certeza que tinha entrado pela janela aberta, atraída pelo cheiro.

– Olá – sussurrei-lhe. Não havia ali por perto olhos que pudessem julgar-me, portanto não me envergonhei. Sabia que se alguém me visse, era provável que me tomasse por louca. Todavia, isso era normal para mim. Secreto, porém espontâneo.

Havia gente que falava sozinha, eu em contrapartida falava com os animais. Fazia-o desde pequena, e às vezes tinha a certeza de que eles eram capazes de me compreender melhor do que as pessoas. Será que falar com um bichinho era mais estranho do que falar comigo mesma?

– Lamento muito, mas não tenho nada para te dar – informei-a, tamborilando com as pontas dos dedos sobre os lábios. Os dedos achatados do animal conferiam-lhe um ar cómico, inofensivo, e eu exalei num sussurro: – És tão pequenina...

– Ah – ouvi uma voz atrás de mim –, Nica!

Norman surgiu à porta da cozinha.

– Olá, Norman – saudei-o, surpreendida por ele ter passado lá por casa à hora do almoço. Às vezes acontecia cruzar-me com ele, mas era raríssimo isso acontecer.

– Passei em casa só para comer qualquer coisa à pressa... Com quem é que estavas a falar? – perguntou, levando as mãos ao cinto, e eu esbocei um sorriso.

– Oh, era só com... – comecei por dizer, mas fiquei bloqueada. O logotipo da barata morta dançou-me na frente dos olhos, prendendo toda a minha atenção.

Virei-me de súbito para o animalzinho que se encontrava perto de mim e empalideci quando o vi inclinar a cabeça, retribuindo-me o olhar. Antes de Norman ter tempo de erguer o rosto, peguei na lagartixa num piscar de olhos e apressei-me a escondê-la atrás das costas.

– Ninguém.

Norman olhou para mim perplexo e eu encolhi os ombros com uma risadinha algo frouxa. Senti o movimento nas palmas das mãos, como se ali

houvesse uma pequena enguia, e retesei os pulsos quando notei que me mordiscava um dedo.

– Está certo – tartamudeou ele, aproximando-se, ao mesmo tempo que eu olhava com frenesim, de um lado para o outro, tentando encontrar uma escapatória.

– Aguarda-me um ótimo trabalho, tenho uma cliente que telefonou esta manhã e preciso de passar no armazém para ir buscar... a artilharia pesada. Não sei se percebes o que quero dizer... A senhora Finch enlouqueceu, jura a pés juntos que tem um ninho de vespas no seu...

– Oh, céus! – exclamei com ar trágico, apontando para trás dele. – O que é aquilo ali?

Norman virou-se, e eu aproveitei a oportunidade: encerrei a lagartixa numa das mãos e depois apressei-me a atirá-la pela janela. Rodopiou no ar como um pião e depois foi aterrar algures na relva macia do jardim.

– É o candeeiro...

Norman virou-se de novo, e eu dirigi-lhe um sorriso radioso. Fitou-me desconcertado e esperei que não se tivesse apercebido do meu gesto extravagante, embora a expressão no seu rosto dissesse o contrário. Perguntou-me se me sentia bem e eu tranquilizei-o, esforçando-me por demonstrar que me encontrava à vontade, até que ele se decidiu a deixar-me sozinha outra vez. Assim que ouvi a porta de casa a fechar-se de novo, respirei fundo um bocadinho desanimada.

Será que alguma vez seria capaz de causar uma boa impressão? Fazer com que gostassem de mim, pese embora a minha maneira de ser um pouco bizarra e fora do vulgar?

Observei os pensos rápidos nas minhas mãos e suspirei. Lembrei-me dos meus pesadelos, mas confinei-os num recanto remoto antes que pudessem estragar tudo.

Lavei as mãos e comi com calma, saboreando cada instante daquele momento tão normal, numa casa tão normal. Enquanto desfrutava da minha refeição, observei em silêncio a pequena tigela que havia num dos cantos da cozinha.

Durante estes dias tinha ouvido raspar por várias vezes no lado de fora da porta, mas quando falei com Anna sobre isso, ela agitou a mão.

– Oh, não precisas de ficar preocupada – respondera-me –, é apenas o *Klaus*. Mais cedo ou mais tarde vai acabar por se dignar a aparecer... é uma criaturinha solitária.

Perguntei-me quando é que se daria a conhecer.

Depois de ter lavado os pratos e os talheres, verificando se estava tudo em ordem tal como Anna havia deixado, subi até ao quarto, onde passei a tarde a estudar.

Perdi-me entre equações algébricas e datas da Guerra da Secessão e, quando terminei de fazer os trabalhos de casa, já havia escurecido. Espreguiçando-me, reparei que o dedo que a lagartixa me tinha mordiscado estava vermelho e latejava um pouco. Talvez devesse pôr-lhe um penso rápido... *Verde como ela*, pensei, saindo do meu quarto.

Perdida nos meus pensamentos, encaminhei-me até à casa de banho e aproximei os dedos da maçaneta. No entanto, antes de ter tempo de agarrar nela, esta rodou para baixo, acionando a fechadura.

Levantei a cabeça no momento em que a porta se abriu. Dei de caras com dois olhos negros, e o seu magnetismo arrancou-me um estremecimento de surpresa. Recuei de imediato.

Rigel surgiu com toda a calma na soleira da porta; volutas de vapor deslizavam-lhe pelos ombros, o que me fez deduzir que tinha acabado de tomar um duche.

A sua presença causou de novo em mim aquele efeito desconfortável e visceral.

Nunca consegui que me fosse indiferente, as suas íris profundas eram abismos das quais parecia impossível esconder-me. Eram os olhos do fabricante de lágrimas. Não importava que não fossem claros como na lenda. Eram olhos perigosos, os de Rigel, ainda que fossem muito diferentes dos da história.

Apoiou as costas no caixilho da porta; os seus cabelos quase roçavam o batente: em vez de se afastar dali, cruzou os braços e ficou ali a olhar para mim.

– Preciso de passar – informei-o, rígida.

O vapor continuava a fluir, dando-lhe o ar de um diabo encantador às portas do inferno. Com um arrepio imaginei penetrar naquela névoa, desaparecer engolida no seu perfume...

– Força – incitou-me, sem fazer menção de se afastar.

Endureci o olhar e fitei-o com ar de censura, ciente da atitude dele.

– Porque é que ages assim?

Não estava com disposição para joguinhos, queria que ele parasse com isso, que me deixasse em paz.

– Assim como?

– Sabes muito bem como – repliquei, esforçando-me por lhe fazer frente. – Sempre agiste dessa maneira. Fazes isso desde que eu te conheço.

Era a primeira vez que me atrevia a falar com ele de uma maneira tão direta. A nossa relação sempre fora repleta de silêncios, de coisas não ditas, de sarcasmo e inocência, mordidas e recuos. Nunca me havia demorado a tentar compreender as suas atitudes, sempre mantivera a distância. Para ser mais exata, nem sequer se podia considerar isso como uma relação.

Ele curvou o canto da boca e esboçou um sorriso zombeteiro.

– Não resisto.

Cerrei os dedos.

– Não vais conseguir – disparei com toda a determinação que possuía. A minha voz saiu límpida e forte, e vi a expressão dele ensombrar-se.

– Não vou conseguir o quê?

– Sabes muito bem! – explodi.

Estava tensa, quase em bicos de pés, e ardia com uma emoção poderosa. Seria obstinação ou desespero?

– Não vou deixar que o faças, Rigel. Não vais estragar as coisas... Ouviste bem?

Eu era baixinha, com as mãos peçadas de pensos rápidos, mas fitei-o, olhos nos olhos, pois sentia a necessidade de proteger o meu sonho. Acreditava na delicadeza e na bondade da alma, nos tons de voz suaves e nos gestos silenciosos, mas Rigel fazia vir à tona uma faceta minha que tinha dificuldade em reconhecer em mim mesma. Era tal e qual como na lenda...

Nesse momento, apercebi-me do quanto mudara a expressão dele. Já não sorria, mas em compensação os seus olhos escuros estavam cravados nos meus lábios.

– Diz isso outra vez – murmurou, baixinho.

Endureci o maxilar, resoluta.

– Não vais fazer isso.

Rigel fitou-me com intensidade; o seu olhar deslizou ao longo do meu corpo, e o frémito que me percorreu arruinou a minha segurança. Senti o estômago contorcer-se sob aquela avaliação lenta como se estivesse a *tocar* em mim. Pouco depois descruzou os braços e moveu-se.

– Outra vez – sussurrou, avançando um passo.

– Não vais estragar as coisas...

No entanto, quanto mais eu repetia, mais ele se aproximava.

– Mais uma vez – incitou-me, implacável, e eu retesei-me, confusa e perturbada.

– Não vais estragar as coisas... Não...

Mordi os lábios e desta vez fui eu a dar um passo, mas à retaguarda.

Agora encontrava-se mesmo na minha frente.

Fui obrigada a erguer o queixo e com o coração na boca fitei as suas íris perfurantes. Estavam fixas em mim. O reflexo do pôr do sol não era mais do que uma migalha de luz devorada pelos seus olhos.

Rigel deu mais um passo como que a sublinhar o seu ponto de vista, e recuei mais ainda, mas agora tinha as costas encostadas à parede. Com urgência, os meus olhos lampejaram nos seus e vi-o curvar-se: retesei-me quando se acercou da minha orelha e o seu timbre profundo ressoou-me

inclusive dentro da cabeça.

– Nem sequer te apercebes do quanto a tua voz é delicada e inocente.

Tentei não estremecer, mas a minha alma parecia nua na frente de Rigel, capaz de me fazer arrepiar toda sem nem sequer roçar em mim.

– Tremem-te as pernas. Nem sequer consegues ficar perto de mim, não é verdade?

Reprimi o impulso de estender as mãos a fim de afastá-lo. Havia qualquer coisa... qualquer coisa que me dizia que, por mais que o conhecesse, não devia tocar nele. Que se tivesse encostado as mãos no seu peito para o empurrar para trás, teria comprometido aquela distância de uma maneira irreparável.

Existia uma fronteira invisível entre nós. E desde o primeiro momento que os seus olhos me pediam para não a infringir, para não cometer esse erro.

– O teu coração bate descompassado – murmurou sobre a artéria latejante do meu pescoço, devido aos batimentos cardíacos. – Por acaso tens medo de mim, *falena*?

– Rigel... por favor, para com isso.

– Oh, não, não, Nica – rosnou, baixinho, fazendo estalar a língua, como uma recriminação. – *Tu* é que deves parar. Esse tom de rouxinol indefeso... não fará outra coisa a não ser piorar as coisas.

Não sei onde fui desencantar as forças para o empurrar. Só sei que um instante antes Rigel estava ali, a respiração venenosa sobre a minha pele, e no segundo seguinte encontrava-se na minha frente, a dois passos de distância, com as sobrancelhas franzidas.

Contudo, não fui eu... Alguma coisa atravessou-se por cima dos sapatos dele, fazendo-o recuar mais: dois olhos amarelos dardejaram na penumbra, fitando-nos com pupilas reptilianas.

O gato bufou-lhe de orelhas baixas, e depois fugiu a correr escadas abaixo como uma seta, não fazendo Anna cair nos degraus por pouco.

– *Klaus!* – prorrompeu ela. – Não tarda fazes-me tropeçar! Gato velho de um raio, decidiste aparecer por fim?

Surgiu no patamar, surpreendida por nos encontrar ali.

– Oh, Rigel, ele esconde-se sempre no teu quarto! Tem a mania de se refugiar debaixo daquela cama...

Não ouvi mais nada porque aproveitei a oportunidade para me escapular dali para fora.

Esgueirei-me à pressa para dentro da casa de banho, esperando que isso servisse para afugentar a sua presença nociva de perto de mim, do mundo, de tudo. Encostei a testa à superfície dura da porta antes de fechar as pálpebras, mas ele permaneceu ali, encafuado em algum lugar, com aquela voz sedutora e a sua aura devastadora.

Tentei ignorá-lo, livrar-me dele, mas o vapor envolveu-me, impregnou-me

com o seu perfume.

Chegou, inclusive, a invadir-me o ventre.

Respirar era inútil, tive a sensação de que estava a afogar-me.

Nem todos os venenos possuem um antídoto. Alguns infiltram-se na nossa alma, atordoam-nos com o seu odor e têm os olhos mais bonitos que alguma vez tivemos ocasião de ver.

E para esses não existe cura.

Nenhuma.

Um gesto de delicadeza

*Quem tem a primavera na alma
sempre verá o mundo em flor.*

Rigel desestabilizava-me.

Durante dois dias não fui capaz de tirar aquela sensação de cima de mim.

A sensação de o sentir misturado com o meu sangue.

Por vezes tinha a certeza de que sabia tudo sobre ele.

Outras, as zonas obscuras que o constelavam eram tantas que me convencia do contrário.

Rigel era como uma fera elegante vestida com o seu manto mais belo; mas por dentro escondia-se um animal selvagem e imprevisível, às vezes assustador, que o tornava inacessível a qualquer um.

Ele, por outro lado, sempre fizera tudo para me impedir de o compreender: cada vez que me aproximava em demasia, *mordia-me* com as palavras e rosnava para que ficasse longe dele, tal como havia feito naquela noite na cozinha. Mas depois sucediam certas situações ilógicas, absurdas e contraditórias, e não era capaz de explicar a mim mesma o seu comportamento.

Confundia-me. Perturbava-me. Era insidioso e o melhor que eu podia fazer era prestar atenção ao seu aviso: afastar-me dele.

Excluindo a minha relação com ele, não podia afirmar que as coisas não corressem bem. Adorava a minha nova família.

Norman era dotado de uma doçura desastrada, e Anna parecia cada vez mais o sonho que tantas vezes havia fantasiado quando era criança. Era maternal, astuta, atenta, e preocupava-se sempre em que eu comesse e me sentisse bem. Sabia que estava muito magra, que não possuía a mesma tez rosada e bem nutrida das outras raparigas da minha idade, contudo não estava habituada a ser alvo daquele tipo de atenções.

Era uma verdadeira mãe e, embora não tivesse a coragem de lho dizer, começava a afeiçoar-me a ela como se já fosse a «minha».

A menina que alguns anos antes sonhava abraçar o céu e encontrar alguém que a libertasse, contemplava agora aquela realidade com os olhos do encantamento.

Seria capaz de não perder tudo isso?

Saí do meu quarto depois de mais uma tarde ocupada com os trabalhos da escola. Estudava muito e empenhava-me em ser boa; queria sobretudo que Anna e Norman ficassem satisfeitos comigo.

Para minha surpresa, esbarrei com alguém no corredor.

Era *Klaus*, o gato da casa. Havia decidido finalmente mostrar-se. Senti um prazer imenso e caloroso ao encontrá-lo do lado de fora do meu quarto, porque adorava animais e interagir com eles fazia-me muito feliz.

– Olá – sussurrei, sorrindo-lhe. Achei-o muito bonito: o pelo macio e comprido como algodão-doce, de um belíssimo tom cinzento-pólvora, emoldurava dois magníficos olhos amarelos muito redondos. Anna dissera-me que ele tinha dez anos, mas exibia-os com todo o seu orgulho e dignidade.

– És tão bonito... – adulei-o, perguntando-me se o animal se deixaria acariciar. Ele olhou para mim com os seus grandes olhos desconfiados. Em seguida, alçou a cauda e foi-se embora.

Fui atrás dele como uma criança, observando-o com olhos apaixonados, mas ele lançou-me um olhar carrancudo e esquivo, dando-me a entender que não estava para aí virado. Pulou pela janela e foi aterrar no telhado, deixando-me sozinha no corredor. Devia ser, na realidade, uma criaturinha solitária...

Estava prestes a sair dali, quando um barulho chamou a minha atenção. Não me apercebi de imediato: era um som ofegante que vinha do quarto ao lado. Mas não era um quarto qualquer...

Era o quarto de Rigel.

Dei-me conta de que se tratava da sua respiração. Sabia que não devia entrar, que devia manter-me afastada, todavia ouvi-lo respirar assim fez-me esquecer por um momento as minhas intenções. A porta estava entreaberta, e eu espreitei lá para dentro.

Entrevi a sua silhueta imponente. Estava de pé no meio do quarto, de costas para mim. Pela fresta, consegui ver as veias salientes dos seus braços retesados e os punhos fechados junto do corpo.

Foram estes que chamaram a minha atenção. A pele estava esticada nos nós dos dedos e os dedos que estava a esmagar com toda a força mostravam-se exangues. Apercebi-me da tensão que lhe percorria os músculos até aos ombros e não fui capaz de perceber.

Parecia... *furioso*?

O soalho atraçou-me com um rangido antes de poder ver melhor. Os seus olhos dardejaram na minha direção e sobressaltei-me. Numa reação instintiva recuei, mas logo em seguida a porta fechou-se de repente, arruinando todas as minhas conjecturas.

A minha cabeça não parava de dar voltas, ao mesmo tempo que mantinha os olhos fixos no quarto. Teria visto que era eu? Ou apenas que era alguém? Senti uma pontada de mortificação picar-me o peito, ao mesmo tempo que as dúvidas me atormentavam a alma. Mordi o lábio e afastei-me às arrecuas, antes de recomençar a andar, expedita.

Enquanto descia as escadas, impedi a minha mente de se repreender em demasia. Rigel não estava a olhar para mim. De nenhuma maneira...

– Nica – ouvi a voz de Anna chamar-me –, será que podes ajudar-me?

Levava nas mãos um cesto de roupa lavada. Afugentei para longe a minha inquietação e aproximei-me de imediato dela, ansiosa como todas as vezes que se dirigia a mim.

– Claro que sim.

– Agradeço-te. Ainda tenho alguns assuntos para resolver, se pudesses arrumar-me estas coisas... Sabes o lugar de cada uma?

Segurei o cesto perfumado entre as mãos, assegurando-lhe que conseguiria encontrar a gaveta certa onde arrumar os seus naperões de renda.

A vivenda não era muito grande, e eu percorri-a de uma ponta à outra, detendo-me de quando em vez para encher uma gaveta ou abrir a porta de um roupeiro; aprendi onde ficavam algumas coisas, e desta vez tive ocasião de aprofundar ainda mais o conhecimento da casa; enquanto arrumava os meus vestidos no quarto, senti vergonha pelo facto de Anna ter visto o quanto eram velhos e púidos.

Quando saí do meu quarto, apercebi-me de que no cesto só restavam duas *T-shirts* de manga curta.

Eram de homem. Acariciei-as com os dedos, pensativa. De súbito surgiu-me a dúvida – não, a certeza – de que Norman não usava roupas tão gastas.

Eram de Rigel.

Virei-me para a porta do quarto dele. Depois do que havia acontecido apenas alguns minutos antes, a ideia de me aproximar de novo bloqueou-me. Não tinha a certeza de que não me tivesse reconhecido, no entanto sabia que não tinha autorização para entrar de maneira nenhuma. Rigel fora muito claro quanto a isso.

No entanto, estava a fazer um favor a Anna. Depois de tudo o que ela havia feito por mim, como podia recusar-lhe um gesto tão insignificante? Garanti-lhe que podia confiar-me uma tarefa simples como aquela, e não queria ter de voltar para junto dela engolindo o que lhe havia dito.

Hesitei um pouco, mas por fim encontrei-me de novo na frente da porta.

Engoli em seco, depois levantei uma mão e munindo-me de coragem, bati ao de leve. Não obtive resposta.

Teria batido com pouca força? A ideia de que talvez ele já não estivesse no quarto acendeu uma pequena chama de esperança dentro de mim e ganhei coragem. Rigel tinha-me dito para não entrar, e teria sido melhor para mim dar-lhe ouvidos, mas talvez pudesse aproveitar a sua ausência para deixar ali as suas roupas sem ter de encontrá-lo.

Levei a mão à maçaneta e rodei-a...

Sobressaltei-me quando o metal me escapou debaixo dos dedos.

A porta abriu-se e todas as minhas esperanças se desfizeram.

As suas íris capturaram as minhas como um feitiço de magia negra.

Deparei-me com ele na minha frente e as pernas tremeram-me.

Como era possível que os olhos de um rapaz de dezassete anos queimassem dessa maneira?

– Pode *saber-se* o que pretendias fazer? – perguntou num tom de voz lento e gélido. A sua expressão não augurava nada de bom. Os meus olhos pousaram na roupa lavada e num impulso os dele imitaram-me.

– Eu... – gaguejei. – Estas roupas são tuas, e só queria deixá-las...

– *Que parte da frase* – disparou Rigel, olhando de novo para mim –, «não entres no meu quarto» é que não *entendeste*?

Engoli em seco e senti-me esmagar pela dureza incontestável que irradiava nos seus olhos.

– Foi a Anna que me pediu – expliquei. Sentia uma necessidade urgente de garantir a mim mesma e a ele também que nenhum interesse pessoal me impelira até ali, mas tão só o sentido do dever. Apercebi-me demasiado tarde de que aquelas palavras possuíam o mesmo sabor de uma mentira. – Pediu-me um favor. Só estou a fazer-lhe um favor...

– Faz esse favor a ti mesma.

Com um gesto seco, Rigel tirou-me o cesto das mãos. As suas pupilas pregaram-me ao chão, mordazes e admoestadoras.

– Desaparece da minha vista, Nica.

Chamava-me sempre Nica, e não *falena*, quando me insultava. Como se chamar pelo meu nome conferisse uma nota definitiva às suas palavras.

Já estava a preparar-me para fechar a porta quando apertei os dedos com força, sentindo o leve arranhar dos pensos rápidos beliscar o ar.

– Foi apenas um gesto de delicadeza – disse com recriminação, tentando rivalizar em vão com a atitude dele. – Como é possível que não sejas capaz de entender isso?

A porta deteve-se.

Vislumbrei uma sombra perpassar-lhe pelas íris negras quando ele, com os

olhos cravados em mim e os lábios incrivelmente firmes, murmurou:

– Um gesto de... *delicadeza*?

Retesei-me. Rigel voltou a abrir a porta devagar, e os meus músculos endureceram um por um.

Deu um passo em frente, alto e intimidante, e eu engoli em seco ao mesmo tempo que apoiava o pulso na ombreira da porta, mesmo por cima da minha cara, dominando-me com olhos gélidos.

– Eu não quero... a tua *gentileza* – jorraram-lhe dos lábios essas palavras vagarosas e ameaçadoras. – *Quero-te* fora do meu caminho.

A sua voz profunda tocou-me com intimidade. Fundiu-se com o meu sangue. Afastei-me de imediato e os olhos dele seguiram-me com uma precisão incrível.

Fitei-o assustada com as reações que despertava em mim. Por uma vez na vida desejei sentir raiva, desprezo ou rancor pelo seu comportamento, mas no peito picava-me uma irritação muito mais profunda, que quase me magoava.

Pouco depois ele voltou a fechar a porta e o silêncio engoliu-me de novo.

Enterrei os dentes no lábio e dei por mim a cerrar os punhos, esforçando-me por expulsar de mim aquelas sensações. Porque é que me sentia tão ferida? Era sempre assim. Esse era apenas um dos inúmeros contrastes que havia entre nós. Fora uma tonta em ousar pensar o contrário.

Rigel *mordia-me* desde que me entendia por gente, não queria que lhe tocasse, que me aproximasse ou que o tentasse compreender. Não queria nada de mim, mas, ao mesmo tempo, sabia atormentar-me como ninguém. Obcecava-me. Às vezes parecia querer destruir-me, outras vezes odiava até ter-me por perto.

Era uma criatura relutante, enigmática e sombria. Um verdadeiro lobo.

Possuía o fascínio da noite, e os olhos remotos e frios como a estrela do qual recebeu o nome. E eu... eu devia parar de ter esperança de que a situação mudasse.

Voltei para junto de Anna para a informar de que já havia terminado a tarefa de que me incumbira, esforçando-me por ocultar o meu estado de espírito. Ela, como única resposta, agradeceu-me com um sorriso encantador. Perguntou-me se me apetecia um chá e eu aceitei num piscar de olhos, e acabámos depois a conversar no sofá na frente de duas chávenas fumegantes.

Fiz-lhe perguntas sobre a loja e ela falou-me do seu assistente, Carl, um excelente rapaz que lhe dava uma ajuda. Ouvi-a embevecida, com entusiasmo, tentando não perder pitada de tudo o que me contava, e mais uma vez fiquei enfeitiçada pela luz e pelo calor que o sorriso dela emanava. A sua voz era como uma carícia, uma luva que me fazia sentir aconchegada, quente e protegida. Os cabelos claros e as feições agradáveis resplandeciam diante dos meus olhos como se fossem dotados de uma luminescência que só eu era

capaz de ver.

Para mim, Anna possuía o brilho dos contos de fadas e nem sequer tinha consciência disso. Às vezes, olhava para ela e lembrava-me da minha mãe, dos seus olhos doces ao sussurrar-me quando era pequena: «É a delicadeza, Nica. A delicadeza, sempre... Não te esqueças disso.»

Gostava muito. E não só porque dentro de mim sentia uma necessidade desesperada por afeto, não só porque sempre havia sonhado com um sorriso ou com uma carícia... mas também porque possuía uma sensibilidade rara, e um desvelo que nunca encontrara em mais ninguém.

Depois de terminarmos a conversa, subi até ao meu quarto para ir buscar a enciclopédia que tomara de empréstimo e devolver a mesma ao seu lugar. Lá em baixo havia uma sala com uma estante que ocupava a parede inteira; entrei com o livro enorme bem encostado junto ao peito, e apreciei o modo como a luz se refletia no ambiente. Os derradeiros raios de sol conferiam uma atmosfera cálida e acolhedora, banhando as cortinas brancas; o piano de cauda reluzia com suavidade ao centro como um trono sem rei.

Aproximei-me da parede repleta de livros e voltei a colocar a enciclopédia no respetivo lugar. Precisei de erguer-me em bicos de pés porque a prateleira era um pouco alta para mim e por pouco não me caiu das mãos. Não obstante, fui bem-sucedida no meu intento.

Quando me virei, o coração deu-me um pulo no peito.

Rigel tinha um ombro encostado à soleira da porta e os olhos fixados em mim. A sua figura imponente pareceu despedaçar a luz cálida que me envolvia, e fez com que, de imediato, a minha pele fosse percorrida por sensações irreprimíveis. Aquela aparição tão repentina não deu tempo para me controlar: a pulsação acelerou e os meus lábios entreabriram-se. Mas nada se comparou à sensação de cruzar o meu olhar com o dele: era atento e profundo, como o de um felino que examina a presa.

Desejei não reagir à sua presença daquela maneira. A sensação de desconforto que eu sentia só se assemelhava à atração doentia que emanava de cada recanto da sua cara. O nariz reto, os lábios perfeitamente proporcionados com o rosto, o maxilar pronunciado que dotava as feições delicadas de uma harmonia impecável, e depois... o seu olhar. Os olhos amendoados despontavam debaixo das sobrancelhas arqueadas e irradiavam uma segurança destabilizadora e provocadora.

– Vai ser sempre assim, não é verdade?

Fui eu quem falou. Assim que me dei conta, não consegui mais esconder aquele véu de melancolia.

– A nossa relação... não vai mudar nem mesmo agora que nos encontramos aqui.

Nesse momento dei-me conta de que, debaixo dos braços cruzados,

empunhava um livro de Chesterton. Tinha-o visto ler nos últimos dias, por isso intuí que ali estivesse por já o ter terminado.

– Dizes isso como se te desagradasse – respondeu com a sua voz sinuosa.

Retraí-me ao de leve; ainda que estivesse distante, aquele timbre exercia um efeito estranho em mim.

Rigel inclinou o rosto devagar, fitando-me com ar circunspecto.

– Gostarias que fosse diferente?

– Gostaria que tu fosses menos hostil – explodi com precipitação, e perguntei-me por que motivo a minha voz parecia quase uma súplica. – Gostaria que não olhasses para mim sempre assim... dessa maneira.

– *Dessa maneira...* – repetiu. Fazia sempre isso. Distorcia as minhas afirmações, transformando-as em perguntas, e modulava-as com aquele tom pausado e tortuoso, calcando as palavras com a língua.

– Dessa maneira – retorqui, obstinada –, como se me visses como uma inimiga. Conheces tão pouco os gestos de gentileza que quando vês um nem sequer o sabes reconhecer.

O que eu não queria admitir era que isso me magoava.

Magoava-me quando falava comigo dessa maneira.

Magoava-me quando me insultava.

Magoava-me quando não me dava a oportunidade de melhorar as coisas.

Depois de todo aquele tempo, já devia estar habituada, devia temê-lo e ponto final, no entanto... eu só queria resolver tudo. Eu... era assim mesmo.

– Sei reconhecer a gentileza. Só acho que não passa de uma hipocrisia.

Agora, Rigel olhava para mim com os seus olhos sérios e reflexivos.

– Trata-se de uma atitude fabricada, artificial... um convencionalismo inútil.

– Enganas-te – objetei. – A gentileza é sinónimo de sinceridade. E não pede nada em troca.

– A sério? – Os seus olhos cintilaram, quando semicerrou as pálpebras ao de leve. – Ainda assim, devo discordar de ti. A gentileza é algo forçado... sobretudo quando é dirigida a *qualquer um*.

Pareceu-me detetar algo mais por detrás das suas palavras, todavia concentrei-me no que ele havia dito, porque me escapava o seu significado. Onde é que ele pretenderia chegar?

– Não compreendo o que queres dizer – repliquei, manifestando a minha confusão. Tentei interpretar o seu raciocínio, mas Rigel encarou-me com um olhar fixo que me penetrou a alma, com aqueles olhos que arrepiavam, deixando-me com pele de galinha.

O coração começou a bater-me nos recantos mais díspares e experimentei uma sensação de pânico ao dar-me conta de que tudo aquilo se devia apenas à expressão do olhar dele.

– Para ti, eu sou o fabricante de lágrimas – proclamou. – Ambos sabemos a que é que te referes. «Não vais estragar as coisas», disseste-me uma vez... Eu sou o lobo mau da história, não é verdade? Então, diz-me uma coisa, Nica: que nome dás a uma gentileza para com alguém que gostarias de ver desaparecer, se não... *hipocrisia*?

Fiquei perplexa com o cinismo dele. Para mim a gentileza era uma virtude, era a delicadeza no seu máximo esplendor, mas ele tinha invertido tudo com um raciocínio de tal maneira retorcido a ponto de possuir uma lógica muito sua. Rigel era sarcástico, desdenhoso e sagaz, mas nunca pensei que isso se devesse à sua visão amarga do mundo.

– Como é que gostarias que fosse? – reclamou a sua voz, fazendo-me estremecer.

Fiquei alarmada quando o vi desencostar-se da porta e aproximar-se de mim.

– A nossa *relação*... como é que achas que deveria ser?

Recuei até sentir os livros a espetarem-se nas minhas costas. A voz dele era pura seda, sempre no limiar entre um silvo e um grunhido, e às vezes era difícil compreender se estava a reprimir a raiva ou se queria insinuar-se mais a fundo.

– Não te aproximes – intimei-o, mal ocultando a minha agitação. – Dizes-me para ficar longe de ti e depois... depois... – As palavras morreram-me na boca. Rigel já se elevava sobre mim, dominando-me com a sua presença esmagadora e os olhos baixos cravados nos meus. À luz do pôr do sol, os seus cabelos negros possuíam reflexos de veneno.

– Vamos lá, então. *Escutemos* – sussurrou, implacável, quase sem inclinar o rosto. Mal lhe dava pelo peito, e o ar pulsava entre nós como se estivesse vivo. – Olha para ti... Até a minha voz te assusta.

– Não entendo o que pretendes, Rigel. Não entendo... primeiro, insultas-me e, no instante seguinte...

Respiras sobre mim, gostaria de ter dito, mas o coração impediu-me de falar. Sentia-o na garganta, como um alarme que me lembrava o quanto ele estava perto.

– Sabes porque é que os contos de fadas terminam sempre com um «para sempre», Nica? – sibillou ele, inabalável. – Para nos recordar que existem coisas que estão destinadas à eternidade. Coisas imutáveis. Coisas que não mudam. Está na sua natureza ser como são, caso contrário a história inteira não se sustentaria. Não é possível subverter a ordem natural sem alterar o final. E tu, tu que fantasias tanto... tu que não fazes outra coisa a não ser *acalentar esperanças*... tu que estás tão agarrada ao teu final feliz, terias a coragem suficiente para imaginar um conto de fadas *sem* um lobo mau?

A voz dele não foi mais do que um sussurro feroz, profundo, capaz de me

aterrorizar.

Estremeci diante da sua presença, e Rigel perscrutou-me bem no fundo dos meus olhos, observando-me sob as longas pestanas por um instante que me pareceu interminável. As suas palavras criaram desordem e caos dentro de mim, orbitaram como partículas de uma galáxia incompreensível.

Logo em seguida, assim sem mais nem menos, Rigel levantou uma mão. Aproximou-a da minha cara e eu fechei os olhos com toda a força num gesto instintivo, como se tivesse medo de que ele pudesse fazer-me mal. Esticou o braço para a frente e...

Não aconteceu nada. Arregalei os olhos ainda com o coração a bater descompassado, mas Rigel já se encontrava longe dali, ocupado a escapulir-se pela porta. Tive uma intuição, e virando-me para trás verifiquei que se havia limitado a depositar o livro na prateleira atrás de mim.

Os meus batimentos cardíacos acalmaram, mas sentia-me demasiado confusa e perturbada para ordenar as minhas ideias.

Como é que deveria interpretar os seus gestos?

E aquelas palavras? O que é que significavam?

Reparei que no livro ainda se encontrava o marcador. Tinha a certeza de que ele já tinha terminado de o ler, por isso, passado um momento, peguei nele e abri-o.

Numa das duas páginas assinaladas, os meus olhos foram cativados por uma passagem.

Alguém a tinha sublinhado a lápis.

O meu coração começou a ficar cada vez mais pesado à medida que eu ia lendo, afundando-se em universos nebulosos até se perder.

– O senhor é um diabo?

– Eu sou um homem – respondeu o padre Brown em voz grave.

– E, por conseguinte, todos os demónios habitam o meu coração.

Um pequeno passo de cada vez

Já alguma vez viste uma estrela cadente?

Já alguma vez a viste brilhar na noite?

Ela era assim.

Estranha. Minúscula e poderosa.

*Com um sorriso que iluminava tudo
mesmo quando desmoronava.*

O vento soprava nessa manhã.

Vergava os caules das ervas e das plantas e mantinha o céu límpido; o ar era cristalino e puro como um detergente com perfume de limão. Fevereiro, na nossa terra, sempre fora um mês ameno e tépido.

A sombra de Rigel na minha frente resvalava no asfalto como uma pantera de chumbo derretido; observei os seus passos precisos, como colocava um pé na frente do outro, dominante até mesmo na maneira de andar.

Mantive-me à distância a partir do momento em que tínhamos saído de casa: deixara-me ficar para trás, cautelosa, e ele começara a caminhar sem nunca se voltar.

Depois do episódio da noite anterior, a mente não me dava tréguas.

Fui dormir com a voz dele na cabeça e acordei sentindo-a no estômago. Por mais que tivesse tentado livrar-me dela, ainda sentia a presença do seu odor sobre a minha pele.

Não parava de dar voltas àquele encontro e às suas palavras como se fossem notas dissonantes de uma canção indecifrável. No entanto, quanto mais tentava perceber a melodia que regia os seus gestos, mais me afundava nas suas contradições.

Um segundo mais tarde esbarrei nas costas dele e pisquei os olhos, lamentando-me com um queixume. Não me tinha apercebido de que se tinha detido. Levei uma mão ao nariz e ele observou-me por cima do ombro, enfadado.

– Desculpa... – escapou-me. Mordi a língua e desviei o olhar. Ainda não lhe tinha dirigido a palavra desde a noite anterior, e fazê-lo por causa da minha falta de jeito mortificou-me o espírito.

Rigel recomeçou a andar e eu esperei que estivesse a alguns passos de distância antes de fazer o mesmo.

Ao fim de alguns minutos passámos por cima da ponte que atravessava o rio. Era velha, uma das primeiras construções da cidade, e também a única que reconheci ao longe no dia em que tínhamos chegado. Alguns operários estavam a efetuar trabalhos de inspeção. Norman lamentava-se todos os dias por chegar atrasado por conta disso, e pude perceber porquê.

Já tínhamos chegado aos portões da escola, quando reparei numa coisa na berma da estrada. Algo capaz de tocar cordas muito subtis e profundas dentro de mim, e de despertar a minha alma de menina.

Um pequeno caracol estava a percorrer o asfalto, confiante e temerário. Os automóveis passavam na frente dele quais colossos trepidantes, mas ele não parecia dar-se conta disso. A sua lentidão poderia acabar por levá-lo direitinho para debaixo das rodas de um carro, por isso, sem sequer refletir, precipitei-me na sua direção. Não saberia dizer o que me passava pela cabeça em momentos como esse, mas talvez fosse mais eu mesma do que quando fingia ser como as outras pessoas. Era uma necessidade para mim tentar ajudar criaturas assim tão pequenas. Um instinto do coração.

Desci do passeio e peguei nele antes de ter tempo de atravessar a rua e encontrar a morte; os cabelos espalharam-se por todo o meu rosto, mas quando vi que o bichinho estava bem e inteiro, um sorriso espontâneo aflorou-me aos lábios.

– Apanhei-te – sussurrei, apercebendo-me tarde de mais de ter acabado de fazer um disparate. Ouvi o rugido de um motor, um carro que se aproximava a toda a velocidade atrás de mim. O coração saiu-me pela boca. Não tive tempo de me virar e senti algo puxar-me com força, afastando-me dali.

Dei por mim no passeio com os olhos esbugalhados e o som furioso da buzina que passava disparada ao meu lado.

Uma mão tinha-me agarrado pela camisola à altura do ombro, e agora estava a espreme-la em pleno ar. Quando cruzei o meu olhar com aquele que pairava no ar sobre mim, parei de respirar.

Rigel observava-me com o maxilar cerrado, os olhos cortantes como lâminas de aço. Soltou-me de repente, quase com nojo, e a parte já deformada da camisola caiu-me de novo sobre o ombro.

– Porra – rosnou entre dentes. – Mas onde é que tens a cabeça?

Abri os lábios para falar, mas não fui capaz de responder. Sentia-me incrédula e atordoada. Antes de ter tempo de fazer alguma coisa, ele virou-me as costas e deixou-me ali especada, encaminhando-se na direção dos portões.

Fiquei a vê-lo afastar-se, com o caracol encerrado entre as palmas das minhas mãos. Vários olhares femininos ergueram-se à sua passagem a par de um sem-número de cochichos. Depois da briga do primeiro dia, os rapazes deixavam-no passar, cautelosos, e as raparigas, por outro lado, devoravam-no com os olhos como se esperassem que ele também fosse saltar-lhes para cima.

– Nica!

Billie vinha ao meu encontro. Antes que ela me pudesse alcançar, apressei-me a colocar o caracol em segurança: pousei-o em cima de um muro baixo, perto de um arbusto, e assegurei-me de que não corria o risco de rebolar dali, caindo no chão.

– Olá – saudei a minha amiga, ao mesmo tempo que passava por um grupinho de caloiras eufóricas. Havia mais confusão do que de costume nesse dia, todos pareciam mais barulhentos, mais agitados, mais entusiasmados. Percebi algo estranho no ar, uma espécie de excitação que não era capaz de compreender.

– Cuidado – advertiu-me, quando outro grupinho exaltado passou ao nosso lado a correr.

– Mas... o que é que está a acontecer? – perguntei, começando a andar. Afinal de contas, era uma sexta-feira como as outras e não percebia o que pudesse desencadear tanta agitação.

– Não sabes o que acontece na segunda-feira? – Billie ergueu uma mão a fim de saudar Miki, dando-me tempo para responder. Pensei sobre isso durante um momento, tentando captar algo que, como era óbvio, estava a escapar ao meu entendimento.

– É... dia 14 – murmurei, sem compreender.

– E isso não te diz nada?

Senti-me deveras obtusa porque, olhando em redor, tive consciência de que qualquer rapariga da minha idade sabia de cor e salteado que dia era na segunda-feira. Com uma certeza mais do que absoluta. Mas eu não era como as minhas colegas, tinha crescido num contexto muito particular que me mantivera à margem até mesmo das datas festivas mais banais.

– Oh, deixa-te disso! É o dia mais piegas e foleiro do ano... – cantarolou. – E festeja-se aos pares...

Uma intuição fez com que as minhas faces se ruborizassem.

– Oh... é o dia dos namorados... São Valentim.

– *Bingo!* – vociferou Billie, mesmo diante da cara de Miki; esta olhou para a amiga de lado, com o capuz levantado, o fumo do cigarro arrastado pelo vento.

– Voltaste a comer pacotes de açúcar ao pequeno-almoço? – perguntou com aspereza.

– Bom dia, Miki – cumprimentei-a em voz baixa.

Os olhos dela cruzaram os meus e eu levantei uma mão devagar, tentando

não parecer invasiva. Ela tirou um cigarro do maço com lentidão, mas tal como todas as manhãs não me respondeu.

– Estava a tentar explicar à Nica o motivo por que estão todos assim tão empolgados – começou Billie por dizer, dando-lhe uma cotovelada. – Afinal de contas o Garden Day só acontece uma vez por ano!

Inclinei a cabeça.

– O Garden Day? O que é isso?

– Oh, é apenas o acontecimento mais esperado do ano letivo – respondeu Billie, dando-nos o braço sem grande entusiasmo. – Uma celebração que arrasta multidões!

– Uma celebração que dá náuseas – replicou Miki, mas a amiga ignorou-a.

– Todos os anos, no dia de São Valentim, um comité monta um pavilhão especial dedicado às... *rosas*! Cada aluno pode oferecer uma rosa de forma anónima a quem desejar, e cada tonalidade possui um significado diferente! Oh, precisas de ver a cena, circulam feixes e ramos de todas as cores! São oferecidos às raparigas mais populares, aos jogadores da equipa... Houve um ano em que até o treinador Wilder foi encontrar o cacifo dos professores cheio delas... Havia quem jurasse ter visto a diretora rondar por ali com ar furtivo...

Miki ergueu os olhos para o céu e Billie saltitou, soltando risadinhas.

– Oh, é o dia dos dramas! E das declarações, e dos corações despedaçados... Em suma, é o Garden Day!

– Parece uma coisa bonita... – constatei, esboçando um sorriso ténue.

– Como um dia no manicómio – murmurou Miki entre dentes, e Billie deu-lhe um empurrão.

– Já acabaste de te armar em refilona? Oh, não lhe dêes ouvidos, Nica – declarou, agitando a mão. – No ano passado recebeu quatro rosas lindíssimas. E eram todas vermelho-fogo...

Levou uma cotovelada nas costelas e deu-lhe um ataque de riso; Miki entalou a beata nos dedos e depois deitou-a fora, atirando-a para junto do muro baixo onde antes eu havia deixado o caracol.

Nesse momento, reparei na presença de um rapaz sentado ali mesmo. Detive-me, observando-o por um instante, e quando tive a certeza de que tinha visto bem, arregalei um pouco os olhos.

Miki e Billie começaram a discutir, alfinetando-se uma à outra; virei-me para elas, indecisa, mas antes que se dessem conta da minha presença, aproveitei a distração das duas e afastei-me esbaforida.

Atravessei o pátio e aproximei-me do desconhecido: as árvores atrás dele agitaram-se, projetando sobre ele uma sombra rendada.

– Hum... desculpa... – chilreei.

Ele não me ouviu; continuou a ouvir música de cabeça baixa e os olhos cravados no telemóvel. Avancei mais um pouco, estendendo os dedos.

– Desculpa... estás a ouvir-me?

Vi-o franzir a testa e levantar o rosto; piscou um olho para evitar encarar a luz do sol e olhou para mim algo entediado.

– Sim? – perguntou.

– O caracol...

– Hã?

Entrelacei os dedos debaixo do queixo, com os olhos algo arregalados.

– Eu, bom, isto... Posso tirar o caracol das tuas calças?

Ele pestanejou, olhando para mim e dilatando um pouco as narinas.

– Desculpa... o que foi que disseste?

– Gostaria de pegar no caracol com a minha mão...

– Queres pegar no... *meu caracol*?

– Sim, mas... vou ter cuidado – apressei-me a dizer, quando ele me fitou consternado. – Pousei-o aqui depois de o ter tirado da estrada e... se ficares quieto, só queria pô-lo num lugar seguro...

– Mas que diabo é que estás... *Oh, merda!*

Reparou no rasto de baba nos *jeans* e saltaram-lhe os auriculares: pôs-se de pé num pulo enojado e eu inclinei-me quando ele tentou enxotá-lo de cima de si.

– Espera!

– Sai, sai, porra!

– Por favor!

Tirei-o de cima dele antes que o rapaz o atirasse ao chão ou pior, o pisasse. O garoto cambaleou para trás, fitando o caracol entre as minhas mãos com um esgar horripilante.

– Que inferno! Eu não digo! Com tanto sítio que havia aqui! Que nojo, porra!

O caracol escondeu-se, e eu lancei-lhe um olhar um pouco ofendido; verifiquei se a casca não estava rachada e encerrei-o entre as palmas das minhas mãos, mantendo-o quente.

– É tímido... – murmurei, um bocadinho amuada. Uma parte de mim esperou que ele não me tivesse ouvido, mas não falara baixo o suficiente.

– Como? – indagou ele, dirigindo-se a mim, vagamente furioso.

– Não fez de propósito – disse em defesa da criaturinha num fio de voz –, não é capaz de compreender. Não te parece?

Ele fitou-me com olhos alucinados, enojado e incrédulo; senti-me infantil, pequena e esquisita, como uma criança encurralada num mundo em que os outros sempre olharam para ela dessa maneira.

– Não mete nojo... – prossegui devagar, como se quisesse defender uma parte de mim. – Trata-se de uma criatura muito frágil... Só pode defender-se. Não tem como fazer mal a nada nem a ninguém.

Os cabelos faziam-me cócegas em ambos os lados da cara enquanto permanecia nessa posição, com o queixo inclinado ao de leve.

– Às vezes sai da casca com a chuva. É um presságio de aguaceiros e temporais... Pressente-os, sabias? Antes de todos os demais...

Dirigi-me devagar até ao muro baixo, segurando o caracol junto ao peito.

– Dentro da casca... sente-se em segurança. É a sua casa. – Agachei-me aos pés da árvore, no limite do relvado antes de chegar às redes onde não passava ninguém. – Mas se esta rachasse, ou se se partisse... os fragmentos ficariam presos lá dentro e acabariam por matá-lo. E ele não conseguiria sobreviver. De maneira nenhuma. Porque este é o seu refúgio... A única proteção de que dispõe. É... triste, não achas? – murmurei, amargurada. – Aquilo que o protege é também o que pior lhe pode fazer.

Deixei-o perto das raízes, depositando-o ali com todo o cuidado. Permaneceu quieto e escondido, demasiado receoso para sair, e eu removi um pouco a terra, procurando a parte inferior, onde esta era mais húmida, para que o bichinho se sentisse bem.

– Pronto... – sussurrei, esboçando um ténue sorriso. Depositava nos meus gestos toda a delicadeza que a minha mãe me tinha ensinado.

Voltei a pôr-me de pé, entalando devagar uma madeixa de cabelo atrás da orelha; quando ergui o rosto, percebi que o rapaz estivera a observar-me o tempo todo.

– Nica, ei! – Billie, diante da porta, tinha um braço levantado. – O que é que estás a fazer? Despacha-te, já é tarde!

– Já vou! – Segurei uma das alças da mochila com as duas mãos e olhei acanhada para o rapaz. – Adeus – sussurrei baixinho, antes de desatar a correr.

Ele não respondeu; em contrapartida, senti o seu olhar seguir-me até que entrei.

– Queres vir almoçar hoje a minha casa? – ouvi perguntar quando acabaram as aulas.

O estojo que estava a arrumar dentro da mochila escorregou-me das mãos e apressei-me a apanhá-lo, observando Billie, com as faces ruborizadas. Aquele convite tinha-me apanhado totalmente desprevenida.

– A minha avó está muito preocupada. Viu-te no outro dia na frente da escola, e por pouco não teve um ataque! Diz que estás muito magrinha... Passou a manhã inteira a cozinhar, acho que não vai aceitar um não como resposta... Mas só se quiseres, como é óbvio.

– Tens... tens a certeza? – perguntei, indecisa, enquanto saíamos da sala de aulas. Não sabia o que dizer. O medo de incomodar espicaçava-me sempre com a sensação de que toda a gente acabaria por desejar livrar-se de mim,

como se no fundo não gostassem de mim de verdade.

Contudo, Billie era simpática, e agitando a mão presenteou-me com um sorriso dos seus.

– Claro que sim! A minha avó por pouco não me atirou da cama abaixo hoje de manhã. Apontou para mim com um dedo espetado: «Diz à tua amiga que hoje é nossa convidada!» Afirmo que tens todo o ar de quem nunca comeu o seu empadão de batata. Um verdadeiro sacrilégio! – Solto uma risada e lanço-me um olhar de soslaio. – Então, vens?

– Primeiro... preciso de pedir autorização. Sabes, só para saber se não há problema...

– Claro! – respondeu ao mesmo tempo que eu tirava um pequeno cartão onde se encontrava escrito o número de telefone de Anna.

Dirigi-me à secretaria onde perguntei com educação se podia fazer um telefonema.

– Para a minha família – especifiquei junto da secretária, e foi com uma pontada de felicidade e de orgulho que a vi anuir.

Anna atendeu ao terceiro toque, e não só consentiu com serenidade, como também se mostrou contente por não me encontrar sozinha. Disse-me que podia sair sempre que quisesse e que não tivesse pressa de voltar para casa, e o meu apreço por ela aumentou ainda mais. Confiava em mim, era tolerante e compreensiva. Preocupava-se bastante, mas a sua apreensão não era sufocante: respeitava a minha liberdade de uma maneira que a tornava muito importante aos meus olhos.

– Perfeito, vou avisar a minha avó! – chilreou Billie, enviando-lhe uma mensagem.

Senti um sopro de leveza. Sorri-lhe de uma maneira tão exagerada que cheguei a sentir os olhos arquearem-se, apercebendo-me da oportunidade de estarmos juntas que ela me estava a dar.

– Obrigada – disse eu, e ela esboçou um sorriso franzindo as sobrancelhas.

– Estás a gozar? Nós é que te agradecemos!

– Nunca ninguém me tinha convidado antes...

Os seus olhos detiveram-se, procurando os meus, como se de repente se tivesse lembrado de algo importante, mas depois foi obrigada a desviar-se quando algumas raparigas entusiasmadas passaram por nós. No corredor reparei que as pessoas esvaziavam os cacifos, removendo o cadeado antes de se irem embora.

– O Garden Day está aí à porta – Billie sorriu. – No ginásio estão a montar as tendas para as rosas. Depois, na segunda-feira, os membros do comité andarão pela escola a distribuí-las pelos alunos.

– Mas porque é que muitos deles estão a esvaziar os cacifos? – perguntei, sem perceber. – Porque é que... os deixam abertos?

– Oh, é uma espécie de tradição! Há quem se adiante a fim de entregar a rosa ao destinatário em pessoa. Os mais destemidos, digamos assim. Ou se calhar apenas os mais exibicionistas... A verdade é que quem quiser pode deixar o cacifo aberto, por conseguinte quem tiver uma rosa para oferecer pode deixá-la ali entre uma aula e outra. Enfim, para quem não tem coragem suficiente, trata-se de uma boa solução! E depois é divertido abrir a porta e descobrir que alguém lá deixou uma rosa. E também dar tratos à inteligência sobre quem pode ter feito isso, quem pensa em nós, quem não pensa, com que cor o faz! É mais ou menos como o «mal me quer, bem me quer, muito, pouco, nada...», ou «será ele, será ela, será aqueloutro...»

– Gostas muito desta celebração – aventurei-me a dizer –, não é verdade?

Billie soltou uma risadinha, encolhendo os ombros.

– E quem não gosta? Parece que toda a gente está embriagada! As raparigas ficam doidas, competindo para ver quem recebe mais flores... e os rapazes mais giros transformam-se em presas cobiçadas e disputadas! É como assistir a um documentário sobre abutres!

Ergui as sobrancelhas e ela desatou à gargalhada.

Continuou a contar-me histórias sobre o Garden Day, à medida que nos encaminhávamos rumo à saída.

– Espera – detive-a, apalpando os bolsos. – O cartão com o número de telefone da Anna... devo tê-lo deixado na secretaria.

Ainda não tinha tido tempo de o decorar e era a única forma de contacto. Desculpei-me, mortificada pela minha falta de cuidado, e garantindo-lhe que não demoraria nada, voltei para trás. Não queria fazê-la esperar, por isso corri até à secretaria, onde por sorte encontrei o cartão ao pé do balcão. Apressei-me a metê-lo de novo no bolso, aliviada, e fui-me embora.

No entanto, alguém quase esbarrou em mim no corredor. Tratava-se de um rapaz. Um verdadeiro energúmeno. Ultrapassou-me em passo acelerado e a tensão encolerizada do seu corpo era tal que captou a minha atenção, assim como a de muitas outras pessoas. Senti uma guinada no estômago e atribuí-a àquela raiva tão evidente: era uma raiva intensa, nervosa, que pressagiava violência. E isso sempre me metera medo.

– *Tu!* – gritou. – Que raio de merda é que foste dizer à minha namorada?

Deteve-se na frente de uma porta. Reconheci-a com um pressentimento que me revirou as tripas: era a sala de música. Sabia que devia estar vazia nesse momento, mas intuí *quem*, todavia, estaria a ocupá-la. Alguns alunos juntaram-se ali à volta atraídos por aquela cena, e quando também eu me aproximei, movida por uma força inexplicável, obtive a confirmação de que se tratava de Rigel.

Estava sentado na banquetta, silencioso e impecável. Os pianos exerciam nele uma estranha atração, difícil de compreender. Não a definiria como uma

paixão, mas mais como uma espécie de apelo a que não era capaz de esquivar-se.

– Ouviste? Estou a falar contigo!

Tinha a certeza de que ele ouvira, contudo Rigel nem sequer se alterou: inclinou o rosto para o lado e com uma calma extrema olhou-o de alto a baixo.

– Vi-te a falar com ela, estavas a importuná-la. – O rapaz aproximou-se ainda mais dele. – Nunca mais te atrevas a fazer isso, percebeste? – ameaçou-o.

A expressão de Rigel era impenetrável, como não fosse nada com ele. No entanto, não me tranquilizou. As asas de anjo negro envolviam-lhe o corpo, ocultas e invisíveis aos olhos de todos, mas eu temia o instante em que se abrissem de par em par a fim de mostrar o pior que havia nele.

– Não penses que podes fazer o que te der na telha só porque és novo. Aqui a banda toca outra música.

– E quem é o chefe da banda? – perguntou Rigel com ironia. – *És tu?*

Fulminou-o com o olhar e pôs-se de pé. Era mais alto do que ele, mas o que intimidava mais do que tudo era a ausência de ardor no seu olhar. Aquelas íris de tubarão arranhavam-nos a pele.

– Se eu fosse a ti preocupava-me com *outra coisa* – respondeu-lhe –, talvez fosse melhor perguntar à tua namorada porque é que eu haveria de estar a perder o meu tempo com ela...

Pôs-se à frente dele, e o rapaz cerrou os punhos desnorteado e furibundo.

– Que raio acabaste de dizer? – rosnou ao mesmo tempo que Rigel lhe virava as costas, pegando nas folhas que pousara em cima do piano. – Onde é que pensas que vais? Ainda não acabei! – berrou o rapaz fora de si. – E olha para mim quando falo contigo, cabrão!

Puxou-o com agressividade pelo ombro, mas no momento em que lhe tocou desejei que não o tivesse feito. Logo depois uma mão agarrou-o pela nuca e a sua cara foi embater com uma brutalidade inaudita de encontro ao piano. Produziu um barulho terrível, o meu coração deu um pulo e pareceu-me que alguém ao pé de mim susteve a respiração.

O coração galopava-me na garganta à medida que Rigel empurrava e enterrava as unhas no cabelo do rapaz, arrancando-lhe um queixume alquebrado. Descarregou-lhe no crânio toda a sua fúria, muda e gélida, e pouco depois – com a mesma velocidade com que o havia agarrado – soltou-o. O outro desabou no chão, atordoado, sem ter tempo para poder levantar-se. Fiquei gelada com a rapidez com que ele reagira, a energia com que o havia agarrado e a força com que o agredira.

Rigel contornou-o em passo lento, inclinando-se a fim de apanhar as folhas que tinham caído no chão. Ninguém se atrevia a respirar.

– A tua namorada tirou-me uma fotografia – murmurou com voz arrastada. – Aposto que não te contou nada. Aproveitando que estás aqui, diz-

lhe para não voltar a fazê-lo.

Depois apercebeu-se de que eu também ali estava, e os seus olhos cravaram-se em mim.

– Mas com *delicadeza*, não te esqueças, é um conselho que te dou... – acrescentou, sarcástico.

Saiu da sala antes que algum professor tivesse tempo de ali chegar. Permaneci imóvel com o coração a latejar-me nos pulsos. Olhei em redor e vi algumas raparigas segui-lo com os olhos, atemorizadas, mas nem por isso menos enfeitiçadas pelo fascínio enigmático e agressivo que a sua figura irradiava.

Acabara de fazer uma demonstração de violência, de frieza e de indiferença.

No entanto, todas as raparigas gostariam de se deixar engolir pelo mistério perigoso que os seus olhos desprendiam.

Quando regresssei ao pátio, abalada, tinha um gosto estranho na boca. Ainda via aquela cena diante dos meus olhos...

– Aqui estás tu! – exclamou Billie, recebendo-me com um sorriso. – Encontrei-o?

Pestanejei, esforçando-me por lhe ocultar a minha perturbação. Rigel causava em mim sensações incompreensíveis, profundas e inquietantes.

– Sim – limitei-me a sussurrar. Mordi o lábio e desviei o olhar, impedindo-a de descobrir e de compreender.

– É melhor irmos andando – instigou-me. O enorme *Wrangler* encontrava-se mesmo no meio da rua movimentada, entre condutores furiosos e uma fila de motorizadas. – A situação não parece muito favorável.

– Só um momento, mas... não vamos esperar pela Miki?

– Oh, não, ela não vem – respondeu com toda a calma. – Hoje não pode.

Julguei que seríamos as três para o almoço, e afinal...

Transpusemos os portões e apressámo-nos a chegar ao carro.

Quando abri a porta, a avó da Billie lançou-me um olhar por detrás dos óculos de sol.

– Olá, avó! Como é que está a anca hoje?

– Chega de conversa fiada, entrem – ordenou de imediato, autoritária, e nós obedecemos. Instalei-me no banco traseiro, fitando-a com os meus grandes olhos cândidos.

– Esta é a Nica – apresentou-me Billie, enquanto a avó arrancava com o carro. Levantei uma mão, com timidez, e ela olhou para mim através do espelho retrovisor. Por instinto, senti uma ferroadada no coração devido ao receio de não lhe agradar, e temi não estar à altura das suas expectativas, fossem elas quais fossem.

– Olá, querida – respondeu, pelo contrário, com voz doce, fazendo-me

relaxar.

Sorri, aliviada. Decidi por fim desfrutar do momento, e releguei Rigel para um recanto da minha mente, muito longe de tudo o resto.

A casa da Billie não ficava muito longe da escola. Situava-se num bairro sossegado perto do rio, numa ruela tão estreita que o *Wrangler* conseguiu passar mesmo à justa.

Tivemos de subir umas escadas antes de chegar a uma pequena e encantadora porta vermelha, ao lado de um suporte para guarda-chuvas em latão.

O apartamento era pequeno, porém acolhedor, com as paredes repletas de fotografias e de quadros, todos eles um pouco tortos e amontoados; as vigas de madeira expostas escoravam o teto e o soalho visivelmente gasto conferia ao ambiente uma intimidade que me fez sentir aconchegada e protegida. No ar pairava o odor de um assado que fazia crescer água na boca; comi até rebentar, e descobri que a avó da Billie, por detrás das suas maneiras algo abrutalhadas, escondia uma preocupação afetuosa e bastante maternal.

Assegurou-se de que eu repetia o seu empadão, e perguntou-me há quanto tempo me havia mudado para ali. Respondi-lhe que viera de um orfanato, e quando com um sorriso esperançoso lhe contei que me encontrava em fase de adoção, uma profunda doçura preencheu-lhe o olhar. Contei-lhe sobre o dia em que tinha conhecido Anna, sobre a manhã em que a vira ao fundo das escadas, e sobre o passeio que tínhamos dado no jardim, nessa tarde soalheira.

A avó de Billie escutou-me com atenção, sem nunca me interromper. Depois, quando acabei de falar, levantou-se, esticou o braço por cima da mesa e serviu-me outra dose de empadão.

Terminado o almoço, Billie mostrou-me o seu quarto.

Antes de entrar, no entanto, correu as persianas e acendeu a luz.

Eis senão quando nas paredes eclodiram milhares de centelhas luminosas; sustive a respiração: serpentes de luzinhas subiam pelas paredes, criando um verdadeiro labirinto de fotografias.

– Oh, mas isto é...

Um clarão cegou-me como um relâmpago: pestanejei, atordoada, e vi o sorriso de Billie despontar por detrás de uma câmara fotográfica.

– Estavas com uma expressão muito terna – comentou, dando uma risada e baixando a câmara, e em seguida sacou do celuloide quando este saiu. Sacudiu-o umas quantas vezes antes de mo entregar.

– Toma.

Tomei entre as mãos aquele pequeno quadrado branco, vendo as cores aflorar quase como por artes de magia: lá estava eu, com o olhar algo sonhador

e um vago sorriso a suavizar-me os lábios; à minha volta, aquele universo de luzinhas refletia-se nas minhas íris, tornando-as brilhantes como espelhos plenos de luzes.

– Podes ficar com ela! Ofereço-ta.

– A sério? – sussurrei, encantada com um presente tão bonito, que aprisionava o tempo e capturava as cores. Havia uma espécie de encantamento em possuir um fragmento de vida na palma da mão.

– Claro que sim. Tenho um monte delas, não te preocupes! A minha avó experimentou oferecer-me um álbum para as guardar, mas não sou capaz de me orientar no meio de tanta organização. Estás a ver? – Apontou para aquela galáxia de fotos. – Os nasceres do sol a oriente; e os pores do sol a ocidente. Os céus ao lado da escrivadinha, assim quando estou a estudar sinto-me mais leve. E as pessoas em redor da cama, desse modo não me sinto sozinha à noite se não conseguir dormir. Percorro os sorrisos e adormeço antes de terminar de os contar.

– De onde é que te surgiu a paixão pela fotografia? – perguntei, desfilando junto a todos esses rostos.

– Foi graças aos meus pais.

Contou-me que se encontravam ausentes há meses. Eram fotógrafos de renome internacional que prestavam serviços para revistas do calibre da *National Geographic* e da *Lonely Planet*, por conseguinte o trabalho levava-os a percorrer o mundo inteiro em busca de paisagens exóticas e belos cenários de todos os recantos da Terra. Não vinham a casa com muita frequência, portanto a sua avó fora viver com ela.

– É uma coisa muito bonita, Billie – disse num sussurro, arrebatada por uma realidade tão surpreendente. Vi fotos dos pais dela entre as montanhas do Grand Canyon, aos pés de uma pirâmide maia, e depois no meio de uma explosão de borboletas, no interior de uma antiga loja de nativos americanos. – Deves estar muito orgulhosa deles.

Ela assentiu, orgulhosa, contemplando-os.

– E sinto. Às vezes não podemos comunicar com eles porque se encontram em lugares tão remotos que não há rede nem conexão. A última vez que falei com eles foi há quatro dias.

– Deves sentir muitas saudades deles.

Billie fitou melancólica uma foto onde ambos sorriam; acariciou-a com os dedos, em jeito de saudação, e senti a nostalgia que ela sentia como se fosse minha.

– Um dia serei como eles. Partirei com a minha mãe e o meu pai e encherei o quarto de fotos onde eu também estarei. Vais ver – garantiu-me com um desejo implícito –, quando for mais velha, estarei ali, atrás dessa pátina lustrosa que nos separa.

Foi bonito. Pensei nisso o tempo todo enquanto deambulava pela rua, dando um passeio.

Experimentava uma paz total e absoluta. Estava a regressar a *casa* depois de almoçar e passar a tarde em casa de uma *amiga*. Existia sensação mais esplêndida do que uma pessoa sentir-se normal? De se sentir... *aceite*?

Passei na frente da escola, serena; era insólito ver o passeio sem vivalma. Contudo, um movimento chamou a minha atenção. Vi uma pessoa de costas, entalada entre as portas, e os cabelos negros oscilavam de um lado para o outro.

Tive a impressão de a conhecer...

– Miki? – chamei, uma vez atrás dela.

Ela sobressaltou-se e depois virou-se para trás de repente: a camisola presa entre os batentes soltou-se fazendo um enorme rasgão.

Esbugalhei os olhos, abstendo-me de estender as mãos num gesto involuntário. Contemplei sem fôlego os pedaços rasgados da manga.

– Eu... L... lamento imenso, do fundo do coração... – gaguejei, mortificada.

Miki baixou os olhos, contemplando o rasgão e cerrou os dentes.

– Maravilha. Esta era a minha camisola preferida – disse, lacónica.

Apertei os dedos, desolada. Tentei dizer alguma coisa, mas ela nem me deu tempo: deixou-me ali plantada, afastando-se sem nem sequer olhar para mim.

– Miki, espera, por favor – balbuciei. – Desculpa, não tive intenção de... vi-te ali, e só queria cumprimentar-te...

Ela não perdeu tempo a responder-me. Continuou a andar, e eu dei um passo em frente num gesto impulsivo.

– Posso consertá-la!

Não queria vê-la ir-se embora assim. Sabia que Miki depositava a sua confiança em muito poucas pessoas, já me tinha apercebido do quanto era esquiva, desconfiada e reservada, por isso não queria que me odiasse. Queria fazer alguma coisa, queria continuar a tentar, queria... queria...

– Sou boa com agulha e linha, posso consertar-te a camisola se quiseres, não me custa nada – repliquei, fitando-a com um olhar suplicante. – Moro aqui perto. Não vai demorar nada, acredita em mim, será uma questão de dois minutos...

Miki abrandou o passo até se deter. Eu dei mais um passo em frente, falando em voz baixa e aflita.

– Por favor, Miki... deixa-me compensar-te.

Deixa-me tentar, estava a implorar-lhe. *Dá-me uma oportunidade, só uma, não te peço mais do que isso.*

Devagar, Miki virou-se.

Encarou-me, e nos seus olhos vi uma centelha de esperança.

– Chegámos – disse pouco depois, apontando para a vedação branca. – Aquela é a minha casa.

Miki caminhava em silêncio ao meu lado. Era estranho tê-la assim tão perto. Lancei um olhar ao estojo de violino que trazia na mão e refreei a curiosidade antes que esta se materializasse na minha língua.

– Cá estamos, vem – convidei-a a entrar; ela olhou em redor, algo circumspecta. – Vai andando para a cozinha. Já vou ter contigo.

Desembaracei-me da mochila e logo em seguida fui buscar a velha lata de bolachas onde Anna costumava guardar os utensílios de costura.

Voltei para junto de Miki, e fui dar com ela a observar a chaleira em forma de vaca: pousei a caixa de folha e convidei-a a aproximar-se.

– Senta-te aqui.

Pedi-lhe que se acomodasse na ilha da cozinha para que o seu braço pudesse ficar a uma altura cómoda para mim. Despiu o blusão de cabedal enquanto eu procurava um carrinho de linhas da cor mais aproximada.

Encontrei um de um cinzento muito escuro, em tom de antracite; as costuras da camisola estavam algo desbotadas, por isso pensei que, se fizesse um bom trabalho, poderia parecer um defeito de fabrico. Assenti para com os meus botões, e depois escolhi uma agulha onde enfiar a linha. Notei um vislumbre de receio nervoso no olhar que Miki me lançou.

– Não te preocupes – tranquilizei-a com voz serena –, não vou espetar-te.

Inclinei-me para a frente e acertei os dois rebordos do tecido, segurando-os com delicadeza, e depois comecei a cerzir com todo o cuidado. Tinha os dedos por baixo do trabalho, de modo a sentir a agulha antes que esta pudesse chegar à pele dela. Senti-a retraindo-se quando lhe rocei sem querer com as pontas dos dedos, não obstante não disse nada: o que Miki estava a permitir-me fazer naquele momento possuía um valor tremendo para mim.

Dei-me conta passados apenas alguns instantes de que o olhar dela se encontrava cravado em mim.

– Está quase – sosseguei-a num fio de voz. Ela observou a precisão com que a agulha desaparecia no tecido para voltar a surgir pouco depois.

– Onde é que aprendeste a coser? – perguntou num tom de voz neutro.

– Oh, faço isto desde que me lembro. Quando estava no orfanato, não tínhamos ninguém que o fizesse por nós, por isso cerzia as minhas roupas sozinha. No início era um desastre, não fazia outra coisa a não ser espetar os dedos... aprendi com o passar do tempo. Não gostava de andar por aí toda rota – declarei, erguendo o rosto. Cruzei o meu olhar com o dela e esbocei um

sorriso. – Sempre gostei de andar com um ar limpo e bem cuidado.

Miki fitou-me, olhos nos olhos, e eu voltei a baixar os meus. A rapariga ficou a observar-me, inclusive quando me estiquei na direção da caixa de folha a fim de tirar a tesoura e concluir o meu trabalho.

– Ora aí está! – anunciei. – Terminei.

Ela baixou os olhos e contemplou a manga, examinando a costura apertada e ordenada. Depois deteve-se a dada altura.

– E isto aqui é o quê?

Apertei os lábios, quando ela reparou numa coisa que antes ali não estava: no ponto onde a cerzidura terminava à altura da clavícula, despontava o focinho de um panda bordado à mão.

– Eu, bem... nesse ponto o tecido estava estragado – gaguejei, com um vago sentimento de culpa –, e depois sei que gostas de pandas... Ou seja, acho que gostas, uma vez que tens aquele porta-chaves pendurado na mochila, e eu ach... achei amoroso...

Ela olhou para mim e eu levantei as palmas das mãos:

– Mas podes sempre tirá-lo! Basta a ponta de uma tesoura, depois é só puxar o fio e ele desmancha-se. Não demora mais de um segundo...

O toque do telefone interrompeu a minha ladainha.

– Oh, estás em casa! – alegrou-se Anna, quando me precipitei para atender. Queria ter a certeza se eu já tinha regressado ou não. Percebi mais uma vez que ela se preocupava comigo, e como todas as outras vezes senti um baque no coração. Perguntou-me como tinha corrido o almoço e informou-me de que não tardaria a chegar a casa.

Quando desliguei, vi que Miki já tinha voltado a vestir o blusão e a pegar no estojo do instrumento. Gostaria muito de lhe ter perguntado alguma coisa acerca do violino, mas optei por não me armar em intrometida.

Abri-lhe a porta, a sorrir, e no mesmo instante vi qualquer coisa esgueirar-se pela porta, entrando em casa.

– Oh – exclamei com deleite –, olá, *Klaus*.

O velho gato dirigiu-me um olhar carrancudo. Deixei Miki passar e não resisti ao impulso de estender uma mão para o acariciar, mas o gato desviou-se com brusquidão e fez menção de me arranhar.

Levei a mão ao peito, mortificada por ter tentado tocar-lhe sem a sua permissão, ou talvez por ter sido alvo daquela rejeição tão dramática mesmo debaixo do nariz de Miki.

Olhei para ela de soslaio e reparei que estava a observar-me.

– Dá para ver que hoje não está de bom humor – declarei, soltando uma risada com algum nervosismo. – De uma maneira geral é um brincalhão. Não é verdade? Hã, *Klaus*?

Klaus bufou-me e mostrou os dentes, colérico, antes de se escapulir mesmo

debaixo dos meus olhos. Vi-o desaparecer escadas acima, sentindo-me vagamente desanimada.

– Por vezes pode parecer um tanto ou quanto irascível – tartamudeei. – Mas no fundo, no fundo... *bem* lá fundo... tenho a certeza de que é um doce...

– Obrigada – ouvi sussurrar.

Surpreendida, erguei o rosto, mas Miki já me tinha virado as costas.

Saiu porta fora e foi-se embora sem mais nem menos.

«É a delicadeza, Nica», dizia a voz da minha mãe.

E eu não conhecia outra maneira de comunicar com o mundo.

Mas talvez...

Talvez o mundo estivesse a começar a compreender-me.

Assim tão celestial

*Forte é quem sabe tocar com delicadeza
as fragilidades dos outros.*

Certa vez li uma frase de Foucault que dizia: «Desenvolvi a vossa legítima estranheza.»

Eu sempre havia cultivado a minha às escondidas, porque quando cresci ensinaram-me que aos olhos dos outros a normalidade era mais aceitável.

Falava com os animais que não podiam responder-me. Punha a salvo bichinhos em que as pessoas nem sequer reparavam. Dava valor ao que era considerado insignificante, talvez porque pretendia demonstrar que também as criaturas mais pequenas como eu podiam fazer alguma diferença.

Levantei a mão. Encontrava-me no jardim de casa, e o sol beijava com doçura a folhagem do alperceiro. Aproximei os dedos do tronco e ajudei uma pequena lagarta de um verde brilhante a alcançar o córtex.

Tinha-a encontrado no quarto de baixo da janela e estava a restituí-la à liberdade.

– Pronto – sussurrei num fio de voz. Sorri ao vê-la ondular para dentro de uma cavidade do tronco. Entrelacei os dedos e fiquei a observá-la com serena tranquilidade.

Sempre tinha ouvido dizer que só um grande poder possuía a força necessária para mudar o mundo.

Eu nunca quisera mudar o mundo, mas sempre pensei que, pelo contrário, não seriam os grandes gestos nem as manifestações de força que fariam a diferença.

Para mim eram as pequenas coisas. Os gestos quotidianos. Simples atos de gentileza levados a cabo pelas pessoas mais comuns.

Cada um, por mais pequeno que seja, pode deixar um pouco de si mesmo neste mundo.

Quando voltei a entrar em casa, senti vontade de sorrir. Era sábado de manhã e a fragrância torrada do café disseminava-se, vinda da cozinha, de maneira irresistível. Fechei os olhos, feliz, inspirando fundo aquele aroma tão bom.

– Está tudo bem? – ouvi uma voz doce perguntar.

Era a voz de Anna. À medida que abria as pálpebras, contudo, dei-me conta de que essa pergunta não fora dirigida a mim.

A mão dela estava pousada na cabeça de Rigel.

Ele estava de costas, os cabelos negros despenteados e a mão apertada em torno da chávena de café. Assenti, mas quase nem me apercebi do que estava a fazer. Ficara hipnotizada pelos seus dedos e as veias que lhe subiam até ao antebraço.

Aquelas mãos... encerravam uma agressividade implacável, e ao mesmo tempo sabiam reproduzir melodias sobrenaturais. Os nós dos dedos fortes e os ligamentos ágeis pareciam moldados para subjugar, mas os dedos eram capazes de acariciar as teclas com uma lentidão incrível...

Estremeci quando Rigel se pôs de pé.

Sobressaiu em toda a sua altura e, por um momento, o aroma do café perdeu intensidade. Acercou-se da porta e eu dei um passo à retaguarda.

Ao reparar nesse gesto, as suas pupilas cravaram-se em mim.

Não sabia como explicá-lo... Tinha medo de Rigel, mas não era capaz de entender o que me aterrorizava nele. Talvez fosse a maneira como aqueles olhos nos perfuravam até ao fundo, violando-nos, talvez fosse aquela voz demasiado madura para um rapaz da sua idade. Ou talvez fosse a consciência de saber o quanto podia tornar-se violento.

Ou talvez... Talvez aquela tempestade de calafrios que me causava de cada vez que respirava perto de mim...

– Tens medo que te morda, *falena*? – sussurrou junto à minha orelha, passando ao meu lado.

Desviei-me à pressa, mas nesse momento ele já se tinha afastado com passo firme atrás de mim.

– Olá, Nica!

Sobressaltei-me, ao reparar que Anna me sorria.

– Café?

Anuí, tensa, para constatar depois com alívio que ela não se apercebera daquele pequeno intercâmbio entre nós. Sentei-me à mesa ao pé dela e tomei o pequeno-almoço na sua companhia.

– Parece-te bem se passarmos algum tempo juntas, hoje?

Um biscoito partiu-se e caiu-me dentro do leite. Ergui o rosto e fitei-a com as sobrancelhas arqueadas, completamente aparvalhada.

A Anna queria passar tempo comigo?

– Tu e eu? – perguntei para ter a certeza. – Só nós as duas?

– A minha ideia era passarmos uma tarde sem homens... só de mulheres – respondeu. – Não te agrada?

Apressei-me a assentir com a cabeça num gesto afirmativo, esforçando-me para não esmagar a chávina; o meu coração iluminou-se de imediato e todos os meus pensamentos brilharam sob o reflexo daquela luz.

A Anna... *queria estar comigo*, por uma tarde, uma hora, a duração de um passeio. Que diferença fazia quanto tempo seria, só o mero facto de me ter perguntado fazia resplandecer a minha alma como a luz do dia.

O conto de fadas exalava perfume quando ela se encontrava perto de mim.

Reluzia nos seus cabelos e cintilava nos seus sorrisos.

Possuía o som das suas gargalhadas e o calor dos seus olhos.

E a minha vontade era viver lá dentro para sempre.

– Nica, esta? Oh, não, espera... O que me dizes desta?

Estava atordoada. A loja de roupa era enorme. Já tinha experimentado vários vestidos, mas Anna aproximou-se com outra peça de roupa e encostou-me ao peito. Mais uma vez, em lugar de ver como me ficava a camisola, fiquei ali espedada a olhar para ela. Sentia o seu cheiro a lar, a sua proximidade, encontrava-me hipnotizada num sonho de olhos abertos. Não conseguia acreditar que estava mesmo ali, com uma série de sacos encostados à barriga das pernas e com alguém que fazia tenção de me arranjar mais alguns. Que queria gastar dinheiro *comigo*, mesmo sabendo que não poderia pedir nada em troca.

Quando Anna me propusera passarmos algum tempo juntas, nunca poderia imaginar que me levasse às compras, ou que quisesse comprar-me alguma coisa, muito menos *T-shirts*, saias, ou roupa interior nova.

Sentia a necessidade de beliscar a minha mão para ter a certeza de que tudo aquilo era verdade.

– Gostas?

Fitei-a com uns olhos algo sonhadores.

– Sim, muito... – sussurrei, embasbacada, e ela riu à socapa.

– Disseste o mesmo todas as outras vezes, Nica – fitou-me, tal como eu gostava. – Deves ter alguma preferência!

Senti as faces a arder de vergonha.

A verdade é que gostava de tudo. Por mais que parecesse um exagero e difícil de acreditar, era assim mesmo.

Gostaria de encontrar as palavras certas para lho explicar também a ela. Para a fazer compreender que todas as suas sugestões eram para mim ouro sobre azul.

Que tempo era algo que nunca ninguém me havia concedido.

Que quando se vive apenas de desejos e de fantasias, aprendemos a apreciar as coisas mais ínfimas: um trevo de quatro folhas descoberto por acaso, uma gota de compota encontrada em cima da mesa, o poder de um olhar correspondido.

E as preferências...

As preferências eram um privilégio que nunca pudera permitir-me.

– Gosto de cores – murmurei com uma hesitação quase infantil. – De coisas coloridas... – Levantei um pijama com umas abelhas felizes estampadas. – Como isto!

– Acho... ou melhor, tenho quase a certeza de que isso é para crianças – objetou Anna, pestanejando.

Corei boquiaberta, verificando de imediato a etiqueta, e ela desatou a rir. Em seguida, pousou uma mão no meu braço.

– Vem: vi o mesmo padrão na secção das meias.

Uma hora depois, tinha um monte de meias novas.

Não precisaria mais de voltar a sentir as correntes de ar nas noites de inverno, nem as farpas de madeira a espetarem-se no tecido coçado debaixo dos pés. Quando Anna saiu da loja, fui atrás dela com todos os meus sacos, formando uma espécie de emaranhado caótico e arrebatador.

– Oh, querido! – disse ela, atendendo o telemóvel. – Sim, ainda estamos aqui... Claro, está tudo ótimo – disse a sorrir e pegando em alguns dos meus sacos. – Só umas coisinhas de nada... Não... Não, o Carl dá-me uma ajuda, mas na segunda-feira de manhã sou eu quem tem de abrir a loja. Onde é que tu estás? – O rosto dela iluminou-se, detendo-se. – A sério? Perto de que entrada? Não achava que viesses até aqui! E porque é que não... O quê?

Vi-a a ouvir com atenção, surpreendida. Arregalou os olhos e levou uma mão à boca.

– Oh, Norman! – exclamou, extasiada. – Estás a brincar? Mas... Mas isso é maravilhoso! Querido! – soltou uma gargalhada. – Que ótima notícia! Este era o nosso ano da sorte, o que foi que eu te disse? E tenho a certeza de que será uma publicidade fantástica para a empresa!

Fiquei ao lado dela sem perceber patavina do que estava a falar, e Anna continuou a dar-lhe os parabéns, transmitindo-lhe a sua felicidade.

– Está tudo bem? – perguntei-lhe uma vez terminado o telefonema.

– Com certeza! Na realidade não é nada de especial, mas o Norman acabou de receber uma notícia há muito esperada... A sua empresa vai participar numa convenção anual! Foi selecionada com um número reduzido de outras empresas, e isso é sem dúvida uma oportunidade excecional... Está à espera deste momento há tanto tempo! – Com um sorriso fez-me sinal para me aproximar. – Vem, ele também está aqui! A convenção será dentro de uma

semana, e o Norman já não acalentava nenhuma esperança... Amanhã posso preparar um assado! Afinal de contas, é domingo, poderemos festejar com um belo almoço... o que me dizes?

Assenti, contente por vê-la assim tão emocionada.

Atravessámos o centro comercial e Anna continuou a contar-me sobre esse encontro anual, uma oportunidade de alcançar prestígio entre os especialistas do sector.

Chegámos à segunda grande entrada e ali apontou para outra loja de roupa.

– Deve estar aqui... Norman! Ei!

Ele ergueu a mão e veio ao nosso encontro.

– Oh, estou tão feliz por ti. – Anna mergulhou nos braços dele, fazendo-o corar.

– Sim, bem... mas tu já mo tinhas dito. Nunca te enganas... Olá, Nica – dirigiu-me um sorriso atrapalhado e eu retribuí-lho. Anna alisou-lhe o casaco nos ombros.

– Tenho o maior prazer em acompanhar-te, sabes bem disso! Mais tarde falaremos melhor sobre esse assunto... Mas, afinal de contas, o que estás a fazer aqui? Achava que hoje ias ficar em casa!

– Estou aqui com o Rigel... Ele também precisava de comprar algumas coisas – disse o Norman.

No mesmo instante, uma sensação desconhecida percorreu-me a pele e os meus olhos ergueram-se a fim de procurá-lo.

– Receio bem que o tenha perdido no meio das várias secções... – coçou a cabeça e Anna sorriu.

– Nica, não queres dar uma volta? – perguntou, apontando para as prateleiras. – Pode ser que encontres alguma coisa que te agrade. Porque é que não vais dar uma vista de olhos?

Hesitei, mas logo depois decidi deixá-los conversar à vontade e entrei na loja, olhando cautelosa em redor.

Tentei concentrar-me nas roupas, mas não fui capaz. Sabia que ele andava algures por ali, com aqueles olhos abissais e uma presença irresistível.

À medida que eu ia deambulando no meio das prateleiras um dos sacos escorregou-me por entre os dedos, caindo no chão. Curvei-me para apanhá-lo, mas nesse momento alguém esbarrou em mim.

Uma voz masculina praguejou e eu arregalei os olhos.

– Peço desculpa... – gaguejei. – Caiu-me um saco e...

– Presta atenção – resmungou o rapaz, apanhando uma camisola que deixara cair.

Apressei-me a apanhar as minhas coisas e ele entregou-me o saco; estendi a mão a fim de pegar nele e senti que ele fazia um pouco de resistência quando

sussurrei:

– Obrigada...

– Ei, mas... eu conheço-te.

Ergui o rosto e pestanejei; por um momento pareceu-me familiar.

– És a miúda do caracol. – Perscrutou-me os olhos com intensidade. – És tu, não és? – perguntou para minha grande surpresa.

Então fora ali que o tinha visto: no muro baixo da escola no dia anterior. Impressionou-me que se tivesse lembrado de mim. De uma maneira geral, ninguém o fazia.

– Olha só, quantos sacos – exclamou, de repente. – És uma dessas compradoras compulsivas, hã?

– Oh – retorqui, recompondo-me –, não, bom, eu...

– Com que então, quer dizer que és uma rapariga esbanjadora – comentou o rapaz, fitando-me com um sorriso algo estudado.

– A verdade é que se trata de uma rara exceção...

– Pois sim, todas dizem a mesma coisa, imagino – respondeu. – Contudo, o primeiro passo para ultrapassar um problema não é admiti-lo?

Tentei contra-argumentar, mas o rapaz interrompeu-me de novo:

– Oh, não te preocupes, o teu segredo está bem guardado comigo – disse com ar de espertalhão. – Assim como assim, nunca te tinha visto em Burnaby.

– Cheguei há pouco tempo – respondi, reparando que ele dera mais um passo, aproximando-se. Por um momento, perguntei-me por que razão continuaria ali a falar comigo.

– E estás no último ano?

– Sim...

– Bom... nesse caso, bem-vinda – murmurou. Curvou os lábios e examinou-me com atenção.

– Obrigada...

– Se calhar, miúda do caracol, era melhor saberes o meu nome. O que me dizes? Desse modo, da próxima vez que quiseses avisar-me da presença de alguma criatura rastejante nas redondezas, já sabes como hás de chamar-me. – Estendeu-me a mão e sorriu seguro de si. – Aliás, vou simplificar-te as coisas. Sou...

– Alguém que *está no caminho*.

Um tom gélido cortou o ar, e fiquei paralisada ao ouvir o som daquela voz.

O rapaz virou-se, dando de caras com uma presença ameaçadora atrás de si.

As íris negras de Rigel cravaram-se nas dele, seguindo todos os seus movimentos enquanto ele entreabria os lábios e se virava para olhar na minha direção.

– Oh, hum... desculpa... – balbuciou, desprevenido. Afastou-se para

o lado, comprimindo-se de encontro à prateleira a fim de lhe dar passagem.

Rigel passou por ele com passo lento e determinado, sem desviar os olhos, sem a pressa ou a cortesia que se devia reservar a alguém encurralado numa posição desconfortável.

De repente, deteve-se atrás de mim, tão perto que me foi impossível ignorá-lo. A atração do seu corpo foi irreprimível e fortíssima, algo quase desestabilizador.

– Ah... – murmurou o rapaz, olhando para nós. – Estão... juntos?

Rigel guardou silêncio e eu movi-me um bocadinho constrangida; refreei o impulso de procurar os seus olhos para descortinar neles as suas intenções e entrelacei os dedos com atrapalhação.

– De certa forma... – respondi.

O rapaz encarou-o, quase a contragosto.

– Olá... – saudou-o, indeciso, mas atrás de mim Rigel não lhe respondeu.

Tinha a certeza de que os seus olhos continuavam a fulminá-lo.

Depois, de súbito... senti a sua mão roçar-me por uma madeixa de cabelo.

Um lampejo de gélida surpresa deixou-me paralisada, deixando-me pregada ao chão. Senti as pernas presas, incapaz de me mexer.

O que é que ele estava a fazer?

O Rigel estava a... tocar-me?

Não... Senti o contorno preciso das pontas dos seus dedos: estas abriram caminho através dessa mecha, sem puxar, sem me tocar. Enrolaram-na com um movimento lento, e eu dei por mim a erguer os olhos na direção dele.

Rigel observou o rapaz por debaixo das sobranceiras arqueadas, lançando-lhe um olhar demorado. Em seguida, os seus olhos desceram até pousar em mim.

Intercetou o meu olhar, tenso e perdido, e por um momento deu-me a impressão de sentir os seus dedos a apertarem-se com força entre os meus cabelos.

– Vamos andando – proferiu com o timbre profundo da sua voz. – Anda.

Se ele não estivesse tão perto de mim, ter-me-ia apercebido mais cedo da presença de Anna atrás dele: vi-a fazer-nos sinal para ir embora e recobrei a compostura.

– Oh... – Lancei um olhar furtivo a Rigel e voltei-me de novo para o rapaz, agarrando nos sacos com força. – Tenho de...

– Claro – assentiu ele, enfiando as mãos nos bolsos.

– Então, adeus – disse-lhe em gesto de despedida antes de nos afastarmos.

Rigel tirou a mão do meu cabelo e deu meia-volta, caminhando à minha frente. Observei os ombros largos e apercebi-me de que tinha a garganta um bocadinho seca. Ainda sentia os dedos dele no meio dos meus cabelos.

Que bicho é que lhe teria mordido?

– Não encontraste nada do teu agrado?

Ergui o rosto quando ouvi a voz de Norman. Os óculos grossos davam-lhe o ar de um mocho.

– Oh, não... – respondi, levantando as mãos. – Já comprei demasiadas coisas.

Ele assentiu, se possível mais desajeitado do que eu, e aproveitei a oportunidade para lhe dar os parabéns pela convenção; balbuciou-me uma série de palavras embaraçadas, mas reparei no seu sorriso entre uma palavra e outra.

Contou-me que há muito tempo que aguardava por esse momento; só as empresas mais conceituadas é que eram convidadas a participar, e os debates versavam sobre as últimas novidades do sector: venenos para ratos, inseticidas inovadores, truques, dicas e estratégias para todos os tipos de parasitas.

Senti a cabeça pesada depois de o ouvir falar durante um bocado: passei na frente de uma montra e nem tivera tempo de reparar na má cor que a minha cara havia adquirido à medida que Norman se abalançou a enumerar com entusiasmo os benefícios dos últimos pesticidas do mercado, e então tive a sensação de que me sentia mal.

– Ei, está tudo bem? – ouvi-o perguntar, hesitante, reparando na minha cara. – Estás com uma cor algo esverdeada...

– Nica!

Anna agitava uma mão alguns metros à nossa frente. Exibia no rosto uma expressão radiante. Senti um alívio tremendo ante a interrupção dela.

– Vem ver este vestido!

Só quando cheguei diante da *boutique* é que consegui ver o que lhe havia chamado a atenção.

Na montra havia um bonito vestido num tom pastel; simples, de um tecido delicado que se moldava ao busto e acariciava as ancas. Possuía umas alças finas, uma fiada de pequenos botões de madrepérola no peito, e na cintura a saia alargava-se, formando umas pregas onduladas que lhe conferiam uma roda suave.

No entanto, o que mais me impressionou foi a cor do tecido. Aquela tonalidade clara da cor do céu – como pétalas de miosótis, os botões de flor que, quando era pequena, esfregava nos vestidos que usava no Grave para que parecessem menos cinzentos e encardidos.

Fiquei deslumbrada, da mesma maneira que ficava quando contemplava as nuvens, no jardim do orfanato. Tinha qualquer coisa que me fazia recordar esses momentos, qualquer coisa de delicado e límpido como o céu que perseguia com ânsias de liberdade.

– Não é um encanto? – disse Anna, acariciando-me o pulso, e eu assenti devagar.

– Queres entrar para experimentá-lo?

– Não, Anna, eu... Já me compraste tantas coisas...

Contudo, ela já tinha aberto a porta e estava nesse momento a dirigir-se à empregada.

– Boa tarde. Gostaríamos de experimentar aquele vestido – disse, apontando para o canto da montra, fazendo com que o rosto da rapariga se iluminasse.

– Façam favor – disse, convidando-nos a esperar com cordialidade –, vou já buscá-lo! – E dito isto desapareceu nos fundos da loja.

Puxei com suavidade pela manga de Anna.

– Anna, a sério, não é necessário...

– Oh, porque não? – respondeu ela, sorridente. – Quero ver como te fica. Não vais querer negar-me esse prazer, pois não? Afinal de contas, este é o dia que tirámos para estar juntas.

Preparava-me para balbuciar qualquer coisa, indecisa, mas a empregada surgiu de novo.

– Oh, já os vendi todos! – começou por dizer, esfregando as costas da mão na testa. – Mas não há problema nenhum, vou buscar o que está na montra!

Aproximou-se do manequim e retirou o vestido com delicadeza.

– É o último! Aqui está – depositou-mo nos braços e eu observei-o embevecida. – Os gabinetes de prova são por aqui. Venha comigo. – Anna fez-me sinal para ir, não sem antes ter pegado nos sacos que eu trazia na mão; da porta vi Norman entrar, e atrás dele, apenas um momento depois, Rigel também fez a sua aparição

Segui a empregada até ao provador, num canto algo escondido da vista, e entrei no do fundo.

Assegurei-me de que corria bem a cortina e depois despi-me; enfiei o vestido pela cabeça, e este ficou preso num emaranhado de cabelos. Nunca fui muito habilidosa para me vestir, talvez porque os vestidos que envergava no Grave sempre me ficavam largos e um pouco desbeijados, ou talvez porque as poucas vezes que eu usara os meus melhores vestidos me sentia demasiado eufórica por achar que estava a vesti-los para que, por fim, alguém reparasse em mim.

O vestido deslizou, ajustando-se ao meu busto e encaixando-se até à cintura.

Envergonhei-me ali sozinha ao ver o modo como se cingia na perfeição aos meus seios e deixava tanta pele das pernas à mostra: contemplei o vestido, incapaz de erguer os olhos.

Tentei alcançar o fecho de correr nas costas, mas não consegui.

– Anna...? – chamei, hesitante. – Anna, não sou capaz de correr o fecho do vestido...

– Oh, não te preocupes – respondeu a sua voz do lado de fora –, vem cá! Eu ajudo-te.

Estendeu as mãos e puxou-me o fecho para cima. Depois, antes de eu poder fazer alguma coisa, abriu a cortina, apanhando-me completamente desprevenida.

– *Meu Deus!* – exclamou, sorrindo extasiada assim que olhou para mim. – Assenta-te que nem uma luva! Oh, Nica, como estás bonita!

Encolhi-me e ela contemplou-me com olhos luminosos, repletos de assombro.

– Parece ter sido feito de propósito para ti! Viste como estás bonita? Olha! Vê só como te fica!

Foi postar-se ao meu lado e eu vi o meu rosto vermelho de vergonha emergir debaixo dos cabelos.

– Então, como ficou? – perguntou pouco depois a empregada, e depois ficou espedaçada quando me viu. – Oh! – Veio ao meu encontro, boquiaberta, admirada de alegria. – Parece um anjinho! Minha senhora, está maravilhosa!

Anna virou-se.

– Não acha?

– Só lhe faltam as asas! – gracejou a rapariga, e eu escondi-me assim que ouvi entrar outras pessoas na loja. Cocei a face de cabeça baixa.

– Oh, eu...

– Gostas? – perguntou-me Anna.

– E tu, gostas?

– Nica, mas como é que eu poderia não gostar? Olha bem para ti!

Olhei.

Ergui o rosto e mirei-me. Fi-lo de verdade.

E nos meus olhos hesitantes descobri um brilho que nunca julguei ver.

Havia qualquer coisa no meu olhar que nem eu mesma sabia interpretar.

Havia qualquer coisa viva.

Delicada.

Luminosa.

Era eu.

Era eu, envergando o céu que sempre havia desejado. Era eu, que brilhava por dentro, como se me tivessem cosido na pele um dos meus sonhos. Como se nunca mais precisasse de esfregar flores em mim para me sentir menos suja...

– Nica? – chamou-me Anna, e baixei a cara.

Os olhos ardiam-me. Esperei que não me ouvisse fungar ao mesmo tempo que estreitava a bainha do vestido e sussurrava num fio de voz:

– Gosto... Gosto muito. Obrigada.

Senti a mão de Anna no ombro. A maneira carinhosa com que o apertou

fez-me desejar senti-la ao meu lado todos os dias. Estava a dar-me tanto... Demasiado para um coração mole como o meu. Não era capaz de cogitar a possibilidade de a poder perder. Se alguma coisa desse para o torto naquela fase da adoção, nunca mais a voltaria a ver.

– Vamos levá-lo – ouvi-a declarar.

Voltei para dentro do provador. Acaricieei o vestido com os dedos, a fileira de pequenos botões brancos que acompanhava a curvatura do peito.

Como era bonito...

No entanto, quando chegou o momento de tirá-lo, lembrei-me de que não era capaz de o fazer sozinha.

– Anna, desculpa, podes dar-me uma ajuda? – perguntei em voz alta, aproximando-me da saída do provador.

Afastei a cortina apenas o suficiente para fazer passar as costas, sem me virar.

Esperei com paciência, mas ela não dizia nada atrás de mim. No entanto, ainda sentia uma presença, algures ali atrás; apanhei os cabelos sobre um dos ombros, afastando-os das costas de maneira que não estorvassem.

– O fecho, Anna – especifiquei, embaraçada. – Desculpa, mas não chego lá com a mão. Podes ajudar-me?

Verificou-se um silêncio prolongado atrás de mim.

Depois, passado um bocado... ouvi o som de passos que se decidiam a acercar-se.

Alcançaram-me sem pressa e detiveram-se atrás de mim.

Uma mão segurou com firmeza na gola do vestido, e a outra pousou no fecho, estreitando-se em torno da presilha metálica com gestos arrastados. Depois, devagar, puxou-o para baixo.

O ruído áspero e subtil espicaçou-me as orelhas à medida que o fecho ia descendo.

– OK, obrigada – disse, quando chegou à altura das omoplatas.

Contudo, não parou.

O fecho continuou a descer com uma lentidão desarmante, senti-o deslizar pela espinha dorsal.

– Anna, está bem assim – assegurei-lhe com delicadeza, mas os dedos seguraram na orla junto ao pescoço e continuaram a sua descida até abaixo.

Até ao fundo, para lá da cintura, abaixo da curvatura das costas. O vestido abriu-se, escancarando-se sobre a minha pele como as asas de um coleóptero, e a minha voz tornou-se mais aguda.

– Anna...

Tic.

O estalido simples do metal que se encaixava na sua reentrância de tecido. O fecho chegara ao fim. Dei por mim a observar o meu reflexo, envolvendo o

busto com os braços que me seguravam o vestido.

Percebi que agora já conseguia despi-lo sem problemas; pestanejei, desenhando um leve sorriso nos lábios.

– Oh, bom... obrigada... – murmurei, antes de fechar a cortina.

Abanei a cabeça, deixando deslizar o vestido sobre as pernas, e fiquei em roupa interior. Vesti de novo as minhas roupas e saí.

Diante do provador não havia ninguém.

Procurei Anna sem conseguir avistá-la, e quando cheguei à parte da frente da loja, fui encontrá-la ao pé do balcão com o telemóvel na mão. Norman estava do lado de fora a ver as montras.

– Então, está tudo bem? – perguntou ela.

– Sim, obrigada... – respondi a sorrir, segurando bem o vestido. – Sem a tua ajuda não seria capaz de o despir.

Anna levou uma mão ao peito, dirigindo-me um olhar de desculpa.

– Oh, desculpa, Nica, o meu telemóvel tocou e esqueci-me por completo! Não tiveste muita dificuldade, pois não? ConseguiSTE abri-lo?

Olhei para ela ainda com aquele sorriso afivelado na comissura dos lábios; não estava a perceber.

– Sim... graças a ti – repeti.

A expressão confusa com que olhou para mim intrigou-me mais ainda. Uma sensação insólita abriu caminho dentro de mim e, no mesmo instante, fui acometida por um pressentimento insano.

Os meus olhos desviaram-se um pouco mais para diante.

Rigel estava lá fora, encostado a uma coluna. Os olhos cortantes passeavam ao seu redor, quase entediados, os braços cruzados sobre o peito.

Não... Como é que eu podia pensar numa coisa dessas?

– Cá está!

A empregada aproximou-se e fitou-me com uma expressão alegre.

– Sempre vai levá-lo, não é verdade? Foi uma excelente escolha – disse a sorrir. – Fica-lhe muito bem!

– Obrigada – respondi, algo acanhada, corando, e ela olhou para mim com entusiasmo.

– E lembre-se de que pode combiná-lo com qualquer coisa. Até mesmo com um estilo mais informal, se quiser... Veja – tirou algo de um cabide –, talvez com um destes... diga lá se não é amoroso!

Percebi tarde de mais que se tratava de um cinto.

Colocou-mo à volta da cintura, mas eu ainda tinha os braços ao longo do corpo e, por conseguinte, o couro roçou-me pela pele.

Bastou um instante.

Senti-o na carne.

Senti-o causar atrito.

Senti-o pressionar, apertar, envolver-me e depois fechar-se até me imobilizar...

Arranquei o cinto com violência da cintura. Recuei de forma convulsiva, com os olhos esbugalhados. A empregada olhou para mim estupefacta, com as mãos ainda estendidas, e eu continuei a recuar até chocar com o balcão. O meu corpo contraiu-se. Senti aquela taquicardia gélida, ao longe, espetar-me o coração e ameaçar explodir. Tentei controlar-me, mas as mãos tremeram e precisei de apertá-las sobre uma superfície de modo a agarrar-me à realidade.

– O que foi que aconteceu? – perguntou Anna, que se virara a fim de procurar Norman. Viu-me a tremer e preocupou-se de imediato. – Nica, o que é que tens?

Tinha a pele tensa. Precisava de me acalmar a todo o custo, combater aquelas sensações, manter tudo sob controlo... Olhei para a cara de Anna e desejei que ela não me visse assim, que me visse apenas como a rapariguinha perfeita que apenas há alguns instantes havia admirado com aquele vestido no corpo.

Uma rapariga que gostaria de ter ao seu lado.

Uma rapariga que não lhe causasse problemas nem aborrecimentos.

– Nada – sussurrei, tentando parecer convincente, mas as minhas cordas vocais não tiveram piedade de mim. Engoli em seco, esforçando-me por controlar as reações do meu corpo, mas em vão.

– Não te sentes bem? – perguntou ela, examinando-me preocupada. Aproximou-se mais e, nesse momento, os seus olhos pareceram-me enormes e avassaladores como lupas.

A situação piorou. Senti uma necessidade mórbida e visceral de cobrir o corpo, de fugir ao seu olhar e de me esconder até desaparecer.

Não olhes para mim, implorou algo dentro de mim. Uma ansiedade incontrollada desprende-se da minha pele e fez-me sentir errada, pequena, imunda e culpada. O coração martelou-me com fúria e eu precipitei-me a uma velocidade vertiginosa nos meus medos, agarrada aos seus olhos.

Iria mandar-me embora.

Iria ser largada no lixo, porque era isso que eu merecia.

Era ali que devia estar.

Era ali que acabavam aqueles como eu.

Nunca iria ter o conto de fadas.

Nunca iria ter o meu final feliz.

Naquela história não havia princesas.

Não havia fadas. Nem pequenas sereias.

Havia apenas uma menina...

Que nunca fora *boa* o suficiente.

Rosas e espinhos

Sabes o que torna as rosas assim tão bonitas?

Os espinhos.

*Não existe nada mais esplêndido
do que algo que não se pode estreitar entre os dedos.*

Um desmaio causado pelo calor e pela emoção.

A sensação de desfalecer.

Fora essa a explicação que eu havia dado para o que tinha acontecido no centro comercial, escondendo as minhas reações o melhor que podia. Tinha tentado reprimir o alarme enviado pelo meu corpo, controlando-me com todas as forças que possuía e, depois de a ter tranquilizado por diversas vezes, Anna, por fim, acreditou em mim.

Descobri que não gostava de lhe mentir, mas não podia fazer outra coisa. A mera ideia de lhe contar a verdade causava-me um mal-estar nauseabundo que me cortava a respiração. Não podia fazê-lo e ponto final.

Não podia dizer-lhe o que me havia causado essas sensações, porque vinham das profundezas em que nem mesmo eu gostaria de entrar.

– Nica? – ouvi dizer na segunda-feira de manhã.

Anna encontrava-se na soleira da porta. Os seus olhos pareciam sempre límpidos como pedaços de céu. Uma parte de mim desejou que ela nunca mais me visse como me vira naquela tarde.

– Estás à procura de quê? – perguntou-me, observando-me a vasculhar a escrivaninha. Sabia que tinha tomado como certo o que eu lhe havia dito, mas isso, todavia, não a impedia de se preocupar comigo.

– Oh, nada, apenas... uma foto – murmurei à medida que ela se aproximava. – No outro dia a minha amiga Billie deu-me uma e... não consigo encontrá-la.

Não podia acreditar. A Billie acabara de oferecer-me e eu já a tinha perdido?

– Já procuraste na mesa da cozinha?

Assenti, entalando o cabelo atrás da orelha.

– Vais ver que hás de conseguir encontrá-la. Tenho a certeza de que não se perdeu.

Inclinou o rosto e colocou-me uma madeixa de cabelo sobre a clavícula, ajeitando-a com os dedos. No momento em que me fitou, olhos nos olhos, uma pontada de afeto iluminou-se dentro do meu peito.

– Tenho uma coisa para ti.

Mesmo debaixo do meu nariz surgiu uma pequena caixa.

Tratei de reagir e observei a tampa de cartão sem saber o que dizer; quando a abri, não conseguia acreditar no que os meus olhos viam.

– Sei que é um bocadinho antiquado – comentou Anna enquanto eu o tirava do estojo. – Sem dúvida que não é o último modelo, mas... pronto, assim sempre posso saber onde é que tu e o Rigel estão. Também lhe dei um.

Um telemóvel. Anna estava a oferecer-me um telemóvel. Dei por mim a olhar para ele sem conseguir dizer uma única palavra.

– Já tem cartão, e o meu número está gravado nos contactos – explicou-me com voz serena. – Estou sempre contactável. Também incluí na lista o número do Norman.

Não era capaz de exprimir o que estava a sentir naquele momento, segurando entre os dedos uma coisa assim tão importante.

Vieram-me de novo à ideia todas as vezes em que havia fantasiado trocar o número com uma amiga, ou ouvi-lo tocar em qualquer lado, ciente de que alguém estivesse à minha procura e quisesse na realidade falar comigo...

– Eu... Anna, nem sei... – tartamudeei. Contemplei-a encantada e a transbordar de gratidão. – Obrigada...

Parecia-me surreal. Eu que nunca possuía nada para além daquele boneco de peluche em forma de lagarta...

Porque é que a Anna se preocupava tanto comigo? Porque é que me oferecia vestidos, roupa interior, e objetos tão duradouros? Sabia que não deveria iludir-me, sabia que ainda não havia nada de definitivo... No entanto, não podia fazer outra coisa a não ser *esperar*.

Esperar que ela quisesse ficar *comigo*.

Esperar que pudéssemos ficar juntas, que estivesse a afeiçoar-se a mim de verdade, tal como eu estava a afeiçoar-me a ela...

– Sei que as raparigas da tua idade possuem telemóveis de última geração, mas...

– É perfeito – sussurrei, agarrando-me ao significado daquele gesto. – É simplesmente perfeito, Anna. Obrigada.

Ela sorriu com uma pitada de ternura, e pousou-me uma mão nos cabelos. O meu coração ficou mais quente.

– Oh, Nica... Porque é que não vestes as roupas que te comprámos? – perguntou-me, olhando para mim algo amargurada. – Já não são do teu agrado?

– Não é isso – respondi com uma nota de urgência. – Muito pelo contrário... agradam-me imenso!

Até em demasia, na realidade.

No momento em que dei por mim a juntá-las às minhas roupas velhas, não fui capaz de as ver todas juntas fechadas dentro da mesma gaveta. Por isso, deixei-as nos sacos, ordenadas e conservadas como relíquias.

– Estava apenas à espera da altura certa para as vestir. Não queria estragá-las por nada neste mundo – murmurei, num fio de voz.

– Mas são peças de roupa – comentou Anna. – Foram feitas para se vestir. Não queres calçar aquelas meias coloridas que escolhemos juntas?

Assenti com vivacidade, sentindo-me um pouco como uma criança.

– Nesse caso, estás à espera de quê? – fez-me um gesto de carinho e em seguida baixei a cara.

Acabava de me dar mais um pouco de si mesma, e eu só podia sentir-me feliz com aquela conversa em que Anna, uma vez mais, me oferecia gotas de uma normalidade com que sonhava desde sempre.

Nessa manhã, fui para a escola sozinha.

Atrasei-me a arranjar-me, e não foi necessário ver o gancho do bengaleiro vazio para perceber que Rigel não esperara por mim.

Melhor assim. No fundo, prometera a mim mesma manter-me longe dele de novo.

Quando Billie me falara sobre o Garden Day, na sexta-feira anterior, imaginara um dia marcado pelo romantismo.

Sempre havia pensado que o dia de São Valentim fosse uma festividade íntima e discreta, que não tivesse necessidade de atos grandiosos, porque afinal de contas o amor reside nos gestos mais ocultos.

Não poderia estar mais enganada a esse respeito.

O pátio estava a abarrotar como um formigueiro. O ar encontrava-se carregado daquela atmosfera efervescente e quase elétrica que deixava toda a gente irrequieta e agitada como gafanhotos.

Por toda a parte, viam-se rosas amarelas, vermelhas, azuis e brancas, que criavam um mosaico fervilhante e variegado. Todas elas de cores garridas, sem um único espinho e carregadas de significado.

Alguns alunos circulavam com cestos repletos de ramos e liam os cartões que cada flor exibia; quando se aproximavam de um grupo de raparigas, todas sustinham a respiração, para em seguida desatarem aos guinchos no momento

em que a escolhida recebia a sua. As outras disfarçavam caretas de insatisfação ou soltavam suspiros de uma expectativa ansiosa.

Tentei chegar à entrada sem acabar por ir parar ao meio de alguma cena crucial. Não podia estar mais de acordo com Billie: era o dia do drama.

Havia raparigas que trocavam entre si botões de flor cor-de-rosa, símbolo da sua amizade, e outras dirigiam-lhes ofensas; namoradas ciumentas acusavam os próprios namorados de terem enviado em segredo rosas escarlates a esta ou àquela, esquecendo-se inclusive de agradecer as flores que seguravam nas mãos.

Reconheci um colega da minha turma: correu em direção a uma rapariga com pele cor de chocolate e abraçou-a por trás, colocando-lhe diante do nariz um botão de flor que lhe arrancou um sorriso dos lábios.

Observei-os com ternura, antes de levar um encontrão de uma líder de claque, no mínimo furiosa, para não dizer pior.

– Cor-de-rosa? *Cor-de-rosa?* Depois de tudo o que fizemos é isso que eu sou para ti? Apenas uma amiga? – rugiu a um tipo bem constituído, que coçou a cabeça, ciente do aperto em que se encontrava.

– Bom... Então, Karen... De certa forma...

– Pois para mim podes enfiar a *amizade* onde muito bem te apetecer, porra! – vociferou ela, atirando-lhe a flor à cara, e eu saí dali de fininho com os olhos arregalados, vagamente aterrorizada.

Avistei ao longe uma juba de cabelos encaracolados de um louro inconfundível.

– Billie, ei! – esgancei-me, chegando ao pé dela. – Desculpem, com licença...

Ela iluminou-se quando por pouco não caí mesmo debaixo do seu nariz.

– Nica, chegaste no momento certo! Os dramas acabaram de começar!

Vi Miki meter no cacifo duas rosas de um lindíssimo vermelho brilhante.

– Odeio este dia – murmurou entre dentes com cara de enterro, ao mesmo tempo que encafuava as flores lá dentro a contragosto e de qualquer maneira.

– Bom dia, Miki – cumprimentei-a de mansinho; ela lançou-me um olhar distraído tal como fazia todas as manhãs, mas desta vez detetei um toque de delicadeza no fundo dos seus olhos.

– Já duas rosas vermelhas a cair para o teu lado e o dia mal começou – espicaçou-a Billie, enquanto eu abria o meu cacifo. – Aposto que ainda vais receber mais umas quantas... o que é que tu achas, Nica?

Deu-me uma cotovelada, virando-se para mim, e em seguida dirigiu-me um olhar radiante.

– Ena, hoje vens toda colorida! – notou, examinando-me de cima a baixo.

Belisquei as mangas da *T-shirt* que trazia vestida. Senti vontade de sorrir, contente por já não ter de usar todo aquele cinzento.

– A Anna comprou-me uma data de coisas novas – respondi, e vi Miki lançar-me uma rápida vista de olhos.

– Oh, adoro todas estas cores! Quem sabe, talvez tu também vás receber uma bela rosa «*vermelho-fogo...*»

– Vamos para a aula – rosnou Miki com uma energia que não costumava exhibir logo de manhã cedo. – Se ouvir mais uma palavra, juro que te...! *Ei!* Larga já isso!

Billie, travessa, esgueirou-se, e antes de ter tempo de me aperceber, estendeu uma mão com rapidez e tirou também o cadeado do meu cacifo.

– Vou ficar com eles! Ah! – exclamou, vitoriosa. – Vamos embora! Vale tudo no Garden Day! Todos fazem isso!

– Tu *não* queres morrer, pois não? – sibilou Miki com os olhos em chamas.

– Vá lá, só estou a encorajar um ou outro admirador mais tímido! Quem sabe quantas flores poderão encontrar no fim das aulas...

– Estava enganada. Estás mesmo a pedir um fim *atroz*.

A gargalhada alegre de Billie encheu-me os ouvidos antes de reparar numa presença inconfundível na frente da secretaria, uma figura que magnetizou os meus olhos.

Rigel saiu pela porta e enveredou pelo corredor.

Caminhou por entre as pessoas, que se desviavam como água dando-lhe passagem, olhando em frente com firmeza.

Fitei-o sem sequer me dar conta disso. Exalava sempre aquela segurança desdenhosa, como se estivesse consciente do mundo e ao mesmo tempo o ignorasse de forma deliberada. Sabia como atrair os olhares, no entanto não lhes correspondia. Não se importava com ninguém e, contudo, a cada passo que dava parecia impor-se sobre todos os outros.

Quando se deteve diante da porta do seu cacifo, reparei no longo caule verde preso no gancho.

Dei por mim a sustar a respiração.

Pertencia a uma magnífica rosa branca.

Alguém a tinha deixado ali na esperança de que ele lhe pegasse.

Era lindíssima. Contemplei-a emudecida, mas Rigel abriu o cadeado e a rosa caiu no chão.

Perdeu-se no meio do pó e dos invólucros de pastilhas elásticas, quando ele se afastou sem sequer se dignar a dar-lhe uma vista de olhos.

– Não pegou nela – ouvi algumas raparigas cochichar. – E também não pegou na sua!

Virei-me para trás de modo a olhar para elas, desorientada, e vi que estavam a segui-lo com olhos ávidos.

– Já te tinha dito que não aceitou a da Susy – disse uma das duas. – Ela levou-lha pessoalmente... Tinha a certeza de que ele a aceitaria, ao invés

passou por ela e seguiu o seu caminho.

– Se calhar tem namorada...

Obriguei-me a parar de ouvir o que diziam. Perturbava-me ouvir falar desses termos. Todas o desejavam com ardor como se fosse inatingível, o príncipe negro de um conto de fadas sem nome. Ao fim e ao cabo, Rigel era dotado de uma beleza rara, subtil e fina como uma lâmina e tão letal como esta. E até mesmo quando se afastava, deixava sempre atrás de si um rasto de cochichos.

– Vou para a aula – murmurei, afugentando aquele peso no centro do peito.

Não percebia o que era, mas não me agradava.

No entanto, a mera ideia de descobrir o que era...

Agradava-me menos ainda.

O dia passou com uma rapidez desconcertante.

A meio de uma aula, dois membros do comité bateram à porta. Entraram com os respetivos cestos de vime, os sorrisos melífluos de quem prodigaliza alegrias e lágrimas tão só com um gesto da mão.

Fiquei estupefacta ao ver uma rapariga receber uma raríssima rosa azul.

– É fácil deduzir quem lha mandou – sussurrou Billie ao meu lado. – O azul representa a sabedoria. Existe alguém que sente admiração pela sua inteligência, não é, de maneira nenhuma, uma tonalidade que um energúmeno da equipa escolhesse para lhe oferecer... Olha só a cor com que ficou a cara do Jimmy Nut!

Vi o meu colega esconder-se atrás do livro de História, e sorri.

Depois, um membro do comité parou diante de nós.

Surpreendida, vi-o ler o nome num cartão; separou o caule dos outros e estendeu-o, fazendo-me esbugalhar os olhos.

Virei-me. Billie, ao meu lado, sorria tranquila.

– É para mim? – limitou-se a perguntar.

O rapaz assentiu e ela tomou a rosa entre as mãos.

– É branca – constatei, radiante. – Não é o símbolo do amor puro?

– Recebo uma todos os anos – confidenciou-me, enternecida. – Nunca recebi muitas flores. Na verdade, quase ninguém me oferece... mas todos os Garden Day entregam-me uma como esta – girou-a com delicadeza, admirando-a. – É sempre branca... Todos os anos. Uma vez avistei a sombra de um rapaz ao pé do meu cacifo... mas nunca consegui descobrir quem é que ma envia.

Reparei no doce rubor que lhe havia aquecido a face, e então compreendi o motivo que a levava a gostar tanto do Garden Day.

– Precisas de a pôr em água – disse-lhe, sorrindo com delicadeza. – Depois da aula vou contigo.

Quando saímos das aulas, ao final do dia, Billie ainda trazia a flor na mão.

– Está a ficar chocha – comentou comigo com um sorriso –, olha!

– Há de recuperar. – Observei as pétalas um pouco murchas. – Vamos até ao bebedouro.

Escusado será dizer que o bebedouro em questão estava mais concorrido do que um bebedouro para pardais, vendo-se uma longa fila de raparigas que exibiam com orgulho as suas flores e se vangloriavam ante as colegas.

– Há uma torneira nas traseiras do pátio – sugeriu Billie –, é mais rápido.

Demos meia-volta, deslizando contra a corrente.

À medida que nos dirigíamos para as traseiras da escola, ela desatou a tagarelar de novo com vivacidade.

– A propósito, e a minha foto? Guardaste-a? – perguntou-me com alegria.

Senti um nó nas entranhas.

A mera ideia de a ter perdido mortificava-me. Billie partilhara a sua paixão comigo e eu apreciara tanto o seu presente, mas tivera a habilidade de perdê-lo mesmo assim. Não queria que ela pensasse que lhe havia dado pouca importância, por conseguinte dei por mim a mentir de novo.

– Sim – respondi, engolindo em seco. Ao vê-la sorrir, voltei a prometer a mim mesma que assim que chegasse a casa iria procurá-la e encontrá-la-ia. Não podia ter desaparecido assim sem mais nem menos. Não podia tê-la perdido de verdade...

Chegámos às traseiras onde havia uma superfície de cimento com um cesto de basquetebol perto da vedação de rede; a torneira ficava mesmo ali ao lado.

– Espera! – Billie deu uma palmada na testa. – Deixei a garrafa na sala de aulas!

Arregalou os olhos.

– Esperemos que o contínuo ainda não tenha passado por lá!

Apressou-se a voltar para trás, prometendo-me que não se demorava nada. Sozinha com os meus pensamentos, não pude deixar de pensar onde é que poderia estar aquela foto...

Um ruído sobressaltou-me.

Ouvi um som de passos, mas não percebi de onde vinham. Contemplei as janelas que davam para as salas de aulas do rés do chão: uma delas tinha as vidraças abertas.

– Não me surpreende encontrar-te aqui.

Congelei no mesmo instante.

Aquela voz.

Foi algo indescritível ouvi-la assim tão perto. Parecia-me que ele estava ali

ao meu lado, com os seus olhos negros e o fascínio transbordante.

Afastei-me para o lado, rígida, e obtive a confirmação das minhas certezas.

Rigel estava ali, na sala de aulas.

Ainda estava sentado, como se se tivesse atrasado ficando a ler um derradeiro parágrafo. Estava a meter o livro dentro da mochila e ao lado dele, de costas, via-se uma cascata de cabelos reluzentes.

Reconheci-a de imediato: era a rapariga que havia fechado a porta da sala de música, naquele dia em que ele estivera a tocar. Era no mínimo deslumbrante. O físico esbelto e as formas suaves conferiam-lhe o aspeto de uma fada. Encontrava-se de pé ao lado do banco dele, e reparei que tinha as mãos muito bem cuidadas, com as unhas pintadas de um verniz claro; eram delicadas e perfeitas, tão diferentes das minhas, que estavam cheias de arranhões e de pensos rápidos. E entre os dedos compridos segurava...

Uma rosa vermelha.

– Estás à espera que eu pegue nela? – perguntou Rigel, indiferente, com uma pontada de escárnio. Não possuía um só cabelo fora do lugar, mas no seu olhar havia sempre aquela centelha intimidante que seria capaz de subjugar qualquer um.

– Bom... seria simpático.

Aquele sussurro causou em mim um efeito estranho: perturbou-me. Rigel correu o fecho da mochila e em seguida levantou-se da cadeira.

– Eu não sou simpático.

Passou por ela e encaminhou-se para o corredor, mas ela estendeu a mão e reteve-o, segurando a alça da mochila.

– Então és como? – perguntou ela, tentando captar a atenção dele; a mesma que ele, de costas voltadas, não estava a dispensar-lhe. Arriscou dar um passo em frente, aproximando-se das suas costas largas.

– Gostaria de te conhecer. Tenho essa vontade desde que te vi no primeiro dia, sentado a esse piano – pronunciou com voz suave, e eu vi Rigel virar-se devagar. – Gostaria muito que nos conhecêssemos melhor...

Ela ergueu a rosa, aprisionando o olhar dele no seu.

– Podias aceitá-la... e contar-me alguma coisa a teu respeito. Há tantas coisas que ainda não sei, Rigel Wilde – insinuou em tom sedutor. – Por exemplo... que tipo de pessoa és tu?

Rigel não voltara a dirigir-se à porta.

Ficou a observar a rosa sob as pestanas, com os cabelos escuros a emoldurarem-lhe o rosto perfeito e as feições bem delineadas, e eu apercebi-me de que nos seus olhos... não brilhava nada.

Mostravam-se impassíveis. Insensíveis. Dois muros de diamante desprovidos de qualquer emoção.

Eram vazios, frios, remotos, como estrelas mortas.

Ergueu os olhos na direção dela. E eu percebi que estava prestes a mostrar a sua máscara.

Rigel levantou um dos cantos da boca... e sorriu. Sorriu daquele seu modo persuasivo, de animal sedutor.

Era de cortar o fôlego, aquele sorriso de esguelha, envenenava com a sua maldade e enfeitiçava com a sua sedução. Era o sorriso de quem não permite que ninguém se aproxime.

Ergueu a mão e fechou-a em torno do botão da flor, com o olhar cravado no dela. Apertou, e as pontas dos dedos afundaram-se devagar na corola até a destruir. Fragmentos de pétalas espalharam-se aos seus pés como um punhado de borboletas mortas.

– Sou um tipo *complicado* – sibilou, respondendo à pergunta dela.

O timbre de voz baixo e rouco alcançou-me através do ar e causou-me um arrepio ao longo da espinha dorsal.

Depois, ele voltou costas de novo e foi-se embora. Os seus passos desvaneceram-se para lá da porta.

Contudo, eu ouvi-o. Como se ainda ali estivesse.

A sua voz escavara um trilho dentro de mim.

Permanecera como um hematoma impresso no ar, violento e silencioso.

Estremeci quando uma mão me tocou no ombro. Virei-me sobressaltada e Billie olhou para mim confusa.

– Assustei-te? – perguntou, soltando uma gargalhada. – Desculpa! Encontrei a garrafa. Ainda discuti com o contínuo, mas no final consegui reavê-la! – Mostrou-me vitoriosa, e eu olhei para ela quase sem a ver.

Enchemo-la com água da torneira e depois voltámos para trás; quando Billie desatou a falar de novo, eu não consegui prestar atenção ao que dizia.

Os meus pensamentos estavam concentrados em Rigel.

A máscara de educada cortesia atrás da qual se escondia.

O sorriso cínico e insolente, como se aquela tentativa de penetrar nele o tivesse divertido e condoído.

Como é que ele fazia isso? Como é que fazia para seduzir as pessoas daquela maneira?

Como é que fazia para nos subjugar com o seu olhar e incutir medo no momento seguinte?

De que é que Rigel era feito? De carne ou de pesadelos?

Billie vislumbrou Miki no meio da multidão e correu ao seu encontro, radiante como um girassol.

– Miki! Olha! Este ano também!

Miki observou a rosa com ar distraído, farta daquele dia até à raiz dos cabelos, e Billie sorriu.

– Já reparaste? É branca!

– Tal como todas as outras vezes... – murmurou Miki entre dentes, abrindo o seu cacifo. Uma das rosas vermelhas caiu no chão e ela esforçou-se por ignorá-la ao mesmo tempo que encafuava os livros no meio daquele labirinto de folhas de papel e caules de flores.

Billie curvou-se a fim de apanhar a rosa da amiga e entregou-lha com um sorriso de satisfação. Miki ficou paralisada. Fitou-a por um momento, tirando-lha devagar da mão. Observou-a, pestanejando, e logo em seguida atirou-a também para dentro do cacifo.

– Hum... na tua opinião, parece-te bem toda esta água em que a coloquei? Não será demasiada? E se eu a afogar? Nica, o que achas? – perguntou Billie, virando-se para mim, e eu respondi-lhe que era verdade que as flores podiam fazer uma série de coisas mirabolantes, mas afogar-se definitivamente não era uma delas.

– Tens a certeza? – perguntou. – Não queria estragá-la, parece tão delicada...

– Desculpa? – intermeteu-se uma voz.

Um rapaz encontrava-se de pé atrás de Miki, e não parecia em nada ciente de segurar entre as mãos um dispositivo de um tom vermelho-brilhante.

– Desculpa? – sorriu seguro de si, e eu e Billie ficámos a olhar para ele à medida que dava pancadinhas no ombro dela.

De repente, ficou pálido como a cal da parede, quando Miki se virou deitando faíscas pelos olhos.

– *O que é?* – grunhiu, amável como um touro enraivecido, deitando por terra todas as boas intenções.

– Eu só queria... – O rapaz parecia estar em apuros. Levou a mão à rosa, desajeitado, e o olhar de Miki tornou-se ainda mais cortante.

– *O que é que foi?*

– N... não... nada – apressou-se a desdizer-se, escondendo a flor atrás das costas; riu com nervosismo e depois fugiu dali a correr como se levasse asas nos pés.

Verificou-se um instante de silêncio, enquanto o víamos dar de frosques.

– Uma coisa é preciso reconhecer – ressoou a voz de Billie no ar, passado um momento. – Inspiras desejo sexual em todos.

Miki levantou as mãos e Billie soltou um gritinho divertido.

Embrenharam-se com vivacidade em mais uma discussão, contorcendo-se como cobras-de-água: ocultei um sorriso e abri o meu cacifo.

Pouco depois...

O mundo parou.

O meu sorriso extinguiu-se e todos os ruídos foram engolidos por aquela porta aberta, como se tivessem sido devorados por um buraco negro.

Era assim que era.

Negra.

Negra como uma noite sem lua.

Negra como nunca me atrevera a imaginar alguma coisa assim tão delicada.

Negra como a tinta.

Demasiado abalada para respirar, levantei a mão e tirei-a para fora da sua gaiola de metal. A rosa negra emergiu como um hematoma debaixo dos meus olhos, hirta e selvagem, as pétalas imbuídas de trágico encanto.

Não era um caule liso, macio e inócuo como os outros. Não, era uma haste cravejada de espinhos que se enredaram entre os meus pensos rápidos, mordiscando a proteção.

Fitei-a como se nem sequer fosse real.

E desta vez não tive dúvidas. Mas sim uma certeza.

O coração bateu-me com força, um mecanismo espoletou-se no fundo do meu cérebro. Percebi algo que já deveria ter compreendido há muito tempo, e os meus livros caíram no chão à medida que eu recuava, com os dedos apertados em torno daqueles espinhos.

Eu não perdi aquela fotografia.

Nunca a tinha perdido.

E quanto mais isso se transformava numa certeza absoluta dentro de mim, mais aquela rosa se aferrava aos meus dedos, dizimando todas as minhas hesitações.

Virei-me e desatei a correr.

O mundo ficou desfocado enquanto eu atravessava o corredor, e em seguida o pátio e os portões, impelida por um instinto irreprimível.

Olhares chocados recaíram sobre a flor que eu levava na mão, e os cochichos multiplicavam-se à minha passagem:

– É negra... – vociferavam. – Nunca se viu uma rosa negra... – E as raparigas, empolgadas: – Como é linda!

Mas é negra, negra, negra, ressoou-me na cabeça enquanto corria para casa sem sequer me voltar para trás.

Meti a chave à pressa na fechadura e abandonei a mochila nas escadas, e o casaco no último degrau. A minha investida deteve-se ali, diante daquela única porta.

A rosa arranhava-me a carne das mãos como se não conseguisse largá-la, com todos aqueles espinhos engastados nos rebordos dos pensos rápidos.

Como se fosse a prova. A concretização daquela dúvida que agora gritava o seu nome.

Por mais louco que parecesse. Insensato. Ilógico e absurdo...

Teria sido ele? Teria sido ele a roubar a fotografia?

«Não entres no meu quarto», tinha-me dito.

Num gesto impetuoso, rodei a maçaneta da porta e entrei.

Sabia que ele não estava, porque todas as tardes precisava de cumprir o castigo. Fechei a porta atrás de mim e olhei em redor.

Contemplei aquele ambiente desconhecido. Estava tudo muito arrumado, no seu devido lugar; as cortinas bem corridas, a cama feita.

Não pude deixar de reparar na ordem quase simétrica que se via naquele quarto. Parecia que Rigel nunca ali tinha dormido, apesar de serem seus os livros em cima da mesinha de cabeceira e as roupas dentro das gavetas.

Apesar de ele passar a maior parte do seu tempo entre essas paredes...

Não.

Engoli em seco.

Aquele era o *seu* quarto.

Rigel dormia ali, estudava ali, vestia-se ali. Era de Rigel a *T-shirt* pousada nas costas da cadeira, era de Rigel a toalha que espreitava desde o interior do roupeiro, eram seus também aqueles cadernos em cima da escrivaninha preenchidos com a sua caligrafia elegante.

Era de Rigel o perfume que notei no ar.

Fui acometida por uma inquietação estranha. Parecia que os espinhos furavam os pensos rápidos que tinha nos dedos, recordando-me de que devia despachar-me.

Avancei com cautela, aproximando-me da escrivaninha. Vasculhei os papéis empilhados, afastei alguns livros, depois olhei dentro do roupeiro, da cómoda, até mesmo no interior dos bolsos dos casacos.

Revistei por todo o lado, prestando atenção para deixar as coisas exatamente no mesmo sítio. Procurei em todas as gavetas da mesinha de cabeceira, encontrando-as quase todas meio vazias, mas a foto não estava ali.

Não estava...

Detive-me no centro do quarto, passando o pulso pela testa.

Já tinha vasculhado em todo o lado.

Um momento, não. *Em todo o lado* não...

Virei-me na direção da cama. Observei a almofada, a dobra do lençol muito bem esticada, os cantos entalados, sem uma ruga fora do lugar. E depois o colchão.

E então lembrei-me das vezes em que escondia debaixo das molas os pedaços de chocolate que nos davam durante as visitas, para poder comê-los sem que ninguém me visse; lembrei-me dos pauzinhos dos gelados que metia ali para que a tutora não os encontrasse...

Deveria tê-lo ouvido.

Talvez, se não tivesse estendido uma mão na direção do colchão a fim de o levantar e de o encontrar vazio, me tivesse apercebido antes.

Talvez, se não tivesse apertado com tanta força aquela rosa entre os dedos,

teria pelo menos sentido o gelo que precedeu aquelas palavras.

– Já te tinha *dito*... para não entrares no *meu* quarto.

Caí e precipitei-me na mais negra realidade.

Estava encurralada.

Como que petrificada, os meus olhos deslizaram para trás até pousar nele.

E Rigel estava ali, diante da porta aberta, sombrio e intransponível como só ele sabia ser.

Tremendo. Não saberia defini-lo de outra maneira.

As suas pupilas eram como pregos que se enterravam em mim. Amendoados e felinos, os seus olhos negros brilhavam como abismos prontos a sugar-me.

Não fui capaz de me mexer do mesmo sítio. Até o meu coração tinha congelado.

Naquele momento, achei-o tão alto e terrível que metia medo: os ombros tensos e os olhos implacáveis eram os de um guardião de pesadelos.

E eu acabara de invadir os seus domínios, de transpor as suas fronteiras...

Ainda estava a tentar reagir quando, devagar, sem dar um único passo... ele levantou o braço. Ergueu a mão e apoiou-a sobre o batente aberto da porta. Em seguida, empurrou-o atrás de si.

O longo *clique* da fechadura deixou-me petrificada.

Acabara de fechar a porta atrás de si.

– Eu... – comecei por dizer, engolindo em seco. – Só estava...

– *Só?* – rugiu no seu tom de voz ameaçador.

– Só estava à procura de uma coisa.

O olhar dele emanava uma dureza assustadora. Apertei a rosa com força sem saber a que mais agarrar-me.

– Uma coisa... no meu quarto?

– Estava à procura de uma fotografia.

– E encontraste-a?

Hesitei, com os lábios trémulos.

– Não.

– Não – resfolegou ele em tom definitivo, semicerrando os olhos.

A aura terrível que emanava sugeria-me que fugisse para o mais longe possível dali.

– Entras na toca do lobo, Nica, e depois ainda pretendes que eu não te devore.

O meu corpo retesou-se quando ele se encaminhou na minha direção.

O impulso de recuar gritou alto e nítido dentro da minha cabeça, todavia não cedi.

– Foste tu? – cuspi de chofre, erguendo a rosa negra. – Foste tu quem me ofereceu isto?

Rigel deteve-se. Os seus olhos recaíram sobre a flor, secos e inexpressivos, arqueando uma sobranceira logo em seguida.

– Eu? – indagou, sem conseguir reprimir uma nota de divertimento. Os seus lábios franziram-se num sorriso irónico, carregado de perfídia. – Oferecer... uma flor... *a ti?*

Mordeu-me com as palavras, e a segurança de há pouco cedeu, deixando margem para a dúvida.

Baixei os olhos, hesitando na frente dele daquela maneira que tanto o divertia, e o esgar nos seus lábios tornou-se mais fino, assemelhando-se a uma faca.

Em poucos passos chegou ao pé de mim e arrebatou-me a rosa da mão.

Fiquei boquiaberta enquanto ele erguia a flor e começava a arrancar as pétalas: uma chuva de papelinhos negros começou a cair em cascata diante dos meus olhos.

– Não! Não! Larga a flor! – Debati-me para reavê-la. Era minha, apesar de tudo aquela rosa era minha! Era um presente sem culpa, e depois de Rigel ter troçado dela daquele modo senti mais do que nunca a necessidade de a defender.

Arranhei com desespero o tecido que lhe cobria os braços, mas ele ergueu-a ainda mais alto de forma a assegurar-se que eu não lhe chegava.

Arrancou e desfez cada pétala, e num impulso de desespero pus-me em bicos de pés.

– Rigel, para com isso! – Agarrei-me ao seu peito. – *Para com isso!*

Esubugalei os olhos ao sentir que perdia o equilíbrio.

Num gesto instintivo encostei-me a ele, mas Rigel não devia estar à espera disso porque consegui arrastá-lo para o chão comigo.

Caí de costas em cima da cama, sentindo o colchão vergar-se debaixo das minhas costas.

Não tive tempo de formular um pensamento... Algo aterrou em cima de mim e o teto esfumou-se entre as minhas pestanas semicerradas. Por um momento, vi apenas um mosaico de manchas indefinidas que me fez cerrar as pálpebras com força.

Senti algo a ser depositado com delicadeza nos meus cabelos; algo também na curva da minha garganta. Eram pétalas. Reconhecia-as com dificuldade ao mesmo tempo que um peso se levantava do meu busto..

Quando fui capaz de focar a imagem...

Fiquei sem fôlego.

O rosto de Rigel encontrava-se a um palmo de distância do meu.

O seu corpo dominava-me.

Aconteceu tudo tão de repente que quase me saiu o coração pela boca. Tinha um joelho entre as minhas coxas e o tecido das suas calças picou-me a

carne através da fazenda. O hálito dele queimava-me a boca, húmido e ofegante, e as mãos encontravam-se afundadas dos dois lados da minha cara que nem garras de águia.

Contudo, foi só quando fitei os seus olhos perturbados que me senti tremer: no seu olhar detetei algo que nunca tinha visto antes, uma centelha de luz que me secou a garganta.

Refletia-se nos meus lábios entreabertos, na respiração que me inflava o peito de forma ritmada, e no rubor que me mordida as faces – estávamos tão perto um do outro que o batimento cardíaco que palpitava na minha garganta era o seu.

A minha estupefação era a sua.

A minha respiração era a sua...

Tudo era seu, inclusive a minha alma.

Fui percorrida por um enorme arrepio. A minha mente gritou como que enlouquecida e, com uma força que não julgava possuir, empurrei-o com brusquidão para longe de mim.

Levantei-me da cama e logo depois fugi do quarto veloz como uma lebre.

Cheguei ao corredor aos tropeções e enfei-me no meu quarto, fechei a porta e apoiei as costas, deslizando por ela até ao chão.

Dei por mim assim, com o coração a martelar de forma dolorosa de encontro à caixa torácica, devorada pelos tremores. A minha pele ainda gritava a sua presença como se esta estivesse gravada em mim por todo o lado.

O que é que ele estava a fazer comigo?

Que veneno é que me havia injetado?

Tentei acalmar a respiração, mas, dentro de mim, havia alguma coisa abrasadora que se debatia como que tomada por um tipo de loucura.

Sussurrava-me ao ouvido, brincava com os batimentos do meu coração e caminhava por entre os meus pensamentos.

Banqueteava-se com as minhas sensações e transformava-as em arrepios.

Não tinha lógica.

Não tinha medida.

E nem sequer tinha... delicadeza.

Um livro

A inocência não é algo que se perde.

*A inocência é algo que se é,
a despeito de qualquer dor.*

Não conseguia mexer-me. As minhas pernas tremiam, os olhos estavam cegos. A escuridão era demasiado espessa. As minhas pupilas deslocavam-se, saltando de um lado para o outro como se esperassem alguém. As unhas raspavam no metal, convulsivas e febris, mas não seria capaz de libertar-me. Nunca conseguiria fazê-lo.

Não viria ninguém salvar-me. Ninguém responderia aos meus gritos. As tômporas martelavam, a garganta ardia, a pele rasgava-se debaixo do cabedal e eu estava sozinha... sozinha...

Sozinha...

Esubugalei os olhos com um soluço sufocado.

O quarto rodopiou e o meu estômago contorceu-se: endireitei-me, sentindo falta de ar, tentando acalmar-me, mas o suor gelava-me as costas ao enredar-me o terror na pele.

Arrepios viscosos percorriam todo o meu corpo e o coração ameaçou explodir-me dentro do peito.

Encolhi-me encostada à cabeceira da cama e estreitei junto a mim o boneco de peluche em forma de lagarta que os meus pais me tinham oferecido, tal como fazia quando era pequena.

Encontrava-me em segurança. Este era outro quarto, outro lugar, outra vida...

No entanto, aquela sensação perdurava. Esmagava-me. Dobrava-me sobre mim mesma e então eu regressava ali, àquela escuridão. Voltava a ser criança.

Talvez ainda o fosse.

Talvez nunca tenha deixado de o ser. Alguma coisa dentro de mim

quebrara-se há já muito tempo, ficara pequeno, infantil, ingénuo e amedrontado.

Tinha parado de crescer.

E eu sabia disso... Sabia que não era como os outros, porque à medida que crescia aquela parte deformada de mim permaneceu criança.

Ainda via o mundo com os mesmos olhos.

Reagia com a mesma ingenuidade.

Procurava nos outros a luz tal como a havia procurado *Nela* quando era pequena, sem nunca a encontrar.

Era uma borboleta acorrentada.

E se calhar...

Sempre o seria.

– Nica, estás bem?

Billie fitava-me com a cabeça inclinada, a farta cabeleira puxada para trás e presa com uma fita.

Tinha passado a noite em claro, tentando não mergulhar nos meus pesadelos, e a minha cara ressentira-se.

A escuridão não me trazia paz. Uma vez experimentei deixar a luz do candeeiro da mesinha de cabeceira acesa, mas Anna deu por isso e, achando que se tratara de um esquecimento da minha parte, entrou no quarto e apagou-a. Não tive coragem de lhe dizer que preferia dormir com uma pequena luz de presença acesa tal como uma menina pequena.

– Estou – respondi, esforçando-me por parecer natural. – Porquê?

– Não sei... Estás mais pálida do que o costume. – Os seus olhos perscrutaram-me com atenção. – Pareces cansada... Não dormiste bem?

A ansiedade retesou-me como um fio. Nesse mesmo instante, uma agitação injustificada começou a mover-se dentro de mim. Estava habituada a reações semelhantes, era acometida com frequência por preocupações exageradas que alimentavam o meu lado mais frágil e infantil. Era sempre assim quando se tratava *daquilo*.

As mãos suavam, o coração esticava-se como se estivesse prestes a rasgar-se e o único desejo que eu tinha era que ninguém pudesse ver-me.

– Está tudo bem – respondi em voz baixa. Perguntei-me se teria soado convincente, mas Billie parecia ter acreditado de verdade.

– Se quiseres, dou-te a receita de uma infusão relaxante – sugeriu-me. – A minha avó fazia-ma quando eu era pequena... Depois envio-ta para o telemóvel!

Quando Anna me ofereceu o telemóvel, Billie pediu-me de imediato que trocássemos os nossos números, e deu-me também algumas dicas sobre como

configurá-lo.

– Vou pôr-te uma borboleta – informou-me, gravando o meu nome na sua lista de contactos.

– São *emojis* – explicou-me com vivacidade. – Olha, a minha avó tem o rolo da massa. À Miki pus-lhe um panda, embora aquela ingrata não mereça. Ela gravou o meu contacto com o cagalhão...

Havia tanta coisa para aprender que de momento mal era capaz de enviar uma mensagem sem meter os pés pelas mãos.

– Já acabaram de dar à língua? – exclamou uma voz indignada. – Não vos trouxe aqui para se entreterem. Esta é uma aula como outra qualquer! *Silêncio!*

A tagarelice esmoreceu. O professor Kryll perscrutou, um por um, os alunos que enchiam o laboratório. Ordenou-nos que puséssemos os óculos de proteção, prometendo uma suspensão a todos quantos fossem apanhados a fazer uso indevido dos instrumentos.

– Porque é que escreves o endereço da tua casa na capa dos livros? – segredou-me Billie, ao mesmo tempo que eu empurrava o livro de biologia na direção de um canto da mesa que partilhávamos.

Observei a etiqueta com o meu nome, a disciplina, o ano e tudo o resto.

– Porquê? Achas esquisito? – perguntei, embaraçada, lembrando-me da imensa felicidade com que havia escrito a morada de casa. – Assim, se o perder, saberão a quem pertence, não é?

– E o nome já não era suficiente? – perguntou ela com uma risada, fazendo-me corar.

Pode ser que façam confusão...

– Estão todos prontos? – bramou Kryll, chamando a si todos os olhares.

Pus os óculos, entalando o cabelo atrás das orelhas.

Uma parte de mim sentia-se deveras empolgada. Nunca tinha tido aulas práticas de laboratório!

Calcei as luvas de plástico, analisando a sensação sobre os dedos.

– Espero que não nos mande estripar enguias como da última vez – murmurou alguém atrás de mim. Ergui as sobrancelhas com um sorriso indefinido.

Estripar?

– Muito bem – anunciou Kryll. – Agora podem colocar o material em cima da mesa.

Virei-me para o lado e encontrei aí uma prancheta com uma caneta atada com um cordel. Peguei nela ao mesmo tempo que o professor acrescentava:

– E não se esqueçam, o bisturi não corta os ossos.

– O bisturi não corta... o quê? – perguntei com ingenuidade, antes de cometer o erro de baixar os olhos.

Senti a pele ficar arrepiada com um espasmo aterrador.

A rã morta jazia com as patas abertas sobre uma tábua de cortar em metal.

Fitei-a horrorizada e o sangue fugiu-me do rosto. De repente, tive consciência do que estava a acontecer: à minha frente, dois rapazes observavam com a experiência de um carnicheiro a fileira de facas; um pouco mais adiante, uma miúda calçava as luvas com um estalido seco; junto à porta, um garoto todo curvado para a frente de certeza que não estava a fazer respiração boca a boca à sua rã.

Socorro!

Virei-me a tempo de ver o Kryll sair do que tinha toda a pinta de ser uma sala de tortura: uma despensa onde vislumbrei frascos, ampolas e recipientes abarrotados de borboletas esvoaçantes, coleópteros, centopeias e cigarras.

Revirou-se-me o estômago.

Billie ergueu o bisturi, sorridente.

– Queres ser tu a cortar primeiro? – propôs como se estivéssemos a falar de um rolo de carne.

Nesse momento tive a certeza de que me sentia mal.

Agarrei-me à mesa e a prancheta escorregou-me das mãos.

– Nica, o que é que tens? Estás bem? – perguntou-me ela.

Alguém atrás de mim virou-se de modo a olhar para mim.

– Eu... Não – repliquei pálida, engolindo em seco.

– Estás a ficar esverdeada... – comentou, perscrutando-me. – Se calhar tens medo de rãs, hã? Sossega, repara que está mortinha da silva! *Mor-ti-nha-da-sil-va!* Pronto, estás a ver? Repara! – E dito isto começou a espetá-la com o bisturi debaixo dos meus olhos horrorizados.

Os óculos ficaram embaciados com a minha respiração e dei por mim a rezar pela primeira vez na minha vida para que me castigassem e expulsassem da sala.

Não, isso não. Não conseguiria fazê-lo. Não conseguiria fazê-lo nem sob tortura...

– Não posso acreditar – disse uma voz atrás de mim –, a defensora dos caracóis está com medo de uma rãzinha de nada...

Na mesa mesmo atrás da minha reconheci o rapaz que encontrara no muro baixo do pátio e depois no centro comercial.

Ele esboçou um sorriso, com os óculos de proteção assentes na cabeça.

– Olá, miúda do caracol.

– Olá... – murmurei entre dentes. Ele fitou-me como se quisesse dizer alguma coisa, mas logo depois o Kryll gritou-nos para que voltássemos ao trabalho.

– Não te preocupes, Nica, eu trato do assunto – tranquilizou-me Billie, vendo que eu usava a prancheta como escudo. – É evidente que até hoje nunca tinhas tido aulas práticas de laboratório! Mas não tens por que te envergonhar,

hã! Trata-se de uma brincadeira de rapazes! Fazemos assim, eu corto e tu escreves o que acontece.

Assenti a custo, lançando alguns olhares em redor.

Espreitei de esguelha para a rã, dirigindo-lhe um olhar compassivo. Arrependi-me de imediato, quando a Billie sorriu a empunhar o bisturi.

– Muito bem! Pois então, vamos lá a isto... cuidado com os salpicos!

Escondi o pescoço entre os ombros ao mesmo tempo que um ruído viscoso e nojento me aguilhoava os ouvidos. Segurei a prancheta mesmo na frente da cara de modo a não ver mais nada a não ser a página em branco.

– Cá está! Isto é o coração! Ou será que é um pulmão? Oh, caramba, como é mole... Tem uma cor tão esquisita! Vê só esta coisa... Nica, estás a tomar apontamentos?

Acenei a cabeça com rigidez, escrevinhando de forma convulsiva.

– Oh, *caramba*... – ouvi-a murmurar.

Mudei de página, rabiscando nervosa e com rapidez.

– Oh, é tão viscoso e nojento... Escuta só o barulho húmido que faz...
hugh...

Talvez tenha sido a providência. O destino. A salvação.

Fosse lá o que fosse, materializou-se na forma de um pedaço de papel.

Fui encontrá-lo na mesa ao lado da minha.

Quando com gestos trémulos o abri, vi que lá dentro havia apenas duas letras simples.

– Ei.

Alguém pigarreou e eu virei-me. O rapaz estava de costas para mim, no entanto reparei no canto de uma folha de papel rasgada e arrancada do seu dossiê.

Entreabri os lábios, indecisa, mas sobressaltei-me antes de ter oportunidade de fazer alguma coisa.

– Dover! – gritou o professor, e eu arregalei os olhos. – O que é isso que tens aí? – Muitos colegas viraram-se para mim.

Oh, não!

– On... onde?

– Aí! Tens qualquer coisa contigo, eu vi!

Aproximou-se em passo acelerado e eu lancei olhares frenéticos a toda a volta. Fui acometida pelo pânico.

O que é que a Anna e o Norman iriam dizer se soubessem que não estava a prestar atenção às aulas? Que me tinham apanhado com um bilhete na mão?

Não sabia o que fazer. Não raciocinei. Vi o professor vir na minha direção, furioso, e num ímpeto de desespero virei-lhe as costas e depois enfiei o bilhete na boca.

Mastiguei como uma possessa, empenhando-me a fundo como poucas

vezes havia feito na minha vida de privações.

E como se não houvesse limites para a vergonha, quem encontrei diante de mim foi o mesmo rapaz que mo havia entregado, que se virara de forma a encarar-me, e que me viu a engoli-lo mesmo debaixo do seu olhar atônito.

Afinal de contas, pelo menos consegui sair viva daquele episódio.

O Kryll não ficou nada satisfeito quando viu que eu não tinha nada nas mãos.

Dirigiu-me um olhar desconfiado, e depois ordenou-me que não me distraísse mais e que prosseguisse com o meu trabalho.

Perguntei-me o que teria pensado se me tivesse visto naquele momento, à medida que me afastava com rapidez ao longo do passeio com os braços apertados de encontro ao peito, como se me doesse a barriga.

Quando me encontrei longe o suficiente, lancei um olhar furtivo para trás de mim.

Encontrava-me perto da ponte; ali a relva descia em declive rumo ao rio. Ajoelhei-me e abri o fecho do moletão.

O escaravelho agitava-se no interior do frasco que trazia nas mãos. Observei-o através das madeixas de cabelo que me emolduravam o rosto.

– Não te preocupes – confidenciei-lhe como se esse fosse o nosso segredo –, tirei-te dali.

Desenrosquei a tampa, e depois pousei o frasco no chão. O bicho permaneceu no fundo, demasiado aterrorizado para sair.

– Vai – sussurrei –, antes que alguém te veja...

Virei o frasco ao contrário e ele caiu no meio das ervas, mas não se mexeu.

Contemplei-o. Era pequeno, diferente. Muitas pessoas tê-lo-iam achado nojento, horripilante, mas eu, pelo contrário, só sentia pena dele. Metade das pessoas nem teria reparado nele devido à sua insignificância, outras tê-lo-iam matado, porque era demasiado feio aos seus olhos.

– Não podes ficar aqui... vão fazer-te mal – sussurrei com amargura. – As pessoas não compreendem... Têm medo. Esmagar-te-ão só para que não passes perto delas.

O mundo não estava habituado a ver os seres diferentes como nós. Trancavam-nos em instituições só para se esquecerem de nós, mantinham-nos afastados, no pó, obliterando a nossa existência, porque era mais cómodo assim. Ninguém queria ter-nos por perto, e o mero facto de olhar para nós era incómodo.

Eu sabia disso bem de mais até.

– Vai, anda... – Remexi um pouco a terra perto das suas patinhas e nesse momento ele abriu as asas: levantou voo e desapareceu diante dos meus olhos.

Suspirei, e um resquício de alívio alegrou-me o coração. – Adeus...

– Oh, meu Deus... Ao que parece falar sozinho não é uma prerrogativa dos loucos.

Escondi o frasco. Não estava sozinha. Duas raparigas observavam-me com um olhar irónico e compassivo. Reconheci uma das duas: era aquela que tinha oferecido a rosa vermelha a Rigel. Os cabelos brilhantes e as mãos muito bem tratadas eram os mesmos que eu vislumbrara através da janela.

Quando cruzei o meu olhar com o dela, esta sorriu com ar piedoso.

– Assim vais espantar os pombos.

De repente a vergonha mordeu-me o estômago. Tinham-me visto libertar um bicho do laboratório? Esperava que não, caso contrário estaria metida num grande sarilho.

– Não estava a fazer nada – declarei com precipitação. A minha voz soou fraca e demasiado aguda, e as raparigas desataram a rir à gargalhada.

Percebi de imediato que aquilo que as divertia não era o que eu tinha feito, mas sim a minha pessoa.

Estavam a rir-se de mim.

– Não estava a fazer nada – repetiu a outra, imitando-me de maneira ridícula. – Mas afinal quantos anos tens? Pareces uma criancinha saída da escola primária. – Fitaram os meus pensos rápidos coloridos e mergulhei nas minhas inseguranças tal como acontecia quando era pequena.

Pensei que elas tinham razão. Encolhi-me até me sentir uma criança em comparação com elas, uma criatura insípida e estranha com as mãos cobertas de arranhões e a pele acinzentada e apagada como a de uma aberração encarcerada durante demasiado tempo.

Tinham-me visto num desses momentos em que penetrava no meu pequeno mundo, e para mim não havia nada mais vulnerável do que isso.

– Também as crianças da creche, que há ao fundo da rua, possuem um amigo imaginário. Talvez possas ir até lá para ver o que elas têm para te dizer. – Riram-se. – Podiam trocar o sumo entre vós... Mas sem brigar. Anda, vai ter com os teus amiguinhos. – A rapariga da rosa deu um pontapé na minha mochila.

Sobressaltei-me, arrastando-a para junto de mim, e ela pisou-me uma mão. A dor fez com que a retirasse de imediato: observei-a atordoada, incapaz de compreender o seu comportamento. Olhou-me de cima e fez-me sentir patética.

– Talvez eles pudessem ensinar-te a não ouvir as conversas dos outros às escondidas. Os teus pais nunca te ensinaram que isso é falta de educação?

– Nica!

Uma voz intrometeu-se entre nós.

Atrás delas, com um punho cerrado ao lado do corpo, uma silhueta não

muito alta olhava para nós circumspecta.

Era Miki.

– O que é que estão a fazer? – perguntou com dureza.

A rapariga também lhe sorriu.

– Oh, mas olha só quem ela é. O centro comunitário está a meio de um congresso, não tinha conhecimento disso – retorquiu ela, levando as unhas pintadas aos lábios. – Que coisa mais ternurenta. Querem que vos organize um chá?

– Tenho uma ideia melhor – respondeu Miki. – Porque é que não vão as duas à merda?

Algo fez o rosto da rapariga transfigurar-se, mas a amiga, em contrapartida, baixou os olhos, escudando-se atrás dela.

– O que foi que disseste, sua cabra?

– Ei, vamos embora... – sugeriu a colega.

– Não há por aí nenhuma veia para ires cortar?

– Claro – explodiu Miki. – Tenho a navalha aqui mesmo, porque é que não começamos pelas tuas?

– Anda, vamos embora – sussurrou a outra de novo, puxando-a devagar por uma manga.

A rapariga examinou Miki da cabeça aos pés com um esgar de nojo.

– Parvalhona sinistra – disse-lhe baixinho, com repugnância e ódio; em seguida, virou costas e prosseguiu o seu caminho com a amiga pelo passeio, sem se virar para trás. Quando se encontravam longe o suficiente, Miki baixou os olhos e fitou-me.

– Empurraram-te?

Ergui o rosto, levantando-me do chão.

– Não – respondi com voz suave.

Vi que procurava os meus olhos, cautelosa, como se quisesse sondar-me, e esperei que não lesse a humilhação no fundo do meu olhar.

– O que é que estás aqui a fazer? – perguntei-lhe, tentando desviar a sua atenção. – Vais apanhar o autocarro na paragem para voltar para casa?

Miki hesitou. Lançou uma vista de olhos ao cruzamento, situado a cerca de vinte metros de nós.

– Vêm buscar-me ao fundo da rua – respondeu, passado um bocado, relutante. Segui a direção que haviam tomado os seus olhos.

– Oh... E porquê?

Esperei não parecer demasiado intrometida. A verdade é que me sentia demasiado envergonhada naquele momento para não falar mais do que a conta.

– Prefiro assim.

Talvez Miki não gostasse que os outros vissem quem é que a vinha buscar,

ou o meio de transporte que usava para voltar para casa. Se calhar, não se sentia muito à vontade, por isso respeitei o seu silêncio e não fiz mais perguntas.

– Preciso de ir – disse, quando o telemóvel tocou dentro do seu bolso. Olhou para o ecrã sem o desbloquear e eu assenti, entalando o cabelo atrás das orelhas.

– Nesse caso, vemo-nos amanhã – disse, despedindo-me dela. – Adeus.

Passou por mim sem mais conversas e seguiu o seu caminho; fiquei a vê-la afastar-se ao longo do passeio e a minha voz assumiu o comando.

– Miki!

Agora sim, virou-se para trás a fim de olhar para mim.

Observei-a por um instante. E depois...

Depois sorri. Sorri com os olhos doces, serenos e em paz, à medida que o vento me agitava os cabelos.

– Obrigada.

Miki dirigiu-me um olhar demorado, sem dizer nada. E observou-me como se pela primeira vez, desde que me havia conhecido... conseguisse ver-me por fim.

Cheguei a casa alguns minutos mais tarde.

O calor do vestíbulo abraçou-me tal como todos os dias. Senti-me mimada, aconchegada, protegida, a salvo.

Fiquei bloqueada quando vi o blusão de Rigel pendurado num dos cabides.

Pensei nele de imediato, e antes de conseguir aperceber-me, algo no meu peito se contorceu.

Agora que já havia terminado de cumprir o castigo, precisava de habituar-me a vê-lo sempre por ali.

Passei a manhã inteira a tentar não pensar nele. Lembrar-me da sua respiração na minha boca fazia-me tremer como nunca antes me havia acontecido.

Não era normal o efeito que exercia em mim.

Não era normal que ainda o sentisse sobre mim.

Não era normal o modo como a sua voz me fazia ferver o sangue.

Não havia nada que fosse normal, talvez nunca o tivesse sido.

Gostaria de esquecê-lo. Eliminá-lo como quem lava uma nódoa. Sacudi-lo de cima de mim.

No entanto, bastava uma coisa de nada para me precipitar de novo aquelas sensações...

O toque repentino da campainha arrancou-me aos meus pensamentos.

Sobressaltei-me e virei-me para a porta de entrada.

Quem poderia ser a uma hora dessas? Anna estava na loja, e eu tinha a certeza de que Norman não passaria lá por casa; com a convenção à porta, dedicava todos os momentos livres a preparar-se para a sua intervenção.

Espreitei através do vidro martelado, e depois abri.

Na minha frente encontrei a última pessoa que estaria à espera de ver.

– Olá... – O rapaz levantou uma mão em jeito de cumprimento.

Era ele. O laboratório. O centro comercial. O caracol.

Observei-o com os olhos algo arregalados devido ao espanto.

O que é que estaria a fazer ali?

– Desculpa por ter aparecido aqui assim... Hum... Incomodo? – perguntou, coçando o pescoço.

Neguei com um aceno de cabeça, admirada com aquela visita inesperada.

– OK. Eu... passei por aqui só para te dar isto – disse, entregando-me uma coisa. – Espero não ter interrompido nada, mas... esqueceste-te dele no laboratório.

Era o meu livro de Biologia. Tomei-o com cuidado entre as mãos, surpreendida comigo mesma.

Tinha-me esquecido dele? Mas como é que isso era possível? Tinha a certeza de que a bancada ficara vazia quando saí do laboratório. Será que na pressa de ir buscar o frasco não tinha reparado?

– Vi a morada escrita no livro, e bom... acontece que estava a passar por aqui perto...

Perguntei-me o que estaria a acontecer comigo; em toda a minha vida nunca me dera ao luxo de me distrair a ponto de perder as minhas coisas por aí.

Primeiro foi a foto, agora o livro...

– Obrigada – respondi, segurando-o entre os dedos; ele deteve-se quando os meus olhos claros pousaram com delicadeza nos seus. Baixei o queixo, levando o dedo indicador à ponta do nariz. – Nos últimos tempos passo a vida a perder tudo e mais alguma coisa – graciei algo nervosa, tentando desdramatizar aquela nova situação em que nunca me havia encontrado. – Parece que não sei onde é que tenho a...

– Sou o Lionel.

Ergui o rosto e ele pareceu ficar embaraçado; baixou o olhar por um instante antes de pousá-lo de novo no meu.

– Chamo-me Lionel. Vendo bem as coisas, pelo que me lembro, ainda não fomos apresentados.

Tinha razão. Segurei o livro entre os dois braços e com uma pontada de timidez.

– Eu sou a Nica – respondi.

– Sim, eu sei.

Esboçou um sorriso e apontou para a etiqueta com o meu nome na capa do livro.

– Oh, claro...

– Bom, não há dúvida de que se trata de um passo em frente. Não achas? Agora pelo menos sabes como me chamo, caso apareça algum caracol nas redondezas...

Riu-se, e eu franzi o nariz quando um sorriso me aflorou às faces.

A sua gentileza atingiu-me como uma lufada de ar fresco. Não podia deixar de pensar no quanto ele fora altruísta ao deslocar-se até ali, onde eu morava, só para me devolver um livro.

Lionel era dotado de uma farta cabeleira loura e de um riso franco, que se estendia às suas íris cor de avelã. Possuía algo de espontâneo naqueles olhos. Algo que me infundia serenidade.

Contudo, de repente o olhar dele mudou.

Erguei os olhos de mim e dirigiu-os para um ponto nas minhas costas.

Uma ligeira circulação do ar foi suficiente para me fazer compreender.

Pouco depois, uns dedos afilados pousaram na ombreira da porta mesmo por cima da minha cabeça. Uma mão pálida, com pulso largo e bem definido, fez disparar na minha mente um alarme intermitente. Congelei, e cada centímetro da minha pele respondeu à sua presença.

– Perdeste-te?

Meu Deus, a *sua* voz. Aquele timbre rouco e insinuante. Ressoou bem dentro dos meus ouvidos, tão perto a ponto de me causar um arrepio abrasador.

Apertei as mãos em torno do livro, desejando na mesma hora que ele se afastasse de mim.

– Não, eu... na realidade passei por aqui, chamo-me Lionel – olhou para Rigel com uma certa desconfiança. – Também ando na Burnaby.

Rigel calou-se, e o desconforto daquele silêncio deslizou pela minha pele. Mordi o lado interior da bochecha e despejei:

– O Lionel veio devolver-me um livro de que eu me tinha esquecido na escola.

Tive a certeza de sentir o olhar de Rigel pousado na nuca.

– Mas que *gentil*.

Lionel encolheu um pouco a testa, fitando-o com atenção. A aparição de Rigel causava sempre uma estranha atrapalhação nas pessoas, uma perturbação difícil de explicar.

– Sim, pois... A minha turma e a da Nica partilham as aulas práticas do professor Kryll. Somos colegas de laboratório – declarou o rapaz, fitando Rigel como se esse fosse um ponto a que pretendia chegar. – E... tu? – perguntou então, com as mãos nos bolsos.

«Então, e tu? Quem és?», parecia estar a perguntar.

Rigel apoiou o pulso na porta: fitou Lionel por debaixo das suas sobrançelas escuras e um sorriso descarado bailou-lhe na comissura dos lábios, emanando uma segurança insolente. Só nesse momento é que reparei que não estava a usar nem moletão nem camisola: uma simples *T-shirt* cingia-lhe o peito bem definido sob a auréola de cabelos negros.

– Não adivinhas?

Disse-o daquela maneira muito sua, naquele modo sagaz que instilava a dúvida, como se o facto de o encontrar ali em casa comigo pudesse dar azo a várias interpretações.

Trocaram um olhar que não compreendi, todavia quando Rigel pousou os olhos em mim, este exibia a expressão definitiva de quem sabe ter tido a última palavra.

– A Anna está ao telefone – disse. – Quer falar contigo.

Cruzar o meu olhar com o seu àquela distância deu-me a percepção do quanto estávamos próximos um do outro. Dei um passo para o lado, afastando-me dele, e lancei uma vista de olhos na direção da sala de estar.

A Anna estava à espera para falar comigo?

– Mais uma vez obrigada pelo livro. De verdade – balbuciei, dirigindo-me a Lionel, sem saber muito bem o que acrescentar mais. – Agora preciso de atender o telefone... Até breve!

Despedi-me dele um pouco à pressa antes de correr para o telefone. Ele inclinou-se para mim e tive a impressão de que estava a ponto de dizer alguma coisa, mas a voz de Rigel antecipou-se.

– Vemo-nos por aí, Leonard.

– Na verdade, é Lion...

Mas só se ouviu o ruído seco da porta a fechar-se.

Borboleta branca

*Existe um mistério em cada um de nós.
É a única resposta para tudo o que somos.*

Sempre tinha pensado que Rigel era como a lua.

Uma lua negra que encobria o seu lado oculto aos olhos de todos, resplandecendo na sua escuridão até ofuscar inclusive as estrelas.

Contudo, estava enganada.

Rigel era como o sol.

Ilimitado, abrasador e inacessível.

Queimava a pele.

Deixava marcas no olhar.

Desnudava os pensamentos e lançava sombras dentro de mim que envolviam tudo o resto.

Quando regressava a casa, o blusão dele estava sempre ali. Gostaria de afirmar que me era indiferente, mas isso seria como mentir a mim mesma.

Tudo era *diferente* quando ele se encontrava por perto.

Os meus olhos procuravam por ele.

O meu coração afundava-se.

A mente não me dava tréguas, e a única maneira de não cruzar aquele olhar perturbador era permanecer trancada no quarto o tempo todo, enquanto Anna e Norman não regressassem a casa ao fim da tarde.

Escondia-me dele, mas a verdade é que havia qualquer coisa que me intimidava muito mais do que o seu olhar cortante e cru ou do que o seu temperamento distante e imprevisível.

Qualquer coisa que se agitava dentro do meu peito, mesmo quando havia paredes e tijolos a separar-nos.

Uma tarde, contudo, decidi deixar de lado as reticências e descer até ao jardim a fim de apanhar um pouco de sol.

O nosso mês de fevereiro era suave, claro e fresco – nunca tivemos invernos demasiado rigorosos por estas bandas.

Para quem, como eu, nascera e vivera no sul do estado do Alabama, não era difícil imaginar estações tão amenas: árvores desguarnecidas e ruas molhadas, nuvens brancas num céu que ao amanhecer já cheirava a primavera.

Adorei sentir de novo a relva debaixo dos pés descalços.

O sol desenhava no relvado uma renda de luzes e eu estudava à sombra do alperceiro, reencontrando uma réstia de serenidade.

A dada altura um ruído chamou a minha atenção.

Pus-me de pé e aproximei-me curiosa, mas perdi as expectativas quando descobri o que estava a causar aquela agitação.

Era um vespão. Tinha uma patinha presa na lama, quando tentava levantar voo, as asas faziam um sonoro zumbido.

Apesar de toda a minha delicadeza, dei por mim a fitá-lo com olhos aterrorizados, involuntariamente hesitante diante de uma criatura em dificuldades. Achava as asas muito bonitas, com as suas patas grossas e o colar peludo, mas os vespões sempre me tinham infundido um certo receio.

Levei uma picada muito desagradável há alguns anos: doeu-me durante vários dias, e não estava com muita vontade de reviver uma dor como aquela.

No entanto, ele continuava a debater-se de uma maneira tão inútil e desesperada que o meu lado mais terno levou a melhor: acerquei-me algo insegura, dividida entre o medo e a piedade. Tentei ajudá-lo com um pauzinho, tensa, mas fugi, soltando um grito agudo, quando o bicho emitiu de novo aquele zumbido cavernoso. Depois voltei atrás com o rabo entre as pernas, aflita, tentando ajudá-lo outra vez.

– Não me piques, por favor – implorei-lhe, quando o pauzinho se partiu na lama –, não me piques...

No momento em que o consegui libertar, senti um alívio florescer-me no peito. Por um instante, quase senti vontade de sorrir.

Em seguida, ele levantou voo com toda a rapidez.

E eu empalideci.

Deitei fora o pauzinho e desatei a correr como uma louca: escondi o rosto entre as mãos, gritando de uma maneira vergonhosa e infantil. Tropecei nos próprios pés e perdi o equilíbrio nos mosaicos da entrada. Teria caído desamparada se umas mãos não me tivessem agarrado no último momento.

– O que... – ouvi atrás de mim. – Será que enlouqueceste?

Virei-me de súbito, desconcertada, sem largar as mãos que me agarravam. Dois olhos fitavam-me estupefactos.

– Lionel?

O que é que ele estaria a fazer ali, no jardim de casa?

– Juro – exclamou ele, embaraçado –, que não estou a perseguir-te.

Puxou-me para cima e eu sacudi um pouco de terra da roupa, surpreendida por encontrá-lo ali. Ele apontou para a rua.

– Moro aqui perto. Alguns quarteirões mais à frente... Vinha a caminhar pelo passeio quando te ouvi gritar. Apanhei um susto – disse, recriminando-me e olhando-me de esguelha. – Pode saber-se o que é que estavas a congeminar?

– Não, nada. Era um inseto... – disse, virando-me de costas e procurando o vespão com os olhos. – Assustei-me.

Ele observou-me, arqueando uma sobrancelha.

– E... não podias tê-lo matado, em vez de desatar aí aos gritos?

– Claro que não. Que culpa é que ele tem se eu sinto medo dele? – respondi, franzindo o sobrolho, algo irritada.

Lionel contemplou-me por um momento, surpreendido.

– Estás... bem, então? – perguntou depois, descendo o olhar e cravando-o nos meus pés descalços.

Assenti devagar, e ao que parece ele não encontrou mais nada para dizer.

– OK... – murmurou apenas, antes de fitar um ponto indeterminado nos seus sapatos. Levantou a cabeça, arrebitando o nariz num gesto seco, e logo depois olhou-me de relance. – Nesse caso... adeus.

No momento em que ele se virou, dei-me conta de que nem sequer lhe tinha agradecido. Lionel impedira que eu desse uma queda, precipitara-se até ao jardim a fim de constatar que eu estava bem.

Sempre se havia mostrado muito simpático comigo...

– Espera!

Vi-o voltar-se. Percebi que estava a chamá-lo com um certo entusiasmo de mais.

– Queres... queres um gelado?

Ele ficou a olhar para mim um tanto ou quanto perplexo.

– No... inverno? – perguntou, mas eu disse que sim com a cabeça sem me alterar.

Observou-me, sondando-me demoradamente. Depois pareceu compreender que eu estava a falar a sério.

– Está bem.

– Gelados em fevereiro – comentou Lionel, enquanto eu saboreava o meu, satisfeita.

Estávamos sentados no passeio e tinha-lhe dado o de maçã verde.

Eu adorava gelados. Quando Anna o descobriu, comprara-me uma série daqueles com animaizinhos de goma congelados no interior, e eu tinha ficado a contemplá-los com uma expressão fascinada, incapaz de exprimir a minha

adoração.

Conversei um pouco com Lionel. Perguntei-lhe onde morava, se também ele atravessava a ponte sobre o rio no meio do vozerio dos operários.

Descobri que era fácil falar com ele. De vez em quando interrompia o meu discurso a meio, mas eu não lhe dava muita importância.

Ele perguntou-me há quanto tempo tinha chegado ali, se gostava da cidade e, enquanto lhe ia respondendo, pareceu-me senti-lo a olhar para mim de soslaio.

A dada altura, também me fez algumas perguntas sobre Rigel. Senti os nervos retesarem-se perante aquela pergunta, tal como acontecia todas as vezes que o nome dele vinha à baila numa conversa.

– No início não imaginava que fosse teu irmão – confidenciou-me, depois de lhe ter explicado de forma vaga que Rigel era um membro da minha família. Fitou a goma em forma de crocodilo na palma da mão antes de a comer.

– O que é que achavas que fosse? – perguntei. Tentei não me deter no modo como se referira a ele. De cada vez que o ouvia chamar-lhe meu irmão, dava-me uma vontade tremenda de arranhar uma superfície qualquer que me aparecesse debaixo das unhas.

Lionel soltou uma gargalhada, abanando a cabeça.

– Esquece – retorquiu com calma.

Não me perguntou nada acerca da minha infância. E eu não mencionei o Grave de forma nenhuma. Nem tão-pouco o facto de que aquele rapaz ali em casa, na realidade, não era meu irmão de verdade.

Era bom, por uma vez, poder fingir que era uma pessoa normal. Nada de orfanatos, nada de tutoras, nada de colchões esburacados e molas que arranhavam as costas.

Apenas... Nica.

– Espera, não o deites fora! – exclamei, detendo-o de um salto, quando Lionel fez menção de partir o pauzinho do seu gelado. Olhou para mim perplexo ao mesmo tempo que eu lho arrebatava da mão.

– Porquê?

– Porque eu guardo-os – respondi em voz baixa.

Ele observou-me entre divertido e curioso.

– Para quê? Por acaso não és um daqueles cromos que constroem maquetas em miniatura nos tempos livres, pois não?

– Oh, não. Faço talas com eles para as asas dos pássaros quando se magoam.

Lionel fitou-me atónito; depois pareceu chegar à conclusão de que eu estava a brincar, e riu-se.

Observou-me à medida que me levantava e sacudia o pó da parte de trás

dos *jeans*, pensativo, encerrando-se num momento de silêncio.

– Escuta, Nica...

– Hum? – Sorri, virando-me para ele: as minhas íris inundaram-no como um oceano de prata, apanhando-o de surpresa. Vi o reflexo dos meus olhos grandes encher-lhe o olhar e, por um momento, Lionel não pareceu capaz de pronunciar uma palavra.

Entreabriu os lábios e olhou para mim com um ar de total alheamento.

– Tu... Tu tens... uns olhos que... – tartamudeou de forma incompreensível, e eu franzi o sobrolho.

– Que? – perguntei, inclinando o rosto.

Abanou a cabeça, precipitado. Passou uma mão pela cara, desviando os olhos de mim.

– Nada.

Contemplei-o sem compreender, mas já me tinha esquecido quando chegou a hora de nos despedirmos. Ainda precisava de acabar de fazer os trabalhos de casa.

– Vemo-nos amanhã na escola. – Encaminhei-me para a ruela, e Lionel pareceu dar-se conta nesse momento de que estava na hora de ir andando.

Hesitou antes de se decidir a erguer o rosto.

– Podíamos trocar números de telemóvel – disparou sem mais nem menos, como se tivesse retido a frase na ponta da língua durante um bocado.

Pestanejei, e ouvi-o pigarrear.

– Sim, sabes como é... Assim se faltar às aulas peço-te os apontamentos.

– Mas nós não estamos na mesma turma – chamei a sua atenção com ar de ingenuidade.

– S... sim, pois, mas nas aulas de laboratório sim – sublinhou, obstinado. – Pode ser que venha a perder algumas dissecações *importantes*... Nunca se sabe... E depois o Kryll nunca mais se cala... Mas tudo bem, se não quiseses, não faz mal, hã... Basta dizê-lo...

Continuou a gesticular com vivacidade, e não pude deixar de pensar que ele era um bocadinho bizarro.

Abanei a cabeça, pondo fim àquela torrente de palavras. Depois, sorri-lhe.

– Está bem.

Nessa tarde, Anna chegou a casa antes do previsto.

Faltavam dois dias para a convenção dos exterminadores de pragas e ela perguntou-me se estava a precisar de alguma coisa, pois assim poderia comprar-ma.

– Estaremos de volta no próprio dia – informou-me. – Partiremos ao nascer do dia, o voo dura uma hora e meia. Chegaremos a casa depois do

jantar, provavelmente por volta da meia-noite. O teu telemóvel funciona bem, não é verdade? Tiveste dificuldades em ligar-me? Se for preciso alguma coisa...

– Vamos ficar bem – tranquilizei-a com voz afetuosa, desejando não estragar aquele evento tão importante que o Norman esperava há anos. – Daremos conta do recado, Anna, não precisas de preocupar-te por tão pouco. Eu e o Rigel...

Então, bloqueei. O seu nome ficou-me engastado na garganta como um caco de vidro.

Percebi apenas nesse momento que teria que ficar sozinha em casa com ele durante um dia inteiro. Apenas com a sua presença a preencher o silêncio das salas. Apenas com o som dos seus passos e aqueles olhos que faziam barulho...

– C... como? – sobressaltei-me, voltando à realidade.

– Podes ir chamar o Rigel? – repetiu-me Anna, colocando em cima da bancada algumas embalagens de polpa de tomate. – Também gostaria de falar com ele...

Retesei-me e não me mexi. A mera ideia de ir à procura dele, aproximar-me dele ou deparar-me de novo na frente da porta do seu quarto enregelava-me da cabeça aos pés.

Mas ela ergueu o rosto, olhando para mim, e dei por mim a apertar os lábios.

Serei boa, sussurrou uma vozinha dentro de mim.

Anna não sabia de nada sobre a relação controversa que me ligava a Rigel.

E assim devia continuar.

Ou então correria o risco de a perder.

Virei costas de maneira quase mecânica, e sem dizer nada dispus-me a atender o seu pedido.

Descobri que Rigel não se encontrava no quarto: a porta estava entreaberta, e não havia sinal dele lá dentro.

Procurei-o pela casa sem conseguir encontrá-lo, espreitando para os quartos em bicos de pés, até que a lógica me conduziu ao exterior.

Os últimos raios do crepúsculo incendiavam os botões das gardénias; ramos escuros destacavam-se em contraste com todos aqueles tons alaranjados, quais artérias e capilares de um céu lindíssimo.

Percorri o alpendre, os pés descalços beijando a madeira. Detive-me no momento em que os meus olhos pousaram sobre ele.

Estava no jardim das traseiras.

Encontrava-se de costas para mim, e a luz do crepúsculo banhava-lhe as roupas, conferindo aos seus cabelos reflexos sombrios e inesperados, como que de sangue arterial.

Consegui vislumbrar apenas um segmento muito ténue do seu rosto.

Encontrava-se rodeado por um silêncio tão perfeito que me senti uma intrusa. Fiquei a observá-lo de longe tal como sempre havia feito, e não pude deixar de me perguntar por que motivo estaria ali.

Sim, ali mesmo, no meio daquele sossego, uma mão enfiada no bolso das calças e aquela camisola que lhe estava um pouco grande na gola; os ombros macios e relaxados e uma leve brisa que lhe acariciava os pulsos...

Estás a olhar para ele em demasia, repreendeu-me uma parte de mim, *estás a olhar para ele em demasia. E não deves.*

Contudo, antes de ter tempo de desviar o olhar, o adejar de umas asas no ar chamou a minha atenção, e olhei.

Uma borboleta branca esvoaçou no jardim, dançando de cá para lá; deslizou por entre os ramos e a folhagem da árvore e depois, de repente, foi pousar na camisola de Rigel.

Permaneceu suspensa à altura do coração, ingénua e corajosa. Ou então apenas louca e sem esperança.

De repente, ergui os olhos para ele e fitei-o com inquietação e urgência.

Rigel inclinou a cabeça; as pestanas roçaram-lhe pelas maçãs do rosto esculpidas ao mesmo tempo que baixava os olhos e a observava pousada ali, com as asas abertas a fim de capturar o calor, frágil e incauta sob os seus olhos.

Depois ele levantou um braço. E antes que ela pudesse levantar voo, pousou-lhe uma mão em cima e encerrou-a entre os seus dedos.

Senti um baque attingir-me no peito.

Com o coração entorpecido, dei por mim à espera que ele a esmagasse. Esperei pelo impulso com que o veria a sufocá-la, tal como tivera ocasião de ver tantas vezes no Grave as outras crianças fazerem.

Estava tão tensa, parecia que era a *mim* que ele apertava na palma da mão. Esperei e esperei e...

Rigel abriu os dedos.

E a borboleta estava ali. Trepou-lhe pela mão, inocente e despreocupada, e ele ficou a observá-la com o ocaso nos olhos e o vento que lhe agitava os cabelos.

Ficou a vê-la levantar voo para longe. O olhar dele ergueu-se para o céu e o sol desenhou-me diante dos olhos um espetáculo jamais visto.

Fitei-o, envolto por aquela luz cálida, puríssima, que nunca achei poder assentar-lhe tão bem... Ele, a quem sempre se haviam adequado na perfeição apenas sombras e buracos negros, manchas escuras e trevas. Cheguei inclusive a acreditar que era quase perfeito assim, um anjo exilado que não pode fazer outra coisa a não ser o que é, um belíssimo Lúcifer condenado a amaldiçoar o paraíso para sempre.

Mas nesse momento...

Observando-o à luz daquele gesto, com essas cores tão vívidas, suaves

e cálidas, dei-me conta de que nunca o havia visto tão esplêndido como nesse instante.

Estás a olhar para ele em demasia, sussurrou o meu coração. *Sempre olhaste para ele em demasia, ele que destrói, que fere e enreda, ele que é o fabricante de lágrimas, a tinta que tece o conto de fadas. Não debes, não debes*, e então apertei as mãos, apertei os braços. Contraí-me, antes de me despedaçar ao olhar para ele.

– Rigel.

Vi-o fechar as pálpebras. Virou a cabeça e as suas íris profundas fitaram-me por cima do ombro.

E então eu senti-o como se voasse dentro de mim, a escavar abismos nas minhas entranhas sem sequer lhe ter dado permissão para tal.

Incendiaram-me a pele e arrependi-me de todo aquele tempo que passei a olhar para ele, arrependi-me de não ser capaz de sustentar o seu olhar sem sentir que estava a apropriar-se de qualquer coisa.

– A Anna anda à tua procura.

Sempre olhaste para ele em demasia.

Afastei-me à pressa, fugindo daquela visão. No entanto, tive a impressão de que uma parte de mim permaneceu ali, aprisionada para sempre dentro daquele instante.

– Ele já vem – comuniquei a Anna, antes de abandonar a cozinha.

Era vítima de emoções indefinidas, e não sabia como livrar-me delas.

Esforcei-me para recordar a forma como ele havia destruído a rosa, como me havia expulsado do seu quarto, como me havia sempre advertido para me manter longe do seu caminho. Recordei o escárnio, a dureza e o desprezo tantas vezes refletidos nos seus olhos e assustei-me ante as sensações que apesar de tudo relutavam em deixar-me em paz.

Gostaria de ser capaz de desprezá-lo. Desejava vê-lo desaparecer. No entanto... *No entanto...*

Não parava de procurar a luz.

Não conseguia render-me.

Rigel era enigmático, cínico e traiçoeiro como um demónio. Quantas mais provas precisava de dar-me antes de eu renunciar?

Passei o resto do dia no quarto, atormentada pelos meus pensamentos.

Depois do jantar, Anna e Norman propuseram um passeio pelo bairro, mas eu declinei. Não seria capaz de apreciar a companhia deles, nem sequer de me mostrar sorridente e despreocupada como gostaria, ficando a vê-los sair com uma pitada de melancolia.

Fiquei a balançar-me nos degraus antes de me decidir a voltar para cima.

Estava a subir as escadas quando de repente se ouviram uns acordes angelicais propagar-se pelo ar.

As pernas bloquearam, assim como a minha respiração.

Uma melodia encantadora ganhou vida atrás de mim e tudo o resto se transformou numa partitura onde essas notas reproduziram os batimentos algo frenéticos do meu coração.

Virei-me para o sítio onde se encontrava o piano.

Foi como se teias de aranha invisíveis me ligassem os ossos; deveria ter voltado lá para cima, deixar-me levar pelo bom senso, contudo... os meus pés conduziram-me até à soleira da porta daquela sala.

Fui encontrá-lo de costas, os cabelos negros destacavam-se à luz do candeeiro. Em cima do piano havia uma linda jarra de cristal onde Anna havia feito um arranjo de flores. Consegui vislumbrar as mãos imaculadas que se moviam sobre as teclas com gestos fluidos e experientes, fonte daquela magia invisível. Fiquei extasiada a olhar para ele, ciente de que ele não se havia apercebido da minha presença.

Sempre tive a impressão de que queria dizer alguma coisa com as peças que tocava.

Que, por mais silencioso que Rigel soubesse ser, essa era um pouco a sua maneira de se expressar. Havia uma linguagem muda nas notas que eu nunca soube interpretar, mas desta vez... desejei ser capaz de compreender o que sussurravam.

Nunca o tinha ouvido tocar peças alegres ou festivas. Nas suas melodias sempre havia algo de comovente e indefinido que nos despedaçava o coração.

A dada altura, *Klaus* saltou para cima do piano. Aproximou-se de Rigel e farejou-o de cabeça baixa, como se julgasse conhecê-lo.

Os dedos detiveram-se devagar. Rigel girou o rosto na direção do gato, depois estendeu uma mão e agarrou-o pelo cachaço a fim de o pôr no chão.

Mas de repente os seus ombros retesaram-se. Pouco depois, os dedos enterraram-se com brutalidade no pelo do animal e *Klaus* debateu-se, bufando-lhe, mas não serviu de nada: Rigel levantou-se de supetão e atirou-o para longe, arranhando as teclas do piano e derrubando a jarra de flores, que caiu por terra com um estardalhaço ensurdecedor. O cristal explodiu em milhares de pedaços e a violência que se desenrolou diante dos meus olhos fez com que o coração quase me saísse pela boca.

Fui tomada pelo terror. Aquele momento de paz acabou de ser feito em fânicos por uma fúria cega e eu tropecei ao recuar, transtornada. Apressei-me a sair dali, correndo pelas escadas acima com um barulho de fundo de sons desafinados.

À medida que o pânico se apoderava de mim e os batimentos do meu coração me ofuscavam a mente, os pensamentos retrocederam no tempo até uma lembrança esbatida pelo tempo...

– Mete-me medo.

– Quem?

Peter não respondeu. Era tímido, magricela, e sempre tinha pânico diante de tudo. Mas dessa vez os seus olhos sussurravam qualquer coisa diferente.

– Ele...

Embora eu fosse apenas uma menina, soube de quem ele estava a falar. Eram tantos os que tinham medo dele, porque Rigel era atípico inclusive entre as crianças como nós.

– Há qualquer coisa que não bate certo.

– O que queres dizer com isso? – perguntei, insegura.

– É violento – Peter estremeceu. – Anda à bulha e magoa qualquer um pelo simples prazer de fazer isso. Às vezes vejo-o... Arranca a erva às mancheias. Parece fora de si. Raspa-a como um animal. É feroz e raivoso, não sabe fazer mais nada a não ser o mal.

Engoli em seco, contemplando-o sob os tufos das minhas tranças desfeitas.

– Tu não tens nada a temer – tranquilizei-o com a minha vozinha. – Nunca lhe fizeste mal nenhum...

– E tu? O que lhe fizeste?

Mordisquei os rebordos dos pensos rápidos, sem saber o que responder. O Rigel fazia-me chorar e desesperar, mas eu não sabia porquê. Sabia apenas que dia após dia se assemelhava cada vez mais àquela história que nos contavam antes de dormir.

– Tu não o vês – sussurrou Peter com uma voz espectral. – Tu não o ouves, mas eu... estou no mesmo quarto que ele – virou-se de modo a olhar para mim e a expressão no rosto dele assustou-me. – Não sabes a quantidade de coisas que despedaçou sem motivo nenhum. Acordava na calada da noite e gritava-me para sair dali. Não vês como ele sorri, às vezes? Não vês o esgar que ele faz? Não é como os outros. É desequilibrado e cruel. É mau, Nica... Devíamos manter-nos todos longe dele.

Acrasia

*Aquela que rosna, bufa e arranha costuma
ser a alma mais vulnerável.*

Violento e cruel.

Estas eram as suas definições.

Manipulador com quem pretendia enfeitiçar, medonho no reverso da medalha.

Rigel mostrava-me o sangue nas mãos, os arranhões no rosto, a crueza nos seus olhos quando fazia mal a alguém. Rosnava para que me mantivesse longe dele, o sorriso sombrio e escarninho com que ao mesmo tempo parecia desafiar-me a fazer o contrário.

Não era um príncipe encantado. Era um lobo. E talvez todos os lobos tivessem a aparência de príncipes esplêndidos e delicados, caso contrário a Capuchinho Vermelho não se teria deixado enganar.

Esta era a conclusão que eu devia aceitar.

Não havia luzes.

Não havia esperanças.

Não com alguém como Rigel.

Porque é que eu não era capaz de entendê-lo?

– Estamos prontos – começou Norman por dizer. O dia da partida tinha chegado demasiado cedo, e quando pousei a mochila ao fundo das escadas, experimentei uma estranha e indescritível sensação de desagrado.

Troquei um olhar com Anna e percebi que o motivo era a consciência de que só a voltaria a ver muito mais tarde.

Embora estivesse ciente do meu apego excessivo, vê-los partir causava-me uma estranha sensação de abandono que me fazia sentir uma criança outra vez.

– Vão ficar bem? – perguntou Anna, preocupada. A ideia de nos deixar um

dia inteiro sozinhos perturbava-a, sobretudo tendo em conta a fase delicada em que nos encontrávamos com o processo de adoção. Sabia que ela não considerava oportuno ausentar-se, mas eu tranquilizara-a com o facto de que voltaríamos a encontrar-nos nessa noite e que, quando regressasse, iria encontrar-nos ali.

– Telefonaremos assim que aterrarmos. – Ajeitou o lenço ao pescoço e eu assenti, esforçando-me por sorrir. Rigel encontrava-se poucos passos atrás de mim.

– É preciso dar de comer ao *Klaus* – recordou-nos Norman, e apesar de tudo o meu rosto iluminou-se. Ansiosa, baixei os olhos na direção do bichano, e vi-o devolver-me um olhar sinistro antes de passar por mim de rabo alçado, sem sequer roçar por nós.

A mão de Anna apertou o ombro de Rigel ao mesmo tempo que erguia os olhos na minha direção. Sorriu-me, ajeitando-me uma madeixa de cabelo, entalando-a atrás da orelha.

– Vemo-nos logo à noite – disse com afeto.

Permaneci no mesmo sítio quando eles se encaminharam para a porta. Fiquei de pé junto das escadas e despedi-me, acenando com a mão antes de saírem.

O estalido do trinco ressoou no silêncio da casa.

Poucos instantes depois, ouvi atrás de mim um ruído de passos, mas só tive tempo de vislumbrar as costas de Rigel a desaparecerem no andar de cima. Foi-se embora sem sequer se dignar a olhar para mim.

Fitei o ponto por onde ele tinha desaparecido antes de me voltar: contemplei a porta de entrada e um pequeno suspiro esvaziou-me os pulmões.

Em breve estariam de volta...

Permaneci no vestíbulo como se eles pudessem reaparecer de um momento para o outro. Dei por mim sentada no chão com as pernas cruzadas sem sequer saber como. Tamborilei com os dedos sobre o soalho, seguindo um sulco na madeira, e perguntei-me onde é que o *Klaus* se teria metido.

Estiquei a cabeça de modo a poder espreitar para a sala de estar e fui descobri-lo no meio do tapete, a lamber uma pata. Movia a cabecita para cima e para baixo e não pude deixar de o achar amoroso.

Será que estava com vontade de brincar?

Agachei-me atrás da parede, à espreita; depois, tentando impedir que me visse, fui de gatas ao seu encontro.

O bichano baixou a patinha e voltou a examinar-me: detive-me de repente, fitando-o como uma pequena esfinge. Dirigiu-me um olhar irritado, abanando agora a cauda de vez em quando.

Voltou-me as costas mais uma vez e eu recomecei a gatinhar na sua direção.

Parei de novo mal ele olhou para mim: iniciei assim uma espécie de jogo *um, dois, três, macaquinho do chinês* com ele, que volta e meia se virava a fim de me lançar olhares fulminantes, e eu continuava a avançar como um escaravelho.

Quando, porém, cheguei ao fim do tapete, *Klaus* soltou um miado nervoso, e eu decidi parar.

– Não estás com vontade de brincar? – perguntei-lhe um bocadinho desiludida, esperando que o gato se virasse de novo para mim.

Todavia, *Klaus* chicoteou um par de vezes com a cauda e foi-se embora. Sentei-me nos calcanhares, algo desanimada, antes de me decidir a subir até ao quarto para estudar.

Cheguei ao andar de cima, perguntando-me a que horas é que a Anna e o Norman chegariam ao aeroporto. Encontrava-me imersa nos meus pensamentos quando alguma coisa chamou a minha atenção: virei-me e o meu olhar foi atraído para o centro do corredor.

Rigel estava imóvel, de costas, a cabeça inclinada ao de leve para a frente; detive-me apenas quando vi a sua mão encostada à parede. Não me escapou o modo contraído com que os seus dedos se agarravam à parede.

O que é que ele... estava a fazer?

Entreabri os lábios, suspensa no limite de uma confiança que não existia entre nós.

– Rigel?

Pareceu-me ver os nervos do seu pulso a retesarem-se de maneira impercetível debaixo da pele, embora não se mexesse.

Inclinei o rosto para o lado, tentando encará-lo de frente, e conforme me ia aproximando, sentia as tábuas velhas rangerem debaixo dos meus pés. Quando me aproximei o suficiente, tive a impressão de o ver pestanejar.

– Rigel – chamei-o mais uma vez, cautelosa. – Estás... bem?

– Estou *ótimo* – foi o rugido feroz que irrompeu das suas costas, e eu por pouco não estremei de medo quando ouvi aquela voz arranhar por entre dentes daquele modo.

Detive-me, mas não tanto por causa daquele tom de voz hostil. Não... detive-me porque essa mentira era tão desarmante que me impediu de me afastar.

Estendi uma mão na sua direção.

– Rigel...

Quase nem tive tempo para lhe tocar quando o seu braço se desviou com brusquidão. Rigel virou-se de supetão, afastando-se de mim, com os olhos cravados nos meus.

– *Quantas* vezes é que eu te disse para não me tocares? – sibilou, ameaçador.

Retrocedi. Observei-o com olhos angustiados, e senti-me magoadá por dentro face àquela reação, mais do que gostaria de admitir.

– Eu só queria... – comecei por dizer e perguntei-me porquê, *porque é* que eu nunca mais aprendia. – Só queria ter a certeza de que estavas bem.

Nesse momento, apercebi-me de que tinha as pupilas algo dilatadas.

Pouco depois, o seu rosto mudou de expressão.

– Porquê? – Uma crua ironia deformou-lhe a boca de uma maneira desmedida, exagerada. De uma maneira que destoava até mesmo nele. – Oh, pois claro – corrigiu-se de imediato, estalando a língua de um modo que parecia ser feito de propósito para me ferir –, porque tu és assim mesmo. É da tua natureza.

Retesei os pulsos, a tremer.

– Para com isso.

Contudo, ele deu um passo na minha direção. Plantou-se na minha frente, dominando-me com aquele sorriso que era mordaz e venenoso, brutalmente impiedoso.

– É mais forte do que tu, não é verdade? Queres ajudar-me? – sussurrou, implacável, as pupilas como agulhas. – Queres... *consertar-me?*

– Para com isso, Rigel! – Recuei de forma impetuosa. Tinha os punhos fechados, mas era sempre demasiado frágil, demasiado delicada e demasiado impotente. – Parece que fazes de tudo, de tudo para... para...

– Para? – incitou-me.

– Para que te odeiem.

Para que eu te odeie, gostaria de ter exclamado. *Para que eu te odeie, apenas eu, como se estivesses a castigar-me.*

Como se eu tivesse feito alguma coisa para merecer a pior faceta dele.

Cada ferroada era um castigo, cada olhar um aviso. Às vezes tinha a impressão de que ele queria dizer-me qualquer coisa com esses olhares, e ao mesmo tempo sepultá-la debaixo de metros de arranhões e de espinhos.

E enquanto olhava para ele, mergulhada na sombra que ele projetava sobre mim, quase me pareceu vislumbrar um lampejo nos seus olhos: *algo subjacente*, que nem mesmo eu consegui ver algum dia.

– E odeias-me? – A sua voz invadiu-me os ouvidos, amplificada pela sua proximidade. O rosto algo debruçado sobre mim de modo a compensar a disparidade entre as nossas estaturas. – Odeias-me, *falena?*

Fitei-o, alternando entre cada uma das suas íris, derrotada.

– Era isso que tu gostarias?

Rigel fechou a mandíbula devagar, com o olhar acorrentado ao meu. Depois ergueu os olhos para mim, focou-os com dureza por cima dos meus ombros e não foi necessário que pronunciasse aquela única sílaba para saber a resposta. Não foi preciso ouvir o tom áspero e lento com que a proferiu, quase

como se fosse difícil também para ele.

– Sim.

Liberou-me da sua presença, desaparecendo escadas abaixo.

Fiquei ali especada, com o eco dessas palavras, até que o barulho da porta da rua me sussurrou que ele tinha saído.

Passei o dia inteiro sozinha.

A casa permaneceu silenciosa como um santuário vazio. Apenas o ruído da chuva interrompeu a ausência de sons: o reflexo das gotas nas vidraças da janela desenhava-me estrias nas pernas, traçando rastros de vidro sobre o soalho. Contemplava-a a cair com o olhar perdido, sentada no chão.

Gostaria de ter palavras para explicar como me sentia. Arrancá-las de dentro de mim e depois colocá-las em fila sobre o pavimento como peças de um mosaico, e vê-las encaixarem-se de alguma forma. Sentia-me esvaziada.

Uma parte de mim sempre soube que as coisas não poderiam resultar.

Soube-o desde o início. Desde que pus os pés para fora do Grave. Encheram-me de esperanças tal como fazia quando era pequena, porque no fundo eu não sabia viver de outro modo, lustrando e polindo.

Mas a verdade é que não sabia ver além disso. A verdade é que, independentemente da maneira como a visse, aquela mancha negra nunca seria eliminada.

Rigel era o fabricante de lágrimas.

Sempre fora o centro da lenda, para mim. A sua personificação. O tormento que tantas vezes em criança me reduzira a lágrimas.

O fabricante de lágrimas era o mal.

Fazia-nos sofrer, conspurcava-nos de angústias até nos fazer chorar. Fazia-nos mentir e desesperar. Foi isso que sempre nos ensinaram.

Lembrava-me de que Adeline não via as coisas desta maneira. Dizia que, vista através de uma perspetiva diferente, a fábula podia ser interpretada de outra maneira. Que não havia apenas o mal porque, se as lágrimas eram o preço dos sentimentos, nelas também havia amor, afeto, alegria e paixão. Havia dor, mas também felicidade.

– São aquilo que nos torna humanos – dizia. Valia a pena sofrer nem que fosse só para sentir alguma coisa.

Contudo, eu não era capaz de ver as coisas como ela as via.

Rigel destruíra tudo.

Porque é que não se deixava desenhar? Porque é que não podia dourá-lo como fazia com tudo o resto?

Fá-lo-ia devagar, *com delicadeza*, sem lhe fazer mal. Juntos poderíamos ter sido algo diferente, mesmo se não soubesse imaginar mais nada a não ser a

expressão com que sempre olhara para mim.

No entanto, também poderíamos ter sido um conto de fadas que se sustentasse de pé. Sem lobos, sem ferroadas, sem mordidas, sem mais receios.

Uma família...

Ouvi o telemóvel em cima da escrivaninha a avisar-me da chegada de uma mensagem. Deixei escapar um suspiro: tinha quase a certeza de que era Lionel.

Nos últimos dias escrevera-me por diversas vezes, e tínhamos falado muito. Contara-me uma data de coisas sobre si, sobre os seus passatempos, os desportos que praticava, os torneios de ténis que vencera. Gostava de confidenciar-me os seus êxitos e, embora não me perguntasse nada a meu respeito, era ótimo ter alguém com quem conversar sem correr o risco de estar sempre a importunar a Billie.

No entanto, nessa tarde tudo foi diferente.

Ele tinha-me enviado uma mensagem escrita e eu não resisti a falar com ele sobre Rigel.

O que havia acontecido permaneceu dentro de mim como um espinho. Tinha-lhe dito a verdade sobre o facto de não sermos irmãos de verdade; tinha-lhe dito que nenhum laço de sangue nos unia, e ele por um longo momento não me respondeu.

Talvez não devesse ter falado tanto sobre mim mesma. Talvez o tivesse aborrecido, chamando as atenções sobre mim, quando ele estava a contar-me sobre a última taça que tinha conquistado.

Depois começou a chover e a única coisa em que fui capaz de pensar foi que *ele* estava lá fora, sob aquela parede de chuva, sem um mísero guarda-chuva.

Porque, no fundo, eu não sabia viver de outra maneira. Lustrando e polindo, se bem que quanto mais se tentava, mais arestas surgiam.

O toque do telefone invadiu a casa.

Despertei de um pulo como se me tivessem despejado um balde de água fria em cima.

Saí do quarto, mas depois voltei atrás à pressa para ir buscar o telemóvel.

Cheguei à sala de estar e corri a atender.

– Está lá?

– Nica – proferiu uma voz cálida. – Olá. Está tudo bem?

– Anna – exclamei, feliz, porém atordoada. Tinha-me telefonado por volta da hora do almoço para avisar que tinham chegado e que ali estava a nevar. Não estava a contar ouvir de novo a sua voz tão cedo.

Tive a certeza de detetar uma *nuance* diferente na sua voz, e dei-me conta de que havia interferências na linha.

– Estou a ligar-vos do aeroporto. Aqui o tempo piorou. Está a nevar com muita intensidade, tem estado a tarde toda assim e não estão previstas

melhorias antes de amanhã de manhã. Estamos todos na fila, mas... Oh, Norman, deixa passar o senhor. A sua mala... Desculpe! Nica, estás a ouvir-me?

– Sim, estou a ouvir-te – respondi, engolindo em seco e tive a impressão de que estavam a arranhar o telefone.

– Fecharam todos os terminais – arranhou a linha –, estão a cancelar os voos e agora estamos à espera de sermos reencaminhados para outro, mas continuam a emitir uma voz gravada, informando sobre o encerramento por causa do mau tempo... Oh, esper... Nica... Nica?

– Estou a ouvir-te, Anna – respondi, segurando no telefone com as duas mãos, mas a voz dela era um eco duplo que se ouvia muito ao longe.

– Dizem que não estão previstos voos antes de amanhã de manhã – consegui compreender, e aos ouvidos chegou-me a voz de Norman que discutia com alguém. – Ou pelo menos enquanto a tempestade não amainar – concluiu, e eu fiquei ali, espedada, no silêncio da casa, assimilando aquelas palavras. – Oh, Nica, querida, sinto tanto... Nunca poderia imaginar que... Desculpe, e a fila? Há uma fila aqui, não vê? Está a pisar-me o cachecol! Pois então, eu sei que tínhamos dito... Nica? Sei que tínhamos dito que estaríamos de volta esta noite...

– Não tem problema – apressei-me a dizer, através do recetor do telefone, esforçando-me por sossegar a sua inquietação. – Anna, não precisas de preocupar-te. Há comida com fartura.

– Disseste que está a chover muito? O aquecimento central está ligado, não está? Tu e o Rigel estão bem?

Senti a garganta seca.

– Estamos bem – respondi em voz baixa. – A casa está quente, não te preocupes. E o *Klaus* já comeu – virei-me para o gato que estava deitado ao fundo da sala. – Comeu tudo e agora está a fazer uma sesta na poltrona. – Esforcei-me por sorrir, ouvindo o zumbido preocupado do outro lado. – A sério, Anna... fiquem tranquilos. Trata-se apenas de uma noite... Tenho a certeza de que não demorarão a resolver o problema, mas entretanto... não se apoquentem. Nós... vamos estar aqui à vossa espera.

Falámos durante mais um bocado. Anna perguntou-me se sabíamos trancar a porta e recomendou-me que lhe telefonasse por precaução. Desfrutei de todas as suas atenções até chegar o momento de pôr fim ao telefonema.

Quando desliguei, dei por mim envolta na escuridão da noite.

– Agora somos tu e eu, hã? – murmurei com um sorriso para *Klaus*. O gato abriu um olho e lançou-me um olhar carrancudo.

Acendi o candeeiro e peguei no telemóvel que havia pousado em cima da mesa de apoio. Ainda precisava de responder à mensagem de Lionel.

Franzi a testa quando me apercebi de que havia enviado uma foto.

Enquanto a abria, um relâmpago iluminou as janelas.

Não estava preparada para o que aconteceu depois.

Deveria tê-lo percebido. Tal como se sente o cheiro da chuva antes de eclodir um temporal.

Deveria tê-lo percebido, tal como se pressentem as calamidades, e o descalabro que acarretam antes mesmo de tocar em alguma coisa.

A porta da rua escancarou-se de repente sob uma rajada de vento gélido e o telemóvel por pouco não me caiu das mãos.

Rigel emergiu com toda a sua altura, os punhos cerrados e encharcados, os cabelos caindo-lhe para a cara. Os sapatos estavam cheios de lama e tinha os cotovelos avermelhados, no sítio onde as mangas deixavam à mostra os antebraços.

Apresentava um aspeto medonho. Os lábios azulados pelo frio, as roupas ensopadas; fechou a porta sem nem sequer olhar para mim e dei por mim a contemplá-lo, gelada e transtornada.

– Rigel...

Foi nesse momento que se virou para mim. E eu senti o peito trespassado por uma pulsação dolorosa quando vi o estado em que se encontrava o seu rosto.

O corte no lábio atingiu-me como uma bofetada na cara. O vermelho do sangue escorria-lhe do maxilar lívido, misturando-se com a chuva, e o sobrolho rasgado destacava-se com violência em contraste com a tez pálida. Os meus olhos perscrutaram-lhe o rosto, aterrorizados, percorrendo cada um daqueles ferimentos.

– Rigel – exalei sem fôlego, mas faltaram-me as palavras. Segui-o com o olhar quando ele se afastou da porta.

– O que... o que foi que aconteceu contigo? – Estava arrasada ao ver todo aquele sangue, e só reparei nos nós dos dedos rachados quando ele passou por mim. Aquela visão transformou a minha preocupação num pressentimento, mas não tive tempo de descobrir... O meu telemóvel assinalou a chegada de outra mensagem e de repente os meus olhos pousaram no ecrã.

Senti o sangue gelar-me nas veias, transformar-se em espinhos e cacos de vidro, enterrando-se nos ossos das mãos.

Por um momento faltou-me o ar. Senti a cabeça rodopiar e o mundo extinguir-se até desaparecer.

O rosto de Lionel surgia no meu telemóvel, coberto de feridas e de sangue; os cabelos estavam desgrenhados, sinais de socos pejavam-lhe a pele e eu dei um passo à retaguarda, vacilando sobre as minhas pernas trôpegas.

E a sua última mensagem, cada letra um alfinete espetado nas pupilas: «Foi ele.»

– O que foi que fizeste...

Levantei a cara, com o espectro daquelas imagens ainda gravado no olhar: os meus olhos chocaram de encontro às costas de Rigel.

– O que foi que fizeste... – disse, tremendo mais ainda, e desta vez a minha voz fê-lo deter-se.

Rigel virou-se para mim com os punhos cerrados. Fitou-me com olhos pisados, e no mesmo instante o seu olhar cravou-se no telemóvel que eu tinha na mão.

Erguei a commissura do lábio numa curva retorcida, um sorriso que nem parecia tal.

– Oh, a ovelha gritou «lobo!» – vociferou com mesquinhez.

Senti qualquer coisa explodir dentro da cabeça. Foi-se espalhando, subindo pelas artérias, queimando cada centímetro de sangue, e estrangulou-me num aperto flamejante.

Todos os meus nervos tremeram, as têmporas martelavam e os olhos esbugalhados, humedecidos de lágrimas que sufocaram tudo, quando Rigel virou costas e fez menção de sair dali.

Perdi a noção de mim mesma, tudo foi sugado de dentro de mim.

Ficou apenas um calor abrasador.

Apenas uma raiva desenfreada como nunca antes havia sentido.

E algo explodiu.

De súbito, atirei-me para a frente e atingi-o com ímpeto. Arranhei o tecido molhado das suas roupas, os cotovelos, os ombros, onde quer que consegui chegar, e Rigel recuou sob aquele ataque inesperado ao mesmo tempo que as lágrimas me deslizavam pelas faces.

– Porquê? – berrei com voz destroçada, tentando agarrá-lo. – *Porquê?* O que foi que eu te fiz?

Empurrou-me para trás, tentando chegar às escadas. Esquivou-se aos meus dedos como se fossem aranhas, olhando de forma obstinada para a frente, enquanto eu lhe cravava os dedos envoltos em pensos rápidos no tecido, tentando magoá-lo.

– O que foi que eu fiz para merecer isto? – gritei com a garganta a doer-me. – O quê? *Diz-me!*

– Não me toques – ousou sibilar, e eu não vi mais nada.

Lutei contra as mãos que me repeliam com dureza a fim de me manter afastada. Abalancei-me sobre ele e Rigel rosnou:

– Já te *tinha dito* para não...

Contudo, não o deixei terminar a frase. Agarrei-me ao seu antebraço e dei-lhe um puxão fortíssimo.

A violência do meu gesto explodiu.

Por um momento foram apenas os meus dedos enterrados na sua pele nua, *descoberta*, e eu a descarregar toda a minha tensão sobre ele.

A única coisa que vi, quando ele me empurrou com brusquidão para trás, foi o reflexo raivoso dos seus cabelos negros.

O aperto férreo com que me agarrou os ombros, imobilizando-os por fim.

E o contorno da sua boca... que se precipitou na minha direção e se fechou sobre os meus lábios.

Espinhos de arrependimento

A primeira vez que a viu tinha cinco anos.

Chegara num dia como os outros, perdida, como se sentiam perdidos todos eles, como patinhos sem mãe.

Ficara ali, recortada contra o ferro dos portões, confusa no meio daquele outono que lhe engolia o cabelo e o couro dos sapatos desapertados.

Não foi mais nada além disto; recordava-a com a insignificância com que se recorda uma pedra banal: espírito apagado e ombros estreitos, e aquelas cores de mariposa noturna, de inseto negligenciado. O silêncio de um pranto mudo que ele tinha visto todas as vezes em rostos sempre diferentes.

Depois, um turbilhão de folhas, e ela virou-se.

Virou-se para ele.

E um tumulto vibrante parara a terra, parara o seu coração: o que o perturbou foi um olhar nunca visto, dois círculos de prata mais resplandecentes do que o cristal. Olhos estonteantes de um cinzento incrível – e num arrepio de conto de fadas, Rigel viu umas pupilas repletas de pranto e umas íris sobrenaturais, transparentes como vidro.

Ficou subjugado quando ela o viu.

Tinha-o fitado, olhos nos olhos, e trazia consigo os olhos do fabricante de lágrimas.

Tinham-lhe dito que o amor verdadeiro é infinito.

Foi o que a tutora lhe disse quando ele lhe perguntou o que era o amor.

Rigel nem sequer se recordava de alguma vez ter ouvido falar sobre isso, mas passou as manhãs da sua infância a procurar por ele no jardim, no interior dos troncos vazios das árvores, nos bolsos das outras crianças. Vasculhou o seu peito, revirou os sapatos, à procura deste tão apregoado amor, mas só veio a perceber mais tarde que se tratava de algo mais do que uma moeda ou do que um apito.

Foi o que lhe disseram os rapazes mais crescidos, aqueles que já o haviam sentido na pele. Os mais irresponsáveis ou talvez apenas os mais loucos.

Falavam sobre isso como ébrios de alguma coisa que não se podia ver nem tocar, e Rigel não pôde deixar de pensar que pareciam ainda mais confusos com aquele ar perdido, porém felizes com a sua perturbação. Náufragos à deriva, mas embalados pelo canto das sereias.

Tinham-lhe dito que o amor verdadeiro é infinito.

Tinham dito a verdade.

Tinha sido inútil tentar arrancá-lo de dentro de si. Colara-se-lhe às paredes da alma, como o pólen de um mel que ele nunca pedira, envolvera-o e lambuzara-o sem lhe deixar escapatória possível; uma condenação que escorria néctar e veneno, que gotejava pensamentos, respirações e palavras, colando-os às pálpebras, à língua e a cada um dos dedos.

Ela escavara-lhe o peito com um olhar, dilacerara-o com um piscar de olhos. Marcara-lhe o coração a ferro e fogo com aqueles olhos de fabricante de lágrimas, e Rigel vira quando lho arrancaram sem sequer lhe dar tempo para o conseguir agarrar.

Nica espoliara-o no tempo que dura um suspiro, deixando-lhe nada mais nada menos do que um verme, um prurido abrasador no meio do peito. Tinha-o deixado a sangrar na ombreira da porta, sem sequer lhe tocar, com aquela graciosidade implacável que vergava a terra e aquelas cores apagadas de mariposa noturna, rastos de sorrisos delicados.

Tinham-lhe dito que o amor verdadeiro é infinito.

No entanto, não lhe tinham dito que o amor verdadeiro nos dilacera até aos ossos, quando se enraíza dentro de nós sem nunca mais nos deixar partir.

✱

Quanto mais olhava para ela, menos conseguia parar de a contemplar.

Havia uma espécie de suavidade na leveza com que se movia, qualquer coisa de infantil, pequeno e verdadeiro na sua natureza genuína. Ela observava o mundo através das grades dos portões, com as mãos grudadas às barras, e esperava, *desejava*, como ele nunca havia feito.

Via-a correr descalça na relva malcuidada; embalar nos braços ovos de pássaros, esfregar flores nos vestidos para que parecessem menos cinzentos e encardidos.

E Rigel perguntava-se como era possível que uma coisinha tão frágil e desenxabida pudesse possuir a força capaz de lhe fazer tanto mal. Tinha repudiado aquele sentimento com a prepotência e a obstinação do rapazinho que era, tinha-o soterrado debaixo de órgãos e de pele, tentando sufocar à nascença aquela semente que devia ser extirpada.

Não podia aceitá-lo.

Não queria aceitá-lo: ela tão anónima e insignificante, ela que não sabia de nada, não podia entrar dentro de si daquela maneira e esmagar-lhe a alma e o

oração sem sequer pedir autorização.

Aquele turbilhão não tinha controlo, devorava e dilacerava todas as coisas à sua volta; desintegrava qualquer travão com uma agressividade que assustava, e escondera-o, Rigel escondera-o porque talvez no fundo tivesse medo dele, porque admiti-lo com palavras significava conceder-lhe uma inevitabilidade que não estava pronto para aceitar.

Contudo, esse verme tinha-se enraizado ainda mais, afetara as veias e criara raízes. Parecia empurrá-lo para ela, tocando nervos que nem ele mesmo sabia que possuía, e Rigel sentiu as mãos tremer quando a empurrou pela primeira vez.

Tinha-a visto cair e não precisou de vê-la arranhar-se para devorar aquela certeza, para bebê-la com avidez. *Os contos de fadas não sangram*, convenceu-se a si mesmo de imediato, depois de a ter visto fugir a correr. *Os contos de fadas não esfolam os joelhos*, e isso bastava para despojá-la de todas as dúvidas, arrepios e sombras.

Ela não era o fabricante de lágrimas. Ela não o dissolvia num pranto irreprímível, não lhe havia introduzido gotas de cristal debaixo das pálpebras.

Mas quem chorava era o coração, de cada vez que a via.

E talvez lhe tivesse introduzido mais alguma coisa, ao que se dizia, um veneno muito mais doloroso do que a alegria e do que a tristeza. Uma toxina que queimava, arranhava e envenenava – e agora o verme tinha rebentos, e pétalas como dentes, e de cada vez que ela se ria enterrava-se um pouco mais, como garras no cérebro e presas no espírito.

E então Rigel empurrava-a, sacudia-a, puxava-lhe os cabelos, e assim ela parava de rir. Encontrava satisfação apenas por um momento, quando ela o fitava com íris amedrontadas e repletas de lágrimas – fazia-o sorrir o paradoxo de ver desesperar os próprios olhos que deveriam fazer chorar o mundo.

Contudo, só durava um instante, o tempo de a ver fugir a correr, e a dor regressava com a ferocidade de um monstro, arranhava-o ao mesmo tempo que implorava por vê-la voltar para trás.

Oh, ela sorria sempre.

Mesmo quando não havia motivos para sorrir. Mesmo depois de ele a ter feito esfolar os joelhos de novo. Mesmo quando a via surgir de manhã, com os castigos da tutora ainda impressos nos pulsos e os cabelos soltos a caírem-lhe sobre os ombros.

Sorria, e possuía uns olhos de tal maneira límpidos e sinceros que Rigel sentia que destoavam no meio da sua escuridão.

– Porque é que continuas a ajudá-los? – perguntou um menino apenas alguns anos mais tarde.

Rigel tinha-a visto da janela do andar de cima. Ali sentada no meio das

ervas, com aquelas pernas de corça mergulhadas na relva.

Ela levantou o rosto, rodeada por todos os seus animaizinhos; tinha salvado uma lagartixa de uns quantos garotos que queriam espetar-lhe pauzinhos e o réptil, em compensação, mordeu-a.

– Ajudas todas estas criaturas... mas só te fazem mal.

Nica fitou o outro menino com um olhar cristalino, assinalado pelo batimento das pálpebras.

E era como se o sol chegasse quando entreabria os lábios. Era uma luz brilhante, esplêndida maravilha, e até mesmo o verme se calou, derrotado, quando ela ergueu dois leques de dedos repletos de pensos rápidos coloridos.

– *Pois é...* – tinha sussurrado com um sorriso, cálido e verdadeiro –, ... *olha só que cores mais bonitas.*

Sempre soubera que havia qualquer coisa errada nele.

Nascera com essa consciência.

Sempre o sentira desde que se entendia por gente; dizia Rigel para si mesmo que fora por esse motivo que o haviam abandonado.

Ele não agia como os outros, ele não era como os outros – *ele olhava para ela, e quando o vento lhe inflava os longos cabelos castanhos via asas lustrosas nas suas costas, um adejar que desaparecia logo depois, como se nunca tivesse existido.*

E não era preciso ver os olhares da tutora, nem o movimento com que abanava a cabeça quando as famílias o escolhiam. Rigel ficava a espreitar no jardim, e nos seus rostos via uma piedade que nunca havia pedido.

Sempre soubera que havia qualquer coisa errada nele; e apercebeu-se de que quanto mais crescia, mais o verme se ramificava de forma monstruosa no interior de cada veia.

Tinha-o escondido com rancor, reprimira-o entre a raiva e a obstinação. E quanto mais crescia, mais se exacerbava; quanto mais ele se tornava adulto, mais floresciam os espinhos, porque ninguém lhe havia dito que o amor devora dessa maneira, ninguém o havia avisado que possui raízes de carne e que nos tritura, *e quer e quer e quer* sem nenhum tipo de freio – um olhar, *apenas mais um olhar*, o limiar de um sorriso, um batimento do coração.

– Não podes mentir ao fabricante de lágrimas – sussurravam à noite as outras crianças. Portavam-se bem para que este não as levasse.

E Rigel sabia disso, todos sabiam, negá-lo seria como mentir a si mesmo. *Ele sabe tudo, conhece cada emoção que nos faz tremer, cada respiração corroída pelo sentimento.*

– Não podes mentir ao fabricante de lágrimas – serpenteavam essas palavras como um eco, e Rigel ocultava e reprimia, às vezes sentia o terror de

que ela pudesse vê-lo com aqueles olhos – o modo como ansiava por lhe tocar, a necessidade de sentir o calor da sua pele. O desespero com que desejava ficar gravado nela, assim como Nica se encontrava gravada nele apenas com um olhar, mesmo que a mera ideia de lhe tocar o deixasse louco, mesmo que a mera ideia de sentir aquela carne preencher-lhe as mãos fizesse fibrilar o verme que existia dentro dele.

E não queria saber como ela olharia para ele, com aquela sua alma tão límpida e pura, se tivesse conhecimento do mal-estar desesperado que carregava dentro de si.

O amor, para Rigel, não era sinónimo de borboletas no estômago e mundos de açúcar. *O amor era sinónimo de enxames vorazes de mariposas noturnas e de um cancro dilacerante*, ausências como arranhões, lágrimas que ele bebia diretamente dos seus olhos, para morrer mais devagar.

E pode ser que quisesse tão só deixar-se destruir... Por ela, por aquele veneno brutal que lhe havia injetado.

Por vezes pensava em abandonar-se àquele sentimento e deixar-se invadir até não sentir mais nada. Se não fosse por aquele tremor feroz que o assustava, que vergava os ossos, se não fosse assim tão doloroso imaginar sonhos em que ela em vez de fugir corria ao seu encontro.

– Mete medo, não mete? – murmurara um menino, um dia em que o céu se tingira de um negro cruel.

Também ele, que nunca olhava para o céu, ergueu os olhos. E nessa imensidão viu nuvens lívidas e estrondos avermelhados, como um mar de tempestade.

– *Pois é...* – ouviu crescer dentro de si, antes de fechar os olhos –, ... *mas olha só que cores mais bonitas.*

Aos treze anos, as raparigas contemplavam-no como se apenas ele existisse, alheias ao monstro voraz que transportava dentro de si.

Aos catorze anos, eram girassóis que o seguiam por onde quer que fosse, olhares de adoração e anseios crescentes. Lembrava-se da languidez de Adeline, embora ela fosse mais velha. A devoção com que tocava nele, com que se vergava diante dele – *e durante esses momentos Rigel via cabelos longos e reflexos castanhos, olhos cinzentos que nunca haviam olhado para ele com tamanho desejo.*

Aos quinze anos, os monstros vorazes eram elas. Brotavam-lhe entre as mãos como flores macias, e Rigel alimentava o verme com as raparigas que sempre possuíam uma sombra do que ela era, uma centelha, um perfume.

Só servira para causar catástrofes: não é possível enganar o amor, quando arde com aquele ímpeto violento e se funde com os batimentos de um coração

que não é o nosso. A necessidade que sentia dela tornara-se ainda mais insuportável, e Rigel sentira o rancor destruir-lhe os pensamentos em mil pedaços, afiando agulhões e espinhos dentro do seu peito.

E então descarregava em Nica a frustração que sentia, chamava-a por aquela deformação do seu nome, *falena*, como que desejando minimizar o impacto que ela causava sobre ele; mordida-a com palavras aguçadas, esperando conquistar um lugar entre os seus pensamentos, fazer-lhe uma migalha do mal que ela lhe fazia todo o santo dia – ela que o havia arruinado, ela que não compreendia, *que nunca deveria compreender*.

Ela que nunca ocuparia de livre vontade aquele lugar caótico e imundo que era o seu coração, não assim tão pura e silenciosa como era.

E quanto mais crescia... mais Rigel percebia nela aquela beleza que lhe dilacerava o peito.

Que o mantinha acordado de noite e o fazia estreitar os lençóis entre os dedos devido a necessidades reprimidas.

Quanto mais Nica crescia, mais nele ardia um desejo devastador, sarças de dentes e de presas que quando ela chorava não sorriam mais.

Foi por essa altura que chegou ao Grave o rapazinho novo.

Rigel não se dignara a dar-lhe atenção, demasiado ocupado como estava a lutar contra um amor incómodo e descomunal.

Mas esse rapaz não era bom da cabeça, louco o suficiente para se aproximar dele, para não ter medo dele. E, no fundo, Rigel não desgostava das pessoas loucas, achava divertida a sua imprudência. Era uma boa distração.

Talvez até pudesse ter sido seu amigo, se não fosse tão parecido consigo.

Talvez pudesse inclusive ter chegado a sentir alguma consideração por ele, se não se tivesse visto a si mesmo tantas vezes no reflexo do seu sorriso tenso e nos olhares carregados de sinistro sarcasmo.

– Achas que a Adeline também faria comigo aquilo que faz contigo? – ouviu-o perguntar certa tarde com um toque de escárnio na voz.

Rigel não pudera fazer nada: também tinha sentido esse mesmo sorriso escarninho aflorar-lhe aos lábios.

– Gostarias de dar umas voltinhas?

– Porque não? Ou então a Camille... Tanto faz uma como a outra.

– A Camille tem piolhos – insinuara Rigel, com aquele divertimento cruel e desdenhoso que substituiu por um momento o ardor no peito. O verme dormitava no interior de um labirinto de veias, guardião de arranhões e de suspiros.

– Oh, nesse caso, a Nica – ouviu-o dizer. – Aquela carinha inocente dá-me cá uma vontade de lhe fazer tantas dessas *coisas*... Nem te passa pela cabeça o que provoca em mim. Achas que ela estaria pelos ajustes? *Oh*, seria tão divertido... Aposto que se lhe enfiasse uma mão entre as coxas nem sequer

teria forças para me repelir.

Não sentiu a cartilagem arranhar-lhe os nós dos dedos. Não sentiu os dedos, a ferocidade com que rasgaram vorazmente o ar e estragaram aquela tarde de sol.

No entanto, sempre se recordaria do vermelho do sangue debaixo das unhas depois de o ter puxado pelos cabelos.

Tal como também não esqueceria o olhar dela na manhã seguinte, um lampejo de luz que nunca tinha visto tão longe. Um berro mudo que gritara terror e acusação, e que ele sentira encaixar-se dentro de si, mesmo no buraco que lhe havia deixado.

Na amargura daquele destino irónico, Rigel teve vontade de sorrir. Sorriu, porque lhe doeu imenso.

No fundo, sempre soubera que havia qualquer coisa de errado nele.

Quando os haviam escolhido aos dois, Rigel sentira o nó da condenação fechar-se em torno do coração.

No entanto, estar ao pé dela era melhor do que a perspectiva insuportável de vê-la partir: foi um gesto extremo e desesperado esse de tocar piano, a derradeira tentativa de mantê-la junto de si, amarrada a essas cordas da alma que ela destruiria sem remédio, alheia e delicada, ao limitar-se a pôr um pé para fora dali.

E agora sabia que teria que cumprir a pena para sempre: nem sequer nos seus pesadelos mais atormentados poderia ter imaginado um inferno mais doloroso do que estarem os dois tão próximos, tão unidos e ao mesmo tempo tão separados na mesma família.

A única maneira em que podia senti-la como irmã era porque a trazia no sangue, como uma toxina de que nunca se libertaria.

– Viste a maneira como ela olhou para mim?

– Não... Como foi que olhou para ti?

Rigel não se virou; tinha continuado a meter os livros novos dentro do cacifo, ouvindo aquela conversa.

– Como se estivesse a implorar para me segurar outra coisa... Viste como se curvou de imediato? Para apanhar os meus livros?

– Rob – disse-lhe o amigo no cacifo ao lado –, não vais querer repetir a mesma história das caloiras...

– Vai por mim, esta leva isso escrito na testa. Grita-o com os olhos. Essas que parecem as mais santinhas, na realidade são as piores, as que nem te passariam pela cabeça.

Mais tarde, voltou a ouvi-los de novo.

– Oh, vamos, veremos de quanto tempo preciso – apostou Rob, divertido.
– Eu digo uma semana. Se me abrir as pernas antes, a próxima ronda de bebidas é por tua conta.

Rigel não ficou surpreso com o sorriso que lhe escavara a face como uma faca; tinha visto os lábios retesarem-se sobre os dentes através do seu reflexo na porta fechada do cacifo.

Não conseguira parar de sorrir nem sequer quando aquele reflexo relampejou nos olhos do rapaz: a satisfação de vê-lo estatelar-se no chão era na realidade demasiada para sequer lhe passar pela cabeça refreá-la.

Recordaria para sempre a expressão com que ela olhara para ele.

Com aquela força indómita que de vez em quando transparecia da sua delicadeza, com aquela coragem que lhe fazia brilhar os olhos com uma *nuance* de anjo caído em desgraça.

– Um dia, eles hão de perceber quem tu és de verdade – tinha sussurrado com aquela voz que lhe atormentava os pensamentos desde que se entendia por gente. E ele não foi capaz de refrear a curiosidade, a trepidação, não com ela assim tão perto.

– Ai sim? – pressionou-a ele. – E quem sou eu?

Apercebeu-se de que não conseguia despegar os olhos dos dela. Deu-se conta de que respirava apenas no momento em que Nica estava prestes a pronunciar o veredicto final, porque mesmo naquela penumbra ela resplandecia com um reflexo diferente, verdadeiro, límpido, de fazer enlouquecer.

– És o fabricante de lágrimas – tinha-o acusado.

E Rigel sentiu o maremoto intensificar-se: um tremor profundo que fez com que o verme escancarasse as fauces, soltando uma gargalhada tão sonora que lhe irrompeu dos lábios como sangue de um coração que bombeia petróleo.

Oprimiu-lhe o peito, e doeu-lhe tanto que naquela dor tão amarga ele não foi capaz de encontrar outra coisa a não ser alívio. Enganando o sofrimento com um esgar, tal como sempre fazia, engolindo-o com a resignação arrogante dos vencidos.

Ele... o fabricante de lágrimas?

Oh, se ao menos soubesse.

Se ela soubesse... o quanto, *o quanto o fazia tremer, e sofrer, e desesperar... Se ao menos ela tivesse tido a mínima dúvida...* então talvez tivesse havido uma réstia de alívio, uma centelha cálida que se acendesse entre tanta humidade e breu, e que, no entanto, se apagou pouco depois num sopro de medo gélido.

Protegera-se daquela esperança como se se tivesse queimado, porque a verdade é que Rigel não podia imaginar terror maior do que ver os seus olhos límpidos ficarem manchados por esses sentimentos tão turvos, tão espinhosos e tão extremos.

Apercebera-se tarde de mais de que a amava com um amor negro, infame, que mata devagar e corrói até ao derradeiro suspiro; e sentia o verme empurrar, sussurrar-lhe palavras que deveria dizer, gestos que deveria ousar pôr em prática; às vezes conseguia a duras penas mantê-lo afastado.

Ela era demasiado preciosa para poder ser arruinada.

Viu-a partir, e no silêncio que deixou atrás de si sentiu outro buraco, o abismo de um último olhar que ela nem sequer lhe havia concedido.

– Foste tu?

Espinhos. Sarças e espinhos.

– Foste tu que ma ofereceste?

Sarças e dentes, e dentes, *e dentes* – e ele baixou os olhos, fitou a prova da sua fraqueza, uma rosa que não fora capaz de resistir a entregar-lhe, e que agora gritava a sua culpa de uma maneira ensurdecadora.

Tinha descoberto que aquele negro era a cor do fim.

Da angústia e da tristeza, dos amores destinados a não ver a luz. Um símbolo de uma tristeza tão apropriada que Rigel se perguntou se não teria sido uma roseira negra o que lhe havia crescido no terreno martirizado do seu coração.

No entanto, tratou-se de um impulso estúpido, uma fenda na obstinação com que sempre tentava mantê-la afastada, e por isso penitenciou-se de imediato, no exato momento em que a havia encontrado no seu quarto, segurando na mão aquela acusação de folhas e seda.

Apressou-se a afivelar a sua máscara, manteve-a na expectativa com um sorriso de tal maneira artificial que ameaçava cair.

– Eu? – Esperara que ela não se apercebesse da tensão evidente dos seus pulsos. – Oferecer-te uma flor a ti?

Pronunciou estas palavras com a maior repugnância possível; cuspiu-as com sarcasmo e desfaçatez, e rezou para que ela acreditasse nelas.

Nica baixou os olhos e não foi capaz de ver o terror com que os seus a haviam fitado: por um instante, Rigel receou que ela tivesse percebido; apenas por um instante, a dúvida corroeu-lhe a alma, e ele viu desabar em pedaços e de forma desastrosa uma vida de apreensões e de mentiras.

Desse modo tinha feito a única coisa que sabia fazer, o único remédio para o medo que conhecia: morder e atacar, erradicar todas as suspeitas antes de estas poderem enraizar-se.

E Rigel viu-se morrer um pouco nos seus olhos, quando lhe havia arrebatado a rosa da mão.

Fizera-a em pedaços na frente dela, e na frustração com que extirpara cada uma das pétalas desejara poder fazer a mesma coisa consigo mesmo, com aquela flor crivada de sentimentos que carregava dentro de si.

Contudo, só quando caíram em cima da cama é que tudo congelou.

As veias tinham berrado na carne e os batimentos do seu coração trovejaram com tal violência que Rigel sentiu que se enterravam nele rebentos e raízes.

Viu-se refletido nos seus olhos pela primeira vez.

E depois o terror toldara-lhe a visão com um desejo de tal maneira extenuante que se sentiu invadido por uma centelha de esperança crua e cega: *consternação*, e ali mesmo debaixo dele os cabelos de Nica, as mãos de Nica, os olhos de Nica, os lábios de Nica.

Nica, à distância de um suspiro, subjugada pelo seu corpo como só nas suas fantasias se atrevia a esperar.

Sentiu-se desarraigado, e no meio dessa loucura gostaria de lhe ter dito que a via todas as noites, que nos seus sonhos ambos ainda eram pequenos e ela exibía sempre um pormenor luminoso, uma luz que a tornava perfeita.

Que ela *era* perfeita, porque ele não era capaz de imaginar nada mais puro.

Gostaria de lhe ter dito que a odiava pela sua gentileza, pela maneira como sempre sorria a todos, por aquele seu coração de mariposa noturna que se preocupava com qualquer pessoa, até mesmo com ele, sem exceções. *Que lhe criava a ilusão de que se preocupava com ele*, quando na realidade essa era a natureza dela, e agia sempre da mesma maneira com toda a gente.

Gostaria de lhe ter dito tantas daquelas coisas que Rigel dava por si a tê-las todas juntas na ponta da língua, um caos palpitante, uma aglomeração de palavras e de emoções, medos e angústias pulsantes; ali, todas elas queimando ali, espinhos no céu da boca, amor entre os dentes.

Viu-se a si mesmo impelido a fugir antes de poder fazer o que quer que fosse.

E tudo havia desabado numa chuva de estilhaços, de fragmentos de vidro. Quebrara-se juntamente com uma parte dele, e Rigel pagara com arrependimento cada um desses resquícios de esperança.

Sabia que ela nunca o queria; *sabia-o*, no fundo sabia-o, sempre o soubera. Fora ele a fazer com que fosse assim.

No entanto, tinha fechado os olhos, para se poupar pelo menos ao sofrimento excruciante de a ver partir.

Precisava de sair dali.

Precisava de afastar-se dela, daquela casa – acabaria por perder o juízo se voltasse a ouvir o som da sua voz, ou o contorno dos seus dedos através do tecido, quando tentara tocar-lhe no corredor.

A chuva tinha-lhe impregnado as roupas, ensopando cada emoção; Rigel apertou os punhos e cerrou os dentes, andando para trás e para diante como uma fera enjaulada entre grades invisíveis.

– Tu!

Um grito rasgou o temporal.

Rigel viu um vulto enraivecido vir ao seu encontro. Não precisou de esforçar-se muito para reconhecê-lo, embora estivesse todo encharcado pela chuva.

Empurrara para trás das costas o verme à medida que a silhueta avançava na sua direção.

– Leonard? – alvitrou com uma sobranceira erguida, indeciso.

– É *Lionel* – rosnou-lhe o outro, encontrando-se já a poucos passos de distância.

Rigel tinha pensado que, apesar de tudo, o facto de ele se chamar Lionel ou Leonard era-lhe de todo indiferente. Esses dois nomes irritavam-no em igual medida. Tudo, naquele tipo, o irritava na mesma proporção.

– E existe algum motivo, *Lionel*, para andares a rondar por este bairro como uma espécie de maníaco?

– Maníaco? – Lionel fitou-o com as feições contraídas pela ira. – *Maníaco, eu?* Mas como diabos é que te atreves? – retorquira ao aproximar-se dele, ardendo de tensão. – Se existe aqui algum maníaco de merda, esse alguém és tu!

Rigel dirigiu-lhe um olhar zombeteiro, franzindo a comissura dos lábios.

– Não me digas! É uma pena que quem aqui more seja eu – respondeu, vislumbrando lampejos de alteração nos olhos fitos em si. – Não se pode dizer a mesma coisa de ti. E agora *põe-te a milhas*.

Rigel mordeu-o tal como fazia com toda a gente, mas com mais sarcasmo, com o máximo de desdém possível – tinha-lhe fincado os dentes e procurou fazer-lhe *mal, mal, mal*, e o outro fechou os punhos num impulso de raiva.

– Os teus joguinhos de merda não funcionam mais – rosnou, todo encharcado, e Rigel achou-o tão ridículo que se irritou de verdade. – Achas que não sabia? Achas que ela não me tinha contado nada? Tu não és irmão dela! Não és nada, és menos do que nada. Andas por aí às voltas ao seu redor como se tivesses algum direito sobre ela!

O verme arranhou-o, apoderando-se dos seus pulsos; Rigel retesou-os, a ferver de cólera.

E ele, então? Que direitos tinha ele? O que sabia ele sobre tudo o que o ligava a Nica? O que achava que sabia?

– E tu, então – vociferou, precipitando-se para a frente, furibundo, repudiando a ideia de que ela fosse considerada ao mesmo nível de um objeto –, *tu* que a conheces há um dia, tens direitos sobre ela, *não é verdade?*

– Sim, eu sim – replicou Lionel, e o arremedo de um sorriso surgiu entre os projéteis de chuva. – Tem-me escrito o dia inteiro, dizendo que não te quer ver mais. *Procura por mim* – repisou, como se pretendesse esfregar isso na cara dele, e Rigel sentiu-o como uma bofetada na pele, ou quiçá no coração; ardeu-lhe em todo o seu corpo de uma maneira medonha, corroendo-lhe o estômago, e precisou de fazer um esforço tremendo para não deixar transparecer o quanto aquela constatação era dolorosa para si.

O sorriso de Lionel tingiu-se de uma satisfação vitoriosa.

– Procura por mim, e não faz outra coisa a não ser dizer-me que não te suporta. Odeia ser forçada a viver contigo, a ser obrigada a ver-te todos os dias. Odeia-te com todas as suas forças! E...

– Oh, com que então fala assim tanto contigo a meu respeito? – insinuou ele, venenoso. – Mas que pena. Porque de ti ela nunca fala.

Estalou a língua.

– *Nunca* – apressou-se a soletrar. – Tens a certeza de que existes?

Lionel bramou-lhe a uma distância que irradiava raiva e tensão ardentes:

– EU EXISTO E DE QUE MANEIRA! Ela passa a vida a procurar por mim! E quando, por fim, tu deres de frosques...

Rigel atirou a cabeça para trás e desatou a rir-se.

Foi uma gargalhada rouca, de raiva, de desprezo. De dor, de uma dor negra e desgastante, porque o magoava como o fogo do inferno, porque essas palavras – o ódio que ela lhe professava, a intimidade que partilhava com aquele rapaz – vibravam com uma verdade tão inegável, capaz de condená-lo para sempre.

Porque Rigel sempre soube que os espinhos geram outros espinhos, que aquilo que carregava dentro de si era demasiado sujo e sórdido para poder ser aceite por um espírito dócil e puro como o dela.

Sempre o soube, mas ouvi-lo de viva-voz despedaçava tudo o que ainda permanecia intacto. Além de que era paradoxal e ridículo que ele, assim tão desencantado, ainda fosse capaz de encontrar réstias de esperança entre as sarças; eram essas que quando caíam mais magoavam.

No meio dos escombros, a única luz que sabia possuir era a que ela emanava.

Uma luminescência que o mantinha acordado durante a noite. Que a fazia brilhar em todas as suas recordações e em cada uma das suas memórias.

Ela reluzia como uma estrela pulsante, uma estrela que, na solidão daquele sentimento tão devastador, não conseguia proporcionar-lhe conforto.

E essa luz acendeu-se nesse momento...

Um farol que aquecia – *ela, ela que sempre sorria* – e Rigel gostaria de apagá-la, libertá-la daquele amor que não conhecia gentileza.

Tê-lo-ia feito se pudesse, mas como sempre não era capaz de magoar aquela luz tão delicada onde residia o sentimento que nutria por ela. E acabou por agarrar-se com todo o seu ser, estreitou-a com o desespero de uma alma incapaz de deixá-la partir.

– Quando te puseres a milhas...

– Sim – respondeu, mastigando as palavras, cáustico, protegendo dentro de si a recordação de Nica –, bem podes esperar sentado.

O primeiro soco rachou-lhe o lábio.

Rigel sentiu o sangue misturar-se com a água da chuva, e não pôde deixar de pensar que, apesar de tudo, aquela dor física era bem melhor do que a humilhação de que fora alvo poucos minutos antes.

O segundo soco não lhe acertou, e obrigou Lionel a recuar com toda a fúria de uma besta enfurecida. Abateu-se sobre o seu maxilar com um estalido sinistro que chegou inclusive a arranhar o temporal.

Rigel não se deteve, nem sequer quando o outro lhe devolveu os socos, nem sequer quando sentiu o sobrolho a abrir-se; não se deteve nem sequer quando os nós dos dedos ficaram esfolados e os cabelos encharcados lhe entraram nos olhos, cegando-o como se lhe tivessem espetado alfinetes.

Não se deteve até ser o único a ficar de pé e Lionel rebolou pelo chão com um esgar contraído de dor.

Olhou-o de cima, com os relâmpagos e o oceano negro sobre a sua cabeça, cuspidando um coágulo de sangue sobre o asfalto.

Não queria imaginar, agora, como ela iria olhar para ele.

– Vemo-nos por aí, *Leonard* – sibilou à medida que se afastava.

Deixou-o ali debaixo de chuva a contorcer-se no seu próprio erro.

E viu também a condenação e a miséria... Sentiu-as como uma culpa ensurdecadora no interior das íris sempre tão resplandecentes de Nica.

Avistou-a como nunca antes até àquele momento, uma mancha negra naquela pureza cândida e lindíssima, uma vaga violenta que lhe havia oprimido o peito, quando ela ergueu o rosto do telemóvel e o condenou com a força do seu olhar.

Recordar-se-ia para o resto da vida da maneira como se sentiu morrer.

Rigel olhou-a bem no fundo daqueles olhos de fabricante de lágrimas, e soube que não podia mentir-lhe.

Que não podia negar, porque os nós dos seus dedos gritavam arranhões e sangue, porque Lionel já tinha falado, e Rigel compreendeu apenas nesse instante que aquela expressão desiludida era o doloroso preço a pagar por cada uma das suas mentiras.

Por ter calado e ocultado, por a ter empurrado sempre para longe antes que

ela pudesse perceber.

Exibiu um sorriso repleto de espinhos, mas por dentro sentiu-se definhar. Sentiu uma sensação de agonia mordaz oprimir-lhe o peito.

E deu-lhe apenas o que ela esperava, mostrou-lhe a máscara que sabia ter escrita na testa; só tinha feito o que sempre fazia, porque no fundo sabia que ela não o via de outra maneira, mesquinho e incorrigível.

– Oh, a ovelha gritou «lobo!».

O que aconteceu depois, Rigel só se lembraria em imagens soltas.

Fragmentos confusos, desfocados – *os seus olhos, a sua luz, as suas mãos por todo o lado. Cabelos e perfume, e lábios* que se moviam, pronunciando palavras que ele nunca tinha ouvido, demasiado ocupado a tentar fugir do calor que ela irradiava como um sol.

Mãos e pensos rápidos enredados nos seus braços, o verme que rosnava e bramava, *e ela próxima, tão próxima, tão zangada e próxima* a ponto de o fazer tremer.

E mesmo no meio daquele desespero, no meio daquela urgência feroz com que tentou afastar-se dela, Rigel não pôde deixar de admitir que também quando ardia de raiva e de desolação, Nica continuava a ser sempre e em qualquer circunstância bonita de doer.

Mesmo com todos aqueles pensos rápidos e os dedos martirizados, Nica era bonita de doer.

Até mesmo enquanto lhe batia, e tentava feri-lo, arranhá-lo, devolver-lhe tudo o que ele só foi capaz de arruinar, Nica continuava a ser a coisa mais bela que os seus olhos alguma vez tocaram.

E foi culpa dela, culpa daquele encanto que possuía sem sequer saber, que ele não conseguiu controlar-se a tempo.

Ela aproximou-se em demasia, e assim que a empurrou para longe de si o verme empurrou-o para a frente e aterrou sobre a sua boca.

... E pela primeira vez...

Pela primeira vez *de verdade* na sua vida, foi como abandonar-se a toda aquela beleza e àquela dor. Deixar-se invadir, morrer de um alívio extenuante, lançar-se de cabeça no precipício e aterrar sobre pétalas de rosas, depois de uma vida passada no meio dos espinhos.

Abandonar-se àquele calor até não sentir mais nada.

Ou então limitar-se a render-se a ela, à luz que palpitava dentro do seu peito com uma paz dulcíssima, iluminando cada canto daquela guerrilha sem fim.

*É possível que o nosso maior medo
seja aceitar que alguém possa*

Cambaleei para trás, perdendo o equilíbrio.

A violência com que me afastei fez rodopiar a sala: o telemóvel caiu no chão e eu recuei transtornada, com as pálpebras fechadas com força.

Faltava-me o ar. Um arrepio fez-me estremecer quando toquei nos lábios com os dedos trémulos.

Fitei o rosto diante de mim com olhos devastados, o sabor do sangue, *do seu sangue*, sobre a boca dorida. Senti um pequeno corte na carne dos lábios.

Ele tinha-me mordido.

Por fim, Rigel tinha-me mordido de verdade.

Contemplei a oscilação áspera da sua respiração, a boca resplandecente e vermelha; o movimento com que limpou o sangue dos lábios e os olhos turvos atrás dos quais me pareceu ver brilhar uma centelha fugaz, porém incandescente.

E no modo como olhou para mim, voltei a ver por um momento o reflexo de uma recordação minha.

O mesmo olhar silencioso e acusatório com que eu olhei para ele, uma noite muitos dias antes.

– Um dia, eles hão de perceber quem tu és de verdade.

– Ai sim? E quem sou eu?

– És o fabricante de lágrimas.

O maxilar de Rigel contraiu-se com força.

– *Tu és o fabricante de lágrimas.*

E com voz áspera, cuspiu essas palavras com dificuldade como se lhe tivessem escapado da boca, mas expulsou-as como um veneno que mantivera na boca durante demasiado tempo.

Fiquei especada, atónita, acometida por uma série de arrepios quando ele virou costas à pressa e desapareceu escadas acima.

Desarmante

Não cultives certos amores.

*São como rosas silvestres:
florescem muito raramente
e mantêm-te em suspense².*

Ainda me recordava da minha mãe.

Cabelos encaracolados e perfume de violetas, olhos cinzentos como o mar de inverno.

Contudo, lembrava-me dela porque possuía dedos cálidos e um sorriso bondoso, porque sempre me deixava pegar nos exemplares que estudava.

– Vai devagar, não faças barulho – sussurrava naquela recordação, ao mesmo tempo que uma belíssima borboleta azul deslizava das suas mãos para dentro das minhas.

– É a delicadeza, Nica. A delicadeza, sempre... Não te esqueças disso.

Gostaria de lhe ter dito que acreditava nisso.

Que o havia conservado dentro de mim, um tijolo sobre o qual havia construído o meu coração.

Gostaria de lhe ter dito que me recordava sempre dessas palavras, mesmo quando o calor das suas mãos se desvaneceu e as minhas se encheram de penosos rápidos, a única cor que me restou.

Mesmo quando os meus pesadelos eram salpicados pelo estalo do couro.

Mas naquele momento...

Gostaria apenas de ter dito à minha mãe que por vezes a delicadeza não bastava.

Que nem todas as pessoas eram borboletas, e que eu poderia ir mais devagar as vezes que quisesse, pois estas nunca se deixariam manusear com cuidado. Andaria sempre coberta de mordidelas e de arranhões, e acabaria por me encher de feridas que não conseguiria curar.

Era esta a verdade.

Na escuridão do meu quarto, senti-me como uma boneca esquecida. O olhar vazio, os braços a rodear os joelhos.

O telemóvel voltou a iluminar-se, mas não me levantei para atender. Não tinha coragem de ler mais nenhuma mensagem.

Já sabia o que estava escrito, a sequência de mensagens de Lionel era uma sucessão de acusações.

«Vê só o que ele fez.»

«Disse-lhe para parar.»

«Foi ele quem começou.»

«A culpa é dele.»

«Bateu-me sem motivo nenhum.»

Eu já tinha visto isso acontecer demasiadas vezes, e não me restavam mais forças para duvidar de que fosse verdade.

No fundo, Rigel sempre foi assim.

Violento e cruel, foi assim que Peter o definiu. E não importava o quanto me esforçasse por enquadrá-lo nas páginas dessa nova realidade: ele nunca ali caberia.

Sempre me havia atropelado e aniquilado, e eu acabaria por perder pedaços de mim dia após dia.

Naquele momento, desejei que Anna e Norman nunca se tivessem ausentado; que Anna ali estivesse, para me dizer que nada era irreparável...

Acabaria por acontecer de qualquer das maneiras, sussurraram-me por sua vez os pensamentos. Tanto fazia se eles tivessem ficado ou não... mais dia, menos dia alguma coisa acabaria por dar para o torto na mesma.

Esvaziei-me com um suspiro. Engoli em seco e apercebi-me de que estava cheia de sede.

Decidi levantar-me. Já me encontrava ali há horas, lá fora era noite cerrada.

Antes de sair do quarto, assegurei-me de que o corredor estava desimpedido; encontrar-me com Rigel era a última coisa que eu queria.

Desci as escadas às escuras; parara de chover, a lua que brilhava acima das nuvens iluminava os contornos dos móveis e permitia que me movimentasse sem dificuldade.

Cheguei ao piso térreo, mergulhado na penumbra. Já me encontrava na cozinha quando, de repente, tropecei em qualquer coisa que por pouco não me fez cair. Todo o ar me escapou pela boca. Agarrei-me à parede e cravei os olhos no pavimento, pestanejando.

O que...

Os meus dedos encontraram de imediato o interruptor.

A luz feriu-me a vista: pouco depois inspirei com brusquidão e recuei num

gesto instintivo.

Rigel estava estendido no chão, com os cabelos espalhados pelo soalho.

O pulso pálido sobressaía em contraste com a madeira e o rosto estava coberto por um leque de madeixas negras. Não se mexia.

O seu corpo imóvel impressionou-me com tal prepotência que, quando dei mais um passo à retaguarda, senti a espinha dorsal vibrar.

A minha mente esvaziou-se por completo. Aquela visão chocou com a imagem que eu fazia de Rigel, a sua força, a sua ferocidade, a sua autoridade inabalável.

Fitei-o com os olhos arregalados sem conseguir emitir um único som.

Era ele.

Ali no chão, imóvel.

Era...

– Rigel – foi o sussurro que emiti a duras penas.

De repente, o coração bateu-me nas costelas e a realidade caiu-me em cima de uma só vez, com todo o seu peso. Fui percorrida por um arrepio violento, aniquilando o meu congelamento. Agachei-me ao lado dele, com a respiração acelerada.

– Rigel – murmurei, e nesse momento dei-me conta de que tinha um ser humano deitado aos meus pés. As minhas pupilas percorreram-no a eito e as mãos tremeram-me sem ser capaz de lhe tocar, sem saber onde pousá-las.

Santo Deus, o que é que tinha acontecido com ele?

Fui invadida pelo pânico. Uma enxurrada de pensamentos acorreu-me à mente e fitei-o com olhos febris e quase sem conseguir respirar.

O que devia fazer?

O quê?

Aproximei os dedos o suficiente para lhe aflorar uma têmpora; toquei-lhe com as pontas dos dedos rápidos e sobressaltei-me.

Queimava. Meu Deus, queimava como um ferro em brasa...

Lancei-lhe um derradeiro olhar antes de correr até à sala de estar. Empoleirei-me como um gato na poltrona de modo a alcançar o telefone.

Nunca na minha vida me havia acontecido encontrar alguém estendido no chão daquela maneira. Talvez tenha sido o pânico, talvez apenas a minha incapacidade para o gerir, mas dei por mim a marcar, com mãos trémulas, o número da única pessoa que me veio à cabeça num momento de necessidade.

A única com quem sabia que podia contar. A única em quem eu, que nunca tive um ponto de referência na minha vida, fui capaz de pensar.

– Anna! – exclamei, antes mesmo de lhe dar hipótese de falar. – Aconteceu... Aconteceu que... *Rigel!* – apertei o auscultador. – Trata-se de Rigel!

Ouvi-a gemer baixinho e o restolhar de um tecido.

– Nica... – respondeu com voz sonolenta. – O que...

– Eu sei que é tarde – disse com precipitação. – Desculpa, mas... é importante! O Rigel está estendido no chão, ele... Ele...

De repente, a respiração de Anna pareceu mais próxima.

– O Rigel? – reparei que a voz dela se agitou de forma impercetível. – No chão? No chão como? O Rigel não está bem?

Foi a pressa que me obrigou a pronunciar as palavras. Coloquei-as em fila uma após a outra e expliquei-lhe que quando desci as escadas fui dar com ele ali, estendido no chão.

– Está a arder em febre, mas não sei... Anna, não sei o que fazer!

Anna entrou em pânico. Ouvi-a agitar-se, afastar os lençóis e acordar Norman, anunciando-lhe que queria apanhar um autocarro ou outra coisa qualquer que pudesse levá-los para casa.

Arrependi-me do susto que estava a pregar-lhe com a minha inquietação. Talvez, se tivesse tido mais sangue-frio, pudesse ter chamado uma ambulância ou então teria percebido que fora apenas uma tontura causada pela febre que fez com que Rigel perdesse os sentidos.

No entanto, num momento de pânico, telefonara-lhe a ela, que se encontrava a quilómetros de distância e não podia fazer nada, e então dei por mim com vontade de morder as mãos por conta da minha estupidez.

– Meu Deus, eu sabia que devíamos regressar, eu sabia – a voz tremeu-lhe. – O Rigel agora estaria na cama e talvez, *talvez*...

Anna parecia fora de si. Perguntou-me se não estaria a fazer uma tempestade num copo de água, todavia nunca tinha tido ninguém que se preocupasse comigo e não fui capaz de discernir.

Talvez não estivesse a exagerar, talvez acontecesse a mesma coisa nas outras famílias. Talvez se eu tivesse sido menos precipitada...

– Anna, em relação à febre eu posso... Posso dar conta. – Queria reparar o meu erro, tornar-me útil de alguma forma. Ouvir o pânico dela transmitiu-me a necessidade de acalmá-la. – Posso experimentar levá-lo para cima e deitá-lo na cama...

– Ele vai precisar de uma compressa fria – interrompeu-me ela, angustiada. – Meu Deus, o frio que não deve ter apanhado aí no chão! E os medicamentos! Há medicamentos para a febre na casa de banho, na porta lateral do armário ao lado do espelho, aquele com a tampa branca! Oh, Nica...

– Não te preocupes – disse, quando, muito pelo contrário, era por de mais evidente que preocupações era coisa que abundava por ali. – Agora... Agora eu trato disto, Anna! Se me disseres tintim por tintim o que devo fazer, eu...

Gravei diretamente no cérebro a carrada de instruções que ela me deu em rajada. Desliguei com a promessa de voltar a ligar-lhe, depois de lhe ter dito que havia compreendido tudo.

Voltei para o corredor e estaquei a um metro de Rigel; depois soltei um breve suspiro e dispus-me a não perder mais tempo.

Gostaria de dizer que acartei com ele às costas e que o transportei com dignidade escadas acima... Contudo, não foi assim nem pouco mais ou menos.

A primeira coisa que dei por mim a fazer, e também a menos óbvia, foi tocar nele.

Rigel nunca se havia deixado tocar por mim, nem mesmo aproximar-me sequer, e quando lhe pousei uma mão insegura na extremidade do ombro, apercebi-me de que os meus dedos tremiam.

– Rigel... – aproximei o rosto e os meus cabelos inundaram-lhe as costas. – Rigel, agora... Agora tens de me dar uma mãozinha...

Consegui virá-lo de costas. Tentei içá-lo até o sentar, mas em vão; passei-lhe um braço por detrás do pescoço e levantei-lhe a cabeça: os cabelos negros despegaram-se do chão e acomodaram-se no meu antebraço; a cabeça dele reclinou-se para trás e a pele tensa da garganta pálida ressaltou mesmo debaixo dos meus olhos.

– Rigel...

Vê-lo assim indefeso criou-me um nó no peito. Engoli em seco, lançando um olhar preocupado às escadas, e depois voltei a fitá-lo. Enquanto o observava assim tão perto, ali sentada no chão com ele, nem sequer me apercebi de que estava a estreitá-lo mais do que seria necessário para ampará-lo.

– Precisamos de subir as escadas – disse-lhe em voz baixa, com delicadeza, porém com determinação. – Rigel, apenas as escadas. Apenas as escadas... – cerrei os lábios, içando-lhe o busto. – Vamos lá!

E pronto... pode ser que *vamos lá* fosse um bocado de exagero.

Afinal de contas, eu tratava pássaros feridos e ratinhos que ficavam presos nas ratoeiras, estava habituada a criaturas muito diferentes.

Tentei convencê-lo a fazer um esforço, perguntei-lhe se ao menos era capaz de me ouvir. Quando vi que não me respondia, comecei a arrastá-lo em peso ao longo do pavimento. Ia soprando madeixas de cabelo à medida que os meus pés escorregavam no soalho, mas conseguimos, de alguma maneira, chegar ao fundo das escadas.

Agarrei Rigel pela *T-shirt* e fui capaz de içá-lo apenas o suficiente para fazer com que ele apoiasse as costas na parede; era alto e imponente, e eu tremendamente minúscula em comparação com ele.

– Rigel... por favor... – disse com a voz contraída num esforço lancinante. – Levanta-te!

Sai-me bem daquela empreitada titânica. Com um gemido de exaustão, encostei-lhe a cabeça ao abdómen e impedi-o de deslizar de novo para o chão:

curvei-me de forma atabalhoada e a custo sob o peso dos seus ombros e vacilei com as pernas trémulas.

Cerrei os dentes de aflição.

Subimos com esforço e grande dificuldade ao mesmo tempo que ele parecia manter-se a custo em pé. O braço dele rodeava-me o pescoço e senti o seu maxilar de encontro à têmpora.

Senti um certo alívio quando chegámos ao andar de cima, mas no último degrau escorreguei com dramatismo. Esbugalhei os olhos, mas era tarde de mais: as paredes rodopiaram e nós caímos no chão com um estrondo ensurdecedor.

Bati com o osso da bacia na extremidade do degrau e mordi a língua com a dor.

– Oh, meu Deus – exclamei, trémula, engolindo em seco. Senti na boca o sabor metálico do sangue.

Poderia haver, de facto, calamidade maior do que esta?

Avancei de rastos e aproximei-me de Rigel. Senti uma fisdada aguda de dor na bacia e levei de imediato a minha mão àquele sítio, ao mesmo tempo que tentava, alarmada, verificar se não tinha batido com a cabeça.

Não voltei a ser capaz de o pôr de pé.

Arrastei-o a coxear na direção do quarto dele, e com um afã sobre-humano, com o derradeiro esforço que sentia estar a pedir aos meus músculos, consegui içá-lo até ao colchão e metê-lo debaixo das cobertas.

Passei o pulso pela testa e concedi-me alguns momentos para recuperar o fôlego; o seu braço pendeu para fora da cama, e os cabelos espalhavam-se ao acaso em cima da almofada.

Exausta, corri até à casa de banho e enchi um copo com água; em seguida, abri a portinhola e encontrei os remédios de que precisava.

Tirei um comprimido do frasco e senti as molas rangerem quando me sentei na borda do colchão.

Levantei-lhe a cabeça, apoiando-a na curvatura do meu cotovelo.

– Rigel, tens de tomar isto... – tentei dizer-lhe na esperança vã de que me ouvisse, de que se deixasse ajudar, nem que fosse ao menos uma vez. – Vai fazer com que te sintas melhor...

Ele não se mexeu. A palidez do seu rosto era alarmante.

– Rigel – experimentei mais uma vez, colocando-lhe o comprimido no rebordo dos lábios –, vamos lá...

A sua têmpora encontrava-se encostada ao meu flanco: a testa roçava-me pelas costelas mesmo por debaixo do seio, num abrir e fechar de olhos, o comprimido escapou-me sem querer por entre os dedos.

Apressei-me a apanhá-lo no meio das dobras do cobertor com gestos frenéticos, sentindo os nervos queimar-me a carne.

Com uma falta de jeito sem limites, dei por mim a empurrá-lo para dentro da boca. Os seus lábios entreabriram-se com suavidade sob a pressão dos meus dedos. Por pouco não lhes rocei com o dedo indicador, quando a drageia desapareceu dentro da sua boca.

Virei-me a fim de pegar no copo, mas tremia-me a mão.

Pelo menos consegui fazer com que bebesse um pequeníssimo gole de água. Rigel retesou a garganta e depois finalmente engoliu o comprimido.

Pousei-lhe a cabeça na almofada e levantei-me à pressa, com a cara a arder de forma irritante.

Desci até à cozinha e preparei a compressa fria, tal como Anna me havia dito, e logo em seguida voltei a subir as escadas e apliquei-a sobre a pele a esquentar.

Permaneci perto da cama, tentando colocar as ideias em ordem e recapitular tudo o que havia feito.

Será que me tinha esquecido de alguma coisa?

Pensei nas indicações de Anna, quando de repente ouvi o meu telemóvel tocar agilmente.

Corri sem demora para atender, depois de ter lançado uma vista de olhos a Rigel: o nome de Anna piscava no ecrã.

Agora que a situação se havia acalmado, reparei ainda mais na sua agitação; informei-a de que tinha feito tudo o que me havia dito, sem tirar nem pôr, sem me esquecer de nada; acrescentei que tinha corrido as cortinas e que tinha posto mais um cobertor, e ela comunicou-me que estavam prestes a apanhar um autocarro e que chegariam a casa ao raiar do dia.

– Estaremos aí o mais rápido possível – assegurou-me em tom apreensivo. Experimentei uma sensação cálida e insólita ao ouvir toda aquela preocupação.

– Nica, se precisares de alguma coisa...

Assenti, agitada, e dei-me conta de que ela não podia ver-me.

– Sossega, Anna... caso venha a acontecer alguma coisa, telefono-te logo.

Agradeceu-me pelo desvelo com que havia cuidado dele, e depois das últimas recomendações, desligou com a promessa de que nos veríamos em breve.

Voltei para trás, entrei de novo no quarto e entreabri a porta de modo a manter o calor.

Acerquei-me da cama com passos silenciosos; pousei o telemóvel em cima da mesinha de cabeceira e, erguendo os olhos devagar, contemplei o rosto de Rigel.

– Eles estão quase a chegar – sussurrei.

As suas feições mantinham-se imóveis como alabastro polido. Da mesma forma que eu permaneci ao lado da cama, refém do rosto dele.

Não sei quanto tempo fiquei ali de pé a contemplá-lo, inquieta e indecisa, antes de sentir as molas vergarem-se sob o peso do meu corpo.

Sentei-me na beira da cama, como se tivesse medo de despertá-lo.

Por um momento não fui capaz de imaginar a sua reação feroz se descobrisse que não só eu entrara mais uma vez no quarto dele, como também me encontrava sentada na sua cama a olhar para ele como se não tivesse medo das consequências.

Tinha-me rosnado. Expulsado. Olhado com um desprezo que sabia ferir-me como um punhal.

Tu és o fabricante de lágrimas.

Recordei aquela acusação com uma dor amarga e indefinida. Eu? Como podia ser eu? O que teria ele querido dizer com isso?

Contemplei o rosto adormecido com a condescendência de quem se encontra a observar uma fera em bicos de pés, ciente de não ser capaz de perceber nem de compreender.

E, no entanto...

No entanto, ao observá-lo nesse momento... senti algo inexplicável. Uma paz indefinida.

As suas bonitas feições encontravam-se distendidas, com as longas pestanas a projetarem uma sombra sobre as maçãs do rosto elegantes e os lábios tranquilos; os seus traços tão orgulhosos estavam imbuídos de uma serenidade que nunca lhe tinha visto.

Nunca me havia permitido vê-lo dessa maneira. Havia sempre um esgar a desfigurar-lhe os lábios, e o olhar impregnado de intenções sombrias e escusas.

Engoli em seco e sensações indescritíveis oprimiram-me o coração. À medida que observava o movimento doce e profundo do seu peito amplo, e a pele da garganta a pulsar com suavidade com os batimentos do seu coração... dei-me conta de que nunca estivera tão bonito.

As faces encovadas e as sombras debaixo das pálpebras não estragavam a harmonia do rosto, conferindo-lhe, pelo contrário, o fascínio de uma juventude corrompida, murcha; e não havia palidez que lhe retirasse o encanto, não havia arranhão, corte ou ferida que fosse capaz de ofuscar aquela luz.

Era belíssimo assim tão tranquilo.

Como podia tamanho esplendor esconder algo tão... obscuro e incompreensível?

Como fazia o lobo para possuir um aspeto tão delicado, se o seu objetivo era apenas amedrontar?

De repente, uma respiração irregular entreabriu-lhe a boca. Rigel moveu a cabeça ao de leve e a toalha escorregou para o lado: sem refletir, dei por mim completamente tensa, debruçada sobre ele a segurar a compressa no lugar.

Sustive a respiração e os meus olhos desceram de imediato impacientes e inquietos até se fixarem no seu rosto, mas ele...

Ele limitou-se a permanecer imóvel a um suspiro de distância de mim. Fitei-o no limiar de uma intimidade que nunca me havia concedido. Fitei-o não como o fabricante de lágrimas.

Apenas como... Rigel.

Apenas como um homem jovem, adormecido, doente, com um coração e uma alma tal como tantos outros.

Então, uma tristeza inexplicável fez com que me sentisse derrotada. Desanimada e impotente. Repleta de nódoas negras que ele havia deixado dentro de mim sem nunca me ter tocado sequer.

Odeio-te, gostaria de lhe ter sibilado, tal como qualquer outra pessoa teria feito no meu lugar. Odeio-te, não suporto os teus silêncios, nem uma única coisa que me dizes.

Odeio o teu sorriso, a maneira como não me queres perto de ti, todas as mordidas que me deste.

Odeio-te pelo modo como sabes estragar as coisas mais belas, pela violência com que te afastas, como se fosse eu a privar-te do que quer que seja.

Odeio-te... porque nunca me deste outra alternativa.

Contudo, da minha boca nada saiu.

Aquele pensamento não se concretizou, dissolveu-se no meu coração e a resignação esvaziou-me por completo. De súbito, senti-me cansadíssima.

Porque não era verdade.

Eu não odiava o Rigel. Nunca o odiaria.

Só gostaria de poder compreendê-lo.

Só gostaria de poder ver que havia na realidade alguma coisa, ali debaixo, forjada na sombra de um coração como muitos outros.

Só gostaria de poder convencer o mundo de que estava enganado.

– Porque é que me afastas sempre? – sussurrei, angustiada. – Porque é que não permites que eu te compreenda?

Nunca conseguiria encontrar a resposta para essas perguntas.

Ele nunca ma daria.

Senti-me ceder aos poucos sobre o colchão, cada vez mais ofuscada pelo torpor. A escuridão engoliu-me.

E por fim tudo o que fui capaz de fazer... Tudo o que fui capaz de lhe devolver em troca do que ele sempre me havia dado foi apenas um lento e demoradíssimo suspiro.

2 Fanno stare sulle spine significa literalmente estar sobre espinhos. No entanto, trata-se de uma frase idiomática, cuja tradução se perde em português com o jogo de palavras entre rosas e espinhos, uma vez que significa manter-se na expectativa ou em *suspense*. (N. da T.)

Até à medula

*Podes arranhar, renegar o amor,
arrancá-lo do coração, mas ele sempre
saberá como encontrar-te.*

Tudo ardia em torno dele.

Era uma prisão macia e escaldante.

Onde é que estava? Não compreendia. Não conseguia sentir nada. Experimentava apenas uma dor generalizada, os ossos que a febre parecia quase vergar dentro dos músculos.

No entanto, também naquele sono denso e artificial, *ela* apareceu-lhe como num sonho.

Possuía contornos tão nebulosos que mais ninguém teria percebido que se tratava de Nica, se não fosse pelo facto de que a conhecia de cor e salteado, em todos os seus recantos, matizes e luzes.

Conseguiu imaginá-la na perfeição, mesmo na confusão desconcertante da febre. Pareceu-lhe inclusive tê-la ali, perto de si, desprendendo um calor que não lhe pertencia.

Oh, a maravilha dos sonhos...

Ali não havia terrores nem freios. Não precisava de controlar-se, esconder-se, retroceder. Ali podia tocar-lhe, vivê-la e senti-la sem necessidade de explicar nada, e Rigel também poderia vir a amar aquele mundo irreal, caso a felicidade efémera que tocava todas as noites não lhe deixasse no coração cicatrizes tão profundas.

Isto porque a ausência de Nica queimava. Escavava sulcos com a mesma ternura com que lhe prodigava carícias. E ele sentia esses cortes um por um, quando acordava de manhã entre lençóis vazios, desprovidos da presença dela.

Mas naquele momento...

Quase lhe deu a sensação de poder tocar-lhe. De sentir as mãos passar-lhe

sobre a cintura esbelta e envolvê-la até sentir que se enchia de alguma coisa.

Era capaz de se mexer. Ainda que delirante, sentia-se consciente.

Será que o estava? Não, impossível. Apenas nos seus sonhos ia encontrá-la ao seu lado.

Não restavam dúvidas, ela era tão real... Estreitou-a nos braços e afundou o rosto nos seus cabelos, tal como costumava fazer todas as noites.

Gostaria de poder arder no seu perfume, encontrar conforto naquela amargura eterna e dulcíssima onde Nica, em vez de fugir, o embalava nos braços, prometendo-lhe que nunca mais o deixaria partir.

E foi como se... Oh, foi como se... se pudesse de facto sentir aquele corpinho diminuto respirar perto de si e pulsar pressionado de encontro ao seu...

✱

Havia alguma coisa que me fazia cócegas no queixo.

Mexi o rosto, mergulhando na frescura da almofada.

Os passarinhos chilreavam; o mundo desenrolava-se fora de mim, mas demorei-me um pouco antes de me decidir a abrir os olhos.

A minha testa tremelicou e entreabri as pestanas. Fios subtis de luz ofuscaram-me os olhos; sonolenta, pestanejei e vislumbrei a realidade delinear-se devagar à minha volta.

À medida que focava a vista, tomei consciência da posição estranha em que me encontrava. Fazia muito calor. Porque é que não conseguia mexer-me?

Esperava ver os contornos do meu quarto, mas tal não aconteceu. Havia uma coisa negra a encher-me os olhos.

Eram cabelos.

Cabelos?

Ebugalhei os olhos com um sobressalto.

Rigel estava todo em cima de mim.

O seu peito era um muro abrasador de carne e de músculos; os ombros largos envolviam-me e os braços rodeavam-me com suavidade à altura da cintura. O seu rosto encontrava-se oculto debaixo do meu, completamente enterrado na curvatura do meu pescoço. Sentia a sua respiração tépida aflorar-me a pele.

As nossas pernas encontravam-se sobrepostas e o lençol pendia de lado em cima do colchão, desentalado sabe-se lá quando. Fiquei sem fôlego. Por um instante, esqueci-me como respirar.

Sufoquei com a pressa e fitei os meus braços esticados para a frente: um deles passava debaixo do pescoço dele, o outro atravessava-lhe com suavidade a cabeça acariciada por melenas negras.

A minha mente explodiu num delírio medonho. Uma súbita claustrofobia fechou-me a garganta e o coração martelou-me de encontro à pele.

Como é que tínhamos acabado assim?

Quando? Quando é que eu me havia deitado na cama dele?

E os cobertores? Os cobertores... Também não havia cobertores?

Senti as mãos dele debaixo de mim, encaixadas entre o colchão e o meu corpo, estreitando-me num abraço delicado e firme ao mesmo tempo.

Rigel... Rigel estava abraçado a mim.

Estava a respirar em cima de mim.

Ele, que nunca se deixara tocar, tinha o rosto encostado ao meu pescoço e os braços a apertar o meu corpo de tal maneira que me era impossível descortinar onde ele começava e onde acabava.

A inquietação apoderou-se de mim.

Tentei mexer-me, e logo depois o cheiro dos seus cabelos introduziu-se com toda a força nas minhas narinas.

O seu perfume envolveu-me como uma sombra intensa e vibrante. Não saberia como descrevê-lo. Era... vigoroso, insidioso, selvagem assim como ele. Fazia-me lembrar a chuva e os trovões, a relva molhada, as nuvens carregadas e o estrépito de um temporal.

Rigel cheirava a tempestade. Que perfume terá a tempestade?

Afastei o rosto para o lado e tentei esquivar-me a essas sensações, todavia não consegui.

Agradava-me. O seu odor agradava-me... Era irresistível para mim, quase familiar. Experimentei a trágica sensação de senti-lo *meu*. Eu que permanecia debaixo de chuva até ensopar as roupas, eu que sempre senti no vento a liberdade, eu que abracei o céu inúmeras vezes, senti-me inebriada até à loucura.

Não podia ser verdade.

Era uma loucura.

Fechei os olhos, esforçando-me por não tremer entre aqueles braços de que sempre havia fugido... Tentei afastar-me e os seus cabelos deslizaram por entre os meus pensos rápidos.

Bloqueei.

Rigel continuava a dormir, perdido num sono profundo, e eu mexi ao de leve as pontas dos dedos. Senti o coração palpar com suavidade na garganta quando rocei pelos tufo de pelo na base do pescoço.

Eram... eram...

Apalpei-os devagar, com cuidado. E quando vi que ele não se mexia... mergulhei neles as mãos devagar. Eram incrivelmente fofos, macios e agradáveis ao toque.

Dei por mim a examiná-lo com o coração a bater descompassado. Cada respiração e cada contacto eram novos, e ao mesmo tempo desestabilizadores de morrer. Aquele momento ficaria gravado na minha memória para sempre.

À medida que o ia acariciando com toda a prudência de que era capaz, pareceu-me ouvi-lo suspirar baixinho.

A sua respiração foi como uma onda invisível e quente sobre a minha pele. Transmitiu-me tranquilidade.

Aos poucos, a realidade esfumou-se e foi reduzida a uma simples marcação das batidas do coração de Rigel. Palpitava devagar, embalador e delicado.

O que será que havia naquele coração?

Porque é que o mantinha trancado como uma fera, se era capaz de bater com tanta doçura?

Num gesto de desespero, desejei poder acariciá-lo como estava a fazer com ele. Os seus batimentos ecoaram-me no estômago com uma gentileza desarmante e dei por mim a encostar a cara à sua cabeça, derrotada.

Rendi-me... porque não tinha forças para combater algo assim tão delicado.

Semicerrei as pálpebras e com um suspiro extenuado abandonei-me entre os braços do único rapaz de quem deveria manter-me afastada. Deixei-me embalar pelo seu coração. *E por um momento...* Por um momento, ali abraçada a ele, longe do mundo, do que sempre tínhamos sido... *apenas por um instante, sim, coração contra coração, perguntei-me porque é que não poderíamos ficar assim para sempre...*

A vibração do telemóvel devolveu-me à realidade.

Pestanejei meio zozna, e o quarto estremeceu dentro dos meus olhos. Estiquei-me para trás entre os braços de Rigel e tentei estender a mão.

Não conseguia lá chegar.

– Rigel – sussurrei baixinho, sem saber muito bem o que dizer. – O telemóvel... Pode ser a Anna...

Ele não me ouviu; continuou mergulhado num sono profundo, com a cara enterrada debaixo da minha.

Apoiei-lhe uma mão no ombro, tentando aliviar o aperto com que os seus braços me envolviam, mas foi inútil.

– Rigel... Preciso de atender!

O telefone emudeceu de repente.

Com um pequeno suspiro voltei a apoiar-me na almofada.

Era Anna, pressentia-o; talvez quisesse avisar-me de que estava a chegar. Meu Deus, devia estar muito preocupada...

Voltei-me de novo para o interior da cama; a respiração de Rigel era uma carícia cálida sobre a minha pele, e nem sequer me apercebi de lhe ter pousado uma mão nos cabelos quando, com voz clara, porém delicada, lhe disse:

– Rigel, agora preciso de levantar-me.

Uma parte de mim tinha medo de o acordar.

Tinha medo da sua reação.

Tinha medo de o ver repelir-me de novo...

– Rigel – murmurei a contragosto. – Rigel, deixa-me levantar, por favor... – Falei-lhe junto ao ouvido com delicadeza e esperei que esse tom de voz assim tão suave o alcançasse de algum modo.

Algo aconteceu.

A minha voz pareceu misturar-se com os seus sonhos. Rigel respirou junto ao meu pescoço e emitiu um gemido baixo, e depois estreitou-me mais junto a si. O seu perfume envolveu-me como uma luva sedutora.

– Rigel – repeti num fio de voz ao mesmo tempo que os seus músculos deslizavam e escorregavam, fazendo restolhar os lençóis; o seu amplexo tornou-se mais sólido e o calor do seu corpo aumentou.

Tive a certeza de senti-lo esfregar o nariz na minha pele.

Senti o ventre a contrair-se e as faces a arder. Pensei que estivesse a sonhar, porque ele movia-se com um lento movimento que me fez senti-lo ainda mais colado ao meu corpo.

Talvez devesse proceder ainda mais devagar. Com *delicadeza*...

Aproximei os lábios mais um pouco; com os dedos afastei-lhe o cabelo da orelha, entalando-o com doçura atrás dela, e ainda mais baixinho sussurrei com suavidade, como que num suspiro:

– *Rigel*...

Contudo, pareceu-me que isso só piorou as coisas, porque ele entreabriu os lábios e a sua respiração aprofundou-se. Tornou-se longa, lenta, quase íntima, como se de alguma forma lhe fosse difícil respirar.

Depois, de repente... o seu maxilar anguloso fletiu-se na minha direção.

E os seus lábios pousaram-me na garganta.

O meu coração falhou um batimento, cortando-me a respiração. Arrepios de surpresa irradiaram por todo o meu corpo e os meus dedos fincaram-se nos ombros dele com um estalido seco.

Experimentei uma sensação ensurdecadora, mas senti apenas os seus braços estreitarem-me ainda mais. Rigel deslocou os lábios pelo meu pescoço, abriu-os e pressionou de novo com uma delicadeza que me fez contorcer e retrain.

Estava de tal maneira tensa, incrédula e perturbada que nem sequer fui capaz de pronunciar uma única palavra para protestar. Sensações loucas devoraram-me por dentro e senti desabrochar na pele flores de fogo.

Contorci-me e apressei-me a empurrar-lhe o peito com os antebraços.

– *Rigel* – saiu-me a voz rouca pela garganta, mas a boca dele entreabriu-se e os dentes lambeiram-me a carne com sonolência. Percebi que Rigel não estava a dormir, mas que se encontrava num estado de semiconsciência devido à febre alta. Um delírio. Devia ser um delírio.

Deixei escapar um gemido quando me mordiscou ao de leve. Rangi

o maxilar e implorei para que me desse uma trégua. A sua língua, a sua boca, as suas mordidelas – *tudo* – eram de enlouquecer, uma tempestade de arrepios tão fortes a ponto de me parecerem insuportáveis. Era demasiado para mim.

A situação piorou quando ouvi o barulho da porta a fechar-se e depois passos que entravam em casa.

Fui assaltada pelo pânico. *Anna e Norman.*

– Nica! – chamou Anna à minha procura, e eu enterrei os dedos nos ombros de Rigel.

Oh, meu Deus, não, não, não...

– Rigel, tens de me deixar levantar – disse com o coração descompassado como um pequeno inseto fora de si. – Agora!

A sua boca aturdiu-me. Estava rígida e em chamas, parecia que estava delirante.

O joelho dele deslizou entre as minhas pernas e senti os músculos retesarem-se com uma fibrilação. Apertei as coxas por instinto, e uma respiração rouca vibrou-lhe no peito.

– Nica! – chamou-me Anna de novo, e eu arquejei, com uma respiração incrivelmente áspera. Lancei um olhar alarmado na direção da porta. Estava próxima, estava ali, estava... *estava...*

Num ímpeto de pânico, agarrei com força os cabelos de Rigel e depois afastei-o de mim com brusquidão.

Ouvi o seu gemido baixo ao cair de novo sobre o colchão, antes de eu me esgueirar para fora da cama.

Quando, pouco depois, a porta se escancarou de súbito, a mão de Anna estava esticada para a frente, mesmo a ponto de agarrar a maçaneta.

Fitou surpreendida o rosto descomposto e corado com que lhe abri a porta.

– Nica?

– Está muito melhor agora – balbuciei com frenesim, ao passo que Rigel jazia afundado debaixo da almofada que eu acabara de lhe atirar à cabeça.

Passei por ela com o cabelo emaranhado, esquivava, e escapuli-me com uma mão a comprimir-me o pescoço.

Afastei-me daquele quarto com os joelhos a tremer, a mente atordoada e o coração encurralado ali, no ponto onde a boca de Rigel ainda queimava de uma maneira que nunca mais seria capaz de esquecer.

Algumas horas mais tarde continuava sem conseguir livrar-me dessa sensação.

Conseguia senti-la a rastejar-me pela pele.

Queimava.

Obcecava-me.

Pulsava por todo o lado como um hematoma invisível.

Levei as pontas dos dedos à garganta ao mesmo tempo que descia as escadas. Tinha encontrado um pequeno chupão quando me vira ao espelho e esperava de todo o coração que com os cabelos soltos não se notasse.

Todavia, por mais que tentasse escondê-lo, o que me perturbava não era o que havia à superfície, mas sim o que se encontrava subjacente. Havia alguma coisa que navegava dentro de mim como um navio no meio de um temporal e ainda não sabia o que fazer para me salvar.

Entrei na cozinha quando a tarde já ia avançada. Pretendia ir buscar água, mas ao invés dei por mim a deter-me na soleira da porta.

Rigel encontrava-se sentado à mesa.

Envergava uma camisola azul um pouco larga no pescoço e reparei que ainda não estava com muito bom aspeto, mas nem por isso menos encantador. Os cabelos negros destacavam-se à luz do entardecer, espessos e em desalinho, e os olhos estavam cravados em mim.

O coração fez marcha-atrás e deteve-se por um instante debaixo da garganta.

– Eu... Oh – mordi a língua, desastrada; baixei a cabeça, contemplando a caixa que tinha na mão. – A Anna pediu-me que te trouxesse os remédios – expliquei como se não soubesse de que outro modo preencher aquele silêncio. – Vim... então... vim buscar água. Reparei no copo que ele segurava na mão e comprimi os lábios. – Calculo que já não seja preciso...

Levantei os olhos devagar, indecisa, e senti um formigueiro nas faces quando vi que os olhos de Rigel não se tinham desviado nem um milímetro da minha cara. Pareciam bastante vivos e brilhantes, e nem mesmo o cansaço parecia deslustrar a profundidade do seu olhar. As íris destacavam-se como diamantes negros em contraste com a sua tez.

– Como... é que te sentes? – murmurei, passado um bocado.

Rigel olhou de lado, franzindo uma sobrancelha escura, e os lábios esboçaram um sorriso irónico.

– Uma maravilha – proferiu em voz baixa.

Revirei a caixa entre as pontas dos dedos, embaraçada, e o meu olhar escapou também na mesma direção do seu.

– Tu... lembras-te de alguma coisa do que sucedeu esta noite?

Foi mais forte do que eu. Mas precisava de saber.

Tinha necessidade de saber se ele se lembrava de alguma coisa. Um minúsculo pormenor, ainda que irrelevante...

Pouco depois, fragmentos da minha alma deram por si a rezar para que assim fosse. Senti-me enredada em torno dessa pergunta como se dela dependessem os destinos do mundo.

Porque... para mim alguma coisa tinha mudado.

Tinha visto Rigel frágil pela primeira vez, tinha-lhe tocado, tinha-o acariciado, tinha-me aproximado dele. Tinha cuidado dele. Vi-o humano e indefeso, e até mesmo a menina que havia dentro de mim foi forçada a abandonar a ideia invencível do fabricante de lágrimas e a vê-lo tal como ele era.

Um rapaz que repudiava o mundo.

Um rapaz solitário, duro e complicado que não permitia que ninguém lhe tocasse o coração.

– Lembras-te de alguma coisa do que aconteceu? – perguntei de novo, e percebi a sua intenção de me devolver o olhar.

Qualquer coisa... Qualquer coisa já servia... Tudo para não voltar a vê-lo transformar-se no lobo que sempre me manteve afastada...

Rigel perscrutou-me reticente, com uma pitada de confusão.

Recostou-se nas costas da cadeira e a sua aura de prevaricação voltou a prevalecer.

– Oh, bom... Alguém deve ter-me levado para o quarto. – O seu olhar vagueou primeiro pelo aposento antes de pousar de novo em mim, insolente. – Imagino que devo agradecer-te pela nódoa negra que tenho no ombro.

A recordação da nossa queda lampejou na minha cabeça. Acusei o golpe baixo e o sentimento de culpa silenciou-me.

Contudo, não arredei pé. Rigel acabava de me dar a entender que aquela fronteira entre nós continuava a existir, no entanto não cedi. Não recuei, não me escondi atrás dos cabelos; permaneci na soleira da porta da cozinha com os olhos cravados na caixa de medicamentos, porque dentro de mim pulsava algo precário, porém reluzente: a esperança. Essa esperança cristalina e inabalável que carregava dentro de mim desde criança. A mesma que apontava agora na direção dele, sem intenção de se render.

Em vez de me ir embora, uma força desconhecida impeliu-me a entrar.

Atravessei a cozinha e abei-rei-me da mesa onde ele estava sentado; em seguida, abri a caixa e tirei um comprimido do frasco.

– Tens de tomar dois – informei-o com voz suave. – Um agora e outro esta noite.

Rigel fitou o comprimido branco. Depois, com lentidão, o seu olhar voltou a pousar em mim.

Nos seus olhos vislumbrei algo insondável. Talvez a percepção de me ter aproximado a despeito do sarcasmo com que me havia brindado. Ou talvez fosse pelo facto de não ter demonstrado medo dele...

Por um momento, pensei que me iria expulsar.

Por um momento, achei que iria trocar de mim e dar-me outra alfinetada.

Ao invés, Rigel inclinou o rosto para o lado e voltou a baixar os olhos.

Em silêncio, sem dizer uma única palavra, estendeu a mão e pegou no

comprimido.

Senti um sopro quente no peito quando ele levantou o copo. Uma felicidade desmedida tomou conta de mim e inclinei-me para a frente:

– Espera, precisas de beber mais água...

Os meus dedos roçaram os seus.

Foi algo momentâneo.

A sua mão afastou-se com brusquidão e ele pôs-se de pé de um salto: o barulho da cadeira rasgou o ar e o copo estatelou-se no chão com grande estrondo, espalhando vidros por todo o lado.

Cambaleei para trás devido à força inesperada com que ele se havia afastado.

Fitei-o sem conseguir respirar. A repulsa com que se esquivara àquele contacto feriu-me como um desses pedaços de vidro.

E senti-a, a desilusão, quando os seus olhos se ergueram de repente, fincando-se nos meus; senti-a infiltrar-se dentro de mim como raízes de uma árvore morta no mesmo sítio onde antes havia brilhado a esperança.

E...

Foi um pouco como se definhasse.

★

Queimava.

A respiração *queimava*.

Deveria ter-se controlado, mas aquele contacto imprevisto perturbou-o até ao fundo do coração e Rigel sentiu em si um calor muito mais forte do que a febre.

Reprimiu uma imprecação. Num arroubo de pânico, perguntou-se se ela se teria apercebido do arrepio com que se afastou.

No entanto, quando reuniu coragem para erguer o olhar, sentiu o vazio. Deparou-se com a desilusão naqueles olhos incrédulos, e sentiu a dor dilacerar-lhe cada centímetro da alma.

Nica baixou o rosto devagar e cada instante daquele breve movimento foi como um estilhaço enterrado na pele.

Viu-a agachar-se. As suas minúsculas mãos apanharam os vidros que agora cintilavam como joias à luz do entardecer, e Rigel perguntou-se se alguma vez ela poderia fazer a mesma coisa com os cacos do seu coração, se ao menos a deixasse tocar-lhes.

Mesmo se fossem tão negros. E imundos.

Mesmo se escorressem todo o desespero que sempre lhe havia dedicado.

Mesmo se cortassem, e arranhassem, e esfolassem, e cada fragmento tivesse a cor dos seus olhos prateados, cada pedaço fosse um sorriso que ele lhe havia apagado dos lábios.

E sabia que só deveria ter-lhe agradecido. Devia-lhe muito mais do que deixava transparecer.

Sabia-o; não obstante, estava tão habituado a morder e a arranhar que já era algo instintivo. Ou talvez, mais simples ainda, não fosse capaz de ser nada além da índole perversa que forjara de si mesmo.

Aterrorizava-o a ideia de que ela, tão pura e tão límpida, pudesse conhecer os seus sentimentos desesperados.

– Rigel... – ouviu-a sussurrar baixinho.

Ficou imóvel, petrificado diante dela, tal como acontecia todas as vezes que ouvia *aquela* boca pronunciar o seu nome.

– Tu... não te lembras mesmo de nada?

A dúvida abriu caminho aos poucos, *do que é que devia lembrar-se?*

Havia alguma coisa que devia recordar?

Não, estava muito bem assim, apressou-se a dizer a si mesmo. A mera ideia de as mãos dela o terem tocado, enquanto o ajudava a subir até ao primeiro andar, era suficiente para o fazer perder a cabeça.

No entanto, o facto de não se recordar era ainda pior.

– Que importância é que isso tem? – deu por si a perguntar com mais aspereza do que a pretendida. Aquele tom de voz escapou-lhe dos lábios antes de ser capaz de reprimi-lo e arrependeu-se de imediato quando ela se deteve.

Nica ergueu o rosto e fitou-o.

O seu olhar apossou-se dele com doçura, as sardas refulgiram nas suas feições finas e delicadas e os seus lábios entreabriram-se como um castigo proibido.

Olhou para ele daquela maneira só sua, de ninfa indefesa, de corça da floresta, com uma inocência que lhe cortou a respiração.

E então Rigel apercebeu-se de que a tinha de joelhos na sua frente.

Sentiu-se queimar de novo, desta vez muito abaixo do peito.

Apressou-se a desviar o olhar. O tormento selou-lhe os lábios com força, e ele sentiu a necessidade de se esquivar àquela visão: sem proferir uma única palavra, comprimiu o maxilar e passou por ela disposto a afastar-se.

Ter-se-ia ido embora se ela não o tivesse detido pelo coração.

Ter-se-ia ido embora se ela não tivesse escolhido aquele exato momento para pronunciar o seu nome mais uma vez e fazer a terra deter-se debaixo dos seus pés.

Nunca mais se esqueceria daquilo que a ouviu dizer.

– Rigel... Eu não te odeio.

✱

Acabava de lhe dizer a verdade.

Não importava quantas vezes eu fugisse.

Não importava quantas mordidas e ferroadas ele continuasse a dar-me.

Não importava o quanto se esforçasse por me manter afastada.

Nada importava...

Eu não era capaz de quebrar o fio finíssimo que nos unia desde sempre.

E não podia voltar atrás... Não depois de o ter sentido abandonar-se indefeso entre os meus braços. Não depois daquela manhã, quando deixara gravadas em mim sensações que me haviam marcado muito além da pele.

Eu tinha-o *visto*.

Não como o fabricante de lágrimas que era, mas como o rapaz que sempre fora.

– E odeias-me? – recordei a nossa conversa no corredor. – *Odeias-me, falena?*

Não...

Rigel endireitou a cabeça.

Foi como ver a realização de algo que estava previsto, programado, dolorosamente imutável.

No entanto, nem por isso doeu menos.

Virou-se para mim, fitando-me por um momento. Depois sorriu.

– Estás a mentir ao fabricante de lágrimas, Nica – declarou com lentidão e amargura. – Sabes bem que não devias fazer isso.

E ali estávamos nós uma vez mais, separados por aquela fronteira em que eu era a rapariga do Grave e ele o fabricante de lágrimas.

No mesmo ponto de partida em que nos encontrávamos quando éramos pequenos.

A história estava destinada a repetir-se.

A regra era sempre a mesma: era necessário penetrar na floresta e derrotar o lobo mau.

Só assim se consegue alcançar o final feliz.

No fundo, os contos de fadas acabam com as palavras «para sempre».

Será que alguma vez haveria uma exceção para nós?

Para além das vidraças

*Os amores silenciosos são os mais difíceis de tocar,
mas por baixo da superfície brilham com uma sincera
e incrívelimensidão.*

Apertou os dedos com todas as forças que possuía.

Não estava a magoá-lo o suficiente.

As unhas feriram-no, enterraram-se na sua pele macia, mas Rigel não largou a presa.

– Disse-te para mo dares – sibilou de novo, com aquele tom de voz que sempre amedrontava toda a gente.

– Não! É meu!

O outro menino debateu-se que nem um cão selvagem. Tentou arranhá-lo e empurrá-lo para longe de si. Então, Rigel puxou-lhe os cabelos com violência, obrigando-o a soltar um gemido enfurecido de dor: estava a vergá-lo com todas as forças de que era capaz.

– Dá-mo – rosnou, cravando as unhas com fúria na sua cútis. – Já!

O outro obedeceu. Abriu o punho fechado e algo caiu no chão. No momento em que viu o outro aos seus pés, Rigel soltou-o e deu-lhe um empurrão para que se afastasse.

O menino rebolou no chão, arranhando as mãos na terra; lançou-lhe um olhar feroz, carregado de medo, depois levantou-se à pressa e fugiu dali a correr.

Rigel ficou a olhar para ele sem fôlego e com os pequenos joelhos todos esfolados. Curvou-se a fim de apanhar do chão o que conseguira obter e estreitou-o entre os dedos.

Os arranhões doíam-lhe. Mas não se importou.

Bastou vê-la ao longe para deixar de sentir o ardor nos joelhos.

Na verdade, ao fim da tarde, ela apareceu na soleira da porta do dormitório comum. Com a mão debaixo das pálpebras recolhia lágrimas que não cessavam

de cair há vários dias.

De repente, Nica ergueu os olhos e pousou-os na sua cama, ao fundo de todas as outras. E o seu rosto de menina iluminou-se.

O mundo brilhou na luz do rosto dela e, de repente, tudo pareceu mais luminoso. Correu na direção da cama, e Rigel viu-a passar através das janelas a fim de se atirar para cima da almofada.

Viu-a a pegar no boneco de peluche em forma de lagarta, a única recordação que lhe havia sobrado dos pais; Rigel apercebeu-se apenas nesse momento do quanto estava puído e estragado. Durante a pequena batalha com o outro menino as costuras tinham-se rasgado e o enchimento saía na parte da frente como uma nuvem de espuma.

Mas ela semicerrou as pálpebras, e sorriu no meio de um sulco de lágrimas.

Apertou-o de encontro ao peito como se fosse a coisa mais valiosa do mundo.

Rigel observou-a em silêncio enquanto ela embalava o seu pequeno tesouro. Permaneceu ali, escondido num canto do jardim, e com um alívio infinito sentiu rebentos germinarem por entre todos os seus espinhos.

✱

– Como te sentes?

Cortinas cheias de sol e de luz difusa.

A figura de Anna estava de pé e de costas para mim. Pronunciara aquelas palavras com uma delicadeza sem igual.

Rigel, sentado à mesa na frente dela, limitou-se a assentir, sem cruzar o seu olhar com o dela. Há dois dias que faltava à escola por causa da febre.

– De certeza? – perguntou num tom de voz mais suave.

Preocupada, afastou-lhe uma madeixa de cabelo da cara, deixando à mostra o corte no seu sobrolho.

– Oh, Rigel... – suspirou com um certo desespero. – Como foi que arranjaste estas marcas?

Rigel continuou a olhar para o lado e não disse nada; trocaram um silêncio que não compreendi, e Anna não insistiu.

Não percebi por que perdia tempo a olhar para eles. A maneira de ser de Anna estimulava o meu coração, a sua atitude tão maternal fascinava-me; todavia, cada vez que a via a conversar com Rigel tinha sempre a impressão de que havia alguma coisa que estava a escapar-me.

– Esse corte está com uma cor que não me agrada – disse, concentrando-se no sobrolho dele. – É capaz de infetar. Não desinfetaste a ferida, pois não? – Inclinou-lhe um pouco a cara. – Era preciso... Oh, Nica!

Voltei a mim quando ela mencionou o meu nome. Envergonhei-me de imediato da maneira como ficara ali a observá-los às escondidas como uma ladra.

– És capaz de me fazer um favor? Na casa de banho lá de cima há desinfetante e algodão. Poderias ir buscá-los?

Anuí, evitando olhar para Rigel. Não voltara a falar com ele desde a última vez.

As ocasiões em que me surpreendia a observá-lo tornaram-se de repente demasiado frequentes, e o pior era que nem sequer me dava conta disso.

Ficara algo em suspenso entre nós, e não havia maneira de tirar isso da minha cabeça.

Regressei poucos momentos depois com o que Anna me havia pedido, e fui encontrá-la a tamponar-lhe a ferida com um guardanapo; antecipei-me ao seu pedido e humedeci uma bola de algodão.

Quando lha estendi, ela afastou-se um pouco para o lado, concentrada a examinar-lhe o corte. Percebi que estava a abrir um espaço para mim e a princípio hesitei.

Será que queria que fosse eu a encarregar-me disso?

Avancei com hesitação. Passei pela frente de Anna e surgi diante de Rigel.

Por um brevíssimo instante os olhos dele fixaram-se em mim. Vibraram frenéticos sobre as minhas mãos, sobre os meus cabelos, sobre o meu rosto, sobre os meus ombros e logo depois desviaram-se com a mesma rapidez, voltando a fixar-se na extremidade oposta.

Ao aproximar-me, rocei sem querer no seu joelho e pareceu-me vislumbrar um músculo a contrair-se no maxilar, antes de Anna lhe inclinar um pouco mais o rosto.

– Aí mesmo... – disse, indicando-me o sítio.

Rigel parecia esforçar-se demasiado para não repelir aquele toque com todo o azedume de que era capaz. Não se desviou; no entanto, intuí que essa situação estava a custar-lhe um considerável autocontrolo.

Tamponei o sobrolho com cuidado. Estava tensa. Um pouco porque tinha medo de o magoar, um pouco porque aquela proximidade era mais do que a que me era permitida.

A garganta dele parecia contraída. Rigel mantinha os olhos desviados para o lado com obstinação, e a mão pousada no joelho estava de tal maneira cerrada que os nós dos dedos pareciam prestes a romper a pele.

Sabia que todas aquelas atenções o irritavam e ponto final. Nunca demonstrara grande apreço pelos cuidados e pelas preocupações, eram coisas que o incomodavam. Mesmo quando era criança, quando todos pareciam querer apenas implorar por uma carícia, Rigel nunca se mostrara interessado naquele tipo de gentilezas.

Ao contrário de mim, que, ao invés, teria dado qualquer coisa para ser a destinatária de tantos cuidados.

De repente, o telefone de casa tocou.

Anna virou-se com tanta rapidez que também eu acabei por estremecer.

– Ah... Continua por um momento, Nica, já volto.

Lancei-lhe um olhar suplicante, mas foi inútil: Anna saiu da cozinha e deixou-me sozinha com Rigel.

Esforçando-me para não deixar transparecer nada, continuei a fazer apenas o que ela me tinha pedido, no entanto foi impossível não reparar na mão de Rigel. Os dedos estavam fincados na carne como se essa proximidade fosse mais do que ele era capaz de suportar.

Os batimentos do meu coração abrandaram.

Será que odiava assim tanto ter-me por perto?

Desagradava-lhe assim tanto?

Porquê?

Fui invadida pela tristeza. Tinha de facto esperado que as coisas pudessem mudar, mas entre nós existia um abismo. Um fosso intransponível.

E não importava o que eu esperava, não importava o quanto tudo era diferente para mim; aquele muro continuava a existir e sempre existiria.

Ele iria enxotar-me sempre.

Destruiria sempre qualquer resquício de esperança.

Mostrar-se-ia sempre distante e inacessível.

Baixei os olhos, contemplando Rigel uma derradeira vez, só para sentir as garras daquela tristeza que se cravavam em mim em jeito de confirmação. Talvez quisesse magoar-me o suficiente a ponto de desistir, de acabar com todas as esperanças. Só assim poderia aceitá-lo...

Contudo, o meu coração saltou um batimento.

Os ombros de Rigel já não eram um feixe de tensão. Os dedos sobre o joelho tinham afrouxado, como se tivessem apertado a presa durante tempo de mais e se rendessem por fim. E o seu rosto...

As suas feições apresentavam-se calmas, os olhos estavam desviados para o lado, mas sem obstinação, e sim com *resignação*. As íris lânguidas debaixo do meu toque mostravam-se repletas de um sofrimento que parecia proporcionar-lhe também um certo alívio.

Exausto. Rendido. De rastos.

Foi assim que o meu olhar incrédulo o foi encontrar. Tão diferente de si mesmo a ponto de parecer outra pessoa.

Estremeci diante daquela visão, frágil e perturbada. O coração quase me saiu pela boca e começou a bater com tanta força que doía.

Rigel suspirou com os lábios fechados, como se não quisesse que o ouvissem, nem sequer ele próprio, e eu senti-me desmoronar.

Havia algo mais. Podia ver isso. Gostaria de lhe ter sussurrado que as coisas não precisavam por força de ser assim, que podíamos formar um conto de fadas diferente se pelo menos ele quisesse.

Fitei-o com olhos amargurados, mudos de desejo de poder compreendê-lo.

E por instinto... o meu dedo deslizou-lhe pela pele e acariciou-lhe uma têmpora, num gesto vagaroso.

Pareceu-me tão frágil com aquela expressão atormentada que não me apercebi do meu gesto.

Rigel sobressaltou-se. Os seus olhos fulminaram-me e congelaram quando viram que eu estava a olhar para ele, *que estivera a olhar para ele o tempo todo*.

Agarrou-me pela manga e pôs-se de pé de um pulo.

Antes mesmo de ser capaz de compreender, dei por mim com o braço levantado sobre a cabeça e o seu olhar cravado no meu, dominada pelo seu corpo. Fitei-o sem fôlego, aprisionada pelos seus olhos arregalados atrás dos quais vi cintilar emoções indescritíveis. A sua respiração tépida fez-me cócegas na pele das faces, que reagiram de imediato, ficando afogueadas.

– Rigel... – murmurei num sopro de voz, assustada.

Senti-o intensificar devagar o aperto na minha manga; os dedos amarrotaram o tecido e os seus olhos recaíram sobre os meus lábios. Fiquei com a garganta seca. Todas as minhas energias foram sugadas por ele e de repente senti-me fraca.

Um silêncio vibrante destroçou aquele momento num sem-fim de fragmentos palpitantes, ao mesmo tempo que o meu coração tremia, retumbava, reclamava apenas por um sopro...

E depois Rigel soltou-me.

Foi tão repentino que por um momento senti o chão faltar-me debaixo dos pés. Cambaleei, e naquela confusão ensurdecedora ouvi passos que se aproximavam.

– Eram uns amigos. Ligaram para saber se...

Anna deteve-se na soleira da porta: pestanejei quando Rigel passou por ela e saiu da cozinha.

Ela virou-se para mim.

– Está tudo bem? – perguntou.

Não encontrei as palavras para lhe responder.

Mais tarde, enquanto me esforçava por estudar, os pensamentos não me davam tréguas.

Aglomeravam-se em torno de Rigel como abelhas brancas, perturbando a minha concentração. Pestanejei, esforçando-me por afugentá-los; no entanto, pareciam permanecer ali, como a marca de uma luz forte que se fixa durante tempo de mais.

Despertei para a realidade quando o meu telemóvel assinalou a chegada de uma mensagem.

Pousei o lápis e dei uma vista de olhos: era Billie.

Mais um vídeo de cabrinhas. Nos últimos tempos enviava-me uma carrada deles. Não percebia por que tinham que berrar daquela maneira, mas, cada vez que abria um, acabava por ficar fascinada a olhar para o ecrã. Já no dia anterior me tinha mandado um vídeo de um lama que dava pulinhos de contente e, de uma forma inexplicável, tinha perdido meia tarde de estudo por causa disso.

Suspirei com um pequeno sorriso. Era infantil, mas... esses vídeos eram capazes de me dar serenidade. Apreciava a consideração de Billie como um tesouro a ser preservado: havia alguém que se lembrava de mim, que não precisava de motivos para me enviar uma mensagem, que confiava em mim e me considerava uma amiga. Era tudo novo para mim.

De repente, o meu telemóvel tocou.

Olhei para o ecrã que piscava e hesitei antes de atender.

– Está lá? Oh... olá, Lionel.

Nos últimos dias tinha procurado por mim imensas vezes: pelo telemóvel, na escola entre uma aula e outra, mas vê-lo causava-me uma sensação estranha, quase de mal-estar.

Não o queria afastar, todavia depois do que havia acontecido com Rigel parecia-me ver todas as vezes, no seu rosto, a lembrança daquela agressão.

Uma parte de mim gostaria de ter apagado aquele momento, eliminá-lo e fingir que nada daquilo tinha alguma vez ocorrido...

Contudo, no momento em que comecei a afastar-me, Lionel começou a escrever-me com mais insistência. Tinha-me perguntado se Rigel havia tentado defender-se, desacreditando-o com palavras falsas e mentiras.

Eu neguei, e ele tranquilizou-se de imediato.

– Aproxima-te da janela – instigou-me, e quando obedeci, fiquei surpreendida ao encontrá-lo lá em baixo.

Acenou-me com a mão, gesto esse que retribuí insegura.

– Estava a passar pelas redondezas – explicou-me com um sorriso. – Porque é que não desces? Podemos ir dar um passeio.

– Gostaria muito, mas preciso de acabar os trabalhos de casa...

– Oh, vamos, está sol. Está um lindo dia – desafiou-me com voz descontraída. – Não me digas que preferes ficar trancada em casa?

– Mas eu tenho teste de Física na sexta-feira...

– É só uma voltinha. Vá lá, desce.

– Lionel, gostaria muito – disse, segurando no telemóvel com as duas mãos –, mas preciso de estudar, a sério...

– E eu não? É apenas um passeio. Mas está certo, se realmente não queres...

– Não é que não queira – apressei-me a dizer.

– Então, qual é o problema?

Observei-o através da janela, perguntando-me por um momento se ele seria sempre assim tão insistente. Talvez fosse apenas eu a mostrar-me mais esquiva do que de costume...

– Está bem – rendi-me, por fim.

Afinal de contas, ele tinha dito que era só uma voltinha, não foi?

– Vou calçar os sapatos. Já desço.

Ele sorriu.

Peguei num blusão à pressa e calcei os ténis. Depois vi-me ao espelho e verifiquei se o chupão no pescoço não se via. Aquela marca ainda ali estava, como uma recordação que se recusava a desaparecer. Só de pensar que tinha sido feito pelos lábios de Rigel, fazia-me formigar o sangue. Decidi tapá-lo com uma echarpe verde-garrafa e desci as escadas.

Avisei a Anna de que ia sair, mas depois estaquei e voltei atrás, passando primeiro pela cozinha.

– Olá – disse, cumprimentando Lionel diante da vedação da casa. Parei na frente dele, entalando uma madeixa de cabelo atrás da orelha, e depois estendi uma mão. – Toma.

Lionel olhou para o gelado que eu estava a oferecer-lhe. Ergueu os olhos para mim e eu dirigi-lhe um sorriso cálido.

– Tem um crocodilo lá dentro.

Observou-me, impressionado. E o seu sorriso foi vitorioso.

Tinha razão: estava um belo dia.

Saboreámos os nossos gelados, passeando pela rua. Escutei com atenção enquanto ele me contava sobre o carro novo que o pai tinha comprado; não me pareceu satisfeito com isso: lamentou-se várias vezes da escolha; não obstante, pelo que pude perceber, se tratasse de um modelo muito caro.

Só passado um bom bocado é que me dei conta de que a avenida arborizada já não contornava a rua.

– Ei, espera... – olhei em redor com ar perdido. – Afastámo-nos muito. Não... Não reconheço esta zona.

Ele nem sequer pareceu ouvir-me.

– Lionel, saímos do bairro – declarei, tentando chamar-lhe a atenção, abrandando a marcha até parar. Observei-o prosseguir caminho até que se apercebeu de que eu já não o acompanhava.

– O que estás a fazer? – perguntou, olhando para mim. – Oh, não te preocupes. Eu conheço bem estes sítios – acrescentou com tranquilidade. – Vem.

Fitei-o com uma expressão de algo que não soube explicar. Também os olhos dele a captaram.

– O que foi?

– Tínhamos combinado que era apenas uma volta pelo bairro...

Quando é que ele se deu conta de que nos tínhamos afastado em demasia?

– Só fomos um pouco mais longe – respondeu ao mesmo tempo que se aproximava de mim devagar. Fitou-me, e depois acabou por baixar o rosto. – Para falar verdade, eu moro aqui perto... – disse, dando um pontapé numa pedra. – A cinco minutos daqui! – Lançou-me um olhar de soslaio e depois voltou a cravar os olhos nos pés. – Já que chegámos até aqui... podias dar um pulinho até lá.

Captei o ligeiro embaraço na sua atitude e amoleci. Percebi que teria prazer em me mostrar a sua casa. Eu mesma nutria pela minha uma ponta de ternura e orgulho, e não tinha perdido tempo a convidar Miki para lá ir. Pensei que o mesmo acontecesse com ele.

Relaxe e sorri.

– Está bem.

Lionel pareceu ficar feliz com isso. Observou-me com olhos brilhantes antes de se endireitar e coçar o nariz.

Quando chegámos a casa dele, reparei que se tratava de uma moradia muito bem cuidada.

A garagem era automática e tinha um portão com uma maçaneta lustrosa e resplandecente. O cascalho nivelado na perfeição formava um tapete que ia dar às traseiras do edifício, onde pude entrever um cesto de basquetebol e um cortador de relva de um vermelho flamejante e de último modelo. Filas de violetas perfeitas contornavam o jardim com uma precisão milimétrica. Não pude deixar de pensar no quanto pareciam diferentes das gardénias espontâneas e alegres que adornavam a nossa vedação.

Quando entrei, abriu-se diante dos meus olhos um ambiente espaçoso e impecável de tão limpo, com o pavimento de mármore. As cortinas brancas davam sombra aos aposentos e não havia um único som que perturbasse o silêncio.

Era uma bela casa.

Lionel deixou o blusão em cima de uma poltrona, e pareceu achar insólito o modo como limpei bem os sapatos no capacho antes de entrar.

– Estou cá com uma sede... Sossega, a esta hora não há ninguém em casa.

Desapareceu atrás de uma porta e quando fui atrás dele descobri que se tratava da cozinha.

Fui dar com ele ao pé do frigorífico, com uma garrafa de água na mão e um copo por onde bebia com grandes goles.

Só quando chegou o momento de voltar a colocar a garrafa no frigorífico é que se apercebeu de que eu estava a olhar para ele.

Fitou-me por um momento, pestanejando.

– Ah, pois... Também queres um copo de água?

Entalei uma madeixa de cabelo atrás da orelha, feliz ante aquela demonstração de gentileza.

– Oh, obrigada.

Deu-me um copo com um sorriso orgulhoso e eu levei-o aos lábios, grata pela sensação de frescura que me invadiu a garganta. Gostaria de beber mais um pouco, mas Lionel já tinha guardado a garrafa.

Mostrou-me a casa em toda a sua extensão.

Reparei em diversas molduras espalhadas aqui e ali sobre as mesinhas de apoio, mísulas e estantes: Lionel estava em quase todas, em diferentes idades, e tinha sempre as mãos ocupadas com um gelado ou com um carrinho de brincar.

– Este ganhei-o o mês passado – anunciou orgulhoso, mostrando-me o troféu do último torneio de ténis. Felicitei-o, e ele pareceu bastante contente por isso; mostrou-me as suas medalhas, e quanto mais eu admirava os seus troféus, mais Lionel parecia orgulhar-se.

– Há uma coisa que gostaria de te mostrar – disse, dirigindo-me um sorriso astuto. – É uma surpresa... Vem comigo.

Segui-o através da casa, atravessando a bonita sala de estar, até que ele se deteve diante de uma porta fechada.

Virou-se para mim e eu olhei para ele de baixo para cima, com uma expressão límpida e curiosa.

– Fecha os olhos – disse-me com aquele sorriso travesso.

– O que é que existe nesta sala? – perguntei, observando a bela porta de mogno

– É o escritório do meu pai... Fecha os olhos, anda – tornou a dizer e riu-se.

Dei por mim a sorrir por extensão enquanto fechava as pálpebras, curiosa com aquela brincadeira.

Ouvi-o abrir a porta. Conduziu-me, fazendo-me avançar, e entrámos juntos.

As mãos dele guiaram os meus ombros até um determinado ponto da sala. Os seus dedos apertaram-me um pouco antes de me soltar, como se tivesse querido deixar-me alguma marca impressa.

– OK... Já podes abrir.

Abri os olhos.

Era um belíssimo escritório.

No entanto, não foi isso que me deixou petrificada.

Quando abri os olhos, foi a parede diante da qual me encontrava, repleta de molduras de vários formatos e tamanhos, que me impressionou.

Além do número *desproporcionado* de insetos que se viam debaixo do

vidro.

Dezenas de escaravelhos brilhantes, besouros-dourados, o ciclo das crisálidas; abelhas, libélulas de várias cores, louva-a-deus, até mesmo uma coleção de cascas de caracol muito bem alinhadas em fila.

Dei por mim a observar a coleção como se alguém me tivesse embalsamado também a mim.

– Viste bem? – perguntou Lionel, orgulhoso. – Aproxima-te e olha!

Arrastou-me até me colocar diante do expositor das borboletas. Examinei com os olhos esbugalhados aqueles corpinhos imóveis, trespassados por alfinetes, e Lionel indicou-me um exemplar na fila de baixo.

– Repara bem no que está aqui escrito, vês?

«Nica Flavilla», lia-se na legenda em caligrafia elegante ao lado de uma pequena e grácil borboleta, de uma tonalidade alaranjada brilhante.

– Tem o mesmo nome que tu! – Dirigiu-me um sorriso orgulhoso, como se tivesse acabado de me mostrar uma descoberta incrível pela qual deveria sentir-me lisonjeada.

Senti o sangue fugir-me da cara; não via mais nada a não ser asas esticadas e abdómenes espetados, mas Lionel interpretou mal o meu silêncio.

– Incrível, não achas? Nos tempos livres, o meu pai coleciona uma data de coisas, mas sente um orgulho muito especial por esta coleção. Pensa que foi ele mesmo que a organizou, com as suas próprias mãos, quando era... Oh, Nica... Está tudo bem?

Tinha-me apoiado ao rebordo da secretária. Os meus lábios estavam comprimidos como se estivessem prestes a devolver o gelado ao pavimento de mármore.

– Não te sentes bem? O que é que tens?

Lionel bombardeou-me com perguntas e eu voltei a engolir em seco, sentindo que havia qualquer coisa a revolver-se debaixo do esterno.

– Espera aqui, OK? Vou buscar-te outro copo de água. Já volto.

Saiu do escritório e eu tentei acalmar-me. A surpresa tinha-me pregado uma bela partida, todavia esforcei-me por respirar fundo; sabia que era dotada de uma sensibilidade especial, mas aquela era, na realidade, a última coisa do mundo que poderia esperar encontrar.

Lionel regressou apressado com a garrafa na mão.

Entregou-ma, mas só quando estendi uma mão é que se deu conta de que se havia esquecido do copo.

– Espera – desapareceu de novo e eu semicerrei as pálpebras, engolindo o ar.

A sala tinha parado de rodopiar. Pouco depois, Lionel regressou com o copo, e eu agradeci-lhe.

– Senteste-te melhor? – perguntou-me depois de eu ter bebido.

Assenti, procurando tranquilizá-lo.

– Foi só um momento... Agora estou bem.

– Às vezes a emoção prega partidas traiçoeiras – disse, sorrindo divertido.

– Não estavas à espera de uma surpresa como esta, hã?

Sorri com nervosismo, depois mudei o rumo da conversa e perguntei-lhe qual era a profissão do pai dele. Descobri que era notário, e continuámos a conversar mais um bocado.

– Está a fazer-se tarde – disse a determinada altura, olhando lá para fora. Lembrei-me de que ainda tinha uma carrada de trabalhos de casa para fazer.

Sáímos do escritório e Lionel fez questão de me acompanhar a casa.

– Se quiseres refrescar-te por uns instantes antes de ir embora, a casa de banho é ali...

Fiquei bloqueada.

Lionel seguiu o meu olhar, e quando viu que eu havia ficado ali espedada, esboçou um sorriso.

– É aqui que a minha mãe guarda as tralhas dela – explicou, encostando uma mão à porta de uma das divisões; abriu-a de par em par, e sob os meus olhos surgiram compridas varinhas com fitas brilhantes penduradas.

– É professora de ginástica rítmica – ouvi-o dizer ao mesmo tempo que eu entrava com um olhar de fascínio.

Um grande espelho preenchia a parede do fundo, ao lado de uns estranhos pinos que me pareceram demasiado estreitos.

– São maçãs – elucidou-me Lionel. – Nos seus tempos áureos ganhou muitas medalhas... Era muito boa. No entanto, agora dedica-se apenas ao ensino.

Observei as fotos com olhos cintilantes e vivos; quantas cores, quanta graciosidade! Parecia um cisne multicolorido, emanava uma harmonia suave e cativante.

– É uma coisa lindíssima – disse, radiante e sincera.

Virei-me para ele e sorri-lhe com olhos brilhantes.

Lionel ficou a olhar para mim algo emocionado.

Devolveu-me o sorriso. No seu olhar vi o mesmo brilho que tinha visto nas fotos em que ele empunhava uma taça.

Vi-o pegar num estilete e, de repente, uma longa fita serpenteou no ar desprendendo reflexos rosados; segui com admiração aquela fita ondulante, e ri-me quando Lionel a fez vultear ao meu redor, criando espirais por cima da minha cabeça.

Rodei várias vezes sobre mim mesma, tentando capturar a fita com os olhos, segui-la de algum modo – e Lionel não passava de um sorriso desfocado para lá da seda.

Depois, a dada altura, a fita começou a enrolar-se à minha volta.

Senti-a colar-se de repente ao meu corpo, e o meu sorriso congelou.

– Lionel... – escapou-me da boca.

O tecido imobilizou-me os braços e logo em seguida fui acometida por um terror visceral. Senti-me sufocar. O meu corpo contorceu-se, o coração acelerou e o meu medo explodiu com um berro estrondoso.

O estilete caiu no chão com um estalido.

Recuei sob o olhar estupefacto de Lionel. Fui reduzida a um violento feixe de calafrios ao mesmo tempo que arrancava a fita em redor de mim, ofegando com tamanho desespero a ponto de não conseguir respirar.

O sangue martelava-me nas têmporas e na minha mente sucediam-se pesadelos ainda vívidos na minha cabeça, intervalando fragmentos obscuros com a realidade, recordações de uma porta fechada e de um teto lascado.

– Nica?

Enterrei os dedos acima dos cotovelos, abraçando-me com força, respirando com dificuldade.

– Eu... – murmurei num suspiro, frágil e nervosa. – Desculpa... Eu... Eu...

Lágrimas de impotência despontaram-me nos cantos dos olhos. A necessidade de me esconder abriu caminho dentro de mim com uma insistência nauseabunda, e de repente o olhar de Lionel corroeu-me o estômago. Precipitei-me nos meus terrores e voltei a ser criança.

Não devia deixar que me vissem.

Desejei tapar os braços, desaparecer, tornar-me invisível. Desejei arrancar a minha pele só para poder desviar a atenção dele de mim.

– Sabes o que acontece se contares a alguém?

Apetecia-me gritar, ao invés a garganta fechou-se e não fui capaz de dizer mais nada: virei costas e corri a toda a pressa para fora da sala.

Encontrei a porta da casa de banho, entrei e tranquei-me lá dentro. A náusea contorceu-me e precipitei-me a fim de chegar à torneira: o jorro frio saiu disparado do metal e inundou-me os pulsos.

Deixei-os ali por uns momentos a embeberem-se de água, ao mesmo tempo que Lionel batia com insistência na porta, pedindo-me para abrir.

Algumas cicatrizes nunca deixam de sangrar.

Há certos dias em que abrem e os pensamentos rápidos não são suficientes para curar a ferida: esses eram para mim os momentos em que me apercebia de que era ingénua, infantil e frágil como dantes.

Era uma menina no corpo de uma rapariga. Via o mundo com os olhos cheios de esperança porque não era capaz de admitir a mim mesma que estava desiludida com a vida.

Gostaria de ser normal, mas não o era.

Era diferente.

Diferente de todos os outros.

Por fim, já era muito tarde quando voltei para casa.

O ocaso já se infiltrava no meio das árvores e banhava o asfalto, fazendo-o reluzir de negro.

Lionel acompanhou-me até à vedação, em silêncio durante todo o trajeto.

Depois de ter ficado na casa de banho durante um tempo interminável, desculpara-me por diversas vezes pelo que havia acontecido. Tinha tentado de todas as maneiras minimizar o sucedido; disse-lhe que tinha apanhado um susto de morte, que não tinha sido nada, que não havia motivo para se preocupar. Sabia o quanto essas palavras eram ridículas, mas isso não me impediu de esperar que ele acreditasse nelas.

Lionel ficou desconcertado com aquela reação, estava na dúvida se não teria feito qualquer coisa errada, mas eu tranquilizei-o dizendo que estava bem e que não tinha acontecido nada. Não o fitei e ele também não voltou a falar. Gostaria de poder apagar aquele momento da sua memória com todas as forças que possuía no meu corpo.

– Obrigada por me teres acompanhado – murmurei na frente da porta de casa. Não tinha coragem para o encarar de frente.

– De nada – limitou-se a responder, intuí pelo tom da sua voz que ainda se sentia perturbado.

Então arranjei forças para erguer o rosto; dirigi-lhe um sorriso ténue, com uma nota de tristeza, e Lionel tentou fazer o mesmo, mas acabou por desviar os olhos, de forma evasiva, para a casa dos Milligan.

A sua atenção centrou-se em alguma coisa antes de me despedir dele.

– Vemo-nos por aí.

Senti a sua mão a deter-me.

Antes de conseguir mexer-me, Lionel debruçou-se sobre mim: os seus lábios pousaram-me na cara e deram-me um beijo.

Pestanejei e vi-o erguer um dos cantos da boca num sorriso.

– Vemo-nos por aí, Nica.

Fiquei a vê-lo afastar-se com os dedos sobre a face, transtornada, depois entrei em casa.

Encontrei-a mergulhada em sossego; despi o blusão e pendurei-o no bengaleiro, e depois percorri o vestíbulo para subir as escadas. Fiquei bloqueada quando me apercebi da presença de alguém. Entre os raios moribundos, vi que a biblioteca se encontrava ocupada por um vulto silencioso.

Rigel estava sentado ao piano.

Encontrava-se mergulhado num silêncio total. Um dedo afagava as teclas

sem as pressionar, e a sua presença irradiava no ar um fascínio decadente e elegante que me impregnou como um arrepio.

Passado um bocado, as suas pupilas deslizaram por cima do ombro até pousarem em mim.

A minha alma estremeceu até aos ossos. Aquele olhar não se assemelhou a nenhum outro que alguma vez eu tenha visto: enregelou-me e queimou-me em igual medida, de uma maneira que não consegui explicar. Foi amargo. Poderoso. E deixou-me perturbada.

Rigel desviou os olhos de mim e pôs-se de pé.

Antes de poder afastar-se, contudo, ouvi a minha voz murmurar:

– O que foi que aconteceu entre ti e o Lionel?

Nunca fui muito boa a resignar-me, a renunciar: não fazia parte da minha natureza.

Dei um passo em frente.

– Porque é que se envolveram à pancada?

– Ele que te conte – disparou Rigel num tom de voz tão venenoso que me fez estremecer. – Já te deve ter dito tudo, *não*?

– Quero ouvi-lo da tua boca – sussurrei com uma voz mais *ténue* ainda.

Rigel inclinou o rosto atraente, e um sorriso mesquinho fez-lhe brilhar os lábios. Mas não os olhos.

– Porquê? Queres saber os pormenores de como eu lhe *parti* a cara? – perguntou com tal ódio que me surpreendeu.

Não compreendi. Por um momento, os meus olhos deslocaram-se até à janela que dava para a parte da frente da casa.

Teria visto?

Ele fez menção de sair da sala e deixar-me ali plantada, e antes mesmo de refletir o meu corpo moveu-se.

Desta vez não.

Num arroubo de valentia impedi-o de passar. Um tremor percorreu-me o corpo franzino quando ergui os olhos: Rigel elevava-se acima de mim com os cabelos incendiados pelo pôr do sol, e arrependi-me de imediato do meu gesto irrefletido.

Lançou sobre mim um olhar incisivo, e com uma estranha rouquidão na voz sibilou:

– Afasta-te.

– Responde-me – a minha voz afinou como uma súplica –, por favor.

– Afasta-te, Nica – redarguiu-me, repisando as palavras.

Movi uma mão. Não percebia o que me impelia sempre a procurar um contacto com ele, mas quando se tratava dele já não conseguia conter-me. Depois da noite em que cuidei de Rigel, já não receava mais aquele limite, muito pelo contrário. Queria infringi-lo.

O meu gesto foi suficiente para o fazer reagir. Com uma desilusão pungente, Rigel impediu-me de tomar uma atitude: afastou-se de mim e dirigiu-me um olhar gélido e ardente. Respirava de maneira forçada. A sua reação quase pareceu um reflexo condicionado, todavia não magoou menos o modo como repeliu também um gesto inocente como esse.

Contudo, deixava que Anna lhe tocasse. Até mesmo o Norman. E não mostrava problema nenhum em pôr as mãos em cima de quem o provocasse. Não repudiava mais ninguém daquele modo. Apenas eu.

– Será que te incomoda assim tanto que eu te toque? – As minhas mãos tremiam. Senti um aperto quase doloroso no coração. – Quem é que tu achas que tratou de ti e que te curou, quando estiveste com febre?

– Não te pedi nada – cuspiu, lapidar.

Reagiu como se estivesse a encurralá-lo, no entanto aquelas palavras fizeram-me arregalar os olhos.

Voltei a ver as minhas mãos a ampará-lo, os esforços em ajudá-lo a subir as escadas, o desvelo e a atenção com que me manteve ao lado dele a noite toda. Para ele tudo isso não passou de um mero aborrecimento?

Rigel fechou um punho e cerrou o maxilar. Depois, passou ao meu lado como se não visse a hora de se afastar de mim.

Nesse momento, o meu corpo tremeu com tanta força que nem sequer me reconheci.

– Eu não devo tocar em ti, mas o mesmo não se aplica a ti, não é verdade?

Ergui sobre ele dois olhos furibundos e cintilantes, em seguida tirei a echarpe do pescoço com o coração a ferver como um vulcão.

– Isto não conta para nada, certo?

Os seus olhos recaíram sobre o meu pescoço. Rigel fitou a marca vermelha e eu apertei os lábios.

– Foste *tu* quem fez isto – disparei –, quando estavas com febre. Nem sequer te lembras disso.

Então, aconteceu algo nunca visto. Os seus olhos traíram uma centelha de desorientação e, pela primeira vez, vi a segurança de Rigel quebrar-se diante de mim.

A bela máscara vacilou. O seu olhar arrefeceu e algo semelhante ao medo abriu caminho no seu rosto. Durou tão pouco tempo que pensei ter-me enganado.

De repente, qualquer coisa fugiu de dentro dos seus olhos e o seu sorriso tenso regressou mais veloz do que nunca, tão carregado de ferocidade, capaz de aniquilar a mais ínfima fragilidade.

Percebi na mesma hora. Rigel estava prestes a *morder-me*.

– Não se pode afirmar ao certo que tenha sido eu... – resmungou, trocista, fitando-me de cima a baixo. Dirigiu-me um olhar sarcástico e depois estalou a

língua. – Não me digas que acreditaste *mesmo* que eu quisesse *fazer-te* uma coisa dessas, pois não? O mais certo era estar a ter um belo sonho antes de me interromperes... Da próxima vez, Nica, não me acordes.

Sorriu como um diabo encantador e lançou-me um olhar desdenhoso. Estava habituado a intimidar-me daquele modo e a sublinhar a fronteira que nos separava.

Virou-me as costas disposto a afastar-se, mas por certo não contou com o que saiu dos meus lábios.

– Esta tua maldade parece-me mais uma couraça – disse em voz baixa. – Como se alguém te tivesse magoado e não conhecesses outra maneira de te defender.

Estacou.

As minhas palavras tinham-no atingido em cheio.

Nunca mais iria acreditar na sua máscara.

Quanto mais Rigel a usava, mais eu percebia que não queria mostrar aos outros o que havia por baixo.

Era ferino, sarcástico, complicado e imprevisível. Não confiava em ninguém.

Mas não era só isso.

Talvez um dia eu fosse capaz de entender o mecanismo complicado que movia a sua alma.

Talvez, um dia, eu fosse capaz de compreender o mistério que dava voz a todos os seus gestos.

No entanto, de uma coisa eu tinha a certeza absoluta.

Fabricante de lágrimas ou não... Ninguém me fazia tremer o coração como ele.

O molho

*Os que são diferentes reconhecem-se de imediato.
Possuem mundos no lugar onde os outros têm os olhos.*

Nesse dia iríamos ter convidados. Uns amigos de longa data de Norman e de Anna, que viviam fora da cidade, viriam almoçar cá a casa.

Quando soube, uma parte vibrante de mim obliterou todos os outros pensamentos e esperou de imediato causar uma boa impressão.

Alisei o vestido que envergava; era simples e branco, com mangas curtas que me deixavam os ombros a descoberto e um franzido no peito. Observei o meu reflexo num pequeno espelho de prata que havia no corredor, e senti o estômago contrair-se com uma emoção desconhecida. Não estava habituada a ver-me assim, bem arranjada, bonita e penteada como uma boneca.

Se não fosse pelos pensos rápidos nos dedos e os olhos cor de madrepérola, não me teria reconhecido.

Assegurei-me de que tinha a parte lateral do pescoço tapada pela trança. Há já uns dias que a marca estava a desvanecer-se, mas era melhor não arriscar.

– Ah, mas que calor faz hoje! – exclamou uma voz feminina no vestíbulo. – Se tivesse adivinhado... Aqui onde vocês vivem não corre uma aragem!

O casal Otter tinha chegado.

A mulher que falou envergava um lindíssimo casaco de meia-estação azul-cobalto. Anna tinha-me dito que ela era modista. Deu-lhe um beijo em ambas as faces de um modo sincero e muito familiar.

– O carro fica bem ali no caminho de acesso? O George pode chegá-lo mais à frente, se estiver a estorvar...

– Está perfeito, não te preocupes.

Anna tirou-lhe o chapéu das mãos com gentileza e convidou-a a entrar.

Caminharam de braço dado e a senhora Otter apoiou-lhe uma mão no

pulso.

– Como é que estás, Anna? – perguntou, quase com apreensão.

Anna respondeu-lhe com um aperto suave, mas apercebi-me de que olhava para mim à medida que avançavam. A senhora Otter estava demasiado ocupada a procurar os olhos dela para reparar em mim.

Quando pararam por fim diante de mim, Anna anunciou com um sorriso:

– Dalma, esta é a Nica.

E pronto, chegou o momento...

Tentei refrear a ansiedade e sorri.

– Olá.

A senhora Otter não respondeu. Ficou a olhar para mim de boca aberta e com uma expressão confusa nas pupilas. Custava-lhe a acreditar no que os seus olhos viam. Em seguida, pestanejou e virou-se para Anna.

– Eu não... – parecia sem palavras. – Como...

Também eu procurei o olhar de Anna, tão perdida quanto ela, mas pouco depois a senhora Otter olhou para mim com uma surpresa totalmente nova. Parecia ter compreendido apenas naquele momento o motivo dessa apresentação. Anna ainda tinha uma mão pousada na sua.

– Desculpa... – disse, recompondo-se, mas parecia sem fôlego. – Fui apanhada de surpresa. – Os seus lábios abriram-se num sorriso tímido e um pouco incrédulo. – Olá... – sussurrou com sinceridade.

Não me recordava de ninguém alguma vez me ter cumprimentado daquela maneira. Parecia que me tinha feito uma carícia sem sequer me tocar.

Que sensação maravilhosa, encontrar-me sob o escrutínio de uns olhos que me fitavam assim...

Feliz, disse para com os meus botões que talvez lhe tivesse causado uma boa impressão com aquele meu vestido branco.

– George! – chamou a senhora Otter, agitando uma mão para trás de si. – Vem cá.

O marido estava a felicitar Norman pela convenção e, quando Anna nos apresentou, o seu espanto não foi inferior ao da mulher.

– C'um caneco – exclamou sem mais nem menos, com aquele bigode farfalhado que possuía. Anna e Norman soltaram uma gargalhada.

– Era uma surpresa – murmurou Norman, desajeitado como sempre, ao mesmo tempo que o senhor Otter me apertava a mão.

– Olá, menina.

Dispus-me a pegar nos casacos deles para os pendurar no bengaleiro, suscitando a sua aprovação. Dalma apertou o braço de Anna, virando-se para ela.

– Há... Há quanto tempo?

– Não há muito tempo, na verdade – respondeu ela. – Lembras-te da

penúltima vez que falámos? Vieram cá para casa nessa mesma semana.

– Vieram?

– Oh, sim. A Nica não é a única... São dois. Norman, querido, onde é que está...

– Ainda está lá em cima a trocar de roupa – respondeu-lhe ele na mesma hora.

Os nossos convidados trocaram entre si um olhar hesitante, no entanto não disseram nada; desta feita foi a vez de Anna se dirigir a eles.

– Então e a Asia?

Franzi a testa de maneira impercetível.

Asia?

A porta da rua abriu-se de novo. Pestanejei, surpreendida, e vi alguém entrar em casa.

Uma figura esbelta surgiu em contraluz; numa das mãos segurava um telemóvel e na outra trazia a mala.

– Peço desculpa, mas recebi um telefonema – explicou a rapariga que acabara de entrar. Limpou os pés no capacho, e logo depois depositou as chaves do carro no recipiente do vestíbulo e sorriu.

– Olá.

De repente, todos me viraram as costas.

Anna foi ao encontro dela com os braços abertos e um sorriso tão radioso que me deixou perplexa.

– Asia, querida!

Estreitou-a com força entre os braços, e ela retribui-lhe o abraço; reparei que era muito alta e as roupas que vestia pareciam ter sido feitas à medida. Devia ser alguns anos mais velha do que Rigel e eu.

– Estás com bom aspeto, Anna... Como estás? Norman, olá! – também lhe deu um abraço; sim, *Norman*, cujo maior contacto físico que tinha visto fazer até hoje foi uma palmadinha nas costas, e pespegou-lhe um beijo na face.

Agora todos os sorrisos se destinavam a ela.

Observei a intimidade deles como se brilhasse com uma luz diferente e inacessível.

Anna não me tinha dito que os senhores Otter tinham uma filha...

– Vem – disse-lhe enquanto a rapariga procurava alguém com os olhos.

– Onde é que está o *Klaus*? É melhor que aquele gato velho venha cumprimentar-me...

– Asia, esta é a Nica.

Ela não se apercebeu de imediato da minha presença. Pestanejou por um momento, depois baixou os olhos e viu-me. Levantei uma mão para a cumprimentar.

– Olá. É um prazer conhecer-te. – Semicerrei os olhos, toda contente,

sorrindo sob o olhar carinhoso de Anna. Voltei a olhar de frente para a cara da rapariga e esperei vê-la retribuir o meu gesto.

Contudo, Asia nem se mexeu.

Nem sequer pestanejou. Os seus olhos permaneceram de tal maneira imóveis que começaram a causar-me um certo mal-estar. Senti-me uma borboleta trespassada pelos alfinetes invisíveis de um colecionador.

Em seguida, a rapariga virou-se para Anna.

Observou-a como se fosse a sua mãe, um olhar que ocultava uma necessidade.

– Não compreendo – limitou-se a dizer. Era como se estivesse à espera de que toda aquela situação não passasse de um mal-entendido.

– A Nica está aqui connosco – explicou Anna com voz delicada. – Está... em acolhimento pré-adotivo.

Sorri e aproximei-me.

– Queres dar-me o teu casaco? Vou pendurá-lo.

Mais uma vez, Asia nem sequer pareceu ouvir nada do que eu disse.

Os seus olhos estavam colados à mulher que se encontrava ao seu lado, como se por um instante Anna tivesse parado o mundo e agora o segurasse com tranquilidade debaixo do braço, com uma calma que ela não era capaz de aceitar.

– Eu – murmurou, passado um instante –, acho que não percebi bem.

– A Nica vai fazer parte da nossa família. Encontra-se em fase de adoção.

– Vocês querem...

– Asia – murmurou a senhora Otter, mas ela continuou a olhar para Anna. No seu olhar pareceu-me que havia qualquer coisa que tremelicava.

– *Não... compreendo* – sussurrou mais uma vez, no entanto não era essa explicação que lhe escapava. Era o olhar de Anna, calmo, que, por seu lado, me observava a mim.

De repente, um halo frio e estranho fez-me sentir deslocada como se tivesse feito alguma coisa errada, apenas por existir entre as paredes daquela casa.

– Eu e o Norman sentíamo-nos sozinhos – disse Anna, passado um bocado. – Queríamos... um pouco de companhia. O *Klaus*... bom, sabem como é, nunca foi muito sociável. Queríamos acordar e ouvir outra voz para além da nossa.

Retribuí o olhar de Asia, e tive a impressão de as ver comunicar entre si apenas com os olhos.

– E então, aqui estamos – interveio Norman, dissipando a tensão. Anna afastou-se a fim de verificar o estado do assado e Asia seguiu-a com um olhar perdido, carregado de sentimentos que não consegui decifrar.

Dei um passo na direção dela, brindando-a com um sorriso.

– Se quiseses dar-me o teu casaco, posso pendurá-lo...

– Eu sei onde fica o bengaleiro – interrompeu-me com brusquidão.

Emudeci e ela foi pendurar o casaco sozinha.

Segurei numa ponta do vestido; cada centímetro do meu corpo sentia-se fora do lugar enquanto Anna anunciava que o almoço estava quase pronto.

Dalma aproximou-se, atenciosa.

– Nica, nem sequer te perguntei quantos anos tens.

– Dezassete – respondi.

– E a outra rapariga? Ela também tem a mesma idade que tu?

– Há outra rapariga? – foi o tom lento da pergunta de Asia.

– Oh, não – respondeu Anna. Aquelas duas sílabas deixaram todos paralisados. Os convidados fitaram-na e eu não consegui perceber o que tinha acabado de acontecer. – A bem da verdade...

– Desculpem o atraso.

Todos se viraram.

Rigel estava na sala.

A sua presença fascinante encheu o aposento, catalisando todos os resquícios de atenção sobre si. O peito estava envolto por uma camisa clara, que tive a certeza de ter sido Anna a insistir para que ele usasse; ainda estava a abotoar o botão de um dos punhos, e não consegui imaginar mais nada que lhe assentasse tão bem.

Uma madeixa de cabelo escondia-lhe o corte na sobrancelha, o que lhe conferia um carisma intrigante. Rigel ergueu os olhos e capturou todos eles com o encanto fascinante dos seus olhos negros.

Os convidados fitaram-no, embastracados.

Sabia o quanto Rigel podia ser destabilizador, mas isso não me impedia de reparar até que ponto as reações deles se mostraram insólitas. Ele, mais do que eu, pareceu deixá-los extremamente impressionados e incrédulos.

Os seus lábios desenharam um sorriso tão persuasivo que senti que se me reviravam as vísceras, ainda que nem sequer estivesse a olhar para mim.

– Bom dia. O meu nome é Rigel Wilde. É um prazer conhecer-vos, senhores Otter.

Apertou a mão a ambos, perguntou-lhes se haviam feito uma boa viagem e vi-os dissolver como barro entre as suas mãos.

Asia estava petrificada. Fitou-o com uma intensidade que me incomodou, e Rigel deixou deslizar o seu olhar no dela.

– Olá – rematou com uma cortesia impecável.

Em seguida, verificou-se apenas silêncio.

Eu continuava a apertar o tecido do vestido com os dedos.

– Bom, hum... – começou Norman por dizer. – Vamos comer?

Quando me instalei no lugar à esquerda de Norman, o olhar de Asia perfurou-me a pele.

Perguntei-me se não gostaria de ser ela a estar ali, mas depois vi-a a sentar-se ao lado de Anna e arrastá-la num turbilhão de tagarelice.

Ao ver como riam, intuí com um aperto no peito que para Anna não se tratava apenas da filha de uma amiga, mas sim muito mais do que isso. Asia era bonita, sofisticada, frequentava a universidade e partilhava com ela uma sintonia perfeita. Parecia conhecer Anna de uma maneira que eu não era capaz de compreender.

Desviei os olhos delas e dirigi-os para a outra extremidade da mesa.

Rigel estava sentado o mais afastado possível de mim. No momento de se sentar os seus olhos deslizaram para o lugar livre ao meu lado, para logo em seguida darem a volta e escolher a cadeira na outra ponta da mesa.

Além do mais, desde que havia chegado, não olhara para mim uma única vez.

Estaria a ignorar-me?

Melhor assim, convenci-me a mim mesma.

A ideia de o ter por perto criava-me um vazio no estômago. Jurei que não olharia para ele, porque os últimos momentos que tínhamos compartilhado já me incomodavam o suficiente.

– Nica, queres um pouco de carne assada? – Norman olhava para mim com a travessa na mão. Servi-me e ele sorriu.

– Tens de regá-la com o molho – recomendou-me com amabilidade, e depois virou-se para a senhora Otter.

Procurei a molheira com os olhos e fui encontrá-la na outra extremidade da mesa.

O molho, como não podia deixar de ser, encontrava-se mesmo ao pé de Rigel.

Fitei-o, desconsolada, antes de reparar no olhar ao lado dele: Asia examinava-o de soslaio com um interesse pungente e mal disfarçado. Deslizou os olhos sobre as mãos dele, os seus cabelos, o seu perfil perfeito ao mesmo tempo que levava o garfo à boca. Porque é que estaria a fitá-lo dessa maneira?

Rigel esboçou um breve sorriso na direção da senhora Otter e eu desviei os olhos mais uma vez.

Não devia olhar para ele.

Mas o molho estava ali... Eu e Anna tínhamo-lo feito juntas... Era lícito que eu quisesse ao menos prová-lo, ou não?

Voltei a lançar-lhe uma vista de olhos às escondidas e mudei de ideias de novo. Rigel estava a servir-se.

O caldo espesso caía da concha entre os seus dedos; com a outra mão

tornou a colocar a molheira em cima da mesa.

Depois... apercebeu-se que tinha sujado o polegar. Vi-o levá-lo à boca com o punho semifechado, fazendo deslizar o dedo sobre o lábio inferior, acariciando-o depois com a língua. Fechou a boca ao redor da ponta do dedo e depois tirou-o devagar, lambendo o molho. À medida que voltava a pousar a concha ergueu os olhos para mim: cintilaram por debaixo das sobrancelhas, profundos e amendoados, e notou que eu estava a olhar para ele.

– Nica... Sentes-te bem?

Sobressaltei-me, virando-me para a senhora Otter. Esta fitava-me estupefacta.

– Coraste, querida...

Desviei o olhar. As pupilas vibraram-me quase febris.

– O puré – murmurei entre dentes num fio de voz –, está... – Engoli em seco. – Picante.

Sentia os *seus* olhos perfurarem o ar.

O estômago irradiava-me um estranho calor pelo corpo todo. Tentei ignorá-lo enquanto se propagava dentro de mim com uma sensação de formigueiro. Precisava de me concentrar no almoço. Apenas no almoço...

Passado um bocado, apercebi-me do olhar de Norman cravado na minha carne assada.

– Oh, Nica, não pões molho?

– Não – respondi, lacónica.

Norman pestanejou e dei-me conta da resposta brusca que lhe tinha dado.

Senti as faces arder de vergonha enquanto me apressava a retificar:

– É que... prefiro a carne assim, obrigada.

– Sem molho?

– Sim!

– Tens a certeza?

– Tenho, a sério.

– Vá lá, pede que te passem...

– Não gosto de molho! – vociferei com voz aguda.

Dizer que foi *trágico* é um eufemismo quando me apercebi de que Anna, na minha frente, me fitava espantada com o garfo perto da boca.

– Is... Isto é, não é que não goste! – murmurei, desesperada, inclinandome para a frente com os talheres na mão. – Adoro, é delicioso! Não existe molho melhor, mais saboroso e... e... *encorpado*. Acontece que... então, já comi tanto que...

– Então, Rigel! – irrompeu o senhor Otter, e eu sobressaltei-me como se tivesse sido fulminada.

Apressei-me a afastar a madeixa de cabelo que fora parar ao puré, afogueada e mortificada. Asia, do outro lado da mesa, observava-me com

olhos críticos e semicerrados.

– O teu nome é bastante peculiar. Se não estou em erro, há ou não há uma constelação... sim, pois, que se chama da mesma maneira?

Fiquei bloqueada com essa pergunta. Rigel, com o olhar cravado algures na mesa, demorou um momento antes de responder. O seu sorriso estava ali connosco, mas os seus olhos pareciam encontrar-se em outro lugar.

– Não se trata de uma constelação. É uma estrela – respondeu, comedido. – A mais brilhante da constelação de Oríon.

Os senhores Otter pareciam enfeitiçados.

– Fascinante! Um rapaz com nome de uma estrela... A pessoa que to deu fez, na verdade, uma escolha curiosa!

O sorriso de Rigel cintilou com uma luz enigmática.

– Oh, sem sombra de dúvida – declarou com sarcasmo. – Esse nome não deixa de me lembrar as minhas origens remotas.

Aquela resposta atingiu-me em cheio no peito.

– Oh... – balbuciou o senhor Otter em apuros. – Pois...

– Não foi por isso.

Não tinha sussurrado. Mordi a língua. Tarde de mais.

Todos se viraram para mim.

De repente, transformei-me no centro das atenções e baixei os olhos.

– Escolheu esse nome... porque quando te encontraram tinhas mais ou menos uma semana de vida. *Sete dias*... E Rigel é a sétima estrela mais luminosa do céu. Nessa noite brilhava mais do que em todas as outras noites.

Depois dessas palavras verificou-se um momento de silêncio.

Pouco depois eclodiram os comentários de admiração. Todos começaram a falar ao mesmo tempo, e com uma ponta de orgulho Anna confidenciou a Dalma que no orfanato éramos «muito unidos».

Ergui os olhos para Rigel.

Ele tinha permanecido imóvel, com o rosto ainda inclinado. Aos poucos, os seus olhos deslizaram pela mesa, foram subindo e vieram pousar em mim. Denunciavam uma certa nota de espanto.

– Não sabia disso – Anna sorriu-me surpreendida. – A vossa tutora não nos disse nada...

Desviei o olhar e as palavras saíram-me da boca de forma quase automática.

– Na época não era a senhora Fridge que lá estava, mas sim a tutora antes dela.

– A sério? – perguntou, assombrada. – Também não sabia disso...

– Agora compreendo – declarou Dalma, sorridente. – Um rapaz assim... deve ter chamado logo a vossa atenção.

Anna apertou a mão de Norman, algo no ar pareceu mudar. Todos se

aperceberam disso.

Naquele momento percebi. Talvez sempre tenha sabido disso. Havia mais alguma coisa.

Anna esboçou um ligeiro sorriso.

– Rigel. Poderias... Por favor?

No meio daquele estranho silêncio, Rigel pousou o guardanapo em cima da mesa e pôs-se de pé. Arredou a cadeira sob os olhares hesitantes dos convidados, e a cada passo que dava a percepção aumentou nos seus olhos.

Quando as notas do piano se disseminaram pela casa, os senhores Otter ficaram petrificados, Asia reprimiu um estremecimento e os seus dedos esmagaram o guardanapo, mas já nada importava.

Ele tocou, e o resto perdeu-se.

Uma gota fria rolou-me pela coxa. Apertei os joelhos, levando-os ao peito, mexendo os dedos dos pés na relva molhada. A chuva repicava à minha volta.

– Talvez lhe tenha agradado... – murmurei como uma criança insegura. Continuei a arrancar tufo de erva com os dedos. – Nunca fui muito boa nisto... A agradar aos outros, bem entendido. Parece que faço sempre alguma coisa mal feita.

Ergui os olhos. Suspirei absorta, observando o céu pingar em cima de mim.

– Mas em todo o caso... não creio que possa perguntar-lhe. Certo?

Virei a cara. O ratinho que se encontrava ao meu lado continuou a limpar o pelo húmido de chuva, sem fazer caso da minha presença.

Tinha-o encontrado preso entre as malhas de arame da rede, debatendo-se como um possesso. Consegui libertá-lo, mas nesse momento dei-me conta de que estava ferido; por conseguinte, tinha-lhe aplicado um pouco de mel na patinha com um palito. O mel possuía propriedades lenitivas.

Fiquei ali ao pé dele, e sem me dar conta disso, tinha entrado no meu pequeno e estranho mundo. Comecei a falar com ele como se me escutasse, porque nunca tinha conhecido outro modo de desabafar.

Vinha de uma realidade onde isso me fora negado.

Não... Onde isso me fora proibido.

Para os outros não passava de uma loucura. Mas para mim... essa era a única maneira como tinha conseguido não me sentir sozinha.

Uma gota fresca caiu-me na cara e eu franzi o nariz. No fundo, tinha vontade de sorrir. Estava ensopada por causa da chuva, mas adorava aquela sensação. Era liberdade. E a minha pele agora possuía o mesmo perfume.

– Preciso de ir andando... Devem estar quase a chegar.

Levantei-me com o vestido colado ao corpo. Anna e Norman tinham saído para dar um passeio com os convidados e não deveriam tardar muito a voltar

para casa.

– Toma cuidado, está bem?

Fitei a criaturinha aos meus pés. Era tão pequenina, macia e desajeitada que não percebi como é que alguém podia ter medo dela. As orelhas redondas e o focinho pontiagudo despertavam em mim uma ternura que poucos teriam partilhado.

Quando voltei para casa, dei-me conta do estado em que se encontravam as minhas mãos. Vários dedos estavam envoltos em pensos rápidos coloridos, alguns deles a alturas diferentes: amarelo, verde, azul e cor de laranja. Muitos, porém, tinham ficado sujos de mel e molhados da chuva.

Encaminhei-me para o meu quarto onde os mudei um por um com todo o cuidado.

Enquanto verificava se os tinha colocado bem, dirigi-me à casa de banho com o intuito de me enxugar.

– Então – ouvi sussurrar –, podes dizer-me o que está a acontecer?

Imobilizei-me no mesmo instante.

O corredor estava vazio. Aquele sussurro viera das escadas.

Quem é que se encontrava ao virar da esquina?

– Não podes agir assim – escutei. – Não disseste nem uma palavra.

– Não sou capaz – sibilou a outra voz, ressentida.

Reconheci-a. Era Asia.

– Não posso aceitar uma coisa destas. Eles... Como é que conseguem suportá-lo?

– É uma escolha deles – disse aquela que parecia cada vez mais ser a sua mãe. – É uma escolha deles, Asia...

– Mas tu viste! Tu também viste o que fez aquele rapaz!

... *Rigel*?

– O que é que isso quer dizer?

– O que é que quer dizer? – repetiu ela, enojada.

– Asia...

– Não. Não digas nada. Não quero ouvir.

Sobressaltei-me quando ouvi um barulho de passos.

– Onde é que vais?

– Deixei a mala lá em cima – replicou ela terrivelmente perto.

Ebugalhei os olhos. Estava a encaminhar-se na minha direção. Tinha a certeza de que não deveria ter ouvido aquela conversa às escondidas, por isso rodei a primeira maçaneta que encontrei mais à mão: a da casa de banho.

Esgueirei-me lá para dentro e encostei-me à porta, fechando os olhos com um suspiro.

Não me tinham visto.

Quando voltei a abri-los, apercebi-me de qualquer coisa estranha: o vapor

era tão denso que condensava o ar.

E então o meu coração parou de bater.

Envergando apenas um par de calças, Rigel olhava-me por cima dos cabelos a pingar, com os olhos semicerrados. A água escorria-lhe pelo corpo em regatos transparentes, conferindo ao seu corpo um espetáculo de gotas e relevos naturais que nunca teria sido capaz de imaginar.

Fiquei com a garganta seca e o meu cérebro extinguiu-se por completo.

Fitei Rigel sem conseguir respirar: era a primeira vez que o via sem *T-shirt* e aquela visão perturbou-me. Os ombros fortes, com músculos bem definidos, pareciam mármore sob a pele clara, veias salientes percorriam-lhe os pulsos largos até aos antebraços. Os ossos da bacia mergulhavam para além do elástico das calças do fato de treino num «V» perfeito, e as meias-luas dos peitorais desenhavam um peito amplo, sólido e viril.

Era uma obra-prima de enlouquecer qualquer um.

– O que é que estás... – começou Rigel por dizer, mas a sua voz extinguiu-se quando os olhos pousaram no meu corpo.

Recordei-me de imediato do estado em que me encontrava.

O vestido molhado desenhava-me o formato da bacia, aderida à curvatura das minhas ancas, aos meus seios túrgidos, às coxas encharcadas às quais se colara com uma transparência que me fez entrar em pânico.

Dei por mim a olhar de novo para ele com os olhos arregalados, e depois seria capaz de jurar que o estava a ver a olhar para mim do mesmo modo.

– Sai daqui.

Os seus olhos cravaram-se nos meus com insistência; a voz de uma maneira geral aveludada e profunda pareceu apenas um rugido rouco.

– Nica – ordenou, cerrando o maxilar –, *sai daqui*.

O cérebro gritou-me que devia obedecer-lhe. Queria fugir para o mais longe possível dali.

Todavia, não me mexi: Asia e Dalma encontravam-se a poucos passos de nós, as suas vozes ressoavam com clareza do outro lado da porta. Não podia sair, não agora. O que é que iriam pensar se eu abrisse a porta e me vissem naquele estado na companhia de Rigel? Ele seminu e eu ensopada, trancados os dois juntos numa casa de banho?

– Disse-te para sair – rosnou ele. – Agora!

– Espera...

– *Mexe-te!*

Plantou-se na minha frente em duas passadas e eu fiz uma grande parvoíce.

Agarrei na maçaneta com as duas mãos e desviei-me para o lado, detendo-me diante da fechadura antes que a sua sombra me engolissem.

A deslocação do ar fez rodopiar o vapor.

Pouco depois... estava com os braços atrás das costas, as duas mãos agarradas à maçaneta e o rosto inclinado para o lado.

E diante de mim, tapando-me por completo a visão, estava *apenas* ele.

O seu peito vibrava a um palmo de distância do meu rosto, bombeando uma respiração profunda e necessária, e as suas mãos estavam apoiadas de ambos os lados da minha cabeça.

O calor que emanava dele apoderou-se da minha pele ensopada. Faltou-me o ar.

O meu coração palpitou com tanta força a ponto de me entorpecer os sentidos e não percebi mais nada.

Rigel ofegava com os dentes cerrados, as mãos encontravam-se pressionadas de encontro à porta com tanta violência que me pareceu senti-las vibrar.

– *Tu...* – murmurou com um toque de rancor e de amargura. – Tu fazes de propósito... – Cerrou os dedos num punho fechado, impotente. – Tu estás a *brincar comigo...*

Lábios, dentes e língua encontravam-se ali, a um suspiro de distância de mim. Tê-lo assim tão perto despido, húmido e sobranceiro foi de mais. Cessei de raciocinar e perguntei-me o que teria acontecido se tentasse *tocar-lhe*. Ali mesmo, naquele exato momento... Acariciar a sua pele e achá-la quente, enérgica e compacta...

Será que mo permitiria?

Não. O mais provável é que me pregasse a mão à porta, por cima da cabeça, tal como da última vez...

Pensei que morria quando, depois de um momento interminável, Rigel virou o rosto. Aproximou-o dos meus cabelos, no ponto mesmo atrás da orelha, e depois... inspirou fundo.

O seu peito dilatou-se devagar à medida que inalava o meu odor.

Quando soltou o ar, senti os ouvidos ribombar e o seu hálito escaldante a inundar-me a garganta.

O coração batia agora com tanto desespero que me doía.

– *Rigel...* – deixei escapar como um pedido desesperado. Gostaria de lhe pedir que se afastasse, mas tudo o que me saiu da boca foi apenas aquele queixume suplicante.

Ele cerrou os dentes. De súbito, agarrou-me pelo cabelo e inclinou-me o rosto para trás, arrancando-me um suspiro de surpresa.

Os nossos olhares recaíram um sobre o outro. Estava ofegante e nem sequer me apercebera disso. As minhas faces ardiam e as minhas pupilas pulsavam ao ritmo dos batimentos acelerados do meu coração.

– Quantas vezes mais... preciso de te dizer para ficares longe de mim?

Aquelas palavras pareceram custar-lhe um esforço tremendo que abalou as

partes mais profundas do meu ser.

Olhei para ele com olhos carregados de emoções desesperadas.

– A culpa não é minha – sussurrei com a lentidão de um suspiro.

Era ele.

Era ele quem me impedia de me manter longe dele.

A culpa era dele.

O destino tinha-nos unido de forma tão indissolúvel que agora já não era capaz de formular um pensamento que antes não o houvesse tocado. Agora já nem sequer era capaz de fugir quando ele estava prestes a morder-me.

A culpa era dele, apenas dele, porque tinha deixado dentro de mim marcas que já não podia mais apagar.

Sensações que não sabia gerir.

Tumultos que não queria ignorar.

E eu tinha-me cingido à regra, porque esta nunca muda: era necessário penetrar na floresta e derrotar o lobo.

Eu tinha encontrado o lobo. Contudo, perdera-me nas suas contradições.

E tinham acabado por se tornar um pouco parte de mim, porque cada uma delas era um arrepio que Rigel havia pintado diretamente sobre mim, até me tornar menos cinzenta.

Já estava acorrentada a ele de maneiras que não sabia definir.

Como poderia encontrar as palavras certas para lho explicar?

De repente, uma gota caiu-lhe do cabelo e foi quebrar-se sobre a minha pálpebra.

Fechei os olhos, trémula. Quando voltei a abri-los, aquele rasto escorreu-me pela face.

Sulcou-me o rosto como uma lágrima.

Rigel viu-a deslizar, e algo dentro do seu olhar extinguiu-se. As suas íris ensombraram-se como diamantes empoeirados e perderam o brilho.

Voltámos a ser crianças.

Nos seus olhos vi aquele momento repetir-se inúmeras vezes, em todas as diferentes idades: eu diante dele, a derramar as lágrimas que ele causava.

Pouco a pouco... soltou-me.

Virou-me as costas e afastou-se como uma onda inevitável. A cada passo que dava, senti aquele fio que nos unia esticar-se até me magoar.

– Sai daqui.

Não havia dureza no seu tom de voz. Apenas uma determinação apagada.

Nunca me senti tão pregada ao chão como nesse momento. Tive a sensação de afundar. Tremiam-me os pulsos.

Baixei o rosto e o meu olhar vibrou brilhante sobre o pavimento, carregado de emoções contraditórias. Depois, como que recobrando a razão, fechei os olhos, virei-me e escancarei a porta.

Nesse momento já ali não estava ninguém.

Corri ao longo do corredor vazio, arriscando-me por várias vezes a escorregar.

De repente, o pavimento debaixo dos meus pés pareceu desmoronar-se na forma de uma vereda inacessível e impraticável, no meio do bosque, como aquela dos contos de fadas.

Corri, embrenhando-me numa floresta de arrepios e emoções.

Desfilei no meio das páginas por um caminho de papel.

Tinha passado toda uma vida a fugir dele. Tinha rezado para escapar à condenação dos seus olhos.

Contudo, não havia escapatória possível.

Estes cintilavam como estrelas.

E iluminavam uma vereda...

Que conduzia rumo ao desconhecido.

Eclipse da lua

*Contemplei o amor, e senti medo.
Possuía ramos de rosas nos vasos sanguíneos e sinais
na pele, como reticências de frases não ditas.
Era mais do que eu alguma vez tinha sido.*

Depois daquela tarde na casa de banho, Rigel fez de tudo para não nos cruzarmos.

Não que os momentos que partilhássemos fossem assim tantos como isso, na realidade, mas os restantes foram reduzidos à expressão mais simples daquela maneira tão típica de Rigel, daquela maneira que ele tinha de invadir e de se afastar, em silêncio, com discrição e desapego.

Durante o dia evitava-me. Por outro lado, de manhã saía de casa antes de mim.

Percorrendo a rua sozinha até à escola, recordei todas as vezes em que, caminhando com ele, me deixava ficar para trás sem me atrever a ficar ao lado dele.

Não conseguia compreender a natureza das sensações que ele causava em mim.

Não era isso que sempre quis desde pequena? Que ele se mantivesse longe de mim?

Inclusive quando ali cheguei, tinha desejado apenas vê-lo desaparecer.

Deveria sentir-me aliviada e, no entanto...

Quanto mais os seus olhos me evitavam, mais os meus não conseguiam parar de procurá-lo.

Quanto mais ele me ignorava, menos era capaz de deixar de perguntar-me a toda a hora e a todo o instante porquê.

Quanto mais Rigel se mantinha afastado... mais eu sentia o fio que me unia a ele torcer-se como se fosse uma extensão da minha pessoa.

Tal como nesse momento: caminhava ao longo do corredor, absorta em

reflexões que me conduziam a ele; acabara de chegar da escola, mas como sempre encontrava-me perdida no meio de pensamentos que me afastavam do mundo, por isso não reconheci de imediato o rangido do soalho. Depois percebi que aquele ruído subtil vinha do quarto ali ao lado.

Deixei de lado por um instante aquilo que me atormentava e a minha incorrigível curiosidade impeliu-me a assomar a cabeça pela porta.

Fiquei bloqueada com a surpresa.

– Asia?

Ela virou-se.

O que é que estava a fazer ali?

Encontrava-se de pé, em silêncio, bem no meio do quarto; tinha na mão uma echarpe que já a tinha visto usar, mas não fazia a mínima ideia do que ela estaria a fazer na nossa casa. Quando é que teria chegado?

– Não sabia que vinhas cá... – prossegui, vendo que ela não me prestava atenção. O seu olhar voltou a deslizar pelas paredes como se eu não estivesse ali.

– O que... é que estás a fazer no quarto do Rigel?

É evidente que eu disse alguma asneira porque o rosto dela ensombrou-se. Semicerrou os olhos até se transformarem em duas linhas. Passou por mim sem se dignar a responder-me, e eu fui obrigada a desviar-me de modo a deixá-la passar.

– Asia? – chamou Anna das escadas. – Está tudo bem? Encontraste-a?

– Sim. Tinha-a deixado no banquinho do teu quarto. Encontrei-a caída no chão. – Agitou a echarpe e meteu-a na mala.

Anna juntou-se a nós e acariciou-lhe um braço, sorrindo-lhe. Pareceu-me vê-la irradiar um calor que alcançou apenas essa rapariga.

– Não é incómodo nenhum – estava a dizer com voz doce –, sabes bem que podes passar por cá sempre que quiseres. A faculdade fica a caminho, podes vir aqui de vez em quando visitar-nos...

Sem motivo aparente, a insegurança instalou-se no meu peito. Tentei impedir esse sentimento, mas ele insinuou-se no meu coração, mesquinho e despeitado, maculando tudo.

De repente, cada pormenor pareceu-me exacerbado ao máximo. O olhar de Anna *brilhava* quando falava com ela. O afeto que professava por aquela rapariga era profundo e maternal.

Sorria-lhe, acariciava-a. Tratava-a como se fosse uma filha.

Afinal de contas, quem era eu em comparação? O que podiam contar as poucas semanas há que ali me encontrava diante de uma presença de toda a vida?

Comecei a sentir a emoção familiar de alienação. Apertei os dedos e debati-me para não me comparar a ela. Não era da minha natureza fazer

comparações semelhantes, a competitividade nunca fizera o meu género, todavia... Os batimentos do meu coração aceleraram. Mergulhei de forma irremediável nas minhas ansiedades e o mundo perdeu a luz.

Talvez eu nunca fosse suficiente.

Talvez Anna o tivesse percebido...

E se ela se tivesse apercebido de ter cometido um erro?

Se ela tivesse percebido o quanto eu era insípida, estragada e esquisita?

As têmporas latejaram. Receios injustificados percorreram-me a pele e a mente atormentou-me com imagens do Grave, e os portões voltavam a escancarar-se para eu entrar.

Serei boa.

Anna continuava a rir.

Serei boa.

Senti a garganta estreitar-se.

Serei boa, serei boa, serei boa...

– Nica?

Juro.

Anna observou-me algo taciturna. Exibia um sorriso hesitante nos lábios.

– Está tudo... bem?

O sangue martelava-me na cabeça. Ocultei o rosto atrás dos cabelos e esforcei-me por assentir. Congelei.

– Tens a certeza?

Assenti mais uma vez e implorei para que ela não insistisse. Anna era carinhosa e atenta, mas também possuía uma alma demasiado límpida para duvidar da minha sinceridade.

– Nesse caso, vou acompanhar a Asia até ao andar de baixo... Trouxe flores da loja para ela levar para casa... – quase não ouvi o que ela disse e perdi as últimas palavras.

Deixei que se afastassem e só nesse momento é que voltei a respirar.

Estiquei os dedos que havia comprimido. Era apenas outro daqueles momentos, contudo combatê-los era cada vez mais intolerável para mim. Estava habituada ao pânico injustificado, aos delírios causados por agitações repentinas, à sensação desconcertante que me encerrava em bolhas sufocantes. Uma frase a mais gerava em mim ansiedades incontroladas, uma frase a menos alimentava de forma monstruosa as minhas inseguranças.

Às vezes acordava de noite e não conseguia voltar a adormecer. Revivia nos pesadelos um mal-estar que esperava esquecer, mas em vão.

Tinha-se enraizado em mim, escondido no mais profundo do meu ser, e esperava os momentos certos para desnudar as minhas fragilidades.

Precisava de escondê-las. Esconder-me. Parecer perfeita porque só assim Anna e Norman me escolheriam. Só assim fugiria do passado, só assim teria

uma família, só assim poderia ter outra oportunidade...

Fui à casa de banho e passei os pulsos por água fria. Respirei devagar, tentando libertar o coração do veneno que o havia invadido. Sentir a água escorrer naquele sítio não fazia desaparecer as reações, mas tranquilizava-me. Fazia-me lembrar que a pele estava livre, intacta, desprovida de constrangimentos, e que não devia mais sentir-me uma menina assustada.

Ela já não se encontrava gravada no meu corpo.

Apenas na minha mente.

Quando tive a certeza de que tudo tinha passado, desci as escadas. Norman viera almoçar a casa nesse dia e experimentei uma sensação de conforto ao vê-lo receber-me com um sorriso, sentado no seu lugar habitual.

Dei-me conta do quanto tinha sido injustificada a reação de há pouco; nós estávamos a construir alguma coisa ali, e Asia nunca poderia roubar-ma.

Naquele momento reparei que a cadeira ao lado da minha estava ocupada.

Rigel ignorou-me por completo: tinha um cotovelo apoiado na mesa, a cabeça baixa e os olhos cravados no prato.

Só num segundo momento é que percebi que havia algo diferente no seu silêncio.

Parecia... contrariado.

– É apenas uma nota – disse Anna com tranquilidade. Cortou o frango com os talheres, procurando o olhar que ele não estava a dispensar-lhe. – Não é nada... Não precisas de preocupar-te.

De repente, senti-me como se tivesse perdido uma coisa muito importante.

Enquanto me sentava tentei descobrir o tema daquela conversa, e dei por mim estarrecida com o que a minha mente pôde concluir apenas com aquelas palavras.

Rigel... tinha tido uma classificação má num teste?

Esse facto atingiu-me de tal maneira que os meus olhos procuraram os dele, e a sua expressão enfadada revelou-me que nem mesmo ele devia estar habituado a uma coisa dessas.

Rigel calculava cada gesto, cada consequência, nunca fazia nada por acaso. Mas isto não, isto ele não tinha previsto nem levado em linha de conta. E também não suportava mostrar-se fraco e tornar-se o centro de nenhum tipo de atenção que Anna estivesse a dispensar-lhe.

Devia ter sido o professor a insistir para que contasse o ocorrido em casa, preocupado com o resultado inesperado do seu teste.

– Porque é que vocês não estudam juntos?

Fiquei paralisada com o garfo perto da boca. Anna fitava-me, olhos nos olhos.

– Como?

– É uma ideia perfeita, não é? Disseste que o teste te correu bem – sorriu,

orgulhosa de mim. – Talvez pudessem fazer alguns exercícios junt...

– Não é preciso.

Rigel interrompeu com voz cortante. Foi absolutamente inesperado ouvi-lo responder a Anna daquela maneira. Quando me foquei nas suas mãos, reparei que estavam mais rígidas do que de costume.

Anna olhou para ele surpreendida e algo triste.

– Não vejo que mal possa haver – disse mais cautelosa. – Podiam ajudar-se um ao outro... Afinal de contas, trata-se da mesma matéria. Porque é que não fazem uma tentativa? – Em seguida virou-se para mim: – E tu, Nica, o que é que achas?

Olhei para Anna de frente; gostaria muito de deixá-la contente, no entanto não podia negar que me sentia incomodada. Porque é que me deparava sempre com situações do género? Teria sido mais fácil responder se Rigel não passasse os dias e as noites a fugir de mim como o diabo da cruz.

– Sim – murmurei, passado um bocado, tentando sorrir-lhe. – Está bem...

– Podes ajudar o Rigel em alguns exercícios?

Assenti e Anna pareceu ficar feliz: sorriu e serviu a todos mais uma dose de pimentos recheados.

Ao meu lado, Rigel permaneceu encerrado no mesmo mutismo indecifrável.

Não obstante, pareceu-me que os seus dedos estavam a apertar os talheres com mais força do que seria necessário.

Uma hora mais tarde contemplava o interior do meu quarto.

Anna tinha-nos aconselhado a ir estudar lá para cima porque da parte da tarde chegaria uma entrega de flores e seríamos incomodados pelo barulho; não foi necessário olhar para Rigel para perceber que era mais do que óbvio que não iríamos estudar no quarto dele.

Arrastei a escrivaninha até ao centro do quarto; fui buscar outra cadeira e coloquei-a ao lado da minha.

Porque é que tinha as mãos a suar?

A resposta chegou por si só. Não era capaz de me imaginar a ajudar Rigel num exercício, ou simplesmente a explicar-lhe alguma coisa. Era surreal. Ele sempre estivera um passo à frente de todos... Quando é que alguma vez se tinha deixado ajudar por alguém?

Além do mais, há dias que não nos dirigíamos uma palavra. Se não fosse por Anna e por Norman, é muito provável que também me evitasse à hora das refeições.

Porquê? Porque é que me parecia que eu dava sempre um passo em frente e ele cinco à retaguarda?

Não notei de imediato a presença atrás de mim. Quando me dei conta, levei um susto.

Encontrava-se junto à soleira da porta, alto e silencioso.

As mangas da camisola que envergava estavam arregaçadas até aos cotovelos, e segurava numa das mãos um par de livros.

Os seus olhos estavam pousados em mim. Debaixo dos cabelos de azeviche, as íris observavam-me imperturbáveis como se já ali estivesse há um bocado.

Calma, ordenei ao meu coração enquanto Rigel olhava em redor com desconfiança.

– Já tinha pensado num livro – balbuciei.

Nesse momento entrou com passos cautelosos e calculados.

Gostaria de dizer que já estava acostumada a ele, mas por desgraça não era assim. Rigel não era um desses rapazes a quem, de uma maneira geral, uma pessoa se habitue. Aqueles olhos amendoados de pantera eram simplesmente destabilizadores.

A sua presença esbelta encheu o aposento: chegou ao pé de mim e dei-me conta de que aquela era a primeira vez que o via no meu quarto.

Por algum motivo absurdo, o meu nervosismo aumentou.

– Vou buscar o caderno – disse num fio de voz.

Afastei-me dele para pegar na mochila e trazer o que precisava; depois aproximei-me da porta e fiz menção de a fechar.

– O que é que estás a fazer?

Os seus olhos de aço estavam cravados em mim.

– O barulho... – expliquei-lhe. – Podia incomodar-nos...

– Deixa a porta aberta.

Retirei a mão devagar. Rigel dirigiu-me um olhar demorado antes de se virar, e eu não consegui compreender o motivo de tanta precaução.

Será que o aborrecia *assim tanto* estar no mesmo quarto comigo?

Senti um formigueiro incómodo no peito.

Aproximei-me sem uma palavra e sentei-me, mantendo os olhos focados nas páginas do livro, que folheei até que o senti a acomodar-se ao meu lado.

Aquela tranquilidade destoava entre nós, no entanto a razão ditou-me que resistisse.

No fundo tratava-se apenas de estudar juntos, o que é que havia de tão complicado nisso?

Decidi munir-me de coragem, reuni toda a minha determinação e apontei com um dedo sobre a página dos exercícios.

– Vamos começar por um destes.

Verificou-se um momento de silêncio em que senti a tensão disparar em flecha. Teria notado o tremor na minha voz? Mantive os olhos pregados ao

problema que havia escolhido, incapaz de erguer o olhar.

Depois, sem uma palavra... Rigel começou a escrever.

Surpreendida, permaneci imóvel à medida que ele começava a anotar números e resoluções, sagaz e silencioso. O espanto aumentou ainda mais. A experiência levava-me a acreditar que me dedicaria o habitual sorriso insolente, que me espicaçaria e que provavelmente se iria embora a fazer troça de mim.

Ao invés, ele veio até ali.

Não se foi embora. Ficou e começou a escrever...

Estremeci quando, passado um bocado, me apercebi de que ele tinha parado de escrever. Fitei-o com uma expressão desconcertada, apanhada de surpresa.

– J... já acabaste?

Estiquei-me a fim de observar o caderno; fiquei chocada. A solução do problema estava toda ali, precisa e rigorosa, ao lado da sua mão firme.

Demorou quanto tempo a resolvê-lo? Três minutos?

– Está certo... – admiti, embaraçada, concentrando-me em questões mais complexas. – Vamos experimentar com estes.

Indiquei-lhe diversos exercícios com a ponta do lápis, e ele começou a resolvê-los com uma ordem meticulosa, um após o outro. Fiquei fascinada com a esferográfica que deslizava com fluidez entre os seus dedos. A caligrafia de Rigel era sinuosa e elegante, sem excessos. Assemelhava-se à de um rapaz de outra época.

Reparei que segurava na caneta com muita virilidade. Os ossos do pulso eram bem definidos e os nervos viam-se retesados; os seus dedos de pianista eram longos, fortes, quando virava a página para continuar a escrever.

Os meus olhos subiram devagar ao longo do seu braço.

Observei as veias em relevo na pele, a ossatura forte que emanava poder e segurança.

Sobre o peito, os primeiros botões da camisola estavam desabotoados e deixavam-lhe a descoberto a base do pescoço, que vibrava devagar com a sua respiração controlada.

Que altura teria? Será que ainda cresceria mais? Ainda assim, se ele se curvasse na minha direção, tê-lo-ia sentido dominar-me por completo.

Apoiava a têmpora no punho semifechado, numa pose descontraída, porém concentrada. Os cabelos caíam-lhe sobre os olhos, macios e negros, emoldurando na perfeição as feições elegantes.

Causava arrepios de tão fascinante que era.

Tinha o poder de me enfeitiçar o coração.

De me arrancar a alma e encantá-la como uma serpente.

Rigel era uma simbiose perfeita, uma mistura de seda e de sombras que

criava uma fusão letal.

Era terrível, mas, na sua irreverência, era também a criatura mais esplêndida que alguma vez tinha visto...

Sobressaltei-me.

A bolha dos meus pensamentos rebentou de repente sob a intensidade dos seus olhos.

Já não se encontravam pousados nas folhas de papel.

Estavam pousados em mim.

– J... já terminaste? – grasei com uma voz quase ridícula. Será que ele se apercebeu de que eu ficara embasbacada a olhar para ele?

Rigel examinou-me por um instante e depois assentiu.

A pálpebra encostada aos nós dos dedos parecia algo alongada, conferindo-lhe um olhar felino.

Senti-me febril,

O que é que estava a acontecer comigo?

– Muito bem... Agora vamos experimentar alguma coisa diferente.

Virei as páginas, tentando ocultar o meu nervosismo, e decidi ir direta ao ponto, indicando-lhe um dos problemas de preparação para o teste. Encerrado no seu obstinado mutismo, Rigel começou a resolver o exercício.

Desta vez concentrei-me nos cálculos, *apenas* nos cálculos. Acompanhei os diversos passos com atenção, certificando-me de que estava tudo correto. Contudo, passado um bocado, algo de errado saltou-me à vista.

– Não, Rigel... Espera.

Acerquei-me um pouco mais e pelo canto do olho vi a sua mão deter-se.

– Não... não é assim. – Observei atenta os passos do problema; a lógica era irrepreensível, mas não era assim que se resolvia aquele exercício.

Folheei o meu caderno e com uma pitada de hesitação mostrei-lhe a parte da teoria dos vetores.

– Estás a ver? A relação diz que o módulo da diferença dos dois vetores é sem dúvida *maior* ou *igual* à diferença dos módulos dos dois vetores tomados em separado...

Tentei explicar-lhe com palavras o que o texto dizia sobre a fórmula. Depois apontei para o exercício com o dedo indicador envolto num penso rápido.

– Portanto, o módulo deve ser transcrito deste modo...

Rigel observou os meus apontamentos com uma atenção diferente. Estava de facto a escutar-me.

Continuou a fazer o exercício mais devagar, os meus olhos acompanharam-no passo a passo.

– Muito bem... Assim mesmo. Agora é preciso fazer os cálculos. Exatamente...

Chegámos ao fim do problema depois de seguir todos os passos. Pela primeira vez na minha vida detetei um toque de incerteza nele, mas isso só fez com que quisesse prosseguir: a cada exercício concluído verifiquei se tudo tinha sido resolvido da maneira correta.

– Muito bem... – disse ao ver que estava atento a observar a resolução. – Experimentemos de novo.

Resolvemos um exercício após o outro. Os minutos correram como o vento e de quando em vez o silêncio era quebrado por um ou outro murmúrio da minha parte.

Passada mais ou menos uma hora, um bom número de problemas já tinha sido riscado pelo meu lápis.

Rigel estava a concluir o enésimo exercício, e estávamos ambos mergulhados numa concentração cerrada, muito nossa.

– Muito bem... – inclinei-me sobre a escrivaninha e acrescentei sobre um vetor a setinha que ele se esquecera de pôr.

– O vetor S está situado no eixo horizontal... exato...

Tinha os cotovelos apoiados na mesa. Estava de tal maneira concentrada que nem sequer percebi que estava quase empoleirada em cima da cadeira.

– O ângulo que o vetor forma com o eixo horizontal é de quarenta e cinco graus...

Verifiquei com os olhos todos os passos do problema, concentrada, até chegar ao fim.

Estava bem, fizera tudo certo. Até mesmo aquele exercício era perfeito.

Será que consegui mesmo? Teria sido de facto capaz de ajudar Rigel em alguma coisa?

E ele, para variar... ter-se-ia deixado ajudar de verdade?

A felicidade que senti foi vívida e poderosa.

Virei-me de repente e dirigi-lhe um sorriso radioso, as pálpebras arqueadas que nem meias-luas sorridentes.

– Compreendeste... – exclamei em voz baixa.

Mas qualquer coisa que quisesse acrescentar depois... perdia o significado.

Estávamos próximos. A um suspiro de distância um do outro.

Estava tão concentrada a ponto de não me dar conta da maneira como me havia inclinado na direção dele, com os cotovelos assentes na mesa e os cabelos caindo-me ao longo das costas.

E quando virei a cabeça, deparei-me com as suas íris engastadas dentro das minhas.

Vi-me refletida naquele abismo negro incapaz de respirar.

E Rigel, ainda com a cabeça apoiada na mão, fitou-me com as pálpebras algo arregaladas e uma expressão de frieza.

Os meus olhos nos seus, como um eclipse da lua.

Os olhos de Nica.

Estava imóvel.

O coração tinha bloqueado.

Tudo se detivera de súbito no momento em que o sorriso dela iluminara o mundo.

Já sabia. Sabia que não deveria ter ido ao seu encontro.

Sabia que não deveria permitir-lhe aproximar-se dessa maneira.

E agora era demasiado tarde: Nica tinha olhado para ele, tinha-lhe sorrido e tinha-lhe arrancado mais um pedaço da alma.

A mão em cima da escrivaninha estava a esmagar a esferográfica; aqueles tremores furiosos vinham-lhe de dentro, de recantos ocultos que ela, assim tão próxima e luminosa, havia despertado.

Ela retraiu-se e recuou, e cada instante daquele movimento constituiu um alívio tão forte a ponto de ser doloroso.

– Rigel... – murmurou quase com receio. – Gostaria de te perguntar uma coisa.

Nica baixou os olhos. Privou o mundo de luz apenas por um instante, os dedos finos apertados no colo.

– É uma coisa... que já me pergunto há um certo tempo.

Voltou a olhar para ele e Rigel implorou para que ela não visse o tremor da sua mão mesmo no centro da mesa. Fitou-o daquela maneira muito dela, com aqueles olhos grandes e as pestanas curvilíneas como pétalas de malmequer.

– O que é que pretendias dizer? Quando afirmaste que eu sou o fabricante de lágrimas?

Rigel nem sequer se recordava quantas vezes havia imaginado essa pergunta. Formulada por ela, em milhares de cenários diferentes – chegava sempre nos momentos mais enervantes e destrutivos, aqueles em que ele atingia o seu limite, aqueles onde os seus sentimentos reclamavam pela redenção de uma vida.

E ele restituía-lhe tudo o que nunca foi capaz de expressar por palavras, lançava-lhe a verdade na cara e sangrava a cada espinho que arrancava de si. E então o sofrimento transformava-se em alívio, quando a luz penetrava dentro de si através desses mesmos orifícios, até aquecer cada uma dessas feridas.

Ela era a sua redenção.

No entanto, nesse instante... No momento em que Nica lhe havia perguntado de verdade e *esperava* uma resposta, Rigel não conseguiu sentir mais nada a não ser um terror visceral.

Deste modo, antes mesmo de poder conceder uma oportunidade a si próprio, ouviu a sua própria voz responder:

– Esquece isso.

Nica olhou para ele confusa, mas dolorosamente esplêndida.

– Como?

– Eu disse para *esqueceres* isso.

Viu-a entristecer.

– Porquê?

Ela sabia, tinha compreendido que era importante. Não se pode fazer certas acusações e esperar que estas sejam esquecidas. Lia-lhe isso nos olhos.

Para ele, aquele olhar era algo muito semelhante ao inferno.

Perguntar-se-ia sempre por que razão aqueles olhos pareciam tão desiludidos com as suas atitudes, com os seus silêncios. Perguntar-se-ia sempre, em todos os momentos da sua vida, o que era essa ferida que lhe escorria dos olhos prateados.

Sentir-se-ia sempre atormentado por esses olhos.

E Rigel só conhecia uma maneira de se defender do tormento.

– Não me digas que acreditaste nisso – retorquiu com sarcasmo. – Achavas mesmo que eu estava a falar a sério?

Dirigiu-lhe um olhar provocador por debaixo das sobrancelhas, e depois ergueu um dos cantos da boca.

– Tens pensado neste assunto durante todo este tempo, *falena*?

Nica pareceu estremecer. Os cabelos deixaram-lhe a descoberto a curvatura do pescoço e o verme mordiscou-lhe as costelas.

– Não faças isso. – A sua voz endureceu.

– Não faço *o quê*?

– Isto – respondeu ela, voltando a olhar para ele com obstinação. – Não ajas assim.

Ouvi-la proferir essas palavras com aquela voz firme e decidida impeliu-o na direção dela.

Atraía-o até à morte quando ela mostrava essa sua faceta. Na sua delicadeza, Nica era capaz de uma tenacidade que o fazia perder a cabeça.

– É *assim* que eu sou – sublinhou, inclinado na direção daquele corpo diminuto.

– Não. É *assim* que te comportas.

Desta vez foi ela que se inclinou para a frente, e foi Rigel quem recuou com o peito, com o coração.

– O que é que pretendias dizer – perguntou de novo. – Rigel...

– Esquece isso – cuspiu por entre os dentes cerrados.

– Por favor...

– *Nica*.

– Responde-me!

Os dedos de Nica apertaram-lhe o pulso nu e ele sentiu o coração em

chamas.

Pôs-se de pé de um pulo e libertou-se.

A violência do seu gesto reverberou por completo dentro dos olhos de Nica. Viu-a cambalear, transtornada, e o quarto pareceu estremecer.

Rigel deu por si a lutar contra as mordidas desesperadas do verme que lhe flagelava o peito. Cerrou os punhos, procurando refreá-las, e fitou-a com dois olhos enormes e amedrontados.

– Não... – respirou fundo, tentando controlar-se. Queimava com tanta intensidade que teve receio de que Nica pudesse senti-lo. – Não me toques. – Apressou-se a afivelar um sorriso, disfarçando-se atrás de um esgar pífido que quase lhe doeu. – Já to tinha dito.

Não teve tempo de ver o lampejo de dor nos olhos dela.

As íris de Nica inflamaram-se de repente e arremeteu contra ele com violência, com os olhos refulgentes de raiva.

– *Porquê?* – perguntou com voz forte, porém alquebrada. Parecia um animal ferido, vergado pela dor. – Por que não? Porque é que não o devo fazer?

Rigel recuou, subjogado por aquela fúria.

E meu Deus, *como era bonita*, com as faces afogueadas e as íris brilhantes daquela determinação. Meu Deus, como a magoava, como o atraía com uma pulsão irresistível.

Era demasiado até mesmo para ele.

Não me toques, teve vontade de lhe dizer mais uma vez, *teve vontade de lhe implorar de novo*, mas Nica aproximou-se dele, quebrou as suas defesas e os seus pequenos dedos queimaram-lhe a pele outra vez.

A sua alma atormentada rompeu-se de deslumbramento.

Pouco depois, sentiu apenas os dentes a cerrarem-se.

Sentiu apenas a brusca respiração dela.

✱

A deslocação do ar deixou-me sem fôlego.

Um instante antes estava agarrada ao braço dele e, no instante seguinte, por outro lado, senti a parede atrás das minhas costas.

Os olhos de Rigel devoraram-me como abismos.

A respiração agitava-lhe o peito, e o antebraço estava apoiado por cima da minha cabeça, permitindo-lhe dominar-me. O seu corpo, tão próximo que me gritava todo o seu calor, pairava sobre mim como um sol que estava a esturricar-me com violência.

Tremia como varas verdes. Fitei-lhe os olhos alternadamente, sem fôlego, e com a voz reduzida a um estertor.

– E... eu...

Agarrou-me a cara com a mão. Apoderou-se do meu maxilar e ergueu-o na

direção do seu rosto debruçado sobre mim.

As pontas dos seus dedos queimaram-me a tez e eu deixei de respirar.

Nos seus olhos rodopiavam furacões silenciosos. Encontrava-se tão perto de mim que a sua respiração se rompeu sobre a pele das minhas faces, fazendo-as formigar.

Neste momento estava ofegante, e as minhas bochechas estavam de tal maneira afogueadas que era capaz de sentir a minha pele arder em contacto com o seu toque.

– Rigel... – sussurrei, confusa e assustada.

Um músculo saltou-lhe sobre o maxilar. O seu polegar pulou sobre a minha boca, como se quisesse bloquear-lhe o sussurro que a havia feito tremer.

Com um movimento lento... acariciou o meu lábio inferior. A ponta do dedo afundou na carne flexível da minha boca, roçando por ela, *queimando-a*, fazendo-a vibrar.

Senti os joelhos ceder quando vi que os olhos dele, agora, se encontravam fixos no mesmo ponto onde estava a tocar-me.

– Esquece isso – foi o movimento hipnótico dos seus lábios.

Deu-me a sensação de que não ouvia mais nada além dele, o som da sua voz mesmo dentro das veias.

– Deves... esquecer isso.

Tentei interpretar aquela centelha de amargura no seu olhar, mas não fui capaz.

Aquelas íris negras prometiam furacões e temporais, perigos e proibições... mas o desejo de explorá-las aumentava mais a cada dia que passava. O coração bateu mais forte e essa percepção assustou-me.

Perder-se no bosque significava encontrar o caminho.

Mas perder-se no lobo... significava perdê-lo para sempre.

Nesse caso, porque é que eu sentia tanta necessidade de alcançar o mundo dele e de o compreender?

Porque é que não esquecia tudo tal como ele me pedia?

Porque é que nos seus olhos eu via galáxias e na sua solidão uma alma que se devia tocar com cuidado?

Passado um bocado, reparei que a mão dele já não se encontrava no meu rosto.

Senti uma confusão inexplicável quando me dei conta de que ele já se havia afastado. Pestanejei e vi-o agarrar no livro com os nós dos dedos esbranquiçados ao mesmo tempo que saía do quarto a passos largos.

Rigel estava a fugir. Mais uma vez.

Constatá-lo deixou-me devastada. Quando foi que se inverteram os papéis? Desde quando é que era ele quem fugia de mim?

Desde sempre, sussurrou-me uma vozinha. Ele foge de ti desde sempre.

Se calhar o que se havia enraizado em mim era a semente da loucura.

Não conseguia arranjar outra explicação para o facto de, desobedecendo às suas palavras e a toda a minha lógica, me ter apressado a reunir toda a minha força de vontade para ir atrás dele.

Lá em baixo

*Sei defender-me de tudo,
exceto da doçura.*

– Rigel!

Fui atrás dele ao longo do corredor, decidida a fazer-me ouvir. Ele lançou-me um olhar nervoso, mas fui obrigada a seguir no seu encalço quando vi que não me ligava nenhuma. A sua maneira de andar denunciava uma pressa excessiva, como se estivesse impaciente por fugir de mim.

– Para, por favor. Quero falar...

– Sobre o quê? – Disparou, virando-se de repente para mim, rangendo os dentes a tentar intimidar-me. Parecia tenso, quase... assustado.

Sobre ti, gostaria de ter respondido de chofre, mas contive-me porque devia parecer uma doida. Já tinha compreendido que Rigel era reticente e desconfiado como um animal selvagem, e confrontá-lo fazia com que reagisse de forma agressiva.

– Nunca respondes às minhas perguntas – optei por dizer, escolhendo outras palavras. – Porquê?

Esperava levá-lo a um confronto, mas percebi que não o conseguiria quando o seu olhar se esquivou ao meu mais uma vez. Os olhos de Rigel eram a nascente da sua alma, a única superfície límpida onde ele não podia esconder-se. Eram negros como tinta, mas em algum recanto brilhava uma luz que saberia distinguir em muito pouca gente e, quando retomou a marcha, senti a necessidade de me atravessar no seu caminho de modo a agarrá-la entre os dedos.

– Porque não te dizem respeito – murmurou num tom de voz indecifrável.

– Podiam dizer se tu... me permitisses compreender-te.

Talvez tivesse sido demasiado atrevida, mas consegui o que esperava: Rigel deteve-se. Pareceu ouvir cada passo meu quando, depois de um bocado, me

aproximei dele com cautela. Virou a cara e fitou-me, por fim, olhos nos olhos. O modo como olhou para mim fez-me lembrar uma presa indefesa e o caçador: ele era a presa e eu o caçador prestes a apontar-lhe uma espingarda.

– Só queria compreender-te, mas tu não me dás a mínima oportunidade – acorrentei os olhos nos seus, tentando não deixar transparecer a minha tristeza. – Sei que detestas intromissões – apressei-me a acrescentar. – Também sei que não és o tipo de pessoa que se presta a confidências. Mas se te esforçasses, talvez o mundo pudesse parecer-te mais leve. Não tens por força que ficar sozinho. De vez em quando poderias descobrir que vale a pena confiar em alguém.

O seu olhar seguiu o meu quando cheguei ao pé dele.

– De vez em quando... – sussurrei, aproximando-me mais –, poderias descobrir que há quem esteja disposto a ouvir-te...

Os olhos de Rigel estavam de tal maneira imóveis que ninguém seria capaz de perceber o quanto tremiam. Emoções desconhecidas sucederam-se uma após a outra, velozes e luminosas, e o meu coração transformou-se num delírio de batimentos desconexos. Sempre estivera enganada: o olhar de Rigel não era estéril e vazio, mas sim tão cheio de *nuances* simultâneas que era impossível escolher uma. Eram uma aurora boreal que refletia o seu estado de espírito interior, e naquele momento ele parecia impressionado, confuso e assustado com o meu comportamento.

Logo depois, de súbito, Rigel fechou os olhos e reproduziu o perfil do meu rosto na sua mente com um frémito de nervos.

Vi o seu maxilar contrair-se, uma veia inchar-lhe na têmpora e o seu belo rosto adquirir uma dureza assustadora.

Não percebi o que foi que sucedeu, mas ele deu um passo à retaguarda de imediato, aumentando a distância que nos separava. O contacto visual entre nós rompeu-se e perdi cada uma das migalhas de tudo o que acabara de conquistar a duras penas.

Teria dito alguma coisa que não devia?

– Rigel...

– Fica *longe de mim*.

A sua voz dura e reativa atingiu-me em cheio no peito. Cuspiu aquelas palavras como se fossem uma urgência que lhe havia queimado a língua, dirigindo-me de imediato um olhar febril.

Agarrou a maçaneta da porta que conduzia ao quarto e recuei quando vi os nós dos seus dedos ficarem esbranquiçados: fitei-o, confusa e magoada, incapaz de perceber o que pudesse ter desencadeado nele, e pouco depois Rigel desapareceu da minha vista, fechando a porta com toda a força atrás de si.

Foi como se me tivesse caído um pedregulho no coração.

Porque é que ele teria reagido daquela maneira?

Teria sido... *culpa minha?*

O que é que eu teria feito de errado?

Gostaria de ser capaz de compreender, mas não fui capaz.

Porque é que não conseguíamos comunicar entre nós?

Afoguei-me num oceano de perguntas e as minhas inseguranças esculpiram um caminho sem saída.

Precisava de resignar-me com o facto de que Rigel não queria partilhar nada comigo. Ele era um enigma sem resposta, uma fortaleza onde ninguém tinha permissão para entrar. Era uma rosa negra que defendia as suas fragilidades, ferindo-nos e arranhando-nos com os seus espinhos.

Amargurada, vagueei pela casa e cheguei ao piso térreo com passos desiludidos.

Detive-me à porta da sala de jantar. Ali, um perfume maravilhoso envolveu-me como uma nuvem, aliviando por um instante o desânimo que sentia.

Anna estava a verificar as encomendas, o pavimento era um tapete de fitas e papel de cera: grandes jarrões de túlipas enchiam toda a sala e ela iria passar a tarde toda a assegurar-se de que todos estivessem perfeitos; Carl, o assistente, ficara no seu lugar, encarregando-se da loja na sua ausência.

Fiquei a vê-la da soleira da porta. O sol conferia aos seus cabelos uma tonalidade dourada e tinha sempre nos lábios um arremedo de um sorriso, como uma luz refinada. Anna ficava bonita quando sorria assim. Era o meu conto de fadas de olhos abertos.

– Oh, Nica! – exclamou feliz assim que me viu. – Já terminaram?

Baixei os olhos, sentindo uma ferroadada no peito. Não queria que ela visse a desilusão que me conspurcava o coração. Gostaria de lhe confidenciar todas as minhas preocupações, deixá-la tocar nos meus medos e nas minhas inseguranças, mas por um lado não podia e por outro tinha medo. Sempre me tinham ensinado que as fraquezas eram algo que deveríamos esconder, encobrir, e que eram motivo de vergonha. Anna iria descobrir então que eu não passava de uma boneca despedaçada e algo usada, quando eu queria que os seus olhos me vissem sempre como uma rapariga perfeita, repleta de luz e digna de me manter ao seu lado todos os dias.

Por um instante, desejei que me abraçasse e eliminasse todas as tristezas daquela maneira que só ela possuía, terna e gentil, que a fazia parecer uma mãe.

– Aconteceu alguma coisa com o Rigel?

Apercebi-me de que se tinha aproximado. Não respondi, e ela dirigiu-me um sorriso algo emocionado.

– És muito transparente – disse, como se fosse uma coisa bonita. – As expressões podem ler-se de imediato no teu rosto, como num lago cristalino.

Sabes o que se diz das pessoas como tu? Que têm um coração honesto.

Entalou-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha e cada pedaço da minha alma estreitou-se em torno daquele gesto. Adorava quando ela me tocava com aquela ternura, como se eu fosse uma das suas flores.

– Talvez esteja a aprender a conhecer-vos um bocadinho... O Rigel é um rapaz complicado. Não é verdade? – perguntou, dirigindo-me um sorriso agridoce. – No entanto, passei há pouco lá em cima. Estavam a trabalhar muito bem juntos. Tenho a certeza de que graças a ti ele compreendeu muitas coisas.

Nunca tinha tido muita confiança em mim, contudo não tive coragem de lhe dar a entender o quanto me agradavam essas palavras. Sentia-me bastante abatida e não era capaz de o esconder.

Anna não forçou o meu silêncio, muito pelo contrário, pareceu aceitá-lo e respeitá-lo. Por conseguinte, a sua expressão suavizou-se, apanhando-me de surpresa perguntou:

– Queres dar-me uma ajuda?

Pegou-me na mão. Aquele gesto deixou-me entusiasmada. De repente, a menina que havia dentro de mim animou-se e procurei o seu olhar, confusa com a intensidade das minhas emoções. Deixei-me conduzir até ficar na frente de uma jarra onde um ramo de túlipas magníficas nos aguardava, pronto para ser embrulhado com todo o cuidado.

Encontrava-me demasiado aturdida para falar. Seguindo os seus gestos delicados, segurei os caules com firmeza, reunindo-os num feixe compacto; não pude deixar de os achar lindos enquanto ela lhes passava as mãos a toda a volta, amarrando-os com a fita.

Encaracolou as extremidades, mostrando-me como se fazia, e eu observei enlevada o cuidado que dedicava a cada gesto.

Arranjámos o ramo juntas; as túlipas criavam um esplêndido mosaico de tonalidades de rosa e de branco, e no fim admirámos o arranjo.

– Ficou bonito... – constatei, fascinada, recuperando um pouco a voz.

Depois uma tulipa surgiu-me mesmo diante do nariz.

Vi que Anna estava a oferecer-me com um sorriso. Peguei-lhe, segurando-a com delicadeza entre as pontas dos dedos. Acaricieei o botão de flor com um dedo livre de penos rápidos, apreciando a sua suavidade.

– Gostas?

– Imenso...

Com um toque de alegria, Anna pegou numa tulipa de um tom de rosa intenso e enfiou-a mesmo debaixo do nariz.

– A que é que cheira?

Fitei-a, confusa.

– Como?

– Que perfume tem?

Fitei-a algo espantada, com as sobrancelhas erguidas.

– De... tülipa?

– Oh, não, não, continua... As flores nunca cheiram a flores! – repreendeu-me ela divertida e com leveza. Brillhavam-lhe os olhos. – A que é que cheira?

Cheirei como deve ser, sustentando-lhe o olhar inspirado.

Parecia... *Parecia...*

– Caramelos... Caramelos de framboesa – disse, e as pupilas de Anna refulgiram com um brilho intenso.

– A minha cheira a saquetas de chá e... a renda... Sim, renda acabada de fazer!

Ocultei um sorriso no interior da corola. *Renda?*

Cheirei melhor, fitando-a com olhos brilhantes e vivos.

– Bolas de sabão.

Trocámos um olhar, ambas com o nariz mergulhado nas pétalas.

– Talco para bebés... – acrescentou ela.

– Geleia de frutos silvestres...

– Pó de arroz!

– Algodão-doce.

– Algodão-doce?

– Sim, algodão-doce!

Anna olhou para mim com um sorriso rasgado, e depois desatou a rir.

O seu riso apanhou-me de surpresa: o meu coração estremeceu maravilhado e fiquei a olhar para ela com o peito a tremer. Quando os seus olhos brilhantes pousaram em mim, e eu percebi que era o motivo daquela alegria repentina, um amor ardente substituiu a minha incredulidade. Desejei fazê-la rir outra vez, ainda mais, desejei ser alvo daquele olhar todos os dias e senti-lo preencher-me o coração.

O riso de Anna era como um conto de fadas, era como um final feliz que já não parecia tão longínquo. Era um desses risos que nos fazia sentir saudades de alguma coisa que nunca sequer possuímos.

– Tens razão – concordou ela. – Cheira mesmo a algodão-doce.

Senti a alma derreter-se quando me pousou uma mão nos cabelos. O seu bom coração também me contagiou, e demos por nós a rir juntas no meio de todos aqueles odores que cheiravam a milhares de coisas diferentes, a tudo menos a túlipas, é claro.

Passámos o tempo a arranjar as outras jarras, e depois voltei para cima.

Sentia-me leve e limpa. Havia recuperado a minha despreocupação, porque Anna exercia sobre mim um poder imenso: o poder de reconfortar o meu coração.

Encontrei *Klaus* no corredor, decidi então brincar um pouco com ele. Pena que não demorei muito a dar por mim a correr pela casa numa tentativa de

fugir dele.

Perseguiu-me, soltando miados belicosos, mordendo-me os calcanhares como que endemoninhado, enquanto eu desatei a fugir pelas escadas abaixo.

Cheguei à sala de estar e, de um pulo, empoleirei-me na poltrona, e o gato, com as suas garras à mostra, deu um mergulho perfeito, enterrando-as no braço da cadeira.

Fitei-o com as sobrancelhas levantadas ao mesmo tempo que ele mostrava o focinho: as suas patitas maléficas rasgaram o ar por várias vezes, tentando apanhar-me.

Por fim, quando pareceu ter chegado à conclusão de que já me tinha torturado o suficiente, virou-me as costas e foi-se embora, bamboleando-se com desdém.

Estiquei o pescoço para me assegurar de que não se tinha enfiado num canto qualquer de modo a armar-me uma emboscada.

Bom... Verdade seja dita: pelo menos tinha conseguido chamar a atenção do animal...

A vibração do telemóvel devolveu-me à realidade. Tirei-o do bolso dos *jeans* e vi que se tratava de Billie. Desbloqueei-o e o que li deixou-me feliz: «A minha avó diz que já faz muito tempo que não passas aqui por casa para nos fazer uma visita. Porque é que não vens cá estudar amanhã?»

Em baixo, como de costume, havia um novo vídeo de uma cabrinha.

Já devia estar habituada ao facto de que Billie me considerava uma amiga, mas sentir-me valorizada e apreciada era sempre uma sensação nova para mim. Preparava-me para lhe responder, na esperança de não parecer demasiado eufórica, quando um ruído me arrancou a esses pensamentos.

Ergui os olhos.

O sofá encostado à parede estava ocupado por uma longa silhueta perfeitamente imóvel.

Tinha a cabeça apoiada no braço do sofá e a sua *T-shirt* escura confundia-se com o estofado das almofadas.

Quando notei que era Rigel, o coração deteve-se.

Tinha um braço apoiado com suavidade no peito, o outro levantado para trás, perto da cabeça; os dedos pálidos pendiam no vazio, flácidos e semifechados.

Dormia.

Como era possível que não me tivesse apercebido da sua presença?

Achei insólito que estivesse a descansar àquela hora da tarde. Algo dentro de mim manteve-me ancorada àquela visão, todavia a consciência lembrou-me o que eu sentia e instou-me a sair da sala. Não queria ficar ali, não depois do que tinha acontecido. A mera presença dele perturbava-me.

Pus-me de pé e lancei uma derradeira vista de olhos ao seu rosto plácido.

Observei as suas feições serenas, as pestanas escuras como pinceladas de escuridão sobre as maçãs do rosto elegantes. Os cabelos negros emolduravam-lhe o rosto, derramando-se sobre o braço do sofá como tinta líquida. Estava tão tranquilo que parecia indefeso.

Com um peso no coração, achei-o dolorosamente belo.

E foi... foi insuportável.

– Não é justo – sussurrei.

Era culpa sua. Alguém devia assumir a responsabilidade por aquela aparência de anjo que maltratava o coração.

– Vestes a pele de um monstro para manter o mundo afastado e depois... Depois pões-te aqui *assim* – acusei-o, desarmada face àquele ar tão inocente. – Porquê? Porque é que estragas sempre tudo?

Gostaria de esquecê-lo, mas não era capaz.

Sabia que havia em Rigel algo de luminoso e frágil e, agora que o tinha visto, não conseguia render-me. Queria arrancá-lo ao mistério que o envolvia, trazê-lo à superfície e vê-lo brilhar entre as minhas mãos. Eu era igual a uma mariposa noturna. Acabaria por me queimar no intuito de seguir aquela luz.

De súbito, fiquei petrificada. Consegui contar-lhe as pestanas. Consegui ver o sinal minúsculo que ele tinha perto dos lábios...

Atordoada, endireitei-me e recuei a toda a velocidade com o sangue a bombear de encontro às costelas. Fitei-o chocada comigo mesma.

Quando é que me tinha aproximado tanto?

Por instinto, apertei o telemóvel que ainda segurava na mão, o dedo escorregou-me sem querer e o vídeo de Billie abriu-se: a cabra começou a berrar furiosa e por pouco o telemóvel não me caiu das mãos.

Fugi a sete pés com as tripas na garganta, tropeçando em todo o lado. Escapuli-me da sala de estar um momento antes de Rigel acordar sobressaltado, com os olhos arregalados e os nervos à flor da pele, visivelmente perturbado com toda aquela gritaria.

Dirigi-me ao meu quarto, mas no alto do patamar tropecei em alguma coisa. Antes de ter tempo de perceber o que era, uma nuvem de pelo atacou-me e mordeu-me a barriga da perna.

Tinha razão... *Klaus* estava a armar-me uma emboscada.

Que vergonha.

Aquele pensamento ficou colado a mim até à noite sem me dar tréguas.

Teria preferido enterrar-me em vez de dar de caras com Rigel. Num desses imprevistos do destino alegou uma fortíssima dor de cabeça e não desceu para o jantar.

Desconfiei que fosse por minha causa, porque qualquer pessoa se teria

passado dos carretos se alguém a tivesse acordado daquela maneira.

Ficar um pouco a sós com Norman e Anna era tudo o que eu sempre havia desejado, mas não consegui ignorar a cadeira vazia ao meu lado. Os olhos estavam sempre a recair nesse lugar, como se os meus desejos tivessem mudado e eu não me encaixasse mais naquele quadro para três integrantes.

Depois de ter ajudado Anna a levantar a mesa, refugiei-me na biblioteca para ler um pouco. Tinha necessidade de me distrair, portanto procurei alguma coisa que me chamasse a atenção até que os meus olhos foram cativados por um título em particular: *Mitos, contos de fadas e lendas de todo o mundo*.

Fui atraída por esse livro na mesma hora. Acaricieei a lombada com os dedos, em seguida tirei-o da estante e segurei-o na mão, admirando o mesmo. Estava encadernado a couro, com incrustações florais que se entrelaçavam na capa de um modo que aos meus olhos o tornava esplêndido.

Instalei-me na poltrona e comecei a folheá-lo. Estava curiosa para conhecer outros contos de fadas para além daqueles com que tinha crescido; com que histórias cresciam as outras crianças? Seria verdade que não conheciam mesmo a história do fabricante de lágrimas?

Procurei por ela no índice, mas não a encontrei. Em compensação, muitos outros títulos alimentaram a minha curiosidade e comecei a ler.

– Começo a acreditar... que estás a tomar-lhe o gosto.

Sobressaltei-me.

Experimentei um fortíssimo *déjà-vu*. Apertei nas mãos o livro de que já havia lido um considerável número de páginas, e os meus olhos depararam-se com outros dois que me observavam com atenção.

– O gosto de quê? – perguntei, chocada e perturbada ao vê-lo ali.

– O gosto de me acordar nos momentos menos indicados.

Apanhou-me. De repente senti as faces a arder e fitei Rigel com grandes olhos culpados.

Teria vindo até ali só para o frisar?

– Foi sem querer – repliquei. Baixei o rosto sem coragem de o enfrentar. – Não tinha reparado que estavas ali.

– É estranho – ouvi-o contrapor. – Pareceu-me que estavas muito... próxima.

– Só passei por ali. Tu é que descansas a horas insólitas.

Rigel continuou a olhar para mim com aquelas íris que me saqueavam a alma e eu arrependi-me da minha escolha de palavras. Tinha medo de o enervar ainda mais, de o ver ficar alterado ou ensombrar-se de novo.

Acima de tudo, tinha medo de o ver ir-se embora.

Desde quando é que me tinha tornado assim tão contraditória?

– Desculpa – sussurrei, porque no fundo lhe devia isso. Ainda me sentia

desiludida com a maneira como tinham corrido as coisas essa tarde, contudo não estava na minha natureza ser vingativa. Não fiz de propósito e não queria que ele pensasse isso.

Muito embora a sua presença me ferisse, gostaria de ter retomado aquela conversa no ponto exato em que a havíamos interrompido. Não tinha esperanças de que tal acontecesse e estava bem ciente disso.

Por conseguinte... o instinto sugeriu-me um caminho diferente.

– Uma vez disseste que os contos de fadas são todos iguais. Que seguem um padrão... A floresta, o lobo mau e o príncipe encantado. Nem sempre é assim.

Abri o livro na página de *A Pequena Sereia*, de Andersen.

– Nesta história temos o mar e uma rapariga apaixonada por um príncipe. Mas não existem lobos. Não segue o padrão. É diferente.

– E tem um final feliz?

Hesitei, porque Rigel já parecia saber a resposta àquela pergunta.

– Não. No fim ele apaixona-se por outra. E ela... morre.

De repente, perguntei-me por que motivo é que tinha optado por enveredar por essa conversa. Só lhe tinha dado razão.

Tinha sido nesta mesma sala que, da última vez, Rigel me havia falado sobre o compromisso de um final feliz: sem regras, a ordem é alterada.

– É isso que ensinam – disse com cinismo. – Há sempre alguma coisa que se deve combater... Só muda o tipo de monstro.

– Estás enganado – sussurrei, decidida a fazer valer a minha opinião. – Os contos de fadas não nos ensinam a resignar-nos. Estimulam-nos a não perder a esperança. Não nos explicam que os monstros existem... mas sim que estes podem ser destruídos.

De súbito, lembrei-me do que ele me havia dito mesmo na frente da biblioteca...

«E tu que estás tão agarrada ao teu final feliz, terias a coragem suficiente para imaginar um conto de fadas sem um lobo mau?»

Não foi uma frase desprovida de sentido. Falar diretamente com Rigel era impossível, havia sempre insinuações, significados ocultos naquilo que dizia, contudo era preciso ter coragem para os captar.

– Eu aceito-o. Aceito o conto de fadas sem lobo mau.

Ele fazia questão de ser o mau da história, como se certas coisas estivessem destinadas a nunca mudar, mas eu queria fazê-lo entender que estava enganado. Talvez assim parasse de lutar contra o mundo.

E contra si mesmo.

Rigel permaneceu imóvel a observar-me, mas sem saber porquê achei que não acreditava em mim.

– E depois?

Apanhou-me desprevenida.

– E depois? – repeti, insegura.

O seu olhar sondou-me como se pretendesse estudar-me.

– E depois o quê? Como é que termina esta história?

Calei-me, porque não estava à espera daquela pergunta, sobretudo porque... não sabia muito bem o que responder. Gostaria de surpreendê-lo, mas bastou o meu silêncio para lhe ensombrar o olhar, como se acabasse de obter uma confirmação.

– Tudo se curva às tuas expectativas cor-de-rosa, não é verdade? – murmurou. – Cada um ocupa o seu lugar no teu mundo ideal e perfeito. Tal como tu queres. No entanto, não sabes ver além disso.

O seu rosto endureceu como se o tivesse contrariado de novo.

Não... *Magoado?*

– Talvez a realidade seja diferente. Alguma vez pensaste nisso? Talvez não seja como julgas, talvez nem tudo funcione como tu queres. *Talvez* – sublinhou, implacável –, haja quem não queira fazer parte do teu sonho perfeito. É isto que não sabes aceitar. Queres respostas, Nica, mas a verdade é que não estás preparada para as ouvir.

Fiquei impressionada com as palavras dele como se me tivessem esbofeteado.

– Não é verdade – respondi com o coração a bater descompassado.

– Ai não? – sibilou, e eu dei por mim de pé.

– Livra-te dessa couraça. Não precisas dela.

– O que é que achas que verias?

– *Basta, Rigel!*

O nervosismo fez-me arder os olhos. Não era capaz de falar com ele, a frustração impedia-me de raciocinar, de pensar e de compreender o que quer que fosse.

Não conseguíamos compreender-nos porque falávamos duas línguas opostas. E Rigel tentava dizer-me alguma coisa, sentia-o, mas falava numa língua que nunca me havia explicado. Uma língua áspera e repleta de significados que a minha alma não sabia interpretar. Eu sempre fui cristalina como água de uma nascente, e ele um oceano de abismos inexplorados e insondáveis.

Abracei-me como que a proteger-me do seu olhar e ele fitou-me com um estranho brilho nos olhos.

– És um poço de contradições – confessei, porque estava a começar a perder a cabeça. – Falas de contos de fadas como se fossem brincadeiras de crianças, mas a verdade é que crescestes no Grave tal como eu, e também acreditas neles.

Todas as crianças do orfanato acreditavam nas histórias que lhes contavam,

e cada uma delas saía de lá a carregar essas histórias dentro de si. Era um mundo diferente, o nosso, um mundo que era incompreensível para nós. Mas essa era a verdade.

Rigel não respondeu. Fitou-me com aqueles olhos que me provocavam uma tempestade no coração, e depois o seu olhar desceu até pousar no livro que ficou em cima da poltrona.

Gostaria de lhe mostrar a luz, mas ele parecia prisioneiro das próprias sombras.

Gostaria de lhe estender a mão, mas estava cansada de receber tantos arranhões.

No entanto, nada me despedaçava mais o coração do que ver aquela centelha que tanto procurava extinguir dentro dos seus olhos.

Por fim compreendi que não estava a lutar contra ele, mas sim contra qualquer coisa que não se podia ver.

Rigel não era apenas cínico e desconfiado, parecia desiludido com a vida. Havia nele algo cru e visceral que nunca tinha visto em mais ninguém, que o impelia a nunca criar ilusões, a repelir toda a gente, a ver o mundo com um desencanto que quase queimava o estômago. *O que seria?*

– Mitos, contos de fadas e lendas... Todos eles possuem um fundo de verdade.

Estremeci ao sentir o quanto a sua voz era baixa e sincera.

– Os mitos falam do passado. As lendas tornam-nos conscientes do nosso presente. E os contos de fadas... Estes são para o futuro. Os contos de fadas existem, mas só estão destinados a poucos de nós. Aos mais raros. Os contos de fadas destinam-se apenas àqueles que os *merecem*. Os outros estão condenados a sonhar com um final que nunca verão realizado.

Um copo de água

*Não se pode esconder
um coração que treme.*

O quarto estava desarrumado e poeirento como sempre.

*A escrivadinha até seria bonita sem todo aquele caos e sem as manchas
peganhentas de brandy deixadas pelos copos. Contudo, não tinha importância.*

Ele mantinha os olhos baixos.

Rigel já conhecia os veios daquele pavimento de cor e salteado.

– Olhe para ele. É um desastre.

*Era sempre assim. Apesar da sua presença, os dois adultos ali no quarto
falavam como se ele não estivesse presente.*

Se calhar é assim que se fala dos problemas. Como se não existissem.

*– Olhe para ele – disse mais uma vez o médico para a mulher. A sua voz
ressoou com uma pitada de piedade e, desta vez, Rigel odiou-o com todas as
fibras do seu corpo.*

Odiou-o pela sua compaixão, porque não a queria.

Odiou-o porque o fez sentir ainda mais errado.

Odiou-o porque não queria desprezar-se mais ainda.

Mas, sobretudo, odiou-o porque sabia que ele tinha razão.

A tragédia não residia nas suas unhas imundas.

Não residia nas pálpebras que às vezes só lhe apetecia arrancar.

Não residia no sangue que havia nas suas mãos.

A tragédia residia dentro dele, enraizada tão fundo que era incurável.

*– Até pode ser que não aceite, senhora Stoker. Mas o menino demonstra os
primeiros sintomas evidentes. A sua incapacidade de se relacionar com os outros
é apenas um dos sinais. E, no que respeita ao resto...*

Rigel deixou de ouvi-lo, porque esse «resto» era o que mais magoava.

Porque é que era assim? Porque é que não era como os outros? Não eram

perguntas para uma criança, mas não podia evitar formulá-las.

Talvez pudesse fazer essas perguntas aos pais. No entanto, eles não estavam ali.

E Rigel sabia o motivo.

O motivo é que as tragédias não agradam a ninguém.

As tragédias são incómodas, inúteis, embaraçosas e trabalhosas.

É mais fácil uma pessoa livrar-se dos brinquedos partidos do que mantê-los consigo.

Quem é que iria querer alguém como ele?

★

– Nica?

Pestanejei, descendo das nuvens.

– Como é que traduziste? A cinco...

Vasculhei as minhas traduções, esforçando-me para me concentrar.

– «Saltou-o» – li na folha do meu caderno. – «Saltou-o antes de partir.»

– Pronto – Billie virou-se triunfante. – Estás a ver?

Miki, ao seu lado, parou de mascar a pastilha elástica e lançou-lhe um olhar cético por debaixo do capuz.

– E quem é que falou contigo?

– Bom, enganaste-te a escrever! – Billie obstinou-se, apontando-lhe para o caderno. – Aqui!

Os olhos de Miki fitaram a folha de papel, lapidares.

– Ali está escrito «salvou-o». Não «saltou-o». Isso é do exercício que vem a seguir.

Billie coçou a cabeça com o lápis, na dúvida.

– Ah – constatou. – Na verdade, parecia-me... Bolas, a tua letra mais parece um monte de gatafunhos, hã? Quero dizer, olha aqui... Achas que isto é um v?

Miki semicerrou as pálpebras e ela sorriu radiante.

– Deixas-me copiar também as outras?

– Não.

Observei-as a espicaçarem-se, perdendo-me de novo nas minhas reflexões.

Tínhamo-nos encontrado para estudar, mas por alguma razão não conseguia concentrar-me. A minha mente dispersava-se face ao mais pequeno motivo de distração.

Sabia que, na realidade, aquela distração possuía olhos negros como a noite e um temperamento impossível.

O que Rigel me tinha dito ficara gravado na minha cabeça e não havia maneira de sair.

De repente, a janela francesa da varanda abriu-se, e a avó de Billie surgiu

com toda a sua amabilidade retumbante, imperiosa e enfarinhada.

– Wilhelmina! – trovejou, fazendo sobressaltar a neta. – Fizeste circular a corrente de São Bartolomeu que te enviei para o telemóvel?

Billie escondeu a cabeça, exasperada, tentando tornar-se invisível.

– Não, avó...

– Estás à espera de quê?

Não percebi do que elas estavam a falar, mas a minha expressão confusa valeu-me uma meia explicação.

– A minha avó ainda está convencida de que as mensagens nos trazem os santos até à nossa porta – elucidou-me Billie, mas estremeceu ao ver a avó a encher o peito.

– Faz o que te digo! – ordenou, e depois apontou o rolo da massa na direção de Miki. – Miki, faz isso também. Acabei de mandar a mensagem!

– Oh, por favor, avó! – lamentou-se Billie. – Quantas vezes é que já te disse que essas porcarias não funcionam?

– Tolices! Vai proteger-te!

Billie revirou os olhos, e depois não teve outro remédio a não ser ir buscar o telemóvel.

– Está bem... Mas depois podemos ir lanchar?

A carranca da avó acentuou-se e ela franziu o sobrolho.

– Claro que sim – declarou com uma pose quase heroica, batendo com o rolo da massa na palma da mão.

Billie, entretanto, tinha começado a digitar com fúria no telemóvel.

– Vou já enviá-lo a uma carrada de gente... Oh, Nica, vou mandar para ti também.

Encolhi o pescoço quando o olhar da avó cortou o ar, pousando sobre mim.

– Para... para mim?

– Sim, porque não? Assim ficamos todas a salvo!

– Mas eu...

– Tens de enviar a mensagem a quinze contactos teus – explicou-me, e eu engoli em seco porque a avó ainda me tinha debaixo de mira.

Quinze contactos? Onde é que eu ia arranjar quinze contactos, se não os tinha?

– Está feito! – rematou Billie, e de repente o meu telemóvel e o de Miki emitiram uma ligeira vibração. A avó dirigiu-nos um olhar orgulhoso, com o avental a esvoaçar ao vento.

– Vou acabar de preparar o vosso lanche – disse, virando costas de modo a voltar para dentro. Contudo, pareceu pensar melhor. – A propósito. Conseguiste falar com eles?

Billie dirigiu-lhe um olhar, encolhendo os ombros.

– A ligação caiu outra vez – murmurou, e percebi que se referia aos pais. – Mas creio ter ouvido a blateração de um camelo. Ainda se encontram no deserto de Gobi.

A avó assentiu, mas lançou-lhe um olhar afetuoso antes de voltar a entrar. O silêncio assentou como pó entre nós.

– Há novidades?

Fiquei surpreendida quando ouvi aquelas palavras. Talvez porque quem as pronunciou foi a voz sempre tão desinteressada de Miki.

– Não.

Billie não levantou a cara; continuou a rabiscar o canto de uma página com gestos ausentes.

– Voltaram a adiar a data. Só regressarão no fim do mês.

De repente, a imagem que eu tinha de Billie adquiriu novos contornos.

As costas encurvadas, os caracóis que lhe caíam sobre os ombros como ramos suspensos. Aquela luz que lhe iluminava sempre os olhos era agora uma pequena migalha aprisionada num olhar inexpressivo e apagado.

– Mas... o meu pai tinha-me dito que iríamos juntos àquela fantástica exposição de fotografias. Prometeu-me. E uma promessa é uma promessa... não é verdade?

Ergueu o rosto e dei por mim a sustentar-lhe o olhar.

– É verdade – sussurrei com clareza. Billie tentou erguer a comissura dos lábios, mas pareceu-me que isso lhe custou imenso. Logo em seguida, pestanejou, quando uma mão deslizou um livro sobre a mesa.

Miki empurrou o seu texto mesmo debaixo do nariz dela. Dirigi-lhe um olhar rápido, antes de resmungar:

– Não querias copiar também as outras?

Billie fitou-a por um instante.

E depois sorriu devagar.

Mais tarde, Billie tentou de novo entrar em contacto com os pais. A ligação caiu uma série de vezes, mas por fim, no momento exato em que já começava a perder a esperança outra vez, alguém atendeu do outro lado. Nenhuma alegria foi comparável àquela que vi no rosto dela quando a voz do seu pai soou do outro lado do telemóvel.

Infelizmente, a chamada foi interrompida antes de terminar, mas ela não desanimou como eu havia receado: deixou-se cair para trás sobre a cama, feliz, fantasiando sobre as maravilhas exóticas que os pais lhe tinham acabado de relatar.

– Que beleza... – murmurou de olhos fechados. – Que lugares tão bonitos... Vão ver como um dia também eu irei conhecê-los! Contemplar

aqueles pores do sol desde as tendas... As dunas, as palmeiras... Juntos...
A fotografar o mundo...

A sua voz esmoreceu devagar até se transformar num sussurro, depois apenas um movimento dos lábios, e por fim nada mais.

Billie adormeceu assim, a meio da tarde, com o telemóvel ainda na mão e a esperança por detrás das pálpebras, perdida no meio daquela nuvem de caracóis.

Tirei-lhe o telemóvel da mão e pousei-o em cima da mesinha de cabeceira, vendo-a dormir.

– Parecem boas pessoas – constatei, referindo-me aos pais dela.

Pusera-os em alta-voz, e eles tinham-nos cumprimentado com entusiasmo; percebi a quem Billie tinha ido buscar toda a sua exuberância.

– E são.

Os olhos de Miki não me fitavam: estavam pousados no rosto adormecido da amiga.

O seu olhar era impenetrável como sempre, desta vez tive a certeza de vislumbrar neles uma pontada de melancolia.

– Sente mais saudades deles do que deixa transparecer. Só tem coragem de o admitir à noite.

– À noite?

– Quando me liga – murmurou. – Sonha que estão de regresso... Depois acorda e eles não se encontram ali. Às vezes sabe que exagera. Sabe que é o trabalho deles, que estão bem... Nunca lhes diria isso. Mas sente a falta deles – sussurrou. – Estão ausentes há imenso tempo.

«A Miki sabe ser encantadora.», recordei as palavras de Billie. «É muito sensível.» Até àquele momento nunca tinha sido capaz de compreender isso ao certo. No entanto, consegui imaginá-la quando, na calada da noite, depois de um dia barricada atrás das suas expressões herméticas, ia dormir com o telemóvel ao lado. Só esperava vê-lo iluminar-se; quando atendia, tornava-se a única testemunha dos momentos em que Billie não tinha forças para sorrir.

Miki... era a sua família.

– Ela nunca estará sozinha – disse, fitando-a e brindando-a com um sorriso afetuoso. – Tem-te a ti.

Miki ficou a observar-me enquanto eu tapava Billie com o cobertor.

– Vou beber um pouco de água. – Pus-me de pé, alisando a *T-shirt* amarrotada, e saí do quarto tentando não fazer barulho. Esperava que não fosse causar um grande incómodo ao ir buscar um copo à cozinha, mas depois lembrei-me de que a avó de Billie tinha saído para jogar *bridge* com as amigas.

Antes de prosseguir, contudo, voltei a abrir a porta que tinha fechado atrás de mim.

– Miki, desculpa. Também queres um cop...

Não cheguei a terminar a frase.

As palavras morreram-me na boca.

Com os olhos esbugalhados, vi apenas a cascata de cabelos negros perdidos no meio de todos aqueles caracóis.

E ela inclinada para a frente, com os lábios pousados sobre os de Billie.

O tempo tinha parado.

Fiquei imóvel.

Fitei o movimento lento com que Miki se endireitou: os seus olhos arregalados fitaram-me com tal perplexidade que pareciam ferozes. Na sombra do capuz, os lábios mostravam-se entreabertos, mas o maxilar estava contraído sob as suas pupilas transtornadas.

– Eu... – tentei dizer, procurando as palavras certas. Abri a boca várias vezes, ofegando, mas não cheguei a completar a frase: fui atropelada pelo corpo dela e empurrada para fora do quarto.

Miki fechou a porta atrás de si e os seus olhos sombrios brilharam como carvão em brasa à luz do corredor. Pareciam querer trespassar-me de um lado ao outro.

– Tu – sibilou entre dentes, apontando-me um dedo à cara. A voz arranhou-lhe a garganta de uma maneira que nunca tinha ouvido. – Tu... não viste *nada*.

Emudeci. Fechei os lábios e encarei-a de frente, desviando os olhos até à porta atrás dela, ali onde Billie estava a dormir. Voltei a olhar para ela, rígida em pé na minha frente.

Depois, sem me alterar, levantei os ombros e com voz tranquila disse:

– Está certo.

Miki olhou para mim com um tique na pálpebra.

– *Como?*

– Está certo – limitei-me a repetir.

– *Está certo?*

– Sim.

Ela fitou-me com uma expressão entre o truculento e o estupefacto.

– *Está certo como?*

– Está certo e pronto...

– Está certo coisa nenhuma!

– Não vi nada.

– *Ai isso é que viste!*

– Vi o quê?

– *Sabes muito bem o quê!*

– Não, a sério que não sei.

– Não... – vociferou ela a ponto de explodir, com o dedo espetado e a cara vermelha. – Tu... Tu não... *Tu viste...*

Cerrou os dentes e virou a cara, resmungando de raiva e de libertação, fechando os dedos das mãos num punho.

Permaneci em silêncio à medida que Miki ardia com uma frustração que lhe fazia tremer os pulsos. Por um momento interminável a única coisa perceptível no ar foi o ruído das nossas respirações.

Iria fingir de verdade que estava tudo «certo».

Iria ignorar de verdade o que tinha acabado de ver, pensei, ao mesmo tempo que Miki negava com a cabeça e com uma expressão de quem gostaria de eliminar aquele momento custasse o que custasse. Se era isso que ela desejava, então eu fá-lo-ia.

No entanto, pela primeira vez desde que a conheci... Miki não se preparava para se ir embora.

Ela tinha-se limitado a rosnar-me, mesmo sabendo que não tinha ficado ali por minha causa, mas sim porque se encontrava a travar um combate consigo mesma, *seja como for ela permaneceu ali*.

E eu também não fui capaz de a ignorar. Não como ela teria gostado, ainda que por conta disso acabasse por me odiar um pouco.

– Miki... Gostas da Billie? – A minha voz soou delicada e cristalina como água.

Era uma pergunta parva, mas formulei-a na mesma porque queria fazê-la entender a simplicidade daquele momento.

Miki não respondeu. A amargura comprimia-lhe os lábios e formava-lhe um nó na garganta.

– Não tem nada de mal... – declarei em voz baixa, muito devagarinho, como se as minhas cordas vocais estivessem a moldar vidro, e procurei-lhe o olhar com uma expressão límpida. – É uma coisa bonita...

– Tu *não* compreendes – cuspiu ela.

A frustração escorria-lhe dos olhos como cera e derramava-se ao longo dos punhos fechados numa oração muda.

Voltei a guardar silêncio, talvez porque na verdade não entendia.

Mas Miki estava ali, e eu mais do que nunca desejei cruzar o meu olhar com o dela sob o capuz e senti-lo devolver-me algo em troca, uma migalha que antes desse momento nunca tinha tido a coragem de lhe pedir.

– Não, talvez não – murmurei, baixando o rosto. – Mas se tu... Se tu quisesses explicar-me... se decidisses deixar-me compreender... poderias ver que talvez seja mais simples do que pensas. E se calhar até poderias descobrir... que não há nada de feio, nem de inconfessável, nem de errado nisso. Que dizer qualquer coisa às vezes é melhor do que não dizer nada, porque há coisas que nos fazem bem apenas no momento em que sentimos

que alguém as escuta.

Miki apertou os lábios e eu fitei-a assim, com olhos sinceros e as palmas das mãos viradas para ela, os dedos repletos dos meus pensos rápidos.

– Se tu quisesse explicar-me, juro-te que tentaria. Em silêncio, sem te interromper, até quando quiseses. Se quisesse *tentar*... Prometo-te que te facilitaria as coisas, tão fácil como pode ser respirar, ou beber um copo de água.

Fitei-a com olhos amargurados e as suas pupilas brilhantes vacilaram.

– Miki... – sussurrei com doçura. – Apetece-te beber um copo de água?

Miki e eu ficámos sentadas no chão junto à porta francesa da cozinha durante um número interminável de horas. Apesar de a poucos metros de nós haver ali mesmo duas cadeiras, e a mesa ser sem dúvida mais confortável do que o pavimento, não nos movemos do mesmo sítio: com um copo de água cada uma, em silêncio, observámos a luz infiltrar-se através da folhagem das árvores do lado de fora das vidraças.

Ela não falou muito. Nenhum monólogo jorrou dos seus lábios reservados. Nenhuma confidência descarregou o que guardava dentro de si.

Limitámo-nos a ficar ali ao lado uma da outra, partilhando as nossas respirações e a nossa companhia.

– És tu... – disse apenas. – Aquela rosa branca que ela recebe todos os anos no Garden Day... És tu...

Ela calou-se, e eu ofereci-lhe mais uma vez o meu silêncio.

– Porque é que não lhe contas?

– Ela não corresponde ao que eu sinto.

Miki olhou para o teto e eu observei-a.

– Não tens como saber...

– Não preciso de saber – disse, amargurada. – Ela não gosta de... raparigas. Baixei os olhos; as minhas pernas estendidas e relaxadas contrastavam com as dela, fletidas de encontro ao peito.

Miki apagou no cinzeiro o enésimo cigarro, perdendo-se naquele gesto.

– Nem sou capaz de imaginar o modo como ela olharia para mim.

– A Billie gosta de ti. Não olharia para ti de nenhuma maneira especial.

Contudo, ela abanou a cabeça. Fitou a parede na nossa frente com íris desprovidas de encanto ou de esperança.

– Não compreendes... A questão é exatamente essa. Sou a melhor amiga dela – murmurou, como se fosse uma condenada que lhe fazia bem e mal ao mesmo tempo. – A nossa relação... é algo muito importante. É uma das coisas mais sólidas com que ambas podemos contar. Contar-lhe a verdade... significaria deixá-la transtornada e estragar tudo. E a partir desse momento

seria impossível que tudo voltasse a ser como antes. Não posso sequer pensar em perder o que temos. Em perdê-la. Eu não... posso abrir mão disso.

Ela olhava para Billie através de um muro de proteção. Uma portinhola tão pequena e tão fora dos gonzos que não deixava entrever nada além de arame farpado.

Muito diferente do meu, que via prados em flor onde quer que pousasse os olhos.

Baixei o olhar, cravando-o nos meus dedos. O silêncio interpôs-se entre nós, lento e inexorável.

– Existe uma lagarta – comecei a dizer passado um bocado. – Uma lagarta diferente de todas as outras. Às vezes podemos vê-la nas folhas de acanto. Sabes... as lagartas sabem que devem transformar-se. Chega um momento em que fazem o casulo e depois sofrem uma mutação e passam a ser borboletas. Não é? É muito simples... Mas esta lagarta... Bom, ela não sabe. Não sabe que pode tornar-se uma borboleta. Se ela não sentir a necessidade de fabricar a crisálida... Se ela, bom, *não acreditar o suficiente nisso*... não se transforma. Não constrói o casulo. Permanece lagarta para sempre. – Fitei as mãos feridas. – Pode ser que seja verdade. A Billie não gosta de raparigas. Mas... talvez pudesse gostar de ti. Pode ser que às vezes haja pessoas que nos afetam e que permanecem dentro de nós a despeito do seu... invólucro exterior. São importantes e não podem ser substituídas por ninguém – ergui o rosto, tranquila, fitando a parede. – Talvez a Billie nunca tenha pensado em ti dessa maneira... Talvez nunca o faça, mas... também é verdade que tu és a única pessoa que ela quer ter sempre por perto. E se não lhe disseses nada... Se nem sequer tentares, Miki... nunca poderás descobrir se com ela poderá suceder a mesma coisa. E nesse caso as coisas nunca mudarão. E então a Billie nunca te verá de verdade. E então serás lagarta... para sempre.

As minhas palavras extinguíram-se como a luz de uma vela.

Virei a cara para o lado e deparei-me com os olhos de Miki fixos em mim.

Olhou para mim de uma maneira que nunca lhe havia visto antes. Com uma expressão inquieta e cúmplice, como se as minhas palavras tivessem de alguma maneira transposto o seu muro de proteção.

Voltou a desviar o olhar e ocultou um leve suspiro que eu, no entanto, ouvi muitíssimo bem.

– De todas as pessoas a quem eu julgava que podia confessar uma coisa como essa – balbuciou –, tu és, sem dúvida, a última.

Não soou como uma ofensa. Soou como se tivesse acabado de perder uma pequena batalha travada consigo mesma, e isso fez-me sentir, de algum modo, aceite.

– Vocês sempre foram iguais nisto – murmurou.

– Nisto?

– Sim. Tu e ela... A maneira que têm de ver as coisas. Tu... às vezes fazes-me lembrar ela.

Fiquei a olhar para ela e Miki abanou a cabeça com um suspiro. Em seguida, atirou o capuz para trás e o seu rosto emergiu sob a luz.

As olheiras marcavam-lhe os olhos algo esborratados de maquilhagem; baixou as pálpebras e os cabelos negros emolduraram-lhe as feições angulosas do rosto; não pude deixar de reparar na harmonia agradável das maçãs do rosto salientes e dos lábios carnudos e cheios.

Dentro daquelas calças largueironas com bolsos e moletões grossos havia uma beleza surpreendente.

Reparou que eu estava a olhar para ela e lançou-me um olhar algo hostil.

– O que é que foi?

Eu sorri.

– És bonita, Miki.

Ela esbugalhou os olhos. Desviou de imediato o olhar e fechou os lábios, encolhendo o pescoço nos ombros. Enlaçou os joelhos com os braços, chateada, e, no entanto, pareceu-me ver as suas faces a tingirem-se de um invulgar tom rosado para a sua tez.

– Tu e as tuas... *lagartas*... – murmurou, rabugenta e embaraçada, e eu não pude deixar de sorrir.

Ri baixinho, com a cabeça encostada à parede e os olhos semicerrados, e tive a certeza de ver Miki, ao meu lado, relaxar e adotar uma expressão serena.

– Ei... O que é que se passa?

Virámos a cara. Billie encontrava-se na ombreira da porta, ocupada a esfregar um olho com a mão.

– O que é que estão a fazer aqui? – perguntou, ensonada.

Miki baixou a cara; por um momento pareceu estar prestes a dizer alguma coisa, mas no fim optou por se calar. E eu não precisei de mais nada.

– Sossega – disse para Billie.

Voltei a erguer o rosto e sorri-lhe com serenidade.

– Só estivemos a beber um copo de água juntas.

Passei o dia todo ali.

Nada parecia ter mudado: embora conhecesse agora o segredo de Miki, nada a impedia de revirar os olhos quando Billie começava a espicaçá-la; tinha a certeza de que ela gostava daquela sua maneira muito delas de estarem perto uma da outra. Era por esse motivo que não conseguia desistir.

Enquanto estudávamos recebi duas mensagens.

– Quem é? – perguntou Billie, curiosa, esticando o pescoço.

Era Lionel.

Quando me tinham dito para enviar aquela corrente a quinze dos meus contactos, encontrei-me num pequeno apuro.

Enviei-a para os poucos números que possuía na minha lista de contactos: Anna, Norman, Miki, de novo Billie, o número de atendimento da minha operadora telefónica, mas depois vi que os destinatários continuavam a ser poucos. Visto que ainda me restavam mais dez mensagens para enviar, senti um aperto no coração só de pensar que podia desiludir a avó de Billie. Por conseguinte, enviei-a dez vezes seguidas para Lionel, todas de enfiada.

Escusado será dizer que ficou espantado, para dizer o mínimo, com a minha devoção religiosa.

– E então? – perguntou Billie, curiosa que nem um gato. – Quem é que te envia assim tantas mensagens? Deixa-me ver, anda!

– Oh, ninguém em especial... – respondi. – É apenas... o Lionel.

– Lionel? Ah, o rapaz do laboratório... Caramba! E vocês falam?

– Bom... sim, de vez em quando.

– De vez em quando... quanto?

– N... não saberia dizer-te – repliquei, vendo que agora ela me fitava com olhos ardentes de interesse. – Diria que com frequência.

Billie levou as mãos à boca com ênfase, e eu estremeci.

– *Anda a engatar-te!* É isso, não é? Caramba, é evidente! Miki, ouviste isso? – exclamou, empolgada, dando uma cotovelada à amiga. – E ele? Gostas dele, Nica?

Pestanejei, olhando para ela com ingenuidade.

– Bom, sim.

Billie escancarou a boca, levando as palmas das mãos às faces; no entanto, antes de conseguir gritar alguma coisa, o lápis de Miki interpôs-se entre nós.

– O que ela queria dizer é que se gostas... *gostas* – deixou claro, indicando o meu telemóvel com a ponta do lápis –, se estás interessada naquele tipo.

Observei-a na dúvida, mas no momento em que percebi, os meus olhos saíram das órbitas. Senti as faces a arder e com um soluço apressei-me a abanar a cabeça.

– Oh, não, não, não! – retifiquei com uma pitada de urgência. – Não, o Lionel não... não me agrada dessa maneira! Eu e ele somos apenas amigos!

Billie olhou para mim, atónita, ainda com as mãos de ambos os lados da cara.

– Apenas amigos?

– Apenas amigos!

– E ele sabe disso?

– Hã? O que é que queres dizer com isso?

– Oh, deixa-me ver, anda!

Roubou-me o telemóvel. Com uma curiosidade genuína começou a ler as

mensagens.

– Uau – exclamou. – Falam quase todos os dias! Ele envia-te uma carrada de mensagens... Aqui também... E aqui escreveu-te sob um pretexto idiota... Eh, eh! Aqui também...

– *Desculpa* – interrompeu-a Miki, sem mais nem menos –, mas este tipo só fala dele mesmo.

Fiquei surpreendida quando vi que também ela se havia inclinado para o lado e nos observava com o sobrolho franzido. Lançou-me um olhar cético e inquiridor.

– Ao menos pergunta-te como estás?

Aquela pergunta deixou-me perplexa.

– Bom, mas eu cruzo-me com ele na escola...

– Pergunta-te? – interrompeu-me.

– Não... mas eu estou bem – respondi, sem compreender a necessidade disso. Miki fitou-me com uma expressão algo sombria antes de voltar a observar o telemóvel de braços cruzados.

– Mostra-se muito orgulhoso dos seus êxitos – disse Billie em voz baixa, enquanto ia deslizando as mensagens, e eu percebi pelo tom da sua voz que alguma coisa nas nossas conversas não era como seria de esperar.

– Sim – concordei. – Na verdade...

– Só para que fique claro – disparou Miki de uma vez por todas –, vocês falam de mais alguma coisa além dos torneios de ténis em que ele participa?

Olhei para as duas, uma com um olhar algo desconfiado, a outra com o meu telemóvel ainda na mão.

Na realidade não me lembrei de uma única ocasião em que não tivéssemos acabado por falar de alguma coisa que lhe dissesse respeito; desenterrei todas as minhas conversas com Lionel, os passeios e os gelados que havíamos partilhado, mas não consegui encontrar nada de diferente.

Miki abanou a cabeça.

– És muito ingénua. Como é que não consegues ver?

Billie devolveu-me o telemóvel; dirigiu-me um sorriso ténue e hesitante, como que a desculpar-se.

– Não queríamos ser intronizadas... Espero que não tenhas pensado isso. Mas é justo que ele te pergunte como estás, não achas? Também nós nos vemos todos os dias, e eu pergunto-te sempre isso, porque me interessa sabê-lo. A Miki não deixa de ter uma certa razão sobre este assunto.

– Aproveita-se de ti para alimentar o seu ego. E tu és tão boazinha que nem sequer te dás conta disso. – Miki estava um bocadinho irritada, mas sibilou um insulto entre dentes quando Billie lhe deu uma cotovelada na brincadeira.

– Não lhe liguês, Nica, ela fica rabugenta em ocasiões como esta. Mas é apenas a maneira dela de se preocupar com os outros.

Miki fulminou-a com o olhar e aquela frase ficou-me na cabeça. Os meus olhos pousaram silenciosos nela, trepidantes de emoção.

A Miki preocupava-se comigo?

– Então, vamos estudar ou não? – grunhiu, debruçando-se sobre o livro, e Billie sorriu.

– Havia cromos como a Miki no teu orfanato?

Miki lançou-lhe um olhar assassino e tentou pisar-lhe um pé; enquanto Billie tentava abraçá-la na brincadeira, eu não me lembrei de ninguém que alguma vez se tivesse mostrado preocupado comigo.

Apenas um nome se acendeu na minha mente. Uma vela fraca que passou a ficar ali a partir do momento em que ela se tinha ido embora.

Adeline.

Adeline e as suas mãos que me entrançavam o cabelo, que me limpavam os joelhos. Adeline que sempre foi um bocadinho mais velha do que eu e do que as outras crianças...

Sorri numa tentativa de desdramatizar a situação.

– Não, não havia ninguém que me defendesse com tanta veemência.

Apercebi-me de que se calhar não tinha sido muito feliz na resposta.

Billie ficou a olhar para mim, e no seu rosto desenhou-se uma pergunta tácita. Compreendi que queria dar-me tempo, mas sempre receou mostrar-se inconveniente.

– Como era esse lugar?

Hesitei, Billie pareceu arrepende-se na mesma hora de ter formulado aquela pergunta tão direta, como se tivesse ferido a minha sensibilidade.

– Mas só se... tiveres vontade de nos contar alguma coisa – sussurrou, dando-me uma oportunidade de evitar o assunto.

O seu olhar algo mortificado fez-me compreender que não pretendia perturbar-me.

– Está... tudo bem – tranquilizei-a com voz doce. – Vivi ali durante muito tempo.

– A sério?

Dei por mim a assentir. Uma pergunta após a outra, comecei a contar a história pouco a pouco: descrevi os grandes portões, o jardim negligenciado, as visitas que recebíamos de quando em vez e a vida que ali vivi, no meio das crianças que chegavam e aquelas que, por outro lado, se iam embora.

Ocultei os pormenores mais sórdidos, sepultando-os como o pó que se varre para debaixo do tapete. Por fim restou tão só aquela existência algo dura e desgastada.

– E estavas ali há doze anos? Antes de ter chegado... a Anna? – perguntou Billie. Miki ouvia-me com atenção, mas em silêncio.

Voltei a assentir.

– Quando lá cheguei tinha cinco anos.

– O teu irmão também ali estava há muito tempo? – Billie cerrou os lábios.

– Desculpa. Sei que não queres que o chame assim. Sai-me de forma automática... Estava a referir-me ao Rigel.

– Sim – murmurei, baixando os olhos. – O Rigel já ali estava quando eu cheguei. Nunca conheceu os pais. O nome que tem foi a tutora do orfanato quem lho deu.

Billie fitou-me surpreendida, tal como toda gente quando vinha a saber da verdade. Até mesmo Miki, que até àquele momento tinha ficado alheia a todo esse discurso, olhava para mim agora com uma pitada de interesse.

– Estás a falar a sério? – Billie estava consternada. – Já ali estava antes de ti? Deves conhecê-lo muito bem.

Não. Não o conhecia.

Mas sabia tudo sobre ele.

Era um paradoxo.

Rigel estava enraizado dentro de mim como um perfume que se usa durante a vida toda.

– Deve ter sido muito difícil para os dois – murmurou Billie. – A vossa tutora deve ter ficado muito triste com a vossa partida.

Um sopro de vento passou-me pelos cabelos. Durante o instante da sua passagem, ergui os olhos devagar para ela.

Billie estava a sorrir com serenidade.

– Deve ter sido terrível para ela quando chegou o momento de se despedir de vocês... não é verdade? Afinal de contas, viu-vos crescer. Conhecia-vos desde que eram muito pequeninos.

Olhei-a, olhos nos olhos. Naquele momento pareceram-me maiores do que de costume. Quase nem sentia a brisa nos braços nus.

– Não – limitei-me a dizer. – A senhora Fridge... não nos conhecia assim há tanto tempo.

Billie pestanejou, confusa.

– Desculpa... mas não disseste que foi ela quem deu o nome ao Rigel quando ele ali chegou?

– Não – respondi de forma mecânica, e senti de novo aquela necessidade de *arranhar*, mas as minhas unhas permaneceram imóveis. – Foi a tutora antes dela.

Billie ficou espantada. Miki, ao lado dela, tinha os olhos fitos em mim.

A suas pupilas olhavam para mim com atenção, e eu tive quase a certeza de senti-las a rasgarem o ar. A rangerem sobre a minha pele, a escavarem e a ficarem gravadas dentro da carne.

– A tutora antes dela? – ouvi Billie dizer. O vento tinha-se transformado num zumbido que me mordida os pulsos.

– Há duas tutoras?

As minhas unhas ficaram imóveis. Tão imóveis que conseguia notar os sulcos nas minhas coxas.

– Nunca nos tinhas dito tal coisa!

Billie inclinou-se para a frente com aqueles seus olhos enormes que me observavam – e então eu comecei a sentir a dor das unhas que se enterravam na pele. As pupilas de Miki eram como dois projéteis vorazes, monstruosos, que estavam a devorar-me a pouco e pouco.

– Portanto – ouvi ainda, ao mesmo tempo que o sangue me pulsava nos ouvidos –, quer dizer que não foram criados pela senhora... Fridge. É assim que se chama, não é? Mas sim pela mulher antes dela?

Os meus sentidos ribombavam. A pele estava tensa e tremia. Sentia-me húmida, viscosa e gelada. Possuía alfinetes cravados nas cordas vocais, por isso limitei-me a acenar com a cabeça, de forma mecânica como um soldadinho de chumbo.

– E quantos anos é que vocês tinham quando a senhora Fridge chegou?

– Doze – ouvi-me responder, como se não fosse eu.

Não estava ali, tudo parecia amplificado, sentia apenas o meu corpo a ponto de explodir: comecei a sentir chegar o suor, a agitação, os estertores, o coração a ser arrancado do peito, o terror que me impedia de respirar. Escondi, contive-me e engoli em seco, implorei para que alguém parasse tudo, mas os olhos de Miki continuavam a fitar-me e o mal-estar esmagou-me. Os espinhos na garganta aguçaram-se, sufocaram-me e os meus olhos dilataram-se. Tudo pulsou e eu ouvi de novo aquela voz dilacerar-me a alma como um monstro.

«Sabes o que acontece se contares a alguém?»

Billie inclinou-se mais para a frente, com a enésima pergunta nos lábios, mas nesse momento Miki entornou sem querer o copo de sumo.

Uma golfada de líquido invadiu a mesa e Billie reprimiu um gritinho, esquivando-se com rapidez; resgatou o livro de Biologia antes de este ficar molhado e repreendeu a amiga pela sua desatenção.

E foi então que se perdeu o fio da conversa.

O interesse delas deu-me uma trégua e parei de me sentir obcecada. Só nesse momento é que levantei as mãos.

Quando o fiz, vi as marcas das minhas unhas no tecido das calças.

Essa noite a casa encontrava-se silenciosa. Só lá estávamos eu e o copo que segurava nas mãos.

– Nica?

Anna tinha os cabelos algo em desalinho e a mão a agarrar o roupão, mantendo-o fechado.

– O que é que estás a fazer aqui? – perguntou, entrando na cozinha.

– Estava com sede.

Anna dirigiu-me um olhar demorado e eu dei por mim a baixar a cara.

Aproximou-se de mim, lenta e silenciosa. Esforcei-me por não erguer os olhos para ela, porque tinha medo do que poderia ler dentro deles. Não havia luz no meu olhar, apenas o negrume de tudo o que nunca seria capaz de eliminar.

– Não é a primeira vez que ficas acordada – comentou com voz suave. – Às vezes, quando vou à casa de banho a meio da noite, vejo uma luzinha acesa no corredor; vem pela fresta da porta do teu quarto. Volta e meia ouço-te descer as escadas... e depois acabo por adormecer antes de te ouvir a voltar para cima de novo. – Hesitou, fitando-me com delicadeza. – Nica... não consegues dormir?

Havia tato e gentileza na sua voz, no entanto não fui capaz de me deixar acariciar por ela.

Sentia chagas no mesmo lugar onde ela procurava os meus olhos.

Sentia cicatrizes que não cessavam de sangrar.

Sentia pesadelos onde os outros possuíam sonhos, quartos escuros e o cheiro a couro.

Sentia que devia *ser boa*.

Levantei os olhos do copo, e encarei-a de frente; depois entreabri os lábios e sorri daquela maneira algo artificial e plastificada.

– Está tudo bem, Anna. Às vezes não consigo adormecer. Não há motivo para te preocupares.

Os meninos bons não choram.

Os meninos bons não falam.

Os meninos bons escondem as nódoas negras e mentem só quando lhes dizem para mentir.

Eu já não era uma criança, mas uma parte dentro de mim ainda conversava com essa mesma vizinha.

Anna acariciou-me a cabeça.

– Tens a certeza?

Agarrei-me ao seu gesto de forma involuntária e com tanto desespero que senti vontade de tremer. Bastava aquela doçura para me quebrar em pedaços. Assenti, tendo mostrado um sorriso mais animado, e ela preparou um chá de camomila. Recusei quando me ofereceu um pouco. Decidi, por fim, dar-lhe as boas noites e voltei para cima.

O meu corpo pesava mais a cada degrau que subia. Cheguei ao quarto e estendi uma mão na direção da maçaneta antes de uma voz me deter.

– Eu sei porque é que não consegues dormir.

Os meus olhos continuaram fitos na porta, com uma expressão vazia. Não

me sentia com forças para um confronto com ele, não naquele momento.

Virei-me com olhos mortícios, com a calma de quem tem consciência dos seus demónios e os mostra com resignação.

– Tu és o único que não sabe de nada.

Rigel olhou para mim da soleira da porta do seu quarto, envolto na escuridão. Em seguida, baixou as pálpebras.

– Estás enganada.

– Não – sussurrei com dureza.

– Sim...

– Ela *amava-te!*

A garganta ardeu-me com o esforço. Tinha levantado a voz. Dei-me conta de que tinha os punhos cerrados e os cabelos a cobrirem-me a cara.

Aquela reação atordoou-me tanto que me perguntei como era possível que pudesse pertencer a um espírito dócil como o meu. Logo eu, que vivia de delicadezas, cedia sob o peso do medo de uma maneira assustadora.

A culpa era dessas recordações. A culpa era *Dela*. A culpa era das fendas que haviam marcado a minha infância e a de muitos outros. A infância que concedeu a Rigel, o filho das estrelas, em detrimento de todos nós.

– Tu *nunca* foste capaz de entender.

Naquele momento tive vontade de odiar o modo como me sentia unida a ele. O modo como me infestava os pensamentos. Aquele sentimento de doce agonia.

Tive vontade de odiar o modo como permitia que ele olhasse para mim como nenhum outro olhava, tão frágil e repleta de arranhões que aos olhos dos outros se encontravam sempre ocultos por detrás de um penso rápido.

Ele nunca iria compreender.

Entrei no meu quarto e fechei a porta, tal como esperava deixar trancada lá fora toda a minha dor.

Tal como esperava poder fazer uma vez mais, e outra ainda.

Escondendo e omitindo.

Encobrimo com um sorriso.

Ainda não sabia que amanhã... no dia seguinte...

Cada um dos meus escudos seria definitivamente destruído em mil pedaços.

Sem falar

*Não há pele que possa cicatrizar
uma ferida da alma.*

Nesse dia chovia.

O céu era uma placa de metal sujo, e o alperceiro do jardim emanava um odor tão forte que penetrava inclusive na casa.

A voz de Asia ressoava no ar.

Dalma tinha passado lá por casa para nos ver, levando consigo um bolo para agradecer a Anna as lindas flores que lhe tinha enviado; Asia, de regresso das aulas na faculdade, estava a participar da tagarelice entre elas na sala de estar.

Nem sequer me tinha cumprimentado.

Tinha entrado, trazendo na mão um pacote daqueles biscoitos de amêndoa de que o Norman tanto gostava; tinha deixado a mala em cima do sofá, o casaco no bengaleiro, e dirigiu-se à cozinha onde eu e a Anna estávamos a preparar o serviço de chá.

– Asia! – Anna deu-lhe um beijo em ambas as faces. – Como é que correram as aulas?

– Uma seca – tinha replicado ela, sentando-se junto à bancada da cozinha.

Eu tinha baixado a mão, certa de que já não iria retribuir o meu cumprimento.

Norman desceu as escadas quando já todas se encontravam acomodadas na sala de estar. Deteve-se por uns instantes a fim de as cumprimentar enquanto Anna colocava o bule de chá fumegante no tabuleiro.

Naquele momento alguém tocou à porta.

– Nica, podes levá-lo tu para a sala, por favor? – pediu antes de ir abrir a porta.

Ouvi-a atravessar a sala de estar enquanto eu dispunha o serviço de chá em

cima da mesa, e Dalma perguntou-me se estávamos à espera de mais alguém.

Não sabia de quem podia tratar-se. No meio do tilintar das chávenas e da tagarelice, captei apenas uma voz masculina.

– A senhora Anna Milligan? – ouvi dizer.

Passado um momento ressoaram passos no pavimento.

O desconhecido entrou em casa, e fiquei surpreendida ao ouvir Anna gaguejar devido à confusão. Norman pôs-se de pé, e eu também junto com ele.

Na soleira da porta surgiu um homem alto e bem vestido; nunca o tinha visto antes. Envergava um casaco que lhe cingia os ombros estreitos e consegui entrever um par de suspensórios que lhe cruzavam a camisa. Ao pescoço não usava gravata, e no seu rosto estava esculpida uma expressão indecifrável.

Os olhares de todos recaíram sobre ele.

– Peço desculpa pela interrupção – disse, reparando que não se tratava da única visita.

Havia algo de profissional na sua maneira de falar.

– Não era minha intenção incomodar-vos num momento de lazer. Não vos roubarei muito tempo.

– Desculpe, mas quem é o senhor?

– Norman – balbuciou Anna –, ele... O senhor...

– O senhor é o senhor Milligan? – deduziu o homem, reconhecendo-o pelo nome. – Boa tarde. Perdoe-me pela visita, mas não estou aqui para me alongar. Serei breve. Só vos peço alguns minutos do vosso tempo.

– Do... nosso tempo?

– Não, não do vosso – retificou o homem. – Tenho umas perguntas a fazer aos dois jovens que vivem convosco.

– Como?

– Os jovens que se encontram em acolhimento provisório sob a vossa custódia, senhor Milligan. – O homem, impassível, deixou vaguear o olhar pelas paredes. – Estão em casa?

Um silêncio pesado abateu-se sobre nós. Depois Asia e Dalma viraram-se para mim.

Encontrava-me de pé, de costas para a cozinha e com uma expressão de tal maneira surpreendida que mal conseguia ouvir o som da minha respiração.

Também os olhos do homem estavam pousados em mim.

– É a menina? A rapariga que mora aqui?

– Mas o que é que o senhor quer dela? – perguntou Anna, munindo-se de coragem; ele ignorou-a, continuando a dirigir-se a mim.

– Menina Dover, tenho algumas perguntas para lhe fazer.

– Afinal de contas – disparou Norman –, quem é o senhor? E o que é que está a fazer em nossa casa?

O homem desviou os olhos de mim. Cravou-os nele, glaciais, e em seguida

enfiou uma mão no bolso.

Fitou-o com seriedade, e por detrás da placa resplandecente do distintivo anunciou:

– Detetive Rothwood, senhor Milligan. Departamento de Polícia de Houston.

Todos o fitaram atónitos e horrorizados.

– O... o quê? – gaguejou Norman.

– Deve haver um engano – interveio Anna. – Não? A que propósito é que há de querer interrogar...

– Rigel Wilde e Nica Dover – leu o homem num cartão que tirou do bolso. – Residentes no número 123 de Buckery Street, na companhia de Anna e Norman Milligan. O endereço é este mesmo. – O detetive Rothwood meteu o papel no bolso do casaco e depois ergueu os olhos na minha direção. – Menina Dover, com a sua permissão, gostaria de conversar consigo em particular.

– Não, não, espere um momento! – Anna observou-o com determinação, interpondo-se entre nós. – O senhor não pode chegar aqui e começar a fazer perguntas sem dar nenhuma explicação! Os garotos são menores de idade, e não vai discutir nada com eles enquanto não nos disser a razão por que se encontra aqui!

O detetive Rothwood dirigiu-lhe um olhar de soslaio. Por um momento julguei que fosse de enfado, mas não tardei a perceber que se tratava apenas de compreensão. A atitude de Anna era o mais parecido com o instinto de proteção que alguma vez eu tinha visto.

– As informações que procuro estão relacionadas com uma questão delicada que chamou a nossa atenção há pouco tempo. Foi aberto um inquérito, e estou aqui para recolher depoimentos e tentar esclarecer o ocorrido.

– A propósito de quê?

– A propósito de alguns acontecimentos relacionados com o orfanato de Sunnycreek Home.

Ouvi-o como se fosse através de um vidro.

Fiquei gelada. Um pressentimento terrível abriu caminho dentro de mim, mas quase não ouvia o que ele dizia, porque algo muito subtil gritava dentro dos meus ouvidos.

– O Sunnycreek? – Anna fitou-o, carrancuda. – Não compreendo. Que espécie de acontecimentos?

– Acontecimentos que remontam há vários anos – especificou o detetive. – A minha intenção é apenas apurar a sua veracidade.

Aquela pontada de pressentimento transformou-se num sinal, depois numa nódoa negra, uma mancha, e por fim uma gangrena. Propagou-se como tinta, e senti ainda alguma coisa a *arranhar* algures sem parar.

Eram as minhas unhas.

– Trata-se de uma questão de suma importância. É precisamente para tentar esclarecer esse assunto que me encontro aqui.

Havia qualquer coisa errada naquela sala, as paredes estavam a distorcer-se, inclinando-se na minha direção: um lento desmoronamento que perdia a cor, que enchia as paredes de rachas e de teias de aranha.

Um quartinho escuro.

Os olhos do detetive aceleraram aquela derrocada como se eu tivesse receado aquela sentença durante toda a vida.

– Menina Dover. O que é que pode dizer-me a propósito de Margaret Stoker?

Senti a garganta fechar-se. A minha mente precipitou-se num mecanismo que alarmou o meu corpo, e a realidade começou a descarrilar.

– Quem é essa mulher? E porque é que os garotos teriam de conhecê-la?

– Acontece que a senhora Stoker esteve à frente dos destinos do orfanato antes de Angela Fridge. No entanto, depois de vários anos de serviço ininterrupto ocupando esse cargo, abandonou a instituição. As circunstâncias da sua demissão não são claras. Menina Dover, lembra-se de alguma coisa... em particular, sobre Margaret Stoker?

– Agora já chega!

A voz de Anna cortou o ar. Os batimentos do meu coração ensurdeciam-me, as reações familiares começavam a galopar dentro de mim a uma velocidade nauseabunda. Vi-a de pé de costas para mim, como que a querer proteger-me.

– Queremos saber o que está a acontecer. Chega de respostas sem sentido! Que história é esta? Seja claro de uma vez por todas!

O detetive Rothwood persistia em fitar-me. O seu olhar perfurava-me, desnudava-me, era como uma obsessão. Quando o desviou, continuei a senti-lo, fincado dentro de mim como um bisturi abandonado por um cirurgião.

– Há poucos dias chegou uma denúncia ao condado de Houston. Foi apresentada por um certo Peter Clay, um antigo residente do orfanato de Sunnycreek, agora um adulto. A denúncia em questão referia-se a alguns tipos de castigos que não se encontram em conformidade com as diretivas da instituição.

– Castigos?

– Castigos corporais, senhora Milligan – especificou o detetive Rothwood, dirigindo-lhe em seguida um olhar de aço. – Sevícias e agressões contra as crianças. Margaret Stoker encontra-se atualmente acusada de maus tratos e de abusos agravados contra menores.

Deixei de ouvi-lo.

Peter, latejou-me com violência na cabeça. Foi o Peter.

A sala rodopiou com fúria.

O Peter tinha falado. Tinha dado com a língua nos dentes e agora o negrume transbordava por todo o lado, devorando tudo ao seu redor.

Sensações gélidas e loucas vibraram-me na pele, gelaram o meu coração e reviraram-me o estômago. Regressou a agitação, o suor, a sensação de sufocamento. A náusea. O ar martelou à minha volta como uma criatura viva e as palpitações aumentaram até me magoarem, quase até me afundarem o peito.

O Peter tinha falado e agora todos iriam ver. Precisava de me esconder, cobrir-me, fugir, mas as pernas eram como chumbo e o meu corpo ficou petrificado. A minha mente encheu-se de recordações – o barulho do metal, do couro debaixo dos dedos – *e as unhas que arranhavam e arranhavam e arranhavam sem piedade alguma.*

Os meus olhos esbugalhados vibraram por toda a parte.

– Não pode estar a falar a sério... – murmurou Anna ao mesmo tempo que os meus tremores se tornavam cada vez mais fortes. – Isto é... é inconcebível... Nica, ela...

Virou-se para trás. E viu-me.

Viu-me. Eu, que estava reduzida a um mero feixe de calafrios, olhos devastados por uma verdade silenciada durante demasiado tempo.

Eu, que era um emaranhado de frio e de suor, de ansiedades e de medos.

Eu, que estava a tremer de maneira incontrollável.

E então a sua boca estremeceu. O seu olhar tornou-se incrédulo e angustiado. A sua voz fez-me desejar desaparecer.

– Nica... – sussurrou, transtornada.

E o terror explodiu como um monstro. A minha pele dilacerou-se, chegou a taquicardia e ânsias febris deixaram-me sem respiração: enchi-me de arrepios e foi como sentir que me esmagavam de novo – *as correias, a impotência, a escuridão, os gritos.*

Dei um passo à retaguarda.

Todos me fitaram com horror e perplexidade, *não, não, não, não olhem assim para mim, serei boa*, gritou a menina que havia dentro de mim, *serei boa, serei boa, serei boa, juro.*

Agora sabiam o quanto eu era má, feia, destroçada, inútil e arruinada, e de repente todos olharam para mim como *Ela* me olhava, todos possuíam os seus olhos, o seu olhar, a sua censura e o seu desprezo. Voltei a ver o rosto dela, ouvi a sua voz, senti o seu cheiro, as suas mãos sobre as nódoas negras e foi demasiado. Foi insuportável.

O meu coração explodiu.

– Nica!

Fugi dali com as pupilas dilatadas e os pulmões inchados de pânico.

Corri através da cozinha, mas antes mesmo de me aperceber, esbarrei em alguma coisa. Ergui dois olhos rasos de lágrimas e sobressaltei-me com um arrepio, tremendo quando percebi que ele tinha ouvido tudo.

O olhar de Rigel foi o golpe de misericórdia. As suas íris apagadas e conscientes, repletas de tudo o que nós os dois sempre soubemos, despedaçaram-me em definitivo.

Esquivei-me a ele e corri, fugindo pela porta das traseiras. Ouvi vozes que me chamaram ao mesmo tempo que mergulhava na chuva: a humidade impregnou-me o pescoço e nunca como naquele momento senti tanto a necessidade do céu, do ar livre, de fugir de paredes e de tijolos e saber que se encontravam o mais longe possível de mim.

Fugi porque nunca tinha feito outra coisa na vida.

Fugi porque aqueles olhares eram mais do que me sentia capaz de suportar.

Fugi porque não tinha coragem de me ver com os olhos deles.

Enquanto corria com os pulmões em colapso, e o temporal me caía em cima como um dilúvio, dei-me conta de que por mais longe que eu fosse, o Grave me seguiria para sempre.

Ela e aquele quarto escuro nunca me abandonariam.

Nunca seria de facto livre.

O desespero impeliu-me numa corrida desenfreada. Precipitei-me num mundo embaciado pela água, e a lembrança da desilusão no rosto de Anna dilacerou-me a alma até que acabei por desabar no terreno lamacento do pequeno parque perto do rio.

Tinha as roupas todas encharcadas. Escondi-me ali dentro, à sombra de um arbusto, tal como costumava fazer no jardim do Grave quando tentava fugir *Dela*. Procurava a vegetação, a paz, o silêncio e rezava para que não me encontrasse.

O frio mordeu-me a pele. A água ensopou-me os sapatos e a minha respiração transformou-se num débil estertor.

Fiquei ali até que o gelo me penetrou os ossos, congelando tudo. A pouco e pouco fui ficando com a vista turva.

Quando parecia que todas as coisas se desvaneciam, ouvi um ruído de passos sobre a terra molhada. Aproximavam-se devagar, amortecidos pelo estrepito da chuva. Detiveram-se na minha frente.

Vislumbrei um par de sapatos por entre as exalações cada vez mais fracas da minha respiração. Fechei os olhos e tudo se extinguiu junto comigo.

E à medida que os sentidos me iam abandonando... dois braços levantaram-me do chão. Envolveram-me e eu reconheci um perfume familiar, um perfume que despedaçou qualquer coisa dentro de mim, como se fosse algo semelhante a um odor a lar. Derreti-me naquele amplexo cálido, escondendo o rosto na curvatura desse pescoço.

– Serei boa – sussurrei, não me restando mais forças.

Logo em seguida, a escuridão engoliu-me e eu perdi-me nas minhas próprias trevas.

Serei boa

*Só quem conheceu a escuridão
cresce à procura da luz.*

Eu nunca fui forte.

Nunca o consegui.

– Possuis a natureza de uma borboleta – costumava dizer a minha mãe –, és um espírito do céu. – Tinha-me posto o nome de Nica porque ela amava as borboletas acima de qualquer outra coisa.

Nunca me esqueci disso.

Nem mesmo quando o seu sorriso se extinguiu no meio das minhas recordações.

Nem mesmo quando não restou dela nada mais a não ser a *delicadeza*.

Tudo o que eu sempre havia desejado era uma segunda oportunidade.

E adorava o céu por aquilo que era, um manto límpido e nuvens brancas. Adorava-o porque mesmo depois de um temporal chegava sempre a calma. Adorava-o porque quando todas as coisas se desmoronavam, ele permanecia o mesmo.

– Possuis a natureza de uma borboleta – costumava dizer a minha mãe.

Por uma vez, desejei que ela estivesse enganada.

Recordava aquele rosto como a pele recorda um hematoma: uma mancha nas minhas lembranças que nunca mais desapareceria.

Recordava-o porque o tinha esculpido tão fundo dentro de mim que não poderia esquecê-lo.

Recordava-o porque tinha tentado amá-lo, como se a minha segunda oportunidade fosse ela.

Tinha sido o meu maior arrependimento.

Eu adorava o céu e ela sabia disso. Sabia-o, tal como sabia que Adeline odiava os barulhos estridentes e que Peter tinha medo do escuro.

Era no ponto onde mais nos doía que ela chegava. Fazia uso das nossas fraquezas, e essas eram as partes onde também os mais crescidos de nós permaneciam um pouco crianças. Tal como as bonecas, possuíamos costuras de todas as formas e medos, mas ela conseguia sempre encontrar o fio que nos descosia pedaço por pedaço.

Castigava-nos porque nos portávamos mal.

Porque era o que os meninos maus mereciam, a expiação da sua culpa.

Eu não sabia qual era a minha. Na maioria das vezes nem sequer percebia porque é que ela fazia isso.

Era demasiado pequena para compreender, mas recordava cada um desses momentos como se os tivesse tatuado na memória.

Nunca desapareciam.

Quando um de nós era castigado, todos os outros se encerravam nas próprias costuras e rezavam para não receber mais.

Mas eu não queria ser uma boneca, não, eu queria ser o céu com aquele manto límpido e aquelas nuvens brancas, porque não importava quantos rasgões o percorressem, não importava quantos trovões e relâmpagos afetassem a sua serenidade: ele voltava sempre a ser o mesmo, sem nunca se despedaçar.

Era assim que eu sonhava ser. Livre.

Contudo, transformava-me em porcelana e em trapos, quando os *seus* olhos pousavam em mim.

Arrastava-me à força e eu já conseguia ver a porta da cave, as escadas estreitas que desciam por um abismo escuro. Aquela cama sem colchão e as correias que me imobilizariam os pulsos durante a noite toda.

Os meus pesadelos teriam a aparência daquele quarto para sempre.

Mas ela...

Ela era o meu maior pesadelo.

Serei boa, dizia para mim mesma quando ela passava ao meu lado.

Tinha as pernas demasiado curtas para poder encará-la de frente, mas nunca esqueceria o som dos seus passos. Constituía o terror de todos nós.

– Serei boa – sussurrava, retorcendo as mãos, desejando ser invisível como uma racha no reboco.

E eu tentava ser obediente, esforçava-me por não lhe dar pretextos para me castigar, no entanto eu possuía aquela natureza de borboleta, e a delicadeza que a minha mãe me havia legado. Curava lagartixas e pássaros feridos, sujava as mãos com a terra e o pólen das flores, e ela odiava as imperfeições tanto

quanto as fraquezas.

– Para com essa parvoíce dos pensos rápidos como se fosses uma pequena mendiga!

São a minha liberdade, gostaria de lhe ter respondido, *todas as cores que possuo*. Mas ela arrastava-me à força e eu só conseguia agarrar-me à sua saia.

Não queria ir lá para baixo, não queria passar a noite ali.

Não queria sentir o ferro da cama a arranhar-me as omoplatas – eu sonhava com o céu e com uma vida fora dali, com alguém que me pegasse na mão e não pelo pulso.

E talvez esse dia chegasse. Talvez tivesse olhos celestiais e dedos demasiado gentis para causarem nódoas negras, e então a minha história já não seria uma história de bonecas, mas sim outra coisa diferente.

Um conto de fadas, quem sabe.

Com os arabescos a fio de ouro e aquele final feliz com que nunca deixara de sonhar.

A cama vibrava sob o clangor das malhas de arame.

As minhas pernas tremiam e a escuridão encerrava-se sobre mim, descendo como um pano de boca.

Em torno dos meus pulsos, as correias rangiam à medida que me debatia, esperneava, arranhava febrilmente o couro.

Os olhos arderam de lágrimas e o meu corpo contorcia-se, reclamando por uma migalha da sua atenção.

– Serei boa!

As unhas arranhavam e partiam-se com o desespero de conseguir libertar-me.

– Serei boa! Serei boa, serei boa, juro!

Ela saiu pela porta que havia atrás de mim e a escuridão engoliu o quartinho.

Só restou uma réstia de luz projetada na parede em frente: depois negro sobre negro, e o eco dos meus gritos.

Eu sabia... sabia que nunca devia falar sobre esse assunto.

Nenhum de nós devia, mas havia alturas em que a luz se infiltrava inclusive por entre as paredes do Grave, havia alturas em que calar parecia um castigo ainda pior.

«Sabes o que acontece se contares a alguém?»

A sua voz, aquele silvo como unhas sobre um quadro de ardósia.

«Queres saber?»

Quem me fazia essa pergunta eram sempre os seus dedos impressos na carne do meu cotovelo. E eu baixava a cara, como sempre não era capaz de olhá-la, olhos nos olhos – porque havia abismos nas suas pupilas, havia quartinhos escuros e medos que eu não tinha coragem de ver.

– Queres mesmo saber o que é que acontece às crianças *desobedientes*?

Ela intensificou tanto o aperto no meu braço fino até que o fez estalar.

E eu sentia o coração derrapar numa descida que conhecia muito bem, as correias a imobilizarem-me, a *esmagarem-me*, o som do couro debaixo das unhas, esta descida que era puro pânico, e então abanava a cabeça, cerrando os lábios, e assegurava-lhe, abrindo muito os olhos arregalados que seria *boa, boa, boa* tal como ela gostava.

Éramos um pequeno orfanato na periferia de uma cidade que se havia esquecido de nós. Não éramos nada aos olhos do mundo, e não éramos nada nem sequer aos olhos dela.

Ela, que deveria ser mais bondosa, mais paciente, e mais amorosa do que uma mãe, parecia fazer tudo para ser o extremo oposto.

Ninguém tinha conhecimento do que ela fazia.

Ninguém via a sua maldade na nossa pele.

Contudo, eu preferia uma bofetada à cave. Preferia um soco às correias amarradas aos pulsos. Preferia uma nódoa negra àquela jaula de ferro, porque sonhava em ser livre, e as nódoas negras não entram dentro de nós, as nódoas negras ficam do lado de fora e não nos impedem de voar.

Eu costumava sonhar com um mundo bom e via a luz mesmo onde esta não existia. Procurava nos olhos dos outros aquilo que nunca havia encontrado nos dela, e sussurrava orações em silêncio que eles não conseguiam ouvir – *escolhe-me, suplico-te, escolhe-me, por favor. Olha para mim e escolhe-me, por uma vez, escolhe-me a mim.*

No entanto, nunca ninguém me escolhia.

Nunca ninguém me via.

Eu era invisível aos olhos de todos. Desejaria sê-lo também aos olhos dela.

– O que foi que eu te disse?

Os meus olhos húmidos, apontando para baixo, cravados nos sapatos, incapaz de erguê-los.

– Responde-me – sibilou. – O que foi que eu te disse?

As minhas mãos tremeram, apertando a lagartixa de encontro ao peito. Senti-me tão insignificante, com as minhas pernas curtas de menina e aquelas pontas dos pés que convergiam sempre para dentro.

– Queriam fazer-lhe mal... – a minha vozinha era sempre demasiado fraca.
– Queriam...

O puxão deixou-me sem palavras.

Tentei segurar a lagartixa, mas foi inútil: arrancou-ma das mãos com violência e eu estendi os braços, com os olhos arregalados.

– Não...

Ardor de pele contra pele, palma da mão na face, a forte explosão da bofetada. Abrasadora, pungente, como uma série de picadas de vespa.

– Lembras-te do que me contaste?

À sombra daquele temporal, os olhos de Adeline eram a única cor num mar de cinzento.

– Aquilo que a tua mãe te disse... lembras-te?

Assenti e ela pegou-me na mão; senti o seu olhar nas minhas unhas em carne viva, que no desespero se tinham partido sobre o couro das correias.

– Sabes como é que se faz para que tudo passe?

Ergui dois olhos arroxeados e chorosos e Adeline presenteou-me com um dos seus sorrisos. Depositou-me um beijo em cada uma das pontas dos dedos.

– Estás a ver? – disse, debruçando-se sobre mim. – Agora a dor já passou.

E na realidade sabia que nunca deixariam de doer. Todos sabiam, porque cada um de nós possuía as suas próprias costuras, mas sangravam todas do mesmo modo.

Adeline estreitou-me de encontro ao peito, de encontro às roupas puídas que lhe caíam em cascata sobre os ombros, as mesmas que eu envergava. E eu deixei-me envolver pelo seu calor como se fosse a última réstia de sol que havia no mundo.

– Não te esqueças disso – sussurrou, como se aquela recordação da minha mãe também lhe pertencesse um pouco a ela.

Então eu escavei no fundo da memória e estreitei essas lembranças com toda a delicadeza que possuía.

– És um espírito do céu – repetiu-me como uma lengalenga. – Tal como o céu, não te despedaças.

– Foste tu?

Comecei a tremer. O terror deixou-me paralisada.

Um cão vadio tinha entrado no orfanato e deu-lhe cabo do gabinete, espalhando os papéis por todo o lado.

Nada me aterrava mais do que vê-la zangada. E naquele momento ela estava furiosa.

– Foste tu que o deixaste entrar?

– Não – sussurrei com a minha vozinha ansiosa. – Não fui, juro...

Os seus olhos incendiaram-se de forma assustadora. Fui acometida pelo medo. A respiração acelerou, o coração disparou e tudo desmoronou de uma maneira terrível.

– Não, por favor... – choraminguei, recuando. – Não...

As mãos dela precipitaram-se para a frente. Fez menção de me agarrar e eu virei-me, tentando fugir, mas não consegui. Agarrou-me pela blusa e bateu-me com rapidez e violência, assestando-me o punho como uma pedrada no fundo das costas. Sustive a respiração e fiquei com a vista turva.

Caí no chão, com os rins em chamas, e a dor foi como uma descarga em todo o meu corpo.

– Tu e essas tuas manias asquerosas! – berrou, elevando-se acima de mim, ameaçadora.

Não conseguia respirar. Fiz um esforço para me levantar, mas uma tontura impediu-me. Umas pontadas insuportáveis causaram-me mais lágrimas e perguntei-me se à noite iria encontrar sangue na urina. Cobri-me com as mãos trémulas e rezei para ser invisível.

– É por isso que ninguém te quer – sibilou. – Não passas de uma desobediente, uma pequena mentirosa imunda. É aqui que ficam aqueles como tu!

Mordi a língua e tentei não soluçar, porque sabia o quanto isso a irritava.

Ela estava a quebrar-me alguma coisa por dentro, algo que em vez de crescer, permaneceria pequeno para sempre. Frágil, infantil e destruído. Algo de desesperado e ingénuo que me induziria a ver o lado bom em tudo e em todos só para não ver o seu lado pior.

Porque não é verdade que as crianças deixam de ser crianças quando sofrem desilusões.

Algumas veem-se destituídas de tudo.

E permanecem crianças para sempre.

«Escolhe-me», implorava na minha cabeça, quando alguém vinha visitar-nos.

«Olha para mim. Sei ser boa, juro, sei ser boa. Dou-te o meu coração, mas escolhe-me, por favor, imploro-te, escolhe-me...»

– O que foi que ela fez aos dedos? – perguntou certo dia uma senhora. O seu olhar estava cravado nas minhas unhas partidas.

E por um momento de loucura o mundo deteve-se e eu esperei, esperei que ela visse, compreendesse, falasse, por um momento todos os outros permaneceram imóveis assim como eu, com os olhos arregalados e sustendo a

respiração.

– Oh... Nada.

A tutora aproximou-se com aquele sorriso que era uma praga, que fazia gelar o sangue.

– É... Sabe, quando ela brinca ao ar livre, não faz outra coisa a não ser escavar a terra. Escava o tempo todo, sem parar, revolve a erva, procura pedras... Gosta imenso de fazer isso. Não é verdade?

Tive vontade de berrar, de confessar, mas o seu olhar sugou-me a alma. Os hematomas pulsaram todos em conjunto. O meu coração feneceu. E ela na realidade encontrava-se dentro de mim, porque o terror devorou-me e fez-me assentir. Naquele momento tive medo de não conseguir fugir, tive medo daquilo que me faria se não tivesse acreditado em mim.

E nessa noite a cama estremeceu, no meio dos gritos, e dos pontapés, e das correias que me apertavam os pulsos. Mais uma vez a escuridão abateu-se sobre mim, para me castigar por ter chamado a atenção, entre lágrimas e gritos que permaneceriam ali dentro para sempre.

– Serei boa! Serei boa! Serei boa!

E teria gritado até perder a voz, se não fosse... por aquele pormenor.

Aquele único pormenor.

De vez em quando a porta abria-se às escondidas, desenhando um crescente de luz que diminuía pouco depois, e depois uns passos na escuridão aproximavam-se da cama. Uns dedos tépidos encontravam a minha mão, pegavam-lhe, apertavam-na com doçura e o polegar descrevia círculos de carícias que nunca mais esqueceria.

E depois tudo se desvanecia... Então aquela dor esfumava-se por entre as lágrimas, e o meu coração abrandava. Os batimentos cardíacos abrandavam, os estertores transformavam-se em silvos e o meu olhar esforçava-se por atribuir um rosto ao único gesto que era capaz de me confortar.

No entanto, nunca conseguí ver nada.

Havia apenas aquela carícia.

Apenas aquele único alívio.

Pouco a pouco

E a menina disse ao lobo:

– Como é grande o teu coração.

– É apenas a minha raiva.

Então ela disse:

– Como é grande a tua raiva.

– É para esconder o coração de ti.

Estava deitada.

Sentia os braços ao longo dos flancos e as pernas estendidas. A cabeça pesava.

Tentei mexer-me, mas não fui capaz. Algo me impedia, pregando-me ao colchão.

Tentei levantar as mãos e senti-as presas.

– Não... – saiu-me dos lábios, ao mesmo tempo que a respiração se enchia de pânico. O *stress* perfurou-me o coração, comprimindo-o com precipitação de encontro às costelas.

Tentei levantar-me, mas alguma coisa me impedia.

– Não...

Tudo começou a latejar de novo, como um pesadelo sem fim. Os meus dedos contraíram-se, arranharam, escavaram, não conseguia mexer-me.

– Não, não, não! – berrei. – *Não!*

A porta abriu-se de par em par.

– Nica!

Várias vozes encheram o quarto, mas continuei a debater-me sem ver ninguém. O pânico cegava-me. Sentia apenas o meu corpo bloqueado.

– Senhor doutor! Ela acordou!

– Nica, acalma-te! Nica!

Depois alguém abriu caminho entre eles, afastou-os de forma enérgica e com um puxão libertou-me.

Respirei de uma só vez.

Apressei-me a enroscar-me de encontro à cabeceira da cama e, ainda transtornada, agarrei-me à mão que encontrei ao meu lado, estreitando-a entre os dedos. A pessoa que me havia libertado ficou rígida quando me agarrei a ela com unhas e dentes. Encostei a testa àquele pulso, tremendo e apertando os olhos com toda a força.

– Serei boa... Serei boa... Serei boa...

Todos olharam para mim sem respirar.

A mão que eu apertava fechou-se num punho e eu implorei para que não me largasse. Só quando entreabri as pálpebras, alguns instantes depois, é que percebi a quem pertencia.

Rigel olhou para mim e cerrou o maxilar. Pousou as pupilas sobre os olhos de Dalma e de Asia – e de um homem que eu nunca tinha visto – e, com um tom de voz lapidar, sibilou:

– *Saiam daqui!*

Verificou-se um longo momento de silêncio, mas não ergui os olhos. Passado um bocado, ouvi o ruído dos seus passos, quando saíram do quarto devagar.

Anna aproximou-se de mim.

– Nica...

A palma da sua mão pousou no meu rosto. Senti-lhe o calor na bochecha. Aquela era a minha cama, era o meu quarto. Já não me encontrava no Grave. Percebi que o que me havia imobilizado eram apenas os cobertores que alguém tinha entalado demasiado apertados.

Não havia correias nem malhas de metal.

– Nica – sussurrou Anna com voz desesperada –, está tudo bem...

O colchão cedeu sob o peso do seu corpo, mas não era capaz de soltar o pulso de Rigel. Apertei-o até que os dedos de Anna deslizaram com delicadeza dentro dos meus e me convenceram a largá-lo.

Acariciou-me a cabeça devagar, e eu ouvi os passos de Rigel afastarem-se: quando ergui os olhos para o procurar, só vi a porta do quarto a fechar-se.

– Está um médico lá fora. – Anna olhou para mim abalada. – Chamámo-lo assim que chegaste a casa... Gostaria que ele te examinasse. Podias ter uma pontada de febre e sentir alguma tontura... Troquei as tuas roupas, mas pode ser que ainda sintas frio...

– Desculpa – interrompi-a com um sussurro sumido.

Anna parou de falar. Olhou para mim com os lábios entreabertos e eu fui incapaz de lhe sustentar o olhar.

Sentia-me vazia, despedaçada e defeituosa. Sentia-me destruída.

– Gostaria de ser perfeita – confessei-lhe. – Por ti. Pelo Norman.

Gostaria de ser como os outros, essa era a verdade.

Contudo, permaneci ingênua e frágil. Repetia para mim mesma *serei boa*, porque sentia um medo constante de errar e de ser castigada.

A sensação das correias na pele tinha-me marcado tanto a ponto de me criar o que era denominado como «pânico por associação». Às vezes até mesmo um abraço demasiado apertado, a impossibilidade de me mexer ou a simples sensação de impotência eram suficientes para me fazer precipitar no meu terror.

Estava destruída e assim o estaria para sempre.

– Tu és perfeita, Nica.

Anna acariciou-me ao de leve, devagar, abanando a cabeça. Os seus olhos transmitiram-me uma angústia dolorosa.

– Tu és... tudo o que de bom e de mais doce alguma vez tive a sorte de encontrar...

Fitei-a com o coração vazio e pesado. Contudo, no olhar de Anna...

No olhar de Anna não havia censura nem culpa. Havia apenas eu. E nesse momento percebi pela primeira vez que... Anna tinha os olhos da cor do céu.

Com aquele manto límpido e aquelas nuvens brancas, com aquela liberdade que eu havia procurado em rostos sempre diferentes, e então vi-me refletida no seu olhar.

Ali estava o céu que eu sempre havia procurado. Encontrava-se dentro dos olhos de Anna.

– Sabes qual foi a coisa que mais me impressionou na primeira vez que te vi?

As lágrimas picaram-me as pálpebras. Ela esboçou um sorriso um pouco triste.

– A delicadeza.

E então o meu coração despedaçou-se com uma dor dulcíssima, tremenda e incomensurável.

Uma dor que tanto fazia mal como bem, e o seu rosto desvaneceu-se por entre as lágrimas.

«É a delicadeza, Nica», a minha mãe sorria-me, «a delicadeza, sempre... Não te esqueças disso.»

Vi as duas como se pudesse senti-las dentro de mim.

A minha mãe que me entregava aquela borboleta azul, Anna que me colocava uma túlipa entre os dedos.

Ambas com aquele olhar apaixonado, ambas com os olhos brilhantes.

Anna que me pegava na mão, e a minha mãe que me impelia a seguir em frente. *A minha mãe que ria e Anna que sorria*, semelhantes e distintas, uma única entidade que habitava dois corpos.

E aquela delicadeza que nos unia, que nos abraçava... Aquela delicadeza que a minha mãe me havia legado era justamente o que me havia permitido ter

uma segunda oportunidade.

Inclinei-me para a frente e afundei-me nos braços da mulher que se encontrava na minha frente. Abracei-me a ela sem me conter mais, deixando de sentir medo de forçar aquela confiança ou de me ver rejeitada, e as suas mãos apressaram-se a estreitar-me como se quisessem ser o meu escudo protetor.

– Ninguém voltará a fazer-te mal... *Ninguém...* Prometo-te...

Chorei entre os seus braços. Deixei-me levar. E naquele abraço tão desesperado, naquele céu que podia por fim tocar, ouvi o meu coração confessar-lhe o que nunca tinha tido a coragem de expressar por meio de palavras.

– Tu és... o meu final feliz, Anna.

Mais tarde, depois da visita do médico, ela ainda se encontrava ali.

Escutei com um afeto desmedido os batimentos do coração no seu peito, ao mesmo tempo que a sua mão me afagava a cabeça.

– Nica...

Afastou-me apenas o suficiente para me permitir olhar para ela de frente. Observou os meus olhos avermelhados e entalou-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha, fitando-me com uma certa hesitação.

– O que é que te parece se conversares sobre este assunto... com alguém?

Anna tinha percebido o motivo por que eu não conseguia dormir de noite, como deveria ter sido terrível a minha infância. No entanto, a mera ideia de me abrir com outra pessoa era como se sentisse uma mão a estrangular-me as entranhas e me impedisse de respirar.

– Tu és a única com quem... serei capaz de falar sobre este assunto.

– Oh, Nica, eu não sou médica – disse, como se quisesse sê-lo só por mim.

– Eu não sei como ajudar-te...

– Tu fazes-me bem, Anna – confessei-lhe em voz baixa.

Era verdade. O seu sorriso tranquilizava-me. O seu riso era música para os meus ouvidos. E o seu afeto fazia-me sentir amada como nunca ninguém o havia feito.

Sentia-me melhor quando estava com ela. Sentia-me protegida, querida. Sentia-me em segurança.

– Ainda me queres? – sussurrei, temerosa. Tinha necessidade de sabê-lo, mas no fundo aquela resposta aterrorizava-me. Nunca mais veria os meus sonhos da mesma maneira sem ela.

Anna inclinou o rosto, aflita. Logo depois, estreitou-me junto a si com todas as forças que possuía.

– Claro que sim – respondeu, repreendendo-me, e a minha alma amou-a

até à loucura.

Desejei tê-la sempre por perto. Todos os dias, a cada instante, enquanto ela mo permitisse.

– Gostaria de poder compreender-te melhor – ouvi-a dizer, a sua voz tornou-se mais frágil.

Naquele momento reparei que no pulso, junto ao relógio, usava um cordão de couro em que não havia reparado antes. Não parecia próprio de uma senhora como ela, mas sim mais adequado a um adolescente.

– Nica... Há uma coisa que precisas de saber.

Compreendi de imediato o que ela estava prestes a contar-me. Escutei-a em silêncio.

– Tu e o Rigel... não são os primeiros jovens que viveram aqui. – Fez uma breve pausa e depois disse: – Eu e o Norman tivemos um filho.

Ergueu o rosto, aguardando uma reação da minha parte, mas eu sustentei-lhe o olhar com doçura, tranquila, consciente e compreensiva.

– Eu sei, Anna.

Ela fitou-me, surpreendida.

– Já sabias?

Assenti, baixando os olhos e pousando-os na pulseira.

– Deduzi.

Desde o primeiro momento em que ali cheguei.

O *Klaus* que dormia sempre debaixo da cama do quarto de Rigel, as *T-shirts* escuras que de vez em quando o via usar. O lugar à mesa à esquerda de Norman, ali no sítio onde a madeira estava um pouco mais gasta, e a moldura vazia em cima da mesinha da entrada, como uma ausência que Anna não foi capaz de apagar por completo.

E não precisava de lhe perguntar a razão por que nos havia escondido esse facto. Não a ela. Não quando tinha feito tudo para nos fazer sentir em nossa casa.

– Aquele dia, no orfanato – começou por dizer em voz baixa –, o dia em que chegaram aqui a casa... foi um pouco como recomeçar do zero.

Compreendia-a, porque para mim tinha significado a mesma coisa. Foi como dizer adeus a uma vida diferente e agarrar uma segunda oportunidade com as duas mãos.

– Queríamos que vocês se sentissem em casa – disse ela, engolindo em seco. – Queríamos sentir-nos... como se fôssemos de novo uma família.

A minha mão deslizou devagar para dentro da sua. Os meus pensos rápidos coloriram-lhe a pele.

– Vocês foram a melhor coisa que alguma vez nos aconteceu – confessei-lhe. – Gostaria que tu soubesses disso. Eu... nem sou capaz de imaginar a falta que sentes dele.

Anna fechou os olhos e aquelas palavras escavaram-lhe sulcos no rosto.

Uma lágrima humedeceu-lhe a face. A sua voz falhou e ela desmoronou como nunca antes tinha visto.

– Não passa um dia em que não pense nele.

Abricei-me a ela e apoiei a face no seu ombro, esperando assim conceder-lhe um pouco de calor. O meu coração sofria junto com o dela. Sentia a sua dor como uma vaga de calor.

– Como é que ele se chamava? – sussurrei, passado um bocado.

– Alan.

Vi-a baixar os olhos, pousando-os em mim.

– Queres vê-lo?

Endireitei-me e Anna levou uma mão ao peito, deslizando pelo pescoço o comprido fio que usava. Nele havia um pingente redondo, reluzente e trabalhado, e não consegui lembrar-me de uma única vez que a tivesse visto sem ele.

Pressionou o medalhão e este abriu-se como um livrinho dourado.

Lá dentro havia a fotografia de um rapaz. Deveria ter pouco mais de vinte anos. Encontrava-se sentado ao piano lá de casa. Os cabelos escuros emolduravam-lhe o rosto sorridente, e nas suas feições agradáveis, suaves e simpáticas, brilhavam duas íris azuis como o céu.

– Tem os teus olhos – disse num sussurro e Anna e, apesar de tudo, sorriu. Um sorriso molhado sob umas pálpebras marejadas de lágrimas.

– Foi o único de quem o *Klaus* conseguiu gostar – disse ainda com aquele sorriso trémulo. – Foi ele quem o encontrou num dia ao regressar da escola, quando era pequeno. Oh, devias tê-los visto... Chovia imenso, e o Alan trazia-o nas mãos como se tivesse encontrado um tesouro. Não sei qual dos dois parecia mais pequeno e encharcado.

Anna segurava a foto sem coragem para a acariciar.

Perguntei-me quantas vezes por dia ela seguraria aquele medalhão. Quantas vezes o coração se despedaçava dentro daqueles olhos eternamente sorridentes.

– Gostava tanto de tocar... *Vivia* para aquele piano. À noite, quando chegávamos a casa, não importava que horas fossem, ele estava sempre ali. Costumava dizer-me: «Sabes, mamã? Poderia falar apenas deste modo, com estas teclas e estes acordes, e ainda assim tu serias capaz de me entender.» *E tinha razão...* – sussurrou por entre as lágrimas. – Sabia falar só com aquilo. Queria ser músico, antes daquele acidente o ter levado...

A voz falhou-lhe e ela engoliu em seco.

Aquele pequeno medalhão parecia pesar toneladas. Envolvi a sua mão na minha, ajudando-a a segurar nele.

– Tenho a certeza de que o teria conseguido – fechei os meus olhos

húmidos. – Tenho a certeza de que o Alan se teria tornado um grande músico... E tenho a certeza de que adorava o piano tanto quanto tu adoras todas as tuas flores.

Anna baixou a cabeça e eu abracei-me a ela, deixando que as nossas feridas se dessem as mãos. Como se a cura pudesse ser encontrada apenas assim, chorando e sangrando, mas fazendo-o juntas.

– Nunca foi minha intenção ocupar o lugar dele – sussurrei. – Eu e o Rigel... Nunca ninguém poderá substituí-lo. Mas a verdade é que... as pessoas que amamos nunca nos abandonam de verdade, sabias? Permanecem dentro de nós, e depois um dia apercebemo-nos de que sempre ali estiveram, naquele sítio onde podemos encontrá-las bastando fechar os olhos.

Anna abandonou-se nos meus braços, apertada de encontro ao meu corpo, e eu gostaria de poder continuar, gostaria de lhe dizer que o nosso coração não nasce compartimentado, que só sabe amar, *ama e pronto*, cicatrizes sobre cicatrizes, nódoas negras sobre nódoas negras.

E eu gostaria muito de poder ocupar aquele lugar ao lado de Alan, por mais pequenino e desgastado que fosse. Gostaria de poder enchê-lo com todas as cores que tinha para oferecer... e deixar-me amar por aquilo que era, assim como amá-la por aquilo que era, com aquele meu coração de borboleta.

– Vamos escolher uma foto em conjunto – disse eu. – Aquela moldura lá em baixo nunca mais deverá ficar vazia.

Algumas horas mais tarde, depois daquela conversa, decidi levantar-me da cama.

Enquanto saía do meu quarto, apertando um moletão, vislumbrei um vulto no corredor.

Não sabia que ela ainda se encontrava ali, mas optei por não a ignorar.

– Asia.

Ela deteve-se. Não se virou para mim, mas no fundo nunca o fazia.

Nunca fingiu apreciar a minha presença e também não o iria fazer logo agora.

– Lamento pelo que aconteceu contigo – disse sem uma entoação especial. Não consegui perceber se estava a ser sincera.

Fez menção de prosseguir o seu caminho, mas eu ultrapassei-a e pus-me à sua frente.

– Asia, eu não vou renunciar à Anna.

Vi-a deter-se de novo, devagar. A sua postura denunciava uma pitada de surpresa.

– O que foi que disseste?

– Ouviste muito bem – repliquei com calma. – Não vou afastar-me, nem

ficar à margem. – Não havia hesitação no tom da minha voz, apenas calma e firmeza. – Tu não sabes o quanto eu sempre desejei ter uma família. Agora que a tenho... Agora que possuo esta oportunidade com a Anna e o Norman... não quero renunciar a ela.

Aguardei por uma resposta que, contudo, não chegou. Asia estava imóvel.

– Sei que compreendes o que eu quero dizer – prossegui com uma voz mais suave. A minha intenção não era impor-me, mas sim fazê-la entender.

Aproximei-me devagar, tentando transmitir-lhe as minhas boas intenções.

– Asia, eu... não pretendo tomar o lug...

– *Não* – interrompeu-me ela em tom gélido –, digas nada. Não *ouses* dizer o que quer que seja.

– Não quero tomar o lugar do Alan.

– CALA-TE!

Sobressaltei-me quando ela levantou a voz.

Asia virou-se para mim e nos seus olhos cheios de hostilidade vislumbrei um lampejo de uma dor lancinante. Mostravam-se plenos de sofrimento, uma dor que nunca havia deixado de sangrar.

– Não te atrevas – disse, fitando-me com pupilas ferozes. – Não *te atrevas* a falar dele.

Detetei uma nota possessiva nas suas palavras, muito diferente do sofrimento inerme de Anna.

– Acaso achas que sabes alguma coisa? Acham que podem vir para aqui e apagar tudo o que foi dele? Nem uma única foto, nem uma única recordação, nada de nada? Vocês não sabem nada sobre o Alan – rosnou –, *nada!*

O rosto dela estava desfigurado pela raiva, mas eu não reagi. Fiquei a observá-la com os olhos calmos e o coração repleto de verdade.

– Tu estavas apaixonada por ele.

Asia arregalou os olhos. As minhas palavras acertaram em cheio no alvo e teria feito melhor se não tivesse dito mais nada, se tivesse ficado calada, mas não o fiz.

– É por isso que não suportas ver-me aqui... Porque eu estou sempre a lembrar-te de que ele já não se encontra cá. Porque a Anna e o Norman seguiram em frente à sua maneira, ao passo que tu não. É por isso, não é verdade? Não chegaste a dizer-lhe nada – sussurrei. – Nunca lhe disseste o que sentias, ele nunca soube. Partiu antes de teres tido a coragem suficiente para lhe confessares os teus sentimentos. É esse o teu grande remorso... É isso que carregas dentro de ti, Asia. Recusas-te a aceitar que ele já não se encontra mais aqui, e por isso odeias-me. Mas não consegues odiar o Rigel – disparei eu –, porque te faz lembrar muito dele.

Foi rapidíssimo.

A frustração levou a melhor.

Asia repudiou aquelas palavras, recusou-se a admiti-las para si mesma, repudiou-as a tal ponto que a sua raiva eclodiu furibunda e a sua mão rasgou o ar. Vi o brilho dos seus anéis, e depois a bofetada explodiu como um trovão.

Tinha fechado os olhos, mas logo depois dei-me conta de que não foi a mim que ela bateu. Alguém me puxou.

Ergui os olhos e o que vi deixou-me devastada.

Rigel tinha a cara virada de lado, aquele fio de compostura nas suas costas tinha-se quebrado nesse momento à altura dos ombros, no ponto onde a cabeça pendia para o lado numa vaga de cabelos escuros.

Ambas olhámos para ele incrédulas.

Ele endireitou a cabeça, e os olhos negros projetaram-se para a frente, cravando-se em Asia.

Fulminou-a com um olhar gélido, e a sua voz correu com uma perigosa lentidão para fora dos dentes cerrados.

– Quero-te... *fora*... daqui.

Asia apertou os lábios com a cara cheia de manchas vermelhas. Vislumbrei um pingo de vergonha no seu olhar, e depois os seus olhos voaram para lá dos ombros de Rigel. Mais para trás onde um rosto transtornado a observava sem palavras.

– Asia... – murmurou a mãe, desiludida com aquele gesto que nunca estaria à espera de vir algum dia a presenciar.

Asia cerrou os punhos, reprimindo lágrimas de raiva. Depois, num turbilhão de cabelos, agradeceu-nos com a sua ausência e correu disparada escadas abaixo.

Dalma, desconsolada, levou uma mão à cara e abanou a cabeça.

– Lamento – soluçou antes de ir atrás da filha. Parecia mortificada. – Lamento muito...

Baixou a cabeça e também ela desceu as escadas.

Naquele momento, dei-me conta de que a sombra que me havia engolido e protegido já não se encontrava ali.

Virei-me e vi Rigel a afastar-se. Senti-me desorientada, instável e atordoad.

Despareceu para lá da esquina do corredor e saiu-me uma necessidade dos lábios como uma oração.

– Espera...

Desta vez não iria permitir que ele se fosse embora.

A febre causou-me arrepios ao longo da espinha dorsal; não obstante, fui atrás dele. Estava descalça e arrependi-me de não ter calçado umas meias. Os meus passos ressoaram nas tábuas do soalho.

Antes mesmo de poder aperceber-me, a minha mão estendeu-se para a frente e agarrou-lhe a bainha da *T-shirt*.

Segurei-o com as poucas forças que possuía.

– Rigel...

Uma contração impercetível fê-lo cerrar os punhos.

Permaneceu de costas, alto e rígido, no entanto a proximidade do seu corpo injetou-me uma estranha sensação de segurança.

– Porquê? – perguntei. – Porque é que levaste aquela bofetada no meu lugar?

Não sentia nem ouvia mais nada além dele. Todos os meus sentidos estavam concentrados na sua respiração.

– Vai descansar, Nica – foi o tom de voz baixo e comedido que surgiu de trás do seu ombro. – Mal te aguentas em pé.

– Porquê? – insisti.

– Querias levá-la tu? – replicou, e a sua voz endureceu.

Mordi os lábios, e desta vez calei-me. Apertei-o mais ainda, com os olhos baixos e aquelas mãos um pouco de criança, disse:

– Obrigada. Falaste com o detetive... A Anna disse-me que lhe contaste tudo.

Ainda não conseguia acreditar.

Anna tinha-me garantido que não precisava de responder a mais nenhuma pergunta, porque o Rigel já o tinha feito no meu lugar.

Tinha-lhe contado tudo: os berros, as bofetadas, as sovas, os socos, as vezes que por castigo *Ela* não nos dava de comer. As vezes que nos amarrava na cave, quando esmagou os dedos de Peter no batente da porta, só porque ele tinha voltado a fazer chichi na cama durante a noite.

Tinha-lhe relatado tudo sem omitir nada. Depois, o detetive questionou-o se a tutora alguma vez também lhe havia reservado um tratamento semelhante a ele.

Rigel negou.

Então o detetive Rothwood perguntou-lhe se alguma vez lhe tinha tocado de maneira diferente da que reservava para os outros, maneiras impróprias para uma criança. Rigel, mais uma vez, negou.

E eu sabia que era verdade.

Sabia o motivo por que o detetive não podia entender.

O detetive nunca pôde ver a tutora mover-lhe os dedos pequenos sobre as teclas com aquela luz nos olhos, uma luz que nunca havia dispensado a mais ninguém.

Nunca teve oportunidade de os ver aos dois, sentados na banquetta, quando ele baloiçava as pernas demasiado curtas e ela lhe oferecia um biscoito cada vez que ele era capaz de executar bem um acorde.

«És filho das estrelas», sussurrava-lhe com uma voz que nem sequer parecia sua. «És uma dádiva... Uma pequena, pequena dádiva.»

O detetive não podia saber que a tutora nunca pôde ter filhos, e Rigel, tão sozinho e abandonado, tinha sido o único que alguma vez a fez sentir como se pudesse ser só seu.

Não como nós, que provínhamos de famílias desfeitas, e que já trazíamos pais na bagagem. Não como nós, que não passávamos de um amontoado de bonecas usadas.

– Eu odiava-a.

Tive a impressão de que era a primeira vez que confessava a alguém essas palavras.

– Odiava aquilo que vos fazia – disse em voz baixa. – Nunca o suportei. Todo o santo dia... eu ouvia-te... Sempre vos ouvia.

«Eu sei porque é que não consegues dormir», tinha-me dito, e eu dei-lhe uma resposta injusta. Sempre tinha acreditado que Rigel desfrutava daquelas atenções, que não se importava com o que acontecia. Ele sempre se encontrara na sua redoma, a salvo de tudo o resto.

Mas não era assim. Não era, de todo, assim.

Parecia-me que alguém me tinha dado por fim um resquício de luz para dissipar aquele nevoeiro. Compreendi melhor os seus olhares, as atitudes, compreendi por que motivo sempre mostrava aquele ar apagado quando tocava piano.

Era melancolia.

Trazia consigo um pedaço *Dela*, um fragmento costurado na pele e que nunca tinha sido capaz de remover. Por mais que a desprezasse, por mais que quisesse riscá-la do mapa, sempre tivera algo dela. Perguntei-me o que poderia ser pior receber de um monstro, se o ódio ou o amor.

Porque é que ele nunca se tinha ido embora, se a odiava tanto? Porque é que tinha escolhido ficar?

Desejei que mo contasse agora. Que se abrisse, e me explicasse aquele trecho do passado que eu nunca consegui entender. Sabia assim tão pouco acerca dele?

– Sei que foste tu quem me trouxe de volta para casa.

Rigel ficou rígido. Permaneceu imóvel, quase na expectativa.

– Foste tu quem me encontrou... – Um sorriso desmaiado adoçou-me os lábios. – Tu encontras-me sempre.

– Só posso imaginar o quanto este assunto te perturba.

– Vira-te – sussurrei.

Os pulsos viris emanavam força e tensão. Os nervos estavam retesados.

Precisei de pedir-lhe mais uma vez antes de ele se decidir a dar-me ouvidos. Muito devagar, o tecido escorregou dos meus dedos, e com um movimento interminável Rigel virou-se para mim. E eu senti um aperto no coração quando os meus olhos pousaram no seu rosto.

Exibia um arranhão medonho na maçã do rosto. A pele estava avermelhada. Devem ter sido os anéis de Asia quando o havia esbofeteado.

Porquê?

Porque é que ocultava sempre qualquer tipo de dor sem nunca permitir que alguém o compreendesse?

Levantei a mão por instinto. Os olhos dele voaram nessa direção; observou-a por debaixo dos cabelos negros, reticente, como se intuísse as minhas intenções e ao mesmo tempo as receasse.

Rigel pareceu reprimir por várias vezes o instinto de se desviar, mas eu movimenteimei-me devagar, frágil e perdidamente obstinada. Pus-me em bicos de pés para poder alcançá-lo e sustive a respiração. Com o coração repleto de esperança, e com toda a delicadeza daquele gesto... acariciei-lhe a face.

Toquei-lhe na pele e os seus olhos pousaram de imediato em mim, vulneráveis e perdidos.

Vi de novo aquela explosão de emoções, que me inundaram outra vez com o brilho de galáxias desconhecidas. Contraí no peito a respiração que tinha sustido e, sem desviar os olhos dos dele, coleí a palma da minha mão sobre a face dele.

Era quente. Macia e compacta.

Tinha medo de assustá-lo, de o ver repelir-me e afastar-se. Contudo, tal não aconteceu. Perdi-me dentro dos seus olhos e afoguei-me naquele oceano negro e profundo.

Pouco depois... os punhos que havia cerrado afrouxaram devagar. Os nós dos dedos relaxaram, os dedos perderam a tensão. Fitámo-nos, olhos nos olhos, e no seu rosto vi uma condescendência que me despedaçou o coração. Um suspiro escapou-lhe por entre os lábios fechados, tão fraco e tão sofrido que quase não consegui escutá-lo.

Com aquela expressão de doce resignação, então Rigel deixou-se tocar. Como se tivesse acabado de derrotá-lo apenas com uma carícia.

Baixou os olhos e depois... com uma ligeira pressão que me moldou a alma, inclinou o rosto sobre a palma da minha mão e pousou-o nela.

O meu coração bateu com total desespero. Uma sensação esplêndida e desestabilizadora preencheu-me, envolvendo-me a alma, fazendo-a reluzir como um sol.

Rigel voltou a procurar o meu olhar, com os olhos que me observavam por baixo das pestanas. E eu desejei que durasse uma eternidade, que nada mais se mexesse, que aquele momento fosse infinito e que ele me olhasse assim para sempre...

– Nica!

Foi como um choque.

Aquele instante quebrou-se. Rigel afastou-se de chofre e separar-me dele

nesse momento pareceu-me o pior pecado que um ser humano podia cometer. Lançou um olhar sombrio ao meu ombro e pouco depois Anna surgiu vinda do corredor com uma expressão horrorizada.

– O que é que aconteceu com a Asia?

Parecia chocada.

Não tive tempo de lhe responder porque Rigel foi-se embora. Os meus olhos pularam sobre ele e senti o impulso irreprimível de detê-lo.

A minha mente vibrava. Estava a enlouquecer.

Anna disse-me que Dalma lhe havia confessado o que tinha visto, mas não consegui ouvi-la. Ainda tinha dentro de mim os seus olhos escuros, a sua face, o abandono perante o meu gesto. Havia um universo que orbitava ao meu redor e que fazia barulho, mas o princípio que o mantinha unido estava a afastar-se de mim...

– Desculpa, Anna – sussurrei antes de virar costas e ir atrás dele.

Não conseguia raciocinar com lucidez. Corri como uma doida pelas escadas abaixo, arriscando-me a sofrer uma tontura devido à febre.

Tinha necessidade de falar com ele. De lhe fazer perguntas, de obter respostas, de compreender os seus gestos, de lhe dizer que... *que...*

Vi a porta de casa aberta e reconheci-o ao longe. Saí e Rigel estava ali, no passeio. Havia alguém com ele, mas eu já tinha o nome dele na ponta da língua.

– Ri...

Não terminei o que começara a dizer.

Os meus olhos captaram apenas um único pormenor. Um pormenor *familiar*.

De repente, o mundo parou de uma só vez.

Fitei o vulto que se encontrava de costas com os olhos esbugalhados e depois... compreendi de quem se tratava. A incredulidade tirou-me o fôlego.

Nunca mais seria capaz de esquecer aquela cascata de cabelos louros.

Nunca mais.

Nem mesmo depois de todo aquele tempo.

Não era possível...

– Adeline – sussurrei, arrasada.

Naquele momento, Adeline pôs-se em bicos de pés e pousou os lábios sobre os de Rigel.

Constelações de arrepios

*Rugir não é próprio dos maus.
Rugir é próprio de quem sangra e não conhece
outra maneira de ocultar a própria dor.*

– Sei que és tu...

Adeline apercebeu-se da minha mãozinha que a agarrava pela blusa. Virou-se e ali estava eu.

– Como? – perguntou, confusa.

– Quem me faz companhia. Sei que és tu, lá em baixo, que me segura na mão quando ela me castiga.

Aquela carícia no escuro não podia ser de mais ninguém a não ser dela.

Adeline olhou para mim por um momento, e depois... compreendi. Os seus olhos foram pousar ao fundo do corredor, no sítio onde ficava a porta que dava acesso à cave.

– Se ela te vir... – fitei-a, pequena e preocupada. – Não tens medo de que te descubra?

Ela baixou os olhos de novo, pousando-os em mim. Fitou-me por um instante, e depois um sorriso dulcíssimo suavizou-lhe as feições do rosto.

– Não vai descobrir.

Pegou-me na mão, atenta às minhas unhas partidas, e eu retribuí, estreitando-a com todo o afeto que me fazia tremer o corpo. Abracei-a, aninhando-me entre os seus braços e mergulhando nos seus cabelos macios. Nutria por ela um afeto desmesurado.

– Obrigada – sussurrei com lágrimas na voz. – Obrigada...

Adeline.

O coração martelava-me nos ouvidos.

A minha mente palpitava de imagens frenéticas: Adeline a sorrir, a consolar-me, olhos azuis e cabelos louros como o sol; Adeline que chorava às escondidas à sombra da hera, que pegava nas outras crianças ao colo, que me entrançava os cabelos no jardim do Grave, como se, no fundo, o final feliz pudesse ser construído um pouco só por nós as duas.

Adeline que estava ali.

Adeline que beijava Rigel.

Enregelada, vi Rigel repudiá-la com brusquidão e, em seguida, fulminá-la com um olhar que a fez soltar uma ligeira gargalhada.

Não conseguia respirar. Senti uma ferroadada no peito quando os olhos de Rigel se aperceberam da minha presença, de súbito abalados. Contemplei-o com aquele grito mudo engastado dentro do peito.

Nesse momento, Adeline reparou no olhar dele e virou-se para trás ainda com os lábios arqueados.

Os seus olhos pousaram em mim... e o seu sorriso esmoreceu.

Vi as pálpebras dela arregalarem-se devagar, como se não fosse capaz de acreditar no que via.

– Nica? – murmurou, incrédula.

Logo depois, como que acometida por uma percepção repentina, o seu olhar pousou na casa atrás de mim. Em seguida, virou-se para Rigel.

Observou-o de uma maneira que não fui capaz de decifrar, mas a intimidade do seu olhar perturbou-me.

– Oh... – Adeline voltou a olhar para mim, comovida. – Nica...

– Nica!

Anna correu na minha direção, alarmada. Pôs-me um cobertor por cima dos ombros, embrulhando-me, ao mesmo tempo que eu continuava a fitar Adeline com os olhos esbugalhados.

– Nica, estás com febre! Não podes ficar aqui fora assim! O médico disse que precisas de repousar!

Adeline cruzou o olhar com o dela, quando Anna ergueu o rosto. Fitaram-se por um momento, antes de a mulher que se encontrava atrás de mim me passar um braço em redor dos ombros.

– Vem para dentro – disse, tentando guiar-me –, não podes apanhar mais frio...

Atendi o pedido dela muito a contragosto, embrulhada no cobertor.

– Adeline...

– Voltarei – prometeu-me, virando-se para mim. – Não te preocupes, trata de... descansar. Um dia destes passo por cá para te fazer uma visita. Prometo!

Só tive tempo de assentir antes de Anna me levar para dentro de casa de novo.

Procurei os olhos de Rigel. Com uma pontada de dor vi que já não estavam

pousados em mim.

★

– Oh, Rigel... – ouvi murmurar. – O que andas a tramar?

Rigel não conseguiu olhar para ela. Já se sentia demasiado humilhado para suportar aquele tom resignado.

Tinha os olhos *dela* engastados nas pupilas, como uma marca que nunca pararia de queimar.

– Porque é que estás aqui? – cuspiu, contrariado, descarregando a sua frustração na rapariga que se encontrava ao seu lado.

Adeline hesitou antes de responder.

– Pensaste que me tinha esquecido que dia é depois de amanhã? – disse-o quase com doçura, numa tentativa de atenuar aquela tensão que ele, contudo, frustrou com um olhar.

Ela baixou os olhos.

– Soube do Peter – admitiu. – Um polícia veio fazer-me perguntas... Questionou-me sobre a Margaret. Disse que estava a tentar localizar todos os jovens que estavam no orfanato antes de ela ter sido despedida. Fiquei a saber por ele que já não te encontravas no Grave. E agora percebo porquê.

Fez-se um silêncio que sabia a culpa, a erros contados na ponta dos dedos até se perder a conta, e Rigel sentiu-o como algo inevitável.

– Ela sabe?

– Sabe *o quê?* – sibilou ele, relutante, mas aquela raiva venenosa chocou impotente contra um muro: olhos repletos de uma verdade dolorosa.

Porque Adeline sabia. Adeline sempre soubera.

Porque Adeline sempre olhou para ele com aquele interesse a que ele nunca havia correspondido, condenado a um amor inoxidável e eterno.

Porque ela sempre o havia seguido com os olhos, no orfanato, apenas para o ver olhar para Nica.

– Que fizeste com que te escolhessem para ficares com ela.

Rigel rangeu os dentes com um impulso venenoso. O seu corpo estava tenso e rígido e não olhava para ela, mas optou por ficar calado pois responder equivaleria a admitir a única culpa que não podia negar.

Dentro de si o verme estava a matá-lo: Nica tinha visto Adeline a beijá-lo e esse pensamento não lhe concedia paz. Recordou-se da carícia sobre a sua face, do modo como o havia acariciado, e foi ainda mais doloroso quando se deu conta de que dentro de si se acendeu uma *esperança*. Uma esperança de que ela o pudesse, de alguma maneira, querer, que pudesse retribuir aquele sentimento tão desesperado.

– Não vais dizer-lhe nem uma palavra sobre este assunto – ordenou ele, inflexível. – Não te metas nisto.

– Rigel... eu não te compreendo.

– Não precisas de compreender-me, Adeline – rosnou numa tentativa de se defender, de proteger tudo o que de justo e de errado sabia que albergava dentro de si. Ela abanou a cabeça e dirigiu-lhe um olhar que lhe fez lembrar, por um doloroso momento, o olhar de Nica.

– Porquê? Porque é que não lhe dizes?

– *Dizer-lhe?* – repetiu, reprimindo uma gargalhada de escárnio, mas Adeline mais uma vez não se deixou dissuadir.

– Sim – respondeu ela com uma simplicidade que o incomodou, se possível, ainda mais.

– *Dizer-lhe o quê?* – rosnou então, como uma fera ferida. – Viste bem onde estamos, Adeline? Achas que, mesmo que não estivéssemos presos aqui, ela alguma vez olharia para mim?

E Rigel odiou aquelas palavras, porque sabia que eram a mais pura verdade.

Aqueles olhos nunca o procurariam com necessidade, com desejo ou com amor.

Não a um desastre como ele.

E ele sentia-se demasiado desiludido para admitir que seria capaz de dar qualquer coisa para estar enganado.

– Uma rapariga como *ela* nunca poderá querer alguém como *eu* – cuspiu com amargura, com toda a dor que tentava reprimir sem cessar.

Adeline ficou a olhar para ele com olhos sinceros e aflitos.

E ele recordar-se-ia daquele momento para sempre...

O momento exato e trágico em que essa única esperança se acenderia nele, condenando-o todo o santo dia, fazendo tremer, uma por uma, cada uma das suas certezas.

– Se existe alguém capaz de amar assim tanto... Se existe no mundo uma pessoa com um coração tão grande, então essa pessoa é a Nica.

✱

– Há mais alguma coisa que queiras dizer-me?

Abanei a cabeça.

A assistente social dirigiu-me um olhar compreensivo. Era uma mulher extremamente profissional e amável, com modos discretos e um olhar atento; só se tinha passado um dia depois do que havia acontecido e mesmo se, na realidade, a visita já estivesse prevista para a semana seguinte, foi antecipada por conta do que se tinha passado. O seu trabalho era supervisionar a custódia e verificar que tudo se desenrolasse sem problemas ou incompatibilidades. Fez-me perguntas sobre Anna e Norman, sobre a escola e sobre como estava a ser a convivência, e antes de mim já tinha feito o mesmo com Rigel.

– Pois muito bem. Vou tratar, então, de redigir o primeiro relatório.

Pôs-se de pé e eu fiz o mesmo, aninhando-me no cobertor. A febre só agora começava a ceder.

– Ah, senhora Milligan – disse, inclinando-se na direção de Anna. – Esta é uma cópia dos processos clínicos dos dois jovens. Assim que estiver interessada em contactar um psicólogo, creio que lhe podem ser úteis.

Anna pegou nos documentos; eram de cor verde-água, finos e organizados. Folheou-os devagar, com cuidado e respeito.

– Além disso, é meu dever informá-la de que os serviços sociais já dispõem de um serviço de apoio psicológico em caso de...

– E quem foi que compilou estes documentos? – interrompeu-a Anna. Entrevi os dizeres *Diagnósticos psicológicos e comportamentais* nas folhas de papel que ela estava a observar. Pareceu-me ver a foto de Rigel.

A mulher respondeu-lhe em tom prático.

– Um médico especializado, durante os anos em que a senhora Stoker esteve à frente da instituição.

– Oh – comentou lacónica Anna. – Nesse caso calculo que não conste aqui nada em relação aos ataques de pânico nem aos distúrbios causados pelos maus tratos e pela violência.

Instalou-se um ambiente gélido.

Olhei para Anna sem perceber o que ela acabava de dizer, mas depois compreendi. Onde é que ela tinha ido desenterrar aquela voz assim tão cortante?

A mulher pareceu ficar incrivelmente embaraçada.

– Senhora Milligan, não sei que ideia terá feito a nosso respeito. O que surgiu sobre Margaret Stoker...

– Não me interessa – interrompeu-a Anna. – O que eu sei é que aquela mulher foi despedida quando deveria estar na prisão a pagar pelo que fez, como seria justo.

Lembrava-me do dia em que Margaret se foi embora. Uns visitantes tinham reparado nas nódoas negras em alguns de nós e informaram os Serviços Sociais. Margaret tinha sido despedida de imediato e o pesadelo acabou de um dia para o outro, como um balão que rebentou de repente.

Nunca esqueceria os olhos dos outros: foi como ver o sol depois de uma vida passada debaixo da terra. Todos possuíam aqueles rostos apagados e os olhos deslavados próprios de quem não via a luz do dia há muito tempo e já havia deixado de acreditar.

Há certos pesadelos que não imaginamos que possam, de facto, terminar.

– Então e as inspeções?

Havia inspeções, lá isso era verdade. Contudo, eram demasiado esporádicas, negligentes e superficiais.

– Como é possível que nunca ninguém se tenha apercebido de nada? – prosseguiu Anna, furiosa.

Porque *Ela* era boa.

Era boa a deixar-nos as marcas das nódoas negras em lugares onde não se viam.

Era boa a magoar-nos nos sítios mais recônditos.

Era boa a transformar-nos em bonecas partidas que não diziam nada.

Ela era boa, e enquanto isso o mundo esquecia-se de nós, confiando numa mulher que se transformaria na mãe dos nossos pesadelos.

Percebi que é mais ou menos assim que se procede com as coisas partidas. São trancadas longe de todos só para não sermos obrigados a vê-las novamente. Nós éramos os diferentes, os solitários, os problemáticos, os filhos de ninguém. Aqueles que não sabiam onde encafuar.

Às vezes perguntava-me o que teria acontecido se não tivesse ido parar ao Grave, mas sim a uma instituição diferente. Um lugar controlado, seguro. Um lugar onde não havia camas na cave nem ruas sem saída. Um lugar onde *Ela* não estivesse.

– Só me pergunto como é que essa mulher pôde fazer o que fez sem que ninguém visse, sem que ninguém percebesse, é o que me pergunto...

– Anna. – Pousei-lhe uma mão no braço. Observei-a com um olhar límpido, dirigindo-lhe um pedido silencioso.

Abanei a cabeça.

Estava a descarregar na mulher errada. Não era culpa da assistente social se Margaret era um monstro. Não era culpa de ninguém.

Alguém deveria ter-nos protegido. Alguém deveria ter-nos ouvido, ter-nos compreendido, era verdade, mas não era possível mudar o passado. Remexer nele só me fazia mal.

Não queria sentir mais raiva.

Não queria sentir mais ódio.

Só me lembrava de tudo o que fui obrigada a suportar quando era pequena...

– O meu trabalho é encarregar-me deste processo de adoção. Farei de tudo para que decorra da melhor maneira possível. – A assistente social olhou para nós com uma determinação sincera. – Quero tanto quanto a senhora que a Nica e o Rigel possam ter uma família, uma vida tranquila e um futuro estável.

Anna assentiu com um gesto, aceitando o esforço e o empenho da mulher. A seguir, ambas a acompanhámos até à porta.

– Adeus. – A assistente social abriu a porta e *Klaus* esgueirou-se para dentro de casa a toda a velocidade. Surpreendida, recuou e esbarrou em Anna, que deixou cair o dossiê no chão. As pastas abriram-se e as folhas de papel espalharam-se um pouco por todo o lado.

Baixei-me a fim de a ajudar, quando, de repente, dei por mim a segurar uma folha de papel que exibia a foto de Rigel.

Sem querer, os meus olhos captaram alguns termos: «sintomas», «incapacidade», «rejeição», «solidão» e...

– Obrigada, Nica. – Anna tirou-me o papel da mão e voltou a colocá-lo no processo.

Olhei para ela, sem a ver, ofuscada, confusa. Nem sequer repliquei. Aquelas palavras rodopiaram dentro de mim, criando desordem.

Incapacidade. Rejeição. Solidão... Sintomas?

De que sintomas é que estavam a falar? E porque é que havia assim tantas páginas sobre ele?

Os pensamentos aglomeraram-se na minha mente e não fui capaz de raciocinar com clareza. Esses pormenores disseram-me alguma coisa, uniram algumas peças e deixaram outras a descoberto. Cada uma delas era um fragmento do mosaico que formava o mistério de Rigel. Cada uma delas, no entanto, compunha a sua alma...

Será que finalmente a conseguiria ler?

Adeline veio visitar-me essa tarde.

Abri-lhe a porta e ela entrou com todo o respeito. Foi tão estranho franquear-lhe o acesso à minha casa que fui obrigada a virar-me para olhá-la de frente.

Não conseguia acreditar que fosse ela. Que estivesse ali.

Detive-me na sala de estar, atrapalhada, e os seus olhos observaram-me, de súbito carregados de emoções.

– Queres... beber alguma coisa? A Anna fez chá – murmurei, retorcendo as mãos. – Sei que... bom, outrora gostavas muito. Se quiseses, posso...

Ainda não tinha acabado de terminar a frase quando uma lufada de ar me atingiu.

Adeline abraçou-me e eu fiquei imóvel, estupefacta. Mergulhei naquele calor inesperado. Sentir as suas mãos agarradas aos meus ombros incendiou-me o peito de imediato. A saudade explodiu toda ali, toda de uma só vez entre os seus braços: dei por mim a abraçá-la também, como uma peça que nunca havia deixado de me completar.

– Não sabia que iria encontrar-te aqui – sussurrou com voz trémula.

Dei-me conta do quanto havia sentido a sua falta. Pareceu-me que alguém tinha acabado de me devolver uma peça essencial da engrenagem do meu coração.

No dia em que Adeline tinha sido transferida para outra instituição, o meu mundo perdeu a sua derradeira luz.

– Como cresceste...

Afastou-me os cabelos do rosto de modo a poder observar-me melhor. E eu não pude deixar de pensar a mesma coisa em relação a ela.

Era uma adulta. Só tinha mais dois anos do que eu, mas percebi com tristeza de que não seria capaz de imaginá-la assim tão crescida.

No entanto, aquele continuava a ser o seu sorriso. Continuavam a ser os seus olhos, os seus cabelos louros, a sua voz doce e tranquilizadora...

Senti uma vontade louca de chorar.

– Como é que te sentes?

– Melhor – respondi, esforçando-me por reprimir as emoções. Convidei-a a sentar-se no sofá e depois fui buscar o chá.

– Eu não... não sabia que tinhas abandonado o Grave. – A sua mão deslizou para dentro da minha e olhou em redor, comovida e admirada. – É tudo tão bonito aqui... Esta casa parece ter sido feita à medida para ti. Parecem ser, na verdade, boas pessoas.

– E tu? – perguntei, ansiosa e apreensiva. – Estás com a tua família? Vives aqui perto?

O sorriso de Adeline esmoreceu.

– Eu ainda lá estou, Nica – respondeu, cautelosa. – No orfanato para onde fui transferida. Já sou maior de idade, por isso vou ter de me ir embora, mas... não tenho emprego – disse com um sorriso triste. – De vez em quando venho até à cidade... Tinha arranjado um emprego numa pequena livraria, mas o proprietário fechou-a no mês passado.

Senti um aperto no coração.

Sabia que tinha sido afortunada, sabia que era uma exceção, mas aquela notícia não deixou de me causar tristeza.

– Adeline, eu...

– Está tudo bem – antecipou-se ela com calma. – A sério... Já se passou tanto tempo. – Não há problema, não te preocupes.

Presenteou-me com um sorriso ténue e depois baixou os olhos, pousando-os em *Klaus*, que tinha começado a morder as orlas do meu cobertor.

– Fiquei a saber do detetive... Estás bem?

– A Anna acha que eu devo conversar com alguém sobre esse assunto – confessei passado um bocado. – Pensa... que isso poderá ajudar-me.

– Acho que ela tem razão. – Adeline encolheu os ombros e suspirou. – De coisas como esta... nunca ninguém se cura sozinho.

– E tu foste?

Ela anuiu devagar.

– Um par de vezes. Fui por minha conta e risco. O proprietário da livraria era um senhor muito simpático e tinha um amigo que era psicólogo. Não lhe... contei nada sobre *Ela*. Não lhe falei propriamente da Margaret, mas, seja

como for, conversar fez-me bem. – Abanou a cabeça devagar. – Mas Nica... Tu eras muito pequena quando começaste a passar por todas aquelas coisas terríveis. Cada um de nós assimila as próprias experiências de maneira diferente. Sobretudo as traumáticas. Cada um de nós vive-as a seu modo. É diferente para cada pessoa. Vê só o Peter... Ele nunca recuperou.

Mordisquei com nervosismo as costuras dos pensos rápidos, a minha consciência deu-lhe razão. *Ela* não se tinha ido embora. A sua presença ainda se encontrava bem viva.

Nem todos tínhamos sofrido os mesmos traumas, mas nenhum de nós voltou a ser o mesmo.

«De coisas como esta nunca ninguém se cura sozinho.»

Contudo, a pergunta era...

Alguém se cura de coisas como esta?

Uma mão afastou-me com delicadeza os dedos da boca. Adeline sorriu enternecida.

– Não perdeste o hábito de mordiscar os pensos rápidos quando estás nervosa.

Corei envergonhada e baixei os olhos. Era um vício que trazia comigo desde pequena.

– Foi por isso que vieste aqui? – perguntei, retomando a conversa. – Porque soubeste o que aconteceu?

Ao ouvir aquelas palavras, Adeline desviou o olhar; de repente, pareceu-me incomodada.

– Não... Na realidade vim por outro motivo. Lembrei-me na semana passada... e pensei vir. Vim por causa do Rigel.

Senti o estômago a contrair-se.

– Por causa... do Rigel?

– Não te lembras? Amanhã é o aniversário dele.

Caí das nuvens aos trambolhões. Emudeci e faltaram-me as palavras.

O aniversário de Rigel.

O dia 10 de março.

Como era possível eu ter-me esquecido?

Retive essa informação com os olhos ainda fitos em Adeline.

Na realidade, esse não era de facto o dia em que ele tinha nascido, mas sim o dia em que o encontraram à porta do Grave. Nunca foram capazes de descobrir com exatidão a data precisa, tendo-o batizado nessa mesma noite.

Lembrava-me do seu aniversário porque era o único que a tutora alguma vez festejou. Lembrava-me de Rigel com a vela espetada num bolinho, iluminando-lhe o rosto, sozinho, sentado à mesa do refeitório...

– Queria fazer-lhe uma surpresa – murmurou Adeline. – Mas já devia imaginar que não iria reagir como eu imaginava.

A recordação daquele beijo foi como um soco no coração. Desviei os olhos, fixando-os num ponto afastado dela, incapaz de a fitar. Não notei que tinha as mãos apertadas sobre os joelhos.

– Para ele nunca foi um dia de festa. O Rigel... nunca gostou deste tipo de atenções – disse em voz baixa.

– Não, Nica... Não é por isso. – Adeline baixou os olhos, melancólica. – É por causa daquilo que passou.

Lancei-lhe um olhar de soslaio, impressionada, e ela observou-me com tristeza.

– A sério que nunca tinhas pensado nisso?

Permaneci presa aos olhos de Adeline, e depois...

Depois percebi. Percebi o quanto havia sido tola.

O que ele tinha passado... *o abandono dos seus pais.*

– O dia do aniversário... o dia em que o encontraram, faz-lhe lembrar a noite em que a família não o quis – confirmou Adeline.

Sempre o tinha interpretado mal. Sempre o vi dentro da sua redoma reluzente e perfeita, associando o sofrimento àquilo que *Ela* nos fazia e sabendo que ele não podia compreender.

Mas e eu? O que é que eu alguma vez compreendi sobre ele?

– O Rigel não é como nós – Adeline olhou para mim com anseio. – Nunca foi... Nós perdemos as nossas famílias, Nica, mas eles não queriam abandonar-nos. Nós não podemos compreender o que significa ser repudiado pelos próprios pais e ser deixado dentro de uma cesta sem sequer um nome.

A desconfiança contínua. O comportamento desiludido.

A ausência de vínculos, a couraça para repelir o mundo.

O seu carácter agressivo, esquivo e rebelde.

Incapacidade, solidão, rejeição. Sintomas.

Rigel possuía a síndrome da criança abandonada. Era um trauma que uma pessoa carregava consigo para sempre. Crescia dentro dele até se fundir com aquela realidade.

Os sinais estavam lá. No entanto, eu não fui capaz de os interpretar.

Adeline pareceu compreender-me.

– Ele nunca deixará que se veja o quanto sangra por dentro – disse. – O Rigel oculta tudo... Contém-se o tempo todo, mas por dentro... possui uma alma tão aberta à dor e aos sentimentos que mete medo. Às vezes não entendo como faz para não enlouquecer. Tenho a certeza de que ele odeia inclusive o nome dele – rematou. – Porque lhe foi dado pela tutora e porque é símbolo do seu abandono.

De repente, tudo adquiria um carácter diferente. Rigel, que me afugentava. Rigel, que não deixava ninguém aproximar-se. Rigel, que desde pequeno fitava aquela velinha de aniversário sem ninguém ao seu redor.

Rigel, que me pegava pelo braço no meio do parque, que se deixava tocar pela primeira vez, que olhava para mim com a docilidade de quem ainda acredita que pode ser ferido...

– Não o abandones, Nica. Não permitas que se anule. – Adeline olhou para mim, angustiada. – O Rigel condena-se a si mesmo a estar sozinho. Talvez porque acredita que não merece outra coisa... Cresceu com a percepção de não ter sido querido e está convencido de que sempre será assim. Mas não o deixes sozinho, Nica. Promete-me que não o farás.

Não o faria.

Nunca mais.

Não o deixaria sozinho porque já o estivera durante demasiado tempo.

Não o deixaria sozinho porque os contos de fadas existem para todos.

Não o deixaria sozinho porque não é sozinho que se aprecia a vida, mas ao lado de alguém, de mãos dadas, corações fortes e rostos iluminados.

Não o deixaria sozinho porque desejava falar com ele, escutá-lo, continuar a senti-lo ainda por muito tempo. Desejava acariciar-lhe a alma.

Desejava vê-lo sorrir, rir e iluminar-se, desejava vê-lo feliz como nunca tinha querido outra coisa.

Desejava tudo isto e muito mais porque Rigel me havia esculpido o coração ao ritmo da sua respiração e eu já não sabia respirar de outra maneira.

E gostaria de gritar isso ali, naquele sofá, arrancar essas palavras de dentro de mim e apregoar para o mundo inteiro me ouvir, mas contive-me.

Ao invés, preferi deixar falar o coração e o resto guardei-o para mim.

– Prometo.

Na tarde seguinte segurava um embrulho nas mãos, caminhando apressada pelas ruas do bairro.

Estava um pouco atrasada. Ergui os olhos e vislumbrei o quiosque dos gelados do outro lado da rua.

Atravessei e lancei uma vista de olhos em redor, procurando um rosto familiar.

– Olá – cumprimentei Lionel e este retribuiu-me a saudação. – Desculpa o atraso... Estás à espera há muito tempo?

– Não, que ideia – respondeu, aproximando-se. – Vem, guardei uma mesa. Na realidade, já estou há um pouco à tua espera, sim, mas nada de especial.

Voltei a pedir desculpa e disse-lhe que se ele quisesse podia oferecer-lhe o gelado. Lionel aceitou de imediato e eu pus-me na fila do quiosque para comprar dois cones.

Quando cheguei ao pé dele, apercebi-me do seu olhar pousado em mim. Entreguei-lhe o gelado e pareceu-me ver os seus olhos a deslizarem pelas

minhas pernas nuas.

– O que é que se passa? – perguntei-lhe assim que me sentei.

– É um lindo vestido – comentou, olhando para o meu vestidinho vermelho salpicado de pequenas bolinhas brancas. Observou o tecido esvoaçante que conferia cor à minha pele e a pequena mala a tiracolo castanha que Anna me oferecera. – Fica-te muito bem. Estás muito bonita.

As minhas faces tingiram-se de rosa e ergui as sobrancelhas. Desviei o olhar e logo em seguida refleti sobre a conversa que tinha tido em casa de Billie.

– Obrigada – respondi, esperando que ele não reparasse no meu embaraço.

– Não precisavas de tê-lo vestido para vir aqui.

– Hã?

Lionel sorriu, descontraído.

– Não é que não tenha gostado... mas não era necessário usares um vestido tão bonito só para irmos comer um gelado juntos. Não devias, a sério. É apenas um gelado.

– Oh, não, eu... eu sei. Vesti-o porque mais tarde tenho um jantar. Sabes, vamos festejar em família. Hoje é o dia do aniversário do Rigel.

Lionel ficou imóvel por um momento tão demorado que o gelado começou a escorrer-lhe ao longo dos dedos.

– Ah – observou, fitando-me, inexpressivo. – Hoje é o dia do aniversário dele?

– Sim...

Ele calou-se. Recomeçou a comer o gelado enquanto eu sorria para uma joaninha que acabara de me pousar nas costas da mão.

– Quer dizer então que foi para ele que o vestiste?

Observei Lionel, que agora estava a remexer no gelado com a colherzinha, demasiado concentrado para olhar para mim.

– «Para ele?»

– Para o querido *maninho*? – especificou com desinteresse. – Arranjaste-te assim toda bonita para o aniversário dele?

Olhei para ele confusa. Não o tinha envergado para ninguém... Apenas para mim.

Queria que fosse uma ocasião especial. Tinha sido eu a informar Anna e Norman, e conhecendo o pouco apreço de Rigel por festas, tínhamos optado por algo simples, apenas entre nós os três.

Adeline também iria estar presente. Eu, para variar, quis vestir uma coisa diferente.

– Vamos fazer um jantar em casa – murmurou. – Achei que seria uma coisa bonita...

– E tu vestes um vestido só para jantar em casa?

– Lionel... Há alguma coisa que queiras dizer-me?

Não o entendia. Não tinha acabado de dizer que aquele vestido me ficava bem?

– Esquece – murmurou, abanando a cabeça. Reparou no meu olhar perturbado e acrescentou: – Não queria dizer nada. Achei estranho, só isso. – Deu uma dentada no barquilha e esforçou-se por me sorrir.

Terminámos de comer os nossos gelados em silêncio.

– O que é que há aí dentro? – perguntou, passado um bocado, agitando o embrulho que eu tinha pousado em cima da mesa. – Este é o motivo por teres chegado atrasada, não é verdade?

– Sim – respondi, entalando uma madeixa de cabelo atrás da orelha. – Vi-o no caminho para cá e parei para comprá-lo. Lamento...

– O que é?

– É o presente para o Rigel.

Lionel parou de imediato de girá-lo entre os dedos. Segurou o pacote nas mãos, voltando-se devagar na minha direção.

– Posso vê-lo?

Assenti e ele desembulhou-o devagar.

Retirou uma pequena esfera de vidro.

Possuía um cordão de seda preta e estava cheia de areia colorida, disposta de uma maneira que desenhava no vidro um belíssimo céu estrelado. Os grãos reluziam a contraluz, cintilando quais pequenas estrelas.

Também se via a constelação de Oríon, impressa como uma teia de aranha de finíssimos diamantes.

Nem sequer sabia o que aquilo era. Um porta-chaves, talvez. Não tinha a certeza. No entanto, assim que a vi por acaso naquela pequena oficina de vidro soprado, não pude deixar de pensar que seria perfeita para ele.

Uma parte de mim era capaz de imaginá-la a pender dos seus dedos enquanto brincava distraído, concentrado a ler um livro...

Lionel girou-a nas mãos e eu pus-me de pé a fim de deitar a colherzinha no lixo.

– É feita à mão – contei. – A senhora que me atendeu disse-me que era a última. Imagina que é mesmo ela quem pinta a areia! Usa uma espécie de monóculo, depois senta-se no escabelo e vai ordenando os grãos com uma agulha comprida até que...

O ruído de vidros estilhaçados sobressaltou-me.

Aos pés de Lionel, cacos partidos brilhavam no meio de uma auréola de areia. Fitei-o sem respiração.

– Oh – comentou Lionel, coçando uma das faces. – Bolas para o negócio.

Enquanto ele se desculpava, aproximei-me e ajoelhei-me no chão, contemplando os pedaços de vidro entre os meus dedos.

Aquele presente escolhido com tanto cuidado... agora estava reduzido a cacos.

Porquê? Porque é que quando se tratava de Rigel tudo tinha de acabar em pedaços?

Segurei os estilhaços entre os dedos, tremendo de desilusão, e ergui o rosto para Lionel. Nos meus olhos reluzia uma emoção que nunca tinha experimentado antes.

Voltou a pedir-me desculpa, mas desta vez não respondi.

Mais tarde regressei a casa com o coração a pesar-me no peito. Gostaria tanto de ver Rigel aceitar aquela lembrança. Uma parte de mim perguntar-se-ia para sempre se alguma vez o teria feito.

– Oh, Nica, já voltaste! – Anna estava ocupada a pôr na mesa a sua melhor toalha. – Podias fazer-me o favor de levar essa caixa para cima enquanto eu termino de pôr a mesa? Deixa-a no quartinho ao fundo do corredor.

Ao ouvir aquelas palavras, procurei o seu rosto e dirigi-lhe um olhar compreensivo, mas ela sorriu. O quartinho ao fundo do corredor era onde ela guardava as coisas do Alan. Obedeci e apressei-me a subir as escadas.

Acendi a luz e pousei a caixa ao pé de um armário. Naquele quarto havia roupas, caixas, velhos CD de música e pósteres enrolados junto à parede; também havia livros. Aproximei-me e vi que eram os manuais da universidade.

Descobri que o Alan estudava Direito, assim como a Asia.

Com respeito, peguei num livro especialmente volumoso e abri-o. Desejava aproximar-me dele, conhecê-lo e saber mais alguma coisa sobre ele. Gostaria de pedir à Anna que me falasse a seu respeito, mas não sabia se estaria disposta a fazê-lo de bom grado.

Folheei o livro de *Direito Penal*, impressionada com o número descomunal de páginas. Reparei que estava limpo e impecável. Alan era muito cuidadoso com os livros.

Li com distração os títulos dos capítulos:

Crime de abuso infantil...

Crime de bigamia...

Crime de violência doméstica...

Crime de incesto... Franzi a testa. Os meus olhos foram atraídos por uma palavra que me chamou de imediato a atenção. *Adoção*.

Concentrei-me e li o que lá estava escrito.

«Em muitos estados a *adoção* cria um vínculo familiar verdadeiro e

particular. Com o processo de adoção, o *adotando* passa legalmente a fazer parte da família *adotante*. Por conseguinte, este é constituído como um membro familiar de pleno direito.

Secção treze A, Código Penal do estado de Alabama: Qualquer relação ou casamento com um membro da família, consanguíneo ou adquirido mediante adoção, é considerado incesto ao abrigo da Lei.

Isto abrange: pais e filhos de sangue ou através de adoção; irmãos e irmãs de sangue ou através de adoção; meios-irmãos e meias-irmãs.

O incesto é um crime de Classe C. Os crimes de Classe C são punidos com pena de reclusão que pode ir até...

Parei de ler. Fechei o livro e afastei-me como se me tivesse queimado. Zumbiam-me os ouvidos.

Fiquei imóvel a contemplar a capa, sem a ver de facto. Uma sensação silenciosa debatia-se dentro de mim como um mar em plena borrasca. Não percebi o que era aquela sensação de vazio. Nem sequer percebi o que estava a acontecer comigo.

Fechei a porta à pressa e recuei sem me reconhecer. À medida que voltava para trás, tive a impressão de que as paredes se distanciavam. Tudo parecia de repente fora do lugar, estranho, como se o meu eixo tivesse sido deslocado.

Afugentei essas sensações e tranquei-as a sete chaves antes de voltar a descer. Esforcei-me por me concentrar apenas no serão, e ignorei aquela emoção indefinida dentro de mim que não parecia querer deixar-me em paz.

Foi um jantar tranquilo.

Pude, por fim, apresentar Adeline a Anna e a Norman, que levou o tempo todo a passar-lhe o molho, perguntando-lhe se queria mais.

Lancei vários olhares a Rigel, tentando decifrar alguma coisa no seu rosto, alguma coisa que me permitisse perceber se estava a gostar. Por sorte, Adeline impedia-me de vê-lo com clareza.

Chegou o bolo, chegaram os presentes e eu retraí-me um pouco ao recordar-me que não tinha nada para lhe dar.

Por fim, quando lá fora já estava escuro há um bom bocado, Adeline decidiu que estava na hora de se ir embora.

Norman ofereceu-se para a acompanhar, mas ela declinou com educação. Anna deu um beijo a Rigel e subiu para o quarto, onde Norman se juntou a ela depois de nos ter dado as boas-noites.

– Obrigada pelo serão – sussurrou Adeline.

Despediu-se de mim com uma carícia, em seguida aproximou-se de Rigel,

que ainda se encontrava sentado: por pouco não estremei quando ela se curvou para o abraçar.

– Pensa naquilo que te disse no outro dia – pareceu-me ouvi-la sussurrar.

Ao ouvir aquelas palavras, Rigel desviou a cara, como se não quisesse ouvir e ao mesmo tempo como não se fosse capaz de as tirar da cabeça; ela suspirou e depois foi-se embora.

Ficámos apenas nós os dois.

Fez-se silêncio e Rigel olhou na minha direção: quando viu que estava a observá-lo, desviou de imediato o olhar e pôs-se de pé.

– Rigel.

Aproximei-me dos seus ombros, parando mesmo atrás dele.

– Hoje tinha-te comprado uma coisa... Não me esqueci. Infelizmente, não posso dar-ta.

– Não importa – murmurou.

Eu baixei a cara.

– A mim, sim – repliquei, amargurada. – A mim importa.

Queria que aquela noite fosse especial para ele. Gostaria de fazê-lo compreender o afeto que as pessoas que tinha junto de si nutriam por ele, mesmo que não fosse capaz de o ver. Queria que ele compreendesse que não estava sozinho.

– Lamento – disse num fio de voz.

Segurei numa orla da sua *T-shirt* e senti dentro de mim a necessidade de me aproximar mais um pouco.

– Eu tinha uma coisa. E agora gostaria... gostaria de poder remediar...

– Não digas nada – interrompeu-me a sua voz. Parecia uma súplica urgente a que lhe retesava os pulsos. – *Não digas nada...*

– Quero fazê-lo – murmurei obstinada. – Deixa-me remediar a situação. Se houver alguma coisa de que gostasses... – intensifiquei a pressão, procurando o rosto dele. – Qualquer coisa...

Rigel respirou devagar. Permaneceu em silêncio antes de o ouvir pedir, num tom de voz de uma lentidão e de uma profundidade incríveis:

– Qualquer coisa?

Lembrei-me do modo como me havia segurado o braço debaixo da chuva. A bofetada que levava no meu lugar. O arranhão no seu rosto...

– Sim – sussurrei sem hesitar.

– E se eu te dissesse... para ficares quieta?

– Como?

Rigel virou-se devagar. Os seus olhos escuros pousaram em mim.

Respirei com dificuldade: no reflexo das suas íris vi o meu vestidinho vermelho e a boca entreaberta sob o olhar prateado.

– Quieta – sussurraram os seus lábios, deixando-me à deriva. – *Apenas*

quieta...

Fiquei imóvel. Presa ao som da sua voz.

Olhou para mim por debaixo das pestanas, alto e sobranceiro, e só então me apercebi de que tinha um resto de açúcar em pó no canto da minha boca. Fiz menção de limpá-lo.

Contudo, não consegui. Os dedos de Rigel rodearam-me o pulso, imobilizando-me: o seu toque sedoso explodiu-me na pele e a minha respiração estremeceu.

Estava a tocar-me.

Permaneci inerte ao mesmo tempo que me baixava o braço devagar, acorrentando-me ao seu olhar.

– Apenas – engoliu em seco –, *quieta...*

Estava hipnotizada.

Contemplei-o com olhos indefesos, ardendo de sensações incontroláveis.

As suas pupilas deslizaram-me pelo rosto. Rigel olhou para mim por um momento, e depois... inclinou-se devagar para a frente.

O seu perfume masculino invadiu-me as narinas. O coração começou a martelar-me na garganta.

Respirou sobre mim e... os seus lábios pousaram na comissura dos meus.

Sustive a respiração.

A sua língua quente acariciou-me a extremidade da boca e eu parei de respirar. O coração ficou tenso, os joelhos tremeram-me. Rigel limpou-me o açúcar em pó e dei por mim a apertar a bainha do vestido como se fosse o meu único ponto de apoio no meio daquela loucura.

Já não entendia mais nada.

A minha respiração aprofundou-se, os nossos hálitos misturaram-se e o seu perfume desceu-me diretamente pela garganta, toldando-me a mente como o mais doce dos venenos.

O coração estava a ponto de me saltar pela boca. Estranhas vertigens deixaram-me a cabeça a andar à roda e esqueci-me de como se fazia para respirar.

Estava a matar-me.

Sem um único ruído sequer.

Tive a sensação de que também os dedos dele tremeram, em torno do meu pulso...

Afastou-se, lambendo o açúcar do lábio inferior. Fitei-o perdida, em brasa e cheia de arrepios.

Sentia-me assustada com o que se mexia dentro de mim. Aterrorizada com as reações da minha pele.

Todavia, a respiração dele aniquilou-me.

Os seus olhos queimaram sobre os meus lábios.

O seu hálito atingiu-me em cheio nas faces.
Fechei os olhos e...

✱

Os lábios de Nica.

Rigel não via mais nada.

O sangue pulsava-lhe nas têmporas, o cérebro estava enevoado. O coração estava a ponto de lhe esmagar o tórax.

Ela não se mexeu.

Ficou quieta...

Sem sequer se aperceber disso, empurrou-a ao de leve para trás, obrigando-a a ficar colada à mesa. Deu por si a deslizar-lhe as mãos ao longo dos antebraços até a agarrar por ambos os pulsos, ofegante.

Morria de vontade de beijá-la.

O verme rosnava. E ele ainda sentia o sabor de mel da pele dela na sua língua, como uma condenação que o faria arder para sempre.

Precisava de se afastar dela. Antes que fosse tarde de mais.

Precisava de a soltar, rosnar-lhe, empurrá-la para longe e nunca mais olhar para ela...

Contudo, Nica estava ali, *e meu Deus*, era o pecado mais bonito que alguma vez viu na vida. Com aquele vestido que lhe cingia os seios e os seus longos cabelos castanhos, os lábios reluzentes e entreabertos que respiravam todo o ar que ele gostaria de lhe arrebatara da boca.

Era esplêndida e irresistível.

Inclinou-se um pouco para a frente, inspirando o seu perfume doce. Os travões estavam a ceder. Roçou-lhe pela pele cálida dos pulsos e sentiu-a sustar a respiração. O coração martelou-lhe de encontro às costelas numa tortura insuportável.

O cheiro dela estava a subir-lhe à cabeça. Tinha a sensação de não ser capaz de perceber mais nada, de estar a perder o contacto com a realidade. Nada se comparava ao efeito que Nica lhe causava.

E gostaria... *Naquele momento, ele só gostaria...*

Ela estremeceu.

Rigel ergueu os olhos.

Viu-a engolir em seco, as pálpebras apertadas com força, uma expressão chocada, as faces em brasa e os joelhos trémulos.

Tremia de tal maneira que mal conseguia respirar, tremiam inclusive os pulsos apertados nas suas mãos.

Nem sequer era capaz de olhar para ele.

E mais uma vez ele acionou o mesmo mecanismo destrutivo: o terror, a rejeição, a paixão avassaladora, esses sentimentos que o sufocavam e o

esmagavam numa condenação eterna.

Regressaram a angústia, a frustração. Rigel teve vontade de arranhá-la com as unhas, de arrancá-la de dentro de si e de parar de se sentir sempre tão obscuro, radical e errado. Estava cansado de se sentir assim, mas quanto mais tentava rebelar-se contra si mesmo, mais o seu coração se refugiava dentro do peito como uma besta ferida.

Só gostaria de se sentir bem. Só gostaria de lhe tocar, de a sentir. De a viver.

Desejava-a com tudo o que tinha, mas tudo o que possuía eram apenas mordidas, espinhos, dores e uma alma repleta de sofrimento.

E ela nem sequer era capaz de o olhar, olhos nos olhos.

«Se existe alguém capaz de amar assim tanto...», as palavras morreram dentro de si ao mesmo tempo que Nica tremia na sua frente.

E Rigel pensou que havia uma doçura aterradora na maneira como a sua alma se despedaçava por entre os ossos há uma vida inteira, só de ficar a olhar para ela.

✱

A mão dele soltou-me.

Rigel afastou-se e eu precipitei-me na realidade.

Não, berrou o meu coração de uma maneira dolorosa.

Achei que estava a enlouquecer. Por não ser mais capaz de distinguir o que está em cima do que está em baixo, o direito do avesso. Já não era eu: sentia apenas uma força invisível que me ligava a ele.

Estava prestes a impedi-lo de abandonar a sala, quando naquele exato momento, alguém bateu à porta.

Sobressaltei-me e, na minha frente, Rigel virou a cara e os seus olhos dirigiram-se para a entrada como uma seta.

Quem é que podia ser a uma hora dessas?

– Não te vás embora – implorei-lhe. A minha voz soou carregada de angústia. – Não fujas. Por favor. Suplico-te...

Mordi os lábios, esperando convencê-lo a esperar por mim, a não desaparecer pelo menos dessa vez.

Talvez tenha conseguido porque Rigel não se mexeu. Lancei-lhe uma derradeira vista de olhos antes de me afastar em direção ao vestíbulo, e tive a certeza de sentir o olhar dele pregado em mim.

Percebi que havia alguém do outro lado dos vidros martelados, alguém que estava nesse momento a esmurrar a porta como se não nos encontrássemos a meio da noite.

Espreitei pelo óculo. E então arregalei os olhos.

Olhei para a porta com ar confuso e estupefacto, estendi a mão e abri.

– Lionel – exclamei sem fôlego.

Ele fitou-me com a mão ainda no ar, os olhos transtornados. Tinha todo o ar de ter vindo a correr até ali.

– O que é que se passa? O que é que fazes aqui a uma hora destas?

– Vi as luzes acesas – respondeu, precipitado, aproximando-se de mim. O seu olhar obcecado e possesso assustou-me. – Eu sei, é tardíssimo, eu sei, Nica, mas... não conseguia dormir... Não podia...

– Aconteceu alguma coisa? Estás bem?

– Não! – respondeu fora de si. – Não faço outra coisa a não ser pensar no assunto, cheguei ao meu limite. Não suporto esta situação, não suporto que... que tu estejas aqui, que... – mordeu os lábios, desorientado.

– Lionel, acalma-te...

– Não suporto que tu vivas aqui *com ele* – cuspiu por fim.

Senti um aperto no estômago.

Depois de ouvir essas palavras, lancei um olhar alarmado por cima do ombro; tinham ribombado no silêncio como um tiro de canhão.

Avancei um pouco, deixando a porta entreaberta: Lionel deu um passo à retaguarda e os meus olhos recaíram na vedação ainda aberta.

– É tarde, Lionel. É melhor ires para casa...

– Não! – interrompeu-me, febril, levantando a voz. Nem parecia ele. – Não vou para casa coisa nenhuma. E também já não sou capaz de continuar a fingir que não se passa nada! Não suporto saber que o tens sempre por perto, com essa sua atitude de sacana intocável e tu com esse teu... *vestido* – gesticulou como um louco, fitando cada centímetro do meu corpo. As suas íris cravaram-se nas minhas, iluminadas de súbito por um brilho sinistro. – Estiveram juntos até agora? É isso? O que foi que ele te pediu como presente, há? *O quê?*

– Estás fora de ti – respondi com um aperto no peito.

– Não queres dizer-me? – Respirava com esforço. Os seus olhos fitaram alternadamente os meus, agitados. – Ainda não compreendeste, pois não?

Aproximei-me dele.

– Lionel...

– *Não...!* – explodiu fora de si, afastando-se alguns passos. – Como é que posso fazer-te entender? Há? Como? – Enfiou as mãos nos cabelos. – És mesmo assim tão ingénua?

Sobressaltei-me quando ele cerrou os punhos.

– Não posso continuar assim, é absurdo! Há quanto tempo é que nos falamos? *Há quanto tempo?* E, no entanto, parece que tu não vês nada! O que é que eu preciso de fazer para que tu percebas? O quê? Santo Deus, Nica, abre os olhos!

De repente as suas mãos agarraram-me o rosto: Lionel beijou-me e eu esbugalhei os olhos. Por instinto, fechei as pálpebras com força e dei-lhe um empurrão.

Cambaleei para trás, desconcertada, e ele olhou para mim, perplexo. Depois, os seus olhos ergueram-se por cima do meu ombro.

Tremi quando vi duas íris negras fitar-nos da soleira da porta de casa. Na penumbra da noite, eram dois abismos impiedosos e sem luz.

As suas pupilas pousaram em mim. Rigel fitou-me por um instante e eu ouvi o mundo gritar. Depois, deu meia-volta e sumiu.

– Rigel! – chamei-o, fazendo menção de o seguir, mas senti que me agarravam o braço.

– Nica... Nica, espera...

– *Não!* – explodi, levantando a voz. Soltei o braço com um puxão, e Lionel ficou ali a olhar para mim com olhos apavorados antes de eu virar costas e correr para dentro de casa.

*

Os seus nervos estavam a ponto de explodir.

Uma dor surda devorou-o à medida que se encaminhava para longe daquela visão, ou talvez estivesse apenas a fugir.. Tinha uma vontade mortífera de fazê-lo em fanicos, de partir a cara àquele cabrão e afastá-lo dela para sempre. Vê-los juntos era como enlouquecer.

A sua mente precipitou-se, caindo numa espiral escura e sem luz.

Sempre soube que Nica nunca poderia olhar para si como olhava para o resto do mundo, não para ele, não com aquele coração tão imundo e estropiado.

Deixara-se odiar em demasia. Deixara-se detestar inclusive por ela.

O sangue subiu-lhe ao cérebro. Tinha os punhos cerrados. Aquela visão atormentou-o e sentiu uma necessidade irreprimível de partir alguma coisa.

Nunca ninguém o quis, *ninguém*, porque estava estragado, porque era diferente, mesquinho e porque era um *desastre, uma calamidade*.

Mantinha-se afastado do mundo.

Arruinava tudo aquilo que tocava.

Havia qualquer coisa de errada com ele, e assim seria para sempre.

Nem sequer sabia sentir emoções comuns, nem sequer sabia experimentar um sentimento doce como o amor sem o arranhar e reduzir a pedaços numa tentativa de o rejeitar.

Estar ligado a alguém significava sofrer. Estar ligado a alguém significava abandono, medo, solidão e dor. E Rigel não queria voltar a sentir isso.

O amor feria-o, mas por outro lado existiam os olhos de Nica, o seu sorriso resplandecente e uma doçura de menina que lhe despedaçava o coração.

Fechou os olhos com força. O *stress* fez-lhe latejar as têmporas, pontinhos brancos explodiram-lhe debaixo das pálpebras e ele sentiu algo crescer dentro de si, uma desolação cruel e ardente.

– Não... – Os músculos contraíram-se. Rejeitou com força aquela dor que estava sempre a ameaçar fazê-lo perder a razão. Fechou os olhos, arranhando-os, torturando-os, mas aquela sensação permaneceu ali.

Tomado pela fúria, atirou a mochila ao chão com um pontapé e sentou-se na cama. Enfiou as mãos nos cabelos, apertando-os como um louco quase até arrancá-los.

– Agora não... *Agora não...*

★

– Rigel! – chamei-o das escadas.

Cheguei ao andar de cima e acerquei-me do quarto dele. A porta encontrava-se entreaberta. Empurrei-a devagar.

E ele estava ali, sentado na cama, mergulhado na penumbra.

– Rigel...

– *Não entres* – sibilou, fazendo-me sobressaltar. Fitei-o, angustiada com aquele tom de voz tão ameaçador.

– Sai daqui... – vociferou, esmagando os dedos entre os cabelos negros. – Sai já daqui.

O meu coração martelava como um possesso, contudo não me mexi.

Não fazia tenção de arredar pé dali.

Aproximei-me devagar, percebendo a sua respiração entrecortada, mas Rigel rangeu os dentes com violência.

– Disse-te para *não entrares* – rosnou, enraivecido, afundando as mãos no colchão. As suas pupilas estavam incrivelmente dilatadas, como as de um animal selvagem.

– Rigel... – sussurrei. – Estás bem?

– Nunca estive *melhor* – sibilou. – E agora sai daqui.

– Não – repliquei, obstinada. – Não me vou embora...

– *Fora daqui!* – explodiu com tal violência que me assustou. – És surda ou quê? *Disse-te para desapareceres daqui!*

Rosnou-me de uma maneira terrível. Fitei-o aflita, com os olhos esbugalhados, e então vi um sofrimento devastador soterrado como um pedaço de vidro debaixo de toda aquela raiva. Com um nó na garganta, senti que também esse vidro se espetava dentro de mim.

Estava a repelir-me de novo, mas desta vez podia ver o desespero com que o fazia.

«Porque Rigel se condena a ser sozinho», senti enquanto ele sangrava na minha frente.

– Ouviste o que eu disse? SAI DAQUI, NICA! – vociferou nos meus ouvidos com aquele tom de voz que teria aterrado qualquer um, e para variar eu segui o coração em vez da razão.

Estendi os braços e cingi-lhe a cabeça, depois puxei-o na minha direção.

E abracei-o.

Abracei-o para me despedaçar junto com ele, sem perceber porque é que eu também estava a ser reduzida a pedaços.

Abracei-o com todas as forças que possuía, e as suas mãos agarraram-me o vestido como fazia quando queria repelir-me.

– Nunca mais estarás sozinho... – sussurrei-lhe ao ouvido. – Eu... não te abandonarei, Rigel. Prometo. – Senti de encontro à barriga a sua respiração ofegante. – Nunca mais te sentirás sozinho. *Nunca mais...*

E no momento em que proferi aquelas palavras... os seus dedos esmagaram-me o tecido do vestido, deformando-o com força. E depois... depois atraíram-me a si.

Rigel agarrou-se a mim. Comprimiu a testa de encontro à minha barriga.

A sua respiração tornou-se entrecortada e subjugou-me a alma como se aquela confissão fosse tudo o que eu precisava de ouvir.

Fui percorrida por um terramoto. Os meus olhos dilataram-se e as minhas mãos afundaram nos seus cabelos como se estivesse a desarreigar-me de mim mesma.

Enquanto ele me estreitava com desespero junto a si como se fosse aquilo que mais desejava no mundo... o meu coração explodiu.

Rebentou como uma galáxia.

A minha alma dilatou-se e envolveu-se em torno de Rigel até se fundir com a sua respiração: senti uma necessidade absoluta de o ter ali, abraçado a mim, unidos como peças de um único espírito. Unidos pelo coração, que nem fragmentos que se procuraram e se perseguiram a vida toda.

Tremi ao mesmo tempo que os meus olhos arregalados se marejavam de lágrimas. Agarrei-me a ele, devastada, percebendo de uma vez por todas a verdade.

Era demasiado tarde.

Por dentro, sentia-me preenchida por ele. Tinha-me deixado as suas marcas por todo o lado.

Tudo o que eu queria, tudo o que desejava com desespero... era aquele rapaz complicado que agora me estreitava nos braços como se assim fosse salvar o mundo. Como se assim o fosse salvar a ele...

Aquele rapaz que conheci a vida toda, o menino do Grave com os olhos negros e a expressão apagada – *Rigel*, gritou cada partícula do meu ser, *Rigel e mais ninguém*.

Pareceu-me que o tinha tido sempre dentro de mim, dando sentido aos meus silêncios, tomando pela mão os meus sonhos mesmo quando me metiam demasiado medo. Agora já vivia dos batimentos do seu coração, daquele ritmo trapalhão e descompassado que ele me gravara diretamente no

coração.

Pertencia-lhe com cada fragmento reluzente da minha alma.

Com cada pensamento.

E cada respiração.

Éramos o início e o fim de uma única história – eternos e indissociáveis, eu e Rigel, ele a estrela e eu o céu, ele arranhões e eu pensos rápidos, *juntos formando constelações de arrepios*.

Juntos... desde o princípio.

E enquanto eu me rasgava para voltar a coser-me com pedaços que gritavam apenas e só o seu nome, enquanto tudo desmoronava e ele se tornava uma parte de mim, compreendi que a única pertença que alguma vez alberguei no coração para o resto da vida... era ele.

Rota de colisão

*Tenho o coração repleto de nódoas negras
mas a alma plena de estrelas,
porque algumas galáxias de arrepios
brilham apenas debaixo da pele.*

O tempo deteve-se.

O mundo parou de girar.

Só existíamos *nós*.

No entanto, bem dentro de mim, universos em rota de colisão tinham acabado de conceder novas formas a cada uma das minhas certezas.

Não conseguia mexer-me. Os meus olhos estavam inermes e esbugalhados. Mas por dentro...

Por dentro eu já não era eu.

A minha alma tremia. Emoções escapavam por todos os lados sem que eu pudesse travá-las. Os meus sentimentos corriam ladeira abaixo, cada vez mais velozes, cada vez mais depressa – e *não, não, espera*, gostaria de ter gritado ao meu coração, *por favor, imploro-te, espera, assim não... Assim não...*

Mas ele não se detinha.

Era uma tremenda loucura achar que o mundo permaneceria alheio à explosão que acabara de ocorrer dentro de mim. Como se estivesse condenada a um suplício só meu, que escavava em silêncio e queimava a cada respiração.

Os dedos de Rigel roçaram o vestido nas minhas ancas.

As mãos dele subiram com gestos lentos, amarfanhando o tecido ao longo das minhas costelas sem que eu me atrevesse a respirar. Queria tê-lo assim em cima de mim todos os dias.

De repente, os seus lábios pousaram-me no ventre.

Rigel beijou-me a pele através do vestido.

Fiquei sem fôlego. Estava perturbada, hipersensível e em brasa, mas não

tive a rapidez suficiente para reagir. Mais um beijo, desta vez mais acima, numa costela que iria queimar para sempre. Tremi e as mãos dele atraíram-me a si.

– R... Rigel – balbuciei, enquanto ele me depositava um longo beijo escaldante no esterno. Parecia perdido, extraviado no meu calor, no meu perfume, no meu corpo tão próximo.

O meu coração martelava-me no estômago, respondendo às carícias da sua boca. Apertei-lhe os cabelos entre os dedos e a sua respiração subiu até à minha cabeça.

Beijou-me a pele nua do peito, devagar, daquela maneira que só ele possuía, com os dentes e com os lábios. Os meus seios subiam e baixavam de forma ritmada, e a sua língua quente percorreu-me a carne num rasto de paixão.

Arqueei à medida que os dedos dele me percorriam a coxa e a apertavam. Puxou-a para si e o meu coração não foi capaz de se opor.

Tentei ignorar aquela doce tensão que estava a formar-se no interior do meu ventre, mas foi impossível. Tinha a impressão de que o coração estava a retorcer-se. Sentia-me quente, húmida, trémula. A situação começava a fugir do meu controlo, não reconhecia nenhuma dessas sensações, e no entanto todas me pertenciam.

Deixei escapar um gemido fraco.

Ao ouvir aquele som, as suas mãos puxaram-me pelo braço, atraindo-me a si, acometidas por um frenesim incontrolável. Curvou com um gesto de posse a minha coxa de encontro ao seu quadril e afundou a boca na minha garganta, mordendo-a, torturando-a, levando aquela tensão até ao limite. A minha respiração acelerou.

Os dentes provaram a curva do meu pescoço, saboreando-o como um fruto proibido. As pernas amoleceram e o coração ocupou o espaço de tudo o resto.

Não estava a raciocinar.

Senti os tornozelos trémulos, os ossos da sua pélvis a ceifar-me as coxas, as minhas mãos afundadas nos seus ombros, aconchegando-o mais a mim. Ele tinha-se tornado o meu centro, o ponto fulcral do meu universo. Só o via a ele, só o ouvia a ele, cada centímetro do meu corpo tremia só de pensar nele.

Os lábios beijaram-me a artéria palpitante da garganta, saciando-se dos batimentos do meu coração. Respirei com dificuldade, acometida por sensações violentas, e os seus dedos apertaram-me um seio. Um arrepio poderoso contraiu-me o estômago e aquela emoção assustou-me.

De repente, a realidade atingiu-me como um balde de água gelada. Sobressaltei-me, a tensão quebrou-se e o medo de que tudo o que estava a sentir fosse verdadeiro e real apoderou-se de mim.

– Não!

Apartei-me do seu corpo e endireitei-me.

O olhar petrificado de Rigel trespassou-me o coração. Fitou-me por baixo dos cabelos desgrenhados, e cada passo que dei para me afastar dele foi como uma punhalada.

– Não podemos – murmurei, agitada. – Não podemos!

Rodeou-me com os braços e ele viu o lampejo de terror nos meus olhos.

– O quê...

– Está *errado*!

A minha voz ribombou por todo o quarto. Aquela única palavra quebrou qualquer coisa dentro de nós os dois.

As íris de Rigel transformaram-se. Então, dei-me conta de que nunca as tinha visto tão luminosas como até aquele momento.

– Está... *errado*? – repetiu em voz baixa. Nem sequer parecia a voz dele. A incredulidade transformou-se em dor e o seu olhar ensombrou-se como se a sua alma estivesse a definhar debaixo da pele. – O quê? O que é que está errado, Nica?

Já sabia a resposta, mas não obstante queria a confirmação.

– Isto... – respondi, sem ter coragem para dar um nome ao que carregava dentro de mim, porque defini-lo seria equivalente a admiti-lo e, por conseguinte, a aceitá-lo. – Não podemos! Rigel, nós... Nós estamos prestes a tornarmo-nos irmãos!

Dizê-lo feriu-me de morte.

Era isso que seríamos aos olhos do mundo. *Irmãos*. Aquela designação que sempre havia recusado parecia agora uma condenação eterna.

Lembrei-me do que havia lido no livro de Alan e senti-o arder como um estigma que nunca mais desapareceria.

Era um erro, não devíamos, *não podíamos* – mas a minha alma gritava, uma injustiça que me cortava a respiração. E o conto de fadas agora tinha sarças, e páginas putrefactas, e quanto mais Rigel olhava para mim, mais eu sentia o meu desejo de criança triturar-me até me rachar ao meio.

Duas esferas brilhantes mantinham agora a balança do meu coração presa por um fio.

Por um lado, luz, calor, deslumbramento e os olhos de Anna. A família que sempre havia desejado. A única esperança que me permitia sobreviver quando a tutora me espancava e me fazia mal.

Por outro, sonhos, arrepios e universos de estrelas. Rigel. Tudo o que havia pintado dentro de mim. Rigel com as suas sarças e os seus espinhos. Rigel e os seus olhos que me haviam penetrado na alma.

E eu ali, no meio daquele caos, esmagada por desejos contraditórios.

– Continuas a mentir a ti mesma...

Rigel continuava a olhar para mim. Mas agora... Agora encontrava-se a anos-luz de distância de mim.

Os seus olhos já não eram feridas abertas, mas sim abismos profundos e longínquos.

– Continuas a iludir-te... Queres acreditar no conto de fadas, mas nós estamos despedaçados, Nica. Estamos estilhaçados. Faz parte da nossa natureza arruinar as coisas. Nós *somos* fabricantes de lágrimas.

«Destruíste-me», pareciam sussurrar os olhos de Rigel. «Sim, tu, tu que és tão frágil e delicada, tu és a destruição por excelência.»

Senti as lágrimas picarem-me as pálpebras.

Falávamos uma língua que os outros não podiam compreender porque vínhamos de um universo só nosso. Mas como arranhavam aquelas palavras, como atingiam a alma, mais do que qualquer outra coisa neste mundo.

– Não posso perder tudo isto – sussurrei. – Não posso, Rigel...

Ele sabia-o. Sabia o que significava para mim. Fitou-me com um olhar ardente de dor, mas por dentro estava a travar uma batalha que sabia de antemão que não podia vencer.

Vi a luz esmorecer nos seus olhos.

Desejei agarrá-la, mas já era tarde de mais.

✱

– *Então vai-te embora* – sibilou.

Nica estremeceu, com lágrimas nos olhos, e ele sentiu-se morrer.

Na sua mente era tudo negro, gritante, e a dor mastigava-lhe o coração. Sabia o quanto isso era importante para ela. Sabia o quanto desejava uma família. Não podia censurá-la.

Contudo, a sua promessa tinha feito nascer uma esperança que ela lhe havia arrebatado antes mesmo de ter tempo de se consolidar. E o mecanismo destrutivo estava a despedaçar tudo, deixando-o em frangalhos.

– Por favor... – Nica abanou a cabeça. – Rigel, por favor, não quero isto...

– E afinal o que é que tu queres? O que é que tu queres, *Nica*?

A sua frustração explodiu. Pôs-se de pé, esmagando-a com a sua altura, ardendo debaixo daquele olhar com que sonhava todas as noites.

– O que é que queres de mim? – perguntou, exasperado.

Sentiu o verme mover-se, impeli-lo a acariciá-la, a tocar-lhe, a beijá-la. Cerrou os punhos com impotência. Por um momento, desejou poder arrancar o coração do peito e deitá-lo fora. Sabia que só podia culpar-se a si mesmo. Aquela, no fundo, era a dolorosa punição pelo erro que havia cometido.

Tocar piano aquele dia no Grave.

Deixar-se escolher.

Ficar com ela.

Tinha sido um erro de puro egoísmo, um gesto desesperado para não a perder. E agora iria pagar o preço por essa atitude para sempre.

– Eu não faço parte do teu conto de fadas perfeito – sussurrou com uma amargura lancinante.

Gostaria de poder odiá-la. Gostaria de poder arrancá-la da alma, libertá-la de si mesmo, perder as *esperanças*.

No entanto, trazia-a gravada no coração.

Além de que já experimentara vergar-se ao amor, mas deu-se conta de que não sabia amar senão assim, daquela maneira desesperada e desgastante, frágil e retorcida.

Os olhos brilhantes de Nica fitaram-no devastados, e Rigel percebeu que ela nunca seria sua.

Nunca a abraçaria.

Nunca a beijaria, nunca a sentiria, nunca a respiraria.

Ela seria sempre inacessível. Mas tão próxima que seria doloroso para ele.

Naquele momento compreendeu que nunca haveria um final feliz. Não para ele. Compreendeu com amargura que devia feri-la, desse modo ela ir-se-ia embora, para longe do desastre e da calamidade que ele era. Devia feri-la porque carregava dentro de si uma dor imensa, demasiados remorsos para admitir para si mesmo o quanto desejava que ela o escolhesse.

Queria-a com todo o seu ser. Mas acima de tudo queria vê-la feliz.

E se a sua felicidade era a família, então iria facilitar-lhe a escolha.

– Vai-te embora. Volta para junto do teu amiguinho. Tenho a certeza de que não vê a hora de retomar do ponto onde foram interrompidos.

– Não faças isso. – Nica semicerrou os olhos. – Não me induzas a odiar-te porque não vais conseguir.

Rigel soltou uma gargalhada odiosa, esforçando-se por torná-la credível. Porra, como o magoava rir daquela maneira. Era como deixar-se devorar pela dor.

– Achas que quero ter-te por perto? Que quero a tua estúpida *gentileza*?

Nunca suportaria tê-la ao seu lado como uma irmã. Nunca.

– Não sei o que fazer com as tuas promessas – rosnou, ferido.

Nica desviou o olhar, culpada e aflita. Baixou o rosto e não pôde ver a tristeza dolorosa com que os olhos negros dele olharam para si.

Rigel sentiu em si a enésima cicatriz quando as lágrimas lhe banharam as faces. Permaneceu imóvel, firme, com os punhos trémulos ao longo dos flancos, e percebeu que ficar impassível na frente dela foi talvez o gesto mais corajoso que alguma vez teve.

E pronto, ela ia-se embora. De novo.

E pronto, ele voltava a ser o lobo mau.

Caminhavam de novo pelos mesmos trilhos.

Percorriam o mesmo percurso.
Mas desta vez com mais dor. Com mais esforço.
Nada voltaria a ser como antes.
Nunca mais seria a mesma coisa.

*

«Nunca mais te deixarei sozinho.»

Senti aquela promessa infestar-me a alma à medida que fugia.

Dele. De mim mesma. Do que éramos.

Estava tudo errado.

Eu. Rigel.

A realidade que nos unia.

O que eu sentia.

O que eu *não* sentia.

Tudo.

Desci as escadas, dirigi-me à cozinha e cheguei à porta das traseiras.

Fui ter ao jardim. Procurava sempre a natureza, o ar livre e a verdura quando me sentia sufocar. Parecia-me que era a única maneira de respirar.

A escuridão da noite envolveu-me e encostei-me à parede, deslizando devagar até ao chão.

Diante de mim revi apenas os olhos dele. As suas íris escuras, o modo como tinham olhado para mim. A minha promessa que se desfazia no seu olhar, apagando aquela luz...

No entanto, voltaria a dizer-lhe tudo de novo. Jurar-lhe-ia para sempre porque uma parte de mim sabia que nunca poderia mentir, não àqueles olhos.

Como é que eu iria fazer para conseguir olhar para ele de agora em diante?

Como é que eu iria fazer para suportar vê-lo por perto sem lhe tocar?

Sem sonhar com ele, abraçá-lo, desejá-lo?

Como é que eu iria fazer para ver o amor nos outros, quando era o seu coração maltratado o único que eu queria?

Como é que eu iria fazer para considerá-lo meu irmão?

Sentia-me partida ao meio.

Estava perdida.

Escondi a cabeça entre os joelhos e senti a vida fazer troça de mim.

«Que pedaço do teu coração escolherias?», pareceu sussurrar-me, mesquinha. «Podes viver só com um, porque depois o outro inevitavelmente morre. Que pedaço escolherias?»

Sentia-me confusa, frágil e arrasada.

Encontrava-me além do ponto de não retorno. E era demasiado tarde para voltar atrás.

Nem sequer me apercebi de que o meu telemóvel começou a vibrar. Enfie

a mão no bolso e tirei-o.

Uma mensagem extensíssima preenchia o ecrã iluminado. Por entre as pálpebras húmidas consegui a custo desbloqueá-lo.

Era Lionel. Pedia desculpa pelo que havia sucedido, por ter vindo até à minha casa a meio da noite.

Havia, de facto, muitas, demasiadas palavras. Nem sequer fui capaz de assimilar uma para amostra. Estava exausta.

Fitei o ecrã e naquele momento ele ligou-me. Vi o seu nome acender-se e não me senti com forças para atender.

Não queria falar com ele. Não naquele momento.

«Sei que estás aí», escreveu quando viu que eu não atendia. Viu que eu tinha aberto a mensagem. «Por favor, Nica, imploro-te, atende...»

Ligou-me de novo. Uma, duas vezes. À terceira inclinei a cabeça para trás e fechei os olhos. Aceitei a ligação com um suspiro.

– Lionel, é tarde – sussurrei, esgotada.

– Desculpa – apressou-se a dizer, talvez por medo de que eu desligasse.

Parecia desesperado e sincero.

– Desculpa, Nica... Não deveria ter-me comportado dessa maneira. Reagi de uma maneira imprudente e precipitada e queria dizer-te que lamento...

Não era o momento certo para falar sobre isso. Nem sequer conseguia concentrar-me. Dentro de mim orbitava um mundo desfeito e não me sentia capaz de ver mais nada além dele.

– Perdoa-me, Lionel. Agora... não estou com vontade de falar.

– Não me arrependo do que fiz. Pode ser que não o tenha feito da maneira certa, mas...

– Lionel...

Ele calou-se. Estava chateado, percebia isso, mas naquele momento era incapaz de lhe dedicar a minha atenção.

– Amanhã à noite... os meus pais vão estar fora da cidade. Vou dar uma festa cá em casa e... gostaria que tu também viesses. Podíamos conversar.

Engoli em seco. Nunca tinha ido a uma festa na minha vida, mas duvidava de que estivesse com ânimo para tomar parte nela. Olhei para o jardim com as pupilas embaciadas.

– Receio bem que... não esteja com muita disposição.

– Por favor, vem – suplicou-me. Depois pareceu arrepender-se daquele ímpeto e moderou o tom. – Quero conversar contigo. E depois... pode ser que te anime um pouco, não achas?

Nem sequer sabia porque é que tinha a voz rouca de choro. Nem sequer me perguntou nada a esse respeito.

Será que achava que era por sua causa?

– Promete-me que virás – insistiu.

De repente, dei-me conta de que tudo teria sido muito mais simples com Lionel.

Teria sido normal.

Teria sido simplesmente possível.

Se não fosse pelo meu estado de espírito.

E pela minha mente.

E pelo meu coração.

Se não fosse pelo céu de estrelas que trazia dentro de mim...

Fechei os olhos e apertei-os com força.

Serei boa, recordou-me a menina que existia em mim. Afugentei-a porque não queria escutá-la.

Proteger o meu sonho. Sentir-me amada por uma família. Isto era o que eu sempre quis.

Então, porque é que doía tanto?

No dia seguinte acordei com o toque do telemóvel.

Tinha dormido pouquíssimo.

– Nica! – chilreou uma voz. – Olá!

– Billie? – murmurei, tapando as pálpebras com a mão.

– Oh, Nica, não vais acreditar! Aconteceu-me uma coisa incrível!

– Hum... – resmunguei com a voz algo pastosa.

Sentia o coração pesado. As emoções da noite anterior tinham arrefecido dentro de mim como escombros fumegantes e recordaram-me o que havia acontecido.

– Juro, estava convencida de que ia ser uma manhã como as outras, e quem é que poderia imaginar? Quando a minha avó me disse que o meu horóscopo indicava três estrelinhas sobre a sorte, nunca pensei que seria *esta* sorte...

Fiz um esforço para me sentar enquanto Billie continuava a falar pelos cotovelos.

– Porque é que não nos encontramos esta noite? Assim conto-te tudo! Podes vir a minha casa... Mandamos vir asas de frango fritas e fazemos aquela máscara facial de ruibarbo que me saiu nos cereais...

– Esta noite? – murmurei, evasiva.

– Sim, tens alguma coisa para fazer? – perguntou com uma pitada de desilusão.

– Pois então... Vai haver uma festa...

– Uma festa? De quem?

– Do Lionel – respondi, passado um momento. – Ontem à noite... ele convidou-me para ir.

Verificou-se um momento de silêncio. Um momento em que aproveitei

para descolar o telemóvel da orelha, para me assegurar de que Billie ainda estava ali.

Pouco depois, a sua voz explodiu-me no ouvido.

– *Santo Deus!* Estás a gozar? Ele fez-te um convite oficial?

Afastei o telemóvel, aturdida.

– Não posso acreditar! Então, isso quer dizer que gostas dele? Oh, espera, ele disse-te que está interessado em ti?

– É só para conversar – expliquei, mas ela nem me ouviu.

– O que é que vais vestir? Já sabes?

– Não – respondi, indecisa. – A bem da verdade ainda nem pensei nisso... Mas, a sério, é só para conversar – fiz questão de deixar bem claro. Afinal de contas, era a mais pura verdade. O Lionel já mo tinha pedido diversas vezes, dando a entender o quanto era importante para ele.

– Tenho uma ideia melhor! – exclamou Billie. – Vou ajudar-te a escolher! Hoje combinei encontrar-me com a Miki, porque é que não vens também? A minha avó ofereceu-me uma carrada de produtos de maquilhagem que eu nunca usei! E assim, entretanto, aproveito para vos contar o que foi que aconteceu!

– Mas...

– Tretas, é perfeito! Passamos por aí para te ir buscar daqui a pouco, leva algumas roupas para esta noite! Vou já ligar à Miki para lhe contar! Até já!

E dito isto desligou antes de eu ter tempo de dizer alguma coisa.

Fiquei a olhar para o telemóvel boquiaberta. Voltei a deixar-me cair em cima do colchão e reprimi um suspiro.

Billie tinha recebido aquela ideia da festa com demasiada exuberância.

Eu não partilhava da mesma opinião, mas tinha aceitado ir só para conversar com Lionel e esclarecer tudo com ele. Todavia, pouco depois saí do meu quarto com os dedos apertados em torno da mochila e o olhar um tanto ou quanto mortiço.

Quando me encontrei no corredor, dei-me conta de que não me atrevia a levantar a cara.

A porta *dele*... estava ali. A poucos metros de distância.

E antes que alguma coisa dentro de mim pudesse voltar a contorcer-se daquela maneira dolorosa, afastei-me e dirigi-me às escadas. Desci até ao piso térreo e apressei-me a ir até ao vestíbulo de cabeça baixa, porque tudo parecia perguntar-me por ele.

Sentia-o ao meu redor.

Pairava no ar como algo invisível e essencial.

Entrevi o piano ao fundo e desviei o olhar de imediato. Cheguei à porta, impaciente pela primeira vez em sair daquela casa, mas esta abriu-se mesmo na minha cara.

– Nica! – Anna pestanejou. – Oh, desculpa... Vais sair agora?

Apressei-me a deixá-la passar.

– As tuas amigas já chegaram?

Tinha-lhe dito que ia sair, por conseguinte assenti. Ajudei-a a acartar com um par de sacos e ela sorriu-me.

– Obrigada.

Antes de ter tempo de chegar à porta, depositou-me um beijo delicado nos cabelos. Observei-a, confusa, e ela dirigiu-me um sorriso carregado de doçura. De repente, senti-me invadida por um sentimento de culpa e de desespero: Anna não sabia até que ponto eu me sentia dividida. Não sabia ao que eu estava a renunciar porque precisava dela...

Baixei a cabeça, mordendo o lábio.

– Vou andando – murmurei com ar embaraçado.

Saí de casa à pressa, esforçando-me para engolir os pedaços do meu coração.

– Nós somos fabricantes de lágrimas...

Não, disse para com os meus botões, afugentando de imediato essa ideia ao mesmo tempo que ia caminhando ao longo do caminho de acesso. No entanto, a voz dele permaneceu junto de mim, dentro do meu sangue, um sussurro que se recusava a abandonar-me.

Procurei o automóvel da avó de Billie, mas não o vi. Em compensação, reparei num carro com o motor ligado e aproximei-me, ficando especada, contudo, assim que reparei que ao volante se encontrava um homem que nunca tinha visto.

– Nica! Somos nós! Entra! – Billie enfiou a mão pela janela do carro a acenar-me. – Demoraste uma eternidade – admoestou-me, enquanto eu me instalava hesitante no banco do veículo.

Miki, junto à janela, fez-me um sinal com a mão em jeito de cumprimento.

– Desculpem – respondi. O carro arrancou e eu inclinei-me na direção do lugar do condutor com um sorriso hesitante. – Olá... Eu sou a Nica.

O homem ao volante olhou-me com ar distraído através do espelho retrovisor e depois voltou a fixar os olhos na estrada. Encolhi-me, confusa, e Billie agitou a mão no ar.

– Ele nunca fala enquanto conduz.

Lancei a Miki uma olhadela cautelosa.

– Peço desculpa por vos ter feito esperar. É o teu avô?

Billie soltou uma gargalhada que me fez dar um pulo, sobressaltada. Olhei para ela atordoada e naquele momento apercebi-me de que em vez de se dirigir à zona sul da cidade, como eu supunha, o automóvel rumava ao norte.

Sempre soube pouca coisa acerca de Miki. Na escola iam sempre buscá-la a sítios onde os outros não a podiam ver, talvez porque alguma coisa, na sua

situação familiar, lhe causasse embaraço e vergonha. Tinha a impressão de que se sentia inferior em relação às miúdas ricas da nossa escola, mas quando o carro balançou um pouco e parou finalmente na frente da sua casa... percebi que estava redondamente enganada.

– Chegámos! – gorjeou Billie.

Diante dos meus olhos erguia-se uma mansão enorme em toda a sua imponência.

Colunas maciças sustentavam um terraço circular no mais puro estilo *liberty*, de um branco ofuscante. Uma espaçosa escadaria abria-se sobre a alameda ladeada por ciprestes, curvando-se sobre dois felinos esculpidos na pedra que vigiavam a entrada, silenciosos e ferozes. Tudo em torno de um jardim magnífico que se expandia numa profusão de flores.

– Tu vives aqui? – grasnei, ao mesmo tempo que Miki descia do carro com a pastilha elástica na boca e as mãos enfiadas nos bolsos do fato de treino.

Ela assentiu, passando por mim, e eu fitei-a estarrecida. Não muito longe dali um jardineiro estava a aparar uma sebe em forma de potro rampante.

– Vem!

Billie arrastou-me pelas branquíssimas escadas acima: a porta maciça em madeira de nogueira abriu-se sem que Miki tivesse tempo de lhe tocar.

– Bem-vinda, menina.

Fomos recebidas por uma mulher de maneiras refinadas, que Billie cumprimentou com voz chilreante.

Fiquei atónita ao contemplar o átrio da entrada: um enorme lustre de cristal dominava um ambiente revestido por um reluzente pavimento de granito.

A mulher ajudou-me a despir o casaco. Fitei-a confusa ao mesmo tempo que Miki despia o moletão puído e lho estendia. Desta vez absteve-me de lhe perguntar se era a sua avó.

– Quem é? – sussurrei a Billie.

– Ela? Oh, é a Evangeline.

– Evangeline?

– A governanta.

Vi a mulher afastar-se, e não parei de pestanejar.

– És filha única? – perguntei a Miki, enquanto esta nos mostrava o caminho. A opulência que nos rodeava conseguia fazer-me pequena e insignificante como um percevejo.

Ela assentiu.

– A família dela possui várias gerações de nobres nas costas – informou-me Billie. – Apesar de a nobreza já não existir nos dias de hoje... Os bisavós eram peixe graúdo, sabias? Olha, ali estão eles!

Fixei os olhos num quadro que retratava um casal, ela com luvas de veludo,

ele com grandes suíças, ambos a exibir uma expressão severa e altiva.

Em seguida vi um quadro no mínimo enorme. Nele encontravam-se retratadas três pessoas: um homem de rosto severo e dois olhos gélidos que pareciam querer furar a tela; ao seu lado, mais delicada, porém igualmente refinada, num vestido que lhe realçava o cabelo de azeviche e a tez clara, uma mulher lindíssima esboçava um leve sorriso; e diante deles, sentada, encontrava-se Miki.

Era mesmo ela, com um vestido de organza e os cabelos bem penteados para trás dos ombros.

– São os teus pais – constatei, contemplando aquele casal sério e virtuoso.

O pai, em particular, parecia mais uma estátua de mármore do que um homem. Possuía um ar de uma severidade incrível, tanto que me fez sentir intimidada. Engoli em seco. Toda aquela solenidade infundia respeito.

De repente, a porta atrás de nós abriu-se de par em par: virámo-nos as três e diante de nós surgiu um homenzarrão imponente como uma montanha. Um fato completo de alta-costura assentava-lhe na perfeição sobre os ombros, exibindo uma elegância gravada nas suas feições aristocráticas; os cabelos eram escuros e grisalhos, e o maxilar severo era emoldurado por uma barba cuidada com todo o esmero e de forma milimétrica, sobre a qual sobressaíam dois olhos de aspeto rapace.

Não tive dúvidas: era o pai de Miki.

Os seus olhos pousaram em nós e eu estremeci. Senti o impulso de me tornar invisível sob o seu olhar.

Ele estufou o peito e depois...

– *Patinha!* – chilreou, radiante.

Correu ao nosso encontro com os braços escancarados.

Fitei-o, atordoad, quando ele chegou ao pé de Miki e a envolveu num abraço muito apertado, fazendo-a rodopiar como uma criança. Sorria, extasiado, e as suas mãos enormes acariciaram-lhe a cabeça num gesto carinhoso.

– Patinha do meu coração, como estás? Voltaste! – Roçou a face pela dela.

– Há quanto tempo é que não nos víamos?

– Desde o pequeno-almoço, papá – respondeu Miki, sacudida como uma boneca de trapos. – Vimo-nos esta manhã.

– Senti saudades tuas!

– E vamos ver-nos também ao jantar...

– Vou sentir saudades tuas!

Miki suportou com paciência as atenções do pai, ao mesmo tempo que eu fitava desconcertada o homem que até há poucos momentos me havia aterrorizado com um olhar. O mesmo que estava agora a encher de mimos a sua filha com a mesma vozinha que Norman usava quando tentava aproximar-

se de *Klaus* com gestos carinhosos.

– Oh, Marcus, então, deixa-a respirar!

Uma mulher deslumbrante avançou na nossa direção, e só nesse momento é que compreendi que tanta graciosidade não podia ser pintada e representada numa tela.

A mãe de Miki era uma mulher de uma elegância e delicadeza raras. Os seus movimentos assemelhavam-se a prata líquida e deslizava pelo pavimento quase como um perfume, sedosa e lindíssima.

Miki era muito parecida com ela.

– Wilhelmina – disse a mulher, sorrindo para Billie. – Olá, é um prazer voltar a ver-te.

– Bom dia, Amelia! – respondeu a minha amiga.

Miki aproveitou a ocasião para me apresentar.

– Mamã, papá, esta é a Nica.

Brindaram-me com sorrisos que conseguiram aquecer-me.

– Não é muito frequente vermos novas amigas por aqui – disse a mãe. – A Makayla é sempre muito reservada... É um prazer conhecer-te.

Makayla?

Virou-se para ela.

– De vez em quando gostaria que envergasse algum vestido novo, mas ela teima em usar aqueles fatos de treino enormes e sem graça... Oh, querida... Continuas a usar esse trapo andrajoso?

Compreendi que estava a referir-se à blusa que a filha vestia, com o logotipo dos Iron Maiden. Percebi que era a mesma *T-shirt* que eu lhe tinha cosido. O panda ainda ali se encontrava, bordado no tecido. A Miki nunca o havia tirado.

– Tenho-a há anos – defendeu-se ela. – E ninguém lhe toca.

– A Makayla adora aquele pano de chão a que faz questão de chamar *T-shirt* – informou-nos a sua mãe. – Às vezes com medo de que eu lhe dê sumiço, veste-a inclusive para dormir...

– Papá, depois o carro pode levar a Nica de volta, não pode? Ela tem onde estar mais tarde.

– Mas é claro, tudo para a minha patinha – respondeu-lhe o pai com orgulho.

Senti-me ainda mais deslocada quando o homem que tinha conduzido o automóvel surgiu na sala com umas luvas brancas e a carregar uma bandeja. O pai de Miki mudou de expressão de imediato e aproximou-se dele com ar de conspiração.

– Escuta, Edgard...

– Sim, senhor? – indagou o mordomo com um incrível nariz adunco.

– Verificaste bem se não entraram *homens*?

– Sim, senhor. Nenhum exemplar de adolescente masculino entrou por aquela porta.

– Tens a certeza?

– Absoluta.

– Ótimo – decretou Marcus, triunfante. – Nenhum homem deve aproximar-se da minha pintainha! – E foi uma sorte não estar a olhar para ela nesse momento porque a expressão na cara de Miki era qualquer coisa de impagável.

– Nós vamos subir – crocitou, conduzindo-nos até às escadas.

Despedimo-nos dos pais dela, acenando-lhes com a mão, e eles fizeram o mesmo.

O quarto de Miki contrastava em absoluto com o resto da casa: a escrivaninha estava abarrotada de livros e partituras de peças para violino, as paredes estavam cheias de pósteres de bandas de música, recortes de revistas e fotografias. Um peluche em forma de panda estava sentado numa cadeira num dos cantos do quarto.

– Os teus pais são duas pessoas maravilhosas – disse-lhe. – Parecem, na realidade, muito presentes.

– Sim – respondeu ela. – Às vezes demasiado até...

Julgava que Miki não recebia atenção por parte dos pais, mas era maravilhoso saber que não era assim.

– Estás pronta? – Billie despejou o conteúdo da mala e lá de dentro saiu uma cascata de caixinhas e tubinhos reluzentes que me deixou enfeitiçada.

– Anda, senta-te aqui – disse, empurrando-me para a cadeira.

– E agora... fecha os olhos!

– Um bocadinho deste...

Um formigueiro nas faces.

– Um bocadinho deste outro...

Era a primeira vez que me maquilhava; uma sensação inteiramente nova para mim.

No orfanato limitava-me a observar as mulheres que vinham visitar-nos ou os jornais que a tutora de quando em vez deitava fora; na época era apenas uma criança com o rosto cinzento e encardido e grandes olhos, que se perguntava como é que uma pessoa deveria sentir-se a resplandecer daquela maneira. Agora, em contrapartida, era provável que fosse demasiado tímida para pedir à Anna que fosse comigo comprar alguns produtos de maquilhagem.

– Pronto! – anunciou Billie, exultante. – Já está!

Abri os olhos e examinei o meu reflexo no espelho.

– Oh... uau – sussurrei, deveras impressionada com aquela visão.

– Uau, pois – comentou ela também.

Miki, atrás de mim, fitava-me com os braços estendidos no ar, as narinas dilatadas e o sobrolho franzido.

– Mas... que diabos é que lhe fizeste à cara?

– Porquê? – perguntou Billie, acercando o rosto do meu.

Examinei o meu rosto de novo: a sombra cor de pavão, o batom flamejante que saía um pouco dos lábios, os pómulos cor-de-rosa que sobressaíam como maçãs redondas nas minhas bochechas.

– Isso mesmo – repliquei eu. – Porquê?

Olhámos as duas para ela como duas corujas e ela levou uma mão aos olhos.

– Vocês as duas... – grunhiu Miki, coçando a cabeça. – É superior às minhas forças...

– Não gostas da maneira como a maquillei?

– Mas desde quando é que tu sabes maquilhar alguém? Nunca pegaste num pincel na tua vida! Dá cá isso!

Arrancou-lhe o pincel da mão e tirou uns toalhetes desmaquilhantes, que me esfregou na cara com energia. Apagou todo o trabalho de modo a refazê-lo do princípio, enquanto Billie fazia beicinho e afivelava uma carranca mal-humorada, cruzando os braços.

– Está certo, já que és assim tão boa, maquilha-a tu... – transigiu. – Entretanto, eu vou ajudá-la a escolher qualquer coisa para vestir!

Foi buscar a minha mochila, levantando-a no ar com os dois braços esticados.

– É aqui que estão os vestidos que trouxeste?

Anu! e Billie abriu o fecho de correr para retirar as peças de roupa, curiosa como um gato. Foi tirando saias e blusas, examinando-as com uma atenção que me deixou algo incomodada.

– Esta é amorosa... Oh, esta também... – murmurou, enquanto Miki me desenhava duas linhas finas no contorno das pálpebras, junto à raiz das pestanas, com uma coisa molhada e fria.

– Deste gosto... Não, este não... *Oh, meu Deus!* – guinchou Billie. Sobressaltei-me, dando um pulo na cadeira, e Miki praguejou.

– Este! Sem sombra de dúvida! Nica, encontrei o vestido certo para ti!

Ergueu-o no ar vitoriosa e, na mesma hora, alguma coisa se contorceu dentro de mim. Era o vestido que tinha comprado na companhia de Anna, aquele com os botõezinhos no peito e o tecido da cor do céu.

– Não – ouvi-me murmurar –, esse não.

Nem sequer me recordava de o ter metido na mochila. Tinha-me limitado a enfiar na mochila as roupas dobradas sem sequer me dar ao trabalho de as

escolher.

– Por que não? – perguntou Billie com olhos consternados.

A verdade... era que nem eu mesma sabia.

– É... para ocasiões especiais.

– E esta não o é?

Torturei os dedos.

– Já te disse... Só vou porque o Lionel me convidou, porque preciso de falar com ele.

– E depois?

– E depois... não vou lá para me divertir.

– Nica, é uma festa! – exclamou Billie. – Vão estar todos aperaltados para... *para uma festa!* E este vestido deve ficar-te a matar, mas a matar de verdade... Que ocasião melhor para o usar?

– Não vejo necessidade...

– Mas há – replicou ela com uma determinação nova. Nos seus olhos vi o afeto de quem gostaria de me fazer justiça. – Todos precisam de ver-te a usar este vestido, Nica! Não te sentirás deslocada, vai por mim... E se fazes tanta questão, também podes usá-lo noutras ocasiões, mas hoje... Hoje é sem dúvida uma dessas ocasiões. Não vais arrepender-te, garanto-te... Confias em mim?

Sorriu e depois estendeu o vestido em cima da cama. Naquele momento percebi que queria proporcionar-me uma noite diferente, única e emocionante. Nunca tinha frequentado uma festa, nunca tinha envergado um vestido como aquele, nunca me tinha maquilhado para me favorecer e desconfiei de que ela se tivesse apercebido disso. Estava a fazê-lo por mim. Para que eu brilhasse e para me fazer sentir especial.

No entanto, ao ver aquele vestido maravilhoso à minha espera em cima da cama, não pude deixar de baixar o rosto e sentir-me, no mais profundo do meu ser, ainda mais errada.

Sabia para quem gostaria de usar aquele vestido, e não era naquela festa.

Miki voltou a levantar-me o queixo com um dedo e sem querer cruzei o meu olhar com o dela. Desviei os olhos antes que ela pudesse ler neles a sombra amarga do meu tormento.

– Olha só o que eu encontrei!

Billie assomou pela porta do armário.

Quando é que o tinha aberto?

Mostrou-me umas sandálias claras, finas, com um cordão delicado que se amarrava ao tornozelo. Eram amorosas. E ainda se encontravam na caixa.

– São... tuas? – perguntei a Miki.

Ela fez uma careta.

– Foram uma prenda. De parentes distantes. Nem sequer são do meu

tamanho...

– Mas são do teu! – Billie estendeu-mas radiante.

Observei indecisa a pequena elevação que lhes concedia um pouco de salto.

– Nunca usei saltos...

– Mexe-te, experimenta-as!

Calcei-as, e Miki e Billie ajudaram-me a levantar.

Serviam-me. Estive prestes a cair depois de ensaiar apenas uma meia dúzia de passos, mas para elas isso não pareceu ser um problema.

Billie agitou a mão no ar.

– Não te preocupes, tens a tarde toda para andar com elas e praticar!

Passei o resto da tarde com elas.

Por fim, depois de ter envergado o vestido e de ter completado a maquilhagem, disseram-me que podia olhar.

Obedeci. E...

Fiquei sem palavras.

Era eu. Mas não parecia eu.

As pestanas espessas e negras contornavam-me os olhos cinzentos, tornando-os fulgurantes. Fosse lá o que fosse que me haviam posto nos lábios, fazia-os assemelharem-se a duas pétalas carnudas. As faces estavam rosadas, cheias, e a minha tez, por norma acinzentada e algo apagada, resplandecia debaixo das sardas qual veludo evanescente.

Uma fita de seda branca prendia-me a parte superior dos cabelos, realçando-me o rosto e deixando o resto dos caracóis macios e livres a cair-me sobre os ombros.

Era mesmo eu...

– Ainda vai dar-lhe um enfarte – disparou Billie, sádica e orgulhosa.

Fitei-a com as faces a arder, e ela soltou um gritinho.

– Se tivesse aqui a câmara fotográfica, tirar-te-ia uma foto! Estás... *Meu Deus*, pareces... pareces uma boneca!

Alisou-me o vestido nos quadris, admirando-me com olhos brilhantes.

– C'um caneco, espera só que alguém te veja! Miki, o que é que tu achas?

– Vou dizer ao Edgard para te acompanhar mesmo até à porta de casa – murmurou Miki, olhando-me de esguelha. – Não podes andar aí na rua assim.

Billie riu-se e olhou para mim eufórica.

– Espera para ver, vai ser como um conto de fadas!

Um conto de fadas...

Pois sim...

Contemplei o meu reflexo com uma expressão apagada, tentando sentir a

sua euforia, mas não fui capaz. Dentro de mim havia apenas uma vastidão árida e vazia. E sussurrava o nome *dele*.

– Oh, Nica, antes de te ires embora, preciso contar-vos o que foi que me aconteceu hoje!

Billie bateu as palmas entusiasmada. Percebi que tinha esperado o dia inteiro para poder contar-nos.

– De que se trata? – perguntei, dedicando-lhe toda a minha atenção.

– Não vão acreditar!

Acercámo-nos mais dela, incentivando-a a falar. Billie deixou-nos em *suspense* mais um pouco, mas tudo indicava que já não conseguiria aguentar por muito mais tempo. Por fim, explodiu e anunciou:

– Descobri quem é que me oferece as rosas!

Fez-se silêncio.

Observei-a estarecida, boquiaberta; Miki, ao meu lado, ficou petrificada.

– Como? – indaguei, engolindo em seco.

– Ouviram bem! – replicou ela, feliz. – Saí esta manhã para ir às compras, e enquanto atravessava o parque dei de caras com um *basset* que por pouco não me faz tropeçar... Meu Deus! Vai daí chega um rapaz, e nada, entre uma coisa e outra começámos a conversar... e então venho a descobrir que anda na escola connosco! O facto é que ficámos juntos a manhã inteira a dar à língua, e até me acompanhou quando fui às compras. E depois de termos rido e brincado, sabem o que foi que ele me disse? Que estava feliz pelo *Findus*, o seu *basset*, ter esbarrado logo em mim, porque assim tinha arranjado um pretexto para poder meter conversa comigo... Disse que já o queria ter feito há muito tempo, mas que era demasiado tímido para dar o primeiro passo... E ali mesmo, acendeu-se-me uma luzinha! – Os olhos brilharam-lhe. – Perguntei-lhe se por acaso era ele que me oferecia as rosas. «A rosa branca», expliquei-lhe eu, «aquela que me chega de forma anónima todos os anos...», e então o que foi que ele disse? Sabem o que ele disse? *Disse que sim!*

Billie esperava uma reação festiva que, no entanto, não chegou.

Não fui capaz de olhar para a expressão no rosto de Miki. Pigarreei e tomei a palavra.

– Tens... a certeza? Enfim. Tens a certeza absoluta de que...

– Sim! Sem sombra de dúvida! Precisavam de ver como ele estava envergonhado, nem conseguia olhar na minha cara! – Bateu as palmas de novo, com os cabelos em pé de tanta emoção. – Já imaginaram? É ele! Dá para acreditar que iríamos praticamente esbarrar um no out...

– Não.

Ao meu lado, Miki continuava imóvel. No entanto, parecia que algo se quebrara dentro dela.

– Não é ele.

– Também me custa a acreditar! Juro, nunca me passaria pela cabeça que um tipo assim tão fofo...

– Não – voltou Miki a dizer. – Ele mentiu-te.

– *Hã... hã!* – Billie abanou a cabeça com um sorriso. – Não! Disse-me com todas as letras...

– E tu acreditaste? Acreditaste num desconhecido?

– E porque é que não deveria acreditar?

– Talvez porque fosse isso mesmo que ele queria ouvir-te dizer!

Billie pestanejou, hesitando.

– E se fosse? – perguntou, baixinho. – Que mal há nisso?

– *Que mal há nisso?* – repetiu Miki entre dentes. – Há porque és sempre demasiado ingénua e deixas que qualquer um te leve à certa!

– E o que é que sabes tu disso? Nem sequer o conheces!

– Porquê, tu conheces?

– Bom, um pouco, sim! Passámos a manhã inteira juntos!

– E agora acreditas em todas as tretas que ele te conta?

Billie atirou o queixo para trás, franzindo o sobrolho.

– Oh, mas afinal o que é que tu queres? Não te teria contado nada se tivesse adivinhado que reagirias dessa maneira...

Miki cerrou os punhos, tremendo de frustração.

– E de que reação é que estavas à espera?

– Que ficasses feliz por mim! A Nica está feliz por mim! – virou-se para mim. – Não é verdade?

– Eu...

– Deveria ficar feliz porque te deixas enganar pelo primeiro cretino que passa?

Não me agradava o rumo que a situação estava a tomar. Sentia qualquer coisa horrível crepitar no ar.

– Não me deixei enganar! Ele disse-me...

Miki levantou a voz.

– *Não é ele!*

– *Ai isso é que é!* – gritou Billie, apertando os dedos. – Para de achar que tens sempre razão!

– E tu para de acreditar na primeira treta que te dizem!

– *Porquê?* – obstinou-se Billie. O seu tom de voz havia mudado. – Porque é assim tão difícil para ti aceitar que alguém possa interessar-se por mim?

– Porque te sentes tão sozinha que não vês um palmo adiante do nariz!

Miki apercebeu-se de que tinha ido longe de mais quando um relâmpago de surpresa perpassou pelos olhos da sua melhor amiga.

Fitei-as sem fôlego, e debaixo dos meus pés senti um terramoto que não era capaz de travar.

– Ah, com que então é isso? – sussurrou Billie, olhando para ela magoada.
– Tu, em contrapartida, não precisas de nada nem de ninguém, não é verdade? Os teus pais são presentes o suficiente a ponto de te permitir tratar mal o resto do mundo?

– E o que é que isso tem a ver com o caso? – retorquiu-lhe Miki, com o rosto vermelho.

– Tem tudo a ver! Porque tu ages sempre da mesma maneira! *Sempre!* Nem sequer és capaz de ficar feliz por mim!

– *Não é ele!*

– Isso é o que tu queres! – berrou ela, vomitando ressentimento. – Tu *queres* que não seja ele! Queres que eu esteja sozinha como tu, porque mais ninguém te suporta!

– *Oh, sinto muito!* – gritou Miki tomada pela raiva. – Sinto muito se não tens ninguém para telefonar às quatro da manhã, a não ser eu! Deve ser um sofrimento para ti, estar para ali a confessar-me o quanto te sentes sozinha!

– E tu gostas que haja alguém que te telefone! – explodiu Billie entre lágrimas. – Adoras porque é o único consolo que encontras para a merda de feio que tens! *Ninguém* quer ter nada que ver contigo!

– NÃO É ELE!

– Para com isso!

– Não é ele, Billie!

– Porquê? – gritou ela.

– *Porque sou eu!*

Um espasmo rapidíssimo contraiu o rosto de Billie. Fitou a amiga, imóvel, sem palavras.

– O quê? – ousou perguntar, passado um bocado.

– Sou eu – cuspiu Miki. Nem sequer conseguia olhar para ela ao mesmo tempo que acrescentava: – Sempre fui eu.

Billie olhou para ela consternada, olhou para ela de uma maneira que eu nunca tinha visto.

– Não é verdade – murmurou, passado um momento. A incredulidade na cara dela voltou a endurecer. – Não é verdade, não estás a dizer-me a verdade...

– Estou, sim.

– Não! – explodiu ela, a tremer. – Não mintas! Estás a mentir!

Miki calou-se.

E diante daquele silêncio rendido, a convicção nos olhos de Billie mudou até se transformar em cinzas. Devagar... começou a abanar a cabeça.

– Não, não acredito em ti... – sussurrou, como se tentasse convencer-se a si mesma. – Porque é que haverias de fazer uma coisa dessas? Porque é que... Porque é que haverias... – semicerrou as pálpebras. – Por piedade?

– Não...

– Por pena? É isso? – As lágrimas escorriam-lhe pela cara. – Inspirava-te uma grande compaixão?

– Não!

– Assim eu deixaria de me lamentar por achar que me sentia demasiado sozinha? Foi por isso?

– Para com isso!

– Diz-me a verdade. Diz-me a verdade de uma vez por todas!

Miki fez um gesto desesperado.

O único que podia exprimir aquilo que estava a sentir.

Agarrou no rosto de Billie e pressionou os lábios de encontro aos dela.

Foi tudo demasiado repentino. Billie arregalou os olhos, com uma expressão repleta de horror e de consternação, e pouco depois empurrou-a para longe de si com todas as forças.

Recuou com o pulso junto aos lábios, trémula e em estado de choque. Olhou para a sua melhor amiga da única maneira como se olha para alguém que se conhece a vida toda, com quem se partilhou sorrisos e lágrimas.

E diante daquele olhar, eu senti o estrépito do coração de Miki a partir-se ao meio.

Depois, Billie virou costas e fugiu a correr.

– Billie! – chamei-a, angustiada. Fiquei parada do lado de fora do quarto e vi-a desaparecer ao fundo do corredor antes de alguém me dar um encontrão que me fez tropeçar.

– M... Miki... – estendi uma mão na direção dela, ao mesmo tempo que ela se afastava em sentido contrário, reprimindo as lágrimas.

Virei-me para um lado e para o outro, aflita, sem saber qual das duas seguir.

Nunca as tinha visto discutir daquele modo, nunca... Tinham dito coisas terríveis uma à outra, coisas que nem sequer pensavam na realidade. Sabia que era assim. A raiva era capaz de trazer à superfície o pior de todas as pessoas, inclusive das melhores.

Pensei em Miki, e em tudo o que decerto a estava a destruir por dentro. No entanto, sabia que ela tinha suportado todos os dias a solidão dos seus sentimentos e tinha sido capaz de se manter inteira e de pé.

Por outro lado, Billie devia estar transtornada...

Virei-me e corri na direção dela.

Abri as portas uma por uma, até que a encontrei num aposento que devia ser uma saleta de chá.

Estava agachada no chão com os braços à volta dos joelhos.

Aproximei-me com cautela, e apercebi-me de que ela não estava a tremer... Estava a chorar.

Cheguei ao pé dela, com uma pena e uma tristeza que me vinham do fundo do coração. Com toda a delicadeza do mundo, apoiei uma mão no seu ombro e depois curvei-me a fim de abraçá-la por trás.

Esperei que não me achasse intrometida, mas aquele receio desapareceu quando ela intensificou o aperto nos meus braços, aceitando a minha presença.

– Não devias estar aqui – sussurrou com voz entrecortada. – Não te preocupes comigo... Vai, caso contrário vais chegar tarde à festa.

Contudo, eu abanei a cabeça. Sem hesitar, descalcei as sandálias e sentei-me ao lado dela.

– Não – respondi. – Vou ficar ao pé de ti.

Mendigos de contos de fadas

«Não importa se estás destruído.

Não importa se eu o estou.

Também os mosaicos são feitos de cacos partidos.

No entanto, repara só que maravilha.»

Billie permaneceu em silêncio durante muito tempo. Fitou o vazio com as lágrimas cristalizadas e o olhar destroçado pelo choro.

Não era capaz de imaginar o que ela estaria a sentir nesse momento. É provável que diante dos seus olhos estivesse a passar a amizade de toda uma vida.

Tive vontade de confortá-la. Dizer-lhe que tudo voltaria a ser como antes.

Mas talvez a verdade fosse que havia coisas destinadas a mudar, a despeito de todos os nossos esforços. Coisas que mudavam de forma inevitável, porque a vida segue o seu curso.

– Estou bem – disse, quando uma carícia minha lhe recordou que ainda me encontrava ali. Por mais que me esforçasse para acreditar nela, sabia que nem mesmo ela o fazia.

– Eu sei que não é verdade – respondi. – Não deves fingir.

Billie fechou os olhos. Abanou a cabeça devagar, como uma marioneta quebrada.

– É que... não consigo acreditar.

– Billie, a Miki...

– Por favor, eu... – interrompeu-me, destroçada. – Não quero falar sobre isso.

Baixei a cabeça.

– Ela não o fez por pena – sussurrei mesmo assim, sem olhar para ela. – A rosa... Não foi por compaixão. Sabes bem que ela nunca o faria por esse motivo.

– Eu não sei... mais nada.

– O que aconteceu não deve pôr em causa toda a vossa amizade – disse, procurando-lhe os olhos. – A vossa relação sempre foi verdadeira, Billie... Mais verdadeira do que pensas. – Vi-a engolir em seco e acrescentei: – Ela gosta de ti... com toda a sua alma...

– Por favor, Nica. – Billie cerrou os lábios como se naquele momento cada palavra pudesse fazer-lhe mal. – Eu preciso de... um momento. De assimilar isto. Sei que não queres deixar-me sozinha, mas... não deves preocupar-te comigo. Vou ficar bem... – Deu conta do meu olhar apreensivo e pareceu querer tranquilizar-me. – Queria apenas ficar um pouco sozinha.

– Tens a certeza?

– Sim, absoluta – experimentou esboçar um sorriso indeciso. – A sério, está... tudo bem. E além disso tens de ir a uma festa, ou não?

– Não, não importa. Já é tarde...

– E isto tudo? – perguntou ela. – Não vais querer dizer-me por acaso que gastámos todo este tempo a arranjar-te para nada? Recuso-me a aceitar isso... E além do mais tenho a certeza de que o Lionel vai estar à tua espera, mesmo assim...

Tentei encontrar algo para replicar, mas ela antecipou-se a mim:

– Precisas de te ir embora. Estás linda assim... É a tua noite. Não quero que a estragues por minha causa.

– E tu? – perguntei, como que a procurar um motivo para ficar. – O que é que vais fazer?

– Vou ficar bem. Já te disse... está tudo bem. Já pedi à minha avó para me vir buscar. Deve estar a chegar a qualquer momento para me levar para casa...

Disse-lhe que já tinha escolhido ficar, mas ela obrigou-me a levantar, alisou-me o vestido nos quadris e garantiu-me que não tinha motivos para me preocupar. Antes de ter tempo de insistir, tinha-me empurrado com delicadeza para fora da sala.

– Vai – disse com um sorriso triste, sem me dar hipótese a ripostar. – E diverte-te... Fá-lo também por mim. Amanhã falamos.

Dei por mim de novo no corredor com a porta a fechar-se atrás de mim. Contudo, uma vez sozinha, em lugar de obedecer, encaminhei-me na direção oposta.

Procurei Miki atrás de cada porta.

Quando me deparei com a última divisão fechada, percebi que devia estar ali, por isso bati.

Chamei-a por várias vezes antes de sussurrar o quanto lamentava pelo que havia acontecido. Disse-lhe que não queria ser intrometida, que podia deixar-me entrar, mesmo que não quisesse conversar.

Que ficaria ali, ao lado dela. O tempo todo.

Todavia, ela não respondeu.

Miki deixou a porta fechada, e eu fiquei agarrada à maçaneta com os olhos fitos no batente e a necessidade de a ver.

– Menina – chamou-me uma voz.

Virei-me, e Evangeline fitou-me com uma expressão de pesar.

– O automóvel está à sua espera para a levar onde desejar.

O olhar angustiado que lhe dirigi foi um pedido mudo que não fui capaz de reprimir.

– Gostaria de ver a Miki...

– A menina prefere não ver ninguém agora – respondeu ela em voz baixa, dirigindo-me um olhar que dizia mais do que mil palavras. – No entanto, deu instruções ao motorista para a levar ao endereço que lhe indicar. O carro está à sua espera na alameda.

Não queria ir-me embora assim, sem ao menos vê-la.

Evangeline uniu as mãos sobre o ventre, consternada.

– Lamento.

Baixei os olhos antes de voltar a pousá-los na porta. Fiquei impotente a observar a sala fechada, e logo depois resignei-me a descer as escadas atrás dela.

Evangeline entregou-me o casaco, que enrolei espremendo-o de encontro ao peito; por último, depois de me ter desejado uma boa noite, acompanhou-me até à porta e convidou-me a entrar no automóvel.

Edgard abriu-me a porta. Agradei-lhe e instalei-me no banco traseiro, depois o rangido da gravilha acompanhou-nos até aos portões.

Virei-me para trás a fim de lançar uma derradeira vista de olhos à casa. Num piscar de olhos, desapareceu atrás da folhagem dos ciprestes.

Cheguei defronte da porta de casa de Lionel com as unhas enterradas no vestido. A música no exterior fazia vibrar o habitáculo do carro; dei por mim a observar as pessoas que abarrotavam o jardim sem conseguir mexer-me.

– Não é o endereço certo? – perguntou-me Edgard.

– Sim... Sim, é este.

Sentia-me pregada àquele banco, como se o meu coração tivesse criado raízes. Todavia, o olhar de expectativa de Edgard fez-me sentir a dose certa de embaraço a ponto de me impelir a abrir a porta do veículo.

Desci para a escuridão da rua iluminada pelos candeeiros públicos.

Gente aglomerava-se no passeio e a música estava tão alta que quase não conseguia ouvir os meus pensamentos; no meio daquela multidão de rapazes de tronco nu, grades de cerveja e gritos, senti-me deslocada com o meu vestido confeccionado com esmero.

Permaneci imóvel como uma estátua de sal, e quanto mais tempo ali ficava,

mais qualquer coisa dentro de mim fazia marcha-atrás.

O que é que eu estava a fazer?

Mal tinha acabado de chegar e já queria ir-me embora. Deveria abrir caminho por entre as pessoas e procurar Lionel, mas a sensação de me encontrar no local errado começava a fazer-se sentir dentro de mim.

De repente, tive consciência do que sentia.

Não estava certo.

Havia alguma coisa que se encontrava dolorosamente fora do lugar.

Havia alguma coisa que não sabia adaptar-se. Enquadrar-se.

Era eu.

Era tudo em mim, alma e ossos.

Observei o meu reflexo no vidro da janela de um carro, aquele vestido fazia-me parecer uma boneca.

Contudo, por dentro eu era cinzas e papel.

Dentro de mim possuía estrelas e olhos de lobo.

Tinha a alma partida ao meio, mas sem a outra parte respirar nem sequer parecia mais fazer sentido.

Tinha ido até ali na esperança de esquecer e, quem sabe, de encontrar em Lionel um motivo para ficar. Contudo, iludira-me.

Não se engana o próprio coração, gritaram os universos que eu havia acorrentado. E nos meus olhos tristes vi toda a necessidade, incansável e inconsolável, que sentia *dele*.

Rigel.

Rigel, que se enraizara dentro de mim.

Rigel, que se havia ancorado aos meus ossos daquela maneira delicada e destrutiva própria das flores antes de morrer.

Rigel, que era a minha constelação de arrepios.

Não existem contos de fadas para quem mendiga um final feliz. Esta é a verdade.

E no momento em que admiti isso para mim mesma, já não fui capaz de compreender o que estava a fazer ali.

Eu não tinha nada que ver com aquela festa.

Aquele não era o meu lugar.

Não iria fazer-me esquecer os sentimentos que carregava dentro de mim. Apenas os encheria de espinhos.

Decidi ir-me embora. Arranjaria outra ocasião para conversar com Lionel, agora só queria voltar para casa.

Antes de ter tempo de me afastar, contudo, um par de braços levantou-me do chão.

Reprimi um grito. Fui levantada do chão, girada no ar e carregada aos ombros como uma saca de batatas; a minha mala foi-se enganchando em tudo

e mais alguma coisa pelo caminho.

– Ei, também consegui apanhar uma! – anunciou o desconhecido que acartava comigo, e com ar horrorizado vi um amigo seu fazer o mesmo com uma rapariga que não parava de rir.

– E agora? – perguntou um dos dois, excitado.

– Piscina com elas!

Soltaram um uivo ensurdecedor e encaminharam-se como possesores na direção da casa. Contorci-me de todas as formas que pude, implorando-lhe que me soltasse, mas foi inútil. Tinha as mãos de tal maneira peganhentas que estava certa de me ter deixado marcas nas pernas.

No entanto, só quando se encontraram dentro de casa é que os dois puseram termo à sua loucura e olharam em redor confusos.

– Ei, mas aqui não há porcarias de piscina nenhuma... – resmungou um dos dois.

Aproveitei essa oportunidade para me escapular dos seus braços e fugir dali a correr antes que ele pudesse apanhar-me de novo.

Lá dentro era um verdadeiro inferno. Gente que gritava, que dançava, que se beijava. Um rapaz estava a esvaziar um barril de cerveja, bebendo através de um tubo, incitado por uma pequena multidão. Outro agitava o boné, movimentando-se aos estremeções como se estivesse a cavalgar um touro de rodeio: quando consegui ver melhor, percebi que se tratava do cortador de relva vermelho de Lionel.

Procurei a porta com olhar perdido, demasiado pequena para conseguir ver além de todas aquelas cabeças.

Enfie-me por entre costas e braços, procurando a saída, mas de repente levei um encontro fortíssimo que por pouco não me fez estatelar no chão.

– Desculpa! – disse uma rapariga, tentando levantar a sua amiga.

Porque é que pareciam todos doidos?

– Não lhe leves a mal, a sério. Bebeu de mais...

– Era giríssimo! – berrou outra como se tivesse visto um extraterrestre. – Era lindo de morrer, porra, e tu não acreditas em mim! *Não acreditas em mim!*

Tentei ajudá-la a levantar-se e ela agarrou-se a mim com unhas e dentes.

– Era o rapaz mais bonito que alguma vez vi! – uivou-me na cara com um hálito a tresandar a álcool.

– Sim, está bem, está bem – murmurou a amiga. – Um pedaço de mau caminho, do outro mundo, alto, lindíssimo, e com os olhos «mais negros do que a noite...» Pois claro...

Fiquei bloqueada. Petrificada, surpreendi-me a agarrar-lhe o braço com mais força do que devia.

– O rapaz que viste... tinha os cabelos escuros?

O rosto dela iluminou-se de esperança.

– Então isso quer dizer que tu também o viste! Oh, eu sabia que não estava a sonhar...

– Onde foi que o encontraste? Estava... Estava aqui?

– Não – lamuriou-se a rapariga. – Vi-o lá fora... Estava ali ainda há bocadinho, caminhando pela rua, e eu tentei aproximar-me dele... Meu Deus... E depois, no momento seguinte, já ali não estava...

Virei-me e fui empurrando as pessoas a fim de chegar à porta. O coração martelava-me no peito.

Era ele. Sentia-o em cada um dos átomos do meu corpo.

Contudo, o destino devia estar de candeias às avessas comigo. Estava quase perto da saída quando, de repente, senti alguém agarrar-me pelo pulso. Voltei-me para trás e deparei-me com o único olhar que não desejava encontrar.

– Nica?

Lionel olhou para mim como se eu não fosse real.

– Es...Estás aqui – balbuciou, aproximando-se. – Achava que já não te veria... Achava que... não virias... e ao invés...

– Lionel – murmurei, mortificada. – Lamento... Lamento imenso, mas preciso de ir andando...

– Fico feliz por teres vindo – tartamudeou com a voz entaramelada sobre a minha cara, fazendo-me retroceder. Da sua boca emanava um odor fortíssimo a álcool e no meio de toda aquela barulheira e confusão não consegui compreender as suas palavras.

– Eu... preciso de ir andando.

A música estava demasiado alta e não fui capaz de me fazer entender, por conseguinte ele pegou-me na mão e com um aceno de cabeça fez-me um sinal, como que a dizer-me «vem comigo».

Conduziu-me na direção da cozinha onde encontrámos, assim que entrámos, dois rapazes junto ao frigorífico ocupados a tirar umas cervejas. Saíram a soltar gargalhadas, e Lionel fechou a porta para que pudéssemos falar.

– Desculpa por não ter sido mais clara... – disse com sinceridade. – Deveria ter-te dito alguma coisa. Mas Lionel... Não tinha a certeza se vinha ou não, e agora eu...

– Para mim já é suficiente que estejas aqui – murmurou a sua voz arrastada.

Sorriu-me com olhos brilhantes e distantes. Encheu um copo de plástico vermelho com ponche e entendeu-mo.

– Toma.

– Oh... Não, obrigada...

– Vá lá, prova – insistiu com um sorriso rasgado, antes de dar um longo gole no meu lugar. – Força, apenas um gole.

Face à sua insistência, decidi fazer-lhe a vontade. Estava prestes a voltar

para casa, que mal fazia? Experimentei a bebida e dei por mim a fechar os olhos. Franzi os lábios e ele pareceu satisfeito.

– É bom, não é?

Tossiquei com força. Naquele momento dei-me conta de que devia estar carregadíssima de álcool.

– Sabes, achava que não iria ver-te... – ouvi-o dizer. Quando cruzei os olhos com os dele, vi que estava a contemplar-me de uma distância perigosamente curta. – Achava que não virias...

Senti necessidade de ser sincera, de o fitar e de lhe dizer que na realidade não podia ficar.

– Lionel, queria explicar-te...

– Não digas nada, já percebi tudo – respondeu ele, antes de quase me cair em cima.

Pousei o copo e sorri-lhe, cambaleando sobre os saltos altos.

– Sentes-te bem?

Ele soltou uma risada.

– Só... bebi um bocadinho...

– Isto parece-me mais do que um bocadinho – murmurei.

– Não te vi chegar... Achei que me tinhas dado uma bela tampa...

Esperei ouvi-lo soltar uma nova risada, mas tal não aconteceu. Ao invés, fez-se silêncio e aquele momento prolongou-se.

Pouco depois senti a sua mão deslizar pela bancada da cozinha ao meu lado. Fitei-o e Lionel engoliu em seco, com a cabeça inclinada à minha altura.

– Mas estás aqui agora...

– Lionel – sussurrei, e senti a sua mão deslizar-me pelo pulso.

– Estás aqui e estás... mais *bonita* do que nunca... – recuei, mas atrás de mim havia a bancada da cozinha. Pousei-lhe uma mão no peito, e por desgraça a outra estava presa no seu amplexo. Fitei-o com olhos alarmados.

– Disseste que iríamos conversar... – tentei dizer, mas o seu corpo roçou pelo meu vestido.

– Conversar? – sussurrou, comprimindo-se de encontro a mim. – Não há necessidade de conversar...

Virei a cara, tentando ocultá-la no ombro, mas de nada serviu. Os seus lábios encontraram os meus na mesma, cobrindo-os por completo.

Beijou-me de encontro à bancada da cozinha, e o sabor do álcool misturava-se com o meu hálito. A sua boca húmida perseguiu a minha, quase a sufocando, e foram inúteis os meus esforços para o fazer parar.

– Não... Lionel!

Empurrei-lhe o peito com força, tentando livrar-me de algo que não queria, mas a sua mão subiu até à minha cara para aprofundar o beijo. Os seus dedos agarraram-me os cabelos a fim de me manter quieta e eu dei por mim

incapaz de me mexer.

– Por favor...

Ele não me ouviu. Fez a única coisa capaz de me despedaçar. Imobilizou-me os dois pulsos. E apertou-os.

E então, a realidade precipitou-se.

Uma descarga percorreu-me toda a espinha dorsal, um medo antigo e visceral esmagou-me o coração de encontro às costelas e ofeguei.

A constrição, o pânico, as correias nos pulsos, os braços imobilizados. A cave escura. O meu corpo contraiu-se, a alma revoltou-se.

Ouviu-se um rangido fortíssimo quando Lionel me soltou.

Uma chuva alaranjada inundou-o e o copo de plástico rebolou pelo chão, rachado em vários sítios. Empurrando o braço, agarrei a coisa que tinha mais perto da mão e atirei-lha à cara.

Fitei-o com os olhos esbugalhados e transtornados, antes de fugir dali a correr.

Abandonei a cozinha e abri caminho aos empurrões por entre as pessoas a fim de sair daquela casa, para deixar para trás o terror que se me havia colado aos ossos. O coração martelava tanto a ponto de me ensurdecer. Sentia-me gelada, húmida e escorregadia.

A realidade martelava ao meu redor e o mal-estar fechou-me a garganta, envenenando-me com sensações familiares.

Parecia que ia sufocar no meio de todos aqueles corpos que me pressionavam, até que, de repente, um berro não me dilacerou nem me assustou.

Virei-me ao mesmo tempo que todos os outros. E fiquei paralisada.

Vi uma mancha escura esvoaçar no ar.

Um pequeno morcego entrou pela janela aberta e agora debatia-se no meio da sala de estar abarrotada de gente, ofuscado pela luz e pelos sons. Algumas raparigas gritaram aterrorizadas, outras cobriram os cabelos com as mãos.

Fitei-o com o coração a bater descompassado. O animal chocou com um candeeiro, atordoadado, tentando encontrar uma saída, quando um copo rasgou o ar e o atingiu em cheio, fazendo-o esbarrar na parede.

Alguns desataram a rir, as vozes aumentaram de volume.

Voou outro copo e vê-lo estatelar-se de encontro à parede deu azo a um número cada vez maior de gargalhadas. O medo em breve se transformou em diversão.

Num piscar de olhos começou a voar um pouco de tudo: bolinhas de folha de alumínio, pontas de cigarro, tampas e pedaços de plástico. Uma chuva de detritos caiu sobre ele e aquela cena dilacerou-me o coração.

– Não! – gritei. – Não! Parem com isso!

Caiu numa poça de ponche, e as asas ficaram ensopadas de álcool.

As gargalhadas aumentaram e eu agarrei os braços das pessoas que me estavam próximas.

– Basta! Parem com isso!

No entanto, ninguém pareceu ouvir-me. Continuaram os gritos de incitamento, os berros de diversão. Foi algo insuportável para mim.

O lado mais verdadeiro de mim levou a melhor. Comecei a abrir caminho à cotovelada por entre a multidão até conseguir ultrapassar a muralha de gente. Vi-o encolhido de encontro à parede e a única coisa que consegui fazer foi precipitar-me sobre ele e tomá-lo entre as minhas mãos.

Choveram-me em cima bolinhas de papel, inclusive houve alguém que me atirou um cigarro.

Estreitei o morcego junto ao peito, tentando protegê-lo, e senti-o agarrar-se a mim com todo o desespero, as suas pequenas garras arranhavam-me a pele. Olhei em redor com olhos aterrados, e dentro de mim senti de novo aquele arrepio, aquele terror que cortava a respiração.

Vi aqueles braços erguerem-se todos de uma só vez – *e a tutora que levantava a voz, que levantava as mãos, e os seus dedos que apertavam e empurravam e rachavam costelas* – e o pânico gritou ainda mais alto do que antes.

Ultrapassei aquele muro de pessoas aos encontrões, sem me importar se atropelava ou arrastava alguém à minha frente.

Quando consegui encontrar a saída, precipitei-me no passeio e deixei para trás aquele inferno, correndo como uma desenfreada. Arrisquei-me a cair com os saltos altos, mas não me detive. Corri até me doerem os músculos, corri até deixar de ouvir o barulho nas minhas costas, corri até chegar a casa.

Só me acalmei quando vislumbrei a vedação a poucos metros de mim. Recuperei o fôlego, lançando um olhar angustiado por cima do ombro. Depois baixei os olhos, fixando-os no calor que me fazia cócegas no pescoço: o morcego ainda ali se encontrava, bem agarrado a mim. Tremia. Inclinei a face sobre a sua cabecinha, acariciando devagar aquela criatura tão pequena e tão incompreendida.

– Está tudo bem... – sussurrei.

Ele levantou a cabeça e cruzei o meu olhar com o seu olhar perdido. Dois olhos negros como berlindes reluzentes atingiram-me em cheio no coração.

Nada no mundo me fez lembrar mais Rigel do que aquela criatura da noite, toda ela garras e medo, apertada entre os meus braços. Gostaria de voltar atrás, abraçá-lo e ficar com ele. Dizer-lhe que tinha deixado tudo. Que estava preenchida por ele, pelos seus desastres e pelos seus arrepios.

E não sabia mais viver sem eles.

Engolindo em seco, abri as mãos e deixei que o morcego levantasse voo e se afastasse. Só tive tempo de vê-lo desaparecer no meio da escuridão: uma

mão agarrou-me pelo ombro e obrigou-me a virar.

Fitei dois olhos transtornados e estremei.

– Nica – Lionel respirou, ofegante, sobre a minha cara. – Mas o que... O que é que estás a fazer?

– Deixa-me – murmurei com urgência, tentando esquivar-me ao seu toque. A mão dele na minha pele alarmou-me, despertando de imediato sensações desagradáveis.

– Porque é que te foste embora daquela maneira?

Recuei, libertando-me do seu amplexo, mas ele agarrou-me de novo. E eu sabia que ele não se encontrava no seu juízo perfeito, sabia que Lionel não era assim, mas não pude deixar de sentir medo.

– O que significa tudo isto? Primeiro vens até minha casa e depois saís assim sem mais nem menos?

– Estás a magoar-me – ouvi a voz enfraquecer de novo com o medo, com a sensação de impotência, do terror que se intensificava, que sufocava. Tentei repeli-lo, mas ele não mo permitiu: agarrou-me pelo ombro, prestes a perder a paciência, e abanou-me com raiva.

– Porra, para com isso e olha para mim!

De súbito, as mãos de Lionel foram arrancadas de cima de mim.

O seu corpo cambaleou para trás e estatelou-se no chão com tal força que lhe esvaziou os pulmões.

Por entre as lágrimas, a única coisa que vi foi a silhueta alta e temível que deslizou na escuridão, interpondo-se entre mim e ele. Os punhos contraídos ao longo dos flancos ardiam com uma calma imóvel e perigosa.

Rigel olhou-o de cima, com as veias dos pulsos salientes e aquela beleza cruel de demónio negro.

– Não te atrevas a... *tocar nela* – sibilou, lento e implacável.

Nos seus olhos brilhava uma fúria tão gélida que a sua voz rouca e sedosa soou assustadora.

– Tu! – cuspiu Lionel com um ódio cego, arrastando-se sobre os cotovelos.

Rigel arqueou uma sobrancelha.

– *Eu* – concordou, sarcástico, antes de pisar com força os cabelos de Lionel.

Manteve-o preso com a cabeça no chão, deixando que se contorcesse no asfalto como uma presa agonizante.

Não estava a respirar. Nos olhos de Rigel havia aquela violência impiedosa que devorava toda e qualquer centelha de luz.

Virou a cara na minha direção. Fitou-me por cima do ombro, um olhar que me penetrou a alma.

– Entra em casa.

Sentia um nó na garganta quando abri a cancela com mãos trémulas. Pensei que iria descarregar a sua ferocidade nele, mas em vez disso soltou

Lionel muito, muito devagar. Lançou-lhe um olhar intimidador e depois fez menção de seguir-me. Contudo, Lionel gemeu e agarrou-o pela bainha dos *jeans*. Enterrou as unhas com força e tentou, por todos os meios, magoá-lo.

– Julgas-te um herói? – berrou-lhe, furibundo. – É isso que te consideras, hã? Achas que és o bonzinho?

Rigel deteve-se.

– O bonzinho? – Foi o sussurro baixo e assustador que lhe saiu dos lábios.

– Eu... *o bonzinho*?

No escuro, os seus lábios pálidos curvaram-se para cima.

Sorriu.

Sorriu com aquele esgar de monstro das trevas, aquele esgar que tantas vezes me tinha feito tremer.

A mão que o tinha agarrado estava agora esmagada no chão, pisada com brutalidade pelo seu sapato. Lionel contorceu-se aos seus pés, atordoado e dorido, e Rigel pisou-a com violência até lhe espalmar os dedos um por um.

– Queres olhar *dentro de mim*? Eras capaz de te mijar todo antes de abrir os olhos – sibilou em tom gélido, e achei que lhe tinha partido o pulso. – Oh, não, eu nunca fui o bonzinho. Queres ver o quanto posso ser *mau*?

Apertou mais ainda, apertou com tanta força que ouvi os ossos estalar.

Escapou-me um soluço da boca. Rigel cerrou o maxilar e os seus olhos, profundos e amendoados, pousaram sobre mim. Pareceu recordar-se apenas naquele momento que eu estava a olhar para ele.

Fitou-me de um modo que não fui capaz de interpretar, mas alguns segundos mais tarde, contra todas as minhas expectativas, cerrou os punhos e libertou-o com um gesto seco. Lionel apressou-se a retirar a mão, gemendo e baloiçando-se. Permaneceu indefeso no meio da rua até que Rigel lhe virou as costas de uma vez por todas, encaminhando-se como um anjo aterrador na minha direção.

Pouco depois a fechadura da porta de casa quebrou o silêncio.

Os meus olhos adaptaram-se à escuridão. Pouco a pouco, a silhueta de Rigel aflorou no escuro: estava atrás de mim, com as costas apoiadas na porta. Os cabelos escuros cobriam-lhe o rosto e o maxilar sobressaía como uma foice por entre as trevas.

Tremi, ouvindo-o respirar. Aquela intimidade reacendeu tudo o que eu tinha tentado reprimir com desespero. Era uma estátua de carne e de desejos que conseguia a muito custo não se desmoronar em mil pedaços. Pela primeira vez perguntei-me se algum dia haveria uma maneira, para nós, de podermos viver juntos sem sangrarmos. Alguma vez chegaria o dia em que deixaríamos de nos ferir um ao outro?

– Tens razão. Eu sou... apenas uma iludida.

Baixei a cara porque não me sentia capaz de mentir a mim mesma.

– Sempre quis um final feliz... Procurei-o em todos os momentos, esperando que um dia me batesse à porta. Desejei-o desde que *Ela...* a tutora... me deu um motivo para desejar um futuro melhor. Mas a verdade...

Cerrei os lábios, derrotada, claudicando por completo.

– A verdade é que tu, Rigel... tu fazes parte do conto de fadas.

As lágrimas turvaram-me o olhar.

– Talvez o faças desde o início. No entanto, nunca tive a coragem de o ver com os meus olhos porque tinha medo de perder tudo.

Ele permaneceu imóvel, envolto no silêncio. Desviei o rosto para o lado, tentando controlar as emoções que não me davam trégua. O meu coração explodia e as lágrimas estavam prestes a despontar.

Vi o piano que brilhava com uma luz ténue; fitei-o por um momento antes de sentir as minhas pernas moverem-se naquela direção.

Acaricieei a fileira de teclas brancas como se ainda pudesse sentir nelas as suas mãos. Entristeci-me ao pensar naquilo que tinha dito ao Lionel.

– Não é verdade que sejas mau. Eu sei como és por dentro... e não existe lá nada de feio, nem de assustador. Tu não és assim – sussurrei. – Eu vejo em ti... tudo o que tens de bom e que não consegues vislumbrar.

– És da tua natureza – ouvi dizer pouco depois atrás de mim. – Procuras sempre a luz nas coisas, como uma mariposa noturna.

Encontrava-se agora junto à soleira da porta. As sombras conferiam ao seu rosto uma beleza dolorosa, mas o olhar era apagado, sem vida.

– Procuras por ela mesmo onde ela não existe – disse em voz baixa. – Mesmo onde nunca existiu.

Fitei-o com olhos indefesos e rendidos, abanando a cabeça.

– Cada um de nós brilha com alguma coisa, Rigel... Com alguma coisa que temos dentro de nós. Sempre procurei ver o que há de bom no mundo. E encontrei-o em ti. E não importa qual seja a verdade, porque a única luz que vejo, agora, és tu. Para onde quer que olhes, em qualquer instante... só te vejo a ti.

Na escuridão descortinei as suas íris a brilharem devagar. Aquele olhar eu... nunca o esqueceria.

Vi o seu coração dentro daqueles olhos.

Vi o quanto estava maltratado, gasto e ensanguentado.

Mas ao mesmo tempo resplandecente, vivo e desesperado.

Éramos algo impossível e ambos o sabíamos.

– Não existem contos de fadas, Nica. Não para aqueles como eu.

E pronto. Tínhamos chegado ao cerne da questão.

Não havia páginas que dessem continuidade àquela história de silêncios e tremores, não para nós. Possuíamos almas que se tinham perseguido a vida toda, e que agora tinham chegado ao fim do caminho.

Não nos enquadrávamos com ninguém porque éramos diferentes. E os diferentes como nós possuíam uma linguagem que mais ninguém podia compreender.

A linguagem do coração.

– Não quero nada onde tu não estejas – disse, arranjando forças para admiti-lo, de uma vez por todas, em voz alta.

Tinha acabado de lhe confessar o inconfessável, mas não me importava, porque só lhe tinha sussurrado a verdade.

– Tinhas razão. Nós estamos despedaçados... Não somos como os outros. Mas talvez, Rigel, talvez estejamos estilhaçados em pedaços para podermos encaixar-nos melhor.

Ninguém conhecia os meus demónios melhor do que ele.

Ninguém conhecia melhor as minhas cicatrizes, os meus traumas, os meus medos.

E eu tinha começado a ver isso como ninguém, porque naquele coração tão diferente tinha encontrado o meu.

Pertencíamos um ao outro de um modo que mais ninguém seria capaz de compreender.

E talvez fosse verdade, talvez fosse da nossa natureza arruinar as coisas. Contudo, daquela maneira *ruinosa* e *arruinada* nós éramos algo só nosso.

Terror e maravilha. Arrepios e salvação.

Éramos um delírio de notas.

Uma melodia dilacerante e sobrenatural.

Ele tinha distendido a minha alma de uma maneira tão subtil que o nosso destino se escreveu sozinho como numa página em branco. E eu tinha demorado tanto tempo a compreendê-lo que quando dei o primeiro passo pareceu-me ter levado a vida inteira a fazê-lo.

Aproximei-me dele, avançando na escuridão. As suas íris brilharam como se o céu inteiro estivesse naquela sala. Seguiu cada movimento meu com atenção, como se a confissão que acabava de lhe fazer o tivesse pregado ali com uma força que superava a sua vontade.

Sem desviar o olhar, estendi a mão e acariciei a sua. Nos seus olhos sentia-me sempre uma criatura minúscula e uma entidade perigosa. Pareceu-me que contraía os ligamentos, como se quisesse opor resistência... contudo, munindo-me de toda a minha delicadeza, rodeei-lhe o pulso e atraí-o devagar na minha direção.

Levei a mão dele à minha cara.

Um músculo do seu maxilar ressaltou. O toque aqueceu-me a alma. Suspirei e pareceu-me que lhe tremia o sangue à medida que uma lágrima minha lhe molhava os dedos semifechados, como se alguma coisa dentro dele ainda não se atrevesse a tocar-me.

Fitou-me como se eu fosse de uma fragilidade imensa, algo que poderia desintegrar-se de um momento para o outro sob os seus dedos.

– Tempos houve em que tinhas medo de mim – sussurrou.

– Tempos houve em que... ainda não tinha aprendido a ver-te. – Lágrimas escorreram pelas minhas faces e eu recordei o instante em que havia arruinado tudo. – Desculpa – murmurei. – Rigel, *desculpa*...

Estávamos a ver-nos pela primeira vez.

Depois, como um milagre em câmara lenta... as pontas dos seus dedos abriram-se sobre a minha face.

Rigel tocou-me o rosto, e aquele calor derreteu o meu coração.

O seu polegar roçou-me a comissura dos lábios, acariciou-a como se esse gesto traduzisse a impossibilidade daquilo que éramos.

– Eu não sou um dos teus bichinhos, Nica – murmurou com voz triste. – Não podes... curar-me.

– Não quero fazê-lo – sussurrei.

Ele tinha deixado rosas dentro de mim, tinha deixado pétalas e rastos de estrelas no lugar onde antes havia um deserto de fendas. E tínhamos trocado qualquer coisa, em silêncio, à sombra dos nossos defeitos.

Rigel era um lobo e eu queria-o exatamente por aquilo que ele era.

– Eu quero-te... tal como és. Prometi-to. E não parei de acreditar nisso... Não te deixarei sozinho, Rigel... Permite-me... Permite-me que fique contigo.

«Fica comigo», implorou o meu coração, «fica comigo, por favor, suplico-te, apesar de eu ter medo, apesar de não saber o que vai acontecer connosco.

»Mesmo que talvez as coisas nunca nos corram de feição, nem a ti nem a mim, porque há uma história para cada coisa e não existem contos de fadas de lobos e de mariposas noturnas.

»Mas fica comigo, por favor, porque se estamos destroçados juntos, então é o resto do mundo que é defeituoso, e não nós.

»Se estamos destroçados juntos, então eu não tenho mais medo.»

Beijei-lhe a mão devagar.

Os seus músculos contraíram-se, e de tanto sustar a respiração parecia que iria explodir a qualquer momento.

Dele queria todas as coisas: as mordidas, os erros, o caos e as carícias.

Queria as suas fragilidades.

A sua alma autêntica.

Queria aquele coração que ninguém era capaz de domesticar.

Queria o rapaz sem final feliz, aquele que tinha sido injustamente abandonado debaixo de um teto abarrotado de estrelas.

Inclinei-me para a frente e, de repente, Rigel deixou de respirar.

Apertei a sua mão no meu rosto e pus-me em bicos de pés. Em seguida, com toda a delicadeza que possuía... fechei os olhos e pousei os lábios com

doçura sobre os dele.

Os batimentos do meu coração martelavam de encontro às costelas.

A boca de Rigel era macia como veludo quente. Apartei-me com um ténue estalido e por um longo momento ele manteve-se imóvel, algo que implicava um certo perigo.

Não percebi que efeito teria surtido nele aquele gesto.

Pouco depois senti que ele me empurrava para trás. Esbarrei no piano, mas não tive tempo de sentir o coração subir-me à garganta, visto que Rigel me enfiou os dedos entre os cabelos e me reclinou a cabeça.

Ofegou e os seus olhos arregalados fitaram-me como se tivesse acabado de fazer comigo a última coisa que alguma vez ousaria sonhar. Receei vê-lo repudiar-me, mas um segundo depois ele atraiu-me a si e os seus lábios abateram-se sobre os meus, esmagando-os.

Explodiu um universo de arranhões e de estrelas, e o meu coração foi trespassado por uma contração fortíssima.

Agarrei-me a ele com mãos inseguras, arrebatada por aquele ímpeto dominador. Os batimentos cardíacos aceleraram, as respirações misturaram-se e eu senti toda a minha alma gritar o seu nome.

E Rigel beijou-me...

Beijou-me como se o mundo estivesse prestes a desmoronar-se.

Beijou-me como se essa fosse a sua única razão de viver, o único motivo para deixar de respirar.

Os seus dedos tremeram entre os meus cabelos, desceram até aos meus ombros, até à nuca, tocaram-me e apertaram-me com força como se eu pudesse dissolver-me de um momento para o outro. Apertei-lhe os pulsos para lhe dar a entender que nunca mais me iria embora. Que, por mais que o mundo gritasse que não, nós pertencíamos um ao outro até ao último suspiro.

Acaricieei-o com gestos tímidos e indecisos, e a inocência do meu toque pareceu deixá-lo fora de si. Com um arquejo agarrou-me pelas ancas, amarrotou o tecido que se colava ao meu corpo e depois comprimiu-me junto ao seu corpo num gesto de posse, a boca quente e ávida que me beijava com ímpeto. Senti os seus dentes nos lábios, na língua, e cada beijo era uma mordida, cada beijo era uma descarga de arrepios dentro do estômago.

Faltava-me o ar, o coração batia como louco, sentia-me explodir.

Rigel enfiou-me um joelho no meio das coxas, encaixando-me de encontro a ele, e o beijo tornou-se poderoso, avassalador, celestial.

E eu gostaria de lhe dizer que não importava se não existissem contos de fadas para aqueles como nós, que não importava se nunca nada nos corresse bem. Desde que permanecêssemos juntos, nem mesmo o futuro deveria assustar-nos.

Éramos exilados do reino dos contos de fadas.

E talvez, no final de contas, pudéssemos ter um conto de fadas só nosso.

Um conto de fadas de lágrimas e sorrisos.

Arranhões e mordidas na escuridão.

Algo de valioso e arruinado onde não havia outro final feliz fora de nós.

Apertei as coxas em torno do seu joelho e Rigel incendiou-se. Parecia incapaz de raciocinar, de se controlar, de se conter. Agarrou-me as pernas para me levantar, as minhas sandálias caíram-me dos pés e tremi quando os nossos batimentos cardíacos chocaram entre si como mundos gêmeos.

– *Juntos...* – murmurei dentro do seu ouvido como uma súplica. Rigel apertou-me as coxas a ponto de me magoar, ouviu-se um som desafinado de encontro às teclas do piano quando escorreguei, acabando ali sentada.

Estava subjugada por ele. Incapaz de me mexer. Quanto mais lhe tocava, mais o seu corpo parecia enlouquecer de encontro ao meu.

Dei-me conta de que, por mais que ele apertasse, por mais que as suas mãos me imobilizassem quase a ponto de me impedir de me mexer... eu não tinha medo. Porque Rigel sabia o que eu tinha passado.

Conhecia os meus pesadelos melhor do que ninguém.

Sabia onde se encontrava cada uma das minhas fendas, e havia algo de protetor e de desesperado no modo como me tocava. Algo que parecia desejar cada fragilidade minha e ao mesmo tempo preservá-la para sempre. E eu sabia que nunca me faria mal, que nunca me magoaria.

Enquanto o estreitava entre os meus braços, entregando-lhe toda a minha doçura, compreendi que por mais sombrio e desastroso que fosse o seu coração, eu guardá-lo-ia dentro de mim.

Para sempre.

E sempre.

E sempre...

– Nica?

Uma luz. Um barulho de passos.

A voz de Anna.

Ebugalhei os olhos. Ainda não tinha tido tempo de raciocinar quando Rigel se afastou com brusquidão de mim.

Pareceu-me como se me tivessem acabado de arrancar as raízes.

Quando Anna chegou ao pé de mim, envolta no roupão, foi dar comigo junto ao piano, completamente sozinha. Fitei-a com dois olhos de corça assustada e os dedos torturando-se uns aos outros.

– És tu, Nica – balbuciou, ensonada, olhando para os meus pés descalços. – De repente, ouvi um barulho inesperado... O piano... Está tudo bem?

Assenti de lábios fechados, esperando que ela não reparasse no meu rosto avermelhado.

– O que é que estás a fazer aqui, às escuras? Não consegues dormir outra

vez?

– Cheguei... a casa há bocadinho – gorjeei com uma voz quase ridícula, antes de engolir em seco. – Peço desculpa se te acordei...

Anna relaxou, lançando uma vista de olhos à porta de casa, e eu aproveitei a oportunidade para endireitar à pressa uma alça do vestido.

– Não te preocupes, está tudo bem. Vem.

Estendeu uma mão na minha direção com um sorriso.

Curvei-me para apanhar as sandálias do chão, encaminhando-me até junto dela de modo a permitir que me acompanhasse até ao andar de cima; mas antes de transpor o arco que conduzia ao corredor, onde ela me esperava, virei-me de lado... e vi-o.

Ali na escuridão onde ela não podia dar pela sua presença.

As costas apoiadas na parede, a perna fletida com um pé encostado à superfície, a respiração ofegante e silenciosa que lhe inflava o peito. No rosto inclinado para trás, os olhos líquidos e escaldantes estavam *cravados* em mim. Ainda tinha os lábios húmidos e inchados por causa de todas aquelas mordidas. Os cabelos despenteados pelos meus dedos.

Rigel olhou para mim como o pecado vivo que era.

E eu senti paz e tempestade... Alívio e abatimento.

Relâmpagos brilhantes e temporais na escuridão.

Ouvi a tempestade que pairava sobre nós, carregada de trovões.

– Pois é... – sussurrou uma voz dentro de mim, contando os universos purpúreos e estrelados que havia deixado dentro de mim –, *mas olha só que cores mais bonitas.*

As meias

*O desejo é uma chama que apaga
a mente e acende o coração.*

– Nica?

Pestanejei, voltando à realidade.

Norman observava-me com um ar de vaga preocupação.

– Estás bem?

Ele e Anna continuaram a olhar para mim.

– Desculpem, estava distraída – tartamudeei.

– O psicólogo, Nica – repetiu Anna, paciente. – Lembras-te de que conversámos sobre esse assunto? Que trocar impressões com alguém talvez te pudesse ajudar a sentires-te melhor – prosseguiu com delicadeza. – Pois então, uma amiga minha deu-me o número de telefone de um muito bom... Disse-me que deveria estar disponível por estes dias – examinou-me com atenção e preocupação. – O que é que te parece?

Uma sensação de ansiedade picou-me a boca do estômago, todavia tentei não deixar transparecer nada. Anna queria ajudar-me, só queria o meu bem. Aquela percepção atenuou o meu mal-estar, mas não fez com que desaparecesse. O seu olhar confiante, contudo, infundiu-me coragem.

– Está certo – respondi, esforçando-me para confiar nela.

– Está certo?

Anuí. Pelo menos poderia tentar.

Ela pareceu feliz em poder fazer, por fim, alguma coisa por mim.

– Muito bem. Nesse caso, mais logo vou telefonar para o consultório para confirmar. – Sorriu-me, fazendo-me uma carícia na mão, e depois dirigiu os olhos para lá do meu ombro com uma expressão iluminada. – Oh, bom dia!

Todos os meus nervos se retesaram quando Rigel entrou na cozinha. A minha pele ficou sensível à sua presença e o estômago encheu-se de

centelhas. Precisei de empregar todas as minhas forças para não erguer o rosto e cravar os olhos nele.

O que tinha acontecido na noite anterior ainda se encontrava bem vivo dentro de mim.

Os seus lábios, as suas mãos...

Sentia-o por todo o lado. Estaria capaz de acreditar que tinha sonhado tudo aquilo se não fosse pelo facto de ainda sentir a pele a queimar.

Quando se sentou na minha frente, aventurei-me a lançar-lhe uma olhadela.

Os cabelos desgrenhados emolduravam-lhe o rosto atraente; levou aos lábios um copo de sumo ao mesmo tempo que os olhos negros pousavam em Anna e em Norman, tencionando dizer-lhes alguma coisa.

Parecia... normal. Não como eu que, em contrapartida, me sentia um feixe de nervos.

Tomou o pequeno-almoço, à primeira vista tranquilo, e os seus olhos não me fitaram uma única vez.

Na minha mente começaram a piscar imagens dos nossos corpos entrelaçados e apertei os dedos em redor da chávena.

Não tencionava ignorar o que tinha acontecido... pois não?

A dada altura, pegou numa maçã com um sorriso indolente e disse qualquer coisa que fez Norman e Anna soltarem uma gargalhada. Levou o fruto à boca e, enquanto eles estavam distraídos, o seu olhar deslizou até pousar em mim.

Rigel ferrou os dentes com uma dentada longa e profunda, acorrentando-me aos seus olhos. Passou a língua pelo lábio superior e deixou deslizar o olhar dele devagar pelo meu corpo.

Demorei um bocado a dar-me conta de que a loiça escaldante da chávena estava a queimar-me os dedos.

– Está a chover – ouvi Anna dizer, a um mundo de distância. – Hoje vou levar-vos à escola.

– Estão prontos? – perguntou ela um pouco mais tarde. Vestiu o casaco impermeável enquanto Rigel vinha a descer as escadas. – Levam o guarda-chuva?

Enfie um dos pequenos dentro da mochila, tentando encaixá-lo no meio dos livros. Entretanto, Anna foi buscar o carro e saiu porta fora.

Aproximei-me da porta da rua. No ar pairava aquele odor a frescura de que eu tanto gostava. Estiquei um braço a fim de abrir o batente entreaberto e sair para a rua, mas houve algo que me impediu.

Uma mão: estava a segurar a porta mesmo por cima da minha cabeça.

– Tens um buraco nas meias.

Aquele timbre profundo e próximo fez-me estremecer.

– Já tinhas reparado?

Atrás de mim a sua presença alta e dominante pairava sobre mim.

– Não – proferi em voz baixa, sentindo-o aproximar-se cada vez mais. – Onde?

Uma respiração cálida acariciou-me o pescoço. Pouco depois senti o seu dedo queimar-me a pele num ponto pouco abaixo da bainha da saia. Pressionou com a ponta do dedo, inclinando o rosto na direção do meu.

– Aqui – disse, baixinho, entre dentes.

Baixei os olhos para aquele sítio e engoli em seco.

– É pequeno...

– Mas *existe* – murmurou com voz rouca.

– Fica quase tapado pela saia – respondi. – Mal se vê...

– Vê-se o suficiente... para que te perguntes até onde pode chegar.

Senti uma nota controversa na sua voz, quase como se um buraco como aquele, sobre uma rapariga delicada e inocente como eu, fosse capaz de desencadear alusões estranhas na imaginação masculina. Senti-me incendiar.

Na sua também?

– Posso sempre tirá-las – propus sem pensar. A respiração de Rigel intensificou-se.

– ...*Tirá-las?*

– Sim – chilreei, enquanto o seu peito se comprimia de encontro às minhas costas. – Tenho um par de reserva que trago sempre comigo... Posso trocá-las...

– *Hum...* – murmurou sobre a minha pele, como que perdido em mim.

Aquele simples som fez-me queimar o estômago.

A atenção dele derretia-me como cera e, ao mesmo tempo, fazia-me sentir viva, elétrica e febril.

Perdi-me nele, na tensão que emanava, no seu calor, no seu silêncio, na sua respiração...

O som da buzina devolveu-me à realidade: Anna estava à nossa espera.

Mordi o lábio enquanto Rigel se desencostava e o calor do seu corpo se esvaía das minhas costas.

Passou à minha frente, saindo pela porta, e no rasto do seu perfume ocultei um suspiro que nunca poderia deixar que o resto do mundo ouvisse.

O impermeável amarelo de Billie foi a primeira coisa que vislumbrei naquela manhã chuvosa.

Encontrava-se parada perto dos portões, de cabeça baixa e agitando

devagar o tornozelo sobre o asfalto molhado.

Quando me brindou com um sorriso ténue porém aliviado, percebi que estava à minha espera porque não estava com vontade de entrar sozinha.

Fez um esforço para me fazer perguntas sobre a festa, e eu, por outro lado, procurei saber como ela se sentia. As olheiras que exibia diziam-me que não devia ter sido capaz de dormir lá muito bem.

– Não... lhe telefonaste, pois não? – perguntei, cautelosa, ao mesmo tempo que chegávamos juntas ao pé dos cacifos.

Billie não respondeu e isso entristeceu-me.

– Billie...

– Eu sei – sussurrou com a dor estampada na voz.

Não queria insistir porque sabia que não conseguiria nada dela se forçasse a situação. No entanto, havia uma parte de mim que a despeito dessa percepção não era capaz de se manter à margem.

– Precisas de tempo – murmurei –, e isso é compreensível. Mas se lhe dissesse... Se falasses com ela...

– Não sou capaz – respondeu, engolindo em seco –, é tudo tão... *tão*...

Ficou bloqueada e um lampejo de sofrimento perpassou-lhe pelos olhos claros. Antes de ter tempo de me virar, ela atirou a mochila lá para dentro e foi direta para a sala de aulas.

Miki, atrás de mim, abrandou a marcha, seguindo-a com o olhar. Os seus olhos apagados fitaram-na como uma ferida.

– Miki – disse, dirigindo-lhe um sorriso que pretendia ser de encorajamento. – Bom dia...

Ela não respondeu e abriu o cacifo. Tinha o rosto fechado como o de Billie, como se aquela fissura na relação de ambas também a tivesse destroçado.

Baixei o rosto.

– Queria agradecer-te – disse, passado um momento. – Por ontem. Por me teres levado a tua casa. E por me teres ajudado a maquilhar. – Cravei os olhos nos dedos e prossegui: – Conhecer os teu pais foi muito bom. E sei que não é o que gostarias de ouvir neste momento, mas... apesar de tudo o que aconteceu, gostei imenso da tarde de ontem. Apreciei bastante o tempo que passámos juntas.

Miki deteve-se. Não se virou para mim, todavia pouco depois ouvi a sua voz.

– Desculpa por não te ter respondido – murmurou ela devagar e em voz baixa.

Sabia que estava a referir-se às mensagens que lhe havia enviado para saber como ela estava.

– Não faz mal – repliquei. Acariciei-lhe a mão e ela baixou os olhos com aquele gesto. – Se te apetecer conversar, podes contar comigo.

Os seus olhos ergueram-se e fitaram-me do interior do capuz. Não respondeu, mas estes sussurraram mais do que tudo o que ela tivesse tido vontade de me dizer.

– Ei, Blackford.

Uma mão pousou no cacifo de Miki sem pedir permissão. Reconheci um rapaz da turma dela, um tipo de farta cabeleira castanha que de vez em quando encontrava na sala durante as aulas que tínhamos em comum.

Ele sorriu daquela maneira insolente que fazia uma carrada de raparigas virarem a cabeça.

– Hoje o tempo está de acordo com o teu estado de espírito?

– Vai-te lixar, Gyle.

Gyle lançou uma olhadela divertida ao amigo que se encontrava consigo.

– Preciso dos apontamentos de Ciências – disse sem mais delongas. – Bom, e quem é que não precisa deles... Aquele chanfrado do Kryll marcou o teste para a próxima semana. Anda histérico com aquele assunto dos frascos cheios de bicharada que continuam a desaparecer do laboratório... Mas tu tens os apontamentos todos, não tens?

Ela ignorou-o e ele inclinou o rosto.

– Então? – indagou com um sorriso desagradável. – Sei que não vês a hora de me fazer este favor. Afinal de contas, devias ficar contente por haver alguém que se digne a dirigir-te a palavra.

Miki permaneceu em silêncio, e os olhos dele deslizaram-lhe ao longo de todo o corpo.

– Se não te vestisses sempre com esses moletões de putéfia maltrapilha – insinuou ele curvado sobre ela –, sabes que outros *favores* poderias prestar-me?

Os dois rapazes desataram à gargalhada e Miki assestou-lhe uma cotovelada no meio das costelas. Lancei um olhar de desconforto à minha amiga e o olhar insolente de Gyle pousou em mim.

– Ei, pequena Dover. Tens um buraco nas meias, sabias?

Esbugalhei os olhos, e ele olhou para mim como se eu fosse um ratinho.

– Intrigante...

– Põe-te a milhas, imbecil de merda – rosnou Miki, enquanto eu tentava puxar a saia para baixo a fim de tapar a malha na meia, mas os meus esforços pareceram diverti-lo.

Gyle inclinou-se sobre mim em jeito de chacota.

– Assim vê-se – sussurrou-me ao ouvido. – Não sabias? O que o torna ainda mais excitante...

Levou um encontrão que o fez ir parar ao outro lado. Acabou por embater com toda a força na fileira de cacifos, com uma mão a segurá-lo pelo braço.

A sua expressão estupefacta depressa se transformou em raiva: virou-se de

imediatamente e os seus olhos coléricos cravaram-se no culpado. Contudo, ficou petrificado quando viu de quem se tratava.

Rigel voltou-se devagar. As pupilas fincaram-se com uma natureza predatória em Gyle e fitaram-no durante um longo instante, antes de se dar ao trabalho de entreabrir os lábios com aborrecimento.

– Ups.

Gyle não reagiu. Até mesmo o amigo, atrás dele, parou de se rir. Só pareceu recuperar a voz quando Rigel fez menção de virar costas.

– Cuidado – murmurou baixinho, em jeito de aviso. Se calhar esperava que Rigel não o ouvisse, mas aqueles olhos felinos não esperavam outra coisa.

– «Cuidado?» – repetiu com um sorriso mordaz. Algo cintilava nos seus olhos negros, como uma espécie de divertimento tétrico. – Com quem? *Contigo?*

Gyle desviou o olhar com nervosismo. A bravata recolhera-se num recanto escondido, e de repente pareceu disposto e engolir as próprias palavras.

– Não importa.

Rigel presenteou-o com um olhar demorado. O corredor inteiro passava ao seu lado como um rio de olhares de admiração e também de hostilidade. E ele ali, no meio daquela torrente, em toda a sua altura e esplendor cruel. Uma obra-prima de presas e de tinta.

Depois, numa fração de segundo, o seu olhar concentrou-se em mim. Senti um baque no coração, mas aquela sensação esfumou-se assim que Rigel virou costas e seguiu caminho ao longo do corredor.

– Sacana arrogante – sibilou Gyle, quando o viu afastar-se o suficiente.

Seguiu Rigel com o olhar, vendo-o chegar junto do cacifo e tirar de lá um livro.

– Não me convence.

Pestanejei e virei-me para Miki. Tinha um livro na mão, mas não estava a olhar para mim.

– Quem? – perguntei, perplexa. Em seguida, acendeu-se-me uma luz. – Rigel?

Ela assentiu.

– Há nele algo de... *estranho*.

– De estranho? – perguntei, tentando compreender e abrindo a garrafinha de água para a levar aos lábios.

– Sim. É qualquer coisa nele. No comportamento.

– Em que sentido?

– Não sei como te explicar... Talvez seja apenas uma impressão minha. Mas às vezes parece-me que olha para ti como se quisesse *devorar-te*...

Engasguei-me com a água. Tossi com força, dando umas pancadinhas no peito, e rezei para que ela não reparasse no meu embaraço.

– Mas que raio de ideia a tua... – retorqui, engolindo em seco, ao mesmo tempo que os meus olhos se dirigiam para qualquer outro lado exceto na direção dela. De repente, senti-me nervosa como uma mosca defronte de uma aranha. Voltei a guardar os cadernos no lugar numa tentativa de me mostrar ocupada e pareceu-me vislumbrar Miki a observar-me com atenção, pelo menos até Gyle decidir recordar-lhe que ainda existia.

– E então? – insistiu ele de novo. – Emprestas-mos ou está difícil?

– Não – disparou ela com secura. – Desenrasca-te.

– Oh, vá lá! – protestou Gyle.

– Já disse que não.

– Queres alguma coisa em troca, não é verdade? Talvez uma bela queca bem dada também te fizesse bem, não achas?

– Juro, Gyle, que ainda te prego com o violino na cabeça – rosnou-lhe Miki. – Põe-te a milhas!

– E tu, Dover?

Sobressaltei-me. Os meus olhos indefesos cravaram-se em Gyle, e ele sorriu com sarcasmo ao ver a minha expressão.

– Tu não tiras apontamentos?

– Eu... – balbuciei, ao mesmo tempo que os olhos dele voltaram a fixar-se no buraco das minhas meias, percorrendo-me as coxas em seguida.

– Podias mostrar-mos...

Senti-me arder de vergonha quando vi que Rigel, neste momento, tinha levantado os olhos do livro que estava a folhear e estava a olhar para nós.

– És boa em anatomia? – Gyle aproximou-se da minha cara. – Eu aposto que sim...

De repente, algo o atingiu com força.

O violino ribombou dentro do estojo e ele levou uma mão à cabeça, massajando o sítio dorido com uma careta.

– Calculo que para quem precisa de raciocinar com o cérebro, o teu não deve ser maior do que uma ervilha – declarou Miki com os dentes cerrados, e dito isto deu a conversa por terminada.

Billie tinha-me dito para nunca acreditar em boatos, uma vez que na maioria das vezes não passavam de mentiras. Daí que, enquanto saía da sala de aulas com o pretexto de ir à casa de banho, dei por mim a esperar que ela tivesse razão.

Os meus passos apressados ressoaram no corredor deserto. Passei na frente da fila de cacifos até que vi a porta branca ao fundo. Reparei que estava entreaberta.

Com uma pitada de coragem espreitei lá para dentro, depois abri-a, entrei

na sala e voltei a fechar a porta atrás de mim.

Dois olhos ergueram-se e pousaram sobre mim.

Rigel estava sentado mesmo no meio da enfermaria.

– Fiquei a saber do que aconteceu – disse, sem rodeios. Reparei de imediato na vermelhidão na maçã do rosto pálida, acompanhada pelo corte que lhe havia rachado a pele.

Estás bem?, foi o que tive vontade de lhe perguntar, mas um péssimo pressentimento dentro de mim impeliu-me, ao invés, a perguntar-lhe:

– É verdade?

Rigel fitou-me, baixando o rosto.

– O quê?

– Rigel... – suspirei, esgotada. Era sempre assim com ele, cada palavra era uma insinuação que se dividia em quatro. – Sabes muito bem. É verdade?

– Depende – respondeu ele com uma indiferença ostensiva. – A que parte é que te referes?

– Àquela em que partiste o nariz ao Jason Gyle durante a aula de beisebol.

Segundo se dizia por aí, Gyle só tinha tido a pouca sorte de se encontrar no caminho quando Rigel deu uma tacada na bola durante a simulação. Azar que tivesse sido Gyle a lançar a bola. E pela maneira como Rigel tinha batido com o taco, atirando-o para trás com tamanha força que poderia ter quebrado a barreira do som, a pancada, em vez de descrever uma curva parabólica, foi parar direitinha ao nariz de Gyle.

– Não foi culpa do Rigel Wilde – protestaram os colegas. – Não fez de propósito, é inocente.

Rigel estalou a língua.

– Há certas pessoas que fariam melhor não jogar se não possuem espírito desportivo – gracejou. – Tratou-se apenas de um *trágico* incidente...

– Não foi o que me disseram – murmurei.

Aquela luz nas suas íris atenuou-se. Olhou para mim daquela maneira sombria e impertinente que carregava consigo desde pequeno.

– E o que foi que te disseram?

– Que o provocaste.

Tinha visto Miki no intervalo. Desvairada, jurou-me que tinha visto Rigel a ocultar um sorriso de esquelha após «o incidente».

Nesse momento, o professor tinha visto muito bem Gyle saltar-lhe em cima como um animal furioso. Rigel permaneceu quieto apenas o tempo suficiente para que o outro lhe marcasse a pele com um soco, e depois descarregou nele como resposta uma série de golpes devastadores.

Era por isso que estava ali. Foi a Miki quem me disse onde podia encontrá-lo.

– *Provocar*, eu? – repetiu com voz suave e arrastada. – Que injúria

difamatória...

Abanei a cabeça, exausta, e aproximei-me dele. Os seus olhos tornaram-se mais vigilantes.

– Como é possível tu acabares sempre por andar à pancada? – perguntei-lhe.

Rigel inclinou o rosto de lado e sorriu, com descaramento.

– Estás preocupada comigo, Nica?

– Estou – sussurrei sem hesitação. – Acabas sempre por te magoar. E a última coisa que eu quero ver é outra ferida na tua pele.

O teor do discurso mudou como se eu tivesse dito alguma coisa importante. Não queria brincar com uma coisa dessas. Os olhos de Rigel, agora, fitavam-me sem ar de brincadeira nem de fingimento.

– As da pele são as únicas feridas que desaparecem – replicou com uma seriedade que me comprimiu o peito.

– Nem tudo está destinado a ferir para sempre, Rigel – disse-lhe. – Há coisas que se podem curar... Saram devagar, com o tempo, ainda que pareça impossível... Às vezes é possível. Às vezes... até mesmo uma pequena parte de nós pode sarar.

Os seus olhos fitaram-me demoradamente.

Os raros momentos em que o Rigel mostrava aquela expressão tão *dócil*... eram de arrepiar. Desejei tocar-lhe.

Os meus dedos acariciaram-lhe o pescoço e depois o maxilar.

– O que é que significa... «sara»? – proferiu sem desviar os olhos de mim.

Entre as minhas mãos parecia uma fera selvagem e submissa.

– Sara significa... tocar com gentileza alguma coisa que antes foi tocada pelo medo.

Acaricieei-lhe o corte na maçã do rosto e tive a impressão de sentir um frémito percorrer-lhe a pele.

De repente, o seu toque causou-me uma picada no coração.

Sustive a respiração quando os dedos dele pressionaram a parte posterior dos meus joelhos, coberta pelas meias, acariciando a carne macia e flexível daquele sítio.

As pontas dos seus dedos deixaram rastros ardentes nas minhas coxas e ele atraiu-me mais a si. Reprimi um arrepio.

– Rigel...

– Ainda trazes estas meias... – comentou, reparando que eu não as tinha trocado. Os dedos afundaram-se com lentidão e o meu coração palpitou de encontro às costelas.

– Rigel, estamos na escola...

– Já te tinha dito, Nica – rosnou. – Esse tom de voz só faz piorar as coisas...

De repente, ouviu-se o som de passos do outro lado da porta. E eu

congelei.

A maçaneta rodou.

Sem refletir, acometida pelo pânico, puxei-o de modo a ficar de pé como eu e depois empurrei-o para dentro da arrecadação que havia ali ao lado, entrando eu também.

O espaço era no mínimo exíguo e dei-me conta de imediato do disparate que acabava de fazer. Rigel não devia esconder-se. Ele era o único que podia ali estar.

A porta abriu-se e através das fendas metálicas vi entrar a enfermeira.

– Wilde? – chamou a mulher.

Fiquei sem respiração quando vi que junto dela se encontrava também a diretora.

– Ainda agora estava aqui – afirmou, antes de começarem a discutir sobre o sucedido.

Tentei não fazer barulho à medida que as vozes delas enchiam a sala.

Rigel atrás de mim, não emitia um único som. Se não fosse pela pressão do seu peito de encontro às minhas costas, teria dificuldade em imaginar que atrás de mim pudesse estar logo ele, assim tão dócil e obediente. No entanto, senti-lo respirar daquela maneira forçada e comedida fazia-me lembrar de todos os pontos em que os nossos corpos mantinham contacto.

Aproximei o rosto das ranhuras da porta e atrevi-me a lançar um olhar prudente às duas mulheres. Quanto tempo é que ali ficariam?

Senti o hálito tépido de Rigel acariciar-me a nuca. Entreabri os lábios e aquele som ténue deslizou-me para dentro do cérebro, provocando-me um arrepio quente.

Tentei voltar-me, mas o rosto dele já ali estava, encostado ao meu pescoço, naquele espaço minúsculo. Os seus cabelos sedosos acariciaram-me a face e as minhas narinas encheram-se do seu perfume forte.

– *Rigel...*

– *Chiu...* – sussurrou-me ao ouvido, ao mesmo tempo que as mãos me deslizavam pelas ancas, moldando-as entre os dedos.

O meu coração acelerou.

Antes de ter tempo de fazer alguma coisa... Rigel mordeu-me o pescoço.

Arregalei os olhos e os meus dedos dispararam de imediato na direção dos seus pulsos, apertando-os de forma convulsiva.

O que é que estava a fazer?

Depositou-me um longo beijo na garganta e eu engoli em seco, frágil. O meu corpo delicado e palpitante encostado ao dele fê-lo reprimir um suspiro oculto.

Estreitou-me ainda mais junto a ele, e as suas mãos incendiaram-me o ventre.

– Para com isso... – sussurrei num fio de voz.

Como resposta obtive apenas uma respiração profunda que me penetrou por entre as vértebras, fazendo-me estremecer.

Os seus dedos percorreram-me as costelas, o rego entre os seios, deleitando-se com o martelar furioso do meu coração, e depois aprisionou-me o rosto por baixo, inclinando-o de lado.

Ofeguei com os olhos esbugalhados quando os seus lábios escaldantes se fecharam sobre a curvatura do meu pescoço, incendiando-me.

Os meus tornozelos formigaram, faltou-me o ar. A sua boca espicaçou-me a pele macia com uma lânguida lentidão, como se degustar-me lhe desse imenso prazer.

Com a outra mão, Rigel encontrou o buraco nos meus colâs; mordiscou-me a garganta, saboreando a minha carne, e depois enfiou os dedos na malha das meias.

O seu toque percorreu-me a pele nua, entorpecendo-a, e eu só fui capaz de sentir os batimentos violentos do meu coração, a respiração cálida, o corpo sólido de encontro ao meu e o dedo, algo que se estendia e se retesava e depois...

As duas mulheres saíram da sala, e eu precipitei-me para fora da arrecadação, tropeçando em mim mesma. O ar mudou com brusquidão.

Virei-me com os olhos esbugalhados e um rubor disseminado pela cara, e Rigel fitou-me da penumbra, passando a língua pelos lábios túrgidos, contemplando-me como se me achasse deliciosa. Balbuciei palavras desconexas antes de uma ligeira corrente de ar frio me fazer baixar os olhos, pousando-os na perna.

Ali, onde antes havia um pequeno buraco, via-se agora uma malha enorme: uma porção de carne leitosa espreitava através do tecido rasgado. Abri muito a boca e tive a certeza de o ver sorrir.

– Oh... – murmurou Rigel. – Agora é que tens *mesmo* de mudar de meias.

Tinha sido uma loucura correr tamanho risco.

Ninguém devia desconfiar do que existia entre nós, ninguém devia saber ou poderíamos perder tudo. Não suportaria nunca mais voltar a ver a Anna e o Norman. Não agora que se tinham tornado uma parte tão importante da minha vida.

Sabia que era uma atitude contraditória, mas também sabia que, dentro de mim, nunca queria destruir aquilo que tínhamos construído.

Ele não parecia dar-se conta da gravidade da situação, e isso era uma coisa que me preocupava. Aos olhos dos outros nós em breve seríamos uma família. Para alguns já o éramos.

Precisávamos de ficar atentos.

Mas se por um lado aquela percepção era forte, por outro não conseguia libertar-me da sensação que as mãos dele despertavam em mim. Já não me reconhecia mais.

Quanto mais me tocava... mais me parecia que enlouquecia.

O meu coração palpitava.

As mãos tremiam.

O seu toque moldava-me e o meu peito transformava-se num êxtase delirante.

Quanto mais lhe desse da minha alma, mais me tornava dele.

Como é que iria fazer para gerir tudo aquilo?

– Nica, está lá em baixo uma visita para ti. – Norman irrompeu pelo quarto, interrompendo-me os pensamentos.

Olhei para ele confusa; quando desci as escadas, vislumbrei à porta duas íris azulíssimas que me arrancaram um sorriso.

– Adeline!

Os olhos dela adoçaram-se assim que me viu.

– Olá... – saudou-me com afeto.

Envergava um gorro canelado e botas de borracha para se proteger da chuva. Parecia um raio de sol aprisionado no temporal.

– Não queria incomodar – desculpou-se. – Estava de passagem pela cidade e vi... que abriu uma pequena pastelaria. Pensei em ti – disse com uma ponta de embaraço. – A dona tinha acabado de tirar do forno umas quantas tartes e eu sei o quanto tu gostas de geleia...

Entregou-me um embrulho e eu senti na garganta uma sensação cálida e doce como o mel.

– Adeline, não precisavas... – Peguei no doce e ergui os olhos para ela, sorrindo-lhe. – Porque é que não ficas? Podemos comê-la juntas... Não incomodas nada – disse, antecipando-me, antes que ela pudesse ter tempo de dizer alguma coisa. – Tenho cá o chá de que tanto gostas, e lá fora está a chover imenso... Vamos, entra.

Limpou as botas no capacho e dirigiu a Norman um sorriso de agradecimento, quando ele lhe pegou no casaco a fim de o pendurar.

– Entretanto fica à vontade – sugeri-lhe. – Vou preparar o chá e já volto.

Fiz o que lhe havia dito e pouco depois também me juntei a ela, com o tabuleiro nas mãos e o bule de chá fumegante.

Ela estava de pé, de costas para mim.

Estava prestes a chamá-la, quando me apercebi de que havia mais alguém na sala de estar. Ao fundo do aposento, envergando o seu típico silêncio, Rigel lia alheio a tudo, a pele banhada pela luz da janela.

Naquele momento o mundo deteve-se.

Naquele momento... apercebi-me de qualquer coisa que não tinha querido ver.

Adeline... Adeline olhava para ele como se não existisse mais ninguém.

Com olhos que sussurravam.

E lábios que calavam.

Com um coração despedaçado e a melancolia de algo que sempre havia contemplado de longe.

Adeline... olhava para Rigel da mesma maneira, de uma forma idêntica, que eu.

Uma única canção

*Quando não conseguires ver a luz,
contemplaremos juntos as estrelas.*

– Adeline... O que é que sentes pelo Rigel?

Adeline pousou a chávena. Nos seus olhos reconheci uma luz de surpresa.

– Porque é que me fazes esta pergunta?

Talvez Anna tivesse razão a meu respeito: possuía um coração muito transparente e por isso não sabia fingir. Nunca fui muito boa a ocultar as minhas emoções e também não o fui nem sequer nesse momento.

– Nica – sussurrou ela –, se estás a referir-te àquele beijo...

– Gostaria de saber – respondi, direta. – Eu... preciso de sabê-lo, Adeline. Sentes alguma coisa por ele?

Sabia que não podia revelar a ninguém o que havia entre mim e o Rigel: embora Adeline nos conhecesse desde sempre, desde muito antes de termos sido escolhidos juntos, não era algo que pudesse dizer sem mais nem menos.

Se vazasse... as consequências seriam desastrosas. No entanto, não consegui resistir a fazer-lhe essa pergunta.

Ela baixou os olhos.

– Conheço-vos aos dois há imenso tempo – sussurrou. – Crescemos juntos. O Rigel... também ele faz parte da minha infância. E apesar de nunca ter sido capaz de compreendê-lo, aprendi a não julgar os seus gestos e as suas atitudes.

Tive a sensação de que alguma coisa me escapava, de novo. Não entendia. No orfanato nunca os vi juntos, contudo Adeline parecia conhecê-lo de uma maneira que eu não sabia interpretar.

– O Rigel ensinou-me muitas coisas. Não através do que dizíamos, mas mais através do que optávamos por não dizer, porque às vezes calar é o maior dos sacrifícios. Ensinou-me que existem momentos em que é preciso

aproveitar e outros em que aquilo que podemos fazer é apenas... ficar afastados. Aceitar que não podemos mudar a natureza das coisas, porque o grau de importância que têm para nós reside em saber até que ponto estamos dispostos a sacrificar-nos só para as proteger de longe. Ele ensinou-me que as coisas a que damos mais valor se medem em função da nossa coragem para renunciar a elas.

Adeline ergueu o rosto, envolvendo-me com os seus olhos celestes.

Nunca seria capaz de compreender por completo aquelas palavras.

Nunca seria capaz de compreender o seu significado oculto.

Só ficaria claro para mim no final.

As suas íris cintilaram como um labirinto de coisas não ditas. Porque talvez também ela tivesse desejos, dentro de si, que tinha aprendido a medir de todas as vezes que havia escolhido o silêncio em detrimento das palavras.

– Acredita em mim, Nica... – disse, sorrindo devagar. – Aquilo que eu sinto pelo Rigel é apenas um profundo, profundíssimo afeto.

Preferi acreditar em Adeline.

Talvez não tenha sido capaz de interpretar por completo as suas palavras, mas de uma coisa tinha a certeza absoluta: confiava nela e sabia que nunca me enganaria.

Gostaria de ter falado com clareza, confessar-lhe o que me unia a Rigel, mas não podia. Por um lado, sentia a necessidade de partilhar os meus receios e as minhas inseguranças com alguém, mas por outro sabia que não podia dar-me a esse luxo.

Em relação a esses sentimentos, encontrava-me sozinha.

Sozinha com ele.

– Então?

Pestanejei. Billie olhou para mim com uma expressão rabugenta.

– Perdoa-me, ando um bocado com a cabeça nas nuvens – desculpei-me.

– Perguntei-te se te apetecia estudarmos juntas – repetiu, apática. – Se estás com vontade de ir a minha casa depois das aulas.

– Oh, gostaria muito, mas hoje não posso – respondi com tristeza. – A Anna marcou-me uma consulta no médico e eu disse-lhe que iria.

Billie olhou para mim por um instante. Em seguida, assentiu devagar.

Por aqueles dias nem sequer parecia ela. As olheiras faziam com que os seus olhos parecessem brilhantes e encovados, e cada expressão sua parecia nervosa e vagarosa, muito diferente da vivacidade habitual.

E eu, no fundo, compreendia o motivo.

Há já vários dias que Billie e Miki não falavam uma com a outra.

Por mais simples que a solução pudesse parecer, sabia que não bastava

pegar no telefone e fazer as pazes com a sua melhor amiga. Naquela tarde, algo se havia quebrado. O que ambas se disseram tinha abalado até mesmo os aspetos mais básicos da relação, e quanto mais tempo se passava, mais essa rutura entre elas parecia aprofundar-se.

– Sinto muito, Billie – disse-lhe com sinceridade. – Talvez um outro dia...

Ela voltou a assentir, sem olhar para mim; deixou vaguear o olhar por entre o vaivém de alunos, mas quando os seus olhos se detiveram, percebi quem ela tinha visto.

Miki caminhava ao longo do corredor, com a mochila ao ombro e o rosto livre do capuz.

Naquele momento, apercebi-me de que Miki não se encontrava sozinha. Vinha a caminhar pelo corredor na companhia de outra rapariga.

Era sem dúvida uma colega de turma. Já a tinha visto antes cumprimentar Miki uma vez por outra, por isso não me surpreendi ao vê-las juntas.

Detetei uma nota de insegurança no seu olhar maquilhado quando nos viu. Hesitou por um momento, e depois veio ter connosco.

Fiquei tão contente quando a vi aproximar-se que não fui capaz de reprimir um sorriso doce.

– Ei... – saudei-a, feliz.

Miki baixou os olhos e eu interpretei esse gesto como um cumprimento.

– Encontrei-a – limitou-se a dizer, entregando-me uma mochila. Era aquela onde eu colocara as roupas e que havia deixado na casa dela na tarde da festa.

– Oh – respondi surpreendida. – Onde é que estava?

– A Evangeline tinha-a posto ao pé das minhas coisas.

– Imagina... Bom, nesse caso obrigada. Ah, a propósito! – procurei uma coisa dentro da mochila e estendi-lha. – Toma... São para ti.

Miki estendeu a mão e pegou no pacotinho de bolachas, perplexa.

– A Anna queria agradecer-te pela hospitalidade. E também pela boleia de automóvel, pela maquilhagem e pelas sandálias... Por isso, fizemos estas bolachas juntas. – Cocei uma face. – Sim, pois então... As minhas não saíram lá muito bonitas – admiti, contemplando aqueles feios ursinhos de manteiga cheios de grumos e deformidades. – Contudo, já as provei e... depois das primeiras dentadas... se mastigares um bocadinho... não parecem assim tão rijas como isso...

A colega de Miki sorriu-me.

– Na realidade, até nem têm mau aspeto.

– Assim espero... – declarei, apreciando e agradecendo a sua intervenção. Billie, atrás de mim, olhava para nós sem dizer uma única palavra.

– Não devias ter tido esse trabalho – Miki não encontrava as palavras certas. – Não era necessário...

– Mas... achas mesmo que isso é coisa que se diga? – gracejou a colega, dando-lhe um encontrão na brincadeira. – Vê bem o que ela fez para ti! Ao menos, agradece-lhe!

Miki dirigiu-lhe um olhar fulminante, no entanto vi as suas faces corarem debaixo da maquilhagem.

– Claro – murmurou entre dentes, daquele modo algo mal-humorado que me dava a entender o quanto tinha, de facto, apreciado o presente. – Obrigada.

– Sempre rabugenta como um urso – disse a amiga, entrando com ela de forma bem-humorada. – Tal como acontece quando não bebe café. Sabiam que a Makayla se torna *intratável* sem a sua amada cafeína?

– Não é verdade... – resmungou Miki.

– Oh, é verdade, sim senhora! Transforma-se numa fera... Palavra de honra – disse a rir. – Se eu não te conhecesse de ginjeira...

– Mas afinal o que é que sabes *tu* para conhecê-la de ginjeira?

Virámo-nos.

Billie estava de braços cruzados e as mãos entrelaçadas pouco acima dos cotovelos. No seu olhar cintilava uma hostilidade que nunca lhe havia visto. Pareceu aperceber-se da própria intervenção apenas quando todas nos voltámos para olhar para ela. Por instinto, cerrou os lábios e foi-se embora.

À medida que se afastava, percebi pela sua postura que estava a apertar os braços apenas para não se desintegrar nas suas inseguranças.

– Obrigada pelos biscoitos.

Miki puxou o capuz para cima e afastou-se em sentido contrário.

A amiga seguiu-a com o olhar; quando os nossos olhares voltaram a cruzar-se, nenhuma das duas foi capaz de encontrar algo adequado para dizer.

A fissura estava a alargar-se.

Cada vez mais.

No fim acabaria por engolir tudo: sonhos, recordações e momentos felizes.

Não restaria mais nada.

Apenas escombros.

Apenas o vazio.

A sala de espera do psicólogo era um aposento sóbrio e elegante. Uma planta tropical cortava a frieza dos tons e nas paredes cor de antracite havia um par de quadros abstratos que apesar de toda a minha paciência não fui capaz de interpretar.

Arrisquei lançar uma olhadela à pessoa que se encontrava ao meu lado.

Rigel tinha os braços cruzados, o tornozelo apoiado na diagonal em cima do joelho e a boca franzida numa expressão contrariada.

Estava irritado. Muito irritado.

O corpo dele emanava toda a irritação que sentia em estar ali, quase coagido por Anna com a frase:

– Já que a Nica lá vai... porque é que não experimentas tu também? Poderias vir a descobrir que te faz bem...

Podia compreender o seu estado de espírito: em suma, Rigel a falar sobre si mesmo, sentado a uma mesa?

Rigel, que construíra para si mesmo uma máscara de tal maneira espessa que lhe cobria inclusive o coração?

Era uma ideia tão absurda que chegava a ser inconcebível.

Percorri o perfil do seu rosto. O maxilar viril estava tenso, o lábio superior franzido ao de leve. Era magnífico e cativante como sempre, mesmo assim tão furioso.

Naquele momento reparei na rapariga sentada ao fundo da sala. Tinha uma revista na frente da cara, as pernas unidas e os olhos literalmente pregados em Rigel. Fitava-o com tamanha intensidade que me surpreendi quando não vi a sua pele derreter-se sobre os ossos. Quando Rigel reclinou a cabeça, a capa da revista entre as mãos dela amarrotou-se ao de leve.

Nesse instante observei-a com mais atenção... E vi que possuía dois esplêndidos olhos castanhos e uma cara fina e delicada.

Era bonita. Muito...

Com uma sensação que não soube como definir, perguntei-me se ele teria reparado nela.

Virei-me.

Rigel tinha a cabeça encostada à parede e o rosto virado de lado. E o olhar... O olhar estava cravado na minha mão, próxima da perna dele. Nem sequer me havia dado conta de estar a acariciar-lhe o joelho. Parecia absorto, como se, apesar da irritação que sentia, aquele fosse o sítio certo que o mantinha fascinado...

– Adeus!

Um senhor bem vestido saiu pela porta diante de nós. Manteve-a aberta para dar passagem a um homem na casa dos quarenta.

– Até à próxima semana, Timothy – disse, despedindo-se. – Vejamos, a próxima consulta é...

Deixou vaguear o olhar pela sala até que nos viu, a mim e ao Rigel.

– Oh, vocês devem ser os filhos da senhora Milligan – exclamou, e no maxilar de Rigel descortinei um músculo a contrair-se. – Vejo que já chegaram, muito bem... Menina, começamos por si?

Mordisquei as costuras dos pensos rápidos, tensa, e depois levantei-me.

Ele sorriu, fazendo-me sinal para entrar.

– A bem da verdade... A Anna ainda não é a nossa mãe adotiva – especifiquei num fio de voz.

O médico olhou para mim, reconhecendo o seu erro.

– Peço desculpa – disse. – A senhora Milligan informou-me sobre a adoção. Não sabia que o processo ainda está a decorrer.

Contorci as mãos, sentindo-as suar, e ele reparou no meu nervosismo.

Possuía um olhar profundo, sagaz, mas a consideração que emanava não transmitia acanhamento, apenas uma sensibilidade inesperada.

– Apetece-te conversar um pouco comigo? – perguntou-me.

Engoli em seco. Sentia o meu corpo a tremer, sussurrar-me que não, mas procurei não lhe dar ouvidos.

Queria fazê-lo por mim.

Queria experimentar.

Mesmo se o terror me dava um nó nas entranhas e a realidade insistia em esmagar-me.

Anuí devagar. Custou-me um esforço enorme, quicá o maior que alguma vez tenha feito.

Uma hora mais tarde transpus de novo aquela porta.

Sentia-me mole, entorpecida, tensa e palpitante. Tinha-lhe contado um pouco da minha infância, mas não fui capaz de lhe falar dos meus traumas, porque cada vez que tentava entrar pela porta da minha mente, a ansiedade aguardava-me, armando-me uma emboscada.

Fiquei agitada, bloqueada e muda por diversas vezes. Tinha contado muito poucas coisas, a custo e a tremer, mas, em todo o caso, ele tranquilizou-me e disse que tinha ido muito bem. Afinal, tinha sido a minha primeira vez.

– Podemos voltar a ver-nos, se quiseses – disse-me num tom de voz gentil.

– Sem pressas. Talvez na próxima semana.

Não me forçou a dar uma resposta, ao invés deixou que eu assimilasse em silêncio, procurando-a dentro de mim. Em seguida, ergueu o olhar para Rigel.

– É a tua vez – disse, enquanto eu voltava a sentar-me. – Fica à vontade.

Apercebi-me de que Rigel não se mexera nem um milímetro desde que eu o havia deixado ali.

Seguiu-me com o olhar, como que a certificar-se de que me encontrava bem. Depois, passado um bocado, descruzou os braços e decidiu-se a levantar da cadeira.

Relutante, encaminhou-se na direção do consultório.

✱

Entrou pela porta com passo moderado e, no entanto, a primeira coisa que pensou foi que não queria estar ali.

Nos últimos tempos... sentia-se sempre dominado por um estranho frenesim.

Uma sensação escaldante que lhe incendiava o sangue.

Era visceral, como um veneno. Retorcido e delicioso.

Era ela.

Num movimento irrefletido virou-se de modo a procurar os seus olhos: contemplou as suas íris apenas por um instante, o suficiente para a gravar dentro de si.

Era como se tivesse de olhar para ela de cada vez, vê-la, para tomar consciência de que não se tratava de um sonho.

Se se virasse para a observar, ela cruzava o olhar com o dele.

Se a acariciasse, ela não tinha medo.

Se enfiasse a mão nos seus cabelos, ela não desaparecia como num sonho, mas ficava ali, entre os seus dedos, com os olhos fixos nos seus.

Era verdadeira.

Era-o de tal maneira a ponto de lhe fazer ferver o sangue.

Dentro dele o desastre e a calamidade faziam barulho. Raspavam e arranhavam-lhe as paredes do coração, perguntando-lhe se não estaria a enlouquecer, se não seria apenas a enésima ilusão, e então Rigel virava-se para olhar para ela, procurava com desespero os seus olhos e depois estreitava-os de encontro a si com toda a necessidade que não era capaz de arrancar da alma.

Trazia-a gravada dentro de si à força, ela e os seus olhos claros. E aquela luz acabava por cobrir tudo.

E, mesmo se o coração permanecesse em delírio, dentro de si havia alguma coisa que pulsava com delicadeza.

Algo que sabia ser gentil, que aquecia, que repousava à sombra dos seus espinhos e punha pensos rápidos coloridos entre as fissuras da sua alma.

Por um momento, à medida que Nica desaparecia pela porta, tão pequena, luminosa e *verdadeira*, uma parte dele recordou-se de que, mesmo que não pudesse vê-la, ela continuaria ali...

– Muito bem, Rigel. Rigel, é isso?

A voz do médico fê-lo voltar a si.

Quase se tinha esquecido dele. Quase.

– Tanto quanto sei, esta também é a primeira vez para ti – ouviu-o dizer, enquanto ele perscrutava o consultório com o olhar. Algo em cima da secretária chamou-lhe a atenção.

Pareciam cartões, mas eram grandes como as páginas de um livro. Encontravam-se empilhados em duas filas ordenadas, e em cada um deles umas manchas negras criavam uma série de figuras indefinidas.

– Interessantes, não é verdade?

Os olhos de Rigel dispararam na direção do médico. Estava de pé perto dele, e fitava as folhas de papel repletas de borões.

– São o teste de Rorschach – informou-o. – Ao contrário do que se pensa, não são um instrumento para avaliar a instabilidade mental das pessoas.

Servem para mostrar como o indivíduo percebe o mundo. Auxiliam no estudo da personalidade. – Retirou algumas, mostrando figuras cada vez mais bizarras e impenetráveis. – Há quem veja nelas raiva, carências, medo... Outros veem sonhos, esperanças. Amor. – O médico ergueu os olhos, pousando-os nele. – Já alguma vez estiveste apaixonado?

Rigel sentiu vontade de rir. Mas daquela maneira exagerada, pífida e desmedida que o fazia parecer um lobo.

Ele e o amor travavam uma batalha que durava a vida toda. Destroçavam-se um ao outro. No entanto, nenhum dos dois conseguia sobreviver sem o outro.

Todavia, em vez de se rir, Rigel deu por si a fitar pela primeira vez aqueles borrões sem sentido. Sempre tinha ouvido falar do amor como sendo um sentimento doce, terno, que aligeirava o coração. Ninguém falava de espinhos, ninguém falava daquele cancro que era a ausência, nem do tormento de um olhar não correspondido.

Ninguém falava do quanto fazia sofrer, o amor, quando nos devorava até nos deixar sem fôlego.

Contudo, sabia que era diferente.

Ele não era como os outros.

Apercebeu-se do homem que o olhava intensamente, como que intrigado pela *nuance* que albergava dentro dos seus olhos.

– O que é o amor para ti?

– Um verme – murmurou Rigel. – As suas mordidas nunca saram.

Quando se apercebeu de ter aberto a boca, já era demasiado tarde. Tinha falado consigo mesmo, não com ele. Era uma reflexão que carregava dentro de si desde sempre.

Contudo, o médico estava agora a fitá-lo, e Rigel sentiu cada partícula do seu corpo rejeitar aquele olhar. Achou-o repelente, opressivo, algo de que precisava livrar-se de imediato.

Perdeu-se por um instante dentro de si mesmo, e Nica conseguiu extorquir-lhe o inconfessável. Prometeu de novo a si próprio que não voltaria a suceder.

Desviou os olhos e estes voltaram a vaguear pela sala como uma fera enjaulada.

– Estou ao corrente do teu problema.

Rigel ficou petrificado. Na mesma hora.

– O meu... *problema*?

Isso queria dizer que Anna tinha falado sobre ele.

Rodou os ombros devagar, voltando-se com lentidão.

– Não precisas de ter medo – disse o médico, com serenidade. – Queres acomodar-te melhor na poltrona?

Rigel não se mexeu. Encarou-o de frente, nas suas íris brilhava uma luz tão aguçada que mais parecia um alfinete.

O médico brindou-o com um sorriso reconfortante.

– Não imaginas o bem que faz, às vezes, falar. Sabes o que se costuma dizer? As palavras permitem ler a alma.

Ler a alma?

– Toda a gente se mostra um pouco tensa no início... é normal. Porque é que não te acomodas melhor na poltrona?

Ler... a alma?

Voltou a erguer o rosto para o médico. Fitou-o com os seus olhos negros de tubarão. Depois, sem mais nem menos... sorriu. Os lábios entreabriram-se sobre os dentes numa das suas melhores obras-primas.

– Antes de começar... gostaria de lhe perguntar uma coisa.

– Como dizes?

– Oh, vai desculpar-me – começou por dizer, aproximando-se. – É a indecisão própria da primeira vez, o senhor compreende-me. Afinal de contas, a abordagem confidencial é algo que sempre vi com uma certa relutância. Sabe como é, por conta do meu... *problema*.

O médico fitou-o surpreso, quando, em vez de se acomodar na pequena poltrona, se deixou cair com desembaraço na cadeira que havia na frente dele.

– É apenas uma curiosidade – insinuou com uma inocência estudada. – Não se importa, não é verdade, *senhor doutor*?

O homem entrelaçou os dedos debaixo do queixo, disposto a atender a esse pedido.

– Estou a ouvir-te.

Então Rigel dirigiu-lhe um sorriso comedido, de fera domesticada, antes de perguntar:

– Qual é a finalidade destas sessões?

– Promover uma melhoria no teu bem-estar psicológico e ajudar o teu crescimento pessoal – respondeu com calma o médico.

– Portanto, o senhor parte do princípio de que os seus... *clientes* precisam de ajuda.

– Bom... Desde que venham procurar-me de livre e espontânea vontade...

– E se não o procurarem de livre e espontânea vontade?

Recebeu em resposta um olhar calmo e perspicaz.

– Essa é uma maneira de me dizer que não escolheste estar aqui?

– É uma maneira de compreender melhor a sua abordagem.

O médico pareceu refletir.

– Bom... Poderemos vir a descobrir que faz com que se sintam melhor. Às vezes as pessoas constroem realidades nas quais acreditam sentir-se bem. Não

acham que necessitam. Mas por dentro sentem-se vazias, inúteis, como uma moldura partida ou um pedaço de vidro.

– Se não acham que precisam, então como pode o contrário ser verdadeiro? – perguntou Rigel, enigmático.

O médico ajeitou os óculos no nariz.

– É assim mesmo. A mente possui engrenagens complexas, mas tudo está feito para ser compreendido. O próprio Rorschach disse uma vez que também a alma tem necessidade de respirar.

– A sua também?

– Como?

– O doutor é humano, como todas as outras pessoas. A sua alma também tem necessidade de respirar?

O médico fitou-o, como só agora estivesse a vê-lo.

Rigel sorriu com ironia, não obstante o seu olhar permaneceu gélido.

– Se eu lhe dissesse que em cima daquela mesa vejo desejos, traumas ou medos, o senhor encontraria uma maneira de me analisar. Mas se lhe dissesse que não vejo nada, que para mim não passam de estúpidos borrões, ainda assim interpretá-lo-ia. Se calhar como uma recusa. Um bloqueio. Acaso estou enganado? – Esperou por uma réplica que não chegou. – Seja qual for a resposta, o senhor haverá de encontrar alguma coisa que precisa de ser corrigida. Não importa qual seja a realidade, qualquer um que entre por aquela porta está fadado a um diagnóstico. Talvez a questão não seja como se sentem essas pessoas, senhor doutor. Mas como as fazem sentir. A questão reside na vossa convicção de que há por força algo de errado nelas, que precisam de ser consertadas porque por dentro se sentem inúteis, vazias e erradas... como uma moldura partida, ou um pedaço de vidro.

O homem fitou-o e Rigel sustentou aquele olhar sem mais nenhuma máscara.

– Diga-me, por favor, senhor doutor – retorquiu ele, endurecendo a voz num tom agreste, observando-o por debaixo das sobranceiras negras. – Não é neste momento que vai procurar *ler* a minha *alma*?

O silêncio que obteve como resposta deu-lhe a entender que tinha alcançado o seu propósito. O tanas que se deixaria psicanalisar. Já lhe chegou o que teve que suportar quando era criança. Não tinha necessidade de ouvir dizer mais uma vez que era um desastre, uma calamidade. Sabia isso de cor e salteado. Por certo não iria permitir que outro médico lhe espremisse o cérebro.

No entanto, a maneira como o homem olhou para ele, como se na realidade já tivesse compreendido tudo sobre ele, encheu-lhe o estômago com uma sensação de mal-estar.

– Tu possuis um grande mecanismo de defesa, Rigel – disse com

conhecimento de causa. E ele sabia que não se tratava de um elogio. – Hoje decidiste que não posso fazer nada para te ajudar. Contudo, um dia, quem sabe, compreenderás que em vez de te proteger, este mecanismo consome-te.

✱

Ergui os olhos da chávena que tinha nas mãos e pousei-os no vulto silencioso que se encontrava diante de mim.

Rigel estava sentado ao piano. Os cabelos descaíam-lhe para a frente e os seus dedos moviam-se lentos e ausentes sobre as teclas.

Na casa inteira, o único som que pairava no ar era aquela frágil melodia.

Estava assim desde que tínhamos voltado para casa.

Quando a porta do consultório se abriu, a primeira coisa que vi foi o rosto sério e desprovido de um sorriso do psicólogo; a segunda, a expressão gélida e sombria de Rigel.

Permaneceu em silêncio o tempo todo. Sabia que não era do seu feitio falar só por falar, mas pelo seu mutismo percebi que aquele encontro não tinha corrido como o previsto.

Aproximei-me e pousei a chávena fumegante ao pé dele, fazendo com que ele notasse a minha presença.

– Está tudo bem? – perguntei com doçura.

Ele não se virou para olhar para mim. Limitou-se a assentir.

– Rigel... Como foi que correram as coisas com o médico?

Tentei ser o mais delicada possível porque não pretendia ser invasiva. Estava apenas preocupada e queria ser de algum consolo para ele.

– Nada de importante – respondeu, lacónico.

– Parecias... perturbado.

Procurei o seu olhar, mas ele não mo concedeu. Fitava as teclas brancas como se tivesse diante dos olhos um mundo que eu não podia ver.

– Achou que podia entrar – murmurou como se eu fosse a única capaz de entender. – Achou... que podia ver dentro de mim.

– E foi esse o erro dele? – sussurrei.

– Não – respondeu ele, fechando os olhos. – O erro foi achar que eu lho iria permitir.

Desejei não sentir aquele vazio pungente no peito, mas por desgraça não fui capaz de controlar aquela emoção.

É também esse o meu erro, apeteceu-me confessar-lhe, contudo calei-me com medo de uma resposta.

Rigel era introvertido, complicado e hostil aos afetos, mas era único. Há já bastante tempo que eu tinha compreendido que havia erguido uma barreira entre si mesmo e o mundo, uma barreira que se enraizara no seu coração, nos seus pulmões e nos seus ossos, acabando por se tornar parte dele.

No entanto, sabia também que, para além dessa barreira, resplandecia um universo de trevas e de veludo.

E era exatamente naquela galáxia rara e belíssima que eu gostaria de entrar. Devagar, com delicadeza.

Não o queria magoar.

Não o queria mudar, ou pior, *consertar*. Não queria eliminar os seus demónios, queria apenas sentar-me com eles debaixo daquele teto de estrelas a contá-los em silêncio.

Será que alguma vez me abriria essa porta?

Baixei os olhos, vencida pelos meus temores. Embora nos tivéssemos aproximado, havia momentos em que ainda estávamos demasiado distantes para nos compreendermos.

Virei-me disposta abandonar a sala e deixá-lo um pouco sozinho, mas algo me impediu de sair dali.

Uma mão em torno do meu pulso.

Levantou o rosto, devagar. Os olhos dele cruzaram-se com os meus e, passado um bocado, satisfiz aquele seu pedido silencioso: voltei a aproximar-me e sentei-me ao lado dele na banquetta do piano.

Sem me dar tempo para poder compreender, Rigel passou-me uma mão debaixo dos joelhos e puxou-me, estreitando-me nos seus braços.

O seu corpo encostado ao meu causou um arrepio de estupefação ao longo da minha espinha dorsal. Pouco depois, o seu calor envolveu-me e senti uma felicidade tão vibrante e tão intensa que me deixou a cabeça a andar à roda.

Ainda não me tinha habituado a poder tocar-lhe. Era uma sensação estranha e belíssima, sempre nova, sempre poderosa, uma descarga de vertigens.

Encaixei a cabeça na curvatura do seu pescoço, abandonando-me junto ao seu tórax pulsante. Quando me aninhei no calor do seu corpo, ele suspirou devagar, baixinho, relaxando-me.

Por um momento, pensei que talvez, se fôssemos feitos da mesma ternura, ele pudesse inclinar o rosto e encostar a face à minha cabeça.

– Em que é que pensas quando tocas? – perguntei, passado um bocado, ao som das melodias daqueles acordes lentos.

– Estes são os momentos em que eu me esforço por não pensar em nada.

– E consegues?

– Nunca.

Sempre tive vontade de lhe fazer essa pergunta. Nunca o tinha ouvido tocar uma peça alegre. As suas mãos criavam melodias magníficas, angelicais, mas que dilaceravam o coração.

– Se te deixa triste... porque é que o fazes? – dei por mim a perguntar, com o rosto algo levantado. Fiquei enfeitiçada a fitar-lhe os lábios assim que os

entreabriu para falar.

– Há coisas que prescindem de nós – respondeu, enigmático. – Coisas que... nos pertencem sem que possam ser removidas. Nem mesmo se quisermos.

Um pressentimento começou a formar-se dentro de mim.

Fitei os dedos que deslizavam devagar pelas teclas, e de repente compreendi.

– Faz-te lembrar... *Dela?*

A recordação da tutora ainda gerava monstros dentro dos meus pesadelos. Rigel tinha-me confessado que a odiava, no entanto trazia-a de algum modo consigo desde pequeno.

– Faz-me lembrar... aquilo que sempre fui.

Sozinho, quase pude ouvir, *abandonado diante de um portão fechado*, e desejei de imediato que ele parasse de tocar.

Desejei arrancá-la da sua alma, limpá-la, eliminar de dentro dele todos os vestígios daquela mulher.

Queria-a longe de Rigel.

A mera ideia de que ela lhe havia dado amor, com as mãos repletas de tarefas e aqueles olhos imundos de raiva, atormentava-me.

Ela era uma doença.

O seu afeto era uma nódoa negra.

E trazia isso gravado no coração há tanto tempo que, só de pensar nisso, a minha alma se revirava.

– Porquê? – perguntei com voz ténue. – Então porque é que continuas a tocar?

Não compreendia. Era como coçar uma crosta e saber que recomeçaria a sangrar.

Rigel calou-se por um momento, como se estivesse a recolher dentro de si uma resposta. Adorava os seus silêncios tanto quanto me amedrontavam.

– Porque *as estrelas são solitárias* – declarou com amargura.

Tentei perceber o significado daquelas palavras tão tristes, mas foi impossível.

Sabia que o Rigel estava a tentar dar-me uma resposta, à sua maneira, mas pela primeira vez desejei que ele me escancarasse as portas do coração e me permitisse compreender por fim a chave daquela linguagem secreta.

Queria saber tudo acerca dele.

Tudo.

Cada pensamento, cada sonho, cada medo.

Cada preocupação, cada desejo e cada ambição.

Desejava penetrar-lhe no coração assim como ele havia penetrado no meu, mas tinha medo de não ser capaz de encontrar o caminho.

Talvez Rigel não conhecesse outra maneira de se expressar.

Talvez só fosse capaz de fazê-lo assim, dando-me pedaços a pouco e pouco, esperando que eu fosse capaz de voltar a juntá-los.

E eu gostaria de estar à altura.

Fazê-lo compreender que era magnífico.

Extraordinário e inteligente.

E que era dotado de beleza, para quem sabia para onde olhar, porque uma alma como a sua reluzia apenas para poucos.

– Sabes o que eu repetia para mim mesma quando estava triste? – Baixei os olhos. Contemplei os meus pensos rápidos e sorri. – «Não importa o quanto dói. És capaz de desenhar um sorriso sobre uma cicatriz?»

Levantei os dedos e deixei-os deslizar sobre as suas mãos, pousando-os nelas com doçura.

Rigel deteve-se quando os sentiu sobre a pele. A princípio não percebeu o meu gesto, depois voltou a mover-se e os meus dedos seguiram cada movimento seu. Baixaram com os seus, dançaram em conjunto sobre as teclas, e à medida que iam nascendo melodias debaixo das nossas mãos unidas, o meu coração encheu-se de emoções.

Tocámos juntos. Lentos e indecisos. Desajeitados e algo vacilantes. Mas juntos.

E depois, de repente, tudo aquilo se transformou num corupio de notas, cada vez mais vibrantes e imperfeitas. Dei por mim a sorrir ao mesmo tempo que as minhas mãos seguiam as suas de forma canhestra, tentando acompanhá-lo, com os nossos pulsos sobrepostos.

Tocámos, perseguindo-nos, acariciando-nos, e eu ouvi a minha gargalhada misturar-se com as notas.

Ri, ri com o coração, com a alma e com todo o meu ser.

Juntos eliminámos a tristeza daquela música.

Eliminámos Margaret.

Eliminámos o passado.

E talvez de agora em diante Rigel não se lembrasse mais *Dela* quando tocasse.

Mas sim de nós.

Das nossas mãos unidas.

Dos nossos corações entrelaçados.

Daquela melodia repleta de imperfeições, de erros e de defeitos.

Mas também das gargalhadas, do encantamento e da felicidade.

Recordaria os pensos rápidos nos meus dedos, o meu peso nas suas pernas e o meu perfume na sua pele.

Poderíamos derrotá-la juntos. Mesmo sem falar.

Afinal de contas, até mesmo a música é uma harmonia saída do caos.

E nós éramos uma única canção, a mais espetacular e secreta de todas.

Rigel deteve-se.

Os seus dedos subiram até à minha nuca e apertaram-se entre os meus cabelos. Devagar, inclinou-me a cabeça para trás e contemplou-me o rosto.

E eu olhei para ele assim, com as faces a esquentar e os olhos a brilhar como meias-luas sorridentes. Nos meus lábios um sorriso resplandecente exibia todo o calor que explodia dentro do meu coração.

Os olhos dele absorveram cada pormenor do meu rosto.

E ele fitou-me como se não existisse mais nada no mundo que valesse a pena contemplar do mesmo modo.

✱

Havia uma beleza nas coisas frágeis que ele nunca seria capaz de compreender.

Possuíam qualquer coisa que as tornava efémeras, raras, a ser vividas enquanto havia tempo.

E Nica era assim.

Ele nunca o entenderia.

Nunca entenderia como uma coisa assim tão delicada fosse capaz de destruí-lo, em vez de se destruir a si própria.

Nunca entenderia como tinha conseguido entrar mesmo que ele se encontrasse sepultado dentro de si mesmo.

Olhou para ela e achou-a lindíssima. Com aqueles olhos de menina e as faces rosadas, com aquele sorriso dulcíssimo e aquele riso que se limitava a despedaçar-lhe a alma.

Estava a sorrir-lhe.

Perguntou-se se existiria alguma coisa mais poderosa no mundo do que Nica quando lhe sorria.

Do que Nica quando respirava entre as suas mãos, que se deixava tocar, que afugentava todos os pensamentos num sopro só de olhar nos seus olhos.

Ela não anulava os seus tormentos. Levava-os pela mão.

Mesmo que fossem tortuosos, extremos e equivocados.

Mesmo se tentavam destruí-la.

Amansava-os com uma carícia e de todas as vezes conseguia surpreendê-los.

E Rigel sabia porquê, ainda que não compreendesse o como.

Até mesmo os seus tormentos estavam apaixonados por ela.

E ele queria-a com toda a sua alma, ainda que essa alma fosse um desastre e uma calamidade.

Engoliu em seco e deu por si a intensificar a pressão entre os cabelos dela. Era mais forte do que ele, desejava estreitá-la, senti-la, encher as mãos com ela.

Nunca tinha sido delicado, a única delicadeza que trazia dentro de si era aquela que levava o nome dela.

Contudo, Nica encostou a têmpera ao seu braço, plácida e serena como nem mesmo nos seus sonhos alguma vez esperou vê-la.

Fitou-o sem receio.

E apesar daquele sorriso o deixar de novo de joelhos aos seus pés, Rigel compreendeu que qualquer palavra que pudesse existir para exprimir o que sentia nunca seria suficiente para si.

Ela era a coisa mais bela que alguma vez teve dentro de si.

E ele soube apenas que, fosse qual fosse o preço que tivesse de pagar, a iria proteger.

Em todos os momentos.

Em todos os instantes, por mais minúsculos que fossem.

Enquanto pudesse.

✱

A boca de Rigel fechou-se sobre a minha e um arrepio crepitou-me com doçura na carne. Derreti-me no seu calor enquanto ele me estreitava naquele beijo, com os dedos ainda fechados entre os meus cabelos.

A minha mão acariciou-lhe a clavícula e, em seguida, envolveu-lhe o pescoço, exercendo uma delicada pressão. Movi os lábios de encontro aos dele, respondendo com docilidade, e arranquei-lhe um suspiro.

Gostaria de lhe dizer que me deixava louca, a ponto de morrer, quando suspirava dessa maneira. Devagar, às escondidas, como se não quisesse fazer-se ouvir nem sequer por si mesmo.

Inclinou-me a cabeça um pouco mais para trás, vergando-me à sua vontade, e eu deixei que o fizesse. Era como cera nas suas mãos.

A respiração dele era forçada, comedida, e as mãos tocavam-me como se quisesse explodir-me até a alma, mas ao mesmo tempo se sentissem intimidadas.

Não compreendia a razão de existir daquele tremor nele; ao esforçar-me por lhe transmitir a minha serenidade, acariciei-o devagar, sugando-lhe os lábios com doçura.

Agarrou-me ainda com mais força e o estalido húmido do seu beijo ressoou como uma respiração roufenha, escaldante sobre a minha boca túrgida. O seu sabor atordoava-me. A sua língua era um incêndio.

Rigel não me beijava, devorava-me com lentidão.

E eu deixava-me devorar porque não desejava outra coisa.

Atordoada, mordisquei-lhe, incauta, o lábio inferior e aquele gesto arrancou-lhe um gemido gutural. Agarrou-me uma coxa e dei por mim escarranchada em cima dele, com os seus dedos impressos atrás do joelho e a

outra mão fechada na minha anca, empurrando a minha pélvis de encontro à sua.

Faltou-me o ar.

Tentei recobrar o fôlego, mas a sua boca quente e voraz apoderou-se da minha, aturdindo-me, vergando-me, mordendo-me como um possesso.

Agarrei-me a ele, tentando acompanhá-lo, e as suas mãos pressionaram-me de encontro à virilha com tal desejo que sustive a respiração.

Senti a cabeça a andar à roda e a respiração tornou-se ofegante.

Esfregou-me de encontro a si e a fricção entre os nossos corpos foi algo perturbadora. Experimentei uma sensação semelhante ao pânico, mas mais quente, viscosa e premente.

Tentei mover-me, mas os seus dedos impediram que o fizesse. As suas mãos enterraram-se nas minhas ancas, apertando-as com ardor, como se desejasse fundir-se comigo. Forçou-me a sentir aquele contacto incendiário entre nós; desta vez, quando me mordeu, não consegui reprimir um gemido. Aferrei-me aos seus ombros e apertei cada vez mais os joelhos, e as minhas coxas tremiam de encontro aos seus quadris.

Tudo se reduziu e ele.

À mão dele na minha anca.

À pressão da sua pélvis.

Aos lábios, às respirações, às línguas, às mãos...

Não conseguia imaginar o que poderia ter acontecido se não tivéssemos sido interrompidos.

Bateram à porta e eu sobressaltei-me com brusquidão.

A sua boca descolou-se da minha. Apercebi-me então de que tinha a respiração entrecortada, as faces avermelhadas e as mãos a tremer.

Rigel inclinou o rosto, arquejando ao de leve na curva da minha garganta. Os seus dedos ainda se encontravam engastados na curvatura da minha anca e os seus músculos tremiam ao de leve, como se estivessem sujeitos a um esforço constante. Possuía mais autocontrolo do que eu, mais experiência. O seu corpo poderoso vibrava comedido, não como o meu que, ao invés, parecia vítima de reações desestabilizadoras.

Não conseguia descolar-me dele, mas quando bateram uma segunda vez percebi que não podia agir de outra maneira.

Rigel deixou-me levantar com uma certa relutância. Endireitei-me com as faces a arder, e com o coração de pernas para o ar fui abrir a porta.

– Anna! – exclamei em apuros, ao deparar-me com ela diante da porta.

Peguei no enorme ramo de flores que trazia na mão a fim de ajudá-la, e o perfume inebriou-me.

Levei-o para a cozinha enquanto ela bufava, exausta, pousando os sacos das compras em cima da bancada.

– Quanta gente! – queixou-se. – Hoje não me deram nem um minuto de sossego...

Coloquei as flores numa jarra e contemplei-as, constatando como resplandeciam esplêndidas e viçosas. Como sempre, eram maravilhosas. Ela reparou no meu olhar e sorriu radiante.

– Gostas?

– São magníficas, Anna – admiti, encantada com a sua beleza. – A quem é que tens de entregá-las?

– Oh, não, Nica. Estas não são para entregar. São para ti. – Fitou-me com um ar radiante e depois anunciou: – Foi o teu namorado quem as mandou.

A contragosto

*Não era uma princesa.
Seria capaz de sacrificar o conto de fadas
para salvar o lobo mau.*

– Como? – perguntei, incrédula.

Anna sorriu como se quisesse tranquilizar-me.

– Deu-mas um rapaz aqui fora – explicou com ternura. – Disse que são para ti... Estava tão atrapalhado! Convidei-o para entrar, mas ele não quis, talvez estivesse com receio de incomodar – acrescentou, quando viu os meus olhos esbugalhados.

Naquele momento reparei numa coisa branca que espreitava por entre as pétalas das flores.

Um cartão. Com o desenho de um caracol na parte da frente.

– Nica, não precisas de escondê-lo de mim. Não há mal nenhum se tiveres um namorado...

– Não – apressei-me a declarar. – Não, Anna... Estás enganada. Não é meu namorado.

Ela franziu as sobrancelhas com doçura.

– E, no entanto, disse-me que te entregasse as flores...

– Não é nada daquilo que pensas. Ele é apenas... apenas...

Um amigo, queria ter dito antes, mas faltaram-me as palavras. Depois do que tinha feito, Lionel tinha perdido o direito a esse título. Mordi o lábio com força e Anna deve ter-se apercebido do meu constrangimento.

– Nesse caso, devo ter percebido mal. Desculpa, Nica. Acontece que nos últimos tempos tenho-te visto tão pensativa... E depois este rapaz aparece aqui à porta com umas flores magníficas e eu julguei... – Abanou a cabeça, sorrindo devagar. – Oh, bom. Em todo o caso, trata-se de um belíssimo ramo. Não estás de acordo também, Rigel?

Senti uma tensão dolorosa quando me virei para trás.

Rigel encontrava-se na soleira da porta. O seu rosto mostrava-se inexpressivo, mas não disse nada. Fitava as flores com dois olhos profundos como abismos. Desviou o olhar quando Anna se deteve ao seu lado, e baixou as íris negras sobre ela como se o tivesse arrancado a alguma coisa muda e gélida.

– Posso... falar contigo um minuto? – perguntou-lhe ela.

Não compreendi o motivo, mas reparei numa sombra de aborrecimento no seu rosto. Como se já tivesse adivinhado o que é que ela queria falar com ele.

Fez um aceno de cabeça e afastaram-se juntos.

– Telefonaram-me do consultório do médico... – ouvi Anna dizer, enquanto subiam as escadas.

Quando me virei de novo, os meus olhos detiveram-se no cartão. Demorei um pouco antes de estender os dedos a fim de lhe pegar e de o ler.

Gostaria de te ter escrito uma data de coisas e esta pareceu-me a melhor maneira de o fazer.

Não me lembro muito bem do que sucedeu na outra noite, mas não consigo livrar-me do pressentimento de te ter assustado. Foi isso? Desculpa...

Quando é que podemos conversar? Sinto saudades tuas.

Os meus pulsos tremeram. Recapitulei cada instante como se fosse uma cicatriz, os seus lábios, as suas mãos, os braços a apertarem-me, a manterem-me imobilizada, a minha voz a implorar-lhe.

Com um impulso repentino arranquei as flores da jarra, cheguei ao lava-loiças e escancarei a portinhola que havia ali em baixo. Fiquei parada com o ramo de flores no ar, fitando o caixote do lixo com dedos trémulos.

Enterrei as unhas no meio das folhas, comprimi os lábios atrás delas, contraí a garganta e, no entanto... não fui capaz de fazê-lo.

Aquelas flores não o mereciam.

Mas a verdade era bem diferente.

Havia alguma coisa, em mim, que não o conseguia riscar.. Odiar, destruir, fazer desaparecer. A parte mais arruinada do meu coração, aquela que a tutora tinha deformado.

Vi o pequeno desenho estilizado do caracol que espreitava por entre os botões das flores e não tive forças para levar a cabo esse gesto.

Deveria ter rasgado aquele bocado de papel e deitá-lo fora, mas não consegui.

Eu nunca soube rasgar nada.

Nem mesmo com toda a *delicadeza* do mundo.

Nos dias seguintes chegaram mais ramos de flores magníficos. Cada um deles com o mesmo cartão representando um caracol.

Anna já as tinha posto numa jarra, quando eu chegava a casa.

Certa tarde chegou também um saquinho de caramelos em forma de crocodilo. Dei por mim a espreme-lo entre os dedos antes de o meter numa gaveta a fim de o tirar da minha vista. No dia seguinte, fui encontrar mais dois embrulhados com um laço em cima da mesa.

– É um admirador dela – sussurrou Anna a Norman uma noite, e ele proferiu um «Ooh» conspiratório que lhe ergueu no ar o comprido nariz.

Klaus, por outro lado, não gostava de toda aquela movimentação. Bufava às jarras que Anna pousava em cima dos móveis e roía as flores que não tinham a sorte de se encontrar alto o suficiente, longe do seu alcance. Parecia compreender que não era ela quem as trazia, mas sim outra pessoa.

Uma noite ouvi um ruído proveniente da cozinha. Acendi a luz e deparei-me com dois olhos amarelos que me fitavam com uma pétala imaculada que lhe despontava por debaixo dos bigodes.

– *Klaus*... – murmurei, exasperada. Aproximei-me e ele rodou as orelhas para trás, recomeçando a mastigar em ar de desafio. – Lindo serviço... Queres voltar a ter dores de barriga?

Escapuliou-se dali antes de eu ter tempo de tirá-lo de cima da bancada da cozinha: deixar que lhe pegassem ao colo era para ele, se calhar, bem pior do que uma dor de barriga.

Suspirei devagar, observando aquele ramo de rosas brancas. Retirei o botão da flor que o gato tinha estragado e revirei-o entre os dedos. Já sabia o que estava escrito naquele cartão, mesmo sem precisar de o abrir. Tinha deixado de os ler porque aquelas palavras só me faziam mal.

Encontrei Rigel ao pé da porta quando me virei. A sua presença destacava-se por entre as sombras e os olhos eram quais diamantes negros na escuridão da casa. As íris negras deslizaram até pousar na rosa branca que eu segurava entre os dedos.

Durante esses dias não havia proferido uma única palavra. No entanto, eu sabia como interpretar essa atitude. Aproximar-me dele também significava começar a entender os diversos silêncios de que ele se vestia.

– Não significam nada – sussurrei antes de ele se voltar. Não queria que os seus traumas e as suas desconfianças o afastassem de mim, ainda que desde pequeno lhe tenham destruído o coração.

– No entanto, não as deitaste fora.

Virou-me as costas e eu mordi os lábios, desejando derrubar todos os muros que ainda existiam entre nós. Às vezes pareciam-me uma escadaria

interminável, cheia de fissuras e de degraus partidos que tentavam fazer-me cair.

Às vezes, quando parava exausta a olhar para o topo, não o conseguia ver.

Mas sabia que ele estava ali.

Sozinho.

Eu era a única que o podia alcançar.

– Nica? – ouvi bater à porta na manhã seguinte. – Posso?

Anna entrou e foi encontrar-me ainda de camisa de noite vestida. Sorriu-me, dando-me os bons-dias, em seguida pegou na escova com que eu estava a pentear-me e, depois de se sentar na cama, começou a escovar-me os cabelos.

Quando ela fazia isso, eu sentia um afeto desmesurado aquecer-me o peito. As suas mãos tocavam-me com cuidado, dando-me conforto, fazendo-me sonhar com uma vida de carícias e de sorrisos. Era a sensação mais bonita do mundo.

– Na próxima semana vou ter um cliente muito importante – disse, começando a falar comigo –, quer que seja eu a encarregar-me do fornecimento de flores para o evento que está a organizar para o Círculo Mangrovia. Vai lá estar imensa gente, e ver o nome da minha loja entre os arranjos florais será um pequeno sonho tornado realidade. – O toque tornou-se inseguro e ela hesitou. – Mas, então... O cliente em questão é um amigo da Dalma. E isto não seria possível se ela não lhe tivesse indicado o meu nome. – Anna baixou a voz. – Ajudou-me muito. Gostaria de poder agradecer-lhe. Sem ela nunca teria tido uma oportunidade assim tão importante.

Virei-me.

Ela esperou por uma resposta minha, mas quando viu que permanecia em silêncio, prosseguiu.

– Eu não me esqueci do que aconteceu – disse, consternada. – Não me esqueço do que sucedeu com a Asia... Não se passa um único dia sem que eu não pense nisso. Mas eles são importantes para mim e para o Norman, Nica... Partilharam connosco momentos que nunca esqueceremos. – Eu senti a sombra de Alan reverberar-lhe nos olhos. – É por isso que queria pedir-te... Gostaria muito de poder convidá-los para cá virem...

– Anna – interrompi-a –, está tudo bem.

Ela fitou-me com os seus olhos muito azuis.

Aquele discurso dava-me a entender, desde logo, o quanto se importava comigo. Mas eu não acalentava nenhum tipo de rancor em relação a Asia. Apesar do que tinha acontecido, o que eu sentia por ela não se aproximava da raiva, mas mais de uma profunda tristeza.

Não queria prejudicar a relação que tinha com Anna. Nunca o quis. Sabia o

quanto gostavam uma da outra e não era meu desejo que essa relação ficasse arruinada por minha causa.

Ela segurou-me o rosto.

– A sério.

– Tens a certeza?

Assenti devagar.

– Tenho a certeza.

Anna expirou o ar trémula, esboçando um sorriso. Acariciou-me a face e eu correspondi àquele sorriso com toda a felicidade que me proporcionava sentir o toque dela na minha pele.

Terminou de me escovar os cabelos, ao mesmo tempo que me perguntava o que poderia cozinhar para aquela ocasião. Eu disse-lhe que sem dúvida o Norman iria apreciar o seu famoso molho.

– Vou telefonar à Dalma – anunciou, quando nos pusemos de pé, sugerindo-me entretanto que descesse para tomar o pequeno-almoço.

Apressei-me a descer ao piso térreo. Sentia-me leve, fresca e luminosa. Sentia-me feliz. Esses momentos na companhia dela faziam-me bem ao coração, e eu adorava o facto de Anna me pedir sempre a minha opinião.

Com a alma leve, detive-me na soleira da porta da cozinha.

E a minha felicidade só podia aumentar.

Rigel estava sentado à mesa com um livro e uma chávena.

Tinha a têmpera apoiada nos nós dos dedos e os cabelos escuros, que se destacavam acima de tudo na luz delicada da manhã, descaíam-lhe despenteados em torno do rosto.

As íris percorriam silenciosas as linhas do texto, mas Anna tinha-me dito que ele acordou cedo cheio de dores de cabeça, e no meu silêncio fiquei a contemplá-lo sem que desse pela minha presença.

Adorava fazer isso. Nesses momentos era apenas ele mesmo. Deixava à mostra cambiantes suas que não permitia que os outros vissem, e mais uma vez fiquei encantada com o seu aspeto delicado e ao mesmo tempo feroz.

A pele pálida e inocente, a linha afilada das sobrancelhas, as maçãs do rosto esculpidas e os olhos selvagens. Os gestos irreverentes, aqueles lábios que dispensavam mordidas e sorrisos pungentes a quem se atrevesse a aproximar-se.

Virou a página, e eu perguntei-me que obra-prima deveria ser a razão das suas origens para tê-lo desenhado dessa forma.

Acerquei-me dele, tentando não o distrair. Contornei a mesa, e aproveitando aquele momento em que não se encontrava ali mais ninguém, debrucei-me sobre ele e pespeguei-lhe um beijo na face.

Sem aviso prévio.

Quando me endireitei, vi a expressão algo estupefacta dos seus olhos com

que havia bloqueado.

Pestanejei e ele virou-se para mim, surpreendido.

– Bom dia – sussurrei-lhe com ternura. Dirigi-lhe o meu sorriso mais doce e luminoso, depois peguei na caneca e dirigi-me ao armário.

Pareceu-me sentir o seu olhar queimar-me o corpo.

– Queres mais um pouco de café? – perguntei antes de me servir.

Rigel fitou-me pouco antes de assentir, e reparei que os seus olhos se tornaram mais atentos.

Voltei a aproximar-me e enchi-lhe a chávena de novo. As suas pupilas deslizaram ao longo do meu corpo até pousarem no meu rosto.

– Aqui tens – declarei num tom de voz suave.

Virei-me e o olhar dele captou o reflexo sedoso da minha camisa de noite.

Fiz menção de ir buscar uma chávena ao armário, mas a prateleira estava vazia; procurei desse modo chegar à de cima, mas era demasiado alta para mim.

Contemplei a fileira de chávenas, carrancuda, pensando em ir buscar alguma coisa para poder subir, mas o barulho de uma cadeira chamou a minha atenção.

Rigel levantou-se e aproximou-se de mim. Tirou uma chávena da prateleira sem o menor esforço, demorando algum tempo a observar-me de cima. Os seus olhos deslizaram sobre o meu rosto, detendo-se na minha boca e nas minhas íris grandes e resplandecentes.

– Obrigada – disse-lhe, a sorrir.

Estendi a mão e fiz menção de pegar nela, mas de repente ele pareceu mudar de ideias. Com um movimento indolente desviou-a das minhas mãos e colocou-a atrás das costas.

Olhei para ele, atónita.

– Rigel... – gemi. – Podes dar-ma?

Segui o contorno do seu braço com os dedos, tentando alcançar a chávena, e, quando não fui capaz, voltei a fitá-lo, olhos nos olhos. Talvez tenha sido o reflexo do sol, mas pareceu-me ver um brilho divertido dentro dos seus olhos.

Sorri indulgente e ele perguntou em voz baixa:

– Quere-la?

– Sim, por favor...

Tamborilei com as pontas dos dedos no seu pulso, mas não deu indícios de pretender entregar-ma. Apoiei-lhe as mãos nas ancas e ele observou-me com olhar felino.

– Não me dás nada em troca? – murmurou com voz rouca e ténue.

A sua respiração era tépida e convidativa. O seu corpo cálido debaixo dos meus dedos.

Desde quando é que tinha vontade de brincar?

Aquela novidade eletrizou-me e amoleci. Inclinei o rosto e aproximei a sua mão dos meus lábios sem deixar de olhar para ele. Beije-i-lhe a pele. Os seus dedos em redor da loiça da chávena emitiram um som de fricção de algo que se aperta com lentidão.

Rigel fitou-me com olhos líquidos e profundos, e a sua mão deslizou-me pela face, por entre os meus dedos. Acariciou-me os lábios com o polegar, e eu beije-i-lhe a ponta do dedo, um estalido doce sob o meu olhar desnudo e sincero.

Acercou-se, observando-me com uma atração abrasadora, como se quisesse assimilar tudo de mim, o perfume, os lábios, os olhos, as mãos, inclusive a pureza...

Um som fortíssimo fez com que me sobressaltasse.

Ambos nos imobilizámos.

A voz de Anna quebrou a magia que se havia criado entre nós e gritou:

– Alguém pode ir abrir a porta? – Em seguida acrescentou: – Acho que deve ser o correio!

Apercebi-me de que Rigel tinha baixado as pálpebras. As suas feições tinham-se transformado em pedra. Quando voltou a abrir os olhos, senti toda a potência glacial daquele gesto.

Antes de ter tempo de passar, o braço dele barrou-me o caminho, empurrando-me de novo para trás. Ultrapassou-me e encaminhou-se rapidamente para a porta de entrada com passo determinado, e quando passou ao pé da mesa pousou nela a chávena com um gesto seco.

O estafeta tirou o boné de pala quando ele lhe abriu a porta. Devia ser novo por aquelas bandas: deu uma vista de olhos pelo cartão que trazia na mão com ar indeciso, coçando uma ou outra borbulha.

– Boas... Tenho uma encomenda para entregar neste endereço – anunciou ao mesmo tempo que o cartão com o desenho do caracol espreitava no meio de um lindíssimo ramo de flores. – Pode assinar aqui?

Rigel contemplou o pequeno desenho de Lionel com olhos mordazes. Depois pousou de novo o olhar no estafeta e com voz volúvel falou devagar, articulando bem as palavras:

– Acho que é *engano*.

– De maneira nenhuma – refutou o rapaz. – A destinatária é uma tal... Nicol... não, Ni...ca... Dover.

Rigel exibiu um sorriso tão cortês que metia medo.

– Quem?

– Nica Dover...

– Nunca ouvi falar.

O rapaz desistiu de lhe estender o ramo de flores, piscando os olhos com ar desorientado.

– M... mas – começou a balbuciar. – Mas na caixa do correio tem um cartãozinho onde se lê «Dover e Wilde» ao lado de «Milligan»...

– Oh, esses? São os antigos proprietários – respondeu Rigel. – Nós acabámos de nos mudar. Eles já não moram aqui.

– E onde é que moram?

– No cemitério.

– No... *Oh...* – o rapaz arregalou os olhos e por pouco não lhe caíram os óculos do nariz. Voltou a ajeitá-los, puxando-os para cima, fazendo com que ficassem embaciados.

– Pois.

– Caramba, não sabia... C'um caneco, lamento...

– Já eram muito idosos – informou-o Rigel, estalando a língua com um estudado ar dramático. – Tinham mais de cem anos, os dois.

– Ah... Bom, nesse caso ainda bem para eles... Obrigado na mesm...

– *Ora essa.*

Voltou a fechar-lhe a porta na cara.

E nenhum pomposo ramo de flores voltou a transpor a soleira da porta da nossa casa.

Pelo menos nesse dia.

A noite do jantar chegou num piscar de olhos.

Anna emanava uma despreocupação que era possível tocar-se com a mão.

Olhou para a toalha que eu estava a pôr na mesa, satisfeita, e depois disse-me que tinha encontrado Adeline quando voltava para casa.

Tinha-se afeiçoado imenso a ela: adorava-a pelos seus modos gentis e pelos sorrisos sinceros; sabia o quanto éramos unidas, e tive a impressão de que ficou com o coração apertado quando Adeline lhe havia confidenciado que ainda não tinha arranjado um emprego.

– É uma rapariga tão doce – disse, enquanto metia o empadão no forno. – Emprestei-lhe o guarda-chuva porque estava a ficar toda encharcada... Nem sequer trazia capuz!

Fechou a porta do forno e regulou a temperatura, depois descalçou as luvas, algo perturbada.

– Onde foi que tu me disseste que ela está? – perguntou-me Anna.

– No Saint Joseph – respondi. – Desde que foi transferida, sempre se manteve ali. Agora que atingiu a maioridade precisa de se ir embora, mas enquanto não arranjar um emprego...

– Também a convidei para o jantar – disse Anna, cortando o pão em fatias. Fiquei com os talheres na mão. Ergui os olhos e fitei-a.

– Sei que devia ser uma coisa entre nós, mas não o consegui evitar.

É sempre tão amorosa... e sei o quanto vocês são unidas. Foi uma trabalhadeira convencê-la de que não iria incomodar, mas por fim disse que virá. – Sorriume com doçura. – Ficaste contente?

O meu coração gostaria de ter dito que sim se os pensamentos não me tivessem traído. Algo dentro de mim ainda ardia desde a última vez que nos tínhamos encontrado. Por um lado, ouvi-la dizer que não sentia nada por Rigel tinha-me tranquilizado, mas por outro receava que não fosse verdade. Tinha optado por acreditar nela, mas aquele pensamento atormentava-me.

Anna olhou para o relógio que se encontrava pendurado na parede.

– Oh, não me tinha apercebido que era tão tarde! Nica, vai tratar de te arranjaras. Eu termino o resto aqui.

Anuí e subi as escadas a correr.

Peguei no roupão de banho, fui buscar roupa interior lavada e entrei na casa de banho onde me despi e liguei o chuveiro. Logo depois enfiei-me debaixo do jato de água quente.

Tomei um belo duche e lavei o cabelo com um champô perfumado, deleitando-me com toda aquela espuma.

Depois de me ter enxugado como deve ser, saí, prestando cuidado para não pingar o chão, por isso vesti o roupão e apertei o cinto na cintura. Era um bocadinho pequeno e apertado para mim, mas era de uma tonalidade lilás de que sempre gostara muito.

Vesti as cuecas, dando alguns pulinhos no mesmo lugar; inclinei o rosto e observei a renda branca que me desenhava a curvatura da pélvis. Era a primeira vez que me decidia a usar uma *lingerie* diferente da de simples algodão. No entanto, era muito macia ao contacto com a pele.

Enquanto esfregava os cabelos para os secar bem, ouvi uma voz chamar por mim lá em baixo.

– Oh, Nica, esqueci-me das bases de prato em renda! És capaz de mas trazer aqui? Estão na cómoda do meu quarto!

Passei as mangas pelas têmporas e ouvi Anna acrescentar:

– Na última gaveta de baixo!

Antes de ter tempo para pensar, cingi o roupão, saí da casa de banho e fui buscar o que ela me pediu. Entreguei-lhas nas escadas, alcançando-a a meio caminho.

– Pronto – sorri devagar e Anna esbugalhou os olhos ao ver-me de roupão, ainda toda molhada.

– Desculpa, não me tinha apercebido de que estavas no duche! Assim vais apanhar frio, querida... Obrigada! Sim, estes são perfeitos. Agora avia-te e vai acabar de te enxugar...

Recomendou-me que tivesse cuidado para não me constipar, por isso voltei para a casa de banho, e fui encontrar a porta aberta de par em par.

Reprimi um pequeno arrepio de frio e espremi os cabelos, torcendo-os bem de modo a retirar o excesso de água. No momento em que comecei a penteá-los, apercebi-me da camisa lavada e bem dobrada ao lado do lavatório.

Uma camisa preta, com botões no peito.

Uma camisa de homem.

Fitei-a, pestanejando, estupefacta. E depois dei-me conta de que ali não estava antes.

Foi apenas um instante, a minha mente apercebeu-se, associou os factos, aquela presença atrás de mim, e então virei-me de repente.

O pente por pouco não me caía das mãos.

Rigel encontrava-se na soleira da porta. Imóvel.

Debaixo dos cabelos escuros, as íris negras estavam literalmente *cravadas* em mim. Numa das mãos segurava a toalha e percebi que devia ter voltado ao quarto para a ir buscar, achando que a casa de banho estava livre.

– E... Eu... – gaguejei, com as faces a arder –, ainda não tinha terminado...

Vi a sua mão cerrar-se devagar sobre o tecido turco. Senti a garganta seca, e nos seus olhos perpassou uma centelha cruel à medida que queimaram ao longo de todo o meu corpo: deslizaram pelos tornozelos trémulos, pelas coxas húmidas, pela curvatura do meu seio e pela pele exposta da garganta.

Respirou fundo, e aquele som fez-me estremecer o sangue: cravou os olhos bem fundo nos meus e eu engoli em seco debaixo do seu olhar incandescente.

– Rigel, os convidados estão para chegar. A Anna anda a perambular pela casa e... – Apertei o pente. Olhei para o corredor atrás dele e, de repente, dei-me conta de que nos encontrávamos na frente um do outro, presa e predador. – Preciso de sair daqui – disparei.

Rigel fitou-me com uma tempestade palpitante atrás dos olhos, como se a sua mente estivesse a trabalhar a uma velocidade exagerada.

Parecíamos ter voltado ao princípio, quando eu tinha medo de passar perto dele com receio de que pudesse morder-me. E ainda que por outros motivos...

– Rigel – disse, tentando ser razoável –, preciso de passar.

Esperei que a minha voz não soasse demasiado fina e amedrontada porque já me havia apercebido do efeito que isso lhe causava. Todavia, ao ouvir aquele pedido, ele limitou-se a semicerrar os olhos e depois... sorriu.

Fê-lo de um modo de tal maneira calmo e descontraído que metia medo.

– Claro – declarou com voz controlada. – Pois então, passa.

Não te farei nada, parecia prometer-me, mas o seu olhar fez-me sentir um ratinho diante de uma pantera.

Engoli em seco com mais força do que antes.

– Se me aproximar... deixas-me passar?

Rigel passou a língua pelo lábio, deixando vaguear as pupilas ao acaso,

e nunca como naquele momento me pareceu tanto uma fera diante da saída de uma toca.

– *Hum...* – concordou.

– Não, di-lo... – balbuciei.

– *O quê?* – perguntou, rindo-se divertido.

– Que me deixas passar.

Ele pestanejou com uma inocência que fez com que parecesse, se possível, ainda mais perigoso.

– Deixo-te passar.

– Prometes?

– Prometo.

Fitei-o por um momento, indecisa, antes de decidir aproximar-me.

E Rigel, por acaso, manteve a promessa.

Deixou-me passar.

Deixou-me passar e depois... agarrou-me com tamanho ímpeto que me cortou a respiração.

E arrastou-me. Literalmente.

Ouvi a porta fechar-se de chofre, as costas apoiadas à parede e o seu corpo dominando-me: arregalei os olhos e Rigel enfiou-me as mãos nos cabelos antes de unir os nossos lábios.

Beijou-me com um destemor insano e avassalador.

Tentei respirar, tentei manter-me agarrada à minha lucidez. Tentei afastá-lo, soltar-me, mas ele aprisionou-me o lábio entre os dentes e sugou-o até me deixar com as pernas bambas.

Encaixou-me de encontro ao seu corpo, com aquela sua maneira de lobo e os lábios escaldantes, e de repente senti-me privada de forças.

A realidade pulsou, toldou-se, e pareceu-me que estava prestes a perder a razão.

Deveria ser racional, compreender que se tratava de um risco, mas o que sentia por ele era demasiado forte: dilacerava-me e sufocava-me, vergando-me àquelas emoções. Acariciei-lhe o pescoço e correspondi-lhe com todo o desespero que possuía no corpo.

Rigel agarrou-me pelas coxas e puxou-me para cima. O roupão de banho afrouxou, escorregou, descobrindo-me os ombros. Crispei os dedos dos pés quando ele me mordeu a curva do pescoço, saboreando a minha pele fresca como se fosse um fruto proibido, doce e succulento. O meu corpo frágil contraiu-se sob os seus dentes e as minhas pernas tremeram.

Estava tão pouco habituada a poder tocar-lhe e a deixar-me tocar por ele que ao mínimo contacto estremecia e as faces incendiavam-se. Sentia-me fraca, quente e eletrizada.

Rigel voltou a procurar a minha boca sem me dar tempo a acompanhar o

seu ritmo, e dei por mim a acolhê-lo com um pequeno gemido: obrigou-me a entreabrir os lábios e quando a sua língua se entrelaçou na minha, um calor ardente incendiou-me o ventre até à ponta dos pés.

Não compreendi como podia arrebatá-me as energias daquela maneira e, ao mesmo tempo, fazer-me sentir assim tão viva. A sua avidez selvagem e o seu perfume estavam a inebriar-me por completo.

De repente, as suas mãos enfiaram-se debaixo do roupão e eu retesei-me. Sem me dar conta, inclinei o rosto para o lado e afastei-me.

A boca dele estava agora a um sopro de distância da minha, entre as nossas respirações húmidas. Arquejei com as pálpebras semicerradas, atordoada, porque o coração estava a afundar-se no meu peito.

Rigel passou a língua pelos lábios inchados. Os cabelos encobriam-lhe o rosto. Pareceu intuir que me havia assustado porque encostou a face à minha, tentando controlar-se. Naquele momento apercebi-me da maneira trémula com que me estreitava junto de si.

O seu toque era rude, impetuoso, selvagem. No entanto, também receoso de poder estar a magoar-me.

Adorava este contraste nele, porque embora me agarrasse como um animal selvagem, às vezes parecia conhecer-me como ninguém. Rigel não era violento nem prevaricador, apenas brusco. Era essa a sua natureza, mas isso não queria dizer que não fosse certo para mim.

Com um movimento suave, depositou-me um beijo demorado na artéria latejante da garganta. Os seus polegares começaram a descrever círculos delicados sobre a minha pele e o meu corpo relaxou.

Inclinei a cabeça, encostando-a à sua, suspirando.

Tranquilei-me, a minha mente deslizou através de um lânguido delírio.

Voltei a procurar os seus lábios e saciei-os, precipitando-me numa espiral de beijos escaldantes e profundos.

Os movimentos cálidos da sua língua eram agora lentos, provocantes, e os seus dedos nos meus quadris apertavam com ardor, acompanhando de forma inconsciente aquele ritmo intenso como se não fosse capaz de resistir.

O seu sabor subiu-me à cabeça. As suas mãos enterravam-se na minha carne e esfregavam-me com lascívia de encontro ao seu corpo. As minhas faces enrubesceram de novo, e a minha respiração tornou-se ofegante. Uma estranha tensão propagou-se pelo meu baixo-ventre, doce e insuportável.

A língua dele incendiou-me a boca e dei por mim a sugá-la devagar, quase com timidez, incitando-o a cravar-me os dedos na pele.

Sobressaltei-me. As pontas dos seus dedos subiram-me pelas coxas e acariciaram a renda que eu envergava. Apertei as pernas em torno dele até que as nossas respirações voltaram a acompanhar o mesmo ritmo de antes.

Rigel abandonou-me os lábios para me dar em seguida uma mordida no

maxilar, depois no pescoço e ainda nos ombros. Parecia perdido, faminto, ávido de mim. As mãos enterraram-se com força nas minhas ancas, mais uma vez, como se ansiasse por sentir a minha carne tremer, ceder e moldar-se entre os seus dedos. Reprimi um gemido de dor e arqueei o corpo de encontro ao dele; os seus dedos voltaram a subir por trás, agarrando-se às minhas omoplatas, e a boca marcava-me com beijos a pele sensível debaixo da orelha. As minhas coxas retesaram-se, os músculos tremeram.

Rigel reclinou-me as costas para trás, e esmagando-me a pélvis, enterrou os lábios no meu seio.

Faltou-me o ar.

Fiquei com a cabeça a andar à roda.

Fez-me agonizar, desesperar, explodir e respirar.

Fez-me viver.

Devastou-me com um beijo e tornou-me parte de si.

E eu deixei que o fizesse, porque não desejava outro lobo que não fosse ele.

O sentimento que experimentei foi tão forte que me fez tremer. Gostaria que não existisse sempre aquela sensação entre nós, como se pudesse arrebatá-los de um momento para o outro. Como se nunca dispuséssemos de tempo suficiente, ou como se não tivéssemos palavras suficientes, nada que nos permitisse viver em pleno.

Desejei penetrar-lhe o coração e compreender se também ele sentia aquela necessidade que retirava significado a todas as coisas.

De pertencermos um ao outro.

De ficarmos juntos.

De ficarmos abraçados assim.

Alma contra alma.

E coração contra coração.

E misturar as nossas fissuras, até deixar de ter medo...

O barulho da maçaneta da porta chegou-nos de uma realidade longínqua.

Demasiado longínqua.

Naquele momento, a porta entreabriu-se e a minha alma estremeceu, petrificando-me a respiração.

De repente, o meu braço saiu disparado como uma mola: lancei a mão sobre a maçaneta e empurrei-a de novo para trás com força.

Sustive a respiração quando a voz de Norman se fez ouvir do outro lado:

– Ah... Hum, está alguém na casa de banho?

Apartei-me de Rigel. Fui tão brusca que o senti exercer uma certa resistência para tentar impedir-me.

– Oh, Norman, a Nica estava a tomar duche agora há pouco! – Anna aproximou-se e fui acometida pelo terror. – Se calhar ainda não terminou... Nica? – chamou ela, batendo na porta. – Ainda estás a enxugar-te?

Arfei aterrorizada, dando-me conta do desastre iminente. Senti sinais de dentes nos ombros e no peito e fechei o roupão com gestos febris, lançando um olhar agitado a Rigel: ele ainda estava a olhar para *mim*, como se não se importasse com mais nada.

Anna bateu de novo.

– Nica?

– S...sim – tartamudeei com voz estridente. Rigel passou a língua pelo lábio inferior e eu acrescentei: – Ainda... Ainda não terminei.

– Está tudo bem?

– Sim!

– Está certo, nesse caso vou entrar...

– *Não!* – gritei em pânico. – Não, Anna... N... não estou vestida!

– Não te preocupes, o Norman já se foi embora! Tens o roupão vestido, não tens? Queria mostrar-te uma coisa...

Respirei com dificuldade. Mordi os lábios com força ao mesmo tempo que fitava a porta, tentando raciocinar.

Muito devagar, rodei a maçaneta e abri apenas o suficiente para mostrar só um olho.

– Oh, Nica, mas ainda estás toda molhada – observou ela. – Tens a cara afogueada... De certeza que estás bem?

Engoli em seco, tentando desviar a atenção para outra coisa. Naquele momento, apercebi-me de que ela trazia algo nos braços.

Um vestido.

– Foi confeccionado pela Dalma – anunciou feliz, vendo a expressão do meu olhar. – É para ti. Uma atenção por conta de tudo o que aconteceu... Sei o quanto gostas de cores, mas... ela acha que um tom mais escuro, em contraste com a tua tez, ficaria simplesmente magnífico. E... Ei-lo...

Era preto.

O tecido macio parecia autêntica tinta derramada que resplandecia a contraluz. Não o consegui ver por inteiro, mas vi o suficiente para compreender que era, para dizer o mínimo, fabuloso.

– Gostas?

– É lindíssimo, Anna – sussurrei sem palavras. – Eu... nem sei o que dizer. A Dalma é incrível... *Ah!*

Corei de vergonha e levei a mão à boca, tapando-a.

Atrás da porta Rigel acabava de me dar um beliscão na coxa húmida.

Anna olhou para mim confusa e preocupada, e eu empurrei-a para trás com mãos trémulas. Acompanhei-a ao longo do corredor, incitando-a a afastar-se junto comigo.

– Quero experimentá-lo já! A Dalma vai ficar contente... A que horas é que chegam? Caramba, é tão tarde...

Continuei a falar, arrastando-a comigo, sem lhe dar tempo de olhar para trás e descobri-lo... *a ele*.

O vestido de Dalma era perfeito. Aderia ao meu corpo como uma luva, desenhando-me as curvas como se tivesse sido feito por medida para mim. As mangas cingiam-me os braços até aos dedos, deixando-me, contudo, os ombros a descoberto.

Alisei o tecido nos quadris, vendo-me ao espelho algo perturbada.

O preto realçava-me a tez e reluzia com reflexos ocultos; não me eclipsava, pelo contrário, conferia ao meu aspeto um contraste raro que me fez sentir linda como uma pequena estrela na noite.

Era maravilhoso.

Nunca conseguiria habituar-me a ver-me assim. A usar sempre perfume, a ter vestidos limpos todos os dias. A poder tomar duche quando me apetecia, a ficar debaixo do chuveiro até a água me esquentar, a ver-me num espelho sem rachas.

A sentir aquela sensação na pele, como se fosse algo de belo que valia a pena admirar.

Por dentro ainda era a menina que esfregava flores nos vestidos e os remendava sozinha. Havia certas coisas que nunca seria capaz de eliminar por mais que me lavasse.

Escovei os cabelos devagar e dei por mim a refletir no quanto eram compridos. Quando era pequena, inflavam a cada rajada de vento, e eu sonhava em pairar no céu como uma libélula: era apenas uma criança naquela época, mas isso não me impedia de sonhar alto e de acalentar grandes esperanças.

Apanhei os cabelos num dos lados e tentei fazer uma trança, mas estavam sempre a ficar presos nos penchos rápidos e, com isso, só obtive um emaranhado desordenado que me fez desistir. Soltei-os então de novo e voltei a alisá-los atrás dos ombros, ajeitando-os com os dedos.

Quando desci, os Otter já tinham chegado.

Norman tinha na mão uma garrafa de vinho, e envergava uma alegre camisola vermelha. Estava a contar sobre a colónia de ratos que havia descoberto no sótão de uma senhora e eu cumprimentei George, que me sorriu sob o seu farfalhudo bigode.

Dalma, por seu lado, estava na cozinha com Anna. Assim que me viu, ficou petrificada com uma expressão emocionada.

– Vestiste-o... – murmurou, olhando para mim, como se tivesse sido eu a oferecer-lhe um presente. – Oh, Nica... Estás soberba.

Derreteu-se, quase comovida, quando me aproximei a fim de lhe depositar

um beijo na face.

– Trata-se de uma ocasião especial – respondi, olhando para Anna, que me sorriu sensibilizada. – Obrigada, Dalma... Deixou-me sem palavras. É, sem dúvida, um belíssimo presente.

Ela corou, satisfeita. Só nesse momento é que me apercebi do vulto atrás dela.

– Olá, Asia.

Asia exibia um ar fino e sofisticado como sempre. O bonito rabo de cavalo conferia-lhe aquele ar de princesa que possuía também nos gestos; no entanto, fui capaz de perceber o silêncio constrangido que se seguiu às minhas palavras: desviou o olhar e dirigiu-o para outro ponto, baixando a cabeça.

– Olá – murmurou sem olhar para mim.

Pela primeira vez não me pareceu arrogante, mas quase... embaraçada.

– Vou levar isto para o carro – declarou, apontando para uma série de pacotes que continham flores secas de lavanda e jasmim que desprendiam um perfume incrível. Decerto um presente de Anna.

– Queres ajuda? – perguntei-lhe, indo atrás dela, mas a resposta que me deu foi bastante seca.

– Não.

Detive-me, deixando-a seguir caminho.

Com as suas pernas esbeltas chegou à porta da rua, retirando as chaves do carro. Mas houve alguma coisa que chamou a sua atenção. Asia estacou, e eu percebi o porquê.

A foto de Alan brilhava emoldurada em cima da mesinha da entrada. O vidro precisava de ser substituído; exibia uma pequena racha no lado inferior, e os seus olhos demoraram-se ali, mesmo naquela fissura onde se destacava um pequeno penso rápido colocado com todo o cuidado.

Azul como os olhos de Alan.

Asia virou-se devagar na minha direção. O seu olhar viajou até aos meus dedos, repletos de pensos rápidos coloridos; em seguida, subiu e fitou-me, olhos nos olhos. Por um instante, vi algo doce e frágil nos olhos dela, algo que nunca me havia concedido antes.

Algo que era remorso e dor, mas também... resignação.

Virou costas e saiu porta fora.

Fiquei a vê-la desaparecer pela porta e depois voltei para dentro.

Estava a encher a molheira quando a campainha tocou e alguém foi abrir.

– Pronto. – Anna levou um pulso à testa por causa do calor do forno; o empadão estava com um aspeto fabuloso. – Nica, podes ir ver se está tudo pronto, por favor?

Cheguei à sala de jantar para me assegurar de que estava tudo em ordem; ao passar pelo corredor, estaquei.

Quem tinha tocado à porta não tinha sido Asia, mas sim Adeline.

Os macios cabelos louros iluminaram o vestibulo; devia ter acabado de tirar o casaco, mas não a conseguia ver com nitidez por causa da parede.

– Não fazes outra coisa a não ser olhar para mim assim.

– Assim? – retorquiu-lhe uma voz profunda. Fiquei tensa de uma forma inexplicável.

Tratava-se de Rigel. Foi ele quem abriu a porta, e agora, altivo, fitava-a com desconfiança.

– Assim... Como se eu sempre estivesse no lugar errado – declarou ela com um sorriso magoado. As suas íris claras olharam para ele com uma cumplicidade única. – Pediste-me para me manter à margem e é o que eu estou a fazer. Sempre o fiz... Estou enganada?

O que é que ela queria dizer?

À margem do quê?

Trocaram um olhar demorado antes de Rigel desviar os olhos, e nos de Adeline vi brilhar algo que não soube definir. Algo demasiado repleto de necessidade, de calor e de compaixão, e ele ignorou-o, ou talvez não o tenha visto sequer.

Mas eu sim. E mais uma vez tive a sensação de que me faltava qualquer coisa, de que tinha ficado para trás, de que não sabia do que eles estavam a falar...

Por detrás daqueles olhos negros havia um mundo que não podia tocar. Uma alma que Rigel nunca havia permitido que ninguém visse.

Então porquê?

Porque é que ela falava como se percebesse?

Como se soubesse?

Naquele momento deram pela minha presença.

Os olhos de Adeline lampejaram e cravaram-se nos meus, e eu troquei um olhar com Rigel. A urgência com que pareceu perguntar-se o que eu tinha ouvido fez-me sentir ainda mais deslocada.

– Nica – Adeline sorriu-me, hesitante –, olá...

– Olá – respondi com o coração confuso e transtornado. Ela tirou um embrulho da mala.

– Trouxe um doce – disse, embaraçada. – Queria trazer flores, mas uma vez que a Anna as vende, pareceu-me uma parvoíce...

Aproximou-se, olhando para mim, e sorriu-me com doçura.

– Estás linda – sussurrou, como se a flor mais bonita fosse eu.

Segui-a com o olhar quando ela passou à minha frente. No momento em que me virei de novo, Rigel encaminhou-se na minha direção.

Os pensamentos calaram-se e por um momento esqueci-me do que pretendia dizer-lhe.

Envergava umas calças escuras e uma camisa branca que lhe definia o peito de uma maneira impecável. O tecido imaculado, na realidade, não destoava com a sua aparência, fazendo, ao invés, com que as suas íris parecessem dois abismos magnéticos e perigosos.

Os cabelos negros e as sobrancelhas bem delineadas sobressaíam mais do que o habitual, emanando uma sedução perturbadora e avassaladora.

Fitei-o com os olhos arregalados e o rosto afogueado, confusa.

Parou na minha frente, com todo o à-vontade naquela sua beleza implacável, e eu senti-me subjugada pela intensidade com que olhou para mim. Inclinou o rosto para o lado e, por baixo das sobrancelhas, examinou o que eu tinha vestido, observando a maneira como aquele vestido desenhava as minhas curvas delicadas. Por um momento pareceu prestes a dizer-me alguma coisa. Depois, como numa luta que tinha começado a perder consigo mesmo, engoliu essas palavras.

Perguntei-me por que motivo me olhava sempre daquela maneira. Parecia gritar-me alguma coisa e, ao mesmo tempo, implorar-me para que não compreendesse. E eu desesperava-me numa tentativa de entendê-lo, mas, por mais que tivesse aprendido a interpretar os seus silêncios, aqueles olhares continuavam a ser para mim um enigma inacessível.

O que é que Adeline sabia?

E porque é que tinha desvendado, logo a ela, o seu mundo secreto?

Não confiava em mim?

Fui acometida pelas minhas inseguranças. Tentei não lhes dar ouvidos, mas elas subiram-me pela pele. Fitei os olhos de Rigel e o meu coração gritou o desejo de uni-lo a mim, de ser importante, de lhe penetrar na alma tal como ele havia feito com a minha.

O que é que eu representava para ele?

– Oh, cá estão vocês! – Norman irrompeu pela porta e sorriu-nos. – Estamos prontos. Vêm?

O jantar foi cálido e animado.

A mesa estava posta de maneira esplêndida, com a melhor loiça e os melhores talheres e os pratos fumegantes ao centro, entre tilintares e aromas.

Adeline estava sentada na outra extremidade da mesa, deixando-me de propósito o lugar ao lado de Rigel.

Observei-a de soslaio, sentindo um véu húmido a cobrir-me o coração. Vê-la no meio das pessoas de quem eu gostava tocava-me em cordas sensíveis e conflituosas: sentia por ela um afeto desmesurado, mas também uma grande incerteza.

– Queres um pouco de molho? – vi-a perguntar a Asia, e esta olhou para

ela com desconfiança.

Adeline sorriu-lhe como resposta. Depois, com gentileza, ajudou-a a servir-se do condimento dourado. Asia lançou-lhe um olhar cauteloso, quando a viu tirar um bocadinho de pão também para ela e pousá-lo junto ao prato.

– Que perfume incrível que está nesta casa – declarou George. – É como se estivéssemos a mastigar flores!

– Será que há alguma coisa que não sabemos? – juntou-se Dalma à conversa.

Viraram-se para Anna e ela soltou uma risada.

– Oh, não, não olhem para mim! Desta vez sou inocente. – Em seguida, observou-os um por um e com vivacidade acrescentou: – São todas para a Nica.

A garfada de comida ficou-me entalada na garganta. Esforcei-me por engolir e todos se voltaram para mim.

– Para a Nica? – Dalma fitou-me com dois olhos maravilhados e ternos. – Nica... Há alguém que te oferece flores?

– Ela tem um admirador secreto – explicou Norman, embaraçado. – Um rapaz que todos os dias lhe envia ramos e mais ramos...

– Um *pretendente*? Que tipo mais romântico! E quem é? Conhece-lo?

Engoli em seco, demasiado constrangida, e reprimi o impulso de morder as costuras dos pensos rápidos à mesa.

– É um colega meu da escola.

– Um excelente rapaz! – interveio Anna, entusiasmada. – Muito atencioso... No meio de todos estes presentes, acho que o deveríamos convidar pelo menos para tomar um chá! É o mesmo com quem foste comer um gelado, não é verdade? O teu amigo?

– Ele... Sim...

– Porque é que não o convidas para cá vir, um dia destes?

– Eu, bom...

Estremeci com brusquidão. Senti-me trespassada por uma contração.

Por debaixo da toalha uma mão tinha pousado no meu joelho nu.

Os dedos de Rigel colaram-se à minha pele e eu retesei-me.

O que é que ele estava a fazer? Teria enlouquecido?

Amassei a toalha e fitei um por um todos os comensais, tensa.

Dalma estava mesmo ao meu lado.

E se ela tivesse visto?

Naquele momento, virou-se de modo a olhar para mim e eu senti o coração martelar-me na garganta.

– Oferecer flores não é para qualquer um. Requer uma sensibilidade especial, diferente, profunda... Não achas?

– Sim... – engoli em seco, tentando parecer normal, mas depois daquela

resposta a mão de Rigel intensificou a pressão. Deixei escapar um arrepio.

Quando Dalma se virou para o outro lado, aproveitei a oportunidade para agarrar no pulso dele e afastá-lo. Pus-me de lado, com as faces a arder.

Todos interpretaram mal o meu rubor.

– Aposto que é bonito...

– Bonito e apaixonado!

– A... apaixonado? – balbuciei num fio de voz.

Anna sorriu-me.

– Bom, não se oferecem todas estas flores à primeira pessoa que passa, não achas? O Lionel decerto que nutre sentimentos muito profundos por ti...

Gostaria de ter dito alguma coisa, mas então começaram todos a falar ao mesmo tempo, deixando-me atordoada. As vozes sobrepuseram-se, os pensamentos misturaram-se e não percebi mais nada.

– Há quanto tempo é que o conheces?

– Que rapaz de ouro...

– Também nós nos apaixonámos com a idade deles, não é verdade, George?

– Nica – exclamou Anna –, porque é que não o convidas para vir cá a casa amanhã à tarde?

O ruído seco da cadeira fez-me sobressaltar.

No meio daquela euforia ninguém deu importância à maneira como Rigel abandonou a mesa: desapareceu pela porta, seguido pelos meus olhos e pelos de Adeline.

Tinha o coração comprimido e enregelado. Aquela sensação aumentou quando me apercebi de que Asia tinha ficado a olhar para o lugar que ele deixara vazio. Devagar, desviou o olhar, pousando-o em mim.

De repente, pareceu-me que estava sentada sobre alfinetes.

Baixei o rosto e, murmurando uma desculpa, deixei para trás de mim a sala repleta de tagarelice. Quase não deram por mim, e pela primeira vez senti-me grata por isso.

Procurei Rigel, e de súbito ouvi o barulho que vinha da sala do fundo. Apressei-me a encaminhar-me para lá, cheguei à porta e arregalei os olhos: estava ali e estava a desfazer em mil pedaços, uma por uma, todas as flores que Lionel me havia enviado.

– Não! Rigel! Para com isso! – tentei detê-lo. Peguei-lhe pelo pulso e ele afastou-se de mim com tanta velocidade que as pétalas rodopiaram à sua volta, aprisionando-o num remoinho mudo: os olhos dele cravaram-se nos meus e eu estremeci.

– *Porquê?* – perguntou, enraivecido. – Porque é que não disseste uma palavra?

Fitei-o com os olhos esbugalhados, mas nem sequer tive tempo de

responder o que quer que fosse, uma vez que ele deu um passo na minha direção.

– O que é que sentes por ele?

Uma sensação surda deixou-me incapaz de desviar os olhos dos de Rigel.

– Como?

– O que é que sentes?

A sua voz soou como um rugido, mas nos olhos vi palpar uma certa vulnerabilidade, como uma ferida. Fitei-o incrédula porque aquela pergunta abalava toda a confiança que tanto nos tínhamos esforçado por construir.

– Nada...

Rigel olhou-me com uma amargura abrasadora. Abanou a cabeça devagar, como se tivesse na sua frente uma verdade que não queria aceitar.

– Não és capaz – cuspiu. – *Tu não és capaz.* Depois de tudo o que ele fez... Depois de todas as intromissões e as insistências, depois de por pouco não ter posto as mãos em cima, tu *não* és capaz de *o odiar*.

Aquelas palavras foram como um arranhão.

Senti-as atingir e penetrar na minha pele, porque... eram a mais pura verdade.

Não podia negá-lo.

Não importava o quanto me faziam mal. Eu não sabia detestar... nem mesmo com todas as minhas forças.

No entanto, tinham-me ensinado o que era o ódio. A tutora deixara-me gravado na pele de uma maneira que nunca seria capaz de esquecer.

Aquela mulher tinha-me despedaçado, espezinhado, deformado. Tinha-me magoado e quebrado. Tinha-me vergado a tal ponto que fiquei assim para sempre, distorcida e frágil como uma criança.

Foi isso que ela me havia deixado. Um coração defeituoso que procurava nos outros a bondade que não havia encontrado *Nela*. Uma mariposa noturna que via luz em todas as coisas, mesmo se esta ardesse até se consumir.

Apertei os dedos. Contemplei Rigel com olhos mortícios e também eu abanei a cabeça, engolindo essa percepção.

– Não importa – disse em voz baixa.

– *Não importa?* – repetiu Rigel, semicerrando os olhos negros com uma dor enraivecida. – Ah, não é? Nesse caso, o que é que deveras importa para ti, Nica?

Não.

Tudo menos isso.

Cerrei as mãos em dois punhos instáveis.

Ele era a última pessoa que podia proferir essas palavras.

– Eu sei o que é importante – sussurrei com uma voz que nem sequer parecia a minha. Senti o sangue crepitar-me debaixo da pele e levantei

a cabeça, pousando nele um olhar aquoso e brilhante. – Sou a única que sempre deixou bem claro o que na realidade importa.

Um lampejo endureceu-lhe as sobrancelhas, como se tivesse sido atingido por um raio.

– Como?

– *És tu!* – explodiram-me essas palavras dos lábios. – És tu quem nunca se importa com nada nem com ninguém, nem sequer te apercebeste da maneira como a Adeline olha para ti! Comportas-te como se fosse uma coisa como outra qualquer, como se não houvesse riscos! Sabes o que é que acontece se formos apanhados, Rigel? Importas-te com isso?

As inseguranças levaram a melhor. Afugentei-as, mas elas envenenaram-me o coração, recordando-me o quanto eu era frágil, vulnerável e cheia de medo. Pela primeira vez, o terror de não ser suficiente projetou-se também em Rigel.

– Não fazes outra coisa a não ser brincar com o fogo, quase dá a ideia de que a situação te diverte. Inclusive à mesa, na frente das outras pessoas, dedicas-te a desafiar a sorte, e tens a coragem de insinuar que quem não se importa sou *eu*?

Estava fora de mim, mas não consegui deter-me. Não podia suportá-lo.

Por nós fui obrigada a fazer concessões comigo mesma e a mentir à única pessoa que alguma vez gostou de mim de verdade. A única que nunca desejaria enganar: Anna.

Tinha-o escolhido a ele, mas essa escolha despedaçou-me o coração.

E voltaria a fazê-la dez vezes, e depois mais centenas ou milhares de vezes se isso significasse ficar ao lado dele.

Despedaçá-lo-ia todas as vezes, mas ainda assim tê-lo-ia escolhido a ele.

Tê-lo-ia escolhido sempre.

No entanto, não podia dizer que para Rigel a situação fosse a mesma.

Ele não me tinha dado uma única certeza.

Eu tinha-lhe confessado que queria tê-lo junto de mim, tinha aberto a parte mais íntima e mais frágil de mim e fiquei exposta ao seu silêncio.

– Eu estou a arriscar tudo. Tudo aquilo que mais estimo. Mas parece que tu nem sequer te dás conta disso. Às vezes comportas-te como se não tivesse importância, como se para ti fosse apenas uma brincadeira...

– *Não* – interrompeu-me com brusquidão, fechando os olhos. – *Não* digas isso.

Voltou a abri-los, e eu vi algo tremer com ímpeto no fundo do seu olhar.

– Não *te atrevas* a dizer isso.

Fitei-o com olhos inexpressivos, e desta vez fui eu quem abanou a cabeça.

– Eu não sei o que significa para ti – sussurrei com amargura. – Nunca sei o que pensas... Nem aquilo que sentes. És a pessoa que me conhece melhor do

que ninguém, mas de ti eu... não sei quase nada.

De repente parecia que já não nos encontrávamos mais dentro da mesma sala, mas sim afastados um do outro a anos-luz de distância.

– Disse-te que te queria por aquilo que és... tal como és... Disse a *verdade*. Nunca esperei que correspondesses às minhas palavras, nem que te abriesses comigo de um dia para o outro. A verdade – disse, estremecendo num sussurro –, é que me conformaria com qualquer coisa. Não desejo outra coisa a não ser poder compreender-te. Contudo, quanto mais tento fazê-lo, mais tu me repeles. Quanto mais eu tento, mais tenho a sensação de que tu queres manter-me sempre afastada. Longe de ti. Logo eu, mais do que ninguém... E não entendo porquê. Fomos despedaçados juntos, mas tu nunca me deixas entrar, Rigel. Nem sequer por um momento.

Senti-me completamente esvaziada.

Nos olhos de Rigel vi apenas um negro indecifrável.

E perguntei-me onde é que ele estaria, por detrás daquele olhar.

Se sentiria a dor que eu experimentava e a necessidade de fazer parte do mundo dele, tal como ele fazia do meu.

O meu coração contraiu-se ainda mais. Sentindo a vista toldar-se, baixei o rosto, porque aquele silêncio constituía a enésima prova que eu não tinha forças para escutar.

*

Os punhos tremiam.

O verme dentro dele contorcia-se como um monstro.

Não aguentava mais, não aguentava mais continuar a ser ele mesmo... Nunca se havia sentido assim encurralado dentro do seu corpo, nunca tinha desejado ser outra pessoa, qualquer outra pessoa.

Ela queria *entrar*.

Queria entrar, mas não compreendia.

Só lhe faria mal.

Achava que havia algo nele, algo doce, justo e certo, mas não era assim. Dentro de si só havia repúdio, medo e uma alma que escorria tormentos. Possuía arranhões e raiva, dor e um sentimento de impotência.

Por dentro era um desastre e uma calamidade.

Tinha aprendido a repudiar os vínculos, os afetos, tudo. E também tinha tentado repudiá-la a ela, tinha-a rejeitado, arranhado, dilacerado, tinha tentado arrancá-la de si, mas Nica tinha-se apoderado de tudo dentro dele. Com aquele sorriso esplêndido e a sua delicadeza. Com a sua diversidade e aquela luz que ele nunca tinha compreendido.

E sempre tinha rezado para que ela olhasse para si porque nos olhos dela também o mundo parecia resplandecer.

Nos olhos de Nica, até mesmo ele não parecia assim tão errado.

Mas agora que ela olhava para ele finalmente... o medo devorava-o.

Tinha receio de que ela visse o quanto ele era defeituoso, o quanto estava destroçado, quebrado, e o quanto era irrecuperável. Tinha receio de não ser compreendido, de ser repudiado, de vê-la começar a aperceber-se de que poderia ter alguém muito melhor ao seu lado.

Tinha receio de ser abandonado de novo.

Era por essa razão que não podia deixá-la entrar.

Uma parte dele sempre a queria por perto. A outra, aquela que a amava mais do que a si mesmo, não era capaz de a trancar naquela jaula de sarças.

Nica baixou o rosto, triste.

E Rigel calou-se porque, mesmo que ela não o soubesse, o silêncio custava-lhe mais do que quaisquer palavras.

Estava a dececioná-la uma vez mais. Porque é que quanto mais tentava protegê-la de si mesmo, mais acabava por lhe fazer mal?

Nica foi-se embora, levando consigo qualquer outra luz. E ao vê-la afastar-se Rigel sentiu que uma mordida lhe oprimia o coração e cravava nele, uma por uma, *todas* as sarças dos seus remorsos.

Até ao fim

*Não quero o final feliz,
quero o grande final.
Como os dos prestidigitadores,
os que te deixam de boca aberta
e te fazem acreditar, por um instante,
que as magias podem existir.*

Nenhum deles respirava.

Rigel via-os todos imóveis, em fila, um ao lado do outro.

Ele não se encontrava entre eles. Como sempre.

A sombra da tutora deambulava na frente daqueles corpinhos como um tubarão negro.

– Hoje uma mulher disse-me que um de vocês fez sinais pela janela.

A voz dela era como um vidro lento e estridente.

Rigel observava a cena de longe, sentado na banquetta do piano. Não lhe tinha escapado o olhar de puro ódio que Peter lhe havia lançado.

Ele nunca era castigado com eles.

– Disse-me que um de vocês tentou dizer alguma coisa. Algo que ela não foi capaz de compreender.

Ninguém se atreveu a respirar.

Ela fitou-os um por um, e Rigel reparou nos seus dedos a fecharem-se em torno do cotovelo da menina que estava mesmo ali ao lado.

Adeline tentou não se reter, nem sequer quando a tutora começou a apertar-lhe o braço com uma força lenta e violenta.

– Quem foi?

Todos ficaram calados. Tinham medo dela, e isso era suficiente para torná-los culpados aos seus olhos. Era assim que ela os via.

A pele de Adeline começou a ficar violácea. Estava a esmagá-la com uma força tal que o seu olhar gritava de dor por ela.

– Monstrinhos ingratos – sibilou a tutora com um ódio desnaturado.

Rigel compreendeu de imediato o que era aquele brilho avermelhado nos seus olhos. Era o brilho da violência.

Todos começaram a tremer.

Margaret soltou Adeline. Depois, com movimentos mecânicos, tirou o cinto de couro das calças.

Rigel viu Nica, ao fundo, tremer mais do que todos os outros. Sabia que os cintos a aterrorizavam. Houve algo que o arranhou por dentro ao olhar para ela, como uma unha a arranhar-lhe a pele. Apercebeu-se de que tinha o coração em apneia e as palmas das mãos suadas.

– Vou perguntar mais uma vez – estava a tutora a dizer, caminhando devagar ao longo da fila. – Quem. Foi?

Viu-a estremecer. Gostaria de poder dizer que era ele, afinal de contas já tinha assumido outras vezes a culpa por algo que não tinha feito, mas desta vez não serviria de nada. Tinha estado com ela o dia todo.

Além do mais, Margaret estava demasiado zangada. E quando estava assim tão zangada, alguém acabava sempre por sofrer as consequências.

Ela queria fazer mal.

Ela queria bater-lhes.

Não o fazia porque era doente. Ou porque estava transtornada.

Fazia-o porque queria.

E Rigel não podia expor-se, arcar com todas as culpas, senão ela deixaria de confiar nele, de lhe conceder mais liberdade do que aos outros, e ele nunca mais poderia proteger Nica.

– Foste tu?

Viu-a parar na frente de uma menina com os joelhos trémulos. Ela abanou a cabeça, baixando o rosto. Apertava as mãos uma na outra com tanta força que os dedos ficaram brancos.

– E tu, Peter? – perguntou ao rapazinho de cabelos ruivos.

– Não – respondeu ele num fio de voz.

Aquele queixume assustado sempre foi a sua condenação. O couro entre as mãos da tutora rangeu.

Rigel sabia que não tinha sido Peter. Estava demasiado aterrorizado para fazer o que quer que fosse.

Contudo, Peter era doce, delicado e sensível. E essa era a sua única culpa.

– Foste tu?

– Não – repetiu.

– Não?

Peter começou a chorar porque o sentia. Todos o sentiam. Ela queria descarregar.

Agarrou-o pelos cabelos e ele reprimiu um grito. Era pequeno, magricela, com

olheiras que lhe escavavam as faces. Tinha um aspeto patético, com o nariz sempre a pingar e os olhos cheios de medo.

Rigel vislumbrou o asco no olhar da tutora e perguntou-se se haveria naquela mulher um resquício de humanidade.

Mais uma vez recordou-se a si mesmo para nunca se afeiçoar a ela, nem mesmo se o mimasse, se cuidasse dele como uma mãe e lhe dissesse que era especial. Nem sequer se ela fosse a única a dar-lhe umas migalhas de afeto.

Não podia esquecer a sua segunda cara.

De uma maneira geral, não os castigava na frente dele. Assegurava-se de que estivesse sempre numa outra sala, como se ele não soubesse o que ela fazia nem o monstro que era. Mas não dessa vez. Dessa vez estava furibunda e não via a hora de os moer de pancada.

– Vira-te – ordenou-lhe.

Os olhos de Peter encheram-se de lágrimas. Rigel desejou que ele não voltasse a fazer chichi nas calças de novo, senão ela encarregar-se-ia de fazer com que ele se arrependesse de ter sujado o tapete.

A tutora obrigou-o a virar-se e ele levou as mãos trémulas à cabeça para se proteger, sussurrando preces que nunca saíam daquela casa.

A vergastada ressoou tão alto que todos sustiveram a respiração. Bateu-lhe nas costas e na parte de trás das coxas onde ninguém veria as marcas.

O sofrimento fez estremecer aquele corpinho como um trovão e ela pareceu desprezá-lo ainda mais, só porque reagia à dor.

Como podia? Como podia ser amado por um monstro desses?

Porque é que a única pessoa de quem recebia afeto era tão desumana?

Sentiu-se ainda mais errado.

Deformado.

Inadequado.

O repúdio comprimiu-o até o quebrar por dentro. Ainda mais.

Não devia criar vínculos. Não devia sentir afeto, o afeto era errado.

– Quero saber quem foi – sibilou a tutora, com a raiva a inchar-lhe as veias das têmporas. Odiava não descobrir o culpado.

Perambulou por entre as crianças com o cinto bem agarrado nas mãos e aproximou-se de Nica. E Rigel viu com horror que ela estava a morder de forma convulsiva as costuras dos pensos rápidos. Era um gesto que fazia quando estava nervosa, e a tutora reparou nisso.

Deteve-se na frente dela, com os olhos brutais incendiados por uma súbita percepção.

– Foste tu? – sussurrou sinistra, como se ela já tivesse confessado.

Nica contemplou o cinto nas mãos dela. Estava pálida, trémula e parecia pequena. Rigel sentiu o coração martelar-lhe nos ouvidos.

– Então?

– Não.

Pregou-lhe uma bofetada tão violenta que o seu pequeno pescoço estalou. Rigel sentiu as unhas enterrarem-se nas palmas das mãos ao mesmo tempo que Nica se virava de novo com a garganta contraída. Uma lágrima escorreu-lhe ao longo da face, mas ela nem sequer se atreveu a enxugá-la.

E então a tutora torceu o cinto entre as mãos, e Rigel sentiu o coração acelerar – já lhe via a raiva, os olhos enlouquecidos, a mão que se erguia acima da cabeça, que batia, o cinto que reluzia no ar – e algo berrou dentro dele.

Foi acometido pelo pânico.

Então fez a única coisa que lhe veio à cabeça: olhou em redor e agarrou na tesoura que a tutora usava para cortar as partituras. Depois, com um gesto repentino e tresloucado, seguindo um instinto febril, espetou uma das lâminas na palma da mão.

Logo depois arrependeu-se: a dor explodiu com fúria e a tesoura caiu no chão, fazendo com que todos se virassem.

Pequenas gotas vermelhas mancharam o tapete e, quando a tutora se apercebeu, a mão que estava prestes a bater em Nica baixou. Correu na direção dele e pegou-lhe na palma da mão como se fosse um pássaro ferido.

Só nesse momento é que Rigel trocou um olhar com Nica. Os seus olhos estavam assustados, frágeis e transtornados.

A dor ofuscava-o. Contudo, nunca mais se esqueceria daquele olhar.

Nunca mais se esqueceria dos olhos dela, claros como pérolas de água doce.

Aquela luz ficaria gravada para sempre dentro de si.

★

O odor do rio era fresco e pungente. Na ponte os ruídos das obras perdiam-se no curso longínquo da água.

Fitava os operários sem os ver. Estavam a reconstruir o muro de contenção, e há algumas semanas que no lugar da balaustrada havia uma rede alaranjada que tapava a vista e não permitia que se apreciasse a paisagem.

Tinha ido até ali para sentir a relva debaixo dos pés e o abraço tranquilizador do ar livre, mas o meu coração latejava como uma ferida.

Não ouvia mais nada.

– Já aqui estás – recebeu-me uma voz assim que regressei a casa.

Anna estava de casaco vestido, pronta para sair, e eu assenti devagar. Vi o seu olhar procurar o meu rosto, mas ocultei-me atrás dos cabelos.

– Há ali bolo – disse com aquela voz suave de que eu tanto gostava. – Apetece-te comer alguma coisa?

Respondi-lhe que não estava com muita fome; sentia-me lenta, apagada. Uma ruga de preocupação perpassou-lhe a testa e eu tentei sorrir-lhe.

– Nica... Sinto muito por ontem à noite. – Dirigi-me um olhar

mortificado. – Reconheço que... talvez tenha exagerado. Com todo aquele discurso sobre o Lionel e as flores. Peço-te que me desculpes. – Entalou-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha. – A verdade é que me sinto muito feliz por haver alguém que saiba apreciar-te por aquilo que és. Deixar-te constrangida era a última coisa que eu queria.

Pousei uma mão na sua e num sussurro respondi:

– Está tudo bem, não te preocupes.

– Não, não está – murmurou Anna. – Pareces muito abatida. Desde que voltaste para a mesa ontem à noite...

– Não é nada – menti, recuperando um pouco a voz. – É... Trata-se apenas de algum cansaço. – Em seguida, suavizei o olhar. – Não debes sentir-te culpada, Anna. Não fizeste nada que me entristecesse.

– Tens a certeza? Dir-me-ias, não é verdade?

Esperei que ela não notasse que o meu coração tremeu diante daquela pergunta.

– Claro. Podes ficar sossegada.

Era em momentos como esse que não era capaz de entender o que me magoava mais. Se o que carregava dentro de mim, ou então o facto de calar o que não podia contar a ninguém.

Os olhos de Anna eram dos que sabiam compreender-nos. No entanto, ela era a última pessoa do mundo a quem poderia confessar o que sentia.

– Põe um cachecol – disse-lhe a sorrir. – Lá fora está um pouco de vento.

Ela agradeceu-me. Esperei que saísse, despedindo-me dela, mas assim que ela se foi embora a sensação de vazio regressou idêntica à de antes.

Cheguei à sala de estar com passo lento e instalei-me no sofá, aninhando-me com os braços à volta dos joelhos.

Perguntei-me se seria assim que se sentiam Billie e Miki, como se algo de essencial estivesse fora do próprio eixo. Gostaria apenas de poder conversar com alguém.

– Achava que tinhas vindo da rua.

Klaus, ao meu lado no sofá, fitou-me com um olho meio aberto. Naquele momento ele pareceu-me o único com quem podia desabafar.

– Quando tudo começou... – sussurrei. – Achei que qualquer obstáculo que se interpusesse entre nós viria do exterior. Que, de algum modo, o iríamos... enfrentar juntos.

Virei-me para ele, sentindo os olhos ficarem vidrados.

– Enganei-me – murmurei. – Não levei em linha de conta o aspeto mais importante.

Klaus observou-me em silêncio. Deslizei para baixo, enroscando-me sobre mim mesma, como se quisesse proteger-me do mundo.

Deixei que a fadiga se apoderasse dos meus pensamentos. Adormeci, mas

nem mesmo no sono fui capaz de encontrar a paz que esperava.

A dada altura pareceu-me sentir uma coisa tocar-me na cara.

Dedos... que me acariciavam a face.

Seria capaz de reconhecer aquele toque entre milhares de outros.

– Gostaria de te deixar entrar – ouvi sussurrar. – Mas por dentro sou um carreiro de espinhos.

Proferiu-o como se não soubesse de que outra maneira o dizer, e aquele tom de voz melancólico incendiou-me o coração. Tentei agarrar-me à realidade, debater-me para me manter acordada, mas em vão. As suas palavras perderam-se comigo até desaparecerem.

Quando acordei, já havia anoitecido. No momento em que voltei a abrir os olhos, apercebi-me de que tinha dois pesos em cima de mim.

Um era aquela frase, que tinha a certeza que não se tratara de um sonho.

O outro...

O outro era *Klaus*, enroscado em cima de mim, dormindo com o focinho encaixado no meu pescoço.

No dia seguinte, Rigel não foi para a escola comigo.

Soube-o quando Norman desceu as escadas, dizendo-me com um sorriso atrapalhado que seria ele a acompanhar-me; Rigel não se sentia bem, a dor de cabeça do dia anterior ainda não lhe tinha passado.

Não consegui acompanhar as aulas com atenção naquele dia. A minha mente continuava a viajar até à tarde anterior, e até àquelas parcas palavras que ele havia sussurrado quando julgava que eu estava a dormir.

Quando saí, à sombra de um céu chuvoso, lancei um olhar em redor, desejando não me cruzar com Lionel. Até àquele momento tinha conseguido evitá-lo, inclusive nas aulas de laboratório, sentando-me na mesa o mais afastada possível da dele.

– Vais para casa?

Billie olhou para mim por debaixo da nuvem de caracóis. Cruzei o seu olhar lento e opaco com o meu e franzi as sobrancelhas num sorriso contrito.

– Vou... – murmurei, adoçando a voz.

Ela assentiu em silêncio; as olheiras que lhe marcavam o rosto eram visíveis até à sombra do capuz.

– Está certo – sussurrou.

Naquele momento percebi que ela sentia a mesma solidão que eu.

Billie precisava de mim. Precisava de uma amiga...

Antes de ela ter tempo de voltar costas, agarrei-a pela bainha do moletão.

– Espera – disse, detendo-a. Ela voltou a olhar para mim. – Apetece-te... ir comer qualquer coisa juntas?

Vi-a hesitar.

– Agora?

– Sim... Há um café para lá do cruzamento, a poucos passos da ponte.

Queres ir comer qualquer coisa comigo?

Billie olhou para mim por um momento, indecisa. Em seguida, baixou a cabeça e pegou no telemóvel, segurando-o entre uns dedos trémulos.

– V... Vou avisar a minha avó de que vou almoçar fora...

Sorri-lhe com doçura.

– Está certo. Nesse caso, vamos embora.

Passei a tarde inteira com ela.

Almoçámos duas sanduíches e depois ficámos um bocado sentadas nos pequenos sofás do café enquanto a chuva caía lá fora, saboreando uns batidos de chocolate aconchegadas entre as almofadas.

Billie falou-me sobre imensas coisas. Contou-me que os pais talvez estivessem de regresso antes do fim do mês, mas, na realidade, já tinha desistido de esperar por eles.

Ouvi-a com atenção o tempo todo, sem nunca a interromper. Achava que Billie queria desabafar, mas percebi que do que ela precisava era apenas de um pouco de companhia.

Quando nos despedimos ao fim da tarde, ela ainda estava com um ar apagado, mas nos seus olhos cintilava uma sensação de alívio silencioso.

– Obrigada – disse-me.

Sorri-lhe encorajadora e apertei-lhe a mão numa carícia.

Enquanto regressava a casa sob as primeiras luzes dos candeeiros da rua, o telemóvel tocou. Tirei-o do bolso e vi primeiro quem era antes de atender.

– Anna? Olá...

– Olá, Nica, onde é que estás?

– Estou quase a chegar – respondi. – Desculpa, atrasei-me... Deveria ter-te dito alguma coisa.

– Oh, querida... Eu não estou em casa – respondeu, suspirando, e imaginei-a a levar o pulso à testa. – Aquele evento para o Círculo está a enlouquecer-me! Ainda tenho algumas encomendas para conferir e não posso adiar esse trabalho para amanhã... Não, Carl, esses não vão para aí – ouvi-a dizer ao seu assistente. – Não, querido, esses vão juntos com as begónias para o vestíbulo, além... Oh, desculpa, Nica, mas na verdade não sei a que horas é que vou despachar-me esta noite...

– Não te preocupes, Anna – tranquilizei-a. – Depois vou tratar de preparar uma refeição quente para o Norman quando ele chegar a casa...

– O Norman tem um jantar com os colegas esta noite, lembras-te? Vai

voltar tarde, e foi por isso que te liguei...

Quando abri a cancela, ouvi-a suspirar.

– O Rigel ficou sozinho o dia todo... Será que poderias ir ver como ele está? Pelo menos para verificar se não tem febre – disse, angustiada.

Veio-me à ideia o dia em que, tempos atrás, lhe telefonei quando os dois tinham ido à convenção. Anna preocupava-se sempre em excesso.

Mordisquei o lábio e depois anuí. Recordei-me de que ela não podia ver-me e, enquanto entrava em casa e deixava as chaves no respetivo recipiente, respondi-lhe que podia ficar sossegada e que não precisava de preocupar-se.

– Obrigada – murmurou como se eu fosse o seu anjo da guarda. Logo em seguida, despediu-se e eu apressei-me a desligar a chamada.

Descalcei os sapatos para não sujar o chão com as solas húmidas e procurei por ele. Quando não o encontrei em parte nenhuma, deduzi que deveria estar no quarto, e então encaminhei-me até ao andar de cima.

Contudo, diante da porta, hesitei. O coração batia-me com força no peito.

A verdade é que tinha pensado nele o dia inteiro e, agora que estava ali, tinha medo de ficar cara a cara com ele.

Munindo-me de coragem, levantei a mão e bati na porta.

Quando entrei, a luz ténue da janela desenhava os contornos do quarto.

A figura de Rigel via-se envolta nas sombras. Distingui o contorno sólido do seu tórax com um aperto no peito e, por um momento, fiquei a ouvi-lo respirar.

Lá fora chovia, mas o odor que trazia em mim não foi suficiente para disfarçar o dele. Misturou-se com o meu sangue e recordou-me a imensa profundidade com que me havia entrado na alma.

Com delicadeza, aproximei-me e pousei a mão no seu rosto, achando-o quente, mas por sorte não era febre.

Suspirei. Deslizei as pontas dos dedos pela sua pele, brindando-o com uma carícia oculta, e depois virei costas de novo. Já estava quase a chegar à porta, quando a sua voz me fez parar.

– Só posso fazer-te mal.

Permaneci imóvel. Ouvi aquelas palavras como se no fundo, em algum lugar, já as conhecesse.

– Eu sou assim... – murmurou a sua voz desiludida –, e não conheço mais nada.

Olhei em frente, com as pálpebras a meia haste, a expressão apagada, como se o meu coração fosse um diamante empoeirado que tinha parado de brilhar.

Devagar, virei-me. Rigel estava sentado, com as mãos agarradas à beira da cama, mas de cabeça baixa, ensombrado pelos cabelos. Parecia querer impedir-me de o ver.

– Esta é a verdade...

– Tenho conseguido dormir de noite – disse, interrompendo-o, vazia, porém determinada. – Já não preciso de manter a luz acesa. Já não me levanto por não querer adormecer. Os pesadelos não desapareceram... mas estão a desvanecer-se. Desvanecem-se porque naquele negrume não vejo mais a cave, mas sim os teus olhos. – Semicerrei as pálpebras, destroçada. – Tu estás a curar-me, Rigel. No entanto, nem sequer te apercebes disso.

Tinha-me enchido de estrelas. E nem sequer o via.

– A cura *é possível*... – sussurrei, acreditando piamente nisso.

Então Rigel ergueu os olhos. E naquele momento percebi que, fosse qual fosse a verdade que existia dentro do seu olhar, era algo que me ultrapassava. Ele, em todo o caso, nunca se deixara ver por ninguém como agora.

– Há qualquer coisa quebrada em mim... que nunca se curará.

«As estrelas são solitárias», tinha-me ele dito algum tempo antes com o mesmo sentimento esquivo.

Dei-me conta de que estava a dizer-me algo importante, que estava a tentar, de algum modo, que eu compreendesse.

A porta que dava acesso à alma de Rigel já não me parecia mais o portão de uma fortaleza, mas sim a entrada para um silvado densíssimo, estampado no vidro, pronto a ruir sobre si mesmo.

– Há coisas que não podem ser consertadas, Nica. E eu sou uma delas. Sou um *desastre e uma calamidade* – sussurrou, irredutível. – E sê-lo-ei para sempre.

– Não me importa – murmurei com sinceridade.

– Não, não te importa – repetiu quase com aspereza. – Nunca nada é irrecuperável o suficiente para ti. Nunca nada é demasiado assustador, tenebroso ou pérfido. É da tua natureza.

– Tu não és irrecuperável – respondi.

Porque é que ele continuaria a condenar-se à solidão? Magoava-me porque era a única dor a que não me permitia aceder.

Ele fitou-me com uma ironia amarga e desdenhosa.

– Todas as histórias possuem um lobo mau... Não finjas que não conheces o papel que sempre desempenhei na minha.

– Basta! – rebelei-me, obstinada. – É isso que julgas ser para mim? O monstro que estraga a história? É assim que gostarias que eu olhasse para ti?

– Tu não fazes *ideia* de como eu gostaria que olhasses para mim – sussurrou, arrependendo-se logo a seguir.

Fitei-o perturbada. Tentei aferrar-me aos seus olhos, mas ele cerrou o maxilar e não mo permitiu.

– Rigel...

– Achas que eu não *sei*? – interrompendo-me enraivecido, e o seu olhar cravou-se no meu como uma flecha.

Por um momento, o modo ardente e submisso com que olhou para mim fez-me lembrar um lobo que contempla a *sua* lua.

– Eu sei o quanto te custou. *Eu sei*. Posso lê-lo nos teus olhos todo o santo dia. Há uma vida inteira que só desejas isto. Uma família.

Fiquei bloqueada, sem me aperceber de que me tinha aproximado dele.

– Esta situação sufoca-te. Não queres mentir, mas és obrigada a fazê-lo a toda a hora e a todo o instante. – E depois, indo direto ao meu coração, admitiu: – *Nunca* serás feliz assim.

Uma sensação escaldante contraiu-me a garganta. As lágrimas arderam-me a vista e confirmaram as minhas fragilidades.

Rigel sabia ler-me a alma.

Sabia o que movia os meus desejos mais luminosos.

Conhecia os meus sonhos, os meus tormentos e os meus medos.

E eu tinha sido uma tonta quando pensei que ele nunca se tinha apercebido.

Não podia esconder-me.

Não dele.

O seu olhar era a condenação com que nunca deixara de sonhar.

A sua voz era uma ferida que traria dentro de mim para sempre.

Mas o seu perfume era uma música.

Nos seus olhos, eu encontrava a salvação.

Era sua.

De um modo estranho, alucinado, doloroso e complicado.

Contudo, era sua.

– Escolhi-te a ti... – murmurei, desarmada. – Acima de todas as coisas... escolhi-te a ti, Rigel. Tu nunca serás capaz de entender, porque só sabes ver as coisas a preto e branco. Eu sempre quis uma família, *é verdade* – frisei num sussurro –, mas escolhi-te, porque nós pertencemos um ao outro. Não me rejeites... Não me mantinhas à distância. Tu não és o preço a pagar. Tu és o que me faz feliz.

Fechei os olhos com força, em sofrimento.

– Eu quero entrar... ainda que por dentro sejas um caminho de espinhos.

Um lampejo perpassou-lhe pelos olhos, e eu aproveitei aquela oportunidade para estender as mãos e pegar-lhe no rosto.

Sentia sempre medo quando o via retrair-se, quando o sentia rebelar-se ao meu toque, mas Rigel limitou-se a erguer as suas íris para mim, duas esplêndidas galáxias negras.

Olhei para ele suplicante, e por um momento seria capaz de jurar que ele estava a fitar-me da mesma maneira.

Porquê?

Porque é que não conseguíamos ficar um ao lado do outro?

Porque é que não podíamos viver como todas as outras pessoas?

– Quero-te a ti – disse-lhe ainda, fitando-o. – Única e exclusivamente a ti. Sejas o que fores, não importa a maneira como tu te vês... eu quero-te a ti tal como és. Tu não me privas de nada, Rigel. De nada...

Acaricieei-lhe as faces, aprisionada às suas íris escuras, e rezei para que ele acreditasse em mim. Gostaria de poder doar-lhe os meus olhos e permitir-lhe que se visse tal como eu o via, porque adorava a sua diversidade mais do que qualquer outra coisa no mundo.

– Se te deixar *entrar*... – sussurrou –, vou magoar-te.

Sorri, triste, e abanei a cabeça. E mostrando-lhe todos os meus pensos rápidos disse:

– Nunca tiveste receio de me magoar.

Ele semicerrou os olhos, derrotado. Sem lhe dar tempo para poder fazer mais nada, levantei-lhe o rosto e fechei os lábios sobre os seus.

Não conhecia outra maneira de dar voz ao meu coração. Por conseguinte, ancorei-me àquele beijo como se a minha vida dependesse disso.

As mãos dele agarraram-se às minhas ancas, e as minhas lágrimas banharam-lhe as maçãs do rosto.

Ancorámo-nos um ao outro, abraçando-nos e entrelaçando-nos, cientes de que nos afundaríamos. De que estaríamos perdidos para sempre, porque naquele oceano que era a realidade não havia lugar para duas pessoas como nós.

Estávamos despedaçados, destruídos, arruinados.

Contudo, uma luz brilhava em nós com a potência de centenas de estrelas.

Possuía a força de um lobo.

E a delicadeza de uma borboleta.

E eu não podia acreditar que algo tão bonito e tão sincero pudesse também ser errado.

Beijei-o quase com angústia, abraçando-me a ele com tanta ânsia que caímos para trás. Os seus ombros assentaram no colchão e eu continuei a segurar-lhe o rosto sem o soltar.

Senti os seus batimentos cardíacos martelar-me no estômago. Rigel percorreu-me as costas com os dedos e depois estreitou-me de encontro ao seu corpo quase como se não fosse capaz de raciocinar. As mãos tremiam-lhe, como todas as vezes que me tocava. Naquele momento pensei que nunca mais queria ser tocada por nenhum outro.

Ele era único.

Mas também... o único.

O único capaz de me despedaçar.

O único capaz de voltar a reconstruir-me.

O único capaz de me enlouquecer com um sorriso e de me destruir com

um olhar.

Rigel, reclamou a minha alma. Abracei-me a ele, arranhando-lhe os ombros com os meus pensos rápidos numa tentativa de nunca mais o deixar escapar.

Não estás sozinho, gritou cada um dos meus beijos, e a sua mão fechou-se nos meus cabelos, apertando-os com força. Deixei que os encerrasse por entre os dedos, que se imprimisse em mim até ao último arrepio.

Rigel cingiu-me as ancas entre as mãos e pouco depois eu estava deitada de costas no colchão.

Esmagou-me de encontro à cama. Senti os seus músculos tremerem, como se sentissem a necessidade de desafogar-se, de explodir e de se libertar. Enfiei-lhe as mãos nos cabelos e beijei-o com paixão. A minha língua entrelaçou-se na sua e algo dentro dele cedeu.

De repente, aprisionou-me um pulso por cima da cabeça e agarrou-me uma coxa com força, apertando-a de maneira possessiva de encontro aos seus quadris. Os seus dedos rudes deixaram sulcos em forma de meias-luas na minha carne e arqueei-me de forma involuntária: os meus lábios abriram-se num arquejo mudo.

Rigel ficou paralisado, ofegante, e olhou-me nos olhos. Pareceu aperceber-se só naquele momento da maneira violenta com que me havia agarrado, imobilizando-me numa posição constritiva e dominante.

Senti o esforço contínuo que fazia para controlar aquela parte de si mesmo.

Observei-o com o coração na garganta, indefesa nos seus braços. Os seus dedos esmagavam-me num amplexo de ferro, mas tremiam tanto quanto os meus. Olhei para ele porque, ainda que nunca tivesse demonstrado delicadeza, dos seus olhos eu não tinha medo.

Eram os olhos que eu conhecia a vida toda.

Aqueles que me embalavam de noite até eu adormecer.

Aqueles que me acompanhariam para sempre, gravados na minha alma.

Nunca me fariam mal.

Devagar, entrelacei o tornozelo atrás do corpo dele. Fi-lo com toda a gentileza que possuía, indefesa e desarmada. Rigel observou-me com o maxilar contraído, e enquanto uma lágrima me escorria pela têmpora, estendi uma mão a fim de lhe acariciar a face.

– Está bem assim – sussurrei-lhe. – És o meu lindíssimo *desastre*...

Ele olhou para mim com um sentimento mudo nos olhos. Uma emoção poderosa e inteligível.

O meu coração contraiu-se quando ele ergueu a mão que me havia agarrado e a levou à boca. Os seus lábios pousaram no meu pulso fino e beijaram-no devagar, e o rosto dele entre os meus pensos rápidos foi a coisa mais doce, impossível e desejada que alguma vez tinha visto.

E ali estava ele, Rigel, no topo dos meus erros. Beijou-me as pontas

dos dedos, uma por uma, e eu senti as lágrimas avolumarem-se até me arderem a vista.

Ele *não* era o meu erro mais belo.

Não.

Rigel era o meu destino.

Rigel era o meu final despedaçado, amarrotado e belíssimo.

E sê-lo-ia para sempre.

Passei-lhe os braços à volta do corpo e atraí-o a mim. Consumimos os lábios com beijos e as mãos dele enfiaram-se debaixo do vestido que eu envergava.

Estremeci ao contacto dos seus dedos cálidos.

Rigel respirou devagar, depois seguiu a curva da minha pélvis como se tivesse desejado fazê-lo a vida toda. O meu coração latejou com fúria, um tambor ao longo de todo o abdómen.

Acariciou-me com gestos profundos, tocando nervos que nem sequer sabia que tinha. Deslizou devagar por entre as minhas omoplatas e pouco depois o elástico do meu sutiã soltou-se, libertando-me as costas.

Sustive a respiração.

Antes de ter tempo de respirar, Rigel enfiou os dedos debaixo das copas e pousou-os nos meus seios nus. Apertou-os e eu senti as faces incendiarem-se, a respiração acelerar. Queimava de emoções incríveis e totalmente novas. Acariciou-me um mamilo, tocando-lhe, beliscando-o, descrevendo círculos à sua volta com o dedo, e uma estranha sensação de calor propagou-se desde aquele sítio até me incendiar o ventre.

Com o coração em sobressalto, apercebi-me de que me levantava os braços. O tecido do vestido por pouco não se rasgou entre os dedos dele quando mo tirou junto com o sutiã.

O ar do quarto fustigou-me a pele e dei por mim totalmente exposta. Por instinto levei os braços ao peito, numa tentativa de me cobrir. Procurei de imediato os seus olhos e fui encontrá-los já pousados em mim, dois abismos de terror e de assombro.

Senti-me constrangida, pequena e frágil. Senti-me vulnerável, tanto que dei por mim a oferecer resistência quando ele me pegou nos pulsos para me abrir os braços.

Rigel puxou-os com extrema lentidão, imobilizando-me as mãos de ambos os lados da cabeça.

E depois contemplou-me. Toda.

As pupilas deslizaram sobre a minha pele, devorando-me como se eu não fosse real.

No momento em que voltou a olhar-me de frente, descortinei nos seus olhos um calor que jamais havia visto.

Poderoso. Extremo. E abrasador.

Algo incompreensível que me fez entrecortar a respiração.

Rigel debruçou-se sobre mim e os seus lábios fecharam-se sobre um mamilo. Quase arregalei os olhos e tentei mexer-me, mas as mãos pregaram-me os pulsos ao colchão, imobilizando-me. Sugaram-no entre os dentes e uma suave tensão invadiu-me o baixo-ventre, até se tornar escaldante e intolerável. Senti o meu corpo contorcer-se, implorar por se encolher, mas não fui capaz de fazer outra coisa a não ser apertar as coxas com desespero em torno da sua perna.

– Rigel... por favor... – ofeguei, sem saber ao certo o que estava a implorar-lhe.

Como resposta, os dentes cerraram-se em redor da extremidade do meu seio e aquela sensação intensificou-se. Arqueei as costas e os meus lábios tremeram, e a tensão no meu abdómen aumentou até me deixar sem respiração.

Estava sensível, em demasia. O meu corpo era gelo e fogo, algo que tinha dificuldade em reconhecer. Era tudo tão forte que dei por mim a semicerrar os olhos.

Nesse momento, Rigel soergueu-se e despiu a *T-shirt*.

Parecia arder de necessidade de sentir o contacto entre as nossas peles. O restolhar do tecido misturou-se com o meu fôlego e os cabelos negros caíram despenteados para a frente, emoldurando-lhe o rosto.

Estremeci mais uma vez diante da obra-prima que ele era.

A pele imaculada fazia com que os ombros largos parecessem terem sido moldados em mármore. O peito bem definido parecia ter sido feito para ser tocado, sentido e admirado, mas a sua beleza crua e exagerada intimidou-me a tal ponto que permaneci com os braços apertados junto ao peito, incapaz até de lhe roçar ao de leve.

Fitei-o com as faces a escaldar e os dedos perto dos lábios inchados, com o olhar trémulo. E aquele rosto de anjo negro olhou para mim uma vez mais como se não acreditasse no que os seus olhos viam.

Ele era o meu conto de fadas. Agora tinha a certeza disso.

Mas também era o meu maior arrepio.

O meu medo mais louco.

E o único pesadelo que nunca mais queria deixar de sonhar.

Quando voltou a beijar-me, explodi.

A pele dele incendiou a minha e a sensação que daí surgiu foi tão intensa que me agarrei com força aos seus ombros. Senti o seio nu encostado ao seu tórax, a fricção da pele dele sobre a minha era incrível.

Ele posicionou-se entre as minhas pernas e os seus dedos ardentes tocaram-me o corpo todo, como se Rigel quisesse assimilar e tomar para si

cada pormenor meu, inclusive a minha alma. De repente pareceu-me que tudo, no corpo dele, me gritava para lhe tocar.

Insegura, pousei os dedos sobre a sua pele, porque não sabia onde colocar as mãos.

Com lentidão fui traçando os contornos dos braços e das articulações robustas dos ombros. De novo, senti-me pequena, insegura e frágil, mais ainda do que já era.

Contudo, pouco depois, os dorsais das suas costas retesaram-se, e dei-me conta de que aquela reação se devia ao meu toque, ainda que inseguro. Com mais audácia percorri-lhe o peito, acariciando-o até lhe chegar ao pescoço antes de mergulhar os dedos nos seus cabelos.

A boca dele abandonou a minha para empreender uma descida de beijos escaldantes sobre a minha pele. Rigel afundou os lábios na minha barriga, mordendo-a e acariciando-a com a língua, antes de continuar.

Respirei com desespero e apertei os dedos entre os seus caracóis. O meu sangue latejava-lhe debaixo dos lábios como uma louca sinfonia de arrepios.

Beijou-me a parte interior da coxa, a parte mais macia e sensível. Depois levantou-me a perna trémula e prosseguiu aquela tortura até me fazer perder toda a lucidez: mordiscou-me o tornozelo, e os seus olhos negros deslizaram sobre mim, fazendo-me incendiar.

Estava a arquejar ajoelhado em cima do colchão, com os lábios túrgidos e os olhos brilhantes, e aquele espetáculo cortou-me a respiração.

Os ossos da pélvis delineavam-lhe a base do abdómen e o peito amplo aprisionava uma aura sedutora e infernal. Era qualquer coisa de esplêndido e aterrador, no entanto era-me impossível desviar os olhos dele.

As minhas faces estavam a escaldar, e enquanto as minhas pernas estavam fechadas e trêmulas, o meu coração era uma flor aberta e palpitante.

Logo depois as suas mãos chegaram à minha pélvis. A realidade martelava à minha volta, mas nada foi mais concreto do que os seus dedos no rebordo das minhas cuecas.

Com a respiração acelerada, Rigel deteve-se, ergueu os olhos e cravou-os nos meus.

E eu tomei consciência em definitivo do que estava prestes a acontecer.

Era o ponto de não retorno. A fronteira para além da qual não era possível voltar atrás.

Devagar, esperando uma recusa da minha parte, os dedos de Rigel engancharam-se no elástico. Em seguida puxaram-no para baixo.

E eu senti o coração parar de bater.

A respiração cessar.

Todos os meus nervos tomaram consciência do tecido que deslizava pelas minhas pernas até desaparecer.

Arquejei, frágil e extenuada, e os olhos de Rigel desceram até ao ponto que acabava de ficar exposto.

Fechei as coxas. Nunca como nesse momento desejei fugir à condenação do seu olhar. Nunca como nesse momento desejei esconder-me e desaparecer. Tentei enroscar-me sobre mim mesma, mas antes de ter tempo de fazê-lo, os seus dedos deslizaram até ali.

Tocaram-me onde nunca ninguém tinha tocado antes: acariciou a carne dócil e maleável daquele ponto e o gemido de surpresa que emiti impeliu-o a pôr-se de novo em cima de mim. Rigel curvou-se a fim de me sugar um seio, e a reação que me trespassou foi tão intensa que me transtornou.

Estimulou, brincou e massajou, e a minha respiração tornou-se irregular. Achei que ia enlouquecer. Tremi e as minhas faces incendiaram-se. Por um lado desejei que ele parasse porque, por outro, não me sentia capaz de suportar aquele fogo abrasador.

Dei por mim agarrada a ele, incapaz até de falar, e um gemido morreu-me nos lábios.

– Rigel...

Em resposta àquela súplica, os dedos entre as minhas coxas começaram a massajar-me com mais energia e as carícias da sua língua intensificaram-se.

A minha pélvis arqueou-se e os meus olhos arregalaram-se, levando-me a enterrar-lhe as unhas nas costas.

Senti os meus membros vibrarem de forma convulsiva. O quarto começou a girar. As pernas estremeceram e um formigueiro cresceu dentro de mim quase a ponto de me roubar o oxigénio.

Era a sensação mais excruciante do mundo.

Antes que aquela tensão chegasse ao limite, Rigel apartou-se e desviou-se para o lado. Ouvi o restolhar das calças e uma fricção de alguma coisa de plástico, mas estava tão atordoada que nem sequer fui capaz de perceber o que era.

A sua mão fechou-se sobre a minha pélvis, atraindo-me a si. Sobressaltei-me ao sentir o contacto do seu desejo no meio das minhas pernas. Já estava de tal maneira hipersensível que não era preciso muito para começar a tremer.

Agora não havia mais nada a separar-nos. O coração começou a bater descontrolado e com toda a força, e os meus olhos estremeceram.

– Olha para mim – ouvi sussurrar.

Com um soluço cruzei os meus olhos com os dele.

E Rigel fitou-me... fitou-me de um modo que até ao fim nunca compreenderia. Emoções infinitas arderam no seu olhar, e eu persegui-as, uma por uma, até conseguir gravá-las na memória.

Até torná-las minhas.

Única e exclusivamente para mim.

Em seguida, impeliu-se para dentro de mim. Reprimi um gemido de dor e senti os músculos distenderem-se e incendiarem-se. O meu corpo retesou-se e senti uma dor aguda abrir caminho dentro de mim à medida que ele avançava devagar, procurando não me magoar.

Respirei fundo, sentindo uma lágrima escorrer-me ao longo da têmpora. No entanto, Rigel não desviou os olhos dos meus, nem sequer por um momento. As suas pupilas, profundas e dilatadas, permaneceram cravadas nas minhas, como se quisesse esculpir na alma cada uma das *nuances* daquele instante.

Toda e qualquer *nuance* *minha*.

E eu permiti que o fizesse.

Permiti que se apoderasse de tudo.

Tudo o que eu podia dar-lhe.

E por fim encaixámo-nos... como pedaços quebrados de uma única alma.

E pela primeira vez na minha vida, pela primeira vez desde que era apenas uma menina, cada parte de mim pareceu encontrar o seu encaixe adequado.

Sem fissuras nem mossas.

Rigel fundiu-se comigo e a mão dele agarrou-se às minhas costelas como se quisesse alcançar-me o coração. Apoiou a outra mão na cabeceira da cama, inclinou a cabeça e comprimiu a testa de encontro à minha.

Fê-lo porque, talvez, também ele quisesse dizer-me alguma coisa sem necessidade de palavras.

Fê-lo porque, *ainda que nunca tenha tido delicadeza*, estava a escolher dar-me a parte mais suave e terna de si.

E enquanto o mundo se reduzia apenas e só a nós dois, gostaria de lhe ter dito que não importava se por dentro ele era um desastre e uma calamidade, pois com a tinta que me havia transmitido escreveríamos algo que fosse só nosso.

E talvez ele permanecesse inescrutável como a noite, e multifacetado como um dossel de estrelas, mas naquela única canção os nossos corações batiam em uníssono, como um só.

Encontraríamos a maneira.

Juntos.

Encontrá-la-íamos porque, mesmo que não existisse, nós iríamos escrevê-la com aquilo de que dispúnhamos.

Com as nossas almas.

E os nossos corações.

Com melodias secretas e constelações de arrepios.

Com toda a força de um lobo e a delicadeza de uma borboleta.

De mãos dadas...

Até ao fim.

De olhos fechados

*Amo-te como só as estrelas sabem amar:
de longe, em silêncio, sem nunca se extinguírem.*

Nessa noite não tive pesadelos.

Nada de caves.

Nada de correias.

Nada de escadas de caracol rumo à escuridão.

O tempo todo... tive a impressão de sentir um olhar pousado em mim. Só quando os pesadelos bateram à porta dos meus pensamentos é que me pareceu ouvir um gemido escapar-me dos lábios. No entanto, logo depois... desvaneceram-se. Houve algo que me envolveu, afugentando-os, e os meus membros mergulharam no esquecimento, embalados por um calor reconfortante.

Descerrei as pestanas, ligeiramente atordoada.

Não sabia que horas eram. Do lado de fora da janela o céu mostrava-se daquela cor escura e algo ténue que ainda não havia perdido a tonalidade da noite. Ainda deviam faltar algumas horas para o raiar do dia.

A pouco e pouco fui-me situando e foquei-me também no resto. Apercebi-me de que me doíam os ossos da bacia, e de que sentia os músculos das pernas algo rígidos. Mexi as coxas debaixo das cobertas, mas não consegui fazê-lo sem sentir o ligeiro ardor que provinha do baixo-ventre.

Nesse momento, dei-me conta do peso que me aquecia a cintura.

Baixei os olhos. Um pulso bem definido envolvia-me as ancas; observei os seus contornos fortes e angulosos e depois fui subindo até chegar junto do rapaz que se encontrava ao meu lado.

Rigel tinha o outro braço dobrado debaixo do travesseiro, e a sua

respiração era suave, tranquila e regular. As pestanas fechadas faziam realçar as maçãs do rosto elegantes, e os cabelos negros derramavam-se sobre a almofada como seda líquida, macios e algo despenteados. Os lábios estavam inchados e um pouco gretados, mas esplêndidos como de costume.

Sempre tinha adorado vê-lo dormir. Emanava uma beleza surreal. As feições distendidas tornavam-no... encantador e vulnerável.

Senti o coração palpar-me no peito.

Teria acontecido de verdade?

Estiquei uma mão com um ligeiro ruído. Hesitei e, com um gesto cauteloso, toquei-lhe no rosto, sentindo-o tépido sob as pontas dos meus dedos.

Estava mesmo ali.

Tinha de facto acontecido tudo...

Uma felicidade irreprimível encheu-me o coração. Semicerrei as pálpebras, respirando o seu perfume masculino, e depois sem fazer barulho deslizei para a frente, aproximando-me dele.

Com doçura, pousei os lábios nos dele. O estalido lento e ténue daquele beijo ressoou no silêncio. No momento em que voltei a olhar para ele, apercebi-me de que os seus olhos estavam abertos. As íris destacavam-se sob as pestanas escuras, e vi-as cravadas em mim antes mesmo de poder corresponder-lhe, negras e de uma incrível profundidade.

– Acordei-te? – sussurrei, perguntando-me se não teria sido delicada o suficiente.

Os seus olhos permaneceram fixos nos meus, mas Rigel não respondeu. Relaxei apoiada na almofada, desfrutando do olhar dele sobre mim.

– Como te sentes? – perguntou, observando o meu corpo envolto pelo cobertor.

– Bem. – Procurei os seus olhos, enroscada, sentindo a felicidade aquecer-me as faces. – Bem como nunca antes me senti.

A imagem de Anna e de Norman veio-me à ideia e ocorreu-me que seria melhor voltar para o meu quarto.

– Que horas são? – perguntei, mas Rigel pareceu intuir o meu receio.

– Ainda faltam algumas horas até acordarem – pareceu-me ouvi-lo dizer um *podes ficar mais um pouco*, sem necessidade de palavras.

Gostaria que ele tivesse trocado um olhar comigo, mas sentia-me demasiado em paz para me contentar em ter o seu corpo junto ao meu. O cansaço invadia-me a pele, no entanto, depois de um momento indefinido, em vez de fechar os olhos sussurrei de todo o coração:

– Sempre adorei o teu nome.

Não sabia porque é que escolhi esse momento para lho dizer; nunca lho tinha confessado, nem uma única vez. No entanto, agora sentia a minha alma

mais ligada à dele do que nunca.

– Sei que não és da mesma opinião – acrescentei, baixinho, à medida que ele me contemplava de novo. – Sei... o que representa para ti.

O seu olhar estava atento agora; brilhava algo remoto dentro dele, que contemplei sem tentar compreendê-lo.

Falei-lhe com uma voz suave, com sinceridade.

– Não é como tu pensas. Não te liga à tutora – disse-lhe baixinho como um sussurro.

Rigel continuava a contemplar-me os olhos e os lábios, deitado com os cabelos espalhados sobre a almofada. A intimidade daquele discurso reverberou dentro do seu olhar insondável.

– Liga-me a quê? – perguntou com voz rouca e pausada, como se, na realidade, não acreditasse na resposta.

– A nada.

Olhou para mim sem compreender, e eu adocei o olhar.

– Apenas não te liga. És uma estrela do céu, Rigel, e não é possível acorrentar o céu.

Estiquei um dedo na direção dele. Acariciei-lhe a pele dos ombros com a ponta do dedo, e sob os seus olhos... uni um sinal à clavícula, depois um, dois, três pontinhos. Seguiram-se as três estrelas da cintura mais abaixo. Em silêncio, tracei sobre a sua pele a constelação de Oríon.

– O teu nome não é um peso... É especial. Tal como tu, que brilhas apenas para quem sabe para onde olhar. Tal como tu, que és silencioso, profundo e multifacetado como a noite. – Uni a extremidade inferior a um rasto invisível. – Alguma vez pensaste nisso? – Sorri ao proferir aquelas palavras. – Eu tenho o nome de uma borboleta. A criatura mais efêmera do mundo. Mas tu... Tu tens um nome eterno de estrela. És raro. Aqueles como tu brilham com luz própria, ainda que não saibam disso. E o nome Rigel faz de ti... exatamente o que tu és.

O meu dedo deteve-se no seu peitoral, à altura do coração. Nesse ponto específico, na extremidade mais afastada daquela constelação invisível, deveria encontrar-se a estrela que lhe havia dado o nome.

Num restolhar de tecido virei-me a fim de procurar o meu vestido no chão: vasculhei o bolso e virei-me de novo para ele, segurando algo entre os dedos.

Rigel olhou para o pequeno penso rápido cor de violeta que eu tinha na mão. O cansaço envolveu-me os membros, mas antes mesmo de ele poder compreender, abri-o e coloquei-o naquele ponto à altura do coração.

– *Rigel* – sussurrei, apontando para aquele penso rápido, a sua estrela.

Em seguida, peguei num igual, da mesma cor, abri-o e coleí-o sobre o meu coração.

– *Rigel* – completei, apontando para a minha pele.

Pousei a palma da mão sobre ele e senti aquele gesto entrar dentro de mim como uma promessa.

Até mesmo no sono que se apoderava de mim com lentidão, fui capaz de sentir a mão dele apertar o lençol que me envolvia os quadris.

– As estrelas *não* são solitárias. Tu não estás sozinho – sorri-lhe com doçura, fechando os olhos devagar. – Eu trago-te... sempre comigo.

Não esperei que me respondesse.

Mergulhei no sono em paz porque tinha aprendido a respeitar os seus silêncios.

Porque tinha percebido que não devia exigir respostas quando batia à porta da sua alma. Deveria limitar-me a entrar devagar, sentar-me naquele roseiral de cristal e esperar com atenção e paciência.

E desta vez... senti-o, senti o olhar dele cravado em mim.

Acompanhou-me o tempo todo e eu nunca compreendi o *verdadeiro* significado.

Enquanto não chegasse o momento... eu nunca o compreenderia.

Deslizei no calor reconfortante da sua respiração e acabei por adormecer.

Quando acordei, mais tarde... ele não estava ali.

O ar estava tépido nesse fim de tarde.

O vento fazia restolhar as árvores e trazia consigo o odor fresco das nuvens; respirando fundo, achei que poderia elevar-me junto com a brisa e caminhar no céu.

Tinha-se passado apenas uma semana depois daquela manhã.

Os meus passos ressoavam no asfalto do passeio, calmos e moderados; àquela hora não havia ninguém à nossa volta, éramos os únicos.

– Olha – sussurrei num sopro de brisa. A mochila embateu devagar nas minhas costas quando me detive.

O pôr do sol tingia o rio, fazendo-o cintilar como um cofre repleto de minerais; os troços em que estavam a reconstruir a balaustrada encontravam-se delimitados por redes alaranjadas, mas para além delas, ainda assim, era possível avistar as sombras que se alongavam sobre a folhagem. Vista da ponte, a água reluzia com reflexos nítidos e cintilantes.

Rigel, um passo à minha frente, era um perfil esculpido no ar avermelhado. Olhava na direção que eu lhe havia indicado, com os cabelos negros a dançarem-lhe em redor da cabeça. Aquela luz assim tão cálida fazia com que os seus olhos parecessem ainda mais brilhantes.

Voltar para casa depois da escola com ele era agora um dos momentos que eu mais adorava. Não eram ocasiões especiais, mas havia paz no modo como podíamos estar juntos sob os olhares dos outros, sem receio. Encontrávamo-

nos longe o suficiente de tudo e de todos para podermos deixar de lado o mundo por um instante.

– São lindas, não é verdade? Todas aquelas cores – murmurei à medida que a água corria ao longe debaixo de nós, reluzindo com reflexos semelhantes ao mel.

No entanto, eu não estava a olhar para o rio; estava a olhar para ele.

Rigel apercebeu-se disso. Devagar, virou-se para mim.

Cruzou o olhar com o meu, talvez porque também ele tivesse começado a compreender alguma coisa sobre nós, essa coisa que viajava pelos nossos olhares e era invisível à atenção dos outros. Os nossos silêncios possuíam palavras que mais ninguém conseguia ouvir, e era ali que estávamos destinados a encontrar-nos: entre as coisas não ditas.

Esperou que o alcançasse em passo vagaroso, com aquela delicadeza que nunca me faltava quando me aproximava dele. Detive-me a uma distância que poderia ser considerada aceitável; embora não houvesse ninguém por perto, ainda que os operários que trabalhavam nas obras já se tivessem ido embora, estávamos ao ar livre, na rua, e havia limites que não podia esquecer.

– Rigel... Há alguma coisa que te preocupe?

Sustentei o olhar com que me observava e vi dentro dos seus olhos algo que me impeliu a continuar.

– Estás distante. Há já alguns dias que parece haver alguma coisa que te preocupa.

Não, preocupado não era a palavra certa.

Era algo mais profundo.

Era algo que não sabia reconhecer, e esta sensação não me dava paz.

Rigel abanou a cabeça devagar, desviando os olhos de mim. Dirigiu-os para um ponto distante, lá onde o rio se perdia numa faixa indefinida no meio das árvores.

– Não consigo habituar-me – admitiu em voz baixa.

– A quê?

– À tua maneira de ser – respondeu em tom insólito, quase rendido. – De conseguir vislumbrar o que os outros não veem.

– Então é isso? – procurei os seus olhos, intuindo que os meus pressentimentos estavam corretos. – Há algum problema?

Ele calou-se e eu adocei a voz.

– Trata-se do psicólogo... não é verdade? – disse baixinho. – Vi-te a falar com a Anna esta manhã... Lembro-me de que quis falar contigo depois da consulta do outro dia. E anteontem... passaram a tarde inteira fora.

As minhas mãos deslizaram na sua, e os olhos tremelicaram-lhe por um instante antes de se descolarem do horizonte e baixarem, concentrando-se naquele gesto.

– Rigel – tentei dizer com suavidade. – Queres contar-me o que está a acontecer?

Devagar... as suas pupilas subiram até me fitar.

Rigel olhou para mim ainda com aquela expressão. A mesma expressão que exibia desde aquela manhã há uma semana, como uma nódoa que nada conseguia eliminar.

De repente, sucedeu algo perturbador. Nunca poderia esperar.

Por um momento que me deixou confusa e sem fôlego, as defesas nos olhos de Rigel desmoronaram todas ao mesmo tempo e o que daí resultou foi uma vaga de sentimentos que me arrastou como um maremoto.

Remorso, desespero e um calor incontrolável explodiram-lhe no olhar, e eu tremi com os olhos esbugalhados, acometida por emoções tão fortes que me senti privada de forças para permanecer de pé.

O meu coração ficou dilacerado, devastado, e eu dei meio passo à retaguarda.

– Rigel... – sussurrei num fio de voz.

Estava incrédula, mas não entendia o que tinha acabado de acontecer. No entanto, antes de poder fazer alguma coisa, ele inclinou-se sobre mim a fim de me depositar um beijo demorado na comissura dos lábios.

Quando se apartou de mim, voltei a procurá-lo com as pupilas desconcertadas e angustiadas, confusa com aquela tempestade de emoções e aniquilada com aquele gesto tão imprudente.

O que é que significava?

Estava a ponto de lhe perguntar, e eis senão quando vi o mundo ruir.

Os meus olhos desviaram-se para lá dos seus ombros. *E vi-o.*

A poucos metros de nós, um vulto destacava-se por entre os uivos do vento.

Um rosto que nos fitava. Um olhar imóvel.

Mas não era um rosto qualquer.

Não.

Lionel.

O meu coração afundou-se com um soluço mudo. No grito dos meus olhos arregalados, Rigel não pôde deixar de se virar para trás e o seu olhar ensombrou-se por completo quando se fincou no rapaz que se encontrava atrás de si.

Lionel trazia um lindíssimo ramo de flores, idêntico aos que abarrotavam a nossa casa. No seu olhar confuso e transtornado vi repetir-se cada sequência do que tinha acontecido. Do que era a realidade.

Os meus dedos entrelaçados nos de Rigel. A intimidade das nossas respirações. A proximidade dos nossos corpos. *Os lábios dele na comissura dos meus.*

Depois de tantas semanas, depois de todo aquele tempo... bastou apenas aquele instante.

Apenas aquele instante.

E então compreendeu.

Compreendeu, e compreender foi para ele como cair e estatelar-se no gelo.

Lionel olhou para mim sob uma luz diferente, e o seu olhar queimou com milhares de cambiantes: espanto, incredulidade, derrota e devastação.

Devagar, baixou o braço que segurava as flores. Depois, como um ácido derramado, os seus olhos deslizaram rancorosos sobre Rigel.

– Tu... – sibilou com uma voz que reconheci a custo. O ramo tremeu-lhe na mão e uma fúria antinatural afilou-lhe as feições. – Conseguiste, por fim. Conseguiste pôr-lhe em cima as tuas mãos *nojentas*.

– Lionel – esforcei-me por balbuciar, mas de repente Rigel interrompeu-me.

– *Oh*, se não é mais um ramo de flores – insinuou em tom mordaz. – *Que originalidade*. Podes deixá-lo debaixo do alpendre, mais tarde alguém há de dar-se ao trabalho de levá-lo para dentro de casa.

Na voz brilhou-lhe uma raiva excessiva, reprimida, e os olhos de Lionel cuspiam fogo. Foi ao seu encontro em passo ligeiro, devorando o asfalto.

– Sempre foste um *monte de merda* – acusou-o com a garganta a adquirir um perigoso tom violáceo. – Desde o primeiro momento percebi que não passavas de um sacana arrogante! Tinhas de lhe pôr em cima essas mãos malditas, *não é verdade?* Tinhas de lhas pôr em cima, caso contrário não terias sido coerente com o *filho da puta que és!*

– Talvez ela quisesse *estas mãos malditas em cima* – repisou Rigel, cerrando os lábios num sorriso cruel. – Mais do que desejava *as tuas*.

– Rigel! – implorei com os olhos arregalados, mas Lionel avançou e berrou-lhe a um palmo de distância da cara:

– Estás contente, agora? *Hã?* – A voz dele ardia de tensão nervosa. – Estás contente agora que lhe saltaste para cima? Estás satisfeito? Tu não mereces uma rapariga como ela!

Um terramoto medonho eclodiu com toda a sua força nos olhos de Rigel, queimando como uma ferida.

– *Tu* – cuspiu com uma fúria monstruosa –, *tu* é que não mereces uma rapariga como ela.

– Metes-me *nojo*. – Lionel fitou-o com raiva e ressentimento, quando eu tentei acalmá-lo, os seus olhos queimaram-me também a mim. – Metem-me nojo os dois! Acham que se vão safar desta? Acham mesmo? Pois então, enganaram-se redondamente. O vosso teatrinho imundo acaba aqui. – Os olhos de Lionel dispararam de novo que nem flechas na direção de Rigel, repletos de desprezo. – Vou contar a toda a gente. Todos vão saber o que vocês

fazem naquela casa, o *raio* de família que são, todos! Depois veremos o que as pessoas têm a dizer.

Arregalei os olhos, sentindo o pânico apertar-me a garganta.

– Lionel, por favor...

– *Não* – cuspiu, vingativo.

– Imploro-te, precisas de compreender!

– Já compreendi o suficiente! – bufou com repulsa. – Está tudo muito claro.

Tão claro que me dá vontade de vomitar – resmungou entre dentes. – Escolheste comer o teu irmão adotivo, Nica. Parabéns. Escolheste deixar-te tocar por ele, um sacana doente que vive contigo e que só deveria ver-te como uma irmã. Uma irmã, tens noção disso? Tudo isto é uma indecência!

– Oferece-me uma bela caixa de bombons, primeiro – disparou Rigel, cortante. – Assim poderemos fazer *as pazes*.

Lionel atirou-se a ele no espaço de um segundo.

Tudo sucedeu de súbito, as flores caíram no chão, a violência explodiu monstruosa. Chapadas, socos e grunhidos encheram o ar e o horror fez-me esbugalhar os olhos.

– Não! – berrei com os lábios trémulos. – Não!

Num impulso tresloucado lancei-me sobre eles a fim de tentar travá-los. As minhas mãos arranharam-lhes os braços, o pânico insuflou-me a voz.

– Parem com isso! Suplico-vos, não! Bast...

As palavras morreram-me na boca. A minha cabeça foi arremessada para o lado e os cabelos fustigaram-me o rosto: o mundo rodopiou com uma violência nauseabunda antes de me estatelar no chão.

O impacto de encontro ao asfalto arrebatou-me o fôlego dos pulmões. Senti a face arranhar e um ardor picou-me o olho direito, obrigando-o a fechar-se. Por um instante em que não entendi nada, uma dor surda latejou-me no meio das têmporas como um tambor.

Soergui-me, apoiando-me nos pulsos, atordoada, e o sabor ferroso do sangue impregnou-me a língua. As pálpebras ardiam-me. Com olhos aquosos e trémulos ergui o rosto na direção do autor da pancada.

Lionel estava a olhar para mim com uma expressão devastada. O seu olhar de consternação albergava um sentimento de puro horror.

– Nica, não... – balbuciou, engolindo em seco, arrasado. – Juro, não queria...

Lionel não viu Rigel imóvel, com os cabelos negros a cobrir-lhe o rosto, não viu a sua cara virada para o lado, na minha direção, como se tivesse sido ele a atingir-me.

Não viu os olhos frios como gelo, nem as pupilas finas como agulhas a olhar para o lado com uma incredulidade brutal.

Não viu nada disso.

Não...

Viu apenas o lampejo das suas íris negras, incendiárias, que dispararam sobre si como uma flecha e rasgaram o ar com raiva.

Rigel agarrou-o pelos cabelos e bateu-lhe com tanta força que lhe cortou o lábio com precisão. Um gemido de dor irrompeu-lhe da boca ao mesmo tempo que uma chuva de socos se derramava sobre ele: massacrou-o com uma fúria cega, esmagando-o, vergando-o, moendo-o de pancada, e Lionel reagiu tentando bater-lhe de qualquer maneira. Conseguiu arranhar-lhe a cara e a ferocidade dos gestos de ambos degenerou a ponto de se tornar insuportável.

– Imploro-vos! BASTA! – as lágrimas arderam-me os olhos. – *Imploro-vos!*

Um soco atingiu Rigel na têmpora, abrindo-lhe o sobrolho. Os seus olhos sumiram após aquele ataque desarticulado e eu comecei a tremer como varas verdes.

– Não!

Com os joelhos a arder, pus-me de pé e precipitei-me sobre eles.

Tinha acabado de cair por terra pelo mesmo motivo, no entanto nem mesmo o sabor do sangue foi suficiente para me deter.

Não bastou a dor na cara. Nem o golpe que me derrubou.

Não bastou o medo nem tão-pouco o nó que sentia na garganta.

Não bastou nada de tudo aquilo *porque...*

Porque eu, até ao fim... possuía dentro de mim um coração de mariposa noturna. E sempre o possuiria.

Porque queimar-me era da minha natureza, tal como Rigel tinha dito. E não compreenderia as repercussões do meu gesto a não ser quando já fosse tarde de mais.

Por entre as lágrimas que me toldavam a vista lancei-me sobre eles, agarrando tudo o que podia. Apertei pulsos e braços sem sequer saber a quem pertenciam, e levei vários encontrões enquanto me aferrava, arranhava e implorava sem cessar.

– Basta! Rigel, Lionel, *basta!*

Aconteceu tudo demasiado depressa.

Um empurrão apanhou-me desprevenida. O meu corpo foi projetado para trás. Os meus pés tropeçaram e devido à violência fui embater em qualquer coisa que se desmanchou debaixo do meu impacto.

Um rangido terrível vibrou no ar, um som que fez o tempo parar.

Sob o meu peso imprevisto a rede alaranjada que substituíra a balaustrada cedeu.

Arregalei os olhos, incapaz de perceber o que estava a acontecer na realidade. Tentei agarrar-me a alguma coisa, impelir-me para a frente, mas o peso da mochila enganchada aos meus ombros arrastou-me para trás e o meu corpo desequilibrou-se.

No grito mudo dos meus olhos esbugalhados consegui distinguir, como que em câmara lenta, o rosto de Rigel.

Vi-o virar-se com os cabelos a fustigarem-lhe a pele.

Tinha o olhar dilacerado, impregnado de um terror cego que nunca lhe tinha visto.

Ele foi o meu único ponto de apoio num mundo que estava a ruir.

Numa sequência excruciante de instantes, vi o seu corpo ganhar balanço e esticar-se na direção do meu. O braço dele retesou-se quase até se dilacerar e a sua sombra engoliu-me no momento em que eu mergulhava no nada.

Rigel agarrou-me *in extremis* e o ar gritou de forma monstruosa em queda livre, uma criatura estridente que me arrancou as lágrimas dos olhos.

Enquanto caíamos daquela altura vertiginosa, enquanto o seu corpo se interpunha debaixo do meu, fechando-me os braços ao seu redor até me servir de escudo, não fui capaz de sentir mais nada a não ser a incredulidade da morte.

E ele.

A pressão das suas mãos, que me estreitaram junto ao peito com força, quase até me fundir com os batimentos do seu coração.

Antes do impacto nos engolir num negrume violento, antes de tudo se estatelar no gelo, vislumbrei os seus lábios junto do meu ouvido.

O som da sua voz foi a última coisa que consegui ouvir.

A última... antes do fim.

Por entre os uivos do vento... no mundo que se apagava de forma trágica à nossa volta, antes da escuridão nos anular aos dois, ouvi apenas a voz dele sussurrar com fragilidade:

– *Amo-te.*

As estrelas são solitárias

Todos acreditam que a morte é uma dor inaceitável.

Um vazio súbito e violento... Uma fatalidade em que tudo se transforma em nada.

Não sabem o quanto estão enganados.

A morte... não é nada disso.

É a paz por excelência.

O fim de todos os sentidos.

A anulação de todos os pensamentos.

Eu nunca antes tinha pensado no que significava deixar de existir. No entanto, se havia uma coisa que havia aprendido... era que a morte não se deixa ludibriar sem exigir um compromisso em troca.

Eu já tinha roçado nela uma vez naquele acidente, quando tinha apenas cinco anos.

Deixou-me ir, mas em contrapartida levou a minha mãe e o meu pai.

Não iria poupar-me. Não desta vez.

Encontrava-me de novo ali, na balança oposta à vida.

E do outro lado havia um preço que *nunca* estaria em condições de pagar.

Ouvia-se um som agudo.

Era a única coisa que conseguia discernir.

Devagar, do nada emergiu também outra coisa. Um odor assético e pungente.

À medida que se intensificava, comecei a distinguir os contornos do meu corpo.

Estava deitada.

Tudo pesava com tanta força que parecia que me tinham pregado. A quê, ainda não havia sido capaz de perceber. Poucos instantes depois, dei-me conta de que havia alguma coisa que estava a morder-me um dedo.

Tentei abrir os olhos, mas as pálpebras estavam pesadas como pedregulhos.

Depois de inúmeras tentativas, fui capaz de encontrar em mim as energias

necessárias para levar a cabo esse esforço.

A luz penetrou subtil e feroz como uma lâmina, ferindo-me a vista até me obrigar a fechar as pálpebras. Assim que me senti capaz de combater aquela intensidade, o que consegui ver foi apenas... branco.

Foquei-me no meu braço estendido em cima de uma manta imaculada. No dedo indicador, uma espécie de grampo apertava-me a ponta do dedo e pulsava com os meus batimentos cardíacos.

O odor a desinfetante, agora, era tão forte a ponto de me agoniar. Sentia-me fraca e atordoada. Tentei mexer-me, mas foi impossível.

O que é que estava a acontecer?

Distingui o vulto de um homem sentado numa cadeira junto à parede. Fitei-o por entre as pestanas, e só passados alguns instantes é que encontrei a força precisa para abrir os lábios.

– Norman... – consegui proferir a custo.

Foi um silvo quase impercetível, no entanto Norman sobressaltou-se: ergueu os olhos, pousando-os em mim, e depois pôs-se de pé num pulo, como se fosse uma mola, entornando no chão o copo de plástico que continha o café. Precipitou-se de imediato na direção da minha cama, tropeçando nos próprios pés, e fitou-me, olhos nos olhos, com tamanha emoção, ficando com o rosto violáceo. Logo depois deu meia-volta a fim de chegar à soleira da porta.

– Senhora enfermeira! – gritou. – Chame o médico, rápido! Ela acordou, está consciente! E a minha mulher... Anna! Anna, vem cá, ela acordou!

Passos apressados ressoaram no ar. Num piscar de olhos, o quarto foi invadido pelos enfermeiros, mas antes de qualquer outra coisa uma figura de mulher surgiu na ombreira da porta: agarrou-se ao batente e arregalou as pálpebras com tanta emoção que as lágrimas lhe afloraram desenfreadas aos olhos.

– Nica!

Anna abriu caminho no meio das pessoas e chegou ao pé de mim, agarrando-se com unhas e dentes ao meu cobertor. Os seus olhos dilatados fitaram de maneira febril o meu rosto ao mesmo tempo que um desespero inconsolável lhe distorcia a voz.

– Oh, meu Deus, obrigada... *Obrigada...* – pousou-me uma mão em concha na cabeça com gestos trémulos, como se estivesse com medo de me quebrar, e o choro inundou-lhe as feições avermelhadas.

Até mesmo com os sentidos vagarosos e embotados percebi que nunca a tinha visto com o rosto assim tão transtornado.

– Oh, querida – acariciou-me a pele. – Está tudo bem...

– Minha senhora, o doutor está a chegar – comunicou-lhe uma enfermeira, antes de me soerguer um pouco na almofada com gestos experientes.

– Estás a ouvir-me, Nica? – perguntou-me a mulher com voz clara. –

Consegues ver-me?

Eu assenti devagar, enquanto ela ajustava o soro e me verificava os sinais vitais.

– Não, não, devagar – sussurrou Anna, quando tentei mexer o braço esquerdo.

Só naquele momento é que me apercebi do quanto me fazia doer cada movimento que efetuava: uma ferroadada atroz trespassou-me o tórax e houve alguma coisa que me impediu de concluir aquele gesto.

Não, qualquer coisa não... Uma ligadura.

Tinha o braço dobrado de encontro ao peito e enfaixado até ao ombro.

– Não, Nica, não lhe toques – advertiu-me Anna, quando tentei esfregar um olho que ardia de forma tremenda. – Rompeste um vaso capilar, tens o olho vermelho... Como sentes o tórax? Custa-te respirar? Oh, doutor Robertson!

Um homem alto e grisalho, com uma barba curta e bem cuidada e uma camisa de um branco imaculado, chegou junto da minha cama.

– Há quanto tempo é que ela está consciente?

– Há poucos minutos – respondeu uma enfermeira. – Os batimentos cardíacos são regulares.

– Tensão arterial?

– Sistólica e diastólica normais.

Não estava a perceber nada. Até mesmo os meus pensamentos estavam mudos e desorientados.

– Olá, Nica – disse-me o homem com voz límpida e cautelosa. – Eu sou o doutor Lance Robertson, médico do hospital Saint Mary O’Valley e o chefe deste serviço. Agora vou examinar as tuas reações aos estímulos. É possível que sintas algumas tonturas e náuseas, mas tudo isso é normal. Fica calma, está bem?

O encosto da cama começou a reclinar-se.

Assim que senti o peso da cabeça sobre os ombros, uma tontura lancinante fez-me revirar as entranhas: uma ânsia de vômito contraiu-me o estômago e inclinei-me para a frente, mas do meu corpo vazio saiu apenas uma tosse forçada e ardente que me fez vir as lágrimas aos olhos.

De imediato, Anna correu a ajudar-me, afastando-me os cabelos da cara. Agarrei-me às cobertas quando outro arranque me esmagou o abdómen com raiva, retorcendo o meu corpo frágil até ao limite das minhas forças.

– Está tudo bem. São reações normais – tranquilizou-me o médico, segurando-me os ombros. – Não precisas de te assustar. Agora vou pôr-me aqui... Consegues voltar-te sem mexer as pernas?

Sentia-me demasiado atordoada para perceber o que ele pretendia dizer. Só naquele momento é que me apercebi da estranha sensibilidade que sentia num

dos pés, como se tivesse alguma coisa inchada. No entanto, ele já me tinha endireitado o queixo com um dedo.

– Agora segue o meu dedo indicador.

Apontou-me uma luzinha a um olho, mas quando fez o mesmo com o outro, o ardor incomodou-me tanto que tive de o fechar. O doutor Robertson disse-me que estava tudo bem, e eu esforcei-me naquele exercício até o médico me parecer satisfeito.

Apagou a luzinha e inclinou-se sobre mim.

– Quantos anos tens, Nica? – perguntou-me, fitando-me olhos nos olhos.

– Dezassete – respondi em voz baixa.

– Em que dia é que nasceste?

– No dia dezasseis de abril.

O médico examinou a minha ficha, e depois voltou a olhar para mim com atenção.

– E esta senhora – disse, apontando para Anna –, sabes dizer-me quem é?

– É... a Anna. Ela é a minha mãe... Isto é... a minha futura mãe adotiva – balbuciei, e os olhos de Anna semicerraram-se de ternura. Ajeitou-me o cabelo para trás das costas, acariciando-me as têmporas como se fosse a coisa mais frágil e preciosa do mundo.

– Muito bem – concordou o médico. – Não há nenhum trauma a nível psicológico. Está tudo bem – declarou, restabelecendo o alívio geral.

– O que foi... que aconteceu? – perguntei por fim.

Em algum lugar da minha consciência eu sabia, porque o meu corpo era um desastre estropiado e tudo se concentrava ali, numa confusão violenta. No entanto, ao mesmo tempo que as lágrimas me contraíam a garganta, tive dificuldade em encontrar a resposta. Cruzei o meu olhar com o de Anna e assimilei aquele tormento angustiado que lhe percorria o rosto.

– A ponte, Nica – ajudou-me a recordar. – A rede das obras rasgou-se e tu... tu caíste... ao rio... – disse com esforço, arrasada. – Alguém viu, e chamou logo uma ambulância... O hospital avisou-nos...

– Tens duas costelas rachadas – interveio o médico. – E quando te trouxeram para cá, tinhas o ombro deslocado. Voltámos a pô-lo no lugar, mas vais precisar de ficar com a tala durante pelo menos três semanas. Também tens uma entorse no tornozelo – acrescentou –, decerto devido ao ressalto do impacto. Tendo em conta tudo o que passaste, saíste praticamente ilesa.

Hesitou muito sério.

– Não creio que te tenhas dado conta da sorte que tiveste – acrescentou, mas eu já não estava a ouvi-lo.

Uma sensação de terror cortava-me a respiração.

– Aquele rapaz também se encontrava contigo – prosseguiu Anna. – O Lionel... Lembras-te? Ele também está aqui. Foi ele quem deu o alarme, a

polícia fez-lhe algumas perguntas, mas queriam saber...

– *Onde é que está?*

Ela sobressaltou-se.

Os batimentos do meu coração latejavam-me na garganta com tanta força que me sufocavam.

Ao ver-me assim, Anna quase desmoronou.

– Está na sala de espera, mesmo aqui defronte...

– Anna – supliquei, trémula. – Onde é que ele está?

– Já te disse, está aqui for...

– *Onde é que está o Rigel?*

Ao ouvir aquela pergunta, todos olharam para mim.

Nos olhos de Anna, vi uma angústia que nunca serei capaz de expressar por palavras.

Norman apertou-lhe uma mão. Passado um momento que me pareceu interminável, agarrou na cortina ao lado da minha cama... e depois abriu-a.

Ao meu lado, o corpo destroçado de um rapaz jazia imóvel.

Fui acometida por uma vertigem violenta e agarrei-me à grade da cama para não me despedaçar.

Era Rigel.

O rosto descaía-lhe para o lado sobre a almofada. Os hematomas devoravam-lhe a pele e a cabeça estava enfaixada por um número desproporcionado de gazes, de onde se destacavam madeixas de cabelos negros. Os ombros estavam imobilizados por uma única e complicada ligadura e tinha dois tubos de plástico inseridos nas narinas, auxiliando o fornecimento de oxigénio aos pulmões. Mas o que me arrasou mais do que tudo foi ver que respirava tão devagar que parecia inerte.

Não.

Uma ânsia de vômito voltou a contrair-me a garganta, provocando-me uma descarga de gelo ao longo dos ossos.

– Gostaria de dizer que teve a mesma sorte que tu – sussurrou o médico. – Mas infelizmente não foi assim. Tem duas costelas partidas e três rachadas. A clavícula está fraturada em vários sítios, e apresenta uma ligeira lesão no osso ilíaco da bacia. Mas... o problema é a cabeça. O traumatismo craniano fez-lhe perder uma quantidade substancial de sangue. Julgamos que...

O médico interrompeu-se quando a enfermeira o chamou da porta. Pediu que o desculpássemos por um momento e afastou-se, mas eu nem sequer o vi. Do meu olhar fixo em Rigel desprendia-se uma devastação surda que o meu coração não era capaz de suportar.

O seu corpo... Tinha-me protegido com o seu corpo...

– Senhores Milligan – chamou o doutor Robertson, segurando na mão alguns documentos. – Podem chegar aqui um momento?

– O que foi que aconteceu? – perguntou Anna.

Ele olhou para ela de um modo que não soube como definir. E ela... pareceu compreender tudo de imediato. De repente, os olhos que eu tinha aprendido a amar arregalaram-se de desespero.

– Senhores Milligan, chegou. A confirmação do Centro de Serviços Sociais...

– Não – Anna abanou a cabeça, afastando-se de Norman. – Imploro-lhe, não...

– Este é um hospital particular, como sabem... E ele...

– Suplico-lhe – implorou Anna com lágrimas nos olhos, segurando-o pela bata. – Não o transfiram. Por favor, esta é a melhor clínica da cidade, não podem mandá-lo embora! Suplico-lhe!

– Lamento – respondeu o médico, com pesar. – Não depende de mim. Temos indicação de que a senhora e o seu marido já não são os responsáveis legais pelo rapaz.

O meu cérebro demorou um momento a processar aquelas informações.

O quê?

– Pagarei tudo! – Anna abanou a cabeça de maneira febril. – Pagaremos nós o internamento, os tratamentos, tudo aquilo de que ele precisar... Não o mande embora...

– Anna – sussurrei, arrasada.

Ela apertou a bata do médico, implorando-lhe.

– *Imploro-lhe...*

– Anna... O que é que ele está a dizer?

Ela estremeceu. Passados alguns momentos, como que acolhendo dentro de si uma derrota dolorosa, vi-a baixar a cabeça devagar. Em seguida, virou-se para mim.

No momento em que vi os seus olhos desfeitos, o abismo dentro de mim aumentou.

– Foi um pedido dele – confessou com uma dor palpável. – Uma vontade dele... Mostrou-se irredutível. Na semana passada... pediu-me para interromper os trâmites do processo de adoção. – Anna engoliu em seco, abanando a cabeça devagar. – Concluímos todo o processo nos últimos dias. Ele... não queria mais ficar connosco.

O mundo encontrava-se reduzido a uma pulsação sufocante e eu nem sequer me tinha apercebido disso. No meu coração, um vazio surdo estava a fazer com que todas as coisas deixassem de ter sentido.

O que é que ela estava a dizer?

Não era possível. Na semana passada nós...

Um pressentimento oprimiu-me o peito, consternando-me.

Será que tinha feito esse pedido depois de termos ficado juntos?

«Nunca serás feliz assim.»

Não.

Não, ele tinha compreendido, eu tinha-lhe explicado.

Não, tínhamos derrubado os nossos muros e olhámos dentro de nós pela primeira vez, e ele tinha compreendido, *tinha compreendido...*

Não podia tê-lo feito. Renunciar a uma família, voltar a ser órfão...

Rigel sabia, sabia que os rapazes devolvidos não permaneciam no Grave. Eram considerados problemáticos, e como tal eram reencaminhados para longe, para outras instituições. E eu nunca saberia para onde o haviam enviado por questões de confidencialidade. Nunca mais o encontraria.

Porquê? Porque é que não me tinha dito nada?

– Agradeço-lhe a confiança na nossa clínica – disse o doutor Robertson a Anna. – Contudo, senhores Milligan... devo ser sincero e informar-vos de que a situação em que se encontra o rapaz é crítica. A lesão cerebral traumática é profunda, e Rigel está perigosamente perto do que é definido como... terceiro estágio do coma. Também se conhece como coma profundo. E, de momento... – hesitou, procurando as palavras. – As expectativas de que haja remissão são remotas. Talvez, se fosse um rapaz como os outros, o quadro clínico não fosse assim tão grave, mas... devido à sua condição...

– Condição? – sussurrei num frágil fio de voz. – Que condição?

Anna esbugalhou os olhos, virando-se para mim. Mas o que mais me chocou não foi vê-la calar-se daquela maneira tão derrotada, mas sim o olhar do médico, que me fitou como se eu nem sequer conhecesse o rapaz que se encontrava ao meu lado.

– O Rigel padece de uma patologia rara – disse o doutor Robertson. – Uma síndrome crónica que com o tempo se foi atenuando. Trata-se de um distúrbio neuropático que se manifesta com crises de dores no quinto nervo craniano. Em especial... nas têmporas e nos olhos. É congénito, ou seja, nasceu assim, mas com o tempo aprende-se de alguma maneira a conviver com isso... Infelizmente, não existe cura, mas os analgésicos podem controlar a dor e com o passar dos anos ajudar a reduzir a manifestação das crises.

O tempo neste momento continuava a decorrer, mas eu não existia mais.

Já não me encontrava ali. Não estava naquele quarto.

Estava fora daquela realidade.

No grito incrédulo da minha alma, senti apenas o meu olhar deslizar devagar e pousar em Anna.

E não foi preciso mais nada: ela ficou destroçada e desmoronou na frente dos meus olhos.

– Lamento, Nica! – explodiu em lágrimas. – Lamento... Ele... Ele não queria que ninguém soubesse... Fez-nos prometer que não te contaríamos nada... desde o dia em que chegou... Fez-nos jurar... A senhora Fridge tinha-

nos informado, mas o Rigel fez-nos prometer... – cerrou os olhos, soluçando.
– Não pude dizer-lhe que não... Não pude... Lamento...

Não.

Um estrondo ensurdecedor tremia dentro de mim.

Não era real.

– Quando o encontraste caído no chão na noite em que nos ausentámos, apanhei um susto de morte... Pensava que tinha tido uma crise e que tivesse perdido os sentidos...

Não.

– Falei com o psicólogo sobre a condição dele, para o ajudar... Ele deve ter-lhe falado nisso e o Rigel reagiu mal...

– Não – foi o silvo que saiu disparado dos meus lábios. A náusea martelava-me nas têmporas e eu não conseguia sentir mais nada.

Não era verdade. Se ele estivesse doente, eu saberia. Conhecia o Rigel a vida toda. *Não era verdade...*

Uma recordação rastejou por mim de forma traiçoeira.

Ele sentado na cama. O olhar que me havia dirigido naquela noite, quando me tinha dito: «Há qualquer coisa quebrada em mim... que nunca se curará.»

E o mundo explodiu. Senti-me despedaçar ao mesmo tempo que cada peça voltava por fim ao seu lugar.

As constantes dores de cabeça.

A apreensão exagerada de Anna quando ele tinha febre.

Aquela cumplicidade entre eles que eu nunca entendi.

Rigel na noite do seu aniversário, no quarto, com os dedos nos cabelos e as pupilas dilatadas.

Rigel que cerrava os punhos, que fechava de repente as pálpebras, afastando-se de mim.

Rigel no corredor, de costas. Aquele «*Queres consertar-me?*» rosnado como uma fera ferida.

Tentei opor-me àquela invasão, repeli-la e afugentá-la, mas aferrou-se às minhas costelas, toldando-me a vista. Com uma força cruel introduzi na cabeça a última peça.

Rigel no Grave, quando éramos pequenos.

Aqueles pequenos caramelos brancos que a tutora só lhe dava a ele.

Não eram caramelos.

Eram medicamentos.

A minha garganta contraiu-se com brusquidão. Ouvi com dificuldade o médico, quando este recomeçou a falar.

– Quando os indivíduos com uma psique mais frágil do que os outros sofrem traumas deste género, o cérebro tem tendência a proteger o organismo. Os estados de inconsciência em que mergulham, na maior parte dos casos,

degeneraram em... coma irreversível.

– Não – balbuciei, engolindo em seco. O meu corpo tremia com violência e todos se viraram na minha direção.

Ele tinha-se atirado daquela ponte por minha causa.

Para me salvar.

Por mim.

– Nica...

– Não...

Outra ânsia de vômito dobrou-me para a frente e desta vez os sucos gástricos arderam-me a garganta, corroendo o que restava do meu corpo.

Alguém veio amparar-me, mas sobressaltou-se quando as minhas mãos o empurraram.

A dor devastou-me como uma loucura e eu perdi o último resquício que me ancorava à realidade.

– Não! – gritei, começando a agitar-me. As lágrimas devoraram-me os olhos e eu precipitei-me na direção dele, tentando alcançá-lo. Aquele não podia ser o fim, nós devíamos ficar juntos. *Juntos*, berrou a minha alma, contorcendo-se sobre si mesma. Algumas vozes tentaram acalmar-me, mas a devastação dentro de mim era tão violenta que me cegava.

– Nica!

– Não!

Repeli os braços de Norman e num impulso afastei as cobertas. O apito do monitor intensificou-se de forma alarmante, as costelas rachadas latejaram e o ar encheu-se de gritos e de pânico. Tentaram conter-me, mas eu contorci-me com todas as forças que possuía e a minha voz derramou-se pelas paredes do quarto.

A cama estremeceu debaixo do estrépito das grades metálicas.

Sacudi o braço e a agulha do soro foi arrancada com uma picada abrasadora à medida que eu me debatia, esperneava e arranhava o ar de maneira febril.

Um as mãos agarraram-me os pulsos, tentando imobilizar-me – e na loucura da dor transformaram-se em *correias de couro no interior de uma cave escura*. O terror explodiu e a angústia precipitou-me de novo nos meus pesadelos.

– Não!

As minhas costas arquearam-se e os pensos rápidos dilaceraram o vazio.

– Não! Não! Não!

Senti uma picada aguda no antebraço, e entrechoquei os dentes com tanta força que o sabor do sangue me encheu a boca.

O esquecimento engoliu-me.

E na escuridão sonhei apenas negro, um céu sem estrelas e olhos de lobo

que nunca mais voltariam a abrir-se.

– Sofreu um choque. Muitos pacientes têm um colapso nervoso, é uma coisa que pode acontecer... Sei que aquilo que presenciaram vos perturbou, mas agora deve ficar mais calma. Só precisa de repousar.

– O senhor não sabe como é – a voz de Anna estava abalada pela angústia. – Não sabe como ela é. Se conhecesse a Nica, não diria que é normal. – Depois, com um soluço acrescentou: – Nunca a vi assim.

As suas vozes esmoreceram em universos longínquos.

Mergulhei de novo num sono denso e artificial, e o tempo perdeu-se comigo.

Quando reabri os olhos, não fazia ideia de que horas seriam.

A cabeça pesava-me de uma maneira indescritível, e uma dor subtil picava-me a parte de trás dos olhos. Abri as pálpebras inchadas, e a primeira coisa que reparei foi num reflexo dourado.

Não se tratava do reflexo do sol. Eram cabelos.

– Ei... – sussurrou Adeline, quando consegui focar a vista; estava a apertar-me a mão e os seus belos lábios estavam arruinados pelo choro. Usava uma trança, como quando nos encontrávamos no Grave. Sempre tinha gostado de Adeline porque ela, ao contrário de mim, resplandecia inclusive entre aquelas paredes tão cinzentas.

– Como... como te sentes? – A perturbação do seu rosto era evidente, mas possuía sempre aquela doçura com que tentava tranquilizar-me a despeito da dor que sentia. – Há aqui água, se quiseres... Apetece-te beber um gole?

Sentia na boca o sabor da bÍlis, mas permaneci imóvel, muda e vazia. Adeline cerrou os lábios, depois enfiou com delicadeza a mão na minha.

– Está aqui, espera... – Inclinou-se na direção da minha mesinha de cabeceira e, naquele momento, dei-me conta do segundo copo ao lado da minha cama.

Alguém tinha posto lá dentro uma pequena flor, um dente-de-leão.

Era como as que eu costumava colher quando era pequena, no pátio do orfanato, depois soprava-lhes e formulava o desejo de me ir embora para viver o conto de fadas com que sempre havia sonhado.

Eu sabia... Tinha sido ela quem trouxera a flor.

Adeline reclinou-me a cabeceira da cama para me ajudar a beber. Pousou de novo o copo em cima da mesa e houve algo nela que se despedaçou ao ver-me assim tão indefesa. Ajeitou-me o cobertor e o seu olhar recaiu sobre o meu braço, onde se destacava o arranhão que a agulha me havia deixado quando foi arrancada. Nesse momento, os olhos dela encheram-se de lágrimas.

– Queriam amarrar-te os pulsos – sussurrou. – Para impedir que voltasses

a agitar-te e para que não te magoasses... Pedi-lhes que não o fizessem. Sei o que isso te faz lembrar... A Anna também se opôs.

Adeline ergueu o rosto, extravasando a sua dor com os olhos marejados de lágrimas.

– Não vão transferi-lo.

Desatou a chorar com um soluço rouco e abraçou-me. Pela primeira vez na vida desde que comecei a ansiar por afeto humano, permaneci inerte como uma boneca de trapos.

– Eu também não sabia – confessou, estreitando-me quase até me magoar.

– Não tinha conhecimento da doença... Acredita em mim...

Deixei que as lágrimas lhe esgotassem o fôlego. Deixei que tremesse sobre mim, que arranhasse e que soluçasse, deixei que sangrasse tal como ela sempre havia feito comigo. E enquanto aquele corpo desabava de encontro ao meu peito extenuado, perguntei-me se a dor que ambas sentíamos não seria exatamente a mesma.

Só passado um bocado é que pareceu recuperar a força suficiente para me saltar. Endireitou os ombros, mas permaneceu de cabeça baixa, como se, a despeito do sofrimento, ainda procurasse ser para mim um ponto de referência a quem pudesse agarrar-me.

– Nica... Há uma coisa que nunca te contei.

Uma lágrima correu-lhe pelo rosto, morrendo no chão. A tristeza daquelas palavras foi tão intensa que me induziu a desviar os olhos, pousando-os nela.

Adeline tirou uma coisa do bolso. Em seguida, com dedos trémulos, pousou em cima do cobertor o que tinha na mão.

Sobre a colcha surgiu amarrotada a minha fotografia instantânea.

A foto que Billie me tinha tirado, aquela que nunca mais fui capaz de encontrar e que estava certa de ter perdido.

Estava ali.

– Encontraram-na na carteira dele – murmurou Adeline –, no bolso de dentro. Ele trazia-a... sempre consigo.

O mundo ruiu em definitivo.

E eu senti crescer dentro de mim uma verdade que havia permanecido escondida durante muito tempo.

Uma verdade feita de olhares secretos, de palavras não ditas, de sentimentos ocultos durante anos, no mais profundo da alma.

Uma verdade... que nunca mais pude ver, mas que o seu coração albergara em silêncio, dia após dia.

– Não era eu, Nica – ouvi-a dizer a partir de um mundo que se desfazia. – No Grave, quando a Margaret te trancava na cave... não era eu quem te segurava na mão.

E enquanto a minha testa se dividia em sulcos de pranto, enquanto a dor me dilacerava e tudo queimava dentro de mim, percebi, por fim, o que nunca havia sido capaz de compreender.

Todas as frases e os comportamentos.

E sentindo aquela verdade entrar dentro de mim, constatei que se tornava parte de mim, fundindo-se com a minha alma e fazendo tremer, uma por uma, *todas* as minhas sarças de arrependimento.

– Durante todo este tempo... Durante toda a vida, ele sempre te... sempre...

✱

Sempre soube que havia alguma coisa errada nele.

Tinha nascido com essa percepção.

Sempre o senti desde que me entendia por gente; era assim que Rigel havia explicado o motivo por que o tinham abandonado.

Ele não era como os outros.

Não foi necessário ver o olhar da tutora, nem o movimento com que abanava a cabeça quando as famílias o escolhiam; Rigel ficava a espiá-los do jardim, e nos rostos deles via uma piedade que ele nunca tinha pedido.

– Então?

O homem que estava a apontar-lhe uma luzinha no olho perguntou. Tinha-lhe inclinado o rosto de criança, e Rigel viu centelhas borbulhantes explodir diante da pupila.

– De onde é que disse que ele caiu?

– Das escadas – respondeu a tutora. – Como se nem sequer as tivesse visto.

– É por causa da doença – declarou o médico, semicerrando os olhos, perscrutando-o. – Quando a dor é muito forte, a dilatação da pupila provoca-lhe desorientação e também uma espécie de alucinação.

Rigel tinha compreendido pouco dessas palavras, no entanto não havia levantado a cabeça. O médico tinha-o examinado com o olhar, e ele sentiu dentro de si uma percepção inaceitável.

– Acho que deveria marcar-lhe uma consulta num psicólogo infantil. A doença dele é deveras singular. Aliada ao trauma...

– Trauma? – tinha perguntado a tutora. – *Que trauma?*

O médico dirigiu-lhe um olhar num misto de perplexidade e de indignação.

– Senhora Stoker, o menino apresenta sinais evidentes da síndrome da criança abandonada.

– Isso não é possível – tinha sibilado a tutora com aquela mesma voz que

fazia chorar as outras crianças. – Não sabe o que está a dizer.

– Foi a senhora mesma quem disse que ele foi abandonado.

– Ainda usava fraldas! Não pode recordar-se do que aconteceu, não passava de um recém-nascido!

O médico, munido de toda a paciência, dirigiu-lhe um olhar de máxima autoridade.

– É capaz de entender na perfeição, agora. Crianças assim tão pequenas sentem a falta de um ponto de referência e tendem a autorrecriminar-se. Refletem esta ausência sobre si mesmas e atribuem as culpas a si próprias. É possível que se tenha convencido de que o problema com que nasceu foi o motivo por que o...

– Ele não sofre de *nada* – tinha frisado a tutora, com olhos repletos de uma obstinação enraivecida. – Eu dou-lhe tudo o que ele precisa. *Tudo*.

Rigel nunca mais se esqueceu do olhar do médico, porque era o mesmo que tinha aprendido a discernir tantas outras vezes, em rostos sempre diferentes. Aquela compaixão fazia-o sentir, se possível, ainda mais errado.

– Olhe para ele... É um desastre – tinha-o ouvido a murmurar. – Negar a evidência não o ajudará.

As crises nunca se manifestavam da mesma maneira.

Às vezes eram apenas um ardor atrás dos olhos, outras desapareciam durante dias e depois explodiam com uma ferocidade repentina: esses eram os momentos que mais odiava, porque mal acabava de pensar que tinha melhorado, e elas voltavam ainda mais fortes do que antes.

E então Rigel arranhava as pálpebras, arranhava a roupa, apertava o que tinha nas mãos até reduzir tudo a pedaços. Sentia o coração acelerar-lhe na garganta com um barulho horrendo e dissonante; no meio do terror de que alguém pudesse vê-lo, fugia e escondia-se nos lugares mais recônditos.

Fazia-o porque era pequeno, como a cria de um animal. Fazia-o porque no meio daquela escuridão sentia a plenitude do que sempre fora.

Sozinho.

Sozinho, porque se aos olhos de uma mãe não tinha sido bom o suficiente, nunca o seria para mais ninguém.

Era sempre a tutora quem o encontrava.

Obrigava-o a sair com doçura e levava-o pela mão, sem se importar com o sangue que lhe sujava os dedos.

Ela cantarolava-lhe certas histórias de estrelas, astros longínquos que se sentiam sozinhos, e ele tentava não olhar para a saia amarrotada, cheia de vincos feitos por quem tivesse estado a castigar.

Era assim que o distúrbio ia crescendo dentro dele: com o tempo aprendeu

que não existem afetos porque as estrelas são solitárias.

Sempre foi uma criança diferente.

Ele não se comportava como os outros, ele não *via* como os outros – *ele olhava para ela, e quando o vento lhe inflava os compridos cabelos castanhos, via asas brunidas nas suas costas, um adejar que desaparecia logo depois, como se nunca tivesse existido.*

O médico tinha-o advertido de que ver coisas inexistentes poderia ser uma consequência da dor. Sabia-o muito bem, no entanto Rigel odiava aquela deficiência mais do que qualquer outra fraqueza.

Era como se a doença fizesse troça dele, e cada vez que aquelas centelhas lhe ofuscavam a vista, ele vislumbrava *um sorriso luminoso e uns olhos cinzentos que nunca olhariam para si com tamanho calor.*

Via sonhos. Ilusões.

Via-a a ela.

E talvez, no fundo, não se sentisse assim tão defeituoso, se pelo menos houvesse alguma parte dele que não fosse tão distorcida, tão radical e tão errada.

No entanto, à medida que aquele amor desajeitado aumentava cada vez mais, Rigel contemplava as suas unhas enterradas no solo e as suas explosões pareciam sulcos deixados por um animal selvagem.

– Vai melhorar com o tempo – dizia o médico.

As outras crianças mantinham-se longe dele, olhavam para ele com o medo de quem vê alguém desatar a raspar de repente nas teclas do piano ou a arrancar a erva como um louco.

Não se aproximavam porque tinham medo dele e, no final de contas, ele ficava aliviado de que assim fosse.

Não suportava a piedade. Não suportava aqueles olhares que o relegavam para a sargeta do mundo. Não precisava de que lhe recordassem o quanto era diferente: certas condenações não se escolhem, possuem as cores dos nossos silêncios e a dor invisível das nossas culpas.

Não obstante, talvez fosse essa a culpa mais dolorosa: o silêncio. E ele só o compreenderia depois, numa tarde de verão, quando se aproximou do lavatório da lavandaria com um copo na mão.

Rigel tinha-se posto em bicos de pés, esticando o bracinho, mas uma fígada de dor cegou-o antes de ter tempo de concluir o gesto.

A dor explodiu como uma praga de espinhos e ele cerrou os dentes: o copo caiu no lavatório, partindo-se, e Rigel não foi capaz de fazer outra coisa a não ser apertar, apertar, apertar, até sentir os vidros a cortarem-lhe a pele.

Gotas vermelhas sujaram a porcelana – *e Rigel viu flores de sangue e mãos*

de monstro, dedos contraídos como garras de um animal.

– Quem está aí? – tinha dito uma vozinha.

Ele estremeceu, mas antes mesmo da surpresa tinha sentido o estômago contrair-se com uma sensação abrasadora. Os pequenos passos de Nica soaram nas tábuas do soalho e logo depois esse sentimento transformou-se num terror insano.

Ela não.

Não aqueles olhos.

Não podia suportar a ideia de que, apesar de ele ser sempre o primeiro a afastá-la de si, ela pudesse vê-lo como a besta despedaçada e ensanguentada que era.

Talvez porque, através da piedade, Nica encontraria uma brecha por onde se infiltrar e de onde ele não conseguiria mais repeli-la.

Ou talvez porque ver-se nos olhos dela... seria como olhar para dentro de si, e ver-se como o desastre que sabia que era.

– Peter, és tu? – tinha sussurrado ela, e Rigel fugiu antes que o pudesse ver.

Tinha-se escondido no meio dos arbustos, procurando a solidão, mas a dor tinha regressado em força e ele estava caído na relva.

Tinha fechado os olhos, arranhando as estrelas com dedos agitados. Não encontrava outra maneira de aliviar aquela dor terrível.

– Vão melhorar com o tempo – tinha dito o médico. E pela primeira vez, ainda com as têmperas a latejar, Rigel esboçou um sorriso. Mas um sorriso amargo e cruel, aquele sorriso que quase magoava. Aquele sorriso que de alegre não tinha nada, porque no fundo sabia que se lhe viesse de dentro não poderia ser nada mais além de *retorcido, radical e errado*.

E perguntou-se se, no fundo, também os lobos não se ririam assim, com aquele silvo vazio e os maxilares contraídos.

No entanto, embora não acalentasse esperanças... Rigel não era capaz de evitar pensar nela.

Nica vergava a escuridão, abria caminho entre a podridão e o negrume. Ela, que apesar de tudo sorria sempre, possuía uma luz que ele nunca foi capaz de entender.

«Existe um conto de fadas para cada um de nós», tinha-a ouvido dizer uma vez, com o olhar límpido e sardas ao vento, com um malmequer nos cabelos.

Rigel mantivera-se afastado, tal como fazia sempre, porque nada mete mais medo ao escuro do que a luz e, ao mesmo tempo, nada o atrai de igual forma.

Nica tinha colocado um bracinho em torno de um menino mais novo, frágil e pequeno.

– Vais ver... – tinha sorrido com olhos marcados pelo choro, mas esperançosos como a aurora. – Também nós encontraremos o nosso.

Olhando para ela, Rigel perguntou-se se também poderia haver alguma

coisa para ele, algures, entre páginas esquecidas. Alguma coisa boa. Gentil. Que soubesse tocar com cuidado sem querer por força consertar.

Contemplando-a sempre de um ponto longe de mais, Rigel perguntou-se se essa alguma coisa não podia ser ela.

– Deverias dizer-lhe – tinha-lhe sussurrado uma voz, certa noite.

Rigel tinha fechado a porta da cave onde Nica havia conseguido, por fim, adormecer. No entanto, não se voltou.

Sabia que ela o tinha descoberto. Aqueles olhos azuis seguiam-no sempre.

Adeline, atrás de si, apertou a bainha do seu vestidinho cinzento antes de sussurrar:

– Ela acha que sou eu quem lhe segura na mão.

Rigel baixou os olhos e pensou em Nica, atrás daquela porta. Ela que gostava tanto de contos de fadas, que sonhava de forma tão desesperada em viver um.

– Está muito bem assim – respondeu. – Deixa-a acreditar.

– Porquê? – Adeline fitou-o com um toque de desespero. – Porque é que não lhe dizes que és tu?

Rigel não respondeu. Depois, em silêncio, encostou a mão à porta. Aquela mão que só lá em baixo, na escuridão dos sonhos desfeitos, conseguia reunir forças para a acariciar com cada pedacinho de si mesmo.

– Porque não existem contos de fadas onde o lobo mau toma a menina pela mão.

Sempre tinha odiado fitá-la.

Da mesma forma que adorava, com um desespero lancinante, cada centímetro dela.

E Rigel experimentou erradicar aquele amor, arrancou cada uma das pétalas com mãos que tinham aprendido a rasgar desde a infância.

Contudo, depois de uma pétala vinha outra, e depois outra, e outra ainda, e naquela escada de caracol infinita ele tinha mergulhado a tal ponto nos olhos de Nica que voltar a emergir era impossível.

Tinha-se afogado lá dentro, e a esperança acariciou-lhe o coração.

Não queria ter esperança. Era uma coisa que odiava.

Ter esperança significava criar ilusões de que um dia ficaria curado, ou de que a única pessoa que gostava dele não era um monstro que espancava as outras crianças até lhes arrancar sangue.

Não.

Não era coisa para ele.

A sua maior vontade era riscá-la do mapa, afugentá-la, livrar-se dela.

Libertar-se desses sentimentos porque eram *retorcidos, radicais e errados*,

tal como ele.

No entanto, quanto mais tempo passava, mais Nica se afundava no seu coração.

Quantos mais anos se passavam, mais os seus dedos se arranhavam nos espinhos daquele amor com final fracassado.

E à medida que os dias se transformavam em anos, à medida que ela continuava a sorrir, Rigel tinha compreendido que naquela doçura havia uma força que mais ninguém possuía.

Uma força diferente.

Ter um espírito como o de Nica significava reconhecer a dureza do mundo e decidir, dia após dia, amar e ser gentil.

Sem compromissos. E sem medo.

Apenas de todo o coração.

Rigel nunca ousou acalentar esperanças.

No entanto, tinha-se apaixonado perdidamente por ela, que era a esperança em pessoa.

– Trazes todas as tuas coisas?

Rigel virou-se.

A mulher encontrava-se na soleira da porta do quarto. Tinha dito que se chamava Anna, mas Rigel quase não escutara o que ela e o marido tinham dito pouco tempo antes.

Viu-a lançar uma vista de olhos pela cama vazia que em tempos pertenceu a Peter.

– Quando estiveres pronto...

– Ela contou-vos. Não é verdade?

Ela ergueu os olhos, mas os dele já ali estavam, cravados no seu rosto, insondáveis.

– O quê?

– Sobre a doença.

Viu-a retesar-se. Anna fitou-o estupefacta, talvez surpreendida por ele falar sobre isso com aquela frieza artificial.

– Sim... Fomos informados. Disse que as crises se foram atenuando com o tempo... mas, em todo o caso, deu-nos uma lista de todos os medicamentos que tomas.

Anna olhou para ele com uma sensibilidade que nem sequer chegou a tocar-lhe.

– Sabes... Isso não muda nada – tentou tranquilizá-lo, mas Rigel sabia que tinham visto a *nota* sobre ele, e essa, por outro lado, mudava muitas coisas. – Para mim e para o Norman é...

– Tenho um pedido a fazer.

Anna pestanejou, espantada com essa interrupção.

– Um pedido?

– Sim.

Ela devia estar a perguntar-se nesse momento se esse seria o mesmo rapaz educado e afável que até há poucos minutos, lá em baixo na sala de estar, se tinha apresentado com o mais fascinante dos sorrisos.

Franziu a testa com uma expressão indecisa.

– Muito bem... – murmurou.

Nesse momento, Rigel virou-se para a janela.

Lá em baixo, para além do vidro empoeirado, Nica estava a arrumar a sua caixa de cartão dentro do porta-bagagens do carro deles.

– De que se trata?

– De uma promessa.

Quem cresce com o coração de um monstro aprende a reconhecer as ovelhas.

Ele tinha percebido logo, muito antes de Lionel ter agarrado Nica na rua à força e a ter sacudido de maneira a conseguir levar a sua avante.

Ao mesmo tempo que o atirava ao chão, sentiu uma sádica satisfação ao infligir-lhe a mesma dor física com que ele mesmo lidava há uma vida inteira. A raiva patética de Lionel limitava-se a alimentar aquela escuridão que havia dentro de si.

«Julgas-te um herói?», berrou-lhe Lionel. «É isso que te consideras, hã? Achas que és o bonzinho?»

«O bonzinho?», ouviu-se sussurrar. «Eu... *o bonzinho?*»

Rigel teve vontade de atirar a cabeça para trás e desatar a rir com crueldade.

Apeteceu-lhe dizer que não é próprio dos lobos *ter esperança*, que dentro de si havia demasiada podridão para um sentimento tão doce e luminoso.

Se era verdade que existe um conto de fadas para cada um de nós, o seu tinha-se perdido no silêncio de um menino destroçado com as mãos sujas de terra.

«Queres olhar dentro de mim? Eras capaz de te mijar todo antes de abrir os olhos.»

Esmagou a mão de encontro à superfície da terra, desfrutando da sua dor.

«Oh, não, eu *nunca* fui o bonzinho», tinha sibilado com aquele sarcasmo cru que lhe vinha da alma. «Queres ver o quanto posso ser *mau?*»

Ter-lho-ia demonstrado com a maior das boas vontades, se não se tivesse lembrado de que Nica estava ali.

Virou-se a fim de procurá-la com o olhar.

Ela estava a observar.

E diante daqueles olhos esplêndidos Rigel não foi capaz, mais uma vez, de se ver como o monstro que era.

Existia um castigo pior do que as crises.

E esse só ela era capaz de lhe infligir.

«Fomos despedaçados juntos», tinha Nica sussurrado. «Mas tu nunca me deixas entrar, nem sequer por um momento.»

E então Rigel voltou a ver os vidros partidos, os cortes nas mãos.

Voltou a ver a erva arrancada e o sangue nos dedos.

Voltou a ver-se a si mesmo, tão sombrio e tão sozinho, e não foi capaz de suportar a ideia de deixá-la entrar naquele desastre de que nem mesmo ele alguma vez se libertaria. De vê-la tocar aquela parte tão desnuda e enraivecida, que lhe massacrava a alma e que gritava de dor como uma criatura viva.

Por conseguinte, permaneceu em silêncio. Mais uma vez.

E o seu olhar desiludido escavou-lhe o coração como uma cicatriz.

Gostaria de amá-la.

Vivê-la.

Respirá-la.

Mas a vida só lhe tinha ensinado a arranhar e a rasgar.

Nunca saberia amar com gentileza. Nem mesmo a ela, que era a personificação viva da gentileza.

E ao ver aqueles olhos lindíssimos a encherem-se de lágrimas, Rigel percebeu que se havia um preço a pagar para salvá-la de si mesmo, iria custar-lhe muito caro.

Tudo aquilo que tinha.

Cada pétala, por aquele amor de final fracassado.

Mais cedo ou mais tarde aquele momento acabaria por chegar.

Rigel sempre soube disso. Contudo, tinha ficado tão cego de esperança de poder ficar para sempre com ela, de não voltar a ficar sozinho, que acabou por se refugiar naquela ilusão.

Contemplou-a deitada na cama, as costas nuas que assomavam por debaixo dos cobertores. Depois abriu a mão. Olhando para o penso rápido cor violeta que ela lhe havia colocado no peito, compreendeu o que devia fazer.

Cerrou os punhos e, logo em seguida, depois de fechar a porta, desceu até ao piso térreo com um único objetivo.

O verme tinha-lhe enterrado as presas no fundo do coração, esforçando-se

desesperadamente por impedi-lo, no entanto Rigel tratou de afogá-lo dentro de si com todas as forças que ainda lhe restavam.

Tinha procurado o seu conto de fadas, mas encontrou-o nos olhos de Nica. Tinha-o lido na sua pele.

Sentido o seu perfume.

Trazia-o gravado nas recordações daquela noite, e agora sabia que nunca mais o esqueceria.

Lá em baixo, a luz da cozinha já estava acesa. Embora fosse cedíssimo, e toda a gente ainda estivesse a dormir, ele sabia muito bem quem iria encontrar.

O corpo de Anna estava envolto no roupão e os cabelos desgrenhados. Estava a colocar uma chaleira ao lume, mas não demorou muito a aperceber-se da presença dele, parado na ombreira da porta.

– Rigel... – Levou uma mão ao peito, apanhada de surpresa. – Olá. Como te sentes? É muito cedo... Já ia ver como estavas... – Dirigiu-lhe um olhar preocupado. – Estás melhor?

Ele não respondeu. Fitou Anna com aqueles olhos que não sabiam mais esconder-se, porque agora que estava a deixá-la ir já não tinha necessidade de fingir.

Ela olhou para ele confusa.

– Rigel?

– Não posso mais ficar aqui.

Cuspiu aquelas palavras como se fossem ácido.

Anna, da outra ponta da cozinha, permaneceu imóvel.

– Como? – conseguiu apenas sussurrar, passado um bocado. – O que é que queres dizer com isso?

– Isso mesmo. Não posso mais continuar aqui. Preciso de me ir embora.

Deu-se conta de que falar nunca foi tão difícil, cansativo. E doloroso. O seu coração recusava-se a separar-se dela.

– É... algum tipo de brincadeira? – Anna esboçou um sorriso, mas saiu-lhe apenas um esgar desenhado. – Uma brincadeira de que não estou ao corrente?

Estava a olhá-la de frente porque, mesmo sem falar, Rigel sabia que os seus olhos exprimiam toda a firmeza daquela escolha. E ela não pôde fazer outra coisa a não ser entender.

Devagar, do seu rosto adulto foram desaparecendo todos os vestígios de cor.

– Rigel... O que é que estás a dizer? – Anna observou-o com olhos desolados. – Não podes estar a falar a sério. Não... – Aferrou-se ao olhar dele à medida que a desilusão lhe ia enfraquecendo a voz. – Achava que te sentias bem aqui, que fosses feliz... Porque é que estás a dizer-me isto? Fizemos alguma coisa? Eu e o Norman... – Fez uma pausa, antes de sussurrar: – É por

causa da doença? Se...

– A doença não tem *nada* que ver – sibilou ele, sempre demasiado sensível àquele ponto fraco. – É uma escolha minha.

Anna olhou para ele angustiada e Rigel sustentou-lhe o olhar com toda a determinação que possuía.

– Pede que revoguem a adoção.

– Não... Não podes estar a falar a sério...

– Nunca falei tão sério em toda a minha vida. Pede. Faz isso hoje.

Anna abanou a cabeça. Nos seus olhos brilhava uma obstinação maternal que ele nunca compreendeu.

– Achas que vão conceder-me assim, sem mais nem ontem? Sem ao menos uma justificação? Trata-se de um assunto sério. Não é assim que as coisas funcionam, são necessárias razões específicas...

Contudo, ele interrompeu-a.

– Existe a nota.

A confusão abriu caminho no rosto dela.

– A nota? – repetiu, no entanto Rigel sabia que ela tinha conhecimento disso. Aquela cláusula irrevogável no decreto de custódia era um privilégio reservado apenas para ele.

– Aquela que *me* diz respeito. Se as minhas crises interferirem com a serenidade familiar e degenerarem em episódios de violência, o processo de adoção pode ser interrompido.

– Essa nota é uma aberração! – cuspiu Anna. – Não faço tenção de a usar! Os episódios de violência referem-se à tua família adotiva e tu nunca fizeste mal a nenhum de nós! A doença não é um subterfúgio, muito pelo contrário, é um motivo para ficares connosco!

– *Oh*, deixa-te disso – mastigou ele com um sorriso sarcástico. – Sempre me quiseste só porque te faço lembrar o teu filho.

Anna retesou-se.

– Isso não é verdade.

– É, sim. Acaso não foi nisso que pensaste quando me viste ali, a tocar piano? Não finjas que não foi assim. Nunca ali foram por minha causa.

– Tu não...

– *Eu não* sou o *Alan* – sibilou, fazendo-a sobressaltar-se. – Nunca o fui. E *nunca* o serei.

Lá estava ele a fazê-lo de novo. Contemplando aqueles olhos agora vazios, Rigel obteve a enésima confirmação de que morder e magoar era o que fazia melhor.

Por um momento, Anna não conseguiu fazer mais nada a não ser assimilar a dureza das suas palavras. Quando baixou a cara depois, ele teve a certeza de lhe ver tremer as mãos.

– Nunca foste um substituto dele. Nunca. Afeiçoámo-nos a ti... pela pessoa que és. Só pelo que és. – Um sorriso amargo aflorou-lhe aos lábios ao mesmo tempo que abanava a cabeça. – Gostaria pelo menos de acreditar... que tu te afeiçoaste a nós do mesmo modo.

Ele não respondeu. A verdade é que se havia dado conta de que ou sabia amar com desespero, ou então não sentia nada, e naquele abismo que existia pelo meio não havia lugar para o afeto.

Recebê-lo por parte da tutora impeliu-o demasiadas vezes a repudiar qualquer apego espontâneo que tentasse nascer dentro dele.

– Não posso concordar com este pedido. Apesar de ser essa a tua vontade... Não posso obrigar-te a voltar para lá. – Anna ergueu o rosto, com os olhos feridos, porém vívidos. – Como é que podes querer voltar para trás? Para aquele lugar horrível? *Não* – adiantou-se antes que ele a interrompesse. – Achas que não percebi que espécie de instituição é aquela? É assim tão forte a tua necessidade de partir?

Rigel cerrou os punhos. O verme mordida um pouco por todo o lado, rasgando e arranhando, e ele ouviu-o gritar como uma condenação desesperada.

– Tem que haver outra solução. Seja lá do que se trata, podemos encontrá-la juntos, podemos...

– Estou apaixonado por ela.

Rigel recordar-se-ia para sempre do ardor daquela confissão. Eram coisas de tal maneira íntimas que não falava delas nem sequer consigo mesmo, e fazê-lo diante de alguém parecia algo intolerável.

No silêncio glacial, aquelas palavras ressoaram como uma condenação.

– *Estou-o* – retorquiu entre dentes –, até à medula.

Sentiu sobre si o olhar de Anna, e não precisou de fitá-lo para saber que se encontrava enregelado de incredulidade. Rigel enterrou as unhas nas palmas das mãos e cravou nela dois olhos profundos e conscientes.

– Compreendes, agora? Eu *nunca* a verei como uma irmã.

E Anna não pôde fazer nada, nada a não ser fitá-lo como se quem ali estivesse não fosse ele, mas sim alguém que estava a ver pela primeira vez.

Rigel concedeu-lhe uns momentos.

– Este não é o meu lugar. Enquanto eu aqui estiver... ela nunca será feliz de verdade.

Enquanto baixava o rosto, enquanto a via de novo a sorrir-lhe com aquele penso rápido colado no peito, Rigel percebeu de uma vez por todas que se existia um final, para aqueles como ele... trazia-o dentro de si desde o início.

«*As estrelas são solitárias*», disse-lhe a tutora uma vez. «*Tal como tu. São longínquas, algumas delas até já se extinguíram. As estrelas são solitárias, mas nunca deixam de brilhar, nem sequer quando não consegues vê-las.*»

E Rigel compreendeu isso ali, com aquela constelação que Nica lhe havia traçado sobre o peito.

Compreendeu depois de tê-la visto dormir a noite toda, sem pregar olho nem mesmo por um instante.

Compreendeu que algures, no fundo do coração, ele sempre a teria junto de si.

«Tu não estás sozinho. Eu trago-te... sempre comigo.»

Porque as estrelas são solitárias, mas nunca deixam de brilhar, nem sequer quando não consegues vê-las.

E Rigel sabia que sempre brilharia para ela, mesmo que nunca mais a voltasse a ver.

Ela que era um pouco a sua estrela, ela que sempre foi a coisa mais preciosa e mais bela que os seus olhos alguma vez haviam tocado...

Contemplá-la-ia a partir daquela pequena fissura que era o seu coração, e saberia que, onde quer que estivesse, Nica seria feliz. Com uma família verdadeira, e o conto de fadas que sempre havia desejado.

– *Ela merece... tudo o que puderes dar-lhe.*

– Rigel... queres dizer-me o que é que está a acontecer?

Nunca esqueceria os olhos dela.

Os olhos de Nica.

Foi ali que se perdeu, quando ainda era apenas uma criança.

Rigel contemplou-a bem dentro daquelas íris de fabricante de lágrimas, e uma vez mais compreendeu que nunca poderia mentir-lhe.

«Acontece que estou a deixar-te ir», gostaria de lhe ter dito, se ele não tivesse sido sempre assim. «Pela primeira vez desde que roubaste tudo de mim, estou a deixar-te ir.»

Contudo, não foi capaz. Nem mesmo no fim.

Por conseguinte, fez a única coisa que nunca se havia permitido fazer.

Baixou todos os escudos.

Fitou-a por um momento com os olhos do coração, e aquele amor ardente explodiu-lhe das pupilas como um rio caudaloso.

Ela ficou sem fôlego, incapaz de entender, e ele gravou-a na memória da cabeça aos pés, até à última migalha.

– Rigel...

Não podia prever o que iria acontecer depois.

Não podia saber que nunca chegariam a casa, que aquelas palavras não ditas ficariam incrustadas dentro de si como o último dos seus arrependimentos.

Contudo, recordaria para sempre aquele grito congelado nos olhos dela.

Tal como nunca se esqueceria do terror daquele instante, nem do impacto surdo do seu coração que lhe saía pela boca. A rede tinha cedido e Nica caiu de costas.

Rigel precipitou-se para a frente e a adrenalina dilatou-lhe as pupilas – os cabelos de Nica tinham-se espalhado e ele viu *asas de mariposa noturna abertas no crepúsculo, um anjo no momento de levantar voo.*

Mais uma das suas alucinações. A última.

Rigel agarrou-a com força, e impelir o seu corpo debaixo do dela foi apenas um instinto natural, nascido da necessidade que sempre sentiu de a proteger. Se calhar, inclusive de si mesmo.

Ouviu o verme gritar, debater-se, estreitá-la de maneira febril junto ao seu corpo. Sentiu-o fechar-se sobre ela como uma flor, com espinhos eretos que tremiam em conjunto para a salvar do impacto.

E antes mesmo de poder assimilar aquele final, Rigel ouviu aquelas palavras explodirem-lhe da boca como a redenção de uma vida inteira.

– *Amo-te.*

Nica tremeu nos seus braços, como uma borboleta aprisionada entre os seus dedos há demasiado tempo.

E à medida que aquele sussurro o abandonava para sempre, Rigel sentiu pela primeira e última vez na vida... a paz.

Um alívio dulcíssimo, eterno, aquele abandono quase extenuante contra o qual sempre havia lutado.

Ele nunca mais voltaria a estar sozinho.

Não.

Porque Nica estava dentro dele. Com aqueles olhos de menina e aquele sorriso que dilacerava o coração... Ela, ela que nunca se iria embora, ocuparia dentro do seu coração um lugar *eterno de estrela.*

E enquanto o mundo arrancava a última página daquela história sem fim, Rigel enterrou o rosto no pescoço dela, tal como um lobo, e abraçou-a com todo o seu ser.

Com todas as suas forças e todo o seu fôlego...

Com todas as palavras não ditas e cada resquício de arrependimento.

Com todas as suas pétalas.

E com todos os seus espinhos.

Tudo aquilo que possuía... para aquele amor de final fracassado.

*«Adeus», disse o pintarroxo à neve,
amando-a pela última vez.*

*«Tinha frio, mas tu tentaste cobrir-me.
E agora entraste no meu coração.»*

Que parte escolherias?

Do teu coração?

Podes viver só com uma, porque depois a outra morre de vez.

Que parte escolherias?

«A ti», teria respondido Rigel de olhos fechados.

Sempre, e em qualquer circunstância, «Eu escolher-te-ia a ti.»

Fabricante de lágrimas

*E assim nasceu o Amor. Começou a caminhar
pelo mundo, e um dia encontrou o Mar.
Ele ficou enfeitiçado, e deu-lhe a sua tenacidade.
Encontrou o Universo, e ele deu-lhe os seus mistérios.
Depois encontrou o Tempo, e ele deu-lhe a eternidade.
Por fim encontrou a Morte. Era temível,
maior do que o Mar, do que o Universo e do que o Tempo.
Preparou-se para enfrentá-la, mas ela deu-lhe como dádiva uma luz.
«O que é isto?», perguntou então o Amor.
«É a esperança», respondeu a Morte. «Assim eu, quando te vir
ao longe, saberei sempre que estás a chegar.»*

Desde pequena sempre tinha ouvido dizer que a verdade torna o mundo colorido.

É esse o acordo. Enquanto não a conhecermos, nunca poderemos ver a realidade em todas as suas *nuances*.

Agora que eu as via, agora que sabia tudo aquilo que nunca soube, deveria ver o mundo com as tonalidades brilhantes de quem era, por fim, capaz de compreender.

No entanto... nunca nada foi tão cinzento.

Nem o mundo. Nem a realidade. E muito menos eu.

Desde pequena sempre ouvi dizer que não se pode mentir ao fabricante de lágrimas. Porque ele lê o que existe dentro de nós... Não existe emoção que possamos esconder dele. Tudo o que de mais desesperado, angustiante e sincero move o nosso coração, foi ele quem o injetou.

Quando era pequena, temia-o como se fosse um monstro. Para mim só existia aquilo em que queriam que acreditássemos: o papão que vinha buscar-nos para nos levar consigo, se mentíssemos.

Ainda não sabia o quanto estava enganada. Só iria compreendê-lo no fim.

Apenas com os olhos repletos daquela verdade compreenderia por fim um conto de fadas que me havia acompanhado durante a vida inteira.

Adeline contou-me tudo.

Através das suas palavras, eu reconstruí o fio de uma vida paralela à minha, vivida na solidão.

Cada peça, cada pedacinho de papel... Tudo voltou ao respetivo lugar, formando as páginas de uma história que poderei ler por fim.

Daquele momento em diante, a única coisa que alberguei nos meus olhos foi a consciência de um final que nunca poderia conhecer.

No dia seguinte, um agente da polícia veio fazer-me algumas perguntas. Pedi-me para lhe contar o que se havia passado, e eu respondi às suas questões com voz monocórdica. Conte-lhe a verdade: o encontro com Lionel, a briga, a queda.

Por último, depois de ter escrito algumas informações num bloco de apontamentos, o homem fitou-me, olhos nos olhos, e perguntou-me se tinha sido Lionel a empurrar-nos de forma intencional.

Permaneci em silêncio; passou pela minha mente cada um dos instantes daquele momento, a raiva, a fúria vingativa, o seu rosto distorcido de nojo. Depois, mais uma vez, disse a verdade.

Tinha sido um acidente.

O homem assentiu e, da mesma maneira que tinha chegado, foi-se embora.

Depois de tomar conhecimento do acidente, também Billie e Miki voaram até ao hospital.

Miki chegou muito cedo; ficou à espera lá fora, sentada numa das cadeiras que havia diante do meu quarto; só se levantou quando Billie chegou a correr pelo corredor, ofegante e com os olhos marejados de lágrimas.

Olharam-se de frente entre o vaivém dos enfermeiros; uma com os lábios contraídos pela angústia, a outra com o rosto avermelhado por causa do choro.

Pouco depois, Billie rodeou Miki com os braços e rompeu em soluços.

Abraçaram-se como nunca antes o haviam feito, agarrando-se uma à outra, e aquele abraço aprisionou todo o calor de um afeto recuperado. Ficaram assim durante um tempo interminável, e depois soltaram-se, devagar, fitando-se, olhos nos olhos. O olhar que trocaram antes de entrar prometia luz e bonança depois de um temporal horrendo.

Precisavam de conversar.

Muito e durante bastante tempo.

– Nica!

Billie correu até junto da minha cama. Precipitou-se sobre mim a fim de me abraçar: as costelas rachadas latejaram dolorosamente, mas eu limitei-me a

semicerrar os olhos sem emitir nenhum tipo de som.

– Não posso acreditar... – soluçou. – Quando soube da notícia, não... Juro, não consegui respirar... *Meu Deus*, que coisa horrível...

Uns dedos tocaram os meus, envolvendo-os devagar.

Miki apertou-me a mão, com os olhos pisados e esborratados de rímel.

Não encontrei forças dentro de mim para dizer a Billie que estava a magoar-me.

– Se houver alguma coisa que possamos fazer... – ouvi-a murmurar, mas o meu coração era um buraco profundo e aquele som perdeu-se no meio do caminho.

Naquele momento, Miki virou-se na direção de Rigel. Lembrei-me de quando ela me tinha confessado que havia qualquer coisa nele que não a convencia. Tal como todos, tinha visto o lobo, e como eles não foi capaz de vislumbrar a alma que pulsava por baixo dele.

– Oh, a minha foto... – Billie sorriu, enxugando as lágrimas com os dedos. – Ainda a tens...

A fotografia instantânea estava ali, frágil e amarrotada, com aquela leveza banal que me mantinha presa à realidade de uma maneira insuportável.

Senti o coração definhar entre as costelas quando ela sussurrou comovida:

– Não sabia que a tinhas aqui...

Gostaria de lhe ter dito que significado havia por detrás daquela foto. Gostaria que ela sentisse a dor extenuante que me devorava por dentro, porque estava a matar-me.

Talvez um dia eu lhe contasse.

Um dia dir-lhes-ia que nem todas as histórias se encontram nas páginas dos livros. Que existem contos invisíveis, silenciosos e ocultos, que vivem em segredo e que morrem ignorados. Contos de fadas sem final, destinados a permanecerem para sempre incompletos.

Talvez, um dia, eu lhes contasse a nossa história.

Observaram-me hesitantes, procurando uma réstia de mim, da despreocupação que sempre me havia caracterizado, mas eu não reagi. Permaneci inerte e, portanto, elas decidiram deixar-me sossegada.

Só quando já se encontravam ao pé da porta é que me ouvi sussurrar baixinho:

– Ele protegeu-me.

Miki, que era a última prestes a sair, deteve-se e virou-se para trás.

Não levantei o rosto, no entanto o seu olhar chegou até mim. Virou-se de novo, mas ao fazê-lo os seus olhos pousaram em Rigel uma última vez.

Fiquei ali sozinha, e concentrei toda a atenção nas minhas mãos.

Estavam ambas brancas como a cal da parede. A minha pele estava nua desde os pulsos até à ponta das unhas. Os dedos estavam salpicados aqui e ali

por marcas rosadas, pequenos cortes e cicatrizes.

Ergui o olhar devagar. Uma enfermeira estava a ajustar o soro de Rigel, do outro lado da sua cama.

– Os meus pensos rápidos – murmurei com voz mecânica. – Onde é que estão?

Ela apercebeu-se de que estava a observá-la. Nos meus olhos descoloridos estagnava uma luz de uma vivacidade estranha que a fez hesitar.

– Já não precisas deles, não te preocupes – respondeu-me com gentileza.

A minha expressão manteve-se imutável. Então ela aproximou-se de mim, apontando-me para os dedos.

– Vês? Desinfetámos-te todos os cortes. Estão limpos. – Inclinou o rosto num sorriso que eu não retribuí. – Dedicavas-te à jardinagem? Foi assim que fizeste todas estas marcas?

Eu permaneci em silêncio e fitei-a como se nem sequer tivesse falado nada. E talvez ela se tenha apercebido de que estava a fitá-la assim, com olhos sérios, devastados, porém brilhantes.

– Eu *quero*... os meus pensos rápidos.

A mulher observou-me perplexa, sem saber o que dizer. Pestanejou por várias vezes, incapaz de me compreender.

– Já não precisas deles – repetiu, perguntando-se talvez se o meu pedido absurdo não seria apenas uma consequência do meu choque.

Desde que tinha perdido as estribeiras, gritando e arranhando até arrancar a agulha do soro, os enfermeiros do sector não faziam outra coisa a não ser lançarem-me olhares prudentes.

E por isso a mulher pareceu muito aliviada quando viu entrar alguém. Virou-se com rapidez e desapareceu, levando-me a erguer os olhos.

No entanto, desejei não o ter feito.

O ar ficou suspenso ao meu redor, bloqueando-me a saliva na garganta.

Lionel entrou cauteloso, invadindo o espaço do quarto. Apresentava os olhos pisados e os lábios mordiscados, devorados pela angústia, mas eu nem sequer tive tempo de ver mais nada porque os meus olhos desviaram-se de forma mecânica e repousaram na parede.

Gostaria de tê-lo detido, dizer-lhe que não se aproximasse mais, mas dei-me conta de que a respiração estava a comprimir-me a tal ponto a garganta que me impedia de proferir qualquer som. Ele deteve-se ao pé da minha cama, e nunca, como até aquele momento, sofri tanto com a impotência do meu estado.

Nada pareceu tão longo como o momento em que ele permaneceu ali, ao meu lado, naquele silêncio que não sabia como quebrar.

– Sei que se calhar sou a última pessoa que querias ver.

Nem sequer conseguia olhar para Rigel. A mera ideia de que ele estava

deitado atrás dele, preso à vida por um fio, revirou-me o estômago como um torno.

– Soube... que falaste com um agente da polícia. Sei que... lhe disseste que foi um acidente. Queria agradecer-te por teres dito a verdade.

O meu olhar permaneceu desviado para o lado, insensível; Lionel procurou-o sem cessar com a necessidade de quem não sabe como expiar a própria culpa.

– Nica... – sussurrou, suplicante, procurando a minha mão com a sua –, nunca quis...

Sobressaltou-se quando eu sacudi o braço com força. Os tubos do soro reluziram com violência e eu ergui sobre ele dois olhos dilatados e incandescentes como nunca antes tinham estado. O pulso tremeu-me ao mesmo tempo que proferia com uma lentidão glacial:

– Que nunca mais te passe pela cabeça tocar-me.

Lionel olhou para mim, magoado com aquela reação que nunca tinha tido antes.

– Nica, eu não queria nada disto – a sua voz era um lamento devastado pelo remorso. – Acredita em mim, sinto muito... Não deveria ter-te dito aquelas coisas... Estava fora de mim... E o soco, Nica, juro que nunca foi minha intenção bater-te... – fitou o capilar que me havia rebentado no olho e mordeu os lábios, baixando a cabeça.

Ainda não era capaz de olhar para Rigel.

– Não vou contar a ninguém. Sobre vocês os dois...

– Já não importa – murmurei.

– Nica...

– *Não* – sussurrei, implacável. – Agora já nada mais tem importância. Eu considerava-te meu amigo. Um *amigo*, Lionel... Sabes ao menos o que significa a palavra *amizade*?

A minha voz era um silvo gélido e irreconhecível.

Mas essa não era eu.

Não, porque eu era sempre dócil e delicada, possuía um sorriso para cada ocasião. Tinha cristais de deslumbramento engastados nos olhos e os dedos sempre peçados de pensos rápidos coloridos.

O que eu era naquele momento, era o resultado de uma história rasgada ao meio.

De um presente de aniversário reduzido a cacos perto de um quiosque de gelados. De uma festa terminada em fuga, de um fôlego que se despedaçou no medo, quando as mãos dele me agarraram. Da desilusão que senti dilacerar-me o coração quando ele nos cuspiu em cima todo o seu nojo enraivecido, jurando denunciar-nos.

Não, aquela não era eu.

Eram as páginas calcinadas nas cinzas que me arranhavam agora a garganta dessa maneira.

– Ter-te-ia perdoado tudo. *Tudo...* mas isto não.

Sabia que a culpa não era dele. No entanto, ao fundo daquela escadaria que teve início com um pequeno caracol, perguntei-me se teria havido uma única vez em que Lionel tivesse gostado de mim com o desinteresse puro e incondicional que eu lhe havia reservado.

– Sai daqui.

Ele engoliu o seu tormento.

Era verdade que possuía um coração de mariposa noturna.

Era verdade que procurava a luz até me queimar, porque tudo pelo que passei quando era pequena me havia deformado de uma maneira irreparável. Contudo, embora as partes mais destruídas dentro de mim procurassem induzir-me a fitá-lo, olhos nos olhos, nada poderia convencer-me a perdoá-lo.

Tinha-me arrancado um pedaço da alma.

Lionel cerrou os lábios, procurando alguma coisa para dizer, que acabou por morrer no silêncio. Nenhuma palavra poderia restituir-me o que me havia sido arrebatado.

Por fim, derrotado, baixou a cabeça. Virou costas e encaminhou-se devagar até à saída, até que a minha voz o chamou de volta.

– Lionel. – Ergui as minhas íris deslavadas e olhei-o por fim, olhos nos olhos. – Quando saíres por aquela porta, não voltes nunca mais.

Ele engoliu em seco com amargura, lançando-me um derradeiro olhar. Depois, foi-se embora.

E nem sequer dessa vez se virou para olhar para Rigel.

Talvez porque as pessoas como o Lionel não consigam contemplar a realidade em todas as suas cores.

Não têm coragem de enfrentá-la e de olhar para dentro de si mesmas.

Mesmo que tenham feito de tudo para eliminar as cambiantes mais sombrias; mesmo que se tenham dilacerado à unhada fazendo jorrar a tinta.

No final só sabem ir-se embora sem sequer ter a coragem de um último olhar.

Tinha dificuldade em comer.

Nunca estava com apetite, e os tabuleiros que me serviam às vezes permaneciam intactos; Anna esforçava-se por encorajar-me, mas no seu olhar albergava um desânimo que tornava inútil qualquer tentativa.

Li-lho nos olhos também naquela noite, enquanto ajudava a acomodar-me de modo que as costelas rachadas não me doessem.

– Que tal assim? – perguntou-me. – Doem-te?

Abanei a cabeça com um movimento impercetível.

Depois de um momento, a mão de Anna tocou-me no rosto, e eu ergui os olhos. Dentro dos seus vi um afeto trémulo e amargurado.

Acariciou-me durante um momento bastante prolongado. Observou cada recanto do meu rosto, e eu percebi o que ela se preparava para me dizer antes mesmo de ouvir a sua voz.

– Achei que também ia perder-te.

As pupilas dela alternaram devagar entre as minhas ao mesmo tempo que as rugas na sua testa se intensificavam.

– Por um instante... acreditei que te veria desaparecer tal como sucedeu com o Alan. – Tentou ser forte, mas não foi capaz de reprimir as lágrimas; marejaram-lhe os olhos e ela não pôde evitar baixar a cabeça, apertando a mão que tinha no colo. – Não sei o que teria feito... sem ver mais o teu sorriso doce. Não sei como faria sem te encontrar mais na cozinha de manhã, a dar-me os bons-dias, a olhar para mim como tu me olhavas. Não sei o que faria sem o rosto feliz a recordar-me que o dia está bonito mesmo quando chove, ou que há sempre uma razão para vencer a tristeza. Não sei o que faria sem ti... Sem a minha Nica...

A sua voz falhou e eu senti-a cravar-se dentro de mim, atingir-me para lá da insensibilidade que obscurecia tudo.

Mexi a mão livre a fim de pousá-la sobre a dela, achando-a quente e trémula.

Anna ergueu os olhos, e naquele céu que eu tanto amava vi o reflexo das minhas íris trémulas de choro.

– Tu és o sol – sussurrou-me, fitando-me com os olhos de uma mãe. – Transformaste-te no meu pequeno sol...

Rodeei-a com o braço à medida que as lágrimas deslizavam extenuadas. Anna estreitou-me com desespero de encontro a si e eu fechei os olhos, embalada como uma criança.

Com os corações a derramar sofrimento, fundimo-nos como uma única vela, e eu chorei todas as lágrimas que lhe sacudiam o peito, e ela chorou todas as minhas.

Como mãe e filha... unidas e próximas.

Anna inclinou o rosto e os seus olhos desviaram-se para o lado. Olhou para Rigel com o mesmo afeto desesperado que havia reservado para mim. Depois... apartou-se e fitou-me.

Fê-lo daquela maneira profunda e conhecedora característica dos adultos. Não, melhor dizendo... que só as mães possuem.

E eu compreendi. Ali, no silêncio daquele hospital, compreendi que ela *sabia*.

No mesmo instante, o meu coração ruiu sobre si mesmo como um castelo

de cartas.

– Não sabia como contar-te... – sussurrei, arrasada. – Não podia fazê-lo... Mas nem sequer sabia como fazer-te entender que mentir-te me partia o coração. És a coisa mais bonita que me aconteceu... Tinha medo de te perder. – Regatos cálidos sulcaram-me as faces e senti que me despedaçava. – Tinha o coração dividido. Esperei por ti durante tanto tempo, Anna, mais do que possas imaginar, mas o Rigel... o Rigel é tudo o que eu tenho... Tudo. E agora ele... – comprimi o pulso escanzelado de encontro aos olhos, queimando de lágrimas.

Anna abraçou-me, mas não disse nada. Também ela sabia que havia qualquer coisa de insuperável naquele vínculo que nos unia.

No entanto... não me fez sentir errada.

– O Rigel contou-me – murmurou; algo no meu coração bloqueou como uma engrenagem enferrujada. Tremi de incredulidade e fui acometida pela confusão: não pude fazer outra coisa a não ser abraçá-la ainda com mais força, enquanto esperava que ela prosseguisse.

– Agora compreendo que nunca o teria feito, se não fosse obrigado a isso. Sabia que, caso contrário, nunca teria acedido ao seu pedido. Ele... queria que tu pudesses ter uma família em todos os sentidos.

Anna pegou-me no rosto e procurou os meus olhos, apenas para ir encontrá-los baixos sobre lábios trémulos e mordiscados. Encostou a testa à minha, mantendo-se assim até o choro se desvanecer.

– O médico não te disse nada para não te dar falsas esperanças – sussurrou-me, passado um bocado. – Mas... confidenciou-me que ouvir a voz das pessoas amadas às vezes pode ajudar.

Levantei os olhos mortiços e ela prosseguiu:

– Estimula a consciência, segundo ele diz, e a memória a longo prazo. Nenhum de nós tem o poder para fazer a diferença. Mas tu... – Anna baixou a cabeça, engolindo em seco. – Tu tens esse poder. Ele ainda pode ouvir-te.

Nessa noite, quando o hospital ficou silencioso como um santuário, o meu coração ainda não tinha parado de tremer. Por um tempo que não saberia especificar, as palavras de Anna abriram caminho dentro de mim e ecoaram no meu desalento.

Contemplei o vazio. No escuro, a única coisa que conseguia sentir era aquele vazio intransponível que retirava o sentido a cada respiração.

Ele estava ali, a poucos passos de mim. No entanto... nunca estive tão distante.

– Querias ir-te embora – sussurrei no escuro.

Fiquei imóvel, e mal conseguia vê-lo. Todavia, seria capaz de traçar o contorno do seu rosto inclusive de olhos fechados.

– Querias ir-te embora sem me dizeres nada... porque sabias que eu teria

feito de tudo para te impedir. Sabias que não to permitiria. – Fitei-o com um olhar apagado. – Tu e eu devemos ficar juntos. No entanto, talvez tenha sido sempre essa a diferença entre nós. Eu sempre me iludi em demasia. Tu... nem sequer uma vez.

Senti a garganta contrair-se devagar, mas não desviei os olhos dele. Sentia qualquer coisa dentro de mim, uma força que empurrava, querendo sair.

– Era tua a rosa – prossegui. – Reduziste-a a pedaços porque não querias que eu compreendesse. Sempre tiveste medo de que eu te visse por aquilo que és... Mas estavas *enganado* – sussurrei com uma voz que se desfazia. – Eu vejo-te, Rigel. E a única coisa de que me arrependo... é de não ter podido fazê-lo antes.

Desejei não sentir de novo as lágrimas a queimarem-me os olhos, mas foi inevitável.

– Gostaria que me tivesses deixado compreender-te... mas cada vez que tentava fazê-lo, tu empurravas-me para longe. Sempre acreditei que não eras capaz de confiar em nada por completo, que não eras capaz de me dar uma oportunidade... Não era nada disso. Não foi a mim que nunca deste uma oportunidade, mas sim a ti mesmo.

Apertei os olhos com força.

– És injusto, Rigel.

Algo dentro de mim estremeceu com o silêncio de um terramoto e tudo se tornou acre e escaldante.

– És injusto – acusei-o por entre as lágrimas. – Nunca tiveste o direito de decidir por mim... De manter-me afastada. E agora estás prestes a deixar-me de fora mais uma vez... Sempre sozinho, mesmo no final. Mas eu não te permito – obstinei-me. – Compreendeste? Eu não te permito!

Afastei o cobertor. Estendi o braço na direção do seu corpo imóvel, queimando de desespero, quando vi que estava demasiado longe.

Levantei-me da cama, e os meus pés tremeram quando encontraram o pavimento. O meu tornozelo ressentiu-se, rígido e inchado, e eu agarrei-me às grades da cama, tentando segurar-me apenas com as minhas forças, mas foi uma aposta patética e as minhas pernas desiludiram-me.

Caí no chão sobre o antebraço livre, o que me causou uma pontada dolorosa. As costelas rachadas gritaram-me na carne e uma fígada de dor fez-me sustar a respiração.

Não queria nem imaginar o que as pessoas iriam pensar de mim, se me vissem. Era um espetáculo deplorável, ao mesmo tempo que cerrava os lábios e as minhas lágrimas morriam sobre os mosaicos do chão. No entanto, de uma forma ou de outra, consegui reunir as forças necessárias para me arrastar até à cama dele.

Peguei-lhe na mão, puxando-a com dificuldade na minha direção;

estreitei-a assim como ele havia estreitado tantas vezes a minha, na escuridão daquela cave, quando ainda éramos duas crianças.

– Não voltes a deixar-me para trás – supliquei de joelhos, sentindo o choro martirizar-me os olhos. – Não faças isso, imploro-te... Não vás para onde eu não possa alcançar-te. Deixa-me ficar junto de ti. Viver-te por aquilo que és. Fiquemos juntos para sempre, porque eu não posso suportar um mundo onde tu não estejas ao pé de mim. Eu quero acreditar nisso, Rigel... Quero acreditar que possa existir o conto de fadas onde o lobo mau toma a menina pela mão. Fica comigo e vamos escrevê-lo juntos... Por favor...

Encostei a testa à mão dele, molhando-lhe os nós dos dedos.

– *Por favor...* – repeti com a boca desfigurada pelo choro.

Não sei durante quanto tempo fiquei ali, a desejar fundir-me com a sua alma.

No entanto, nessa noite alguma coisa mudou.

Se era verdade que podia ouvir-me...

Então dar-lhe-ia tudo o que possuía.

No dia seguinte, pedi às enfermeiras que não corressem mais a cortina que me separava de Rigel. Nem de manhã nem à noite: queria poder ver, a toda a hora, o rosto do rapaz que jazia na cama ao lado da minha.

Quando Anna chegou ao hospital, ela não me encontrou com os olhos mortíferos e a expressão vazia, tal como havia sucedido nos dias anteriores.

Não.

Chegou estava eu já acordada, sentada entre as cobertas com o olhar vigilante e atento.

– Bom dia – saudei-a, antes mesmo de ela ter tempo de dizer alguma coisa.

Anna fitou-me surpreendida, pestanejando, e quando me apercebi de que Adeline também ali estava, uma pontada de calor adoçou-me o olhar.

– Olá – murmurou. Ela lançou um olhar atónito a Anna, e logo depois voltou a contemplar-me com uma expressão angustiada.

– Olá...

Pouco depois, enquanto me entrançava o cabelo, comi um puré de maçã com uma colher de chá.

Os dias decorreram um após o outro, inexoráveis. À medida que o meu quadro clínico se normalizava, dedicava todos os momentos livres a tentar que Rigel ouvisse a minha voz.

Lia-lhe livros e histórias, contos sobre o mar; contava-lhe tudo o que Anna me trazia, e as minhas palavras acompanhavam o silêncio até ao cair da noite.

O doutor Robertson passava por ali com regularidade a fim de examinar o meu estado de saúde. Olhava para o livro que segurava nas mãos, e quando as suas pupilas deslizavam sobre Rigel, o mundo parava de repente e eu sentia uma esperança sufocante que me cortava a respiração.

Então ficava paralisada, ali especada a olhar para o médico com uma voracidade abrasadora, como se naquele corpo imóvel ele fosse capaz de vislumbrar ou de detetar um pormenor que os outros não eram capazes de ver. Um movimento... Ou uma reação... Qualquer coisa que pudesse chamar a atenção do seu olhar profissional.

Sempre que o doutor Robertson se ia embora, o coração palpitava-me a tal ponto que precisava de morder os lábios para não estragar as páginas com as unhas.

No quarto já não reinava a sombra dos dias anteriores.

Tinha pedido que abrissem sempre as cortinas, para que Rigel pudesse ver o céu. Ou para que eu pudesse vê-lo por ele e contar-lhe tudo com os meus olhos.

– Hoje está a chover – disse-lhe certa manhã, olhando lá para fora. – O céu está iridescente... Parece uma placa de metal a pingar. – Depois lembrei-me de uma coisa e acrescentei com suavidade: – É como aquele que de vez em quando se via no Grave, lembrás-te? As crianças diziam que era essa a cor dos meus olhos...

Tal como sempre, as minhas palavras não obtiveram resposta. Às vezes, aquele silêncio despertava dentro de mim um desejo tão absurdo que imaginava ouvi-lo a responder-me. Outras vezes, o sofrimento era tão pesado que me parecia uma batalha que não podia vencer.

E quanto mais tempo passava... mais a esperança de que ele pudesse despertar diminuía.

Quanto mais os dias decorriam de forma inexorável, um após o outro, mais a frustração era um veneno que me fazia perder o apetite e me enfraquecia os pulsos.

Billie e Miki tentavam de todas as formas possíveis ficar perto de mim; e Anna tentava de todas as maneiras conceder-me alguma serenidade: levava-me a compota de amora de que eu tanto gostava e, por vezes, obrigava-me a dar uma volta pela unidade numa cadeira de rodas.

Um dia, uma enfermeira chamou-a e ela deixou-me por um momento junto à máquina do café, garantindo-me que não se iria demorar. Deve ter apanhado um susto quando, assim que regressou, não me encontrou no sítio onde me havia deixado. Procurou-me por toda a unidade, morta de preocupação, e ao passar na frente do nosso quarto o pânico ficou preso na sua garganta: eu estava ali, ao lado da cama de Rigel, com a mão pousada sobre a dele e os ossos dos ombros a desaparecerem atrás das costas da cadeira de

rodas.

– Precisas de comer – sussurrava-me depois de ter deitado fora as tostas com compota que eu nem sequer havia tocado. Eu não respondia, refém de um mundo impenetrável, e Anna não podia evitar baixar a cabeça, vencida por aquele silêncio.

Depois ajudava-me a lavar-me e, quando me abria a camisa do hospital, eu via no espelho da casa de banho toda a vida que estava a dar a Rigel, alma e ossos, até à última aresta.

Se existia um preço a pagar por lhe dar tudo o que possuía, estava gravado nas olheiras que me devoravam as maçãs do rosto salientes.

À noite... não conseguia dormir. O apito agudo do coração de Rigel era o único som que pulsava no escuro e eu, aconchegada entre os cobertores, contava os seus batimentos cardíacos, rezando para não os ouvir parar. O terror de adormecer e de não ouvir mais aquele som quando acordasse era tão avassalador que me sufocava.

Quando os enfermeiros reparavam nos vestígios de *stress* no meu rosto, administravam-me fármacos para me fazer dormir, mas a obstinação com que tentava combatê-los aproximava o meu físico do esgotamento.

– Não podes continuar assim – disse-me uma noite o doutor Robertson, quando já havia chegado ao limite.

O meu corpo encontrava-se à beira de um colapso, e o meu processo de recuperação tinha-se precipitado de uma maneira assustadora.

– Precisas de comer mais e descansar também. Nica. Não podes curar-te, se não dormires.

Olhou para mim, envolta entre cobertores demasiado grandes, esquelética e frágil como uma crisálida, e pareceu não saber mais o que fazer para me vencer.

– Porquê? Porque é que lutas contra os fármacos para dormir? Lutas contra o quê?

Virei o rosto devagar na direção dele, fleumática como um espectro, e vi o meu reflexo dentro do seu olhar.

Naquele rosto macilento onde os olhos cinzentos ocupavam o espaço de tudo havia uma obstinação que brilhava como uma loucura.

– Contra o tempo – confessei sem pestanejar.

A minha voz saiu ténue como um fio de seda.

E ele não pôde fazer outra coisa a não ser ficar a olhar para mim, derrotado e consciente.

– Cada dia que passa, ele é transportado para mais longe.

Billie e Miki passavam por ali com frequência para ver como eu estava; e

Adeline ia lá todos os dias, para cuidar de mim e entrançar-me os cabelos tal como quando éramos pequenas.

Já me tinha habituado a receber visitas. Contudo, nunca me passaria pela cabeça ver, uma tarde, Asia entrar.

Num primeiro momento tive a certeza de que estava a ter alucinações. No entanto, quando Adeline se pôs de pé, surpreendida em encontrá-la ali, dei-me conta de que os olhos não estavam a pregar-me nenhuma partida.

No seu rosto não se viam vestígios de maquilhagem, no entanto não pude deixar de reparar que conservava na mesma o seu aspeto impecável e arranjado; tinha os cabelos apanhados num rabo de cavalo e envergava um moletão cinzento que, não obstante, em nada roubava o seu fascínio sofisticado.

Asia olhou em redor com ar cauteloso, como um animal num ambiente desconhecido, e por um momento perguntei-me se não tinha vindo até ali só porque estava à procura de Anna.

Depois, os nossos olhos cruzaram-se; passou-se um instante antes de ela olhar para mim como deve ser: o seu olhar deslizou pelas feições emagrecidas da minha cara e, em seguida, pelo corpo envolto pela camisa de hospital folgada.

Notei que Adeline entrelaçava as mãos e depois declarou em voz baixa:

– Vou deixar-vos a sós por uns momentos.

– Não – retorquiu Asia, detendo-a. Depois, num tom de voz mais suave, acrescentou: – Fica.

Quando cheguei junto da minha cama, sem se sentar e sem se aproximar de mim, não fui capaz de imaginar o motivo que a havia levado até ali.

Ficou a olhar para os tubos do soro que me terminavam no braço. Em seguida, sem que eu dissesse nada, os seus olhos deslizaram devagar sobre Rigel. Fitou-o por um momento muito demorado, a tal ponto que quando se decidiu a falar apercebi-me de que estava a morder os lábios.

– Invejei-te muitas vezes – murmurou assim sem mais nem menos. Fê-lo sem desviar os olhos dele. – Não tivemos muitas oportunidades de nos encontrar. Mas nas poucas vezes em que estivemos juntas, fui forçada a admitir que não fazes ideia do que significa o conceito de se dar por vencida. Nunca renunciaste a estabelecer uma relação comigo... apesar de eu sempre te ter repellido e tratado como um entrave. Mesmo sem te conhecer, não foi preciso muito para perceber que não sabes desistir. – Virou-se devagar a fim de me fitar, olhos nos olhos, com uma expressão repleta de reprovação. – E, no entanto, olha para ti agora. Paraste de lutar.

Não, apeteceu-me dizer-lhe, era isso mesmo que eu não tinha feito. Havia em mim uma tenacidade inabalável que estava a esvaziar-me até mesmo de oxigénio. Estava reduzida àquele estado exatamente porque não sabia resignar-

me.

Todavia... calei-me. Permaneci inerte na sua presença, e aquela falta de reação surtiu nela um efeito que nunca seria capaz de imaginar.

Tristeza. Pela primeira vez desde que a tinha conhecido, Asia pareceu compreender-me. Melhor do que ninguém.

– Não posso ajudar-te se primeiro não te ajudares a ti mesma – sussurrou num tom de voz muito diferente, que parecia vir-lhe das entranhas. – Não faças como eu... Não deixes que a dor te aniquile. Que te sufoque nos remorsos. Tu tens uma oportunidade que não me foi concedida. Uma esperança. Mas se a desperdiçares, não te perdoarei.

Fitou-me com uma expressão dura e eu vi-a a tremer, mas naquele tremor detetei toda a necessidade de derrubar o muro dentro do qual estava a definir.

– A morte não se combate com o sacrifício. Mas sim com a vida. Foste tu quem me fez ver isso. A mesma rapariga que, mesmo depois de ter passado por todas as penas do inferno, me fitou, olhos nos olhos, para me dizer que não tencionava ficar de lado, que não renunciaria à Anna, ela ainda se encontra neste quarto. *Força* – rosnou –, tira-a cá para fora. Não é a anulares-te a ti mesma que vais salvá-lo... É dando-lhe um motivo para acordar. É fazendo-o ver que estás aqui, e que estás bem, e que estás a lutar para viver, ainda que viver neste momento te dilacere. Não deixes que o sofrimento te transforme numa pessoa que não és, não cometas o mesmo erro que eu... Não podemos escolher a dor, mas podemos escolher como vivê-la. E se viver significa suportar, então fá-lo também por ele, infunde-lhe a tua força e transmite-lhe a tua coragem. É ali, à vida que ainda lhe bate no peito, que deves agarrar-te com todas as tuas forças.

No fim daquele discurso, achei-a ofegante, com as lágrimas aprisionadas entre as pestanas e aquele olhar duro que transbordava de emoções.

Nunca tinha olhado para mim daquela maneira. Nunca, nem sequer uma vez.

No entanto... recordaria o seu olhar para sempre.

Asia desviou os olhos de mim, talvez arrependida daquele impulso emotivo a que se havia abandonado, e até mesmo Adeline, atrás dela, a contemplou sem palavras. Ocultou o rosto de mim e os olhos brilhantes recaíram de novo em Rigel.

– Tu ainda tens uma opção – disse em voz baixa –, não a desperdices.

Via-a voltar costas com brusquidão, pronta para se ir embora, tal como havia chegado, com os dedos enterrados na mala e os ombros rígidos.

– Asia.

Ela deteve-se. Em seguida, concedeu-me um olhar por cima do ombro, e encontrou-me ali, entre aqueles cobertores, com o rosto abatido e os olhos

repletos de uma luz frágil.

– Vem visitar-me outra vez.

Algo brilhou dentro do olhar dela. Pouco depois foi-se embora, não sem antes ter dirigido a Adeline um último olhar.

Nada tinha mudado; no entanto, naquele momento pareceu-me conseguir ver o mundo com mais clareza.

– Adeline... Posso pedir-te um favor?

Ela virou-se, olhando para mim na expectativa.

Ergui os olhos na direção dela.

– Os meus pensos rápidos. És capaz de mos trazer?

Por um momento demoradíssimo, Adeline fitou-me com os olhos esbugalhados, quase como se tivesse compreendido dentro de si o significado das minhas palavras.

Depois...

Sorriu.

– Claro que sim.

Quando tive os pensos rápidos de novo nas minhas mãos, entre aquelas paredes brancas, senti que qualquer coisa dentro de mim começava a endireitar-se.

Escolhi-os com o máximo cuidado, e no meio de todas aquelas cores que sempre senti tão minhas, voltei a perceber uma parte de mim.

E então ali estava um amarelo, como os olhos de *Klaus*.

Um azul-celeste, por Anna e Adeline.

Um verde, por Norman, ténue como o seu sorriso.

Um cor de laranja, pela vivacidade de Billie, e um azul-marinheiro, pela profundidade de Miki.

Um vermelho, por Asia e o seu carácter ardente como o fogo.

E por último...

Por último, um cor de violeta, por Rigel, como aquele que lhe havia colado no peito na outra noite no quarto dele.

Contemplando-os todos juntos nas minhas mãos compreendi que, embora o amor possuísse diferentes cambiantes, cada um deles tocava as mesmas cordas: as do coração. E todos juntos moviam uma força única e invisível, que só a alma era capaz de sentir.

Aqueles dias foram difíceis.

O meu estômago era um nó exacerbado que parecia recusar a comida. Os arranques de vômito reviravam-me as entranhas e Anna acorria até junto de mim, afastava-me os cobertores e ajudava-me a virar de lado antes de eu devolver a refeição ao pavimento.

No entanto, a pouco e pouco, comecei a comer de novo, com mais obstinação do que antes.

Pouco tempo depois, pude reaprender a andar. O tornozelo sarou e as costelas já não rangiam como pedaços de vidro quando me endireitava; aos poucos comecei a aguentar a comida no estômago e o meu processo de recuperação voltou a entrar no caminho certo.

Asia veio visitar-me de novo, tal como lhe havia pedido. Não pareceu muito convencida, no início; mas quando viu um pouco mais de cor a tingir-me o rosto e uma melhoria no meu estado de saúde, o seu olhar suavizou-se de forma quase impercetível.

Dia após dia o meu rosto ia ficando mais cheio, e os ossos dos ombros desapareceram debaixo da pele. Retiraram-me a tala do braço e comecei a recuperar de forma gradual todos os movimentos.

Mas enquanto o meu corpo voltava a entrar nos eixos... o de Rigel permanecia sempre assim, imóvel e amarrado àquele frágil batimento cardíaco.

Acorda, palpitava-me no peito, à medida que os esforços me restituíam a vida.

Ele respirava sempre com dificuldade e nada parecia demover o estado precário da sua saúde.

– *Acorda* – murmurava eu a meia-voz, ao mesmo tempo que as enfermeiras lhe substituíam as ligaduras e lhe faziam novos pensos.

Contudo, o rosto dele ia emagrecendo e as veias dos pulsos começavam a acentuar-se cada vez mais.

As sombras debaixo das pálpebras afundavam-se, e quanto mais lhe pegava na mão, mais sentia a sua pele enfraquecer sob os dedos; quanto mais o via dormir daquela maneira, mais ele definhava diante dos meus olhos.

Eu contava-lhe lendas antigas, certos contos de lobos que regressavam a casa, mas enquanto de dia lutava com luz e com esperança, de noite o desejo de vê-lo abrir os olhos esgotava-me a alma e a respiração.

– *Acorda* – *implorava-lhe na escuridão, como uma oração.* – *Acorda, Rigel, por favor, não me abandones... nem sequer consigo existir sem os teus olhos e este meu coração de mariposa noturna não sabe aquecer-me, não sabe fazer outra coisa a não ser isto, arder e tremer; acorda e pega-me pela mão, por favor, olha para mim e diz-me que juntos somos eternos. Olha para mim e diz-me que estarás sempre comigo, porque o lobo mau morre em todas as histórias exceto nesta... Nesta ele vive, e é feliz, e caminha de mãos dadas com a menina. Por favor... acorda...*

Contudo, Rigel permanecia imóvel, e na almofada eu sufocava as lágrimas que me recusava a deixar que ele ouvisse.

– *Acorda* – sussurrava-lhe até rachar os lábios.

Ele, contudo... nunca acordava.

Recebi alta alguns dias depois, sob o olhar satisfeito do médico.

Nos seus olhos consolados li todo o alívio de me ver de pé, curada e saudável, pronta para me ir embora. Não podia saber que o meu coração sangrava tal como no primeiro dia, dilacerado, porque um pedaço de mim continuava a residir no interior daquele quarto.

Aos poucos, recomecei a ir à escola.

No primeiro dia, assim como nos seguintes, foi impossível não reparar nos olhos sempre pousados em mim; os cochichos acompanhavam-me onde quer que eu fosse, e todos ainda falavam sobre o acidente.

Nesse mesmo dia, vim a saber que o Lionel se havia mudado para outra cidade.

A minha vida retomou o seu curso, tranquila, impassível e rotineira, mas não se passava um único dia em que eu não fosse visitar Rigel.

Levava-lhe novos ramos de flores, substituindo os velhos; continuava a contar-lhe histórias e fazia os trabalhos da escola sentada numa cadeira junto à parede; repetia-lhe as matérias de Geografia e Biologia, e juntos estudávamos Literatura.

– Hoje o professor pediu-nos para fazer um trabalho sobre uma obra antiga à nossa escolha – anunciei uma noite. – Eu escolhi a *Odisseia*. – Folheei as páginas do livro, ao ritmo do apito agudo do seu batimento cardíaco. – Ulisses por fim regressa a casa – disse em voz baixa. – Depois de inúmeras vicissitudes... Depois de ter superado provas indescritíveis... Ulisses consegue. No fim volta para junto de Penélope. E descobre que ela ficou à sua espera. Durante todo esse tempo, ela esperou por ele...

Rigel permaneceu imóvel, na sua candura apagada. As pálpebras estavam tão pálidas e finas que mais pareciam um sudário.

Às vezes dava por mim a perguntar-me de novo o quanto lhe custaria abrir aquelas duas finas camadas de pele que lhe cobriam os olhos.

Eu ficava com ele o máximo de tempo possível; as enfermeiras tentavam mandar-me para casa, empurrar-me para fora daquelas quatro paredes brancas, talvez mais por causa do meu bem-estar do que por respeito às normas do hospital.

Desistiram quando uma noite fui apanhada ali, enroscada sobre mim mesma, tentando dormir numa das cadeiras metálicas do corredor. Não me ralharam, dessa vez. Contudo, a enfermeira-chefe disse-me que à noite, pelo menos à noite, devia voltar para casa.

Mas eu não queria...

Eu queria ficar ao pé dele.

Isto porque, a cada noite que passava, Rigel ia ficando cada vez mais pálido e mais distante, e a minha alma corroía-me os ossos por cada instante que não passava agarrada à sua mão, a tentar arrastá-lo para fora daquele abismo.

Por isso chegava sempre um pouco antes e falava com ele sempre um pouco mais, aos fins de semana era eu quem abria a cortina de manhã, era eu quem lhe sussurrava os bons-dias e levava sempre comigo um novo ramo de flores.

Mas à noite...

À noite sonhava com mãos pálidas e pálpebras abertas sobre galáxias de estrelas.

Sonhava que ele olhava para mim com aqueles olhos únicos e profundos, e, de todas as vezes... Rigel sorria-me.

Fazia-o daquela maneira doce e sincera que nunca lhe tinha visto... Daquela maneira verdadeira que escavava dentro de mim uma ausência atroz.

E quando de manhã me apercebia de que tudo não passara de um sonho, quando me dava conta de que ele não estava de facto ali, o meu peito partia-se ao meio e eu não podia fazer outra coisa a não ser morder a almofada até sentir na boca o sabor das lágrimas.

No entanto, no dia seguinte estava sempre ali, naquele quarto branco, com as minhas flores e com a minha alma reduzida a pedaços.

– Oh... – exclamei uma manhã, ao ver que depois de um temporal o sol tinha por fim rasgado o céu: a luz tinha-se fragmentado em milhões de pedaços e um arco-íris cintilava vibrante em todas as suas tonalidades.

– Olha, Rigel – sussurrei. Um sorriso triste contraiu-me a garganta. – *Olha só que cores mais bonitas...*

A minha mão tremeu. Poucos instantes depois, saía do quarto com os lábios contraídos e os dedos a cobrirem-me os olhos.

Havia qualquer coisa de desesperante no modo como a vida ia decorrendo.

Qualquer coisa que, a despeito do meu afã, assinalava o curso de um rio inexorável.

Não importava quantas vezes desejei que abrandasse.

Não importava quantas vezes eu implorei que se detivesse, que visse o que estava a deixar para trás.

O mundo não esperava por ninguém.

Segurando com os dedos o cordel de um balão, envergando um vestido canelado, nesse dia de primavera fitei a cama da soleira da porta.

Os cabelos caíam-me de ambos os lados da cara, e era sempre o mesmo som aquele que pairava no ar.

Aproximei-me devagar, chegando junto da cama dele; ali, naquele silêncio

que mantinha tudo em suspenso há demasiado tempo, arranjei coragem para o olhar de frente mais uma vez.

Quase um mês.

Tinha-se passado um mês desde o acidente.

– Foi a Billie quem mo trouxe – sussurrei. – Trouxe um monte deles, na verdade. Diz que um aniversário sem balões não é um aniversário a sério.

Baixei a cara, frágil como uma folha. Depois inclinei-me na direção da cabeceira metálica e prendi-o ali, para que assim lhe fizesse companhia; ver aquele balão perto do seu corpo imóvel magoou-me o coração.

Sentei-me na cama.

– A Anna fez um bolo de morango. Era perfeito... O chantili desfazia-se na boca. Nunca tinha tido um bolo de aniversário... Mas se calhar, agora que penso nisso, tu não irias gostar. Sei que não gostas de coisas demasiado doces. – Contemplei as palmas das mãos abandonadas no colo. – O *Klaus* dorme sempre debaixo da tua cama, sabias? Ainda que nunca se tenham dado muito bem... acho que ele sente muito a tua falta. A Adeline também. Ela não diz nada, tenta dar-me força, mas... os olhos dela dizem tudo. Gosta imenso de ti, e preocupa-se também. Só deseja poder voltar a ver-te.

Com os cabelos a taparem-me o rosto baixo, e as pestanas assomando por entre as madeixas, fiquei a escutar o som do seu batimento cardíaco durante uns instantes intermináveis.

– Sabes, Rigel... Este seria um bom momento para abrires os olhos.

A garganta ardeu-me e eu engoli em seco, tentando não desmoronar; devagar, ergui os olhos e pousei-os nele.

A luz da janela beijava-lhe as pálpebras fechadas. Há já uma semana que lhe haviam tirado as ligaduras da cabeça, e o médico tinha dito que graças à ausência de movimento, as costelas estavam a sarar.

No entanto, a sua mente nunca estivera assim tão distante.

Olhando para ele, não pude deixar de admitir que, até mesmo com a morte a rondá-lo, Rigel possuía sempre aquela beleza que emudecia o coração.

– Seria um presente inesquecível – senti as lágrimas a perpassarem-me pelas têmporas e chegarem-me aos olhos. – O mais bonito que poderias dar-me.

A minha mão deslizou na sua, e nunca como naquele momento desejei que ele a apertasse por sua vez. Que a fechasse e que depois esmagasse a minha até me fazer perder a sensibilidade nos dedos. Senti de novo aquela sensação demolidora, aquele pressentimento que me avisava que estava prestes a desmoronar.

– Imploro-te, Rigel... Ainda há tantas coisas que precisamos de fazer juntos... E que preciso de te dizer... E tu deves crescer comigo, formar-te e... deves fazer anos muitas mais vezes, e deves... deves ter toda a felicidade que

mereces... – As lágrimas toldaram-me a vista. – Eu posso dar-ta. Esforçar-me-ei ao máximo para te fazer feliz. Prometo-te... Não desejo mais nada. Não me deixes sozinha neste mundo, nós estamos destruídos juntos... e tu... tu és o meu encaixe. O meu lindíssimo encaixe...

As lágrimas caíram sobre as costas da sua mão. O meu coração contorceu-se e uma vez mais senti-o perdidamente seu.

– És a minha luz. E eu sinto-me perdida sem ti. Sinto-me perdida... Por favor, olha para mim... Se conseguires ouvir-me, imploro-te. Volta para mim...

Algo apertou dentro da minha mão.

Uma contração.

Demorei um instante a registá-la... e o mundo virou-se de cabeça para baixo.

Ele tinha-se mexido.

Uma emoção violenta apoderou-se da minha garganta e fiquei sem respiração por um momento tão longo que a voz me falhou.

– S... Senhor doutor! – sibilei com dificuldade.

Arquejei, levantando-me da cama aos tropeções, e com gestos trémulos precipitei-me para a porta.

– Senhor doutor! – gritei. – Doutor Robertson, venha cá! Rápido!

O doutor Robertson apareceu a correr e ao ver a expressão no seu rosto percebi que os meus gritos assim tão imprevistos tinham perturbado inclusive o seu profissionalismo.

– O que foi que aconteceu? – perguntou, apressando-se a verificar os sinais vitais de Rigel no monitor.

– Ele... reagiu – cuspi com frenesim. – Reagiu ao que eu lhe disse... Mexeu-se...

O médico deixou de observar o monitor; em seguida, virou-se para mim. Deparou-se com os meus olhos avermelhados e os dedos entrelaçados, frágil e trémula.

– O que foi que viste? – perguntou, agora num tom mais cauteloso.

– Ele mexeu-se – respondi uma vez mais. – Estava a pegar-lhe na mão e ele mexeu os dedos...

O doutor Robertson lançou outra vista de olhos aos valores de Rigel; depois abanou a cabeça.

– Lamento, Nica. O Rigel não está consciente.

– Mas eu senti-o – insisti. – Juro, ele apertou-me a mão, não foi imaginação minha...

O médico suspirou, e logo em seguida enfiou a mão no bolso da bata e tirou de lá o que me pareceu ser uma caneta de metal; acendeu-a e brotou de lá um feixe de luz finíssimo, que apontou sobre a pupila de Rigel depois de lhe ter levantado a pálpebra.

Não se verificou nenhuma reação.

O mundo desmoronou com lentidão. E eu não pude fazer outra coisa a não ser ficar a olhar para ele, frágil e inútil.

– Mas eu... Eu...

– Pode acontecer que os doentes em estado comatoso se mexam de vez em quando – disse-me o médico. – Podem ter espasmos, contrações... Às vezes chegam inclusive a chorar. Mas isso... não significa nada. O facto de se ter mexido é puro reflexo, uma reação involuntária aos fármacos.

Olhou para mim com uma mortificação que me despedaçou ainda mais.

– Lamento, Nica.

Nos meus olhos repletos de lágrimas, senti pela primeira vez arder uma coisa muito mais dolorosa do que as lágrimas: a desilusão.

E eu compreendi, melhor do que nunca, o quão destrutivo podia ser agarrar-se a uma esperança.

O doutor Robertson pousou-me uma mão no ombro antes de sair; sabia que se tivesse tido forças para olhar para ele, teria percebido a pena que sentia por ter arrancado de mim o enésimo sonho.

Fiquei ali, no dia do aniversário dos meus dezoito anos.

Com o coração a definhar entre as costelas e aquele balão pendurado por cima do seu corpo imóvel.

Desde pequena que ouvia dizer que a verdade torna o mundo colorido.

É esse o acordo. Enquanto não a conhecemos, nunca poderemos ver a realidade em todas as suas cambiantes.

Só que algumas verdades possuem *nuances* que nos anulam.

Algumas verdades têm histórias que não estamos prontos para deixar para trás.

Eu não estava preparada para prescindir da minha.

Contudo, não tinha mais sorrisos para mostrar a Rigel. Não tinha mais contos de fadas para lhe contar.

Só tinha um coração vazio, que me corroía por dentro como um elemento estranho. Havia vezes que me parecia senti-lo deslizar para fora do peito e cair no chão com um baque, sob os meus olhos insensíveis.

Nessas mesmas vezes, achava que se o meu coração tivesse caído de verdade, eu ter-me-ia baixado para o apanhar, sem pestanejar sequer. Todas as sensações que existiam dentro de mim eram apenas de dor.

Enquanto estava ao pé dele, nessa noite, nem mesmo as enfermeiras apareceram para me dizer que devia ir-me embora.

Talvez porque tivessem visto os meus olhos vidrados e não fossem capazes de me arrastar para longe daquela cama que parecia manter vivo não um

coração, mas sim dois.

O dia do meu aniversário já tinha sido há alguns dias e nada mudou.

Ele estava sempre ali. Eu estava sempre ali.

Talvez ficássemos ali para sempre.

Tinha esgotado as histórias; e todas as luzes que me esforçara por lhe dar apagaram-se como um fósforo dentro dos seus olhos fechados.

Não restava mais nada.

Na minha alma havia apenas um vazio profundo. E mesmo dali ouvi surgir de novo palavras que me haviam acompanhado durante a vida toda.

– Era uma vez, há muito, muito tempo, um mundo onde ninguém era capaz de chorar.

A minha voz era apenas um sussurro extenuado.

– As emoções não queimavam; e os sentimentos... não existiam; as pessoas viviam de alma vazia, despojadas de emoções. No entanto, escondido de todos, na sua imensa solidão, havia um homenzinho vestido de sombras. Um artesão solitário, cujas habilidades possuíam um poder estranho e incrível. Dos seus olhos claros como o vidro, ele era capaz de esculpir e de confeccionar lágrimas de cristal.

» Um dia um homem bateu à sua porta. Viu as lágrimas do artesão e, impelido pelo desejo de poder experimentar uma réstia de sentimento, perguntou-lhe se podia ficar com elas. Nunca, em toda a sua vida, havia desejado mais alguma coisa no mundo do que poder chorar.

» *Porquê?*, perguntou-lhe então uma voz que não parecia uma voz.

» *Porque chorar significa sentir*, respondeu o homem. *Nas lágrimas oculta-se o amor e a mais compassiva das despedidas. Constituem a mais íntima extensão da alma, aquilo que, mais do que alegria ou felicidade, faz com que nos sintamos de veras humanos.*

» O artesão perguntou-lhe se tinha a certeza, mas o homem implorou-lhe; então tirou duas das suas lágrimas e colocou-lhas debaixo das pálpebras.

» O homem foi-se embora, mas no seu lugar vieram muitos outros.

» Cada um deles pedia a mesma coisa, e, um por um, o artesão contentou-os a todos – e eis que choraram as pessoas: era raiva, desespero, dor e angústia.

» Eram paixões dilacerantes, decepções e lágrimas, lágrimas, lágrimas – o artesão infetava um mundo puro, tingia-o dos sentimentos mais íntimos e mais extenuantes.

» E a humanidade desesperou-se, transformando-se naquela que conhecemos.

» Eis a razão por que... todas as crianças devem ser boas.

» Porque não é da sua natureza, a raiva, não é da sua natureza o ciúme ou o despeito.

» Todas as crianças devem ser boas, porque os prantos, os caprichos

e as mentiras não são próprias delas.

» E se mentires, ele ouvirá. Se mentires, quer dizer que lhe pertences, e ele vê tudo, cada emoção que te move, cada arrepio da tua alma. Não podes enganá-lo.

» Então, sê bom, menino. Então, sê obediente.

» Então, nunca sejas mau e, acima de tudo, lembra-te: não podes mentir ao fabricante de lágrimas.

As minhas palavras extinguíram-se no silêncio.

Agora que estávamos ali, cintilantes de tinta, pareciam estar à espera apenas do fim.

– Sempre foi assim para mim – confessei-lhe. – Sempre foi o que queriam que acreditássemos. O monstro de quem devíamos ter medo... No entanto, estava enganada.

Ergui os olhos, cravando-os nele, com as pálpebras pesadas de choro.

Há tanto tempo que andava à procura do nosso conto de fadas sem saber que o trazia dentro de mim desde o início.

– Olha, Rigel – sussurrei por fim, arrasada. – Olha só como me fazes chorar. Eis então a verdade... Tu és o meu fabricante de lágrimas – abanei a cabeça, desabando por completo. – Compreendi demasiado tarde. Cada um de nós possui o seu fabricante de lágrimas... É aquela pessoa capaz de nos fazer chorar, de nos fazer felizes ou de nos dilacerar apenas com um olhar. É aquela pessoa que dentro de nós... ocupa um lugar tão importante que nos faz desesperar com uma palavra, ou emocionar com um sorriso. E não podes mentir-lhe... Não podes mentir a essa pessoa, porque os sentimentos que te unem a ela estão acima de qualquer mentira. Não podes dizer a ninguém que amas que a odeias. É assim... Não podes mentir ao fabricante de lágrimas. Seria como mentir a ti mesmo.

Fui acometida pela angústia e sofri em cada milímetro de pele. Soube que se existia um fim para aquela história, ficaria para sempre com aquele menino de olhos negros que tinha visto tantos anos antes na soleira da porta de um orfanato.

– Gostaria de ter olhado dentro dos teus olhos enquanto te dizia isso – solucei, apertando os dedos sobre os cobertores. – Gostaria que tu o lessees no meu olhar, no momento em que to dissesse... mas talvez seja tarde de mais. Talvez o nosso tempo tenha expirado... e este seja o último momento que me resta...

Deitei a testa sobre o seu peito. E enquanto o mundo se extinguia junto comigo, confessei-lhe as únicas palavras que tinha conservado para o nosso final.

– *Amo-te*, Rigel – sussurrei com o coração despedaçado. – Amo-te como se ama a liberdade na escuridão de uma cave. Amo-te como se ama uma carícia,

depois de anos de nódoas negras e de sovas. Amo-te como se ama apenas o céu, sem nunca se quebrar. Amo-te mais do que alguma vez amei qualquer cor na minha vida... E amo-te... como só sei amar-te a ti, *única e exclusivamente a ti*, que me fazes bem e mal mais do que outra coisa qualquer, que és a luz e as trevas, o universo e as estrelas. Amo-te como só te sei amar a ti que és o meu fabricante de lágrimas...

O choro sacudiu-me até aos ossos e agarrei-me às páginas daquela história com tudo o que possuía.

Com cada pedaço desesperado de mim...

Com cada uma das minhas lágrimas e cada respiração.

Com todos os meus pensos rápidos e com aquela alma que nunca soube sentir.

E por um instante... estava capaz de jurar que senti o coração dele bater com mais força. Gostaria de tomá-lo entre as minhas mãos e estreitá-lo junto a mim, protegê-lo para sempre. Mas só podia erguer os olhos e fitar-lhe o rosto tal como havia feito todos os dias da minha vida.

Só podia munir-me de coragem para olhar para ele de novo.

E desta vez...

Desta vez, quando o meu coração deslizou para fora do peito... ouvi o seu baque ao cair no chão.

Contudo, não me baixei o apanhar.

Não. Permaneci inerte.

Porque as minhas pupilas...

As minhas pupilas contemplavam bem dentro de outras pupilas.

Os meus olhos... contemplavam bem dentro de outros olhos.

Olhos cansados, exaustos...

Olhos negros.

Por um momento, cessei de existir. A emoção que me invadiu foi tão visceral e incrédula a ponto de me aniquilar, de me deixar demasiado aterrada para ter esperança.

Com os olhos marejados de lágrimas fitei aquela fresta subtil que separava as suas pálpebras, incapaz de me mexer; senti que se me tivesse atrevido a respirar, aquele instante se quebraria como vidro.

– *Rigel*...

Mas os seus olhos...

Os seus olhos permaneceram ali.

Não desapareceram como nos sonhos.

Não se evaporaram como uma ilusão.

Ficaram firmes diante de mim, frágeis e verdadeiros, olhos extenuados de lobo que me devolviam o meu reflexo.

– *Rigel*... – disse, tremendo com violência, demasiado arrasada para

acreditar no que via.

Contudo, não estava a imaginar coisas. Rigel estava a olhar para mim.

Aquilo não era um sonho.

Rigel tinha aberto os olhos.

A minha testa abriu-se em sulcos e o seu nome quebrou-se nos meus lábios: deixei-me ir por fim e aquele vazio devorador explodiu fora de mim, junto com um terramoto de angústia e dores.

O meu corpo foi trespassado por uma alegria tão intensa que me cortou a respiração. Abandonei-me com a testa pousada no seu peito, desprovida de energia, e os seus olhos foram para mim o milagre mais belo de todos.

Mais amado do que qualquer céu.

Mais desejado do que qualquer conto de fadas.

Porque é verdade que existe uma história para cada um de nós, sem dúvida, mas a minha não era de mundos cintilantes nem de rabiscos dourados, não... A minha tinha roseiras de espinhos e pálpebras abertas sobre galáxias de estrelas.

Possuía constelações de arrepios e sarças de arrependimento, e eu estreitei-as com desespero, abracei-as, uma por uma, até ao último espinho.

Levei uma mão à face de Rigel, soluçando, e ele continuou a olhar para mim como se, até mesmo no meio da confusão total que estava a sentir nesse momento, tivesse compreendido que tinha na frente um rosto que despertava nele um sentimento profundíssimo e ilimitado.

E eu... eu não desviei os olhos dos seus.

Nem sequer por um momento. Nem sequer quando estendi a mão para o lado e carreguei no botão para chamar a enfermeira... Nem quando vieram a correr e explodiram as vozes de incredulidade.

Nem sequer quando toda a unidade se precipitou na mais inesperada agitação.

Fiquei com ele o tempo todo, acorrentada ao seu olhar de corpo e alma.

Fiquei com ele tal como ele fez todas as noites nos meus sonhos, e todos os dias de cada semana.

Fiquei com ele sem nunca mais me ir embora, até...

Até ao fim.

Passou-se um bocado antes de Rigel conseguir falar.

Sempre tinha acreditado que se ele acordasse do coma se mostraria recetivo de imediato, ou que pelo menos seria dono do seu corpo, no entanto descobri que não era assim.

O médico informou-me de que ainda demoraria algumas horas antes de conseguir deter o pleno controlo dos movimentos, e que decorridas duas

semanas de coma muitos pacientes mergulhavam num estado vegetativo, mas ficou feliz em comunicar-me que depois de tantas complicações pelo menos havia sido poupado a esta última.

Explicou-me também que após o despertar algumas pessoas podiam mostrar-se agitadas e agressivas, porque não reconheciam o lugar onde se encontravam. Por conseguinte, recomendou-me que falasse com ele com calma, assim que pudesse voltar para junto dele.

Antes de me deixar de novo a sós com ele, o doutor Robertson pousou-me uma mão no ombro e dirigiu-me um sorriso tão cheio de esperança que senti os pulmões encherem-se de ar.

Quando o médico saiu, entalei uma madeixa de cabelo atrás da orelha, virando-me na direção do rapaz que se encontrava deitado na cama.

Vê-lo assim tão tranquilo concedeu-me um alívio imenso no coração.

Percorri-lhe o rosto com as pontas dos dedos, traçando-lhe as feições, e debaixo de mim Rigel abriu os olhos.

Pestanejou devagar, ainda demasiado fraco para se mexer, e focou o contorno do meu rosto.

– Olá... – sussurrei com uma suavidade como nunca antes tinha feito. A linha que pulsava com o seu batimento cardíaco assinalou duas palpitações seguidas.

Ao ouvir o som tão presente do seu coração, lágrimas de uma alegria incontrollável contraíram-me a garganta: à medida que me reconhecia, as suas pupilas cravaram-se nas minhas como estrelas binárias.

Afastei-lhe com delicadeza algumas madeixas de cabelo, convencendo-me de que não estava a sonhar.

– Por fim regressaste – murmurei. – Voltaste para mim.

Rigel fitou-me com os olhos cheios dos meus e, embora o seu corpo estivesse visivelmente no limite, pareceu-me que nunca estivera mais maravilhoso do que agora.

– Tal como nas tuas histórias – a voz saiu-lhe rouca, e eu estremeci de um amor ardente ao ouvir de novo o som da sua voz. As lágrimas subiram-me aos olhos como velhas amigas e eu deixei-me vencer, demasiado abalada para combatê-las.

– Conseguias... ouvir-me?

– Todo o santo dia.

Sorri entre lágrimas, sentindo-as escorrerem pelas faces. Tudo o que eu lhe tinha contado, sussurrado, confessado, ele tinha ouvido. Tudo.

Sabia que nunca mais o deixaria partir. Por nenhuma razão do mundo.

– Esperei por ti durante demasiado tempo – murmurei, enquanto os meus dedos se entrelaçavam nos dele, sentindo-o a apertá-los.

Ficámos de mãos dadas, tal como o lobo e a menina, e naquelas palmas de

mãos unidas encontrei toda a luz que nunca havia desistido de procurar.

– *Eu também.*

Sarar

*Existe uma força que não se pode medir.
É a coragem de quem nunca desiste de ter esperança.*

A recuperação de Rigel exigia tempo.

Passaram-se vários dias antes que ele conseguisse restabelecer por completo os ciclos de sono-vigília, e outros tantos serviram para permitir que o corpo recuperasse o controlo de cada um dos estímulos e movimentos.

Recobrou toda a lucidez e, a despeito dos impedimentos físicos que o prendiam à cama, não demorou muito até revelar todas as cambiantes indóceis do seu carácter.

Por outro lado, se havia uma coisa que nunca tinha suportado era receber cuidados e atenções, fossem de que espécie fossem. Talvez porque, por causa da doença, deu por si a evitá-los tantas vezes que isso, com o tempo, tinha acabado por gerar um tipo de repulsa por qualquer pessoa que se aproximasse dele com a preocupação estampada nos olhos. Por conseguinte, ao mesmo tempo que lutava por acordar, não devia ter contado com a eventualidade de se ver todos os dias sujeito às demonstrações de carinho por parte de perfeitos desconhecidos.

Sobretudo por parte da equipa de enfermagem.

No decurso daquelas semanas, todas se tinham afeiçoado àquele rapaz fascinante com aspeto de anjo, que dormia um sono injusto e lutava pela vida; e todas tinham cuidado dele com todo o zelo, mudando-lhe os pensos e as ligaduras, fitando-o como um sonho demasiado frágil para durar.

Agora que o rapaz tinha aberto as pálpebras, revelando dois magnéticos e irreverentes olhos de lobo, o ar parecia crepitar de eletricidade e de exaltação.

O que, tal como era fácil de imaginar, não agradava nem aos médicos nem à enfermeira-chefe, e muito menos a Rigel.

– Menina Dover? – ouvi alguém chamar certa tarde. Encontrava-me a um

passo da porta do quarto dele, mas virei-me para trás e deparei-me com a enfermeira-chefe que vinha ao meu encontro.

– Oh, bom dia! – saudei, segurando as flores que trazia comigo e o livro que lhe tinha levado. – Como está?

Ela, um mulherão de seios volumosos e braços fortes, assentou as mãos nos quadris e olhou para mim com uma expressão muito pouco afável.

– Houve alguns *desentendimentos*...

– Oh, hum... De novo? – gaguejei, esforçando-me por aligeirar a conversa com uma gargalhada, mas ela não me pareceu de muito bom humor, portanto limitei-me a esboçar um sorriso algo forçado.

– Calculo... sim, que se tenha tratado de alguma... *divergência*... – aventurei-me a dizer. – Mas procure entender, não é fácil para ele. Não o faz com má intenção... É um excelente rapaz. Ladra, mas não morde. Acontece que, sabe... Esta situação desgasta-o.

– *Desgasta-o?* – repetiu a mulher, indignada. – Não se esqueça de que recebe todos os cuidados e atenções de que necessita! – retorquiu. – Até de mais!

– Por isso mesmo...

– *Como?*

– Não tenho a certeza – apressei-me a acrescentar. – Acontece que ele, bom... como direi... é algo *selvagem*, mas... garanto-lhe que é um rapaz como deve ser. Ficaria surpreendida com o quanto ele pode ser educado. Só precisa de habituar-se um pouco...

Vi que ela estava a olhar para mim ainda com a testa franzida, por isso puxei pelo caule de um lírio do ramo e entreguei-lho com todo o seu magnífico perfume, dirigindo-lhe o mais doce dos meus sorrisos. Diante daquela doçura, ela amoleceu; pegou-lhe com um resmungo e eu fiquei feliz.

– Não se preocupe. Confie em mim. Tenho a certeza de que saberá comportar-se da maneira mais adequada que...

– O que é que estás a fazer?

Virei-me na mesma hora. Aquele tom alarmado tinha vindo do quarto de Rigel.

Antes mesmo de ter tempo para pensar duas vezes, apressei-me a entrar: a enfermeira que se encontrava diante da sua cama estava vermelha e transtornada.

Perscrutei-a, e só então é que o vi.

Envolto pelo sol que iluminava as cortinas brancas, Rigel tinha o tórax enfaixado por uma ligadura complicada sobre um penso, e os cobertores enrolados na pélvis. O rosto estava escavado por sombras à altura das maçãs do rosto; por baixo das sobranceiras afiladas, as íris negras destacavam-se de uma maneira maravilhosa e obsessiva.

Ele estava a usá-las para fulminar a enfermeira que se encontrava ao seu lado.

– O que foi que aconteceu? – perguntei, quando vi que tinha o busto soerguido, e o braço apoiado no colchão para servir de alavanca. Apertava o cobertor entre os dedos como se fosse algum tipo de prisão.

– Disse-lhe que não pode levantar-se – respondeu ela. – Mas não quer dar-me ouvidos...

– Está tudo bem – sorri com educação à mulher, ao mesmo tempo que pousava uma mão no ombro de Rigel e o empurrava para baixo. Senti os seus músculos reprimirem a muito custo a vontade de se rebelar. – Não há motivo nenhum para se alarmar...

Ela escapuliu-se dali, levando consigo o tabuleiro do almoço dele; vi-a desaparecer pela porta, e depois virei-me para ele. Sorri-lhe com doçura.

– Onde é que julgavas que ias?

Rigel lançou-me um olhar de animal selvagem em cativeiro. No entanto, preferiu ficar-se por ali.

Arranjei as flores com a maior tranquilidade, como se não o tivesse surpreendido mais uma vez a desobedecer às ordens do médico.

– Como é que te sentes hoje?

– Às mil maravilhas – resmungou, mordaz. – Não tarda penduram uma tabuleta no lado de fora do meu quarto como se faz no jardim zoológico.

Não estava de muito bom humor. É provável que o facto de ter sido apanhado mais uma vez a tentar fugir não ajudasse.

– Precisas de ter paciência – tentei dizer-lhe com delicadeza, reavivando as pétalas com os dedos. – Estás nas mãos de pessoas muito competentes... sabias? E seria *simpático* da tua parte mostrar-te, de vez em quando, gentil. Ou pelo menos sem hostilidade, pronto. Podias ao menos experimentar?

Rigel fitou-me com o lábio superior algo franzido e eu dirigi-lhe um olhar indulgente.

– Disseram-me que foste malcriado com uma enfermeira... É verdade?

– Queria enfiar-me dois tubos de plástico pelo *nariz* acima – sibilou ele, profundamente indignado. – Disse-lhe com toda a educação que podia enfiar o tubo pelo...

– Oh, Nica, que prazer voltar a ver-te!

O doutor Robertson entrou no quarto com a bata a esvoaçar e uma pasta debaixo do braço; chegou ao pé de nós e com uma expressão satisfeita exclamou:

– Bom dia, Rigel! Estava boa a sopa?

Rigel sorriu com educação.

– Dava *dó*.

– Estamos de bom humor, pelo que vejo – comentou o médico, passando

em seguida a fazer-lhe as habituais perguntas de rotina.

Perguntou-lhe se ao longo do dia tinha sentido fadiga ou algum tipo de tonturas; perguntou-lhe se as dores de cabeça surgiam com frequência e Rigel replicou apenas o indispensável, como se responder-lhe fosse uma obrigação a que não podia escapar.

– Muito bem – retorquiu o doutor Robertson. – Diria que a tua recuperação se encontra no bom caminho.

– Quando é que poderei sair daqui?

O médico pestanejou e olhou para ele estarrecido.

– *Sair daqui?* Sair daqui... Bom... A microfratura da pélvis está curada. Quanto à clavícula... ainda serão precisas mais umas duas semanas. E as costelas ainda não cicatrizaram. Ter arriscado a vida não é uma coisa que possa ser ignorada, não achas?

Rigel dirigiu-lhe um olhar penetrante, mas o doutor Robertson sustentou-o, imperturbável.

– Além disso, recordo-te que, por mais desagradável que possa ser a comida para os convalescentes, é muito importante que comas. É necessário para que o teu físico possa recuperar-se em definitivo.

Dei por mim a saltitar com os olhos entre um e o outro, sem compreender a razão por que havia no ar aquela sensação palpável de desafio. Rigel parecia estar a esforçar-se bastante para não dizer alguma coisa que saísse do âmbito da *civilidade* que tinha acabado de lhe referir, e tive quase a certeza de ver o doutor Robertson empertigar-se com ar de triunfo.

– Passo por aqui de novo mais tarde – informou-o o médico, satisfeito. Depois foi-se embora, desaparecendo com ar vitorioso pela porta.

Rigel afundou-se nas almofadas com um suspiro tão resignado que mais parecia um grunhido. Levantou os braços, cruzando-os sobre o rosto.

– Se ficar aqui muito mais tempo...

Era insólito ouvi-lo falar assim tanto. Contudo, o que tínhamos enfrentado juntos derrubou o muro atrás do qual ele sempre havia trancado a alma. Era como se, depois das minhas palavras e do que eu tinha feito por ele, Rigel tivesse percebido por fim que não precisava de esconder-se de mim.

– Estiveste em coma durante um mês – recordei-lhe, sentando-me ao seu lado. – Não achas que tudo isto é... lícito e necessário?

– *Agradeceria* – articulou de forma pausada –, que pelo menos não me viessem mudar os pensos e as ligaduras mesmo quando não é preciso.

– Não podes deixar que te mimem de vez em quando?

Ele imobilizou-se. Afastou um dos braços, e olhou para mim como se eu tivesse acabado de falar a coisa mais ridícula do mundo.

– *Que me mimem?* – repetiu com sarcasmo.

– Sim, que te mimem... – as minhas faces tingiram-se de rosa. – Não sei,

quero dizer, relaxar-te... soltar-te um pouco. Sei que não é fácil para ti... mas de vez em quando podias experimentar abandonar-te aos cuidados de alguém. Desfrutar de um pouco de atenção – balbuciei, lançando-lhe uma olhadela. Ele ainda tinha o braço levantado, cruzado sobre o rosto, mas os olhos estavam fitos em mim.

Por um momento tive a impressão de que estava a refletir a fundo na palavra *mimos*, mas com um significado muito diferente do meu...

Antes que ele tivesse tempo de dizer alguma coisa, levantei-me com um movimento delicado. Alisei a blusa que trazia vestida e entalei o cabelo atrás da orelha.

– Onde é que vais? – perguntou como se eu fosse partir para o outro lado do mundo.

Virei-me e apercebi-me de que ele ainda estava a observar-me.

– Só vou até às máquinas automáticas – respondi, e depois ri-me. – Estás com medo de que vá onde?

Rigel fulminou-me com um olhar de soslaio, talvez receando que se o largasse ali à mercê dos médicos alguém pudesse aproveitar a minha ausência para o enjaular naquele quarto.

Era insólito vê-lo assim tão vulnerável e nervoso, encurralado num ambiente que no seu carácter distorcido achava hostil, por conseguinte sorri-lhe com doçura, acariciando-lhe os cabelos escuros.

– Vou buscar um copo de água. Já volto... Dá uma vista de olhos pelo livro que te trouxe, é aquele sobre a mecânica das estrelas que me havias pedido.

Dirigi-lhe um olhar demorado antes de me afastar.

Percorri o corredor inteiro até ao átrio, onde tirei algumas moedas, detendo-me depois diante da máquina automática.

– Oh, estás aqui!

Atrás de mim, uma rapariga graciosa vinha ao meu encontro.

– Adeline.

Ela sorriu, radiante, enquanto eu atirava o cabelo para trás dos ombros. Envergava uma blusa vaporosa num tom de azul-índigo que combinava às mil maravilhas com os seus olhos doces.

– Trouxe-te as chaves de casa... A Anna disse que te esqueceste delas.

Estendeu-me o porta-chaves em forma de borboleta e eu peguei nele.

– Oh, obrigada, não precisavas de ter-te incomodado...

– Não te preocupes, ficava-me em caminho... A Asia está aqui fora, passou pela loja de carro e agora vai acompanhar-me de volta a casa. Que tal achaste os lírios?

– São perfumadíssimos – respondi, agradecendo-lhe satisfeita. – Tinhas razão.

Nos seus olhos luminosos reencontrei aquela luz que partilhávamos.

Adeline já não precisava de procurar um emprego. O evento para o Círculo Mangrovia tinha-se revelado um êxito, e os arranjos florais de Anna agradaram de tal maneira que nos dias subsequentes o telefone explodiu numa cascata de telefonemas contínuos. Tinham-na contratado para uma sequência interminável de eventos, cada um mais importante do que o outro, e a loja teve a tão aguardada oportunidade que merecia.

Contudo, não acabou por ali: com os olhos repletos de afeto, Anna tinha perguntado a Adeline se podia oferecer-lhe o emprego que ela tanto havia procurado.

Quando Carl, o assistente, a viu entrar pela porta, o queixo por pouco não lhe caiu no chão. Ofereceu-se de imediato para lhe dar uma ajuda, mas não sabia que Adeline sempre tivera uma sensibilidade rara, capaz de trazer luz até aos meus dias mais cinzentos; e não tinha sido uma surpresa para mim descobrir que ela tinha com as flores uma afinidade muito particular que a tornava perfeita para aquele trabalho.

E não havia maneira de poder exprimir o que sentia quando entrava na loja e as encontrava juntas ali, a rir e a conversar.

Sempre quis que Adeline se mantivesse na minha vida. Agora sabia que faria parte dela para sempre.

– A Asia não quer entrar? – perguntei, olhando para a entrada.

– Oh, não, está no carro à minha espera – disse a sorrir, abanando a cabeça. – Sabes bem como ela fica impaciente.

Entre elas havia uma amizade inesperada, nascida durante a minha recuperação. Quando Asia voltou para me visitar, Adeline fez de tudo para que ela se integrasse: punham-se atrás de mim, cada uma com uma madeixa dos meus cabelos nas mãos, e enquanto Asia murmurava indignada que era impossível, Adeline ria à socapa, baixinho, e mostrava-lhe como fazer uma trança espinha de peixe.

Com o tempo, Asia passou a vir também sem que eu lhe pedisse.

– Não é assim tão má – murmurou Adeline, na brincadeira.

– Não, é verdade – concordei. – Tem um feitio um bocadinho difícil, mas... é uma boa pessoa. Não faz outra coisa a não ser dizer que sou teimosa. – Sorri, recordando as suas palavras. – Incorrigível, casmurra e tenaz como a esperança.

– É verdade. És mesmo. És como a esperança.

Ergui o rosto e fitei Adeline, olhos nos olhos. O seu tom de voz não era des preocupado como o meu. Não... era sincero.

– Eu não seria capaz de fazer o que tu fizeste.

– Adeline...

– Não – disse com voz transparente. – Não seria capaz de fazer isso. Ficar ao lado dele todos os dias sem nunca perder a coragem nem a esperança.

Acordar todas as manhãs com forças para sorrir. Tu deste-lhe tudo de ti... Falaste com ele todos os dias e todas as noites. Tiveste forças para continuar mesmo quando estavas a extinguir-te... Nunca desististe. É verdade o que o médico diz. Só uma luz tão poderosa como a tua poderia trazê-lo de volta para casa.

Um calor embaraçado invadiu-me o peito, e eu arqueei os lábios ao de leve.

– O médico nunca disse isso... – balbuciei, mas Adeline devolveu-me o mesmo sorriso frágil.

– Pediu-me que ficasse entre nós.

Baixei a cabeça, cravando os olhos nos dedos. Os meus pensos rápidos eram uma profusão tranquilizadora de cores.

– A Asia ajudou-me. No momento em que estava a extinguir-me, ela ajudou-me a não me extraviar. Agora sei por que razão a Anna sente tanto afeto por ela... Tinha razão a seu respeito.

Adeline acariciou-me o braço, num gesto encorajador.

– Ah – exclamou, quando uma buzina furiosa se ouviu lá fora. – Agora preciso de ir...

– Não vens cumprimentar o Rigel?

– Oh, gostaria muito, mas a Asia está à minha espera! Pode ser que passe por cá amanhã, depois do trabalho... Vais estar aqui?

Assenti, feliz.

– Claro que sim.

Ela sorriu-me. Depois despediu-se de mim e deu meia-volta num turbilhão de cabelos dourados.

Fiquei a vê-la correr até à rua, e espreitando para lá das portas vi-a abrir a porta de um carro.

Asia levantou os óculos de sol sobre a cabeça, resmungando algo que parecia uma reprimenda, e vi Adeline soltar uma risada ao mesmo tempo que punha o cinto de segurança. Poucos instantes depois arrancaram a toda a velocidade.

Voltei para trás com um sorriso nos lábios e os cabelos a roçar-me pelas costas.

Quando cheguei de novo ao quarto de Rigel, reparei que ele já não estava sozinho.

Ao lado da cama estava um tabuleiro e a enfermeira que lho havia trazido encontrava-se ali agora a ajustar-lhe o lençol, de modo a que os tubos do soro não se enredassem.

Constatei que já a tinha visto várias vezes ali dentro; muitas vezes era ela quem lhe mudava os pensos e as ligaduras. Era muito jovem, e delicada como uma corça, no entanto quando roçava a pele de Rigel, eu sentia um formigueiro na boca do estômago.

Rigel pareceu dar-se conta de que ela estava a olhar para ele de soslaio; estava a ponto de fulminá-la, mas no último momento uma centelha perpassou-lhe pelas suas íris. Espreitou para o crachá no seu peito e depois endireitou-se, e inclinou-se sobre ela com um sorriso persuasivo.

– O que é que me dizes, Dolores, seria possível comer alguma coisa *decente*?

Ela corou, esbugalhando os olhos. Tentou responder, mas diante daqueles olhos só lhe saíram da boca palavras desconexas.

– Gostaria muito, mas não é... não me é...

– *Hum.*

A enfermeira sobressaltou-se como se alguma coisa tivesse explodido. Virou-se na minha direção e deparou-se comigo ali, parada na soleira da porta. Com as bochechas em brasa passou ao meu lado e desapareceu atrás de mim.

Fitei Rigel com o lábio algo projetado para diante, irritada. Cheguei ao pé da cama e pousei a garrafinha de água em cima da mesinha de cabeceira, ao mesmo tempo que ele via esfumar-se a sua tentativa de melhorar o almoço.

– Será que poderias evitar... subornar as enfermeiras? – resmunguei, algo amuada.

Rigel voltou a acomodar-se entre os cobertores com gestos rígidos.

– Só estava a tentar ser *educado* – gracejou entre dentes, sem sequer se esforçar para ser credível. Eu olhei para ele com uma pitada de reprovação.

– Não deves levantar-te – recordei-lhe, observando a complicada ligadura da clavícula. – O médico disse que deves manter o braço o mais imobilizado possível... Dói-te, não é verdade? – sussurrei, vendo o perfil algo contraído do seu maxilar. – Oh, Rigel... Sabes que não deves forçá-lo...

Rigel nem sequer se importava com as costelas fraturadas, mas eu lembrava-me bem das fsgadas que me haviam atormentado a cada movimento que fazia. Até mesmo respirar era doloroso para mim. Tinha a certeza de que ele estava a sentir dores nesse momento.

– Se quiseses mesmo sair daqui, precisas de manter-te calmo, seguir as recomendações e, sobretudo... comer – rematei, ao mesmo tempo que os meus olhos pousavam no tabuleiro que lhe tinham trazido.

Rigel lançou-lhe um olhar hostil, mas eu inclinei-me a fim de lhe pegar e pousei-o nos joelhos, observando o respetivo conteúdo: um copo com água e fruta, que para os convalescentes era puré de maçã.

Peguei na embalagem de plástico e revirei-a entre os dedos antes de a abrir; coloquei-lhe a colher no tabuleiro e aproximei-o dele.

– Vamos, anda, come.

Ele fulminou o puré com o olhar como se este pudesse envenená-lo, mas, além disso, tive a sensação de que mexer-se lhe causava muitas dores nesse

momento; tinha exagerado bastante nos movimentos, ainda que nunca fosse capaz de o admitir.

– Não, obrigado – murmurou num tom de voz que teria feito desistir qualquer um. Mas não a mim.

Com gestos delicados, peguei na embalagem e segurei-a entre os dedos; acomodei-me melhor e depois enfiei a colher na polpa dourada da fruta.

– O que é que estás a *fazer*?

– Quanto mais quieto ficares, melhor será para ti... O médico também te disse isso, não disse? – sorri com ternura. – Vamos, anda, abre.

Fitou-me, com a colher de chá na mão, como se não conseguisse acreditar nas minhas intenções. Quando pareceu compreender que eu tentava fazer exatamente o que ele tinha desconfiado, ou seja *dar-lhe a comida na boca* como se fosse um bebé, uma sombra indignada e feroz fê-lo semicerrar os olhos.

– *Nem pensar.*

– Vá lá, Rigel, não seas criança... – murmurei, aproximando-me. – Força... – Encostei-lhe a colher ao canto da boca e brindei-o com o meu olhar mais indefeso.

Ele contraiu o maxilar, fitando-me com os lábios cerrados, como se o instinto de atirar com o tabuleiro pelos ares estivesse a combater com fúria com o facto de ser eu a propor-lhe fazer isso.

– Vamos... – articulei, com voz aveludada.

Rigel cerrou os dentes. Pareceu esforçar-se muito para reprimir qualquer palavra que estivesse a pressionar-lhe a garganta. Depois, observando a minha expressão tão doce e cheia de boa vontade... e o estímulo encorajador dos meus olhos, decidiu-se, por fim, a abrir a boca muito devagar, numa fenda apertada.

Inseri a colher dentro dos seus lábios com um gesto suave, e ele fitou-me com olhos de fogo quase a consumir-me. Por último, com um olhar carregado de azedume, engoliu.

– Pronto, era assim tão mau?

– Sim – cuspiu mal-humorado, mas eu já tinha preparado uma segunda colherada. Por um momento, achei que fosse despedaçá-la com os dentes. Com um pouco de boa vontade e muita paciência, convenci-o a comer mais de metade do puré de fruta.

A dada altura, uma gota dourada escorreu-lhe pela comissura dos seus lábios e eu, sem pensar duas vezes, recolhi-a com a colher. Quando viu que os meus olhos estavam a arder de ternura, não aguentou mais.

– *Já chega* – sibilou, arrancando-me das mãos a embalagem e a colher. Deixou-as em cima da mesinha de cabeceira, e antes que eu tivesse tempo de protestar, também o tabuleiro teve a mesma sorte.

– Oh, enfim – murmurei em voz baixa –, estava quase...

O seu braço deslizou-me pela cintura e ele atraiu-me a si.

Esforcei-me por não lhe cair em cima, mas foi inútil: a força com que me agarrou impossibilitou-me sair dali.

– Rigel – balbuciei apanhada de surpresa –, o que é que estás a fazer?

Tentei recuar, mas ele estreitou-me mais, comprimindo-me de encontro ao seu corpo; antes de poder dizer o que quer que fosse, aproximou os lábios do meu ouvido e resmungou irreverente:

– Não vais querer negar-me uns quantos... *mimos*.

Corei, ao mesmo tempo que o calor da sua pele me recordava as saudades que senti dele. A minha respiração ficou trémula, e Rigel enterrou o rosto no meu pescoço e inalou o meu perfume, cingindo-me com o braço; senti os seus pulmões dilatarem-se com lentidão.

– Rigel, estamos num local público... – gaguejei, vermelha como um tomate.

– *Hum...*

– Se alguém entrar... – Os seus dedos percorreram devagar a minha *T-shirt*, desentalando-a dos *jeans* e encontrando um caminho sobre a pele da minha cintura. Apertou-me os quadris e sustive a respiração.

– R... Rigel, não vais querer enfurecer de novo a enfermeira-chefe...

Estremeci e arregalei os olhos, transtornada, levando uma mão à boca.

Acabava de me dar uma mordida no pescoço.

– *Rigel!*

O tempo curou mais do que uma ferida.

Billie e Miki foram o meu maior alívio.

O que me tinha acontecido levou-as a refletir sobre o quanto por vezes a vida sabia ser imprevisível e o tempo insuficiente para ser desperdiçado com incompreensões e mal-entendidos. Assim sendo, confrontaram-se por fim e, embora nenhuma das duas me tenha confidenciado o que haviam conversado, compreendi que a tempestade tinha passado.

Uma vez cheguei inclusive a vê-las chegarem à escola de mãos dadas; fitando os olhos límpidos de ambas, percebi que aquele gesto sancionava apenas o afeto restabelecido.

No entanto, perscrutando o rosto de Miki, não descobri melancolia nem desilusão; percebi que também para ela voltar a ter ao seu lado uma pessoa assim tão importante superava qualquer desejo do coração.

É muito provável que a relação entre elas nunca mais voltasse a ser como antes, mas, vendo-as de mãos dadas, compreendi que também elas haveriam de encontrar, a pouco e pouco, uma maneira de permanecerem juntas.

Até ao fim.

Escolhi uma tarde para convidá-las para irem lá a casa a fim de fazermos os trabalhos da escola juntas; nesse mesmo dia, peguei no meu coração e abri-o como um livro.

Contei tudo.

De quando havia perdido os meus pais; de quando me deparei diante dos portões de um orfanato, aos cinco anos de idade, sozinha e sem mais nada. Contei como os meus dias passados no Grave se haviam transformado em anos, e contei sobre a tutora, sobre as páginas que nos arrancou de cima, assinalando para sempre a história da nossa vida.

E depois falei-lhes de Rigel.

Relatei todas as coisas, sem deixar nada de fora; cada mordida e cada maldade, cada segredo e cada palavra não dita; cada um dos momentos que nos havia aproximado e unido com um fio mais forte do que o destino.

Contei-lhes a nossa história, e naquele momento senti que não mudaria nem uma vírgula.

Ainda que fosse assim tão imperfeita e arruinada, ainda que aos olhos de muitos fosse sempre incompreensível... aquela era a única história que eu queria.

No hospital as coisas melhoraram. Rigel tirou os pensos e as ligaduras e deu início à reabilitação. A recuperação total das suas faculdades acarretou bastantes problemas, e não sei quantas flores precisei de oferecer à enfermeira-chefe por conta dos vários *desentendimentos* que se verificaram.

Depois... havia a questão da adoção.

A partir do momento em que Rigel deixasse de ser um membro da família Milligan, teria de regressar a um orfanato, mas Anna fez de tudo para que ele não fosse enviado para longe. Realizou imensos telefonemas, apresentou-se em pessoa no Centro dos Serviços Sociais explicando que, tendo em vista a doença de que Rigel padecia, tê-lo por perto permitir-lhe-ia manter o contacto e, por conseguinte, conservar uma serenidade mental que para a sua condição era determinante.

Graças ao médico, na verdade, Anna anexou documentos que sublinhavam o quanto a harmonia psicológica de Rigel influenciava a manifestação das crises; um clima de paz e harmonia, como se demonstrava, tornava-as mais ligeiras e ocasionais; o *stress* e a angústia, por outro lado, só contribuíam para que piorassem.

Por último, para grande surpresa e alívio de todos nós, determinaram que ele seria transferido para o Saint Joseph Institute. O mesmo de Adeline.

Este ficava muito mais próximo do que o Grave e situava-se apenas a umas quantas paragens de autocarro de distância; o diretor era um homem baixo, gorducho e atarracado, e Adeline garantiu-me que a despeito do seu carácter rude e mal-humorado, era uma boa pessoa: fitando os seus olhos sinceros,

uma parte de mim sentiu-se aliviada ao saber que Rigel não ficaria sozinho.

Por outro lado, no que dizia respeito à escola, Anna já lhe tinha pagado as mensalidades do ano inteiro, portanto concluiria o ano letivo comigo.

Enquanto caminhávamos pelo corredor deserto, naquela tarde, os passos ressoaram nas paredes tal como haviam feito inúmeras vezes. No entanto, foi difícil imaginar que no dia seguinte já não voltaria lá.

Os meus pés detiveram-se na frente do quarto de sempre.

A cama estava feita, e já lá não se encontrava a cadeira encostada à parede. A mesinha de cabeceira estava limpa e desimpedida, sem mais nenhuma flor para quebrar todo aquele branco.

Tinha chegado o momento de lhe darem alta.

Parada na frente da soleira da porta daquele quarto, admirei o seu perfil recortado a contraluz.

Lá fora pairava um crepúsculo lívido, ainda perlado de chuva. As nuvens mostravam-se incendiadas por um vermelho flamejante e a luz que resplandecia no ar parecia uma luz capaz de qualquer coisa.

Rigel encontrava-se de pé junto à janela. Os cabelos negros emolduravam-lhe o rosto e os ombros fortes destacavam-se de encontro às vidraças; tinha uma mão enfiada no bolso de uma maneira que lhe conferia um fascínio trágico.

Fiquei ali a admirá-lo em silêncio por um momento.

Voltei a vê-lo quando era criança, com aquela carinha de anjo e os olhos negros como a noite.

Voltei a vê-lo aos sete anos, com os joelhos esfolados e as minhas fitas nas mãos.

Voltei a vê-lo aos dez anos, com uma velinha na frente e o olhar perdido no vazio.

Voltei a vê-lo aos doze anos, com os olhos vigilantes e o queixo baixo, e depois aos treze, aos catorze e aos quinze, com aquela beleza desinibida e sem escrúpulos que parecia nunca mais ter fim.

Rigel que não se deixava acariciar, que silenciava com a sua inteligência, que atirava a cabeça para trás e rompia numa gargalhada desprovida de alegria. Rigel que estalava a língua com descaramento, que aterrorizava apenas com um olhar – Rigel que me observava de longe, às escondidas, com olhos de rapaz, mas coração de lobo.

Rigel, tão invulgar, complicado, retorcido, sombrio e fascinante.

Olhei para ele em todos os sentidos, por inteiro, e não fui capaz de acreditar que fosse... meu.

Que dentro dele aquele coração de lobo carregasse em silêncio o meu nome.

Nunca mais deixaria que se fosse embora.

– Então, cá estamos nós – ouviu dizer.

Rigel virou a cabeça e viu Nica aproximar-se com as mãos entrelaçadas atrás das costas. Os cabelos compridos ondulavam com suavidade, e havia alguma coisa de um brilho absoluto naqueles poços de estrelas que tinha por olhos.

Deteve-se na frente dele, junto à janela.

– Então, Rigel? Aceitas não voltar a fugir? – perguntou-lhe Nica. – Aceitas-me a mim?

Rigel fitou-a por debaixo das pestanas.

– E tu aceitas-me a mim? – perguntou por sua vez, com voz rouca e calma. Observou-a com atenção e sussurrou: – Aceitas... aquilo que eu sou?

Nica ergueu as comissuras dos lábios. Olhou para ele daquela maneira que lhe derretia a alma entre os ossos e respondeu:

– Já o fiz.

E Rigel sabia que era verdade.

Demorou tanto tempo a entendê-lo. A aceitá-lo.

Foram necessárias todas aquelas orações que lhe havia dirigido.

Foram precisas as lágrimas. E também os gritos. Foi necessária a angústia de vê-lo dirigir-se a um lugar que ela não podia alcançar.

Foram necessárias aquelas palavras que ela lhe tinha sussurrado na última noite para o fazer compreender de uma vez por todas.

Por um instante perguntou-se o que teria acontecido se as coisas tivessem tomado outro rumo. Se nunca tivessem caído daquela ponte. Ele ter-se-ia ido embora para salvá-la de si mesmo, e Nica nunca saberia que cada uma das escolhas que ele fez ao longo da sua vida girava em torno de um único objetivo.

Ela.

Talvez, um dia, num tempo que era impossível saber, voltassem a encontrar-se.

Ou talvez não. Perder-se-iam para sempre, e ele teria vivido uma vida inteira a imaginar como ela crescia.

Ao invés, ela estava ali, depois de semanas de lágrimas nos olhos.

Fitando-a com aquelas íris que trazia dentro de si desde criança, Rigel ouviu o coração sussurrar-lhe...

Só podia concebê-lo assim.

Sentindo-te ao meu lado todos os dias.

E ouvindo-te chorar todas as noites.

Nunca acreditei de verdade que tu pudesses querer-me... a mim. E agora que sabes o desastre e a calamidade que eu sou, podes compreender porquê.

Sempre pensei que serias mais feliz se te tivesse deixado partir. Eu não sei ser como os outros, gostaria de lhe ter dito com o coração desesperado, nunca o fui, e nunca o serei.

Mas tu fizeste-me compreender... que estava enganado.

Porque agora que já sabes de tudo, sei que me vês de verdade por aquilo que sou. E, apesar disso, não queres mudar-me. Apesar disso não tens medo. Apesar de tudo, aquilo que queres é... ficar comigo.

E no fim, no fim de todas aquelas palavras não ditas, no fim de tudo aquilo que sempre foi, Rigel fechou os olhos devagar e limitou-se a sussurrar...

– Rendo-me.

Ela sorriu, trémula e luminosa.

– Muito bem – murmurou com uma emoção que parecia despedaçar-lhe o peito. O seu olhar parecia querer dizer: «Teremos tempo para fundir as nossas imperfeições e retirar delas algo de belo.»

Era tão irresistível, a ponto de doer, que Rigel se perguntou se estava a reprimir o impulso devorador de lhe tocar. Antes de poder fazê-lo, contudo, Nica estendeu os braços para a frente e colocou-lhe debaixo do nariz aquilo que mantivera escondido atrás das costas.

Ele ficou atónito.

Era uma rosa negra. Com um sem-número de folhas e um caule crivado de espinhos.

Era como aquela que ele lhe tinha enviado há muito tempo, e que depois quase tinha feito em pedaços num acesso de angústia.

– Por acaso é... para mim?

– *Eu?* – Nica ergueu uma sobrancelha, brincalhona. – *Oferecer-te uma flor a ti?*

Rigel inclinou o rosto de lado, prestes a irritar-se; já estava a franzir a testa, mas eis senão quando sucedeu algo completamente inesperado.

Uma força invisível arqueou-lhe os lábios, e pela primeira vez sentiu nascer dentro dele qualquer coisa sincera e espontânea.

Não o esgar com que mascarava a dor. Não...

Aquilo que viu no reflexo dos olhos dela foi um sorriso de um deslumbramento impiedoso.

Nica fitou-o sem respirar. Ainda tinha os olhos algo brilhantes, mas agora mostravam-se arregalados e emudecidos como nunca lhe havia visto.

Se pudesse, Rigel teria desejado que ela olhasse para ele daquela maneira para sempre.

– Gosto quando sorris – sussurrou ela, sorrindo por sua vez. Agora tremiam-lhe os dedos, e ao vê-la assim, com as faces ruborizadas e os olhos emocionados, o impulso de lhe tocar tornou-se insuportável.

Rigel enfiou uma mão entre os cabelos dela e atraiu-a a si.

Tentou não a magoar ao mesmo tempo que estreitava o amplexo até a comprimir de encontro ao seu corpo.

Meu Deus, os seus cabelos... o seu perfume... e os seus olhos brilhantes que o contemplavam sempre sem medo, na expectativa, mesmo apertada daquela maneira entre os seus dedos.

Ela era a sua estrela.

Debruçou-se sobre o ouvido dela, envolvendo a outra mão naquela em que Nica empunhava a rosa.

Enquanto o verme reclamava os seus lábios convidativos, Rigel pensou que poderia dizer-lhe alguma coisa de tudo o que sempre trouxera dentro de si, ali mesmo e nesse exato momento.

Mesmo no fim de tudo.

Que a tinha amado todos os dias, desde que ela era apenas uma criança.

Que a tinha odiado, porque ele nem sequer fazia ideia do que fosse o amor, e depois tinha-se odiado a si próprio pelo mesmo motivo.

Que ela lhe fazia um bem de uma maneira que *quase o magoava*, porque cada uma das flores que havia dentro de si mordida e possuía espinhos tal como aquela rosa que seguravam nos dedos.

Gostaria de poder dizer-lhe tantas coisas, todas em conjunto ali, junto ao seu ouvido.

Gostaria de poder sussurrar-lhe: «Amo-te até à medula.»

Ao invés, apertando os dedos entre os cabelos dela, optou por lhe dizer...

– Tu és... o *meu* fabricante de lágrimas.

E Nica, tão doce, pequena e frágil, sorriu. Sorriu com as lágrimas e não com os lábios.

Porque era como se estivesse a dizer...

Ês o motivo por que posso chorar, e a razão por que sou feliz.

Ês o motivo por que a minha alma é plena e sente, sente tudo o que pode sentir.

Ês o motivo por que suporto qualquer dor, porque vale a pena embrenhar-me na noite para contemplar as estrelas.

Ês tudo isto para mim, e mais do que saberia dizer.

Mais do que qualquer um poderia alguma vez compreender.

Beijou-a, mergulhando na sua boca. Devorou-lhe os lábios devagar, com lentidão, achando-os macios e doces a ponto de o fazer enlouquecer.

Nica tomou-lhe o rosto entre as mãos e, pela primeira vez, Rigel pensou que havia alívio naquela dor incrédula que só ela era capaz de lhe infligir.

Porque aquelas pétalas e aqueles espinhos sempre fariam parte de si.

Do princípio ao fim.

E o facto de se tratar da rosa que segurava na mão, ou daquelas que trazia dentro de si... não era importante.

As flores que ela lhe tinha dado, afinal de contas, eram todas iguais.

Uma promessa

*Existem três coisas invisíveis,
com um poder extraordinário.
A música, o perfume e o amor.*

O sol de junho resplandecia no céu.

O ar estava tépido e leve como uma pétala de flor sobre a pele.

No pátio da escola, no meio da balbúrdia alegre de centenas de vozes, uma multidão de famílias e de alunos encontrava-se no auge dos festejos.

Era o dia da formatura.

Avós orgulhosos abraçavam os netos, pais orgulhosos imortalizavam-nos, e através dos altifalantes da escola ouvia-se uma música suave e delicada que servia de pano de fundo a todas as palavras.

Parecia um daqueles dias impossíveis de esquecer, um daqueles dias em que até mesmo o ar possuía algo de mágico, diferente e especial, capaz de perdurar na memória para sempre.

– Sorriam!

O clarão de um *flash* refletiu-se nos nossos sorrisos. Anna tinha uma mão pousada no meu braço e Norman rodeava-me os ombros enquanto eu segurava o diploma nas mãos, eufórica. A toga roçava-me pelos tornozelos e o chapéu de formatura quadrado na cabeça conferia-me um ar mais cómico do que solene.

– Esta ficou ótima! – exultou Billie, vitoriosa, e o cordão dourado do seu chapéu agitou-se no ar.

– És de facto uma excelente fotógrafa – reconheceu Norman, tímido e sorridente, talvez por causa das inúmeras fotos que já tinha tirado.

Ela ficou ainda mais animada.

– Precisamos de tirar uma de todos juntos! – disse com exuberância. – Quero pendurá-la no vestíbulo lá de casa!

Dirigiu-nos o sorriso mais feliz que alguma vez lhe vi. Os olhos brilhavam-lhe como pedras preciosas. Virou-se e afastou-se um pouco em passo de corrida, até onde Miki e os pais desta se encontravam na companhia de mais dois adultos.

A mãe e o pai de Billie riam-se com animação, e destacavam-se no meio da multidão como um casal de papagaios coloridos: ele envergava uma camisa tropical, ao passo que ela tinha a cabeça cheia de caracóis e um par de brincos de cerimónia espampanantes, um presente de alguma tribo longínqua da Amazónia. Quando mos apresentou, tinham-me apertado a mão entre as deles, entusiastas, fitando-me com aquele olhar apaixonado que tantas vezes havia visto nos olhos da minha amiga.

Simpatizei imenso com eles.

Sabia o quanto era importante para Billie que os pais ali estivessem naquele dia: contudo, observando o afeto que os dois nutriam por ela, percebi que nunca o perderiam por nada neste mundo.

Neste momento estavam embrenhados no relato de uma história trepidante, algo que a julgar pelos gestos que faziam parecia uma perseguição a uns macacos: os pais de Miki, impecáveis e bem arranjados como membros da realeza, ouviam-nos com um leve sorriso, e as mãos pousadas com doçura nos ombros da filha.

Tudo corria bem.

Havia luz na minha vida.

E aquele era um dia de imensa felicidade para mim, um momento de pura alegria. Por uma fração de segundo, uma parte dos meus pensamentos voou até à minha mãe e ao meu pai.

Gostaria que ali estivessem...

Gostaria que pudessem ver-me.

Nas minhas recordações eram o pormenor mais precioso: via-os de novo de costas, enquanto eu havia parado para observar todas as coisas, e eles caminhavam à minha frente. O meu pai era o mais desfocado dos dois, uma silhueta confusa pelo passar do tempo, mas lembrava-me da minha mãe como uma luz que nunca se esquece.

Eu ficava para trás, curiosa com o mundo desde pequena, e ela, envolta na claridade do dia, virava-se sempre para trás de modo a não me perder de vista.

Olhava na minha direção, sorridente, e a mão que me estendia sobressaía no meio dos raios de sol.

– *Nica?* – dizia apenas. Possuía a voz mais doce do mundo. – *Vem.*

Alguém me roçou uma mão pelo rosto.

Virei-me e vi Norman ajeitar-me com todo o cuidado o cordão do chapéu. Cruzei o meu olhar com o dele, e ele dirigiu-me um pequeno sorriso. A solicitude daquele gesto concedeu alívio ao meu coração.

– Chegaram!

Um coro de vozes entusiasmadas ergueu-se à nossa volta. Houve quem se tivesse virado. No meio das pessoas, vários pares de raparigas e de rapazes avançaram pelo relvado, trazendo grandes cestos pendurados no braço.

– Quem são? – perguntou Anna, esforçando-se por ver alguma coisa.

– Vêm saudar os formandos – respondi, ao mesmo tempo que esboçava um sorriso. – Achei que não o fariam, no entanto...

Sabia que nos anos anteriores tinham preparado um pequeno espetáculo, mas desta vez foi diferente: o mesmo comité encarregado de organizar o Garden Day havia pensado em alguma coisa que pudesse ser divertida e, ao mesmo tempo, comemorativa.

Grinaldas de flores começaram a substituir os chapéus de todos: lírios brancos para as raparigas, e para os rapazes, ao invés, folhas de um bonito verde-floresta enfeitadas com pequenas bagas de cor azul meia-noite.

Era sem dúvida uma escolha insólita, quase bizarra, mas dava vontade de sorrir ao ver todos aqueles jovens a deambularem com orgulho de um lado para o outro com botões de flores e bagas na cabeça.

Anna levou uma mão ao peito e riu-se.

Nem tive tempo de me mexer quando alguém me tirou o chapéu da cabeça e me colocou uma grinalda de flores: virei-me e vi Billie soltar uma risada alegre e em seguida virar-se para Miki, que soprou uma madeixa de cabelos negros debaixo da sua grinalda de lírios, erguendo o rosto e fulminando-a com o olhar.

Tirou uma grinalda de um dos cestos sem nem sequer se virar, correndo atrás de Billie com um olhar flamejante.

– Se te apanho... – ameaçou-a, brandindo a grinalda como se fosse um objeto contundente.

Era inútil tentar intervir: fiquei a olhar para elas enquanto Miki a perseguia, espetando-lhe depois com a grinalda de flores na cabeça como se tentasse agredi-la até fazê-la perder os sentidos.

Lancei a Anna e a Norman um olhar fervilhante, depois, entusiasmada, surripi uma coroa masculina e afastei-me por entre as pessoas.

Desloquei-me no meio daquele enxame de rostos felizes, enquanto a fragrância das flores começava a disseminar-se pelo ar: detive-me quando encontrei o que estava à procura. Não muito longe, um jovem fascinante estava a manter uma conversa com a diretora; junto deles encontravam-se também dois indivíduos, um homem e uma mulher, que tinha a certeza de que estavam a falar com ele sobre o seu futuro.

Rigel estava de costas; tinha a toga desabotoada, o chapéu quadrado debaixo do braço e a mão no bolso, deixando entrever as calças de corte elegante.

Aproximei-me com cautela, desejosa de não ir interromper um momento importante, mas naquele instante o homem e a mulher assentiram e apertaram-lhe a mão. A diretora fez-lhe um sinal com a cabeça e depois convidou-o a segui-la: afastaram-se juntos e eu decidi juntar-me a eles, dando uma corridinha.

Parei atrás deles e chamei a atenção de ambos, pigarreando.

Rigel virou-se. Os seus olhos pousaram em mim, mas quando viu a minha expressão marota, uma pontada de desconforto toldou-lhe a voz.

– Mais fotos não...

Como resposta pus-lhe a grinalda debaixo do nariz, eufórica. Ele baixou os olhos a fim de fitá-la e arqueou uma sobrancelha.

– Só podes estar a brincar – declarou com voz neutra, contudo senti um toque de incerteza no tom da sua voz, como se com o passar do tempo tivesse aprendido a distinguir quando eu falava a sério.

– Vais usá-la? – perguntei-lhe.

– Dispenso *de boa vontade* – gracejou ele, cortante, com aquela atitude de desmancha-prazeres adorável.

Começava a compreendê-lo.

– Vamos – encorajei-o, aproximando-me dele com um sorriso. – Todos estão a usá-la...

– Não...

Interrompi-o antes que tivesse tempo de refutar: com um pulinho estiquei o braço e coloquei-lha na cabeça. Um par de bagas soltaram-se e fizeram-lhe ricochete no peito: Rigel pestanejou, rígido, como se não fosse capaz de acreditar que eu lhe tinha acabado de enfiar uma grinalda de flores na cabeça.

No entanto, antes de lhe dar tempo para reagir, tomei-lhe o queixo entre os dedos e pus-me em bicos de pés a fim de lhe depositar um beijo no maxilar.

Ele franziu a testa e eu sorri-lhe com ar angelical.

– Fica-te muito bem – disse, baloiçando-me ao de leve ao mesmo tempo que lhe pegava na mão e entrelaçava os dedos nos dele. Rigel desconfiou que eu estava a tentar apaziguá-lo, e com um baque no coração quase me pareceu vê-lo erguer a comissura dos lábios.

Podes sorrir, gostaria de lhe ter dito com os batimentos cardíacos acelerados, *podes sorrir, a sério, não há problema...*

– Não me digas.

Com lentidão levou as nossas mãos entrelaçadas atrás das minhas costas e atraiu-me a si. Prendeu-me com o pulso atrás das costas, e os seus olhos fitaram-me por baixo das pestanas.

Aquela grinalda ficava-lhe mesmo bem: parecia um príncipe silvano³.

– Satisfeita? – murmurou.

Anuí, radiante, e a pétala de um lírio balançou-me a meio da testa. Ele

contemplou a minha expressão, quando lhe acariciei uma face com a outra mão.

– Sonhei com este dia. – Os meus olhos lânguidos deslizaram-lhe pelo rosto. – Sonhei que te via aqui. Que te via receber o diploma comigo.

A doçura na minha voz aprofundou-lhe o olhar. Sabia que estava a referir-me ao momento em que achava que o tinha perdido. Calou-se, deixando-se acariciar por mim, baixou os olhos e pousou-os nos meus lábios.

– O que é que vai acontecer agora?

– Tudo o que quisermos que aconteça – respondi com doçura, porque já não tinha medo. – Isto é só o princípio.

Fechei os olhos, deleitando-me com a sua proximidade, e encaixei a cabeça na cavidade do seu pescoço. Deixei-me envolver pelo seu calor e desejei que ele sentisse a alegria que me comovia o coração.

Tinha vida dentro de mim, e sentia-me feliz. Feliz de o ver ali, com aquela grinalda na cabeça, feliz por estar com ele no início de uma nova e lindíssima viagem.

Eu estava preparada.

– Ei!

Billie acenou com a câmara fotográfica.

– Temos de fazer uma foto de todos nós, juntos!

Por sorte a distância impediu-a de ouvir o comentário pouco agradável de Rigel: juntámo-nos aos outros e, depois de um número interminável de fotografias, prosseguimos com os festejos.

Ao final do dia, o pátio estava cheio de pétalas e de bagas espalhadas um pouco por toda a parte. Despedi-me de Rigel quando ele foi obrigado a ir-se embora, se calhar a fim de prosseguir a conversa com a diretora, e no pátio ficámos apenas nós.

Tinha sido um dia inesquecível.

Senti alguém a acariciar-me os cabelos.

Era Anna. Com gestos delicados ajeitou-me um lírio na testa e olhou para mim com doçura.

– Estou tão orgulhosa de ti – confessou com um afeto que me ficou gravado na memória. Aquelas palavras tão sentidas e sinceras deixaram-me aprisionada aos seus olhos.

Havia uma coisa que queria perguntar-lhe. Há já uns tempos que desejava fazê-lo, na realidade, mas nunca tinha arranjado coragem para tal. Naquele momento, ali na frente dela, percebi que não queria esperar mais.

– Anna – murmurei –, gostaria de ir ver o Alan.

A minha voz ressoou doce, porém determinada. Senti a sua mão deter-se

entre os meus cabelos.

– Gostaria de te ter pedido antes – admiti, escolhendo as palavras com cuidado. – No entanto, nunca me parecia ser o momento adequado. Nem sequer sabia se era certo pedir-te uma coisa dessas. Mas gostaria... muito. – Fitei-a com olhos doces e límpidos, sustentando-lhe o olhar. – Achas que podemos fazer-lhe uma visita?

No rosto dela detetei um sentimento que nunca lhe tinha visto.

Sempre tive medo de parecer intrometida, inoportuna e indelicada. E receava estar a mais, porque o afeto era um dom que sempre havia contemplado de longe.

Apenas com o tempo vim a compreender que no amor não existe intromissão, mas sim partilha.

Anna inclinou o rosto, no olhar dela vi uma resposta que não tinha necessidade de palavras.

Fomos logo nessa mesma tarde.

Ainda trazia na cabeça a grinalda de lírios.

Era tarde, e a luz do pôr do sol banhava os mármoreiros brancos. No cemitério não havia ninguém, a tranquilidade pairava por entre os epitáfios fundindo-se com o ar tépido e perfumado do início do verão.

Alan encontrava-se ao fundo, à sombra de uma bétula.

Assim que lá chegámos, reparei que alguém lhe havia trazido flores: ainda estavam frescas, viçosas e não deviam ter mais de um dia.

– Asia – murmurou Anna com um sorriso agridoce.

Sobre a pedra não havia nem rasto de musgo: intuí que ela passava por ali com frequência para ter a certeza de que sempre estava cuidada e limpa.

Norman curvou-se e depositou um ramo de tons azuis sobre a erva que crescia diante da lápide. Demorou imenso tempo a ajustar o papel, de modo a assegurar-se de que não ficava enrugado, de que cada dobra e cada recanto estivessem perfeitos.

Quando voltou a endireitar-se, Anna aproximou-se dele e acariciou-lhe as costas. Encostou a cabeça à dele enquanto eu observava o túmulo de Alan, e o vento era o único som que se ouvia ao nosso redor.

Gostaria de lhe dizer muitas coisas.

Falar-lhe a meu respeito, falar-lhe da pessoa que eu era, confessar-lhe que, mesmo que nunca tivesse ouvido o som da sua voz, de uma maneira impossível, estranha e indefinida, sentia-o perto de mim.

Gostaria de preencher aquele silêncio, dar-lhe alguma coisa em troca, alguma coisa que, no entanto, não era capaz de exprimir, porque a minha presença implicava a sua ausência.

Gostaria de encontrar a maneira certa de lhe falar com o coração, mas quando Anna e Norman se viraram para trás, no silêncio que nos envolvia, eu ainda me encontrava ali, parada diante dele.

Ouvi-os começar a andar com passos lentos, batendo com as solas dos sapatos na gravilha do empedrado.

Não me mexi: continuei a contemplar a inscrição gravada no mármore, sem ver mais nada.

Devagar, levantei os braços e tirei a grinalda de flores da cabeça. Ajoelhei-me diante dele e coloquei-a por debaixo do seu nome, retendo-a por uns instantes entre os dedos peçados de pensos rápidos.

– Vou cuidar bem deles – sussurrei, dando voz ao meu coração. – Vou tentar estar à altura daquelas duas pessoas tão extraordinárias. Prometo-te.

O vento trouxe consigo a fragrância das flores que se encontravam mais próximas.

Pus-me de pé, ao mesmo tempo que os cabelos soltos me dançavam em torno da cabeça. Dentro de mim, aquela promessa penetrou-me no mais profundo da alma. Mantê-la-ia comigo, junto de todo o meu ser, todos os dias, até quando me fosse possível fazê-lo.

Para sempre.

– Nica? – ouvi que me chamavam.

Virei-me. Os raios cálidos do sol inundavam todas as coisas. Norman e Anna estavam à minha espera no carreiro. Ela sorriu, rodeada pela luz. Em seguida, estendeu-me a mão.

E eu ouvi, no fundo do meu coração, a voz mais doce do mundo sussurrar:

– *Vem.*

³ Na mitologia romana, cada uma das divindades dos bosques e dos campos. (*N. da T.*)

Um novo começo

*Cada final é o princípio
de algo excepcional.*

Três anos depois

Um calor agradável entrava pela janela aberta.

Desde o bairro tranquilo chegavam o ruído do restolhar das folhas e o canto primaveril dos pássaros.

– Portanto... A leptospirose é uma infecção que apresenta sintomas bifásicos... – recapitulei, mordiscando a caneta, concentrada. Passei a língua pelo lábio e depois anotei as informações no caderno, recapitulando o trabalho que devia entregar dentro de uma semana.

Klaus fazia a sesta no meio das minhas pernas cruzadas; fiz-lhe uma festa distraída, folheando o volume de doenças infecciosas para consultar os apêndices.

Estava no terceiro ano da faculdade de Medicina Veterinária, um percurso que tinha escolhido com o coração e com a alma; achava cada matéria fascinante, mas não obstante este era um caminho exigente, e apesar de esse ser um dia especial, não podia deixar de estudar...

– Nica! Cheguei!

Uma voz chamou-me do andar de baixo e eu levantei a cabeça de repente. Um sorriso fez-me entreabrir os lábios e atirei de imediato com a caneta para cima da cama.

– Já vou!

A minha euforia foi tão gritante que *Klaus* acordou indignado. Saiu de cima das minhas pernas e saltou para o chão, furioso, no momento exato em que eu fazia o mesmo.

Corri até à porta do meu quarto, mas no último momento derrapei

e detive-me na frente do espelho.

Examinei o meu aspeto e limitei-me a ajeitar a blusa às riscas que me adería à pele, sacudindo os pelos de gato dos calções de ganga.

Estava com um aspeto algo disperso, mas não me importei; ao invés, olhei-me nos olhos, e a superfície devolveu-me a imagem do rosto fresco e luminoso de uma jovem mulher.

A minha cara já não era mais aquele retrato magro e acinzentado que anos antes havia transposto a soleira da porta daquela casa pela primeira vez.

Aquela que me devolvia o olhar era uma rapariga de tez rosada e saudável, com as sardas sublinhadas pelo sol e o rosto delicado, porém cheio. Pulsos delicados, mas sem ossos à vista, e um olhar luminoso que refletia uma alma feita de luz. Curvas mais suaves e pronunciadas completavam aquele que era agora o meu corpo de uma miúda de vinte e um anos de pleno direito.

Oh, bom... vinte e um anos *acabados de fazer*.

Sorri, soprando a madeixa de cabelo rebelde que me aflorava a testa, e depois precipitei-me para fora do quarto.

Nos meus dedos resplandeciam apenas três pensos rápidos coloridos. Contemplei-os com entusiasmo, não podendo deixar de reparar como tinham diminuído de maneira progressiva com o passar dos anos.

Quiçá, talvez um dia não precisasse mais deles... Olharia para as minhas mãos desguarnecidas, sabendo que todas as cores se encontravam dentro de mim. Sorri mais uma vez, *apenas dentro de mim*.

Cruzei-me no corredor com *Klaus*, ainda ofendido com o que aconteceu antes, e quando passei ao lado dele dei-lhe um beliscão no rabosque.

Sobressaltou-se ultrajado e aproveitei a oportunidade de ele ainda se encontrar meio ensonado para desatar a correr. Já tinha treze anos, e passava mais tempo a dormir do que outra coisa, mas ainda era bastante enérgico e corria sempre como se levasse asas nos pés.

Ri-me enquanto ele me seguia pelas escadas abaixo, e naquele momento de total euforia o meu pensamento voou por momentos para *ele*.

Quando pensaria em ligar-me? Seria possível que ainda não tivesse arranjado um momento para me escrever?

Cheguei ao rés do chão e dei um salto para o lado: *Klaus*, por sua vez, seguiu a direito sem conseguir apanhar-me a tempo. Entrei na sala de jantar sorridente.

– Cá estou eu – anunciei, ouvindo-o miar ao longe, à laia de vingança.

Anna virou-se e sorriu-me. Estava esplêndida e radiante: envergava uma blusa de algodão com mangas de balão e calças azul-escuras, parecendo o sonho luminoso que eu tanto havia desejado quando era pequena.

E não era só isso...

A sala era uma explosão de cravos. O ar exalava um soberbo perfume que

me invadiu as narinas; cheguei ao pé dela, prestando atenção às jarras que estavam no chão, e ela entregou-me uma das flores enquanto eu me esquivava a um ramo avermelhado. Tomei-a entre os dedos e, trocando um olhar de cumplicidade entre ambas, mergulhámos o nariz dentro da corola.

– Pão!

– Roupa lavada e...

– Papel novo!

– Casca de maçã... não, melhor ainda... gengibre...

– Cheira sem dúvida a pão. Pão acabado de sair do forno!

– Nunca se ouviu falar de uma flor que cheirasse a pão!

Como sempre, não pude deixar de rir. Enterrei o nariz no cravo e soltei uma risada divertida, que ela partilhou.

Esse sempre seria o nosso jogo.

Embora no decurso de todo aquele tempo muitas coisas tivessem mudado, eu e Anna...sempre nos olharíamos assim.

Depois do êxito dos últimos anos, o negócio aumentara a tal ponto que ela não só tinha expandido de forma notável a loja, como também tinha aberto mais duas. Uma já se encontrava em funcionamento há dois anos, e a outra, pelo contrário, estava quase pronta e, embora já detivesse a exclusividade dos arranjos florais de toda a cidade, as reservas continuavam a chegar.

Agora na nossa sala de estar resplandecia um televisor de última geração, e os sofás eram novinhos em folha; os tetos tinham sido todos pintados de novo de cima a baixo e na entrada renovada encontrava-se estacionado um belo carro vermelho. Contudo, aquela continuava a ser a nossa casa, e não a trocaria por nada neste mundo.

Gostava dela assim, com o papel de parede e as escadas estreitas, com o soalho liso onde *Klaus* escorregava e os tachos de cobre que reluziam à luz da cozinha.

E Anna também... a despeito daquelas roupas sofisticadas e do elegante gancho de cabelo em prata que agora brilhava nos seus cabelos, continuava a ter os mesmos olhos que tinha visto ao fundo das escadas, naquela manhã no Grave.

Tinha-se tornado a minha mãe adotiva.

Depois de um ano de acolhimento, ela e Norman tinham confirmado a minha adoção e tornámo-nos uma família.

Eu agora chamava-me Nica Milligan.

E, ainda que no início mudar o meu apelido me tenha assustado, com o passar do tempo fiquei cada vez mais convencida de ter feito a escolha certa. Não havia nada mais bonito do que ler o meu nome e ver a união das quatro pessoas que me tinham amado como uma filha.

– É melhor tratar de fazê-los desaparecer antes da noite de hoje, caso

contrário não teremos onde jantar – constatou Anna com ligeireza.

– Também podemos comer assim, a Adeline e o Carl não iriam desgostar... – Girei o cravo e depois perguntei ansiosa: – Achas que o Carl vai pedi-la em casamento? Sei que talvez seja um pouco cedo, mas ele tem vinte e oito anos... e cada vez que tento fazer essa pergunta à Adeline, ela cora violentamente e oculta um sorriso atrás das mãos...

– Aquela rapariga não nos conta toda a verdade – disse Anna, soltando uma risada e brincando com o caule entre os dedos.

O toque de um telemóvel chegou-me aos ouvidos. Endireitei o pescoço, virando-me com um agitar de cabelos.

É ele!

Balbuciei algo a Anna sobre ter de atender e precipitei-me para fora da sala. Tinha a certeza de que devia subir até ao quarto, mas a direção de onde provinha o som fez-me supor que devia ter-me esquecido dele lá fora. Lançar ao ar livre, com os pés descalços ao sol e o perfume do ar fresco, já se tinha tornado um hábito imprescindível.

Saí a correr até ao alpendre, mas por pouco não tropecei em alguém.

– Oh, Nica, cuidado!

– Desculpa, Norman – repliquei, tentando voltar a pôr para trás das costas os cabelos que me tapavam a cara.

Entregou-me o telemóvel que eu tinha deixado em cima da mesinha de ferro forjado e relaxei o rosto, radiante.

– Obrigada.

Ele sorriu-me, depois esticou o pescoço e deu-me um beijinho na face. Sempre foi um bocadinho desajeitado, mas era um dos aspetos que mais me agradava na sua doçura.

– Parabéns, mais uma vez – disse-me, com o boné de trabalho na cabeça. – Vemo-nos esta noite?

– Claro que sim – respondi, levando os braços atrás das costas e balançando-me, contente, movendo os dedos dos pés. – Ficamos à tua espera, não te demores. E... por favor, tem piedade daqueles pobres ratos...

– Nada de ratos desta vez, trata-se de mais um ninho de vespas...

– Bom, também elas têm um motivo para existir – repliquei com sinceridade, inclinando o rosto. – Não achas?

– Vai explicar isso à senhora Finch – respondeu Norman, olhando para mim com aquela expressão eloquente, como se eu fosse algo travessa.

Sempre tivemos pontos de vista diferentes sobre o trabalho dele e eu não perdia uma oportunidade para lhe injetar um pouco da minha maneira de pensar. Alguns anos antes nem sequer me teria passado pela cabeça, mas para mim crescer tinha significado familiarizar-me com o mundo, consolidar as minhas certezas e aprender a não temer a opinião da minha família.

Inclinei a cabeça e despedi-me dele, antes de virar com ansiedade o telemóvel que ainda estava a tocar.

Não, não era ele.

Era Billie.

Um pingo de desilusão salpicou-me o coração. Não havia nada que me desse mais prazer do que ouvir a voz das minhas amigas, mas apesar disso não consegui reprimir a pontada de desânimo que senti ao ver que não era o nome *dele* a piscar no ecrã.

Ter-se-ia esquecido?

Não podia ter-se esquecido de um dia tão importante... não é verdade?

Engoli a amargura e apressei-me a atender.

– Está lá?

– PARABÉNS! – gritou-me ela ao ouvido, fazendo-me cambalear.

– Billie! – soltei uma risada, algo atordoada. – Já me deste os parabéns, falámos esta manhã!

– Já abriste o nosso presente? – perguntou-me cheia de curiosidade, referindo-se ao embrulho que ela e Miki tinham mandado entregar em minha casa.

– Oh, sim – respondi, passeando debaixo do alpendre. – E digo-te desde já que vocês são... doidas!

– Isso quer dizer que gostaste?

– Imenso – sussurrei, sincera. – Mas não deviam. Sabe-se lá quanto é que isto não vos terá custado...

– Aconselhei-me com o meu pai – disse ela, ignorando-me, empolgada. – Diz que é uma das melhores do mercado. Tira fotos instantâneas estupendas, e precisas de ver a gama de cores! Já a experimentaste? Também te pusemos um rolo, viste?

– Sim, já fiz uma – tirei uma foto do bolso dos *jeans*, contemplando-a com doçura. Anna e Norman, na nossa sala de jantar, sorriam abraçados. – Ficou boa – murmurei, feliz. – A sério... obrigada.

– Esquece isso! – exclamou ela, com alegria. – Não é todos os dias que se faz vinte e um anos! É uma meta importante... quase mais importante do que atingir a maioridade! Merecia um presente à altura... Vemo-nos esta noite, então? Está tudo confirmado? Sempre vamos jantar a tua casa?

– Sim, a Sarah leva o bolo, segundo ela disse, e a Miki leva o vinho.

– Esperemos que a Miki consiga soltar-se um pouco – confidenciou, esperançosa. – Pelo menos esta noite... Sabes, o Vincent tenta agradar-lhe a todo o custo mas... enfim, a Miki é a Miki...

Suspirei, compreensiva.

Recordei-me de quando éramos apenas umas garotas. Aquele momento depois do acidente constituiu um novo início um pouco para todos.

Não foi fácil no princípio. Billie sentia ciúmes de tudo o que Miki fazia que não a incluía. O seu comportamento também me confundia, e mais de uma vez dei por mim a pensar que talvez o lado mais íntimo e mais afetuoso dela no fundo lhe correspondesse. No entanto, não demorei a perceber que não era assim.

Miki era uma parte fundamental da vida dela, e com o tempo Billie tinha adquirido a maturidade necessária para compreender que distanciar-se um pouco não significava perdê-la. Tinha compreendido que não a podia sufocar com o afeto que nutria por ela, e quando Sarah entrou na vida de Miki, foi ela, acima de qualquer outra pessoa, quem mais se esforçou para deixá-la mais à vontade.

Miki tinha conhecido Sarah num concerto dos Iron Maiden, dois anos antes; quando começaram a andar juntas, o pai ficou de queixo caído ao perceber que todos aqueles avisos sobre não deixar entrar *homens* em casa nunca tinham servido para nada.

– O Vincent é um ótimo rapaz – tentei tranquilizá-la. – A Miki só precisa de um pouco de tempo. Sabes bem como ela é...

– Pois... – resmungou ela do outro lado da linha.

Vincent era o namorado de Billie há já vários meses. Era um tipo espontâneo e desastrado, que me faria lembrar Norman quando era jovem, caso o tivesse conhecido nessa altura.

Sabia o quanto a sua relação com Billie era sólida e tentava sempre satisfazê-la: guardava-lhe sempre o melhor lugar à mesa e tentava de todas as maneiras diverti-la com as suas piadas, procurando talvez uma espécie de aceitação que ela, contudo, o fazia suar bastante para obter.

Miki nunca foi muito boa a fazer novas amizades. E o Vincent... bom, não era um amigo, mas sim o namorado de Billie. E embora esse lugar especial no seu coração agora pertencesse apenas a Sarah, talvez por algum tipo de... proteção natural para com a sua melhor amiga, Miki continuava a mostrar-se na defensiva, e não havia baixado a guarda.

A relação entre ambas sempre foi bastante exclusiva. Se calhar por isso era tão complicada.

– Dá-lhe tempo. Vais ver que esta noite vai correr tudo bem.

– Acontece que... Só gostaria que ele lhe agradasse, pronto – suspirou. – Dou muito valor a isso... Saber que as pessoas de quem gosto o apreciam e lhe dão valor, é importante para mim – resmungou, e eu semicerrei os olhos com compreensão. Neste sentido, éramos muito parecidas.

– Tenho a certeza de que ela gosta dele. Só precisa de um tempo para o exteriorizar. E depois a Sarah adora o Vincent... Vais conseguir amolecê-la, vais ver. Não te preocupes.

Billie suspirou mais uma vez, mas desta vez tinha a certeza de que estava a

sorrir.

– Esperemos que o vinho surta o seu efeito – disparou ela, eu ocultei um sorriso.

Demos mais dois dedos de conversa e depois despedi-me dela, prometendo-lhe que falaríamos mais tarde para confirmar a hora.

Quando desliguei, aquela ligeira sensação de desilusão não havia desaparecido. O coração ardia-me um pouco, como se alguém estivesse a picá-lo com um alfinete.

Era um dia especial, e mesmo que desde pequena nunca tivesse vivido de expectativas, as coisas tinham mudado, nós tínhamos crescido e não consegui deixar de pensar que receber as felicitações da parte dele, no dia dos meus vinte e um anos, era um desejo que ninguém podia censurar-me.

Tudo o que eu queria era ouvir a voz dele a acariciar-me os ouvidos, e fitar aqueles olhos escuros dentro dos quais tinha deixado o coração. *Queria-o ali*, a todo o custo, e mesmo tendo sido eu a primeira a dizer-lhe que tinha um trabalho para entregar, não consegui resignar-me com a ideia de que logo nesse dia estivéssemos afastados.

Que logo nesse dia ele não tivesse telefonado.

Que logo nesse dia estivesse ocupado sabe-se lá com que compromisso universitário.

Tendo em vista as excelentes notas com que terminara o liceu, Rigel obtivera uma bolsa de estudos promissora para a Alabama State University.

Sempre pensei que teria maior propensão para matérias mais... filosóficas, ou literárias, dada a grande cultura que possuía a esse respeito. Ao invés, Rigel optou por estudar Engenharia. E entre todos os ramos disponíveis, a decisão recaiu sobre a Engenharia Aeroespacial.

Era um dos cursos mais difíceis e complexos com que prosseguir os estudos, e muitos alunos desistiam antes de concluir sequer o primeiro ano, mas foi no final do liceu que me apercebi de como, de algum modo, o universo o fascinava.

No hospital não fazia outra coisa a não ser ler livros sobre a mecânica dos corpos celestes, e quantos mais textos eu lhe levava sobre a cinemática das estrelas, mais ele parecia inclinado a perder o sono a fim de passar a noite a tentar compreender as suas leis e teorias.

Para ser franca, nunca acreditei que ele pudesse interessar-se pelo espaço daquela maneira. Se calhar por causa da ligação controversa que sempre tinha tido com o seu nome, e com tudo aquilo que significava para ele a solidão das estrelas. Mas talvez, de algum modo, as constelações e as galáxias se tivessem entranhado a tal ponto nele que o desejo de desvendar os seus segredos se transformou num interesse profundo e ilimitado, até se tornar uma escolha.

Só temos medo daquilo que não conhecemos, tinha lido uma vez. E Rigel

tinha escolhido não se deixar dominar mais pelo que tanto o havia marcado, mas antes estudá-lo até o conseguir compreender, explorar e apropriar-se dele. Talvez as estrelas sempre tenham estado escritas na sua vida desde o momento em que olharam por ele, naquela noite, metido num cesto na frente dos portões do Grave.

Os professores passavam a vida a dizer-lhe o quanto era brilhante, e que de certeza teria um futuro promissor.

No entanto, por mais feliz que eu estivesse, a carreira que ele havia escolhido roubava-lhe ainda mais tempo do que aquele que eu dedicava ao meu curso. E como se não bastasse, desde o primeiro ano Rigel tinha começado a pôr em prática os seus conhecimentos dando aulas particulares.

Era absurdo o número de alunos desesperados para passar nos exames. Sobretudo numa faculdade tão difícil como a dele. Alguns chegavam a oferecer-lhe somas exorbitantes para que ele os ajudasse, outros precisavam de ultrapassar o último obstáculo para poderem formar-se e pareciam dispostos a tudo.

Era por esse motivo que nos últimos tempos quase nunca o via. Andava sempre ocupado com os trabalhos e os projetos que precisava de entregar, além de que as aulas particulares lhe consumiam grande parte do tempo, como se... tivessem para ele um objetivo precioso.

Rigel não era de forma nenhuma uma pessoa que se caracterizasse por ajudar os outros; se o fazia, era por algum motivo. Já tinha percebido que aquele dinheiro lhe servia para alguma coisa, porque não o gastava à toa como o teria feito qualquer outro.

Era um mistério sobre o qual ele não quis elucidar-me.

A despeito do tempo que se havia passado, ainda tinha segredos para comigo. Essa percepção limitou-se a aumentar a sensação inquietante que tomava conta de mim.

Sobressaltei-me de novo com o telemóvel.

Tratava-se de uma mensagem.

Uma mensagem *dele*...

O coração bateu-me com mais força, mas no momento em que a abri fiquei estupefacta ao ver que não era nada do que eu esperava.

Tinha-me enviado um endereço.

Por baixo, as únicas palavras que havia acrescentado eram: «Vem até aqui.»

Contemplei a mensagem, à espera de poder encontrar mais alguma coisa, talvez um desejo de felicidades, um sinal, qualquer coisa que fosse, no entanto apanhei uma desilusão. Não havia nada daquilo.

Reli o endereço que me havia enviado, mas não o reconheci. Intuí que se situasse no centro, mas o nome daquela rua não me dizia nada. Não havia nada de especial naquela mensagem, nada de diferente.

Com uma pontada de desilusão no coração, baixei os olhos e voltei para dentro de casa.

Meia hora mais tarde, cheguei ao meu destino. Olhei em redor, procurando por ele, e quando me apercebi de que não se encontrava em parte nenhuma, calculei que ainda não tivesse chegado. Apressei-me a enviar-lhe uma mensagem rápida, informando-o de que já estava ali.

Logo de imediato, o ecrã do meu telemóvel acendeu-se de novo. O pedido de uma videochamada iluminava de forma intermitente o ecrã. Duas íris verdes brilhavam no ícone, e eu ergui o telemóvel antes de aceitar.

– Will – cumprimentei-o, enquadrando o meu rosto.

Um rapaz de cabelos castanhos retribuiu a saudação com entusiasmo.

– Parabéns, *olhos de prata!*

Um sorriso curvou-me os lábios ao de leve e abanei a cabeça, embaraçada.

– Obrigada...

– Então? Que tal a sensação de ser adulta?

– Sempre cheia de coisas para estudar – respondi na brincadeira. – Ainda preciso de terminar o trabalho sobre as doenças infecciosas. E tu, em que parte é que estás?

– Já comecei a fazê-lo, mas... Oh, vá lá, não quero falar sobre isso.

Will estudava medicina veterinária como eu. Uma vez que frequentávamos as mesmas disciplinas, muitas vezes tecíamos comentários sobre as matérias ou então trocávamos informações sobre os diversos trabalhos que devíamos preparar. Era um tipo desgrenhado, com uns vibrantes olhos verdes e porte atlético, e nos últimos tempos guardava-me sempre um lugar na sala de aulas, na terceira fila ao seu lado, mesmo que eu não lhe pedisse nada.

Conversámos sobre mais algumas coisas e o seu sorriso deslumbrante seguiu-me à medida que deambulava pelo passeio, sob o sol da tarde.

– Deixa-me nervosa. O laboratório, quero eu dizer... Gostaria de ser corajosa, mas usar o bisturi faz-me sempre alguma impressão. Sei que será este o nosso trabalho, que estaremos a praticar o bem, mas não tenho muito jeito...

– Mas tu és fantástica. Muito mais dedicada do que muitos outros. Trabalhaste durante um ano inteiro para ganhar coragem... E o cuidado que demonstras... é de loucos. Preciso de recordar-te que o professor te citou como exemplo na última aula?

Mordisquei o lábio, despenteando o tufo de cabelos que me caía sobre os olhos. O olhar de Will seguiu o movimento dos meus dedos.

– Sabes, Nica, estava aqui a pensar... – começou por dizer com uma voz um pouco diferente. – Então, há uma cervejaria fantástica no centro... Estás a ver? Aquela que faz esquina com o parque. Agora que já podes beber, bom... já

não tens desculpas para não vir. Podia passar para te ir buscar esta noite...

Fitei-o olhos nos olhos, mas as intenções que brilhavam dentro deles pressagiavam algo de subentendido que me fez desviar o olhar.

Abanei a cabeça, humedecendo o lábio.

– Tenho um compromisso...

– Ah, pois, o teu namorado. Não é verdade?

Ao pensar em Rigel, a sua imagem refletiu-se nos meus olhos como uma luz confusa; senti-me vulnerável apenas por um instante, mas foi o suficiente para que ele se apercebesse disso.

– Oh, não me digas... O namorado esqueceu-se do dia do teu aniversário.

Sorri com uma pitada de compaixão por aquela frase na qual não queria acreditar.

– Não é nada disso.

Ele não conhecia Rigel. Não fazia ideia do que tínhamos passado e daquilo que nos unia, porque ninguém além de nós era capaz de ler as cicatrizes que partilhávamos nem de compreender a profundidade da nossa ligação.

Estávamos acorrentados de uma maneira incompreensível para qualquer outra pessoa. Nem sequer o tempo podia afastar-nos... Tínhamo-lo desafiado e vencido juntos três anos antes.

– Acontece que... ele anda muito ocupado. Só isso.

– Pareces muito segura de ti – constatou Will, fitando-me com olhos atentos. – No entanto... nunca falas sobre ele.

Aquela constatação atingiu-me em cheio. Detive-me a refletir a esse respeito, passado um instante dei-me conta de que ele não estava errado.

Era verdade... Era muito raro eu falar sobre o Rigel. Cada página nossa constituía um fragmento que eu guardava a sete chaves longe dos olhares indiscretos, como um labirinto de que só eu possuía a chave. Não era capaz de contar com naturalidade sobre a nossa relação, porque era como tentar explicar o que era o oceano a alguém que nunca o tinha visto. Era como reduzi-lo a uma extensão de água, sem levar em consideração a profundidade dos seus abismos, ou a beleza dos seus fundos azul-escuros, ou as criaturas imensas que fluíam dentro dele com uma leveza majestosa.

Há certas coisas que só podem ser compreendidas se forem vistas através dos olhos da alma.

Contemplando o meu rosto pensativo, Will interpretou o meu silêncio como uma hesitação.

– Sabes, *olhos de prata*... Eu nunca me esquecerei do dia do teu aniversário.

Pestanejei e cravei os meus olhos nos dele, achando-os firmes, seguros e determinados. Will sorriu com indolência através do ecrã.

– Se em vez de te afligires por conta do teu namorado ausente, aceitasses ir

tomar esta cerveja comigo, se calhar eras capaz até de te esquecer de quem te ignora com tanta crueldade...

Apercebi-me enquanto ele ainda estava a falar. Tinha reconhecido demasiado tarde *aquela* sensação, um fio de diamante que trespassa o ar e atinge o crânio.

Virei-me com o coração a pular-me na garganta.

Sempre foi como um arrepio nas costas, *ele...* Um formigueiro gélido e ao mesmo tempo abrasador.

A silhueta de um homem jovem recortava-se na porta do edifício.

Os cabelos negros capturavam a luz do sol, inconfundíveis de morrer, e os pulsos pálidos sobressaíam com nitidez em contraste com o tórax amplo. De uma altura magnífica, tinha os ombros apoiados na soleira da porta e o peito forte cingido por um blusão de cabedal, que lhe realçava o fascínio perigoso.

A beleza explosiva que lhe definia as feições já não era a intrigante de um rapaz, mas sim a autoritária de um homem. O maxilar tinha perdido toda a meninice, sob as sobrancelhas arqueadas as íris negras criavam um contraste sedutor que cortava a respiração.

Rigel fitou-me com os braços cruzados, o rosto inclinado e os olhos amendoados que desprendiam um magnetismo venenoso.

Senti uma alegria ardente contrair-me a garganta. O coração martelou de excitação e o meu corpo retesou-se quase até à ponta dos pés, mas quando me apercebi da maneira incendiária com que estava a olhar para mim, tudo se deteve com brusquidão.

Fiquei paralisada com uma expressão pasmada e percebi no mesmo instante que não só estava ali, como também devia ter ouvido cada palavra.

– Rigel – disse, engolindo em seco, com os olhos que, não obstante, brilhavam de excitação. Sentia uma felicidade imensa, mas aquele olhar letal não pressagiava a corrida dos contos de fadas na minha direção que eu tinha esperado.

– O que foi que aconteceu? – ouvi Will dizer, sem conseguir vê-lo.

Parecia que tinha a língua amarrada, por conseguinte decidi levantar o telemóvel para que ele percebesse por si só. Enquadrei o rapaz atrás de mim, e o fascínio infernal destacou-se mesmo àquela distância. Tentei sorrir ao mesmo tempo que Will se transformava numa estátua de sal.

– Rigel, já... Já conheces o William?

– Oh, creio que ainda não tive o *prazer* – sibilou de cabeça baixa, entrechocando o maxilar. A sua voz profunda fez tremer as paredes do meu estômago e o mesmo sucedeu com os olhos de Will do outro lado do ecrã.

O problema era que quando se zangava assim tornava-se, se possível, ainda mais atraente. E, sem dúvida, demasiado imprevisível.

Rigel desencostou-se da porta com um movimento felino e encaminhou-se na minha direção. Cada passo seu era fluido e preciso, como o de um predador implacável. Tê-lo ali fez-me crepitar a pele; ainda que emanasse emoções tudo menos positivas, a cada passo que dava parecia que o mundo se curvava de modo a emoldurá-lo.

Will empalideceu quando viu que eu continuava a inclinar o ecrã de modo a abarcar toda a sua altura.

– O... olá, sou o Will. Um colega de curso da Nica. Tu... sim, és o seu...

– *Namorado* – completou Rigel em voz pausada, continuando a avançar. – *Companheiro. Noivo.* Decide tu qual das palavras te agrada mais.

Nos olhos de Will vislumbrei o mais profundo constrangimento.

A ideia que devia ter feito dele era evidentemente muito diferente daquela que tinha diante dos olhos.

Rigel deteve-se atrás de mim, e dei por mim a engolir em seco também. Em seguida, inclinou-se para a frente, e cravando os olhos em Will sibilou:

– O que é que estavas mesmo a dizer?

– E... Então, estava a dizer... isto é, a perguntar à Nica se não gostaria que fôssemos todos festejar, sei lá eu... a algum lado.

– Mas que proposta mais *deliciosa* – disse ele, arrastando as palavras, num tom de voz que de *delicioso* não tinha nada. – Muito atencioso da tua parte. Porque sabes, por um momento, meu caro William... tive a impressão desagradável de que a estavas a convidar para sair.

– Não, eu...

– *Oh*, decerto devo ter ouvido *mal* – rosnou Rigel, desfazendo-o com o olhar. – É óbvio que um rapaz esperto como tu não se atreveria a fazer nada do género. Estou certo?

– Rigel – sussurrei, tensa, tentando acalmá-lo, mas, ao invés, sobressaltei-me quando ele me arrancou o telemóvel das mãos. Fiquei boquiaberta, e antes que pudesse reavê-lo, elevou-o à sua altura.

– Rigel!

– Agora que penso nisso, *William* – disse Rigel, estalando a língua à medida que eu o perseguia –, estou em crer que vamos recusar a tua *amável* oferta. Aliás, tenho uma ideia melhor. Porque é que não vais tomar sozinho essa cerveja que tanto queres? Assim talvez possas refletir melhor sobre quem *está a negligenciar-te com tanta crueldade*.

William fitou-o perturbado, e deve ter pensado que se tratava de um desequilibrado quando Rigel lhe sorriu daquele modo que causava arrepios.

– Diverte-te. Foi um enorme prazer conhecer-te... *Oh*, uma última coisa... – e depois baixou tanto a voz que quase não a conseguia ouvir –, da próxima vez que lhe chamares *olhos de prata*, vais ter um excelente motivo para te chamares *olhos negros*.

E, dito isto, interrompeu com grande brusquidão a videochamada.

Fitei-o de boca aberta, arrasada. Nem sequer se dignou a virar-se para olhar para mim enquanto eu boqueava com os olhos esbugalhados.

– Não... Tu... Acabaste de ameaçá-lo?

– Não – respondeu sem hesitar. – Dei-lhe um conselho.

Antes de poder dizer alguma coisa, virou-se para mim e brindou-me com uma amostra da irritação abrasadora que lhe endurecia as feições.

Depositou-me o telemóvel nas mãos, lançando-me um olhar fulminante por debaixo dos cabelos escuros.

– *Por sorte* – sibilou com aspereza –, já me tinhas dito que ele não se andava a fazer a ti.

Pestanejei, ainda carrancuda.

– E não andava... Até agora não...

– Sim, e imagino que numa turma de oitenta pessoas ele te guarde o lugar porque se sente *sozinho* – resmungou, mastigando as palavras e girando à minha volta.

Senti-o roçar-me pelas costas, e um arrepio mordiscou-me a pele. Apercebi-me do seu corpo a dominar-me e a despertar em mim uma profunda sensação de pertença.

– Pelo menos ele telefonou-me... – sussurrei antes de conseguir refrear a língua. Senti aquela frase queimar-me os lábios e arrependi-me na mesma hora.

Rigel estacou de repente, elevando-se sobre mim.

– *Desculpa?*

Puxei as mangas sobre as mãos, ciente de que já não podia retirar o que havia dito. Dentro de mim, por outro lado, alguma coisa me impeliu a registar o facto, a fazer-lhe frente e a seguir aquele rasto pungente que me atormentava há horas.

– Nem uma palavra. Nem um sinal de vida... São cinco e meia da tarde, Rigel. Obrigas-me a deslocar até este endereço sem uma única explicação e depois apareces aqui assim, zangado e intratável...

Na realidade, emocionava-me sobremaneira que tivesse *aparecido ali assim*, porque só de tê-lo por perto a minha alma resplandecia na forma de um delírio luminoso. Contudo, não podia fingir que não me sentia magoada pelo facto de ele me ter ignorado o dia inteiro.

– Não me digas que tudo isto é porque eu fui *indelicado* com o teu amiguinho?

– Não quero falar sobre o Will. Ele não me interessa neste momento! – a minha voz endureceu, ao mesmo tempo que semicerrava as pálpebras.

As minhas pernas estavam rígidas e eu estava quase em bicos de pés, com os dedos apertados e os cabelos a roçarem-me pelas ancas.

– O que me interessa é que... num dia assim tão importante, tu...

– Achavas que eu me tinha esquecido?

A lentidão com que articulou aquela frase levou-me a erguer os olhos, cravando-os nos dele. Nas suas íris rodopiavam galáxias em suspensão, tão familiares que me adoçavam e me acalmavam, mas também tão infinitas que me esmagavam. Senti uma pitada de sentimento de culpa.

– Não – respondi, voltando a baixar a voz. – Mas estás sempre tão ocupado que... – deixei aquela frase suspensa no ar, incapaz de desviar o olhar.

Mordisquei o lábio, sentindo-me tola e vulnerável sob os seus olhos, como se lhe tivesse oferecido um flanco a descoberto.

Sabia que ele tinha de tratar das coisas dele, sabia que lhe tomavam tempo, no entanto...

Seria possível que aquelas insípidas aulas particulares fossem mais importantes do que o tempo que passávamos juntos?

Virei-me e, respondendo sabe-se lá a que impulso, afastei-me dele. Não entendia por que motivo sentia aquela espécie de vergonha dentro de mim, mas sentia-me quase... incompreendida, infantil a despeito dos meus vinte e um anos, porque no fundo sabia que ele tinha os seus projetos, o seu percurso, os seus planos, e a última coisa que eu queria era interpor-me entre ele e o seu futuro.

Estava prestes a chegar à beira do passeio quando duas mãos me agarraram pela cintura.

Rigel encostou-me as costas ao seu peito, e a força com que me agarrou foi tão vigorosa que me desestabilizou. Aqueles dedos que sabiam correr velozes sobre as teclas do piano enterraram-se na carne macia das minhas ancas, e o odor masculino aturdiu-me por completo.

– Achas que estou demasiado ocupado para me lembrar de *ti*?

Estremeci quando os seus lábios escaldantes me roçaram o lóbulo da orelha. A minha respiração tremeu e eu vislumbrei os seus sapatos atrás dos meus. A sua presença era uma pressão escaldante de encontro à espinha dorsal.

– É isso que pensas? – sussurrou com voz rouca. – Achas que hoje... eu não te tive nos meus pensamentos?

Tentei virar-me, mas Rigel manteve-me assim, comprimindo-me com força de encontro a ele.

– Ou que... – o seu hálito deslizou-me pela garganta –, não passei o dia inteiro à espera do momento em que poderia por fim... *tocar-te*?

Roçou-me com os lábios e os dentes pelo pescoço, e cada centímetro de mim queimou ao ritmo da sua respiração. Estava a agarrar-me apenas pelos quadris, no entanto sentia-me a ficar com pele de galinha, acorrentando-me cada um dos meus nervos.

Sobressaltei-me quando pressionou a boca de encontro à minha orelha, sussurrando de maneira tão subtil que parecia reprimir o impulso de me morder.

– Achas que não morria de vontade de sentir o teu perfume? Ou o sabor da tua boca? Achas que... não adormeço todas as noites... imaginando que *te tenho* – intensificou de maneira possessiva o amplexo sobre os meus flancos –, entre as minhas mãos?

Respirei com dificuldade, e Rigel curvou-se na minha direção.

– És cruel, *falena*.

Os meus batimentos cardíacos estavam acelerados, o coração bombeava descargas elétricas dentro das minhas terminações nervosas. Respirei devagar, quase às escondidas, como se pudesse trair a maneira como me sentia subjugada pela sua presença.

– *Falena?* – dei por mim a murmurar. – Achava que já não voltarias a chamar-me assim...

Rigel esfregou-me o nariz pela face, e por pouco não cessei de respirar quando as suas mãos deslizaram devagar pela minha barriga, colando-me a ele.

– Mas tu és a *minha falena* – sussurrou com uma doçura escaldante. – A minha... *pequena falena*.

Hesitei, transtornada por completo com aquele tom de voz que nunca tinha usado, e ele aproveitou a oportunidade para me perguntar, persuasivo:

– Não queres ouvir o que eu tenho para te dizer?

Cada resquício de mim estava a responder-lhe que *sim*, porque era isso que eu havia desejado o dia inteiro. Permaneci imóvel, num silêncio carregado de expectativa, e Rigel percebeu a minha resposta sem que eu sequer precisasse de falar.

Senti-o enfiar a mão no bolso do blusão. Notei o restolhar do tecido, antes de ele voltar a curvar o rosto sobre o meu.

Os seus cabelos macios afloraram-me as têmporas quando, aproximando-se de novo do meu ouvido, Rigel me sussurrou baixinho:

– Feliz aniversário, Nica.

Deslizou-me algo metálico e frio em redor do pescoço.

Pestanejei, surpreendida, e baixei a cabeça. Quando vi do que se tratava, todos os meus pensamentos emudeceram.

Tratava-se de um fio fino, de prata clara e brilhante, com um pingente em forma de gota ao centro. O cristal de que era feito estava talhado de forma tão esplêndida que resplandecia como uma estrela branca.

Naquele momento percebi.

Não era uma gota. Era uma lágrima.

Como as do fabricante.

– Queres saber agora por que razão te fiz vir até aqui?

Virei-me, ainda perturbada com aquele presente que encerrava um significado imenso e apenas nosso. Rigel atraiu-me devagar a si, mas compreendi que estava apenas a convidar-me a aproximar-me da porta de onde havia saído.

Só entendi quando os olhos dele pousaram numa das campainhas existentes no prédio e quando os meus fizeram o mesmo.

Na terceira fila, num cartão novinho em folha podia ler-se «Wilde».

Ergui o rosto, espantada, incapaz de falar.

– É o meu apartamento.

– O teu...

Rigel fitou-me com os seus profundos olhos negros.

– Desde que comecei a frequentar a universidade, fui pondo de parte algum dinheiro. As aulas particulares... destinavam-se a pagar a renda, quando encontrasse um lugar para mim. E encontrei-o.

Senti os batimentos cardíacos encherem-me os ouvidos até me importunarem, enquanto ele murmurava:

– Lembras-te daquela rapariga que não conseguia formar-se? Com a minha ajuda passou no exame da última disciplina que tinha deixado para trás há um ano. E então, para me agradecer pelo facto de eu ser um *bom professor* – disse, erguendo a comissura do lábio, rindo-se à socapa –, ofereceu-me um belo apartamento na cidade com uma renda a um preço excecional. Queria que fosse uma surpresa.

Fitei-o com os olhos esbugalhados e o coração a tremer, e ele entalou-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha, inclinando o rosto atraente.

– Não estou a pedir-te nada – sussurrou, fitando-me olhos nos olhos. – Sei que a tua casa é aquela onde moras agora. Sei que estás a desfrutar por fim de tudo o que possuis. Mas se algum dia quiseses vir... Para ficar... Para estar comigo...

Não aguentei mais. O meu peito explodiu, desprendendo um calor que anulou inclusive a luz do sol. Lancei-lhe os braços à volta do pescoço, estreitando-o junto do meu corpo com todas as forças que possuía.

– É maravilhoso! – gritei, fazendo-o cambalear. Agarrei-me ao seu corpo e ele amparou-me. – Oh, Rigel! Não posso acreditar numa coisa destas!

Ri-me, ao mesmo tempo que enterrava a cara no seu pescoço, entusiasmada por ele não ser obrigado a ficar mais no orfanato, por ter um lugar para si, uma casa *sua*, entusiasmada com a sua liberdade. Entusiasmada por ser tão único e surpreendente, por não precisarmos de ficar tão afastados, porque eu não via a hora de passar com ele dias inteiros e noites intermináveis. E acordar ao lado do seu rosto de manhã, passarmos os fins de semana juntos, e os domingos a tomar café na cama.

O presente mais bonito que poderia desejar.

Tomei-lhe o rosto entre as mãos e beijei-o, feliz até à loucura, rindo nos seus lábios quando com o entusiasmo lhe arranquei um gemido.

Rigel abraçou-me com tanta força que me fez perceber o seu coração, e eu senti que batia tal como o meu, do mesmo modo descompassado, louco e idêntico.

Ainda estávamos despedaçados, e isso não mudaria.

Estávamos arruinados, desfeitos e assim o estaríamos para sempre.

Contudo, naquele conto de fadas que acorrentava a fundo as nossas almas, havia algo de despojado e de indestrutível.

Poderoso e inoxidável.

Nós.

E na margem da nossa última página percebi que a eternidade *existe*, para quem ama sem medida ainda que apenas por um único instante.

Porque cada final nunca é um final.

Cada final é apenas...

Um novo começo.

Como o amaranto

*Não quero ter-te sem os teus demónios,
sem os teus defeitos ou a tua escuridão.
Se as nossas sombras não podem acariciar-se,
Então as nossas almas também não poderão fazê-lo.*

O apartamento de Rigel situava-se no terceiro andar daquele prédio.

Não tinha elevador, mas as escadas eram reluzentes como pérolas, bem iluminadas e terminavam numa grande porta de madeira escura. Na parede do lado, a placa de latão da campainha resplandecia com o seu nome.

Pelo menos isto foi o que pude ver, antes que me tapasse os olhos com uma das mãos.

– Vês alguma coisa? – indagou.

– Não – respondi, sincera como uma criança. Gostaria de refrear melhor o entusiasmo, mas tinha a certeza de que devia estar a jorrar uma espécie de luz líquida pelos meus poros.

– Nada de batota – admoestou-me ao ouvido com a sua voz que me causava arrepios.

Inclinei o rosto, e baixei-o, sorrindo porque me tinha feito cócegas. Adorava quando ele se abandonava àqueles gestos assim tão verdadeiros e tão brincalhões. Era em momentos como esses que Rigel me mostrava uma faceta sua que me fazia perder a cabeça.

Procurei a fechadura com os dedos, tarefa essa que ele não me facilitou em nada, mas quando a encontrei não tive dificuldade em introduzir dentro dela a chave que me havia entregado.

Abri a porta e uma vaga de luz infiltrou-se por entre os seus dedos.

– Estás preparada?

Assenti, mordendo os lábios, e nesse momento ele destapou-me os olhos, deixando-me ver.

Diante de mim abriu-se um ambiente acolhedor, luminoso, com um

encanto contemporâneo. O tom dos móveis, de estilo moderno, aliava-se a um *design* simples, em tons de creme, onde o pavimento reluzente de madeira escura criava um contraste cativante. Tudo, desde os caixilhos das janelas às almofadas do sofá, combinava com o soalho cor de café de maneira elegante, porém decisiva. Entrei com cautela, explorando o ambiente com o olhar.

O ar cheirava a fresco e a novo. Entrevi a porta do quarto, ao fundo de um pequeno corredor, e os meus passos ressoaram, conduzindo-me até à cozinha, o meu lugar preferido da casa. Para mim, era um local de partilha, de conversas, de hospitalidade e de calor. Observei as tonalidades imaculadas que realçavam a luz natural do apartamento; vi uma bancada espaçosa com acabamentos em aço, como os do lava-loiça e do fogão, de um tom claro, delicado e resplandecente.

Era magnífica. Não parecia, em absoluto, a casa de um estudante universitário.

Virei-me para Rigel com olhos luminosos, e só nesse momento é que me apercebi de que estivera a observar-me o tempo todo. Embora se mostrasse seguro de si, mordaz e intimidante, naquele momento parecia que não esperava outra coisa a não ser a minha opinião.

– É magnífica, Rigel. Não tenho palavras. Adoro-a de morrer – sorri, extasiada, e ele fitou-me com uma estranha emoção no olhar.

Com as faces a arder de felicidade, retomei a exploração do apartamento, entusiasmada e curiosa. Já conseguia imaginá-lo a deambular entre essas paredes, com um livro na mão e uma chávena de café na outra. Aproximei-me de um bonito móvel debaixo da janela e abri o saco de cartão que trazia comigo; coloquei-lhe em cima uma pequena plantinha com flores que formavam cachos vermelhos.

Sabia que Rigel não era grande apreciador de plantas e, com efeito, ele contemplou-a com o sobrolho franzido.

– Isso vem a ser o quê? – perguntou com um toque de desapontamento.

Esbocei um sorriso, intuindo que a achasse insólita e feiosa.

– Não gostas?

Pela maneira cética com que a fitou, deparei que a resposta fosse *não*.

– Não tenho tempo para cuidar dela – respondeu, esquivando-se à minha pergunta. – Vai morrer.

– Não vai morrer – garanti-lhe com um sorriso –, confia em mim. – Aproximei-me dele, observando-o com vivacidade. – Agora... fecha os olhos.

Rigel inclinou o rosto e fitou-me curioso, estudando com atenção cada movimento meu. Não estava à espera de um pedido desses, e a sua índole desconfiada induzia-o a nunca acatar ordens de ninguém. No entanto, quando me detive na frente dele, decidiu-se a obedecer.

Levantei-lhe o pulso, abrindo-lhe os dedos sedosos. Em seguida, deixei

deslizar-lhe para a mão um objeto pequeno e reluzente, tal como ele havia feito comigo.

Desta feita, era a minha vez.

– Muito bem, já podes olhar.

Rigel abriu os olhos e baixou-os.

Na sua mão estava um pequeno lobo esculpido num material brilhante e negro semelhante à obsidiana. As suas inúmeras facetas refletiam a luz como uma pedra iridescente, conferindo à silhueta esbelta, que parecia correr, algo de selvagem e precioso. Era refinado e especial. Assim que o vi, apaixonei-me literalmente por ele.

– É um porta-chaves. Para a chave do teu apartamento – elucidei-o.

– Um... lobo?

Não fui capaz de perceber se lhe tinha agradado.

– É selvagem, solitário e ligado à noite. É maravilhoso na sua força misteriosa. Faz-me pensar em ti.

Rigel ergueu os olhos, pousando-os em mim, e fitou-me. A minha sinceridade queimou-me as faces e perguntei-me se não teria exagerado com as minhas atitudes doces e ingénuas, mas queria fazê-lo entender que, mesmo que ele sempre tenha sentido aquele papel controverso como um peso, eu adorava a sua maneira de ser acima de qualquer outra coisa.

Com uma pontada de embaraço, abri pela última vez o saco e retirei uma moldura.

Era um retrato de nós os dois, no dia da formatura do liceu.

Estava abraçada a ele com um sorriso que me fazia brilhar os olhos; tinha-o apanhado de surpresa, porque ele, em vez de olhar para a objetiva, tinha os olhos baixos, pousados em mim.

Adorava aquela fotografia a tal ponto que a havia emoldurado.

– Esta é a minha preferida – balbuciei com um rubor infantil. – Mas não és obrigado a expô-la, se não quiseses. Achava que talvez pudesses gostar de ter alguma coisa que fosse familiar para ti e que...

– Fica aqui esta noite.

O seu corpo invadiu o meu espaço e o seu perfume inebriou-me. Cobriu-me com a sua sombra e eu ergui os olhos apenas para o encontrar próximo de mim, escaldante, e fascinante de morrer.

– Fica aqui... – sussurrou em voz baixa. – Enche-me os lençóis com o teu odor. Deixa as tuas coisas por aí. – A sua voz aprofundou-se. – Põe o teu gel de banho no duche. É lá que quero encontrar-te quando acordar...

Respirei a custo, ao mesmo tempo que ele pousava as mãos no móvel que se encontrava atrás de mim, encurralando-me. Apesar de todo o tempo que se havia passado, ainda não conseguia habituar-me a ele. Neste momento, já não era um rapaz, e a natureza parecia possuir um plano preciso para o tornar um

anjo sedutor e sobrenatural em todos os sentidos. Às vezes gostaria que ficasse como estava, porque quanto mais crescia, mais Rigel possuía uma segurança e um domínio capazes de empalidecer qualquer mulher.

– Prometi à Anna que voltaria para casa a tempo de jantar com eles... – sussurrei à medida que ele me mordida com lentidão a pele debaixo do queixo. Sugou-a devagar e o meu corpo derreteu-se.

Suspirei, esquecendo-me do que estava a dizer, e Rigel pousou-me uma mão na garganta a fim de me pegar no rosto, permitindo-lhe aprofundar aquele contacto.

Estar fechada dentro de um apartamento com ele não era decerto algo de que pudesse queixar-me, mas a sua presença nociva não me ajudava a cumprir as minhas promessas.

– Rigel... – apertei os lábios à medida que ele se aproximava ainda mais a fim de comprimir o corpo de encontro ao meu. A sua boca moveu-se lenta e escaldante atrás da minha orelha, e os seus dedos entrelaçaram-se nos meus cabelos, fazendo-me vergar à sua vontade.

Era bom nisso.

Rigel possuía uma força de persuasão muito poderosa, tanto nos gestos como na voz. E, infelizmente, sabia usá-la bem até de mais...

Naquele momento ouvi o meu telemóvel tocar e sobressaltei-me. Por instinto, pousei-lhe as mãos no peito e Rigel reprimiu um gemido rouco e contrariado.

Não gostava quando alguém interrompia a sua intenção de me devorar com lentidão.

– Vou trazer as minhas coisas – assegurei-lhe com doçura, acariciando-lhe o pescoço. Rigel apartou-se de mim e eu sorri-lhe. – Só que tu precisas de dar-me tempo.

Deixei-lhe a moldura nas mãos. Ele seguiu-me com o olhar, carrancudo e magoado, e em seguida baixou as pupilas para a nossa foto. Antes de me apressar a atender, vi os seus olhos negros cravarem-se nela e contemplarem-na em silêncio.

Quando vasculhei a mala e encontrei o telemóvel, este já tinha parado de tocar. Tirei-o e vi que tinha três chamadas perdidas de Adeline, todas seguidas.

Perguntei-me qual seria o motivo daquela insistência, porque não era do feitio dela. Verifiquei se não me teria enviado uma mensagem para me explicar, mas quando não encontrei nenhuma decidi ligar-lhe de volta.

Marquei o número e encostei o telemóvel ao ouvido, mas nem sequer tive tempo de ouvir um primeiro toque: um barulho fortíssimo explodiu no ar, sobressaltando-me, e fazendo-me ficar com o coração na boca.

Apanhei um susto enorme. Com a respiração entrecortada, larguei o telemóvel e precipitei-me na direção da outra sala, onde os meus olhos se

arregalaram assim que lá cheguei.

Rigel estava encostado à parede com os músculos a tremer e uma cadeira, a que se encontrava junto à janela, caída aos seus pés. Os dentes estavam cerrados com violência e os braços, percorridos por tremores e espasmos incontroláveis, eram um feixe de nervos a ponto de explodir.

Fitei-o sem respiração, assustada.

– O que... – não terminei a frase. Vi os seus punhos cerrados, os dedos agarrados à moldura com violência. Emanava uma tensão neurótica e ardente, e fiquei com falta de ar.

Estava a ter uma crise.

Rigel fechou os olhos com força e aquela dor invisível mergulhou-o num delírio tremendo: caiu de joelhos, o vidro partiu-se entre os seus dedos e os cacos cortaram-lhe a pele, sujando-o de sangue. Segurou a cabeça entre as mãos, enterrando de forma convulsiva as unhas nos cabelos negros, e eu tremi diante daquela cena.

– Rigel...

– *Não te aproximes!* – vociferou com uma ferocidade que me assustou.

Observei-o com o coração na garganta, angustiada devido àquela reação. Tinha as pupilas dilatadas, e as feições tão contraídas a ponto de parecerem irreconhecíveis.

Não queria que eu o visse naquele estado, não queria que ninguém o visse, mas eu nunca o deixaria sozinho. Tentei dar mais um passo, mas ele pulou de novo.

– Já te disse para ficares longe de mim! – rosnou como um animal selvagem.

– Rigel – sussurrei com voz desarmada e sincera. – Tu nunca serás capaz de me fazer mal.

Os seus olhos ferinos fitaram-me por baixo dos cabelos despenteados. No meio de toda aquela dor que o tornava brutal, vi o rugido de um sofrimento que me despedaçou o coração.

Não era inconsciente, sabia que os ataques podiam ser perigosos para quem estava ao pé dele, no entanto não temia pela minha integridade física. Aproximei-me devagar, tentando mostrar-me indefesa, e ele fitou-me ofegante. Tinha absoluto pavor de o assustar, de desencadear nele uma reação ainda mais violenta, mas os espasmos e os tremores do seu corpo foram diminuindo aos poucos, sinal de que a crise começava a passar.

Nunca tinha assistido a nenhuma assim.

Cheguei ao pé dele, sentando-me ao seu lado, e Rigel recusou-se a olhar para mim. Vi os nervos do maxilar tensos, a veia saliente na têmpora, e calculei que estivesse a sentir a cabeça a ponto de explodir.

Com gestos cautelosos e muito suaves, deixei as mãos deslizarem-lhe pelo

tórax e abracei-o por trás.

Sentia o coração dele bater como um louco. Ainda estava a tremer.

– Está tudo bem. Estou aqui – articulei com uma voz o mais suave possível. Sabia que aquele tom era capaz de o acalmar e de o tranquilizar.

Estava a enterrar as unhas nas palmas das mãos. Receava que também se tivesse magoado na cabeça, mas não me mexi a fim de verificar, ainda não. Precisava de calma e de silêncio.

No chão, a nossa foto jazia no meio de cacos sujos de sangue. Estava arranhada e estragada. Rigel fitou a moldura partida e o vidro estilhaçado durante um momento que pareceu infinito.

– Sou um desastre e uma calamidade.

– Um desastre e uma calamidade estupendos – apressei-me a acrescentar.

Uma ruga de amargura perpassou-lhe pela boca, mas eu não afrouxei o amplexo. Pousei a face nas costas dele e transmiti-lhe todo o meu calor.

– Não és errado. Não és... Não penses nisso nem sequer por um momento – disse-lhe com voz doce, e quando percebi que não me respondia, prossegui: – Sabes o que é aquela plantinha que te trouxe? É amaranto. Significa «aquele que não murcha». Trata-se da flor imortal. Como aquilo que sinto por ti. – Sorri, fechando os olhos. – Também ela é diferente de todas as outras flores. Precisa de muito poucos cuidados, possui um aspeto atípico e é muito persistente. É forte, tal como tu também és. E é única na sua espécie, tal como tu.

Não sabia se as minhas palavras conseguiam chegar até ele, mas desejava demonstrar-lhe que, embora não o pudesse acompanhar naquela dor, talvez enfrentá-la juntos pudesse torná-la menos insuportável.

– Para de a fazer parecer uma coisa especial. Eu nunca funcionarei bem – admitiu para si mesmo.

Sabia o quanto a doença influenciava a sua psique. Os ataques não o esgotavam apenas em termos físicos, também lhe danificavam a mente. Distorciam-na. Geravam ressentimentos, inadequação e uma frustração tão profunda que o levava a renegar-se a si mesmo.

– Não importa.

– Importa, sim – sussurrou com azedume.

– Não. E sabes porquê? – perguntei, dócil. – Porque para mim és perfeito assim como és. Eu quero cada parte de ti, Rigel... Até mesmo aquelas que teimas em esconder. As mais frágeis e diferentes. Tu não és errado. És o meu dulcíssimo e complicadíssimo lobo...

Estava de novo a exagerar na emoção, mas aos meus olhos a sua vulnerabilidade fazia dele algo que devia ser protegido. Recordei-me de quando, aos dezoito anos, aquele acidente quase lhe ceifou a vida. Quase me deixei morrer para não aceitar que podia perdê-lo. Na época, era demasiado

jovem para me aperceber da maneira como estava a agir mal, mas naquele momento dei-me conta de que por ele eu continuava disposta a dar tudo de mim.

– Estou aqui para ti. Sempre estarei aqui para ti... – Ergui o rosto e depositei-lhe um beijo no ombro, pousando nele o meu queixo. Em seguida, depois de uma última vista de olhos, dirigi-me à casa de banho e voltei com tudo o que precisava.

Desta vez sentei-me na frente dele. Humedeci um cotonete com desinfetante e depois, com delicadeza, tratei-lhe dos cortes nas mãos. Limpei-lhe a pele, tomando atenção para não o magoar, e os seus olhos seguiram cada um dos meus gestos.

Por último, depois de ter desinfetado um corte que lhe chegava até ao dedo indicador, tirei os meus pensos rápidos do bolso e pus-lhe um no dedo.

Escolhi um cor de violeta, tal como aquele que lhe havia colado no peito alguns anos antes. É possível que Rigel tenha reparado nisso porque levantou o rosto e fitou-me olhos nos olhos.

Eu sorri-lhe com doçura.

– Deixa que eu veja por ti, porque tu não sabes olhar para ti.

Beije-lhe a mão, e antes de ele ter tempo de reagir, aproximei-me e aninhei-me de encontro ao seu peito.

Rigel não me abraçou. Ainda lhe tremiam as mãos.

Contudo, o seu coração estava comigo.

Batia contra o meu.

E no meio daqueles cacos partidos, as nossas almas deram as mãos e caminharam sob as estrelas.

Mais uma vez.

Nessa noite fiquei com ele.

Contei a Anna o que se tinha passado, confessando-lhe que não o queria deixar sozinho. O tempo todo, em vez de dormir, acariciei-lhe o cabelo e esperei que as dores de cabeça contínuas acalmassem. Desconfiei que aquela explosão repentina se tivesse devido ao *stress* dos últimos meses. Entre aulas particulares, estudo e trabalhos para fazer, Rigel tinha estado sujeito a uma pressão exagerada que se repercutiu no seu organismo. Essa convicção atormentou-me até de manhã, altura em que regresssei a casa, preocupadíssima a pensar nele.

Preparei qualquer coisa para comer ao almoço, sem conseguir tirar da cabeça a imagem de quando ele segurou a cabeça entre as mãos. Gostaria de poder reiniciar a minha mente, rebobiná-la como uma velha película de um filme, mas estava destinada a reviver aquele momento e a perguntar-me o que

devia ser para ele suportar essa dor durante a vida inteira.

Quando a campainha tocou, fui arrancada aos meus pensamentos. Fui abrir a porta, perguntando-me se não seria Norman que tinha resolvido ir almoçar a casa, mas não foi preciso muito para perceber que estava enganada.

Era Adeline. Lembrei-me na mesma hora das chamadas perdidas e inclusive do facto de não lhe ter devolvido os telefonemas.

Ela fitou-me com a respiração entrecortada e eu levei uma mão à testa.

– Oh, Adeline, eu...

Estava prestes a desculpar-me, mas detetei no seu rosto uma expressão que há muito não via. Há demasiado tempo. Algo de visceral e antigo aflorou de novo dentro de mim antes mesmo de ela falar alguma coisa.

– Nica – anunciou ela. – A Margaret voltou.

Deveria encontrar-me numa outra dimensão porque de repente tudo pareceu cessar de existir. O ar, a terra, o sol, o vento, a minha mão suspensa sobre a maçaneta da porta.

– O quê?

– Ela voltou. – Adeline apressou-se a entrar e depois fechou a porta. – Prenderam-na no aeroporto. Está aqui, Nica. Há já duas semanas.

Depois da denúncia de Peter, três anos antes, soube-se que Margaret tinha abandonado o país há algum tempo. Mais precisamente quando tinha sido demitida do Grave sem ao menos ter sido efetuada uma investigação acerca da sua conduta brutal.

Na época receei que se tivesse safado da situação, mas Asia tinha-me garantido que no que respeita aos crimes mais graves, entre eles os delitos de violência, o estado do Alabama não previa qualquer prescrição.

Margaret não só estava marcada por um crime horrendo, como também o havia agravado com outras repetições ao longo dos anos, causando danos psicológicos e uma crueldade injustificada.

Não importava quantos anos se passassem. Tinha espancado, humilhado e massacrado de pancada crianças de que deveria ter cuidado, e nem sequer a passagem do tempo foi capaz de eliminar a sua conduta.

– Achava que podia voltar para cá como se nada fosse. Não sabia que alguém tinha feito uma denúncia contra ela. Prenderam-na assim que chegou.

Adeline falava com uma agitação convulsiva, mas para além disso havia um sentimento subjacente que também eu experimentava, um misto de desconcerto, de perplexidade, de paralisia, de desforra e de terror. Deixei que ela deitasse tudo cá para fora, que desabafasse, porque eu estava demasiado transtornada para reagir.

Caminhou pela sala e virou-se de modo a olhar para mim com o coração nos olhos.

– O julgamento terá lugar nos próximos dias.

Metabolizar aquelas palavras foi estranho e impossível. Não conseguia acreditar que me encontrava ali, a viver aquela situação. Sentia-me alienada.

– Precisam do maior número possível de testemunhas. Infelizmente depois de todos estes anos não é fácil localizar todas as crianças. Muitas delas já são adultas, algumas são impossíveis de rastrear, outras não comparecerão.

Adeline fez uma pausa e, nesse mesmo instante, percebi o que ela estava prestes a pedir-me.

Fitou-me com os seus grandes olhos azuis e depois, com voz doce, porém determinada, disse:

– Comparece no julgamento, Nica. Presta depoimento comigo.

Aquele pedido gerou em mim um pânico irracional. Deveria estar contente com aquela notícia, desejar que se fizesse justiça, mas, ao invés, a mera ideia de que *Ela* se encontrasse assim tão perto do meu presente revirava-me a alma e alterava-me a respiração.

E eu sabia porquê. Ainda continuava a ir ao psicólogo. Os meus medos tinham-se atenuado, mas não haviam desaparecido. Ainda não era capaz de usar cintos. A sensação do couro causava-me náuseas. E em algumas situações os meus terrores regressavam como monstros e corroíam-me a alma.

Eu não estava curada. Às vezes ainda a pressentia ali, como uma presença que se recusava a desaparecer, e à noite quase conseguia ouvir a sua voz horrível sussurrar-me ao ouvido: «Sabes o que acontece se contares a alguém?»

– Eu também quero esquecê-la, Nica. – Adeline semicerrou os olhos, apertando os punhos com fragilidade. – Eu também... Não se passa um único dia sem que eu deseje ter tido uma infância diferente. Feliz. Livre *Dela*. Contudo, este é o momento, Nica... O nosso momento chegou, por fim há alguém disposto a escutar-nos. Agora é a nossa vez. Não fiquemos em silêncio, não fiquemos à margem, não agora... Por mim, por ti, pelo Peter e por todos os outros. Ela merece pagar por tudo o que fez.

Adeline contemplou-me com a respiração entrecortada e os olhos marejados de lágrimas, mas no seu rosto vi uma determinação férrea. Estava morta de medo. Podia ler-lhe isso nos olhos.

Nenhum de nós queria voltar a vê-la.

Nenhum de nós queria olhar de novo para aquela cara.

Mas todos partilhávamos as mesmas cicatrizes.

O mesmo desejo desesperado.

Acabar com aquele pesadelo para sempre.

Olhei para aquela rapariga que considerava como uma parte de mim desde que éramos pequenas, e nela voltei a ver-nos às duas, pequenas e cheias de nódoas negras, a apoiar-nos uma à outra apesar de tudo.

– Vou depor.

Apertei os dedos para que ela não me visse tremer. No seu olhar acendeu-

se uma luz trémula, porém poderosa.

– Só preciso que me prometas uma coisa – prossegui. – O Rigel não deve saber de nada.

Adeline permaneceu imóvel. Nos seus olhos detetei uma cambiante de surpresa e de confusão que me fez desviar o olhar. Não precisava de olhar para ela para compreender que também ela considerava a presença de Rigel como um apoio que por outro lado me teria dado força e coragem.

– É por...

– Não o quero ali – interrompi-a, irredutível como nunca antes me havia mostrado. Cerrei os dedos, e o olhar que pousei nela, pela primeira vez na minha vida, não admitia réplica. – Ele não deve estar presente.

No fatídico dia, envergava um par de calças escuras justas e os cabelos compridos roçavam-me pela bainha do pequeno colete cinzento que me cingia a blusa de seda branca. Tinha a sensação de que aquele pedaço de tecido me sufocava, motivo por que não parava de o torturar com os dedos. Anna perguntou-se se não preferia vestir um casaco seu por cima da blusa, mas a mera ideia de ter alguma coisa a apertar-me os pulsos foi suficiente para me virar o estômago do avesso.

Fora da sala de audiências do tribunal, o majestoso pavimento de mármore ressoava com os passos de homens elegantes e mulheres com ar profissional. Tratava-se de um ambiente refinado, solene, com tetos tão imponentes que me faziam sentir acanhada e insignificante.

– Vai correr tudo bem – sussurrou a voz de Anna.

Adeline, ao lado dela, engoliu em seco de maneira impercetível. Os seus olhos azuis assemelhavam-se a um mar de inverno, nervoso, turvo e agitado. Estava pálida, com umas leves olheiras que me fizeram intuir que não era a única a ter passado noites de insónia antes daquele dia. Carl não pôde vir e ela sentia a falta dele.

– Eu estarei lá dentro convosco, sentada no meio da assistência – prosseguiu Anna. – Agora só precisamos de esperar... Oh, lá vem ela.

Virei-me na direção do vulto que vinha a subir a enorme escadaria.

Asia veio ter connosco, vestida com uma saia escura e uma blusa de cetim cor de petróleo, abotoada até ao pescoço. A ausência de saltos realçava o seu aspeto juvenil, mas a aura de determinação que emanava fazia com que parecesse em perfeita sintonia com aquele ambiente distinto e formal, em todos os sentidos.

Fiquei surpreendida com a sua presença. Sabia que se tinha licenciado em Direito e que pretendia tornar-se advogada de direito civil, mas não estava à espera de a ver ali.

O que é que estaria a fazer ali?

– Desculpem – disse em tom resolutivo. – Desorientei-me com a mudança da hora.

Os olhos de Adeline encheram-se de algo trémulo e luminoso, quando olhou para ela. Percebi então que tinha sido ela a pedir-lhe que viesse. Asia foi postar-se ao seu lado, e pela maneira como sustentou o seu olhar senti uma força silenciosa impregnar-se no ar.

Tinha vindo para nos apoiar.

Naquele momento, senti-me feliz por ela também ali se encontrar.

– Precisamos de entrar – declarou em tom prático. – Anna, tu vais sentar-te na galeria. Vocês as duas, por outro lado, deverão esperar ali ao fundo até serem chamadas para depor. Nessa altura o promotor do Ministério Público pedir-vos-á que ocupem o banco das testemunhas. – Asia fitou-nos olhos nos olhos com firmeza. – Procurem não se mostrar agitadas. O nervosismo não vos ajudará e a defesa poderá induzir os jurados a acreditar que estão a mentir. Respondam às perguntas com calma, com a maior clareza possível, ninguém vai pressionar-vos nem apressar-vos.

Contorci as mãos, tentando memorizar as palavras dela, mas tive a sensação desagradável de já ter esquecido todos aqueles conselhos. Deveria falar com clareza na frente de uma assistência sobre algo que, a despeito da passagem dos anos, ainda me embrulhava o estômago. Tentei recordar-me da razão por que ali me encontrava, do motivo por que estava a fazer isto, e tentei infundir-me coragem.

Quando entrámos na sala, surpreendi-me com o silêncio respeitoso que pairava no ar apesar do grande número de pessoas ali presente. Alguns jornalistas, um pouco à parte, aguardavam a chegada do juiz na esperança de publicar toda a história na edição da tarde.

Anna virou-se para nós, lançando-nos um olhar de encorajamento, a que me agarrei com unhas e dentes. Em seguida, foi sentar-se na galeria. Segui-a com o olhar à medida que nós nos acomodávamos nas cadeiras situadas junto à parede.

Naquele momento desejei que uma presença alta e tranquilizadora, com uns inconfundíveis olhos negros, ali estivesse ao meu lado.

A olhar para mim daquela maneira tão profunda que só ele possuía.

A apertar-me a mão com os seus dedos sedosos.

A desafiar todos com o olhar porque me sentia nervosa e assustada.

A recordar-me que não importava o quão obscuros fossem os meus pesadelos. Eu podia ver as estrelas...

Não, decretou a minha alma. Não, ele não devia estar aqui presente.

Ele devia manter-se afastado.

Às escuras.

E em segurança.

O juiz entrou, anunciado pelo oficial de justiça, e todos nos pusemos de pé. Quando voltámos a sentar-nos, a voz do escrivão proclamou:

– O estado do Alabama contra Margaret Stoker.

Uma súbita percepção contraiu-me a garganta.

Ela estava ali.

De repente, deixei de me sentir confortável na minha pele. Comecei a suar. Comecei a coçar com nervosismo o pulso com o dedo indicador, arranhando a carne até ficar vermelha, e senti-me de novo pegajosa, rígida e ensopada.

Desejei arranhar-me até fazer sangue, até criar crostas e depois arrancá-las a elas também, mas Asia pegou-me na mão com que estava a esfolar a pele e puxou-a para o seu colo, apertando-a com firmeza. Não tive forças para me virar a fim de lhe lançar um olhar: Adeline apertou-me a outra mão, agarrando-se a mim, e eu correspondi ao seu gesto, quase até a magoar.

– Obrigado, meritíssimo. Membros do júri – sentenciou o promotor do Ministério Público, depois de ter exposto o caso e as acusações. – Com a vossa permissão, darei início ao interrogatório das testemunhas.

– Prossiga, senhor doutor.

O homem agradeceu ao juiz com um aceno de cabeça, e depois virou-se para a assistência.

– Na qualidade de primeira testemunha, chamo Nica Milligan para depor.

Uma descarga atravessou-me o corpo e estremeci.

Era eu. Era a primeira.

Levantei-me com um tremor e avancei no silêncio da sala como se estivesse a envergar uma pele que não era a minha. O ar parecia feito de arestas. Tentei ignorar os olhares que me rodeavam, os rostos que me seguiram como bonecos mudos, mas aquela plateia quase parecia gritar dentro da minha cabeça até abafar os meus pensamentos.

Numa questão de poucos segundos, ultrapassei a galeria e o oficial de justiça fez-me prestar juramento, e logo em seguida indicou-me o banco das testemunhas, onde fui sentar-me debaixo do olhar dos jurados. O colete estava a asfixiar-me. Tinha as mãos suadas.

Permaneci na beira da cadeira, com os joelhos apertados e os dedos entrelaçados entre si como um feixe de nervos, sem sequer me atrever a olhar em redor.

– Por favor, menina, diga o seu nome para que conste nos autos – pronunciou-se a acusação.

– Nica Milligan.

– E vive no número 123 de Buckery Street?

– Sim...

– A menina concluiu o processo de adoção há dois anos. Está correto?

– Está correto – voltei a responder, num fio de voz.

– O seu anterior apelido era Dover. Confirma?

Tornei a dar uma resposta afirmativa e ele avançou alguns passos, prossequindo com o interrogatório.

– Por conseguinte, na época em que ainda atendia pelo nome de Nica Dover, a menina era uma das crianças a cargo da instituição de Sunnycreek Home.

– Sim – murmurei.

– E a senhora Stoker, aqui presente, dirigia a instituição naquela altura?

Fiquei gelada. O tempo deteve-se.

Uma força visceral induziu-me a erguer os olhos de modo a confrontar-me com a realidade.

E então vi-a.

Sentada à mesa dos aguidos, como uma velha fotografia.

Olhei para a mulher que havia arrebatado os meus sonhos de criança e o tempo pareceu retroceder através dos anos.

Não tinha mudado. Era sempre *Ela*.

Margaret fitava-me com os olhos penetrantes como agulhas, e os cabelos grisalhos, enebados e semelhantes a estopa, que lhe chegavam aos ombros. Tinha envelhecido, o rosto de mastim conservava as marcas do fumo dos cigarros e do consumo de álcool, mas aquele aspeto descuidado limitava-se a encovar-lhe ainda mais os olhos, conferindo-lhes um ar feroz. Ainda possuía aqueles antebraços fortes, aquelas mãos grossas e vigorosas que mais de uma vez me haviam partido as costelas.

Se olhasse para elas, ainda conseguia senti-las a enterrarem-se na minha carne.

Continuei a fitá-la e os seus olhos percorreram-me, examinaram as minhas roupas limpas e o meu aspeto sadio e maduro como se não me reconhecesse em absoluto; parecia não acreditar que, passado todo aquele tempo, aquele mostrengo com os dedos repletos de pensos rápidos e a cara suja pudesse ser a rapariga bem cuidada e bem alimentada que se encontrava na sua frente.

Uma estranha loucura apossou-se do meu coração. As minhas têmporas latejaram, os batimentos cardíacos começaram a galopar. Pareceu-me que alguém tinha acabado de me revirar a alma sobre si mesma.

– Menina Milligan?

– Sim – sussurrei com uma voz irreconhecível. Os meus dedos tremiam de maneira descontrolada, mas esforcei-me por não o demonstrar. O advogado pôs as mãos atrás das costas.

– Responda à pergunta.

– Sim. Dirigia a instituição.

Qualquer coisa gritou dentro de mim, debateu-se, ameaçou sufocar-me.

Rebelei-me contra essa sensação, obrigando-me a mim mesma a manter-me no presente, a não deitar por terra todos os esforços que havia feito com o meu psicólogo. Tínhamos enfrentado muitas vezes a tutora na minha cabeça, mas tê-la diante de mim era como um pesadelo que se tornava realidade.

O advogado prosseguiu com as perguntas. Respondi devagar, lutando contra as minhas inseguranças, contra as palavras que ficavam atoladas, contra a voz que fraquejava, mas nunca ficando bloqueada.

Gostaria de fitá-la olhos nos olhos e mostrar-lhe com orgulho a mulher em que me havia transformado.

Gostaria de poder demonstrar-lhe que tinha perseguido o meu sonho, tal como em criança perseguia as nuvens no céu. Sem nunca me render.

E gostaria que ela me visse por aquilo que era, que visse a força dos meus olhos luminosos, e a tenacidade com que resplandeciam, ainda que dentro deles brilhasse sempre aquele coração de mariposa noturna.

No entanto, não fui capaz de a olhar de frente durante todo esse tempo.

– Muito bem. Não tenho mais perguntas, meritíssimo. – O promotor do Ministério Público voltou a sentar-se, satisfeito com as minhas declarações, e nesse momento chegou a vez do advogado de defesa.

Deu início ao contrainterrogatório, tentando ludibriar-me, mas eu não me deixei enganar. Não me contradisse, não desmenti as minhas palavras, porque cada recordação ainda era bem real na minha cabeça e viva na minha pele.

Permaneci firme nas minhas declarações e agravei ainda mais as acusações, e por esse motivo a defesa decidiu, a dada altura, pôr termo ao interrogatório.

– Já é suficiente, menina Milligan – declarou.

Tinha conseguido.

Ergui os olhos.

Para além da compostura, nos rostos dos jurados pairava um sem-fim de emoções, que oscilavam entre a frieza, a tensão e a incredulidade.

Acabara naquele exato momento de relatar todos os pormenores de quando ela me amarrava na cave e me deixava sozinha, a contorcer-me no meu próprio medo. De quando ficava com os lábios gretados de sede de tanto gritar. De quando ela ameaçava arrancar-me as unhas, pois assim deixaria de as partir no couro das correias.

Desviei os olhos e cruzei-os com os de Margaret. Ela fitou-me com os seus olhos escuros, inquiridores, como se tivesse conseguido, por fim, reconhecer-me.

Em seguida, sorriu.

Sorriu tal como sorria quando fechava a porta da cave atrás de si. Tal como sorria quando me agarrava à saia dela. Sorriu daquela maneira retorcida e repugnante, afivelando um esgar que constituía uma vitória.

Uma emoção vermelha e brutal contraiu-me a garganta.

Levantei-me a toda a pressa e a pedido do juiz abandonei o banco das testemunhas, húmida e perturbada. Tremia de modo incontrolado. Atravessei a sala com o sangue a martelar-me nas têmporas, mas assim que cheguei ao fundo, em vez de me sentar de novo na cadeira, agarrei de súbito a maçaneta da porta e precipitei-me para fora da sala. A bÍlis subiu-me à garganta e consegui encontrar uma casa de banho mesmo à justa: agarrei-me à sanita e depois vomitei todo o mal-estar que me corroía a alma.

O suor arrepiou-me a pele, espremendo-me as entranhas. Estremeci à medida que as lágrimas causadas pelo esforço me cegavam os olhos: revi-a ali, com aquele esgar escarninho e toda a dor que me havia causado.

Diante *Dela* não era uma mulher de vinte e um anos.

Era ainda uma menina pequena e imunda que rezava para *ser boa*.

Umas mãos tocaram-me, procuraram estabelecer um contacto comigo, mas fui acometida pela repulsa e o meu cérebro recusou aquele toque. Afastei aqueles dedos que tentavam ajudar-me, e uma voz conhecida tentou levar-me a raciocinar.

– Deixa... Não. Para...

Asia tentou acalmar-me, combatendo as palmadas com que eu a afugentava. Sou capaz de a ter magoado, mas não estava em mim: ela conseguiu agarrar-me pelos ombros e então eu comecei a tremer.

– Está tudo bem. Foste muito corajosa. Foste muito, muito corajosa...

Tentei afastar-me, mas ela impediu-me, agarrando-me de uma maneira estranha, angulosa, complicada. E, no entanto, tépida também.

Tentei libertar-me, mas por fim aquele amplexo venceu as minhas reticências.

As mãos dela não eram doces como as de Anna, nem familiares como as de Adeline.

Mas amparavam-me.

E, muito embora viéssemos de realidades distintas, muito embora fôssemos oriundas de dois universos que nunca se haviam tocado, soltei as lágrimas e deixei que ela, por uma vez, tocasse aquele coração de criança que nunca tinha consentido que ninguém visse.

✱

Nessa noite fiquei debaixo do chuveiro durante um tempo interminável. Lavei a fundo o suor, a angústia e os arrepios que me tinham ficado colados à pele. Lavei a fundo o odor do medo, os arranhões nos pulsos e o que restava daquele dia.

Depois, fui até ao apartamento de Rigel com a alma amarfanhada e os olhos vazios.

A minha existência parecia esborratada, como alguma coisa que se apaga

com uma borracha. A verdade é que tinha necessidade de respirar um pouco a sua presença, de vivê-lo nem que fosse apenas por um instante, porque na escuridão em que às vezes mergulhava ele era a única luz capaz de me conceder algum alívio.

Nem sequer se dava conta do poder que exercia sobre mim.

Rigel pegava na escuridão e transformava-a em veludo. Acariciava o meu coração e tudo parecia funcionar de repente, como se conhecesse a melodia secreta que lhe punha em movimento as engrenagens mais complexas. Possuía o paraíso nos olhos e o inferno nos lábios, e era a única realidade que conseguia tornar insignificantes todas as outras.

Meti a chave na fechadura; deveria pelo menos tocar à campainha, mas quando senti no ar aquele perfume que tinha o seu cheiro, entrei silenciosamente no quarto sem sequer pensar duas vezes.

Pousei a mala no sofá e despi o casaco, reparando na luz de um candeeiro a iluminar a mesa da outra sala. Esperei vê-lo ali, mas encontrei apenas um livro aberto num capítulo sobre o movimento dos satélites, um copo com água, um prato com algumas migalhas e umas quantas folhas de apontamentos preenchidas com a sua caligrafia elegante.

Acaricieei a caneta pousada no sulco entre as páginas, imaginando-o a estudar ali, as feições maravilhosas iluminadas pela luz do candeeiro e aquela expressão concentrada que sempre adotava quando lia.

Pouco depois apercebi-me de uma presença silenciosa atrás de mim.

Virei-me, porque sabia que ele tinha o eterno hábito de se movimentar como um predador na sombra.

– *Talvez* estejas com vontade de me explicar tudo.

Encontrava-se na soleira da porta, magnífico e aterrador. Nas sombras, os seus olhos perfuravam a escuridão daquele modo que tantas vezes me havia feito tremer. Segurava na mão o jornal da tarde. Estava enrolado entre os seus dedos, mas não precisava que mo mostrasse para saber o que estava lá escrito.

O caso das crianças do Sunnycreek estava a percorrer o país inteiro.

Ele aproximou-se e atirou com o jornal para cima da mesa com um gesto seco, sem deixar de me acorrentar com o seu olhar tempestuoso. O seu perfume familiar despertou o meu coração. Embora naquele momento os seus olhos estivessem a repelir-me e a esmagar-me como buracos negros, senti o coração reagir à sua proximidade como se nunca tivesse sido tão seu.

– *Porquê?* Porque é que não me contaste nada?

Estava zangado.

Muito.

Queria ter estado lá. O meu comportamento não lhe havia agradado, e só de pensar que ele não estivera junto de mim naquele momento colidia com o instinto primitivo que lhe regia o coração.

A única coisa que eu queria era lançar-me nos seus braços, sentir-me abraçada, sentir-me em segurança. Contudo, sabia que não podia evitar aquele confronto, porque Rigel merecia uma explicação para o que eu havia feito.

– Se te tivesse dito, terias ido – sussurrei. – E eu tentei impedi-lo.

– Tentaste... *impedi-lo*? – Semicerrou os olhos, reduzindo-os a duas arestas cortantes. – E por que motivo, Nica?

Um lampejo de entendimento perpassou-lhe o olhar daquele modo destrutivo e hostil que o transformava em meu inimigo.

– Para quê? Achavas que eu era demasiado *frágil* para estar presente? – Deu um passo na minha direção, libertando a raiva e a dor. – É por causa daquilo a que assististe no outro dia? Por causa das crises?

– Não.

– E então é por causa *de quê*?

– Não queria que ela te visse – sussurrei com uma sinceridade desarmante.

Rigel não se mexeu, mas nas suas íris houve alguma coisa que se cristalizou.

– Não podia suportar que ela te pusesse de novo aqueles olhos em cima – confessei. – Que ao ver-te algo despertasse dentro dela. Não conseguiria aguentar tal coisa. Odeio a obsessão que sempre teve por ti, o afeto doentio que te dedicava. Faz-me ficar com falta de ar. Queria-a longe de ti. Queria proteger-te dela, mesmo se isso significasse enfrentar tudo sozinha! – Os meus punhos fechados tremeram e senti a garganta a arder. Senti as lágrimas ameaçarem brotar uma vez mais. Não fazia outra coisa a não ser chorar, já tinha atingido o meu limite.

– E voltaria a fazer o mesmo – sibilei entre dentes, pensando naquele esgar, na destruição que me havia infligido. – Voltaria a fazê-lo centenas de vezes só para mantê-la longe de ti. Não me importa se achas que foi uma estupidez. Não me importa se agora estás zangado comigo. Não me importa, Rigel, teria feito qualquer coisa, *tudo*, para a impedir de te ver mais uma vez!

Cerrei os olhos e uma força desesperada explodiu como uma estrela.

– Por isso, bem podes ficar zangado. Podes até rosnar-me! – incitei-o, ao mesmo tempo que o choque daquele dia me destroçava os nervos. – Diz-me que errei quando não te permiti que lá fosses, diz-me que cometi um erro! Diz o que quiseses, mas não me peças para me desculpar, pois não o farei, porque a única coisa que me faz sentir bem, a única coisa que me proporciona algum alívio em toda esta trapalhada, é saber que, por uma vez, apenas por uma vez, eu fui capaz de fazer alguma coisa para conseguir proteger...

As mãos dele agarraram-me e atraíram-me a si.

Embati de encontro ao seu peito e um soluço cortou-me a respiração. O seu calor envolveu-me como uma luva e o mundo vibrou entre os seus braços, emudecido por uma força invisível, doce e poderosíssima.

Estremeci, ao mesmo tempo que o pranto me corroía o coração e as forças ameaçavam abandonar-me.

– Tonta – sussurrou-me ao ouvido com voz suave.

Fechei os olhos com amargura. Meu Deus, não queria ouvir mais nada. Gostaria que Rigel apagasse Margaret para sempre, e que o fizesse falando-me apenas com a sua voz tão profunda.

A mão dele subiu-me até à nuca, tentando embalar-me, e eu agarrei-me àquele gesto com um sentimento desesperado. Deixei que me acariciasse o coração, tocando-lhe como só ele sabia. Amei-o ainda mais pela maneira como sabia recompor-me, limitando-se a abraçar-me assim.

– Não precisas de proteger-me – murmurou com uma doçura que me acariciou as cordas da alma. – Não deves defender-me de nada. Essa... tarefa é minha.

Afundi o rosto na sua camisola limpa e perfumada. Abanei a cabeça, gemendo encostada ao seu peito.

– Eu proteger-te-ei sempre – confessei, pequena como uma criança, porque não sabia ser outra coisa. – Ainda que aches que não precisas...

Rigel estreitou-me mais ainda e eu deixei que me absorvesse por completo, centímetro por centímetro, até nos tornarmos um só com o seu calor. Sabia que eu era assim, que nós éramos assim, obstinados e impossíveis até ao fim.

Continuaríamos a sacrificar-nos um pelo outro.

Continuaríamos a proteger-nos, cada um ao seu modo, preferindo os silêncios às palavras, os gestos a qualquer outra coisa.

Continuaríamos a querer-nos assim, daquela maneira excessiva e imperfeita, repleta de erros, mas sincera como o sol.

Contemplei-o com olhos lânguidos e arrasados, e ele inclinou o rosto, devolvendo-me o olhar, com uma expressão calma e profunda.

O meu coração palpitou, emocionado uma vez mais com o seu rosto, com tudo o que ele significava para mim, e Rigel curvou-se a fim de me depositar um beijo nos lábios.

A sua boca macia provocou-me um formigueiro cálido no estômago. Rodeei-lhe os ombros com os braços e atraí-o a mim com uma necessidade abrasadora.

Entrelacei a língua na dele e Rigel estreitou-me os quadris, tentando impedir-me, deter-me. Esforçou-se por refrear o impulso que ameaçava atacar-me como um animal selvagem, mas eu enterrei os dedos nos seus ombros e comprimi o meu corpo de encontro ao seu.

– Preciso de ti – implorei. – Preciso disto. Por favor...

Rigel respirou fundo, com o peito vibrante, os cabelos caindo-lhe sobre os olhos. Peguei-lhe no rosto apenas para afundar os meus lábios doces e carentes nos seus.

Os seus músculos retesaram-se. A respiração ficou presa na sua garganta.

Senti a sua postura tremer. Intensifiquei as pressões suaves da minha boca e a insistência do meu corpo franzino fê-lo ceder em definitivo.

Agarrou-me pela nuca e a sua boca impôs-se sobre a minha, consumindo-me com beijos escaldantes. A sua língua invadiu-me e a sua segurança atordoou-me, provocando-me um intenso arrepio ao longo da coluna. Enfiei-lhe as mãos nos cabelos e beijei-o com uma paixão avassaladora, arrancando-lhe um gemido rouco do peito.

A sua respiração tornou-se voraz, impetuosa. Rigel forçou-me a recuar até embater na borda da mesa, que ele libertou com o braço com gestos bruscos: o copo e o prato partiram-se e uma chuva de folhas de papel encheu o soalho à medida que me agarrava pelas ancas a fim de me fazer deitar.

Com dedos trémulos tentei despir-lhe a camisola, e Rigel atirou-a para o chão de qualquer maneira com a *T-shirt*, queimando como um fogo explosivo. Os cabelos escuros caíram-lhe como uma auréola macia sobre os ombros fortes e eu nem tive tempo de admirá-lo, uma vez que ele me abriu o fecho das calças, me ergueu a pélvis com um gesto brusco, fazendo-as deslizar ao longo das minhas pernas. A minha respiração tornou-se ofegante. As faces arderam e dei por mim a levantar os braços quando as suas mãos rudes quase me arrancaram do corpo o moletão que trazia vestido.

Não restava mais calma. Nem paciência. Estávamos a acometer os nossos corpos um de encontro ao outro que nem dois animais em fúria.

O ar arrepiou-me a pele, enchendo-a de sensações gélidas e ardentes. As omoplatas nuas embateram de encontro à mesa e Rigel fechou a mão sobre a curvatura do meu pescoço, apertando-o até me incendiar os nervos. Contraí-me sob o seu toque e os batimentos do meu coração entraram em delírio quando ele cravou os dedos na minha coxa, enterrando logo em seguida os dentes na parte interior, onde a carne era mais tenra e sensível. Fechei os olhos com força e senti uma descarga elétrica que me obrigou a agarrar-me aos rebordos da mesa.

O meu corpo começou a tremer e deixei que Rigel apagasse tudo de mim, que se apossasse de tudo e me enchesse dele.

Não me importavam os sinais.

Não o teria detido.

Tinha necessidade disto.

Do seu toque impetuoso e ardente, das suas mordidas, do seu amor negro.

Tinha necessidade de me perder na sua alma, porque era o único lugar onde nunca sentiria medo.

As minhas mãos tremeram, os músculos retesaram-se. Rigel arrancou-me as cuecas com determinação, e o elástico enterrou-se na minha pele, tirando-me o fôlego. Em seguida, sem delicadeza, agarrou-me pelos tornozelos,

arrastando-me ao longo da mesa até embater nas suas virilhas. O seu corpo queimava de tensão, de frenesim, da necessidade de me saborear, de me devorar, de me fazer sua.

E eu queria-o por aquilo que era, porque não desejava que fosse outro a não ser ele mesmo.

Um belíssimo demónio. O único anjo que habitava a escuridão da minha alma.

Respirava com dificuldade à medida que o seu toque possessivo me incendiava a pele. Percorreu-me as coxas com os dedos e depois enterrou nelas as pontas dos dedos, para sentir a minha carne aveludada moldar-se dentro das suas mãos. Apertou até preencher as palmas das mãos, até me magoar, e dos lábios escapou-me um arquejo subtil.

Aquele som fê-lo intensificar o amplexo. Cerrei os olhos e arqueei os tornozelos, e Rigel curvou-se a fim de envolver a minha intimidade com os lábios escaldantes, dando-lhe uma mordida. Esbugalhei os olhos e o fôlego ficou-me preso na garganta.

Por instinto contraí-me, mas ele apossou-se das minhas ancas, imobilizando-me num aperto férreo e inexorável. Começou a torturá-la com os dentes, beijando e lambendo, sugando-a de um modo impiedoso, e uma tempestade implacável fez-me fechar os olhos com força. Gemi, as pernas ficaram dormentes, e o baixo-ventre latejou com força.

A sua língua ávida continuou a acariciar-me sem piedade e os dentes estimularam nervos que me enviaram choques perturbadores ao longo da pele.

A minha respiração tornou-se irregular, tremi, as faces incendiaram-se. Apertei-lhe os cabelos entre os dedos, mas Rigel não se deteve, girou a língua em torno do ponto mais sensível e depois afundou-se lá dentro com mais força do que antes. Mordida os lábios e os dedos dele arranharam-me a pele, imobilizando-me ao mesmo tempo que aqueles golpes cálidos me excitavam com uma doce crueldade, dilacerando-me os músculos.

Quando se endireitou, eu estava muda, esgotada e trémula. Um zumbido entorpecia-me o cérebro. Rigel passou a língua pelos lábios vermelhos, túrgidos e agressivos, e seguindo o instinto impulsivo que o devorava afrouxou o elástico das calças por completo e baixou-as.

Mal consegui lembrar-me de que já estava a tomar a pílula anticoncepcional, quando ele me agarrou com força pela pélvis, elevando-a, segurando-a entre as suas mãos grandes até a fazer estalar. O seu abraço cortou-me a respiração.

Nunca foi delicado, mas também não lhe pediria que abrisse uma exceção por minha causa. Rigel tentava sempre controlar-se, reprimir-se, como se tivesse um medo constante de me despedaçar. Mostrava-se faminto, selvagem e impetuoso, mas naquele momento desejei que continuasse a esculpir-me a alma, que fizesse desaparecer o mundo com a sua habitual rudeza e o

arrastasse dali, para longe de tudo.

Senti a virilidade abrir caminho no meio das pernas, e o meu coração falhou um batimento. O meu sangue tremeu, o meu corpo ferveu e as palpitações destroçaram-me o coração.

Gostaria de inclinar o rosto, cruzar o meu olhar com o dele, mas ele entrou com determinação dentro de mim, e a sensação foi tão repentina e impetuosa que crispei os dedos dos pés e a minha espinha dorsal arqueou-se.

Tremeram-me as coxas, como se nunca fosse capaz de me habituar a ele. Cravei as unhas na madeira da mesa e Rigel respirou daquela maneira baixa e viril, desfrutando da sensação flexível e escaldante que o envolveu. Mordi os lábios, pequena e trémula, mas em vez de dar início à sua investida, ele levou-me uma mão à face e acorrentou os olhos aos meus.

O tempo parou.

Aferrei-me às suas íris, e o meu peito explodiu com uma emoção irreprimível. Correspondi-lhe com todo o meu ser, amando-o com loucura, derramando nelas tudo o que sentia.

Era ali que as nossas almas se encontravam.

Era ali que davam tudo de si.

Com os olhos entrelaçados nos meus, Rigel começou a mover-se dentro de mim. Impeliu-se com determinação e profundidade, pregando-me com prepotência à superfície da mesa, apertando-me os quadris até me fazer doer os ossos.

A respiração dele preencheu o ar.

O mundo afastou-se para longe.

Transformou-se nos seus olhos.

Transformou-se na sua pele, no seu perfume, no seu vigor e na sua força.

Transformou-se nele.

E a escuridão tornou-se veludo.

No meio das sombras floresceram as estrelas.

Rigel curvou-se sobre mim e eu acolhi as suas estocadas exigentes com as pernas insensíveis e os tornozelos trémulos. A pressão na pélvis magoava-me, mas enterrei-lhe as unhas nas costas e correspondi aos seus beijos com toda a doçura que me fazia tremer o corpo.

Porque éramos uma galáxia de estrelas, eu e ele.

Um caos magnífico.

Um delírio resplandecente.

No entanto, só juntos conseguíamos brilhar.

E sempre seríamos assim.

Díficeis de compreender.

Imperfeitos e fora do vulgar.

Porém imortais...

Tal como as flores de amarantho.

Incomensurável

*Vistamo-nos, pois, de estrelas.
Caminhemos por entre os sonhos.
Teremos corpos celestes, sabias?
Tu envergarás o meu amor como uma eternidade.
E qualquer lua, ao ver-te resplandecer,
desejará o amor de um sol
que a faça brilhar do mesmo modo.*

Um anel.

Carl tinha oferecido um anel a Adeline.

A notícia do noivado de ambos tinha enchido todos de felicidade: Anna levou as mãos ao coração, comovida, e eu abracei-a com um ímpeto de tal forma entusiasta que caímos as duas no sofá.

Sentia uma alegria que nunca seria capaz de exprimir por palavras, que me enchia o coração de música e trasbordava de luz. Amava-a de todo o coração e ela merecia ser feliz.

Para assinalar a ocasião, Anna decidiu organizar dentro de alguns dias uma pequena festa em nossa casa e tinha convidado todos os nossos amigos; afinal de contas, Adeline já era da família.

«Vais chegar a tempo, não vais?», digitei no telemóvel, à medida que os meus passos ressoavam no cimento do passeio.

Caminhava com rapidez pela rua e o vento acariciava-me os cabelos que me caíam sobre os ombros.

«Sim», limitou-se Rigel a responder, conciso como de costume. Nunca desperdiçava palavras, nem sequer nas mensagens.

Sabia o quanto andava ocupado com os estudos e tudo o resto, mas esperava que não se atrasasse, pelo menos essa noite.

«Nesse caso, vemo-nos às oito horas», escrevi, alegre e serena.

Nesse dia tinha outro motivo para estar de bom humor: tinha passado no

exame de doenças infecciosas com distinção depois de semanas de estudo. Não era uma matéria simples, e telefonei de imediato a Rigel para lhe comunicar a minha felicidade, porque ele sabia quanta paixão eu consagrava ao meu percurso universitário. Era sempre o primeiro a quem telefonava depois de um exame, e o único que quando me tecia um elogio me deixava sorridente e alegre como uma criança.

«Diverte-te com os outros», replicou com uma solicitude insólita.

Iria tomar uma cerveja com alguns colegas de curso, antes do jantar. Segundo eles, um exame assim tão importante era digno de comemoração, e eu tinha achado a ideia muito simpática. Passei em casa para mudar de roupa, vestindo-me já para o serão, assim não precisaria de demorar-me tanto com os convidados já a deambular pela casa.

«Obrigada», enviei, sorrindo para o ecrã, e depois guardei o telemóvel e apressei-me a chegar ao local.

Achei-o iluminado, refinado e acolhedor; os vidros das montras deixavam entrever fileiras de luz que pendiam do teto como ramos de um salgueiro-chorão, e os pequenos sofás de couro transformavam o ambiente no local adequado para relaxar em boa companhia.

Will já tinha chegado. Encontrava-se à espera defronte da porta, mas só se apercebeu da minha presença quando me pus atrás dele.

– Olá! Estás há muito tempo à espera?

– Ei. Não, acabei de chegar... – as palavras morreram-lhe na boca quando se virou.

O seu olhar percorreu-me de alto a baixo e eu examinei o meu reflexo no vidro do estabelecimento para me assegurar de que não tinha nada fora do lugar.

Trazia uns botins de salto alto, umas calças justas e uma jaqueta que me dava pela cintura; por baixo, havia optado por um *top* de um tom cinzento-pérola que combinava com os meus olhos. Tinha o corpete rígido e umas mangas compridas de balão, em organza, que lhe davam um ar sofisticado e feminino. Decidi-me por deixar os cabelos soltos e ao pescoço, por outro lado, trazia o maravilhoso fio com o pingente em forma de lágrima que Rigel me havia oferecido pelo meu aniversário.

Para essa noite também tinha aplicado uma maquilhagem leve que me tornava os olhos brilhantes, ao passo que um batom claro acentuava a suavidade dos meus lábios e os tornava ainda mais carnudos, realçando a tez rosada das minhas faces.

Depois de ter ultrapassado obstáculos e conquistado confiança, alguns anos antes, eu e Anna tínhamos partilhado um desses momentos de mãe e filha que sempre havia sonhado ter: tínhamos comprado produtos de cosmética juntas, e ela ensinou-me a maquilhar-me. Devagar, com calma, com

atenção e paciência. Tinha sido um momento muito íntimo e importante para mim, que guardaria comigo para sempre.

Norman, por seu lado, tinha-me ensinado a conduzir, e graças a ele havia tirado a carta de condução. Acompanhou-me ao exame, e apesar do meu nervosismo, tranquilizou-me com a sua habitual pacatez. Depois de ter passado no exame, saí do edifício, agitando o cartão, e ele deu-me um abraço carinhoso, orgulhoso e desajeitado, rindo-se por debaixo dos óculos grossos.

Eram momentos que conservava na memória, como um cofre precioso repleto de maravilhas.

Naquele momento reparei no olhar de Will pousado nas minhas pernas. Billie tinha-me dito que aquelas calças me desenhavam as curvas mais do que o fazia qualquer outra peça de roupa, mas eu tinha-as escolhido pela sua extrema comodidade, porque me sentia bem com elas, e não para atrair olhares indesejados.

Desviei os olhos dele, olhando em redor.

– Então – disse, mordiscando o lábio –, os outros vêm ou...

– Vêm. – Will voltou a fitar-me olhos nos olhos. – Já sabes que chegam sempre atrasados. Inclusive às aulas. – Esboçou um sorriso que lhe fez realçar as íris verdes.

Era um rapaz atraente, bem constituído, e era dono de um sorriso que calava fundo no coração de todas as mulheres. Era também um desses sorrisos radiantes e contagiosos que muitas vezes, na minha eterna despreocupação, eu dava por mim a retribuir; contudo, cada vez que o fazia, os seus olhos ficavam pensativos, como se nesse meu gesto tão genuíno houvesse um pormenor luminoso que as outras, com os seus olhares de adoração, não possuíam.

– Saíste-te muito bem hoje, no exame – murmurou Will com voz cálida.

Vi que se tinha aproximado. Deixou deslizar as pupilas pelo meu rosto e eu arqueei os lábios com um doce alívio.

– Obrigada. Tu também. Estava um bocadinho nervosa no início... Fico feliz por me ter saído bem.

– Podíamos estudar juntos da próxima vez – propôs ele sem parar de olhar para mim. As suas pupilas iam alternando entre cada uma das minhas, como se os meus olhos o enfeitassem. – Podíamos encontrar-nos depois das aulas... Não sei se sabes, mas eu não moro muito longe da universidade. Poderias ir até minha casa...

– Malta! Ei!

Duas colegas nossas juntaram-se a nós, interrompendo aquela conversa. Will mordeu o lábio e ergueu os olhos na direção delas, para depois devolver o cumprimento com um sorriso. Queria pensar de verdade que a sua proposta fosse apenas de amizade, mas receava que não fosse bem assim. Afastei esse pensamento e concentrei-me nas colegas que haviam chegado. A bem da

verdade, era raro sairmos juntas, mas gostava daquelas raparigas, falávamos sobre a nossa paixão comum e partilhávamos uma realidade que nos interessava profundamente. Também deveria ter vindo um casal, mas viemos a saber que não poderiam juntar-se a nós por terem tido um contratempo.

– Então... somos só nós?

Will procurou uma confirmação da parte delas e estas assentiram. Depois daquela afirmação, os seus olhos voltaram a pousar de novo em mim.

Observou-me por um momento antes de acrescentar:

– Nesse caso, é melhor entrarmos...

– Ouvi falar muito bem deste lugar – disse, sorrindo de satisfação, apontando para o estabelecimento. – Duas grandes amigas minhas já aqui vieram e disseram-me que as cervejas artesanais são ótimas! Além disso, com as bebidas também servem umas sanduíches temperadas com um molho especial, e inclusive umas batatinhas que são de comer, rezan...

Não tive tempo de terminar a frase, quando alguém chegou e se aproximou por trás, levantando-me com força a cabeça baixa e pespegando-me um beijo nos lábios.

Fiquei sem fôlego e reconheci o perfume de Rigel com um baque no coração: os seus dedos apertaram o meu maxilar e submeteram-me a um beijo tão fogo e inesperado que cortou a minha respiração. Devorou-me os lábios, assaltando-me com tamanha veemência que o meu corpo franzino cedeu sob aquele ímpeto incendiário.

Agarrei-me ao seu braço, e Rigel cravou os seus olhos amendoados em Will, fulminando-o com um olhar incandescente sem parar de me beijar. Quando apertei o cabedal do seu blusão e tive a certeza de que não me restava mais ar no peito, ele decidiu apartar-se.

Vermelha como um tomate e transtornada, ajeitei o cabelo no lugar, e Rigel rodeou-me os ombros com o braço antes de se virar com uma informalidade inocente na direção dos presentes.

– Oh, *William* – declarou, estalando a língua –, também aqui estás. Mas que cabeça a minha, nem sequer te tinha visto.

É claro que o tinha visto, e como. Tinha-lhe lançado um olhar que era puro fogo.

Will fitou-o petrificado, e as raparigas olharam para ele com expressões embaçadas.

Não havia dúvida de que havia feito uma entrada teatral, mas sabia que não era o único motivo por que a sua aparição estava a suscitar tamanha admiração.

Rigel não era exatamente o tipo de rapaz que se esperava encontrar pela rua. Era aterrador e ao mesmo tempo encantador. Desprendia uma autoridade máscula que, aliada ao físico escultural, fazia dele um predador nato.

– Mas... isso são modos? – cochichei, indignada e ainda perturbada.

– Não me venhas dizer agora que não gostaste, *falena* – sibilou-me ao ouvido, com aquela voz rouca e divertida que me incendiou o estômago.

Ergui na direção dele uma expressão carrancuda, ainda vermelha como um tomate, e fulminei-o com um olhar de reprovação.

– Deves ser o namorado misterioso dela – começou por dizer uma das raparigas, encorajada pela outra. Observaram-no com admiração e ele ergueu o rosto, brindando-as com um olhar sagaz.

– Sou o Rigel – respondeu com um meio sorriso, dando voz ao seu nome de estrela.

Nunca foi um tipo expansivo e decerto não iria começar a sê-lo agora, mas conhecia de ginjeira a sua capacidade para agradar a toda a gente e imaginei que nesse momento a intenção dele fosse essa mesma.

– Oh, a Nica é sempre muito discreta a teu respeito – censuraram-me elas com afeto. – Nunca se descose! Disse-nos que estudas engenharia e que tocas piano, mas em relação ao resto parece sempre...

– O que é que aconteceu com as tuas mãos? – interrompeu-a Will. Fitava os dedos de Rigel repletos de ferimentos e arranhões avermelhados.

Eram as feridas que ele fizera durante a crise, as que eu lhe tinha tratado, mas Rigel cravou os olhos nele com uma chama no olhar.

– Oh, nada. Uma briga – declarou com tranquilidade.

Mas não era verdade!

Will revelou uma expressão cautelosa.

– Uma... briga?

– Que ideia, ele só se cortou – disse eu, tentando minimizar o assunto, mas Rigel ergueu a comissura dos lábios com a desenvoltura de quem nem sequer precisa de levantar a voz para se sobrepor.

– Houve aí uns gajos que me enervaram. Talvez devesse dar ouvidos ao meu psiquiatra quando me diz que tenho *graves problemas* na gestão da raiva e uma forte propensão para os distúrbios de *personalidade*...

Desatou a rir com leviandade, abanando a cabeça, e Will fitou-o com olhos arregalados como pratos.

Eu sorri com nervosismo.

– Ele... Ele gosta de brincar...

As raparigas relaxaram, aceitando aquele estranho sentido de humor, mas Will ficou gelado, como se a personificação do meu namorado fosse ainda pior do que a ideia que tinha feito dele.

– Então, vamos? – propôs Rigel com ar inocente, assustador até à medula. Continuava a rodear-me os ombros com o braço, como se aquela situação o relaxasse sobremaneira. Pareceu-me ver que Will engolia em seco a custo.

– Quer dizer então... que tu também vens?

– Oh, o convite não era extensivo a mim? Pareceu-me que tinhas dito outra coisa naquela tarde durante a videochamada... – Rigel deixou morrer a conversa, fulminando-o com um olhar penetrante que reavivou todos os amáveis *conselhos* daquela conversa.

Will pareceu ter captado a mensagem. Virou costas e entrou no estabelecimento, à pressa, como se desejasse apenas ser engolido pela porta giratória. As minhas colegas entraram depois dele, conversando com serenidade sobre o ambiente requintado e sofisticado do local.

– Sabes que mais? – murmurou Rigel, com aspereza, quando ficámos sozinhos –, tens uma estranha aptidão para atrair os imbecis.

– Será que podes parar de aterrorizá-lo? – dirigi-lhe um olhar de soslaio.

– Mas é que *nem* pensar – respondeu, apertando o braço para me sibilar aquelas palavras junto aos tímpanos. O calor compacto do seu corpo pôs seriamente à prova a minha boa vontade, e desconfiei que ele soubesse disso.

– Foi por isso que vieste? Por causa do Will? – perguntei com uma certa dureza na voz, ao mesmo tempo que nos esgueirávamos juntos pelas portas giratórias. O seu pulso largo acariciou-me o rosto e desejei apertá-lo. Apenas um pouco.

– Há muito tempo que querias que eu conhecesse os teus amigos... Estou enganado?

E ali estava ele a distorcer as coisas. É verdade que muitas vezes lhe tinha exprimido esse desejo, mas também o conhecia bastante bem a ponto de compreender que não era por conta de uma súbita *vontade* de conviver que se encontrava ali nesse momento.

Rigel travou a porta com uma das mãos. Inclinou o rosto e observou-me com olhos profundos e aveludados.

– Não estás contente por eu estar aqui? – indagou em voz baixa, sugando a minha vontade e encerrando-a dentro das suas íris escuras.

Olhei para ele com a garganta contraída, os olhos brilhantes e as faces algo incendiadas, porque na verdade emocionava-me até à alma que ele tivesse vindo, mais do que ele poderia imaginar. Fitou-me olhos nos olhos e contemplou-me os lábios, e o meu coração derreteu-se com um suspiro.

– Vais comportar-te como deve ser? – perguntei-lhe num tom de voz doce.

Ele levantou uma sobrancelha com uma pitada de diversão, ostentando aquele ar angelical que fazia com que parecesse o pior dos demónios.

– Não o faço *sempre*?

Olhei para ele com eloquência, mas durou pouco, porque Rigel largou de novo a porta e impeliu-me a avançar.

Uma calidez prazenteira invadiu-me a pele do rosto. Lá dentro, o ambiente era ainda mais bonito: as luzinhas criavam um efeito quase natalício, relaxante e agradável, e reparei numa série de jovens sentados às mesas e ao balcão. Intuí

que fosse um local bem conhecido entre os estudantes universitários.

Fomos encontrar os outros ao fundo da sala, sentados em pequenos sofás em torno de uma mesa redonda. Instalámo-nos, e Rigel manteve o blusão de cabedal vestido, ao passo que eu despi o meu; pousei-o em cima do sofá ao meu lado e fiquei apenas com o *top*, alisando o tecido sobre o busto e olhando em redor com olhos luminosos, encantada com o ambiente. Os cabelos deslizaram-me sobre o pescoço e entalei-os atrás da orelha com um gesto lento, fascinada, apercebendo-me apenas nesse momento de que Will, do outro lado da mesa, estava a observar à socapa a minha silhueta envolta pelo reluzente tecido de organza.

Desviou de imediato o olhar e cravou-o na direção do balcão, enquanto eu assentia com um sorriso ao que as minhas colegas diziam, concordando com elas sobre o carácter especial do estabelecimento.

Rigel, ao meu lado, apoiou-se contra o encosto do sofá e esticou um braço na minha direção. Pareceu-me descortinar que o seu olhar seguia a pequena fileira de minúsculos botões que me chegava até ao fundo das costas, mas continuei a conversar com as raparigas, demasiado concentrada nelas para me aperceber do que quer que fosse.

Sentia uma estranha euforia: Adeline estava prestes a ficar noiva, a faculdade corria de feição, a minha família era amorosa e muito especial... Aquelas emoções fundiram-se todas juntas, criando uma mistura de felicidade que me ruborizou as faces e me fez brilhar os olhos.

Enquanto os outros estavam distraídos, Rigel debruçou-se sobre mim e encostou os lábios escaldantes ao meu ouvido.

– Sabes, estava aqui a *pensar*... – sussurrou com a sua voz rouca, persuasiva e venenosa.

Aquelas palavras deslizaram-lhe pela língua como setas, e eu acerquei-me dele, ligeira, cochichando com um sorriso:

– Em quê?

– Em todas as coisas que queria *fazer-te*.

Engasguei-me com a saliva. Corei até às orelhas com os olhos esbugalhados, e do outro lado da mesa vi Will observar-nos com uma expressão hesitante. Recapitulei na minha mente as coisas que ele costumava fazer-me e, se possível, corei ainda mais.

Rigel enterrou o rosto nos meus cabelos, incendiando-me a pele com a sua respiração, e eu percebi que não estava a portar-se como devia, estava a demonstrar o pior de si. Se já era difícil gerir as sensações de o ter perto de mim, ouvi-lo falar dessa maneira íntima e descarada por certo não me ajudava em nada.

Sobressaltei-me quando senti de encontro às costelas a vibração do seu telemóvel.

Rigel afastou-se um pouco de mim com relutância, e com um gesto fluido tirou-o do bolso. Percebi que era um dos inúmeros jovens que o contratavam para dar aulas particulares quando ele ergueu os olhos amendoados e se levantou para ir atender lá fora, onde a ausência de vozes e de barulho lhe permitiria ouvir a chamada.

Vi-o desaparecer por entre as pessoas, que o deixavam passar de uma maneira inconsciente, e mais uma vez achei estranho vê-lo ali, como se fosse uma cor que nunca conseguia harmonizar-se.

Estava sempre deslocado em relação a todos os outros rapazes. Pareciam-me todos iguais ao pé dele, como pedras ao lado de um diamante: é claro que cada um possuía a sua própria cambiante, ou a sua diversidade, mas Rigel era mais multifacetado do que todos os outros, mais matizado do que todos os outros, e os seus veios irradiavam o brilho e o fulgor das estrelas. Possuía uma índole cortante e um coração mineral, mas uma alma como a sua resplandecia apenas para uns poucos.

E eu abraçá-la-ia.

Inteira...

– Boa tarde – uma jovem empregada de mesa sorriu-nos, amável, colocando a caneta a postos. – Vão tomar o quê?

Cumprimentámo-la e escolhemos as nossas bebidas na ementa, que ela anotou com velocidade num bloco. Para Rigel escolhi uma cerveja preta, não demasiado encorpada, esperando de todo o coração que lhe agradasse, e a rapariga afastou-se.

Juntei-me aos outros e acabámos a falar sobre a universidade; trocámos impressões sobre algumas disciplinas, sobre as vespertinas aulas práticas de laboratório, e quando passados alguns minutos chegaram as nossas bebidas, Rigel ainda não havia regressado.

Procurei-o com o olhar; não queria mostrar-me demasiado apreensiva, nem parecer chata, mas por conta da doença receava sempre que pudesse ter uma crise e sentir-se mal. Mesmo que não pudesse fazer mais nada, a não ser ajudá-lo a tomar os medicamentos, a mera ideia de que fosse possível acontecer-lhe alguma coisa a qualquer momento perturbava-me.

Levantei-me com a desculpa de que não me demoraria e fui à procura dele; só queria assegurar-me de que se encontrava bem, nem que me limitasse a espreitar da porta, mas não precisei de chegar à entrada do estabelecimento. Para minha surpresa, fui encontrá-lo de pé, parado, junto ao balcão, com o telemóvel ainda na mão e o rosto virado na direção de um... *grupinho de pessoas?*

– Rigel?

Peguei-lhe na mão e ele virou-se de súbito, fitando os dedos salpicados de pensos rápidos que se entrelaçavam nos seus. Tranquilizou-se quando se deu

conta de que era eu, mas mesmo passados tantos anos, havia gestos espontâneos a que ainda não se havia habituado.

Vi que estava com três rapazes e uma rapariga que eu nunca tinha visto antes.

– Olá – cumprimentei, surpreendida e confusa, e depois ergui o rosto na sua direção e procurei-lhe os olhos. – Nunca mais aparecias...

– A culpa foi nossa. Encontrámo-nos por acaso – respondeu com simpatia um deles, mantendo as mãos enfiadas nos bolsos do blusão.

Dirigi-lhe um olhar intrigado, mas, em todo o caso, ao reparar na minha expressão confusa, a rapariga esboçou um sorrisinho estreito e com uma nota de satisfação anunciou:

– Andamos na mesma faculdade.

– Oh! – Sorri com enorme cordialidade, e aquela notícia fez-me sentir algo tépido no peito.

Esta era a primeira vez que tinha a oportunidade de encontrar alguns dos seus colegas de universidade e fiquei bastante feliz por isso.

– Muito prazer em conhecer-vos! Eu sou a Nica.

– És... uma amiga dele? – perguntaram hesitantes, e eu percebi que o carácter solitário de Rigel, avesso a qualquer tipo de confidência, fosse o motivo das reticências deles.

– Sou a namorada dele – respondi com tranquilidade, suscitando de imediato uma reação de perplexidade.

Todos me sorriram com uma atitude nova, como se a minha presença tão doce e exuberante o tornasse menos inacessível.

– Ouviste o que ele disse... – comentou o sujeito de há pouco, piscando o olho aos outros.

– Não nos disseste que tinhas namorada, Wilde – sorriu a rapariga, esforçando-se por fazer-se ouvir por mim. – Nunca, nem uma única vez...

Cravou os olhos nos meus como se esperasse ver-me abalada com aquelas palavras, ou ignorada por ele, mas o meu rosto permaneceu límpido e sereno.

Não precisava de saber o motivo: Rigel era reservado, fechado e introvertido, não era decerto o tipo de rapaz que falava de si com os outros. Sabia como ele era, mas nunca duvidaria dele por causa disso.

Aquilo que partilhávamos era sólido como aço, transcendia as nossas almas e era mais forte do que quaisquer palavras.

No entanto, ela interpretou o meu silêncio como uma vitória. Vi a satisfação estampada no seu rosto quando me limitei a esboçar um sorriso antes de erguer os olhos para Rigel.

– Só queria dizer-te que as bebidas já estão na mesa – informei-o com voz suave, determinada a respeitar o espaço dele. – Pedi para ti uma cerveja preta. – Em seguida, virei-me de novo para os outros e também lhes sorri com

gentileza. – Foi um prazer. Espero que tenham uma noite agradável.

Eles seguiram o meu exemplo, fazendo votos para que voltássemos a ver-nos de novo em breve, mas a rapariga permaneceu em silêncio, e mordiscou o lado interior da bochecha com ironia. Fulminou-me com um olhar desdenhoso e depois cravou em Rigel uns olhos vorazes, e essa foi a última coisa que vi antes de virar costas.

Fiz menção de me afastar, mas de repente mudei de ideias e voltei atrás: com determinação agarrei no rosto de Rigel e, num impulso, pressionei os lábios de encontro aos seus.

Estreitei-o com força e pespeguei-lhe um beijo cinematográfico de tirar o fôlego, afundando os dedos entre os seus cabelos e deixando-o sem respiração.

Beijei-o com um ímpeto que me surpreendeu até a mim: apoderei-me da sua boca, da sua força, do seu coração, de tudo, e por último apartei-me com um estalido sonoro, deixando-lhe os lábios vermelhos e inchados.

O silêncio foi total.

Todos me observaram estupefactos, uns arqueando as sobrancelhas, outros com uma aprovação silenciosa estampada na cara, mas eu não me virei.

Imóvel entre as minhas mãos, Rigel observou-me com as pálpebras semicerradas e os cabelos desgrehados e o espanto engastado nas suas íris negras. Achei aquela expressão tão insólita e adorável que lhe sorri, com ternura.

– Espero por ti na mesa.

Dei-lhe outro beijo suave nos lábios e depois afastei-me com toda a tranquilidade, sentindo sobre mim o seu olhar ardente e a expressão desconcertada da rapariga.

Quando voltou para junto de nós, sentando-se no mesmo lugar de antes, percebi por detrás dos seus gestos uma vibração subtil, que mais ninguém foi capaz de detetar a não ser eu. E só obtive a confirmação mais tarde, na rua, a caminho de casa, no momento em que nos despedimos dos outros para ir para a festa.

– O que é que foi aquilo? – sibilou-me ao ouvido, insinuante, fazendo deslizar com segurança um braço em volta dos meus ombros.

Intuí o tom sarcástico na sua voz e olhei-o de soslaio antes de desviar o olhar.

– *Não me venhas dizer agora que não gostaste...* – murmurei, demasiado envergonhada para olhar para ele.

Rigel mordiscou o lábio e, num momento raro, uma gargalhada baixa e rouca brotou-lhe do peito. Aquele som vibrou dentro de mim até aos ossos e, a despeito do rubor amuado, os meus olhos cravaram-se nele. Fiquei a vê-lo rir, algo confusa, e de repente o meu peito encheu-se de um amor ardente.

Deveria estar habituada a vê-lo sorrir e a ser ele mesmo, mas nunca era

capaz de fazê-lo. E era quase... estranho vê-lo assim, iluminado por aquelas cores vívidas, mas não era um estranho desagradável, não, era um estranho *lindo*, maravilhoso e surpreendente, capaz de cortar a respiração. Um estranho que nos enfeitiçava a alma e o coração, como o clarão de um relâmpago na noite.

Era isso que Rigel significava para mim.

A minha luz na escuridão.

Aquele raio de tempestade que brilhava mais do que o sol.

– Pungente... – comentou, arrastando as palavras, ainda com um sorriso a iluminar-lhe os dentes.

Com a alma impregnada do seu riso, abracei-o e inclinei a cabeça para trás, rindo baixinho encostada ao seu braço.

Havia sempre alguma coisa única e especial na nossa normalidade.

E isso... isso nunca mudaria.

– Parabéns! – exclamei, estreitando Adeline nos braços.

Exibia um esplendor radioso ao envergar um vestido em tons pastel, e mesmo sem lhe ter visto a cara percebi o calor que lhe incendiou as faces: apartou-se de mim e sorriu com olhos luminosos, ostentando dois brincos de pérola que lhe emolduravam as bochechas escarlates. Achei-a maravilhosa. Carl, ao lado dela, cumprimentou-me com as orelhas vermelhas de emoção.

– Os pais dele também vieram – informou-me Adeline, apontando para a família de Carl entre amigos e clientes fiéis da loja. Insistiu em que eu os conhecesse, e apresentou-me com o orgulho carinhoso que se reserva a um membro da própria família.

Cumprimentei Dalma e George, que seguravam na mão uma taça de champanhe, e junto deles vi Asia: detive-me e dirigi-lhe um sorriso hesitante, algo indeciso, mas também carregado de mil e um significados. Ela retribuiu-o com olhos profundos, e inclinou a cabeça num gesto que talvez um dia nos permitisse construir muitas coisas.

Nunca me esqueceria do que ela tinha feito alguns dias antes, durante o julgamento.

De repente, tocaram à campainha; ainda havia alguns convidados que continuavam a chegar, por isso ergui os olhos para Rigel e informei-o de que iria recebê-los: ele fez um gesto de assentimento com a cabeça, e naquele momento os pais de Asia aproximaram-se a fim de o cumprimentar e trocar dois dedos de conversa. Deixei-os ali e fui abrir a porta.

– É aqui a festa?

Uma rapariga de rosto travesso e de mãos nas ancas surgiu na frente dos meus olhos.

– Sarah! – sorri, e ela levou uma mão à cara, olhando para mim com uma expressão entusiasta.

– Mas que bairro tão bonito, Nica, é adorável! Todas estas florezinhas, as vedações...

– Então, sais daí ou está difícil? – resmungou uma voz atrás dela, dando-lhe uma cotovelada a fim de passar.

Miki fez a sua entrada, dirigindo-lhe um olhar mal-humorado, e eu admirei o rosto anguloso e atraente da mulher em que ela se havia transformado.

Os compridos cabelos negros oscilaram-lhe sobre o peito, e os belos lábios carnudos não haviam perdido o hábito de mascar pastilha elástica. Envergava umas calças pretas justas, um par de botas militares com sola grossa e uma camisola clara debaixo da qual, apesar da passagem dos anos, continuava a ocultar as suas formas.

Miki sempre tivera um físico de curvas generosas, mas nunca gostou de o exhibir: sentia-se mais confortável e à vontade dentro de roupas flexíveis e confortáveis e, embora tenha amadurecido ao longo do tempo, o seu estilo não havia mudado.

– Fico feliz por terem vindo – saudei-a com ar contente, mas ela dirigiu-me um olhar pouco conciliador, virando-se para despir o casaco. Olhei para ela algo confusa e estupefacta e depois virei-me para Sarah.

– O que foi que aconteceu? Porque é que ela está de mau humor?

– O que é que tu achas que aconteceu? Enquanto estávamos a meter gasolina no carro, o anormal do costume começou a assobiar-lhe piropos mesmo atrás dela... Sabes bem como ela fica com estas cenas...

Miki fulminou-a com o olhar.

– Podias pelo menos evitar dar-lhe corda – sibilou azeda, e Sarah sorriu.

– Só me uni ao coro de elogios...

Nesse momento – felizmente – mais alguém bateu à porta. Abri e fiquei ofuscada de imediato por um potente *flash*.

– *Pimba!* – irrompeu Billie, eufórica. – Ah, esta ficou bem bonita... Vou chamar-lhe: *O ataque da pantera*... – fitou os olhos ameaçadores de Miki aprisionados no ecrã e assentiu com ar de aprovação. Logo em seguida ergueu o olhar, sorrindo empolgada. – Olá!

Desde que tinha cortado o cabelo, os caracóis louros saíam disparados em todas as direcções, mas a meu ver aquele corte favorecia-a, porque acentuava ainda mais a sua personalidade efervescente.

– Chegaram na altura certa – saudei-a, fazendo-a entrar. – O Norman está a servir o champanhe.

Atrás dela, um rapaz altíssimo e algo desengonçado deu um passo em frente com timidez. Trazia um boné na cabeça que tirou de imediato, como se

estivesse a entrar numa igreja.

– Olá, Nica... Obrigado pelo convite. Trouxe aqui... Trouxe esta garrafa...

– *Vince!* – exclamou Sarah com um sorriso, abrindo os braços como se a equipa do seu coração tivesse acabado de ganhar um jogo.

– Oh, olá, Sarah...

– Mas que músculos são estes que ganhaste? Incrível! Olha-me só para isto! – assobiou ela, apalpando-lhe os braços franzinos, e Vincent corou um pouco, lisonjeado.

– Bom... Sim, não sei se sabias, mas comecei a praticar exercício e... Oh, olá, Miki – gaguejou, de repente, com uma súbita consideração.

Miki correspondeu-lhe da sua maneira habitual, sem olhar para ele, e Vincent apertou o boné entre as mãos, observando-a de soslaio.

Esforçava-se de todas as maneiras possíveis e imaginárias para obter um resquício de aprovação da parte dela, mas não parecia conseguir grande coisa; no entanto, Vincent era um rapaz tão tímido e desajeitado que era impossível não gostar dele, e tinha a certeza de que também Miki, debaixo daquela carapaça dura, se havia apercebido disso.

– Venham, sintam-se em casa – disse, convidando-os a entrar. – A Anna acabou de tirar os aperitivos do forno...

Tinha consciência de que a festa era para Adeline, mas tomei a liberdade de convidar também os meus amigos; adorava rodear-me das pessoas de quem gostava, fazia-me sentir como se estivesse dentro de uma bolha quente, agradável e envolvente. Gostaria de tê-los sempre ali em casa, talvez porque, nunca tendo tido nada de meu quando era pequena, havia crescido com a convicção de que a felicidade era algo que devia ser partilhado.

Sarah não se serviu de nenhuma bebida, mas o Vincent, por seu lado, voltou pouco depois para junto de nós trazendo duas taças. Estendeu uma a Billie, que sorriu afetuosa debaixo da massa de caracóis.

– Obrigada, querido.

Pensei que a outra fosse para ele, mas estendeu-a a Miki. Ela olhou para o copo, impassível.

– Não gosto de champanhe – murmurou, desviando o olhar.

– Eu sei... – respondeu Vincent, atrapalhado. – Foi por isso que te trouxe vinho branco... Sei que é o teu preferido...

Miki ergueu os olhos, pousando-os nele, e atrás dela Sarah beijou os dedos com paixão e levantou os polegares em sinal de vitória.

Vi Billie observar a sua melhor amiga com uma pitada de apreensão, e em seguida suspirar de alívio quando Miki se decidiu a pegar no copo que Vincent lhe estava a oferecer.

Levou-o ao peito, com aquela expressão algo rabugenta de quem não sabe como responder a um ato de gentileza e, cruzando os seus olhos com o olhar

esperançoso de Billie, balbuciou um:

– Obrigada.

Vincent corou, retraindo-se um pouco; depois, apercebeu-se de que tinha as mãos vazias e foi buscar uma bebida para si.

– Adoro-o – admitiu Sarah, quando ele encontrou Norman e se cumprimentaram, cada um mais desajeitado do que o outro.

Os olhos de Billie adoçaram-se de gratidão e apreciei a maneira como aquelas palavras a reconfortaram, porque eram tudo o que esperava ouvir.

Pouco depois, à medida que a festa se encaminhava para o seu auge, Vincent gesticulava no meio de uma conversa acalorada.

Rigel, que se encontrava ao seu lado, tinha os braços cruzados sobre o peito, uma taça de champanhe numa das mãos e o queixo algo baixo, oculto na sombra; por debaixo das sobranceiras afiladas, tinha os olhos desviados para o lado, pousados nele, mostrando-se visivelmente na defensiva com toda aquela confiança, e ao mesmo tempo bastante *contido* de modo a não deixar transparecer nada.

Tentei ocultar um sorriso, mas não fui capaz.

Vincent adorava o espaço, a cosmologia e a teoria quântica, e parecia nutrir por Rigel uma imensa estima: apesar dos silêncios e das alfinetadas cautelosas, apesar de, em comparação, Miki ser um anjo de candura, Vincent parecia sempre contente em vê-lo.

E, por mais diferentes que fossem, Rigel esforçava-se por ser... *gentil* com ele. Educado, pelo menos.

Naquele momento apercebi-me de que, não muito longe, Anna o estava a observar. Naquele olhar algo triste, havia um afeto que Rigel nunca foi capaz de retribuir.

«*Não... sou capaz de me apegar*», tinha-me sussurrado uma vez.

Estávamos a dar um passeio juntos depois de ter jantado com Anna e com Norman, e aquela confissão apagada tinha quebrado o silêncio. Compreendi de imediato a que estava a referir-se, porque o seu tom de voz mudava quando dava voz à sua alma.

Ergui o olhar, deparando-me com o seu rosto inclinado de lado, as mãos nos bolsos do blusão e os cabelos que se confundiam com a noite. Fitar-me olhos nos olhos era sempre algo demasiado direto para ele, nesses momentos.

Não conseguia afeiçoar-se a eles.

Não conseguia afeiçoar-se a ninguém. Esta era a verdade.

A síndrome da criança abandonada e o peso psicológico da doença tinham-lhe criado desde pequeno uma grave insegurança emocional.

E sua relação com a tutora... não fizera outra coisa a não ser piorar as coisas. Desde criança que Rigel tinha uma necessidade desesperada de afeto, mas obtê-lo de uma mulher como aquela impeliu-o a repudiar a única forma

de amor que alguma vez recebeu. Margaret era um monstro, e ele sabia disso.

Isso levou-o a negar-se aos afetos, a crescer sem vínculos e a rejeitá-los. A solidão, a frustração e a ausência de pontos de referência estáveis tinham minado com gravidade a sua capacidade de criar laços afetivos.

Não era culpa sua. Ele protegeu-se como se isso fosse uma doença, desenvolvendo os anticorpos que lhe teriam permitido não adoecer.

Na escuridão da rua, aceitei o seu silêncio e dei-lhe a mão. Não pude dizer-lhe o quanto Anna e Norman o amavam de verdade, mas no fundo tinha a certeza de que, ainda que não existisse mais, o menino que em tempos foi teria gostado de poder corresponder-lhes.

A campainha tocou mais uma vez.

Pousei o copo e dirigi-me de novo para a porta, mas antes de chegar à entrada *Klaus* escapuliu-se no meio das minhas pernas. Deteve-se e fulminou-me com um olhar indignado, contrariado por ter todos aqueles convidados em casa; por conseguinte, peguei-lhe ao colo, e ele miou irritado. Dei-lhe um beijo na cabeça, coçando-lhe atrás das orelhas tal como ele gostava, e sorri quando deixou escapar um ronronar; acariciei-o com doçura e depois coloquei-o no primeiro degrau das escadas, onde ele me devolveu um olhar ressentido, se calhar ofendido por não ter continuado a mimá-lo como merecia.

– Cá estou eu... – disse, abrindo a porta.

E então o meu corpo bloqueou.

O passado abriu-se diante dos meus olhos, arrancando-me por uma fração de segundo ao presente.

O rapaz que se encontrava na minha frente virou-se. No momento em que o encarei de frente, senti o coração desaparecer, o tempo deter-se.

– Peter? – sussurrei num fio de voz.

Ele fitou-me com aqueles olhos que eu recordava na perfeição.

– Nica...

Senti o coração inchar até me cortar a respiração: fui acometida pela incredulidade a tal ponto que, de uma maneira irracional, os meus braços se estenderam para a frente.

Abracei-o, e os seus cabelos ruivos roçaram-me pela face.

Peter estremeceu, retesou-se, mas eu estava tomada por uma emoção demasiado surda para me dar conta disso.

Dele recordava aquele menino magro, com olheiras persistentes, que chorava sempre mais do que os outros e que se escondia atrás de quem quer que fosse. Nunca soubera defender-se da crueldade: uma alma delicada como a dele não tinha força nem sequer para se proteger.

– Não... Não posso acreditar... – murmurei, apartando-me dele. Senti os olhos húmidos, mas só naquele momento é que reparei na palidez dramática

que lhe havia retesado os nervos do pescoço. Demorei um instante a compreender que talvez tivesse sido eu a provocar-lhe aquela reação.

– Pois então... – Peter esforçou-se por sorrir, mas a comissura dos lábios tremeu-lhe com um espasmo estranho. A extremidade do seu lábio parecia impregnada por um formigueiro constante, e o meu coração definhou no meio da confusão, até que percebi: tinha-o assustado.

Não tinha levado em linha de conta uma coisa fundamental: Peter era como eu. Mas muito mais.

Também ele tinha parado de crescer.

No entanto, Adeline tinha-me dito, algum tempo antes: ele nunca se havia recomposto.

– Foi a Adeline quem me convidou – informou-me, engolindo em seco, e vi que, aos poucos, começava a relaxar. – Sabia que eu estava aqui... por causa do julgamento. Vi-te naquele dia – confessou. – Vi-vos às duas. Eu também lá estava. Ouvi-te a prestar depoimento no banco das testemunhas, Nica. Gostaria de te ter cumprimentado, mas depois já não fui capaz de te encontrar.

Tinha saído dali a correr, foi por isso que ele não me encontrou.

Sorri, um sorriso trémulo que esperava poder transmitir-lhe tudo.

– Se soubesse que ali estavas, teria arranjado forças para ficar.

Os olhos de Peter deslocaram-se de forma convulsiva para o lado por uma fração de segundo, e eu intuí que essa fosse a sua maneira de demonstrar desconforto e embaraço, por isso suavizei a voz.

– Foi muito corajoso, aquilo que fizeste. Sem ti... ela nunca teria sido condenada.

Margaret nunca mais atormentaria a nossa realidade. Com os vários depoimentos, as provas concludentes e os laudos dos distúrbios psicológicos permanentes que havia causado, o tribunal não só a tinha declarado culpada, como também determinara para ela uma pena que nunca mais lhe permitiria fazer mal a ninguém.

Nunca mais assombraria o nosso futuro.

Apenas o passado.

Perguntei-me o que teria aquela mulher pensado ao perceber que tinha sido o próprio Peter a desencadear todo aquele mecanismo. Logo o único que nunca tinha tido forças para reagir, o único que sempre foi demasiado pequeno e aterrorizado por ela para fazer alguma coisa.

– Vem – convidei-o com voz cálida, afastando-me para o lado a fim de o deixar entrar. Permaneci a uma distância aceitável e esperei que ele percebesse que não voltaria a invadir o seu espaço sem consentimento.

Peter entrou, cauteloso, e deixei que despisse o casaco sozinho. Era tão estranho vê-lo ali, no meu presente, no entanto a primeira coisa que pensei foi

que gostaria de o apresentar à Anna e ao Norman.

Disse-lhe para se instalar no sofá, perguntando-lhe se podia trazer-lhe alguma coisa para beber, mas ele recusou: reparei que tinha uma ligeira contração na pálpebra esquerda quando olhava em redor, e gestos algo nervosos.

Continuava a ter os mesmos cabelos cor de cenoura, os mesmos olhos daquele azul deslavado por cima do nariz comprido. O seu rosto possuía mais sardas do que qualquer outro, e a sua constituição magra, ainda que em consonância com a de um rapaz adulto, não tinha mudado nada. Continuava a parecer pequeno, frágil e assustado. Tal como quando era criança.

– Então... esta é a tua casa?

– Sim – respondi com doçura, sentando-me ao pé dele, mas devagar. – Conheci os Milligan quando tinha dezassete anos. Foram um dia ao Grave... São pessoas muito carinhosas. Gostaria de tos apresentar, se quiseses.

Não queria exagerar. Peter tinha acabado de chegar e, além disso, não sabia o quanto se sentiria à vontade com pessoas estranhas. Talvez Adeline não lhe tivesse dito que ali estaria toda aquela gente: os seus olhos continuavam a olhar em redor, como se quisesse ter um par de pupilas para cada indivíduo presente na sala.

– Sei que te adotaram quando foste transferido para o Saint Joseph – disse, procurando o seu olhar, entalando uma madeixa de cabelo atrás da orelha, e ele assentiu. Também Peter se tinha ido embora com Adeline; ele, contudo, não permaneceu na instituição durante muito tempo.

– Os Clay – declarou, mostrando-me no telemóvel uma fotografia de um casal feliz e sorridente, com um rapazinho que fazia o sinal da vitória. Tinham a pele escura, e Peter envolvia com o braço os ombros do filho do casal com uma expressão serena no rosto.

Sorri e ele pareceu relaxar de forma impercetível.

– Apareceram quando eu tinha treze anos – explicou-me. – Nesse dia... bom, tropecei no tapete. Gostaria de ter feito boa figura, ao invés derrubei a planta do vestíbulo. Decidiram de imediato que queriam conhecer-me. Acharam-me... simpático, creio eu.

Ri-me, levando uma mão à boca, e Peter esboçou um sorriso. Contou-me mais sobre eles, sobre a escola, sobre como tinha sido abandonar o orfanato e ser acolhido por uma família. Reconheci-me bastante nas suas palavras, e fiquei feliz em conhecer parte daquela que se havia tornado a sua vida.

De repente, porém, Peter ficou paralisado. O seu rosto transformou-se em pedra e os seus olhos destacaram-se numa expressão endurecida pelo choque. Fitei-o, confusa com aquela mudança repentina, e virei-me no mesmo instante de modo a seguir a trajetória do seu olhar.

Senti um baque no peito quando percebi.

Rigel.

Tinha visto Rigel, ao fundo da sala.

Adeline estava a conversar com ele, animada, e embora os seus lábios pálidos se encontrassem selados na habitual expressão hermética, os olhos negros estavam a prestar-lhe atenção. Ela sorriu, dando-lhe um encontrão ao de leve no ombro, na brincadeira, e ele respondeu-lhe algo que fez com que ela soltasse uma gargalhada expressiva e colorida.

– *Ele...* – articulou Peter de forma pausada e com uma voz irreconhecível.

– O que é que faz... *ele...* aqui...

– As coisas não são como tu acreditas, Peter – apressei-me a informá-lo.

Lembrei-me de quem Rigel era nas nossas recordações da infância: o monstro *violento e cruel* sobre quem o próprio Peter me havia alertado.

– Há coisas que tu desconheces – prossegui em voz baixa. – O Rigel... nunca teve nada que ver com a tutora. Acredita em mim.

Talvez se o tivesse visto no julgamento de Margaret, as coisas fossem diferentes, mas nesse dia Rigel não tinha ido.

– Devia imaginar que mais cedo ou mais tarde voltaria a encontrar-me com ele. *Olha para ele* – cuspiu com rancor, porque diante dos seus olhos estava um rapaz impecável e esplêndido, ao passo que ele, por sua vez, sempre trouxera gravadas em si as marcas daqueles abusos. – Não mudou nada.

– Não é a pessoa que acreditas que seja – declarei com uma pitada de amargura.

O seu corpo estava tenso, o tique da pálpebra denotava um sinal de aumento de *stress*. Gostaria de lhe apertar a mão, mas percebi de imediato que não seria uma boa ideia.

– Peter – murmurei. – O Rigel é muito diferente do rapaz que imaginavas...

– Estás a defendê-lo? – O seu olhar deslizou até pousar em mim, incrédulo.

– Depois de *tudo* o que ele te fez?

Olhou para mim como se eu fosse uma estranha, e de repente uma sombra escura e venenosa toldou-lhe o rosto.

– Claro. Afinal de contas, ele sempre foi muito bom nisto. *A manipular...* Foi por isso que a Adeline o convidou. Mesmo depois de todo este tempo...

Os seus olhos denunciaram uma ânsia de ciúme ao mesmo tempo que olhou de novo para eles. Vi dentro deles um sentimento reprimido, e compreendi que era dirigido a Adeline.

No entanto, apesar de saber que Peter sempre havia desprezado Rigel, parecia estar agora com mais ciúmes dele do que do próprio Carl.

– Estás enganado – retorqui com voz suave e sincera. – A Adeline gosta dele. Considera-o... como um irmão.

– Oh, mas não teve problema nenhum em *comê-la* – sibillou, azedo.

Fiquei sem respiração.

Olhei para Peter, imóvel, como se o meu coração tivesse parado.

– O quê?

– Como o quê? Não sabias?

Observei-o, gelada, e por instinto o meu olhar foi atraído como um íman na direção de Adeline. Vi-a ali, sorridente, feliz, loucamente apaixonada pelo rapaz com quem se iria casar, no entanto aquelas palavras consumiram-me o cérebro.

– Eu partilhava o quarto com ele – recordou-me Peter. – Sei muito bem do que estou a falar. Tinha que me levantar da cama e sair do quarto quando ela chegava... Cada *maldita* vez... Só tinha olhos para ele. Sempre e apenas para ele. Como se não desfrutasse já das atenções de todos – cuspiu, disparando o olhar como uma seta na direção de Rigel com ódio. – Não me surpreende vê-lo aqui, deve estar a querer recordar-lhe o efeito que lhe causava. Ou que *ainda* lhe causa...

– O Rigel está aqui comigo – disparei de forma quase mecânica. Tinha o cérebro em polvorosa, estava com uma estranha sensação no peito, mas aquelas palavras, de alguma maneira, encontraram um caminho para sair dos meus lábios. – Nós... estamos juntos.

Nunca teria imaginado ver Peter com aquela expressão, como se lhe tivesse acabado de lhe contar uma coisa abominável. A consternação criou um estranho contraste nas suas feições: eram os olhos de uma criança, mas a fúria incrédula era a de um adulto.

– Vocês estão... *juntos*? – repetiu, como se eu tivesse enlouquecido. – Tu *estás* com ele? Acaso te esqueceste da maneira como ele te tratava? Ele odiava-te, Nica!

– Não me odiava, Peter – sussurrei porque, ainda que Rigel fosse um conto de fadas que os outros não eram capazes de compreender, Peter fazia parte do nosso passado, e eu sentia a necessidade de mudar as suas convicções. – Muito pelo contrário...

– Claro – disparou ele com sarcasmo. – Estava apaixonado por ti, mas ia para a cama com *outra*, dia sim dia não.

Sobressaltei-me. Aquelas palavras atingiram-me em cheio no coração, como um pontapé bem assestado. Fiquei calada e Peter abanou a cabeça, neste momento com uma pitada de compaixão.

– Sempre foste demasiado ingénua, Nica.

Algo no fundo do meu peito agitou-se, queimou, tornou-se persistente, e não fui capaz de impedir que os meus olhos se virassem para Rigel.

O seu olhar de obsidiana cortava a sala. Adeline já não se encontrava ao pé dele, mas, em compensação, neste momento a sua atenção estava toda concentrada no rapaz sentado no sofá ao meu lado. Fitou Peter com olhos

imóveis, com a centelha de uma percepção que também eu tivera no momento em que o havia reconhecido na ombreira da porta.

Passado um instante, o olhar dele cruzou-se com o meu.

Naquele momento, a mera ideia de que ele e Adeline se tivessem tocado e respirado como nós fazíamos corroe-me por dentro.

Agora compreendia aquele beijo que lhe tinha dado quando regressou, alguns anos antes. Ela e Rigel haviam trocado muitos no passado.

Aquela ideia revirou-me o estômago. Levantei-me, desviando o olhar, e pedi desculpa a Peter antes de abandonar a sala.

Já tinha compreendido que não seria capaz de o fazer mudar de ideias: estava demasiado enraizado nas suas convicções, no seu passado, para reconsiderar tudo. Nunca daria o braço a torcer, e eu sentia em demasia a necessidade de me afastar para continuar ali por mais tempo. Estava com a imagem de Adeline incrustada nos olhos e, apesar da sensação que experimentava, não estava disposta a estragar-lhe aquele momento.

Afastei-me ao longo do corredor e dirigi-me para a sala do fundo; os cabelos roçaram-me pelos cotovelos quando me detive ali, no centro do tapete, longe de olhares e de barulhos.

Quando ouvi alguém fechar a porta atrás de mim, virei-me com a certeza de já saber quem seria.

– Andaste com a Adeline? – perguntei de chofre, sem me reprimir, como se aquelas palavras me tivessem queimado os lábios.

Rigel dirigiu-me um olhar demorado de cabeça baixa, e com uma expressão circunspecta a ensombrar-lhe o olhar.

– Foi isso que o Peter te disse?

– Responde-me, Rigel.

O silêncio foi a única resposta que recebi. E eu tinha aprendido a interpretar aquela ausência de palavras muito melhor do que a presença delas.

Desviei os olhos, amargurada, e depois virei-me de novo para ele.

– Quando é que tencionavas contar-me?

– O que é que gostarias de me ouvir dizer-te, *ao certo*?

– Não distorças as minhas palavras. Sabem bem o quanto são importantes para mim. Só de pensar que vocês os dois... – procurei as palavras, mas a amargura cerrou-me a garganta.

Não deveria importar-me. Tinha acontecido antes de eu e o Rigel termos descoberto que pertencíamos um ao outro, então o que é que tinha a ver connosco? Nada.

No entanto, aquele pensamento agarrou-se às minhas inseguranças e não me dava paz.

Adeline tinha-me dito que era ele quem me segurava na mão quando Margaret me castigava, que era ele quem me protegia, que os seus gestos

sempre tinham obedecido a algo único e profundo, desde o princípio, mas agora todas aquelas palavras pareciam vazias, longínquas.

Teria mentido?

– Então era por isso que ficavas sempre tenso quando eu falava sobre o passado com ela. Tinhas medo de que eu viesse a descobrir tudo.

Devia ser racional, mas a mera ideia de que me tivessem mantido na ignorância atormentava-me. O receio de que tivesse havido alguma coisa entre eles atormentou-me por diversas vezes, e muitas outras tinha tentado identificar as origens da relação de ambos, mas só porque nunca nenhum dos dois tinha sido franco comigo.

Porque é que precisavam de manter-me sempre à parte, proteger-me, escolher por mim?

Não podiam contar-me a verdade?

– Tudo isso aconteceu há muito tempo – replicou Rigel, vociferando, como se lhe custasse pronunciar aquelas palavras. – Não, não queria que descobrisses. Que outra escolha é que eu tinha?

– Escolheste não me contar nada – repliquei, devagar.

As suas sobrancelhas estreitaram-se, quando se apercebeu da amargura na minha voz. Deu um passo na minha direção, com a frustração gravada nos olhos.

– Então é assim? Chega o Peter e voltamos à estaca zero?

– Deixa o Peter fora disto – sussurrei, categórica. – É o único que foi sincero.

– O Peter não sabe de *nada* – rosnou, enraivecido, elevando-se acima de mim. – Depois de todo este tempo é nele que preferes acreditar?

– A questão não é essa...

– *No entanto*, foi suficiente para perderes toda a confiança em mim!

– Seria capaz de te confiar a minha vida! – exclamei, levantando a voz, desarmada, com os olhos esbugalhados numa expressão de fragilidade. – Não compreendes? Eu confio em ti tanto quanto em mim mesma, tu é que preferiste ocultar-me uma coisa como essa. Sabes bem o quanto tu e a Adeline são importantes para mim... Sabes bem que a tenho em conta como uma irmã... Quantas coisas mais é que não me contaste?

Talvez estivesse a exagerar, talvez não devesse ter feito isto, mas o facto de eles terem decidido esconder essa situação de mim em vez de me terem contado, criava em mim um sentimento indefinido de desilusão.

Se calhar outra rapariga no meu lugar teria preferido não saber de nada.

Talvez tivesse preferido viver na ignorância, feliz e alheia.

Mas eu não.

Era um livro aberto com Rigel. Confiava mais nele do que em qualquer outra pessoa, mas precisava que essa confiança também fosse recíproca, que

não escolhesse ocultar-me as coisas com medo de me perder.

Não me perderia, eu apenas queria a verdade. Será que achava mesmo que me afastaria por conta de uma coisa que havia acontecido há anos?

Soltei o ar devagar e abanei a cabeça; baixei os braços com um gesto lento, fitando-o com olhos tristonhos.

– Podes contar-me tudo – murmurei num fio de voz. – Só quando escolhes não o fazer é que me magoas. Se não quiseses falar sobre a Adeline, então nunca saberei o que foi que aconteceu entre vocês. Está certo... – sussurrei, malgrado os meus sentimentos. – Mas às vezes gostaria apenas que tu... me deixasses compreender melhor o que sentes. Conheço-te, Rigel, mas não posso saber sempre o que estás a pensar. – Estreitou-me nos braços, baixando o rosto, deixando falar a parte mais grácil do meu coração. – Podes... confiar em mim – disse com sinceridade. – Não debes ter medo de me magoar. E se não quiseses falar sobre isto... Se... não quiseses falar sobre a Adeline... então não te perguntarei nada. Seja lá o que for que vos tenha unido, que não és capaz de me dizer... eu estou disposta a aceitar – declarei, engolindo em seco devagar. – Não duvidarei de ti... Mas gostaria que fizesses o mesmo. Que te sentisses livre para falar comigo... e para ser sincero comigo. Estou perdidamente apaixonada por ti – admiti, submissa. – E isto nunca mudará.

Ergui o olhar. Devia estar com a expressão mais dócil e conciliadora do mundo. Tentei sorrir, mas a mancha de amargura no interior dos meus olhos não corroborou a minha tentativa. Desviei as pupilas e suspirei baixinho.

– Agora vamos voltar para lá – murmurei, passando por ele.

Cheguei à porta e abri-a, pronta para regressar às conversas, à festa, pronta para voltar à realidade que se desenrolava fora de nós, mas não consegui.

Uma mão pousou na maçaneta e voltou a fechar a porta com firmeza.

A respiração de Rigel acariciou-me a nuca, o peito tépido comprimido de encontro às minhas costas.

Não me mexi quando senti o seu corpo sólido encostado a mim. Permaneci imóvel, encurralada no seu calor, como se fosse o meu fim e o meu princípio.

Recordaria para sempre o silêncio daquele momento.

– Amo-te desde que tinha cinco anos.

A voz rouca de Rigel era um sussurro hostil, quase inaudível. Os seus lábios roçaram-me devagar pela orelha, como se aquelas palavras fossem um segredo inconfessado. Sustive a respiração.

– Tentei impedi-lo com todas as minhas forças – prosseguiu, com aquele tom de voz que lhe brotava aos poucos pela boca –, mas tu não me deste outra alternativa. Estragaste tudo. Apossaste-te de cada coisa minha, e odiei-te por isso. Fiquei com ela porque nas outras procurava-te a ti... mas nunca nenhuma delas possuía a quantidade suficiente de sardas, nunca nenhuma

delas possuía os teus cabelos ou os olhos suficientemente claros.

Mais uma pausa, o seu corpo comprimido de encontro ao meu, a sua respiração cálida junto ao pescoço. Sentia o esforço que ele estava a fazer para pronunciar aquelas palavras.

– Nunca soube amar – confessou num tom de amargura e de derrota. – Não tenho tato, não possuo gentileza. Não acredito nos sentimentos porque não sou capaz de estabelecer vínculos com ninguém... Mas se o amor existe, então tem os teus olhos, a tua voz e os teus malditos pensos rápidos nos dedos.

Levantou-me a mão.

Tirou do bolso um dos pensos rápidos que eu tinha deixado em casa dele, abriu-o e fechou-mo em redor do dedo anelar.

Como um anel.

– Isto é tudo o que tenho para te dar. E se um dia casares comigo, Nica... todos verão que és minha, tal como sempre foste em silêncio desde o início.

Estava com os olhos esbugalhados. Lágrimas ardentes tremiam-me nas pálpebras, impedindo-me de ver. Não podia acreditar que tinha ouvido aquelas palavras, não podia acreditar que ele as tivesse pronunciado, mas o meu peito palpitava como se alguém tivesse acabado de me infligir uma ferida cruel.

Devagar, a tremer, virei-me para ele. Rigel cruzou o olhar com o meu, sustentou-o com todo o seu ser.

– Para mim, tu tens os olhos do fabricante de lágrimas – murmurou. – E sempre os terás.

Uma vaga quente e violenta apoderou-se do meu peito. Sentimentos ilimitados explodiram fora de mim, queimando por todo o lado, inundando a minha alma de uma luz que mais ninguém poderia dar-me.

As lágrimas banharam-me o rosto. Ele tocou-me numa das faces, acariciando-a devagar, e eu não vi o lobo, mas sim algo diferente.

Aquele era o rapazinho que tinha olhado para mim pela primeira vez, na soleira da porta do Grave.

Aquela era a mão que tinha tido a coragem de estreitar a minha na cave.

Aqueles eram os braços que me haviam erguido e que me haviam abraçado a fim de me proteger.

O rosto que tinha levado uma bofetada no meu lugar.

Aquele era o coração que nunca teve a coragem de me dar.

Mas que, em todos os sentidos, gritava o meu nome com toda a plenitude.

Oferecia-mo com dedos repletos de arranhões e, ainda que nunca tenha sabido amar com delicadeza, estava a mostrar-me o lado mais frágil e despojado de si mesmo.

Pela primeira vez depois de uma vida inteira, Rigel confessou-me palavras que, de forma inconsciente, eu havia desejado ouvir durante anos.

Que tinha esperado, desejado, amado em segredo.

E, mesmo que nunca mais as voltasse a escutar, mesmo que ele continuasse a ser o rapaz que falava apenas com os olhos, eu teria, para todo o sempre, o coração repleto daquele amor.

Porque não era verdade que fôssemos um desastre e uma calamidade. Não. Nós éramos uma obra-prima.

A mais bela e espetacular de todas.

Pousei a mão sobre a sua e sorri-lhe. Sorri-lhe com o coração, com a alma, com as lágrimas e com aquele penso rápido no dedo.

Sorri-lhe como a mulher que eu era, e a menina que seria para sempre.

E ele retribuiu com toda a profundidade dos seus olhos.

Apenas com os seus olhos.

Aqueles olhos que amaria sempre com loucura.

Lancei-me nos seus braços, afundando-me no seu peito como nunca antes tinha feito. Agarrei-me a ele com cada fibra do meu ser, e Rigel inclinou-se sobre mim, abraçando-me como se eu fosse a coisa mais pequena, mais frágil e mais preciosa à face da terra. Ergueu-me nos braços e eu fechei-me sobre o seu coração como uma borboleta.

Encostei a testa à dele e depois beijei-o, uma vez mais, e mais outra, e *outra ainda*, e cada beijo era um sorriso, cada beijo era uma lágrima que nos uniria para sempre.

E, no limiar do nosso final, percebi que se havia uma moral, nesse conto de fadas, então... *éramos nós*.

Sim, nós.

Porque as nossas almas resplandeciam com a força de mil sóis.

E como exemplo das constelações milenares, a nossa história estava escrita ali.

Naquele céu infinito.

No meio de furacões de infortúnio e nuvens de poeira estelar.

Eterna e indestrutível...

Incomensurável.

Epílogo

As luzinhas natalícias brilhavam como pirilampos.

Uma bonita árvore iluminada desprendia clarões dourados, disseminando-os até aos recantos mais remotos da sala de estar; na penumbra, alumiada pelos enfeites e pelas decorações, avancei sobre o mármore reluzente esforçando-me por não fazer barulho.

Em cima do sofá diante da lareira, uma menina dormia enroscada na mais absoluta beatitude.

Um antebraço robusto amparava-a com suavidade, e a sua carinha repousava sobre o peito de um homem maravilhoso.

Rigel tinha o rosto inclinado para o lado e os olhos fechados.

Aos trinta e quatro anos era mais atraente do que nunca. Uma barba incipiente escurecia-lhe o maxilar, e cada músculo do seu corpo parecia ter sido moldado de modo a responder a um instinto de proteção intrínseco e natural. Os ombros largos e os pulsos bem definidos de adulto conferiam um sentimento de segurança envolvente que era possível detetar assim que entrava numa sala.

Peguei na menina com cuidado, procurando não o acordar, e levei-a ao colo.

Tinham passado o dia inteiro juntos.

Quando havia chegado às nossas vidas, cinco anos antes, Rigel confessou-me o seu receio: tinha medo de não ser capaz de se afeiçoar a ela, tal como havia sucedido com todos os outros.

No entanto, mesmo depois de se ter passado tanto tempo, tinha a certeza de que aquele medo se havia esfumado no exato momento em que a viu nos meus braços, pequena e indefesa, com aqueles cabelos corvinos tão idênticos aos dele.

Delicada, preciosa, pura... como uma rosa negra.

Nessa mesma tarde, tinha-me encostado à soleira da porta e fui encontrá-lo ali, sentado na banquetta do piano. Ela, ao colo dele, a envergar um vestidinho de veludo.

– Papá, conta-me qualquer coisa que eu não saiba – tinha pedido, olhando-

o com adoração, tal como sempre fazia.

Amava-o com loucura, e não fazia outra coisa a não dizer que o seu papá era o melhor de todos, porque enviava satélites para o espaço.

Rigel tinha inclinado o rosto, pensativo, e as pestanas acariciaram-lhe as maçãs do rosto elegantes; logo em seguida, pegou-lhe numa das mãozinhas e abriu-lhe a palma, encostando-a à sua.

Nunca havia sido delicado com ninguém. Mas com ela...

– Muitos dos átomos que te compõem, desde o cálcio nos teus ossos ao ferro no teu sangue, foram criados no coração de uma estrela que explodiu há milhares de milhões de anos.

A sua voz lenta e profunda acariciou o ar como uma sinfonia maravilhosa.

Tinha a certeza de que ela não havia compreendido bem as suas palavras, mas ainda assim abriu muito a boca, formando um pequeno O. Quando fazia aquela expressão, Rigel dizia que ela era idêntica a mim.

Nesse momento revelei a minha presença, apoiada ao arco da sala de estar.

– O educador do jardim de infância contou-me uma coisa curiosa – comecei por dizer. – Acontece que a nossa filha nem sequer deixa que os rapazinhos se aproximem dela, porque alguém a convenceu de que transmitem doenças. Sabes alguma coisa a esse respeito?

Rigel lançou-me um olhar penetrante, enquanto a pequenita brincava com o colarinho da sua camisa. Depois, estalou a língua.

– Não faço a mais pálida ideia – declarou.

Ela olhou para ele com a carinha franzida numa expressão preocupada.

– Não quero a doença dos meninos, papá. Não vou deixar que nenhum se aproxime de mim.

Abraçou-o, e eu fiquei a observá-lo com a sobrancelha arqueada, e os braços cruzados.

Rigel sorriu, escarninho.

– É uma criança sensata... – murmurou, satisfeito consigo mesmo.

Só de pensar nisso, dava-me vontade de sorrir de novo.

De repente, ouvi-a choramingar encostada à minha garganta.

– Mamã...? – murmurou, ao mesmo tempo que esfregava os olhos na minha pele.

– Dorme, meu amor.

Abraçou-se ao meu pescoço com as suas mãozinhas e os cabelos macios fizeram-me cócegas no queixo. Inspirei o perfume a cereja do seu gel de banho e do seu champô e enchi-a de mimos enquanto subia as escadas.

– Mamã... – chilreou ela, uma vez mais. – O papá sentiu-se mal mais cedo? Teve dores de cabeça de novo?

Inclinei o rosto sobre a cabeça dela, embalando-a junto ao meu corpo.

– Volta e meia acontece. Mas depois passa-lhe... Passa sempre. Ele só

precisa de descansar um pouco. O teu papá é muito forte, sabias?

– Eu sei – respondeu-me, decidida, com a sua vozinha delicada.

Sorriu assim que chegámos ao seu quartinho onde a deitei na cama. Acendi o pequeno candeeiro que projetava estrelas no teto e aconcheguei-lhe os cobertores com todo o cuidado; apertou de encontro ao peito o meu boneco em forma de lagarta, todo remendado e restaurado de novo para ela, mas reparei que me fitava agora com os seus grandes olhos cinzentos e o sono parecia ter desaparecido por completo.

– O que foi? – perguntei com doçura.

– Não me contas uma história?

Acariciei-lhe os cabelos negros, ajeitando-os ao lado da sua cara.

– Já deverias estar a dormir, Rose...

– Mas é Natal – protestou ela com a sua vozinha. – Contas-me sempre uma história muito bonita na noite de Natal...

Olhou para mim, esperançosa, com o seu narizinho minúsculo e a pele branca de bonequinha, e não fui capaz de arranjar nenhum motivo para lhe dizer que não.

– Está bem – acedi, enquanto me sentava ao lado dela.

Rose sorriu feliz, e os olhos brilharam-lhe com o reflexo de milhares de estrelinhas.

– Que história é que queres que te conte?

– A tua e do papá – respondeu de imediato, entusiasmada, e eu aconcheguei-lhe o cobertor sobre o peito. – A vossa história.

– Outra vez essa? Tens a certeza? Conto-ta todos os anos...

– Eu gosto – respondeu ela com candura, como se esse argumento fosse suficiente para encerrar a questão.

Sorri, acomodando-me melhor na caminha.

– Está certo... Por onde é que queres que comece?

– Oh! Do começo!

Semicerrei as pálpebras, fitando-a com doçura. Inclinei-me a fim de lhe ajeitar a almofada, assegurando-me de que ela estava confortável e de que não apanhava frio.

– *Do começo?* Combinado...

Apoiei-me numa das mãos, estendendo-me no colchão; fitei as estrelas por cima das nossas cabeças e com voz lenta e ténue comecei...

– No Grave, tínhamos uma infinidade de histórias. Relatos sussurrados, histórias de embalar... Lendas à flor dos lábios, à luz da vela.

Fitei-a com doçura, olhos nos olhos, e sorri.

– A mais conhecida era a do fabricante de lágrimas.

Agradecimentos

Até ao fim

E assim se conclui a nossa viagem...

Parece incrível ter chegado ao fim desta história.

Agradeço a todos aqueles que chegaram até aqui.

Agradeço a Francesca e a Marco pela fantástica oportunidade.

Agradeço a Ilaria Cresci, a minha editora nesta longuíssima viagem, graças a quem este romance ganhou vida. Manteve-se ao meu lado de dia, de noite, nos momentos de ansiedade e nos de alegria, dedicou-se ao projeto com a seriedade de uma profissional e a paixão de uma amiga. Com ela aprendi muito, e por isso sou-lhe grata.

Agradeço à minha família, que, mesmo sem o saber, me deu força para perseguir um pequeno grande sonho. Agradeço às minhas mais queridas amigas, pelo entusiasmo com que abraçaram esta notícia e o afeto que me demonstraram ao acreditar nele profundamente. São a minha força.

E, por último, agradeço a todos os meus leitores, que sonharam, voaram, e fantasiaram junto comigo. Acreditaram nesta história desde o seu início e esperaram todos os dias, com paciência, apoiando-me em cada escolha e acompanhando-me ao longo deste percurso, lado a lado.

Tudo isto é para vós.

Dedico-vos estas derradeiras palavras, porque vocês são a essência deste livro, a alma da história e o coração pulsante deste projeto.

Espero que consigam entender que...

Chorar é humano. Chorar significa sentir e não há nada de errado nisso, não há mal nenhum em desabar e em desabafar. Não significa que sejamos fracos, significa que estamos *vivos*, que o nosso coração bate, preocupa-se e arde de emoções.

Espero que consigam entender que...

Não há que ter medo de nos sentirmos imperfeitos. Todos o somos, e os contos de fadas existem também para quem acredita que não os merece, também para quem se sente demasiado diferente e errado por desejar um.

Procurem por eles.

Façam-no. Não se deem por vencidos. Nem sempre é fácil reconhecê-los, às vezes escondem-se numa pessoa, num lugar, num sentimento, ou dentro de vós mesmos. Às vezes são algo defeituosos, mas estão ali, debaixo dos vossos olhos, à espera de serem descobertos.

E espero que consigam entender que...

Todos nós temos o nosso fabricante de lágrimas. E todos, por nossa vez, somos o fabricante de lágrimas de alguém. Não nos esqueçamos do poder que detemos sobre quem nos ama. Não nos esqueçamos de que os podemos magoar, de que uma palavra ou um gesto exercem um profundo impacto no seu coração. De que às vezes uma pitada de delicadeza adicional pode fazer a diferença.

Parece triste, não é verdade?

Termos chegado ao fim.

Mas no fundo... Cada final é apenas um novo começo.

Espero que Rigel vos tenha levado a compreender que um silêncio abarca a profundidade do universo, e Nica, por sua vez, que existe um penso rápido para cada tentativa que fazemos. Devemos colocá-los nos dedos com orgulho, porque é digno de admiração quem, a despeito das feridas, continua a tentar sem nunca se dar por vencido.

Usem-nos com orgulho. Sempre.

E não desistam de tentar. Nunca.

Façam-no, de acordo?

Eu... Agora preciso de ir.

O nosso tempo acabou, mas...

Não se esqueçam: não se pode mentir ao fabricante de lágrimas.

E se alguém vos disser que os contos de fadas não existem...

Digam-lhes que existe um que não conhecem.

Um de que nunca ouviram falar.

Um que só nós podemos contar.

E se quiserem ouvi-lo... Então venham cá.

Deem-me a mão.

Apertem-na com força e acompanhem-me.

Caminharemos por atalhos obscuros, mas eu conheço o caminho.

Estão preparados?

Muito bem. *Então, vamos lá...*



PLANETA DE LIVROS PORTUGAL
Rua dos Lusíadas, 63 B
1300-366 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2021, Adriano Salani Editore s.u.r.l.
Gruppo editoriale Mauri Spagnol
© 2023, Planeta de Livros Portugal

Título original: *Fabbricante di lacrime*

Design da capa: Andrea Balconi

Imagens da capa: Alessia Casali (AC Graphics)

Edição em epub: Abril de 2024

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-868-1 (epub)

www.planetadelivros.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo eletrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infração ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

1. *Introduction*

2. *Methodology*

3. *Results*

4. *Discussion*

5. *Conclusion*